

O GUIA COMPLETO E NÃO AUTORIZADO DA SÉRIE  
**BREAKING BAD**

<sup>23</sup>  
**V**amos

<sup>27</sup>  
**Co**zinhar?

**ENSLEY F.  
GUFFEY  
+  
K. DALE  
KOONTZ**

leYa

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

## FICHA TÉCNICA

Copyright © Ensley F. Guffey & K. Dale Koontz, 2014

Todos os direitos reservados.

Tradução para a língua portuguesa © 2014, LeYa Editora Ltda.

Título original: *Wanna Cook? – The Complete, Unofficial Companion to Breaking Bad*

Preparação de textos: Lyvia Felix

Revisão de textos: Luiz Pereira

Diagramação e adaptação de capa: Patricia Benigno Girotto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Guffey, Ensley F.

Vamos Cozinhar? – o guia completo e não autorizado da série *Breaking Bad* / Ensley F. Guffey, K. Dale Koontz;

tradução de Érico Assis. – São Paulo: LeYa, 2014.

ISBN 9788544101353

Título original: *Wanna Cook? – the complete, unofficial companion to Breaking Bad*

1. Breaking Bad (programa de televisão)
2. Televisão – seriados I. Título II. Koontz, K. Dale III. Assis, Érico

14-0760 CDD 791.4572

Índices para catálogo sistemático:

1. Breaking Bad programa de televisão

2014

Todos os direitos desta edição reservados a  
LEYA EDITORA LTDA.

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86  
01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP – Brasil

[www.leya.com.br](http://www.leya.com.br)

**ENSLEY F.  
GUFFEY**

Para minha mãe, Pat Guffey,  
que sempre acreditou em  
mim. E para Dale, minha  
*sine qua non*.

**K. DALE  
KOONTZ**

Para Ensley, que sempre  
cumpru os prazos dele, cuidou  
dos meus e me amou durante  
todo o percurso.

## **ALERTA DE SPOILER**

Por mais que tentemos deixar as sinopses de cada episódio sem spoiler algum – tanto quanto a metanfetamina de Walt, que não contém impurezas –, isso não pode ser dito dos seis textos com a retranca *Na Cozinha* espalhados pelo livro. Essas seções, que abrem e fecham cada temporada, foram escritas com a pressuposição de que você assistiu a todos os episódios de *Breaking Bad*. Portanto, se você não os assistiu, é melhor pular essas partes até ter assistido o seriado inteiro. Se houver algo de crucial para a análise do episódio nesses ensaios, repetimos o básico no guia de episódios.

## AGRADECIMENTOS

Ninguém escreve um livro sozinho, e ele nunca é resultado apenas do empenho dos nomes que aparecem na capa. Não teríamos como – *realmente não teríamos como* – escrever este livro sem o apoio e a generosidade de muita gente. Em primeiríssimo lugar, nosso agradecimento a Vince Gilligan, sua talentosíssima equipe e talentosíssimo elenco por levar *Breaking Bad* à televisão. Obrigado pela jornada – mesmo nos momentos mais tenebrosos. Também gostaríamos de fazer um agradecimento especial a Michael Slovis pela disponibilidade e pela perspectiva que nos deu da produção de *Breaking Bad*.

Obrigado a Emily Schultz, Erin Creasey, Troy Cunningham, Crissy Calhoun, Laura Pastore, David Caron e toda a equipe fenomenal da ECW Press pelo auxílio em fazer nosso manuscrito virar o volume impresso, finalizado e bonitinho que vocês têm em mãos. John Hale, fã de *Breaking Bad* e pai de nosso hábil editor, carinhosamente autorizou-nos a usar fotos de sua visita a Albuquerque, quando ele largou mão da excursão para ir por conta própria nas locações do seriado. A todo o pessoal que ajudou a trazer o livro a esse mundo, e o deixou muito bonito.

Neva Howell salvou nossa vida com a ajuda nas transcrições, e o Cleveland Community College deu um apoio muito importante nos primeiros momentos do projeto. O corpo docente do Departamento de História da University of North Carolina, Greensboro, e da East Tennessee State University também deram apoio e incentivo conforme Ensley entrava cada vez mais no campo da “pesquisa anticonvencional”. Agradecimentos especiais também a David Lavery, que foi o primeiro a insistir que assistíssemos ao seriado.

E uma última palavrinha para nossa editora Jen Hale. Ah, Jen, com sua implacável canetinha vermelha que separava o joio do trigo. Você que nos cutucou, que nos incentivou, que riu conosco e nos deu a mão quando achamos que não íamos chegar lá. Você é a melhor e mais querida que há. Quando é que a gente repete?



### **ACREDITE NA TRANSFORMAÇÃO**

Existe um termo que é utilizado na análise crítica de programas de TV chamado "realismo emocional". Proposto originalmente por Ien Ang para descrever o apelo do seriado *Dallas* (o primeiro), o realismo emocional significa basicamente que, embora saibamos que o seriado é uma obra de ficção, nos envolvemos porque ele passa uma "sensação" de realidade. Temos identificação com as vidas dos personagens porque nós ou alguém que conhecemos passou por algo parecido, ou porque o mundo do seriado tem pontos de semelhança com nosso mundo real. No caso de *Breaking Bad*, é provável que poucos (se é que algum!) espectadores tenham passado pelas situações bem específicas nas quais os personagens do seriado se metem, mas o mundo em que eles vivem também é o nosso: tem metanfetamina, cartéis do narcotráfico, contas de hospital, oportunidades perdidas e laços de família. O mundo de Walt nos é real porque é íntimo.



Todavia... quantos aqui já reagiram a uma notícia devastadora, como receber um diagnóstico de câncer de pulmão, decidindo entrar no tráfico ilegal de drogas, com todos os riscos e toda a violência que fazem parte dessa área? Não é a reação mais comum, independentemente da situação financeira da família. Então por que acreditamos na transformação de Walter White, o pobre coitado, em Heisenberg, o violento homicida? Ou de Jesse Pinkman, o garoto metido a gângster da primeira temporada, que vira assassino calculista com crise de consciência? Ou ainda de Hank Schrader e seu bom mocismo, fodão do DEA, em alguém que quer distância da polícia, depois colecionador de minérios incapacitado e amargurado, até virar um detetive brilhante? Aceitamos essas transformações radicais de comportamento e personalidade em personagens fictícios porque o criador Vince Gilligan, os roteiristas de *Breaking Bad*, a equipe e o magnânimo elenco conseguem fazer essas transformações acontecerem de forma realista e identificável.

Isso nos leva ao Dr. Lonnie Athens, sociólogo e criminólogo que publicou sua teoria sobre a "transformação drástica do self" em 1995. A teoria descreve um processo pelo qual todos passamos, que consiste em modificações significativas e fundamentais na forma como vemos e interagimos com o mundo e a sociedade com base em experiências particulares e reações sociais a essas experiências. Segundo Athens, esse processo é extremamente difícil e pode levar bastante tempo, por isso costuma acontecer em reação a mudanças repentinas ou significativas na nossa vida ou condições de existência. Pode ser a morte inesperada de um ente querido, quem sabe um diagnóstico de câncer de pulmão terminal, ou ver gente morrer por conta de uma cabeça decapitada acoplada a explosivos sobre um casco de tartaruga. Essas situações podem acontecer com qualquer um (bom, a da tartaruga acho que não), e geralmente mais de uma vez na vida, por isso são coisas com as quais temos grande familiaridade. Athens teoriza que a transformação drástica do self acontece em cinco estágios: fragmentação, unidade provisória, praxe, consolidação e segregação social. Já que essa transformação é um

dos temas centrais de *Breaking Bad*, pensamos em conferir o processo que acontece no seriado e com seus personagens e, quem sabe, elucidar por que aceitamos a “realidade” nas trajetórias de Walt, Jesse, Hank e outros.

Cada um de nós tem uma memória inconsciente do que Athens chama de “companhias fantasma”; simplificando bastante, pode-se dizer que é a voz da nossa experiência. É a reserva de vivências e conselhos que acumulamos ao longo da vida e em várias interações sociais. Entra tudo: desde os conselhos de nossa mãe para se enrolar nas cobertas quando faz frio até as dicas de nosso pai sobre como fazer o bife perfeito, até o que vestir num funeral. São aquelas informações que acumulamos e que nos permitem lidar com a vida conforme ela ocorre, que advêm principalmente da experiência social. O primeiro passo da transformação drástica do self acontece quando passamos por uma coisa tão absurdamente fora do nosso quadro de referência que nenhum recurso da comunidade fantasma ajuda a lidar com a situação de forma efetiva. Quando o self se vê diante de algo que não consegue lidar com aquilo que tem, ele se fragmenta. Se a experiência for considerada sobretudo positiva, como ganhar US\$250 milhões na loteria, ou negativa, como perder um membro, o resultado – a fragmentação – é traumático. Para Walt, o trauma que destruiu sua visão de mundo evidentemente foi ser diagnosticado com câncer. Nada pelo que Walt já passou, nenhuma voz, seja do passado ou do presente, conseguiu prepará-lo para aquilo. Ele, portanto, está desguarnecido para lidar com a situação.

Os grandes traumas de Jesse Pinkman acontecem na morte de Jane e quando ele assassina Gale no episódio “Full Measure”. Hank Schrader passa por várias fragmentações ao longo do seriado. Primeiro, quando começa a mostrar sinais de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) após atirar em Tuco Salamanca, situação que piora após sua passagem pelo México, mais uma vez após a troca de tiros com os primos Salamanca e, por fim, quando ele retoma sua caçada ao misterioso Heisenberg. Para Skyler, a fragmentação acontece em dois momentos distintos. Primeiro,

quando ela descobre a rede de mentiras de Walt e depois quando descobre o que ele está fazendo. Para Marie, os momentos determinantes são quando Skyler descobre que ela é cleptomaníaca e quando Hank leva um tiro. Todos esses personagens passam por situações nas quais são simplesmente incapazes de navegar tranquilamente com os selfs que tinham até então – a união de vivências e conselhos – e por isso veem-se confusos, perdidos em circunstâncias assustadoras.

Diante desses traumas, a pessoa começa a criar uma nova “comunidade fantasma”, um novo conjunto de conselhos e orientações supostas para lidar com a experiência nova e qualquer coisa similar que possa vir a encontrar. Para Walt, significa interpretar seu mundo estilhaçado como oportunidade para livrar-se de todas as restrições com as quais viveu toda sua vida. Da sua perspectiva, se o diagnóstico sugere que ele morrerá em breve, então não existe mais motivo para jogar conforme as regras. O resultado é a construção do que Athens chama de unidade provisória, uma nova constituição do self que a pessoa acredita que pode ajudá-la a lidar com a experiência inédita. Após a morte de Jane, Jesse decide que é “da pesada”. Depois que Jesse mata Gale, Mike tem que acolhê-lo sob sua asa para ele começar a construir sua unidade provisória como capanga fiel e criminoso de fato. Hank acaba redescobrendo a esperança com Marie fora do DEA, e reconstitui-se após o tiroteio retornando ao cerne do ofício policial: a investigação. Skyler decide ser cúmplice das ilegalidades de Walt, tentando reinventar-se como estrategista criminosa. Marie reage a Hank baleado tornando-se a esposa totalmente devota, carinhosa e sacrificada. Todas essas reações são o que podemos chamar de hipóteses de trabalho em relação a como lidar com o mundo transformado, e todas elas são muito provisórias até serem testadas no mundo por meio do próximo passo de Athens, a praxe.

Depois de construir um novo self provisório, a pessoa tem que testar esse self no mundo real, tentando usar as novas ideias e conselhos para lidar com as situações exatas ou similares que provocaram a fragmentação. Walt começa a fabricar

metanfetamina e torna-se figura cada vez mais violenta no mundo das drogas. Jesse tenta tornar-se um traficante frio que não se importa com ninguém, nem consigo mesmo. Hank afunda-se na coleção e na catalogação de minérios. Skyler começa a inventar ficções para encobrir Walt e ela mesma, assim como planos quase obsessivos para lavar o dinheiro que ele ganha. Marie pinta um sorriso no rosto e finge que a raiva e a amargura de Hank não doem. Em todos esses casos, os personagens estão testando os novos selfs que armaram para lidar com o mundo transformado em que se encontram. Nem sempre isso dá certo, se é que alguma vez dá. Walt descobre que não é tão simples fazer metanfetamina de qualidade e ganhar muito dinheiro, mas tem uma dose suficiente de êxito para dar continuidade. Jesse não pode mostrar que é “da pesada” para Andrea e Brock, e não pode continuar se fazendo de insensível quando precisam dele. Ao mesmo tempo, contudo, partes de sua persona “da pesada” ajudam, o que dá a aspereza e a coragem que lhe faltavam. Os minérios não inspiram a verdadeira paixão de Hank. Skyler está despreparada para lavar dinheiro naquele montante e para as vicissitudes do mundo das drogas, e seus planos dão com os burros n’água frente ao elemento demasiado humano que é a ganância de Ted. A pobre Marie simplesmente não consegue sobreviver às investidas incessantes de Hank contra o apoio que ela quer dar. Os selfs provisórios de Walt e Jesse, embora não tenham 100% de êxito, mostram-se funcionais o bastante para se manter, mesmo que em parte. O de Hank mostra-se totalmente inadequado para lidar com a nova experiência. Os de Skyler e Marie também não conseguem constituir maneiras para lidar com os mundos onde passaram a viver.

Quando as unidades/selfs provisórios falham na praxe, a pessoa volta ao primeiro passo, confusa e em busca de uma forma de tornar o mundo inteligível e administrável. Para Marie, essa confusão manifesta-se em correr cada vez mais riscos quando rouba e em criar vidas fantasiosas que compartilha com pessoas em imóveis à venda, até que ela é notada e seus apuros dependem do auxílio de um amigo de Hank. Para Skyler, seus

planos elaborados levam-na de volta ao ponto de partida: aterrorizada, dependente de Walt e à procura de uma forma de entender o que acontece à sua volta. Hank tem que tentar de novo, e por fim descobre que é só voltando à investigação pura, livre de ambições ou pressões, que terá um self funcional. O processo foi absolutamente difícil para todos esses personagens, e suas lutas ecoam dentro de nós, espelhando o que temos em nossas vidas.

Depois que o self funcional é testado, ele tem que ser aceito ou rejeitado. Lembre-se de que um novo self exitoso pode ser bom ou ruim, aclamado ou infame, desde que permita que a pessoa lide com uma experiência similar à que causou a fragmentação original. O mais importante é que esse processo de aceite ou rejeição – consolidação, nos termos de Athens – seja fortemente baseado em outras pessoas, e na reação social às atitudes do novo self. Esse passo é vital no caso de Walt. Seu novo self é muito, muito sombrio, cada vez mais arrogante, perigoso e violento. Contudo, ele também mostrou-se eficaz em garantir a sobrevivência de Walt e até mesmo em fazê-lo prosperar frente a experiências de perigo absoluto. Além disso, seu novo self trouxe o reconhecimento que o antigo nunca rendeu. Ele começou como um zé-ninguém, tranquilo e carinhoso, mas torna-se *alguém*, maléfico e famoso pelas suas drogas, pela violência e pela ascensão meteórica no mundo do crime. Deve ser a primeira vez, desde a universidade, que Walt é respeitado e sente certa medida de orgulho e valorização, mesmo que as causas de tais sentimentos sejam crimes bastante reais. Walt opta por manter seu novo self, seu Heisenberg, porque outros reagiram a suas ações com respeito, até mesmo com temor. E Walt gosta de ser o objeto dessas duas reações. De forma mais comedida, Jesse também consolidou seu novo self com base nas reações de Gus, Mike, Andrea, Brock e até mesmo de Walt. Hank encontrou validação mais uma vez aos olhos do DEA, e Marie em Hank. Skyler aparentemente ainda está à deriva.

A fase final da transformação dramática do self é chamada de segregação social. O novo self naturalmente busca a companhia

daqueles que gostam dele, e que podem compartilhar de sua visão de mundo. Walt encontra isso por um período breve no início de sua relação com Gus, mas seu novo self começa a distanciá-lo da família e leva-o ao submundo criminoso, até que ele consegue contato com Héctor Salamanca, fundamental para eliminar Gus. Jesse, depois de tanto tempo buscando aprovação de Walt, começa a aproximar-se mais de Andrea e Brock, que, a seu modo, viveram os mesmos traumas que Jesse. Enquanto as segregações sociais de Walt distanciam-no de sua família, as de Jesse aproximam-no da sua. Hank e Marie também são atraídos às suas famílias pela experiência, em especial um ao outro. Os relacionamentos mudam e começa a surgir um novo grupo social.

Assistindo a esses personagens passarem pelo processo tortuoso e muitas vezes repetitivo da transformação drástica, cada vez mais somos atraídos pelo mundo de *Breaking Bad*. Com atenção minuciosa aos detalhes e à experiência humana real, Vince Gilligan e companhia criaram retratos realistas desse processo pela perspectiva de indivíduos muito distintos. E podemos acompanhá-los, apoiando o personagem por tomar uma decisão e ralhando quando ele toma outra. Ficamos envolvidos porque em algum momento todos já trilhamos esse caminho tortuoso, e a muitos isso já aconteceu várias vezes. Parece real. É assim que as vidas de Walt, Jesse, Hank, Skyler e Marie nos parecem verdade.

E isso, meus amigos e minhas amigas, é que é TV de qualidade.



**GUIA DE EPISÓDIOS**  
PRIMEIRA TEMPORADA

**1**

## **Estrelando:**

**B**ryan Cranston (Walter White)

**A**aron Paul (Jesse Pinkman)

An**N**a Gunn (Skyler White)

Dea**N** Norris (Hank Schrader)

**B**etsy Brandt (Marie Schrader)

RJ Mit**T**e (Walter White, Jr.)





## Piloto/Breaking Bad

**Data de exibição original:** 20 de janeiro de 2008

**Roteiro e direção:** Vince Gilligan

“Gosto de vê-la [a química] como o estudo da transformação... e transformação é vida, não é mesmo? É a constante, é o ciclo. É solução/dissolução, que se repete, se repete, se repete. Crescimento, depois declínio, depois... transformação! Vocês não ficam fascinados?”  
— Walter White

*Conhecemos Walter White, Jesse Pinkman e a família de Walt. Walt fica pasmo diante de uma notícia trágica. Sem nada a perder, ele decide jogar alto e mandar as consequências às favas. Contudo, para isso vai precisar da ajuda de Jesse Pinkman, ex-aluno que faz metanfetamina e virou um traficante pé de chinelo.*

No momento em que você vê a calça bege voando em frente ao céu azul do deserto, já sabe que está assistindo a um seriado diferente de tudo na TV. A beleza austera e a tranquilidade do sudoeste dos EUA são perturbadas por um motor-home que atravessa o cenário loucamente, com um branquelo pançudinho na direção vestindo apenas máscara de gás e cueca branca.

Mas que diabo?

Assim como todo piloto de seriado, o de *Breaking Bad* é sobretudo uma exposição narrativa. Diferente da maioria, porém, essa introdução é tratada como um simples pano de fundo da vida de Walt. Usar um flashback comprido como corpo do episódio é uma ótima sacada, tendo em conta a brilhante atuação de Bryan Cranston na abertura – seu Walter White está tão desesperado e fora de contexto que na hora já nos perguntamos por que esse cara foi parar no meio do deserto, sem calças, dando a entender

que quer ser morto pelos tiras. Passados os créditos, o público entra numa excursão íntima pela vida de Walt. Mais uma vez, Cranston comunica tudo perfeitamente. O telespectador conhece um homem de meia-idade diante da metade final da vida, com a mente brilhante e a promessa precoce que de alguma forma implodiu e o levou à subsistência como professor de química do ensino médio. Ele tem um segundo emprego absurdo para sustentar a esposa grávida e o filho deficiente, mas que não basta nem para trocar o aquecedor de água estragado.

Vince Gilligan, produtor executivo e criador do seriado, junto do elenco e de sua equipe (Gilligan & Cia.), conduzem o público por um dia na vida de Walt. É uma humilhação atrás da outra. A única vez em que vemos os olhos de Walt cintilarem é na primeira metade do episódio, quando ele dá a aula introdutória para a turma de química. É ali que ele transcende sua vidinha de classe média com declarações de amor, quase poesia, pelas maravilhas da ciência. Evidentemente, esse tênue prazer é pisoteado pela insolência do típico aluno babaca que testa Walt até o limiar do direito de reação do professor. Este é Walt e esta é sua vida, medíocre como ela só, sem perspectivas de melhoria, com um cunhado que o considera um frouxo, e uma esposa que nem presta atenção durante a punhetinha de aniversário.

Até que tudo se transforma.

O sociólogo e criminólogo Lonnie Athens possivelmente classificaria o diagnóstico do câncer como o princípio da “transformação drástica do self” de Walt, provocada por um acontecimento tão traumático que o self do indivíduo – os pensamentos, as concepções e as formas de compreender e interagir com o mundo – é destruído, ou “fragmentado”. Para sobreviver, a pessoa deve começar a substituir o antigo self, as concepções antigas, por uma visão de mundo totalmente renovada. (Athens e suas teorias foram discutidos no ensaio da seção *Na Cozinha* anteriormente, mas já que avisamos para você não ler se não quiser spoilers, ficaremos aqui nas ideias básicas – sem spoilers.) *Breaking Bad* apresenta-nos essa fragmentação de maneira belíssima. Perceba que, da perspectiva do espectador,

Walt está de cabeça para baixo quando entra na ressonância magnética, tema que se repete na cena seguinte quando o reflexo de Walt aparece na mesa do médico. O que mais nos desestabiliza, contudo, é a consulta. De início totalmente sem voz por causa da trilha sonora ambiente, que parece um zumbido, e inexpressivo afora o movimento de queixo e lábios, o médico e as notícias que ele transmite viram algo irreal, fora de contexto, alienígena. Já Walt, num toque brilhante de realismo emocional, só consegue focar a mancha de mostarda no jaleco do médico. Quantos de nós, diante de uma notícia tão trágica, igualmente nos vimos focados, a esmo, sem lógica alguma, numa coisa tão mundana?

É a partir desse self estilhaçado que Walt começa a agir e as coisas que estavam totalmente fora de cogitação para o Walt antes do câncer agora são possibilidades concretas – como tentar a sorte grande antes da morte, produzindo e vendendo metanfetamina cristal. Lembre-se de que Walt é um químico brilhante e sabe muito bem que cristais são esses e o que eles provocam no usuário. Talvez ele não saiba exatamente no que vai se meter, mas tem consciência do que faz.



(ALBERT L. ORTEGA/PR PHOTOS)

É aí que entra Jesse Pinkman (Aaron Paul, mais conhecido por seu papel em *Big Love – Amor Imenso*), um “mano” branquelo, metido a gângster que, com o codinome “Cap’n Cook” [Capitão Cozinheiro], vive de cozinhar e vender metanfetamina. Jesse é também ex-aluno de Walt que, após identificá-lo durante uma batida policial, ganha a vantagem que precisa para coagir Jesse a auxiliá-lo. Por que Walt precisaria de Jesse? Porque, como diz o primeiro, “você entende do mercado e eu entendo de química”. Como símbolo do distanciamento de sua vida anterior, ele e Jesse estacionam o motor-home/laboratório no deserto que fica nos arredores de Albuquerque, longe da cidade e de qualquer sinal de seres humanos. Tudo que se vê é uma estrada de terra e uma

“casa de vaca” ao longe. O deserto é um lugar sem memória, um lugar externo a tudo, onde se pode guardar segredos e cozinhar drogas. É o novo lar de Walt.

É nesse espaço deserto que Walt vai tornar-se assassino, mesmo que seja por legítima defesa. Por ironia, a única coisa que Walt vê como a chave para o segredo da vida – a química – torna-se um meio para acabar com vidas. Walt – pai, professor e membro de uma família; em outras palavras, agente da vida e do desenvolvimento – tornou-se um fabricante de drogas que usa armas químicas para matar os inimigos. Walter White tornou-se agente da morte.

A transformação está apenas começando, mas Skyler (Anna Gunn, que vem de papéis em *O Desafio* [*The Practice*] e *Deadwood*) já está tendo dificuldade para reconhecer o marido: “Walt? É você?”.

## QUÍMICA ANALÍTICA

### ALTA VALÊNCIA

DE JESSE PARA WALT: “Meu, logo um cara certinho que nem você – vassoura enfiada no rabo e tal, aí, do nada, quantos anos? Sessenta? Aí, de repente, resolve sair da linha?”

### PERCEBEU?

- Esse episódio traz a primeira (mas não a última) menção da justificativa de Walt de que está fazendo tudo pela família.
- Há um prêmio na parede da casa de Walt que ressalta sua contribuição ao trabalho que ganhou o Prêmio Nobel em 1985. O cara está longe de ser fraquinho em química. O que será que aconteceu?
- Na sua festa de aniversário surpresa, Walt fica muito sem jeito quando toca na arma de Hank.
- Por falar em Hank (Dean Norris, cujos outros papéis incluem o seriado *Medium* e os filmes *O Vingador do Futuro* [*Total Recall*] e *Pequena Miss Sunshine* [*Little Miss*

*Sunshine*]), ele espera até o ônibus escolar sair do bairro antes de mandar a equipe entrar no laboratório de metanfetamina clandestino, mostrando que é um tira cauteloso.

- Pode ser só impressão nossa, mas parece que a J. P. Wynne High School (onde Walt dá aula) tem o laboratório de química mais bem equipado do país.
- Quando Walt recebe o diagnóstico, a voz do médico e todos os outros sons são abafados por uma espécie de zumbido paralisador, cujo significado é uma espécie de sobrecarga mental que impede Walt de se envolver totalmente com o mundo externo. Esse efeito vai aparecer várias vezes ao longo do seriado.
- Walt literalmente lava o dinheiro para secá-lo, um prenúncio do que está por vir.

### **GRAVANDO!**

- Graças a John Toll, que foi diretor de fotografia da primeira temporada de *Breaking Bad*, o seriado tem um dos planos de abertura mais marcantes já vistos na TV. Preste atenção na calça que voa pelo céu límpido. O seriado é vidrado em alguns ângulos de câmera bem específicos. É nesta seção que vamos destacar algumas tomadas que fazem o programa ter o destaque que tem.
- Preste atenção na confissão fajuta que Walt faz para a família quando acha que os tiras estão vindo prendê-lo. Estamos acostumados a ver gravações dos personagens – todo o seriado é filmado (ou gravado) – mas, aqui, estamos vendo ele mesmo se gravar. Quem é o Walt real?

**TITULAÇÃO** Muitos pilotos usam o mesmo título do seriado e o de *Breaking Bad* não é exceção. Vince Gilligan, que cresceu em Farmville, Virginia, já afirmou que *breaking bad* é uma gíria do sul dos EUA que se usa com quem sai da linha. Quando você enverga um graveto até quebrar, ele costuma se quebrar ao meio. Às vezes o graveto, assim como o homem, “quebra mal” ou “*break bad*”. De repente, você pode parar no hospital com uma farpa no olho, ou parar no mundo de Walter White. De qualquer forma, o negócio não vai acabar bem.

**CURIOSIDADES** As primeiras experiências acadêmicas do criador Vince Gilligan foram na J. P. Wynne Campus School em Farmville, Virginia. Ele reaproveitou o nome para a escola de *Breaking Bad*.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **AFINAL, O QUE É METANFETAMINA?**

Embora existam evidências de que a metanfetamina é encontrada na natureza em várias espécies de acácias, a produção comercial da droga tem a ver com química, não com agricultura. A história da metanfetamina remonta a 1893, quando o químico japonês Nagai Nagayoshi sintetizou a substância pela primeira vez a partir de efedrina. O nome "metanfetamina" veio dos elementos da estrutura química do novo composto: metil-alfa-metilfeniletilamina. Nos Estados Unidos, ela é considerada substância controlada de Categoria II, que a Drug Enforcement Administration (ou DEA, a agência de controle das drogas) define como substância que tem usos médicos aceitáveis, mas também alta probabilidade de uso abusivo e de provocar dependência. Outras substâncias da Categoria II incluem o ópio e a cocaína.<sup>1</sup>

A metanfetamina cristal é uma forma extremamente pura e potente de metanfetamina geralmente fumada como o crack, mas que também pode ser pulverizada para se cheirar ou injetar e pode até ser inserida no ânus ou na uretra, sendo que a partir daí dissolve-se no fluxo sanguíneo. Entre outros problemas, o uso prolongado de metanfetamina pode resultar em degeneração acelerada e perda dos dentes (também conhecida como "*meth mouth*" ou "boca de cristal"); a psicose induzida pela droga pode durar semanas, meses ou até anos após a interrupção do uso. Ah, sim: também pode levar à morte. O cristal é uma droga altamente viciante e é tão nociva que em 2008 a revista *The Economist* informou que no Condado de Pierre, em Washington, onde 589 laboratórios de metanfetamina foram encontrados em 2001, alguns policiais e moradores ficaram aliviados em saber que um tímido crescimento no uso do crack indicava que o comércio de metanfetamina estava em queda!

Não tenha dúvida: o que Walt e Jesse estão fazendo é BEM FEIO.

Infelizmente, não é necessário um químico instruído como Walter White para fazer uma fornada de metanfetamina. Aliás, há várias receitas para cozinhar metanfetamina em casa e uma das mais conhecidas usa um método muito patriótico para os norte-americanos: o “Vermelho, Azul e Branco”, como nas cores da bandeira. O vermelho é o fósforo vermelho, o branco é a efedrina ou a pseudoefedrina, e o azul é o iodo, utilizado no ácido iodídrico. O cozinheiro consegue esses ingredientes a partir de coisas simples como água sanitária, amônia anidra (“sem água”), iodo, ácido hidrocloreto, fósforos (na primeira aparição, Emílio está raspando cabeças de fósforo), efedrina (que se encontra em remédios para sinusite), desentupidor líquido, éter, fluído de isqueiro e fluído de freio. Eca.

Outro ponto negativo de produzir metanfetamina é o subproduto, um misto de vapores prejudiciais à saúde. Como se vê no piloto, um cozinheiro descuidado pode ser exposto a fosfina, gás que é altamente tóxico, quando se aquece demais o fósforo vermelho durante o cozimento. Outras toxinas que podem surgir incluem mercúrio e gás hidrogênio – também conhecido como o troço que explodiu o dirigível *Hindenburg*. Agora você sabe por que Walt mandou Emílio jogar o cigarro fora.

### **GÁS MOSTARDA VERSUS GÁS FOSFINA**

HANK: “Esses laboratórios já são um nojo quando a gente dá sorte. Se mistura aquela merda errado, dá, hã, gás mostarda.”

WALT: “Gás fosfina.”

O melhor é evitar os dois, só por segurança, mas existe uma diferença significativa entre gás mostarda e gás fosfina. Segundo os Centros de Controle e Prevenção de Doenças nos EUA, o gás mostarda (ou, mais precisamente, “mostarda de enxofre”) é uma arma química que foi utilizada pela primeira vez pelo Império Alemão em setembro de 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, contra as forças do Império Russo em Riga. O gás mostarda é um



agente vesicante, ou seja, provoca bolhas tanto externas quanto internas na pele, nos olhos, na garganta, no esôfago e nos pulmões, sendo que as bolhas podem formar-se horas após a exposição ao gás. O gás mostarda nem sempre é letal, depende da dose ou se o gás foi ou não inalado. As vítimas sofriam de dor lancinante provocada por queimaduras, cegueira e sangramento, tanto externo quanto interno, e muitos dos que sobreviveram ficaram incapacitados pelo resto da vida. Diferentemente do cloro, do fosgênio e do gás lacrimogênio, máscaras de gás não protegem o usuário do gás mostarda, que pode provocar queimaduras químicas em qualquer parte da pele exposta do soldado, incapacitando-o. Além disso, o gás mostarda perdurava semanas, tornando a ocupação das trincheiras extremamente perigosa tanto para os aliados quanto para os inimigos. O gás mostarda não possui utilização médica reconhecida, e seu uso em combate viola a Convenção sobre Armas Químicas da ONU.

O gás fosfina é bem mais mortífero. Segundo o Departamento de Avaliação de Riscos à Saúde da Califórnia, a fosfina é um subproduto indesejado e potencialmente letal (é só perguntar ao Emílio!) da produção de metanfetamina quando se usa o método ácido iodídrico/fósforo vermelho. O gás fosfina não tem efeito sobre a pele, e provoca apenas uma irritação nos olhos que vai de leve a moderada. Se inalado, porém, o efeito é rápido e horripilante. A exposição curta e em pequena dose provoca tosses e irritação severa nos pulmões. Os efeitos neurológicos incluem tontura, convulsões e coma. Os resultados da exposição de longo prazo ou de alta dose (como num motor-home mal ventilado, por exemplo) incluem: edema pulmonar; convulsões; prejuízo a rins, fígado e coração; e morte. O gás fosfina também foi utilizado na Primeira Guerra Mundial, mas, diferentemente do gás mostarda, usar máscaras de gás provou-se contramedida eficaz. Em forma não gasosa, o gás fosfina é utilizado na fabricação de semicondutores e compósitos condutores. Pastilhas com fosfina que reagem com a umidade do ar ou com os ácidos estomacais de roedores são utilizadas para controle de pragas, e o gás também é

usado como inseticida aerosol porque não deixa resíduo nos produtos sobre os quais é aplicado.



## **CAFÉS DA MANHÃ**

Não é só metanfetamina que se cozinha em *Breaking Bad*. As refeições são muito importantes no seriado, pois servem de indicativo de como andam as coisas: a família White está à mesa para uma refeição caseira ou pediram *delivery*? E, embora se saiba muito bem que adolescentes devoram quantidades copiosas de comida, Junior (ou “Flynn”) toma mais cafés da manhã do que a lei autoriza. Aliás, surgiram memes e jogos de bebida de *Breaking Bad* que se baseiam nos cafés da manhã de Junior – portanto preste muita atenção em quantas vezes ele aparece à mesa!

A vida caseira de Walt tem um marco importante relacionado ao café da manhã: o bacon de aniversário. No aniversário de 50 anos, no início da primeira temporada, o café da manhã é comemorativo e Skyler faz um “50” com bacon vegetariano no prato. Haverá mais dois momentos com bacon para Walter; observe como as circunstâncias mudam conforme a época.

<sup>1</sup> No Brasil, a metanfetamina está na Lista F2, “Substâncias Psicotrópicas”, das *Listas de Substâncias de Uso Proscrito no Brasil*, publicada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), conforme Resolução da Diretoria Colegiada – RDC n. 39, de 9 de julho de 2012. [N. do T.]



## he Cat's in the Bag

**Data de exibição original:** 27 de janeiro de 2008

**Roteiro:** Vince Gilligan

**Direção:** Adam Bernstein

"A gente deixou pra trás o que não devia!"— Jesse Pinkman

*Walt começa a mentir para a família e amigos, e é obrigado a decidir até onde quer chegar. Jesse faz besteira.*

Boa parte do caráter de Walt é revelada nesse episódio. Ele tenta culpar Jesse pela situação, e está desesperado para se convencer de que conseguirá chegar a um acordo com Krazy-8 (Max Arciniega) para que cada um siga seu rumo. É óbvio que Walt está delirando. Ele adentrou uma esfera que é tão distante de seu mundinho suburbano classe média baixa que sabe que não vai dar conta. Ele agarra-se à ideia de que homens racionais podem chegar a acordos igualitários que beneficiem todos os lados, apesar de sua experiência mostrar que o mundo do cristal está longe de ser razoável. É Walt quem decide que eles precisam matar Krazy-8, muito embora Jesse esteja metido com o narcotráfico há muito mais tempo que Walt. Além disso, é Walt quem dá a ideia de dissolver os corpos em ácido fluorídrico. Também vale notar que Jesse, que se passa por gângster, não se dispõe a cometer homicídio, embora concorde que seja necessário. Não será a única vez que Walt estará disposto a ir mais longe que Jesse e não será a única vez que Jesse reluta em recorrer à violência para contornar um empecilho.

O relacionamento que se forma entre Jesse e Walt também é tratado de forma agradável, em especial quando eles discutem como um casal de velhos em relação a que tipo de lixeira plástica

Jesse precisa comprar para dissolver os corpos. A cena cômica em que Jesse “prova” as lixeiras no corredor da loja é brilhante, assim como as tentativas infrutíferas de Walt de preparar um baseado para aliviar o serviço. Gilligan & Cia. tampouco esquecem de nos mostrar como a nova vida dupla de Walt e a noção precária que ele tem de si afetam seu relacionamento com a família, especialmente com Skyler. Quando Walt se atrasa para o horário da ecografia e Skyler reclama, ele é grosseiro ao dizer que ela tem que deixá-lo em paz; e a expressão de Anna Gunn faz o espectador ver que a postura de Walt em relação a sua personagem é totalmente inédita. A “revelação” de que Walt anda fumando maconha é mais uma evidência de que Walt não é mais o homem que foi na maior parte de sua vida conjugal.

Aliás, Walt está distanciando-se da vida que sempre conheceu e tomando o rumo de um novo mundo onde, apesar de sua inteligência formidável, sua ignorância quanto às regras tornam-no um perigo para todos ao seu redor. Walt e Jesse são criminosos descuidados, e Walt não é tão esperto quanto acha que é. Eles esquecem uma das máscaras de gás no deserto, Jesse não dá atenção ao tipo de plástico que Walt pede, e este não se dá ao trabalho de explicar por que precisam especificamente daquele tipo. Walt não consegue matar Krazy-8 e chega a dar comida, água, papel higiênico e até álcool em gel para o prisioneiro, de forma que este percebe que Walt não está preparado para um assassinato. Não é por acaso que a TV passa *Os Três Patetas* (*The Three Stooges*) quando Jesse pega o cachimbo para criar coragem de se livrar do corpo de Emílio. É uma bela metáfora dos meios tortos que Walt e Jesse têm para lidar com as consequências do que fizeram.

Esses dilemas sombrios com moral, homicídio e eliminação de corpos são resultado de uma opção que Walt e Jesse tomaram para tentar fugir de qualquer consequência jurídica de seus atos no deserto. É inegável que eles teriam que cumprir alguns anos de cadeia, mas ir à polícia acabaria com a bagunça de uma vez por todas. No caso de Walt, é provável que um bom advogado conseguisse converter o trauma do diagnóstico de câncer em

circunstância atenuante. Mesmo o ataque com gás a Krazy-8 e Emílio (o dublê e ator John Koyama, que já participou de *24 Horas* [24], *Alias: Codinome Perigo* [*Alias*] e *Grey's Anatomy*) foi um ato de legítima defesa. Ao decidirem encobrir as provas do crime, e principalmente quando Walt decide cruzar os dedos para que Krazy-8 morra com o gás em vez de levá-lo a um hospital, eles cruzaram um limiar moral. E o público também, pois apoia os dois patetas e já está sugado pela ambivalência moral do seriado. O espectador sabe que Walt e Jesse não são mocinhos – mesmo assim, quer torcer por eles. É uma postura muito original, e o espectador tornou-se cúmplice do desejo de ver se e como eles vão lidar com essas perspectivas tenebrosas.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

JESSE: “E pra que você foi contar pra ela que eu vendo maconha?”

WALT: “Preferi dizer isso a admitir que cozinheiro metanfetamina e que cometi homicídio.”



(ALBERT L. ORTEGA/PR PHOTOS)

### **PERCEBEU?**

- As crianças que encontram a máscara de gás no deserto são fofinhas, mas usam roupas velhas e meio esfarrapadas. São pobres e aparentam ser indígenas. A menininha que veste a máscara é um toque especial, dado que as atividades de Walt e Jesse acabarão afetando pessoas que eles nem sabem que existem.
- A decoração da casa de Jesse é coisa de uma senhora de idade: papéis de parede, estampas florais, centros de mesa rendados, cristaleiras cheias de bugiganga, etc. Não é o que você espera da casa de um fabricante de metanfetamina/gângster.

- Veja só como Walt recorre ao linguajar técnico quando quer um eufemismo do que pretende fazer: “decomposição química” em vez de “dissolver os corpos no ácido”. Walt faz isso demais; quando não está à vontade com a situação (principalmente se foi ele que a criou), ele recorre ao “linguajar técnico” para tomar distância. Ele costuma fazer isso para se convencer de que, embora esteja envolvido no comércio de metanfetamina, não é tão mau quanto os “bandidos”. Afinal de contas, ele está fazendo tudo “pela família”.
- Walt insiste que ele e Jesse são sócios iguais quando está desesperado, e quando lhe rende alguma vantagem. É um tema recorrente no relacionamento dos dois ao longo do seriado.

**PRECIPITAÇÕES** O ácido fluorídrico realmente atravessa o vidro e a maioria dos metais e plásticos. Apesar disso, é considerado um ácido “fraco”, porque não se dissocia por completo (leia-se: não se decompõem em íons) na água. Serviria para dissolver um corpo? Sim. Contudo, não é normal um laboratório escolar de química ter essa substância em grande quantidade, se é que teria. A opção de Walt por ácido fluorídrico em si já é incomum, pois ele saberia que água sanitária (hidróxido de sódio), uma base muito mais fácil de se encontrar e nem tanto corrosiva, reduz o corpo humano a ossos e lodo se misturada à água. Visto que a água sanitária poderia ser usada com mais facilidade e mais segurança, além do fato de que escorreria pelo ralo da banheira (ela é usada como desentupidor, aliás) e pode ser adquirida de forma bem mais fácil, é um enigma por que Walt não optou por ela. Contudo, como veremos ao longo do seriado, Walt é um cara inteligente, mas quando está sob pressão não consegue ver a solução óbvia. Aí ele acaba optando pela solução mais complexa que conhece e que ninguém mais ia pensar – provavelmente porque é absurda de complicada. Aliás, os vapores que exalam do ácido fluorídrico ou da água sanitária provavelmente exigiriam de Walt e Jesse usar máscaras de gás a todo momento dentro de casa. A exposição aos vapores da gosma

que cai pelo teto seria absurdamente nociva, pois o ácido fluorídrico é altamente tóxico, afeta as funções nervosas e provoca toxicidade sistêmica nos humanos, reagindo com o cálcio no sangue e podendo provocar paradas cardíacas. Walt e Jesse, contudo, passam o tempo todo sem máscara.

### **GRAVANDO!**

- Esse episódio introduz os ângulos de câmera que são marca registrada de *Breaking Bad*. O primeiro é o do cara ou coroa. A câmera fica posicionada acima de onde deveria estar o teto, e fica apontada para Walt e Jesse enquanto a moeda, girando em câmera lenta, entra em foco no primeiro plano, para e cai rumo aos rostos de Walt e Jesse. Esse tipo de tomada vai acontecer várias vezes ao longo do seriado e parece que sempre serve para ressaltar a relevância de uma cena.
- Ao longo do seriado, Gilligan & Cia. empregam o que se chama de câmera subjetiva ou câmera em primeira pessoa. Em termos simplistas, a câmera é posicionada de forma que o espectador vê como as coisas seriam do ponto de vista de uma dada pessoa ou, o que acontece muito em *Breaking Bad*, de um dado objeto. O tipo de câmera subjetiva que vai virar marca da fotografia de *Breaking Bad* aparece pela primeira vez quando Jesse está colocando o corpo de Emílio na banheira e cobrindo-o de ácido. A câmera fica posicionada “sob” a banheira e observa “através” dela, como se o fundo fosse transparente. Essa câmera subjetiva “transpassante” será um plano recorrente e dos mais identificáveis no seriado.
- A posição de Walt quando acorda no chão do banheiro também vai se repetir ao longo do seriado: a bochecha esquerda esmagada contra o assoalho, e ele babando. A posição e a angulação, que levam a crer que a pessoa está na vertical, serão utilizadas diversas vezes e com personagens variados.



**MÚSICA** “You’re Movin’ Me” [“Você me Comove”], de Clyde McPhatter, vira a música de fundo hilariante para a fuga abortada de Krazy-8.

**CURIOSIDADES** Jesse lista a DeVry University em “Formação” na sua página do MyShout, onde supostamente estudou processamento de dados. A DeVry é uma instituição com fins lucrativos que já foi bastante criticada, sendo que os estudantes reclamavam de empréstimos enganosos e ensino de baixa qualidade.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **QUIRALIDADE, TALIDOMIDA E METANFETAMINA**

Quando dá uma aula sobre “quiralidade” a sua turma de química, Walt usa as mãos como exemplo – as mãos direita e esquerda se espelham, mas não se sobrepõem. Em outras palavras, suas mãos não se alinham totalmente. Na química orgânica, existe o mesmo conceito: algumas moléculas existem como imagens praticamente espelhadas (que chamamos de *enantiômeros*), mas com propriedades totalmente distintas. Walt utiliza a droga talidomida como exemplo. Um dos enantiômeros da droga é uma substância que ajuda contra náuseas, de forma que a talidomida foi vendida como remédio contra o enjoo matinal das grávidas. O outro enantiômero da droga, contudo, é uma substância potente que pode causar vários problemas de desenvolvimento. Antes do uso da droga ser proibido em grávidas, milhares de bebês nasceram com problemas congênitos sérios, incluindo membros faltando e apêndices parecidos com nadadeiras. Walt não fala à turma, mas a metanfetamina também é quiral. Um enantiômero é descongestionante, enquanto o outro é um psicoestimulante que vicia.



## nd the Bag's in the River

**Data de exibição original:** 10 de fevereiro de 2008

**Roteiro:** Vince Gilligan

**Direção:** Adam Bernstein

“Aqui não há nada além de química.” — Walter White

*Walt e Jesse têm que resolver a bagunça que cada um fez, e Walt reflete sobre uma decisão difícil. Marie vai às compras.*

Um dos melhores aspectos desse episódio é que os espectadores podem conhecer mais dos personagens “secundários”. *Breaking Bad* dedica um bom tempo a desenvolver seus personagens, mais do que qualquer seriado de TV recente, e isso é válido em todos os níveis. Não existe participação rápida no programa. À medida que ele avança, até personagens terciários viram pessoas em vez de figurinhas bidimensionais. Já vimos que Walt tem proximidade com familiares como os cunhados Hank e Marie Schrader (Betsy Brandt, que teve papéis nos filmes *Magic Mike*, *Shelf Life* e *Jeremy Fink and the Meaning of Life*, assim como no seriado *The Michael J. Fox Show*). Eles saem juntos, passam noites em família e, embora às vezes um encha o saco do outro (e do espectador!), realmente têm carinho entre si. Marie parece a essência da irmã enxerida, que sempre precisa saber de tudo e chamar mais atenção. Quando não tem o destaque que quer, como quando a vendedora da loja é grosseira e a ignora, ela se rebela furtando um par de sapatos enquanto conversa normalmente ao telefone com o marido. Tanto Marie quanto Hank têm bons empregos e não têm filhos, por isso fica

evidente que a necessidade que ela tem de roubar vem de uma motivação que não é financeira.

Depois temos Hank, que à primeira vista pode ser entendido como o estereótipo do policial corporativista da velha guarda. Aquele cara metidão, ignorante e babaca. Ou será que não? A seu modo, Hank tenta ser uma influência positiva para Walter Jr. (R. J. Mitte), chegando ao ponto de fazer o papel de pai postiço quando quer dar um susto no garoto em relação a drogas. É óbvio que Junior idolatra o tio Hank e que Hank é louco pelo sobrinho. Um dos melhores momentos do episódio acontece quando Hank protege o orgulho de Junior em frente a Wendy, a puta viciada em metanfetamina (Julia Minessi), dizendo que o garoto quebrou a perna jogando futebol. Sobra compaixão por trás da grosseirice e da testosterona de Hank.

Esse episódio poderia ser uma hora de pura crueldade não fosse a maneira como Gilligan & Cia. servem-se do humor. A parte em que Walt e Jesse estão na rua limpando a gosma de Emílio com mangueira dentro de piscinas infantis é simplesmente impagável, pois faz um contraste entre a inocência colorida e a exaustão física, mental e moral. Essa cena de humor negro – mais negro impossível – parece ser uma homenagem a *Pulp Fiction: Tempo de Violência* (*Pulp Fiction*, 1994), que traz uma cena igualmente engraçada, mas sombria, quando Vincent (John Travolta) e Jules (Samuel L. Jackson) recebem jatos de mangueira num quintal suburbano depois de um tiro errado. Também é interessante a ligação de Hank para Marie, que em muitos outros seriados seria apenas um marido ligando do trabalho para saber como a esposa está – nesse caso, porém, Hank está no meio de uma batida de metanfetamina, cercado por agentes com roupas de proteção. O papo tedioso do casal sobre coisas de família é deliciosamente deslocado do contexto esperado.

O cerne do episódio, contudo, é a decisão de Walt. Krazy-8 está acorrentado a uma coluna no porão de Jesse, Walt perdeu o cara ou coroa em “The Cat’s in the Bag” e será o responsável por matar o prisioneiro, resolvendo o que acredita ser algo que os comprometerá. A discussão moral de Walt é tratada com pitadas

generosas de surrealismo, incluindo a cena na qual ele se senta para conversar com Krazy-8 – cujo nome real é Domingo – e eles dividem cervejas e histórias de vida como dois caras da mesma cidade que se conhecem num bar. Só que bem diferente. Krazy-8 é a primeira pessoa a quem Walt fala do câncer. A cena entre os dois no porão é realmente sublime, íntima em sentido bastante profundo. Domingo joga com as emoções de Walt desde a primeira cena dos dois juntos, chamando Walt pelo primeiro nome e fazendo com que o captor o veja como pessoa de verdade, com nome próprio e família, até mesmo formação em administração pela University of New Mexico. No fim, Walt acaba matando Krazy-8, mas consegue racionalizar sua ação como legítima defesa ao descobrir que Domingo havia escondido o cabo de um prato para usar como faca.

Mesmo assim, vemos que Walt fez sua opção e dá mais um passo nesse trajeto cada vez mais sombrio.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

KRAZY-8: “Você não nasceu pra trabalhar nesse ramo.”

### **PERCEBEU?**

- Enquanto está no banheiro dando descarga nos restos de Emílio, no início do episódio, vemos Walt fazer uma lista de motivos para não matar Krazy-8, ao lado de uma lista de motivos para matá-lo. Do lado “contra”, está: “É o que manda a moral; Princípios judaico-cristãos; Você não é um assassino; Santidade da vida; Ele pode dar ouvidos à razão; Estresse pós-traumático; Não vai conseguir viver consigo; Matar é errado”. Do lado “a favor” fica apenas uma defesa, mas que é pesada: “Se você o soltar, ele mata sua família.”.
- Krazy-8 está amarrado à coluna com um U-lock, uma espécie de cadeado para bicicletas e motos supostamente muito difícil de quebrar ou cortar.

- O parceiro de Hank, Steven Gomez, o "Gomey" (Steven Michael Quezada), diz que a metanfetamina encontrada no carro é "*too damn white*", ou "danada de branca". Bom trocadilho com o sobrenome de Walter White.
- O motel dos viciados, ou "Palácio do Cristal", na verdade se chama Crossroads Motel – Motel Encruzilhada. No final do episódio, Walt está numa passarela olhando para a rodovia que cruza logo abaixo. Ele está na sua encruzilhada pessoal, evidenciada por tudo que se passou nos últimos dias.
- Nesses primeiros episódios, sexo é uma coisa desagradável. No piloto, Sky faz sem atenção. Jesse está tão paranoico que fica olhando pela janela mesmo quando Wendy senta nele, e Walt não está presente de fato na investida que fecha o piloto e abre "The Cat's in the Bag".

### **GRAVANDO!**

- Um dos elementos que sempre consegue ser sensacional em *Breaking Bad* é a cena que abre os episódios. No linguajar da TV, a "cold open" ou "pré-créditos" é a cena que precede os créditos de abertura, e *Breaking Bad* fará um dos usos mais criativos que já se viu desse espaço. O contra-plongée transparente de Walt e Jesse limpando Emilio liquefeito bota o espectador no meio da sujeira, em sentido literal e figurativo. O flashback a um Walt jovem na universidade, estudando a composição química do corpo humano com uma colega morena, faz forte contraponto com o que Walt tem que lidar na atualidade. Walt passou do exercício teórico e divertido que é descobrir o que constitui um homem a recolher esses compostos químicos para, literalmente, jogar tudo na privada.
- O uso de cores nesse episódio é singular, em especial quando Walt recons-trói o prato quebrado. Os cacos do prato amarelo ficam sobre ladrilhos com dois tons de verde, sendo o verde mais escuro embaixo da peça faltante, o que

atrai o olho para a lacuna e enfatiza sutilmente o formato de punhal.

- As cenas de flashbacks de Walt valem-se muito bem da cor: a luz com tonalidade azul as diferencia claramente das cenas atuais.
- Quando Walt desmaia tossindo, o plano seguinte com ele mostra o lado esquerdo de seu rosto amassado contra o chão, babando, com a câmera num ângulo que faz parecer que Walt está na vertical em vez de na horizontal – a mesma composição que já foi utilizada em “The Cat’s in the Bag”.

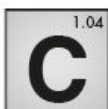
**TITULAÇÃO** O episódio anterior (“The Cat’s in the Bag” [“O Gato Entrou no Saco”]) complementa este (“... And the Bag’s in the River” [“E o Saco Caiu no Rio”]), e a frase formada vem do filme *A Embriaguez do Sucesso* (*Sweet Smell of Success*, 1957). Gilligan lista o filme entre seus prediletos por conta dos diálogos em rápida sucessão. A frase quer dizer que os personagens já resolveram um problema e que não há com o que se preocupar. Embora os problemas de Walt estejam resolvidos ao fim do episódio, ele ainda precisa se preocupar com as consequências.

**CURIOSIDADE** Quando passam pelo carro de Krazy-8 no deserto, Hank e Gomez dizem que é um “carro-armadilha”. Em termos simples, um carro-armadilha é um veículo utilizado por traficantes/mulas que foi customizado com compartimentos secretos, armadilhas, armas ocultas e até faróis de halogênio na traseira para cegar a polícia durante uma perseguição. Vale mencionar que Hank encontra o compartimento secreto depois que Gomez já vasculhou, mostrando mais uma vez que Hank é *muito bom* no que faz.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **BICARBONATO DE SÓDIO**

Enquanto Walt e Jesse estão limpando os restos de Emílio, Walt cobre a gosma com bastante bicarbonato de sódio. Bicarbonato de sódio é uma substância sensacional que pode ser usada para vários fins: é útil contra queimadura de água-viva, deixa as flores mais fresquinhas e serve inclusive no solo do pomar para render tomates mais doces. Também pode ser usado como antiácido tanto interno quanto externo, além de ajudar a neutralizar odores. O bicarbonato de sódio é anfótero, o que quer dizer que reage tanto com ácidos quanto com bases, e por isso ajuda bastante como agente neutralizante no laboratório de química. Na maioria dos casos, o bicarbonato de sódio não reage a ponto de ser nocivo, então você nem precisa se preocupar quanto a usar demais. Na situação de Walt e Jesse, é provável que o ácido fluorídrico já esteja bem diluído no... bom, pelo Emílio (nós, *Homo Sapiens*, somos 60% água, afinal). O bicarbonato seria eficiente mesmo com uma substância corrosiva, e isso é muito importante se Walt e Jesse não querem que ele atravesse mais um andar. Usar bicarbonato de sódio na gosma também reduziria o odor e os vapores nocivos que saem do ácido.



## **Cancer Man**

**Data de exibição original:** 17 de fevereiro de 2008

**Roteiro:** Vince Gilligan

**Direção:** Jim McKay

“Eu sou o quê, criminoso?” — Jesse Pinkman

*Walt e Jesse tentam abandonar o tráfico de drogas. Jesse tenta reatar os laços com a família.*

Enquanto o episódio anterior revelou mais sobre cada personagem secundário à parte, este faz todos eles se unirem. Descobrimos que Hank não é um agente qualquer do DEA, mas o encarregado de uma divisão inteira. O fato da metanfetamina de Walt ser incrivelmente pura (99,1%) também significa que Walter provavelmente saltou para o alto da lista de “Procurados” de Hank, embora nenhum dos dois saiba disso. Há momentos lindos e engraçados na pré-créditos e nas cenas de abertura, em especial quando Hank está conversando com sua equipe sobre um novo cozinheiro fodão na cidade e faz-se a transição para Walt pálido e barrigudo escovando os dentes. O contra-plongée do frango na grelha nos traz ao cerne do episódio: as famílias.

Walt, Skyler, Junior, Hank e Marie reuniram-se para um almoço em família na casa dos White, e vê-se no comportamento e na disposição que esses encontros acontecem com frequência. É um grupo muito unido, e a reação à notícia do câncer de Walt mostramos exatamente o quanto eles são próximos. Marie pode ser uma vaca neurótica e Hank, um machão, mas quando a coisa aperta eles estão ali para o que a família precisar. Walt tem muita sorte de ter esse sistema de apoio, mas não consegue perceber porque



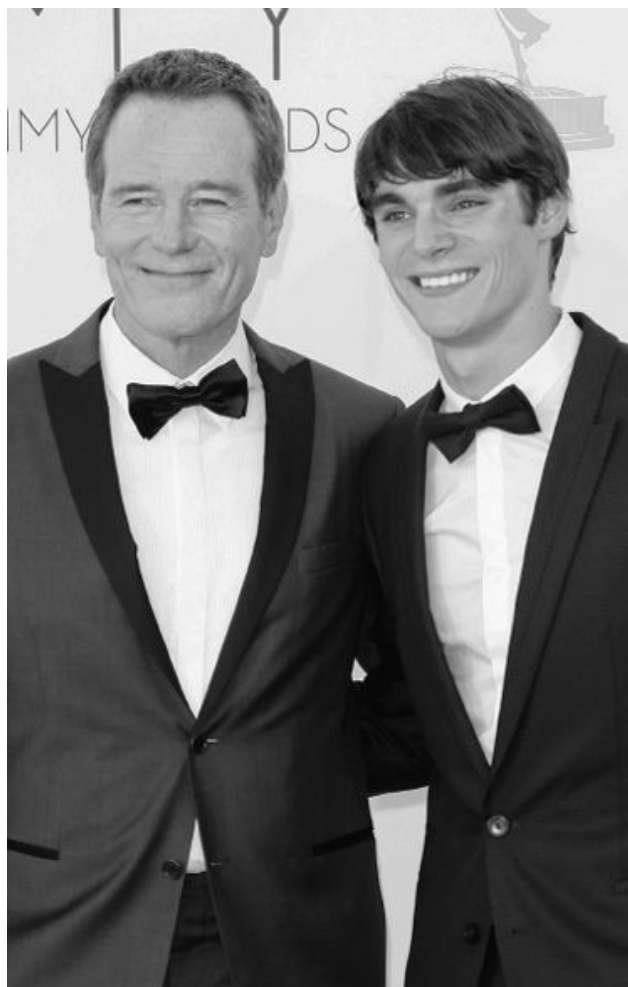
seu orgulho ganha de tudo. Quando Hank garante a Walt que, independentemente do que aconteça, ele vai cuidar de Sky e das crianças, Walt não suporta pensar que outro homem será responsável pela sua família. O que quer que Walt diga, ou como quer que ele se justifique, o verdadeiro motivo por trás de sua decisão de cozinhar metanfetamina é um só: orgulho. Ele não vai fazer nada pela família; está fazendo tudo por si e por uma noção torta do que significa ser homem. Por isso ele nem considera pegar dinheiro emprestado de Hank para pagar o tratamento. Aliás, parece que ele nem quer se tratar.

Por quê? Walt vê o câncer como uma libertação. Para ele é como se não se aplicassem mais as regras ou restrições a seu comportamento, já que ele não tem nada a perder. A cadeia? Ele vai morrer mesmo, em questão de semanas ou meses. A morte? Ela vem, e vem logo. A lei? Os caras vão fazer o quê? Matá-lo? Depois que, no episódio piloto, ele quase quebrou a perna do adolescente bombado que estava rindo de Walter Jr. e, nesse episódio, ele estourou o carro de Ken, o Babaca de Bluetooth, Walt está a boa distância dos parâmetros de sua vida antes do câncer, à qual ninguém (nem Walt, de início) o consideraria capaz de chegar. Isso também pode ser dito da decisão de produzir metanfetamina. Walt não é mais Walt. O trauma do diagnóstico de câncer destruiu sua visão de mundo, seu antigo self, e assim motivou a edificação e o surgimento de um self novo, diferente, perigoso inclusive.

Os problemas que começam a surgir para Walt estão em como seu novo eu percebe e afeta o mundo ao seu redor. Esses efeitos já estão ficando aparentes quando as atividades criminosas de Walt contaminam o espaço familiar. Walt escondeu seu dinheiro na saída de ar do quarto da filha em gestação, e dali ele é sugado para o resto da casa toda quando ligam o ar-condicionado. É uma metáfora muito bem escolhida sobre a impossibilidade total de Walt separar sua vida em família da vida de criminoso. Walt não consegue manter a vida suburbana, dos churrascos no fim de semana, à parte da vida de mago das drogas, mesmo que vá deserto adentro para cozinhar. Essas duas linhas inevitavelmente

vão se cruzar. Quando isso acontecer, os produtos químicos que ele usa na vida das drogas vão acabar envenenando a outra. A vida boa e ordinária que ele quer preservar ficará manchada de maneira irrevogável.

Esse episódio também nos dá um vislumbre da família de Jesse, um lar suburbano típico da classe média alta, com direito até a empregada latina. É óbvio que os pais de Jesse deram duro para que os filhos tivessem uma boa vida e boa educação. O irmão mais novo de Jesse, Jake (Benjamin Petry, que veio de *Os Indomáveis [3:10 to Yuma, 2007]*), parece o sonho de todo pai: inteligente, talentoso, dedicado e bem educado. Contudo, nem tudo é o que parece no lar Pinkman, e Gilligan & Cia. fazem um trabalho sensacional de explodir o mito da classe média norte-americana. Não há motivo para crer que o próprio Jesse não tenha recebido as mesmas vantagens e chances que Jake, mas em algum momento ele saiu dos eixos. A cena em que vemos Jesse remexendo no seu velho baú, revelando no antigo eu os princípios de um artista de talento e um cara legal, é um dos momentos mais tocantes do seriado.



(ANDREW EVANS/PR PHOTOS)

Por trás dessas linhas relativamente simplistas, estamos sendo apresentados a uma coisa mais triste e sombria: a realidade do vício. É fácil ver os pais de Jesse como babacas sem sentimentos, mas esse episódio traz ao espectador mais do que o histórico familiar óbvio. Os pais de Jesse estão em agonia quanto ao que fazer com o ressurgimento repentino de Jesse, ainda drogado. Querem saber que droga ele anda usando, se precisam estipular condições, preparar-se para baixar decretos ou não se meter. Fica evidente que os pais de Jesse já passaram pelo que há de pior, que amam seu primogênito, mas chegaram ao ponto em que as famílias de viciados precisam chegar se não querem que o drogado as arraste consigo: a recusa em tolerar ou apoiar aquele

tipo de comportamento e o vício. Eles sabem que não podem salvar Jesse, por isso fizeram o que era necessário para tentar salvar a si e Jake. Jesse mentiu e traiu a confiança e o amor deles tantas vezes que não há como os pais acreditarem no que ele diz. É um retrato realista e brutal da família que lida com o vício, e não é nada bonito. Temos simpatia por Jesse, mas também temos que perceber que seu relacionamento atual com a família é obra totalmente sua.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

JAKE: "Na real, é um flautim."

JESSE: "Cara! Toca Jethro Tull!"

### **PERCEBEU?**

- O zumbido que se ouve enquanto o médico de Walt explica os possíveis efeitos adversos do tratamento é o mesmo efeito sonoro de quando Walt recebeu o primeiro diagnóstico, e da mesma forma apaga a voz do médico.
- A plaquinha "Móveis Tampico" no antigo berço de Walt Jr. no quarto do bebê? É a loja do pai de Krazy-8.
- Durante sua apresentação à equipe do DEA, Hank fala dos "superlaboratórios" dos cartéis que fabricam metanfetamina no México. Tanto os superlaboratórios quanto os interesses dos cartéis mexicanos serão temas recorrentes no seriado.

### **GRAVANDO!**

- O contra-plongée transpassante do frango na grelha lembra a gosma sanguinolenta que Walt e Jesse estavam limpando na pré-créditos de "... And the Bag's in the River".
- Confira os efeitos de câmera e de áudio quando Jesse está sofrendo de abstinência, fica paranoico e foge de casa em pânico: os mórmons que viram motoqueiros assassinos, os cortes rápidos, as variações de luz e alucinações aurais com

barulho de helicóptero, todas superadas pelo tinir alegre do sininho da bicicleta do missionário.

**TITULAÇÃO** “Cancer Man” (“Canceroso”) faz referência ao personagem de William B. Davis (O Canceroso) em *Arquivo X* (*The X-Files*), seriado no qual Vince Gilligan foi roteirista, consultor, produtor e produtor executivo de 1995 a 2002.

**MÚSICA** Jesse diz para o irmãozinho tocar Jethro Tull no flautim. Jethro Tull é uma banda de rock britânica liderada por Ian Anderson, que costuma ficar sobre um pé só quando toca flauta. A banda está na ativa desde 1967 e vendeu mais de 60 milhões de álbuns.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **COLANDO FERIDAS**

Domingo/Krazy-8 não morreu facilmente, e Walt saiu do porão com uma ferida séria na perna. Depois de limpar e desinfetar, Walt usa a “Cola Acrilato: Agente de Ligamento Instantâneo” para colar o corte. A marca fictícia baseia-se no nome químico do agente adesivo de várias supercolas, que se chama cianoacrilato. Na Guerra do Vietnã, as forças armadas dos EUA usavam colas de cianoacrilato em spray para estancar o sangramento de feridas em campo de batalha, de forma que os soldados tivessem maior chance de sobrevivência até chegar a uma instalação médica longe da zona de combate. Super Bonder, Super Glue, Krazy Glue, etc. realmente podem ser utilizadas como adesivo para remendar feridas. No entanto, essas colas de supermercado não são recomendadas para uso médico porque podem conter outros produtos químicos que irritam a pele (veja como Walt treme quando aplica a cola) e até causar queimaduras, pois a cola reage com a umidade do ar, vira resina e o processo dissipa calor. Existem colas de cianoacrilato para uso médico, projetadas para ferimentos e que não provocam essas dores colaterais. Contudo, elas não estão ao alcance de um cara como Walt, que está

tentando livrar-se da complicação que seria aparecer numa sala de emergência com feridas a faca.

### **OS PLANOS DE SAÚDE NOS EUA**

*Breaking Bad* pode ser interpretado como uma condenação do sistema de saúde dos EUA. No piloto, quando Walt está na ambulância depois do colapso no lava-rápido, ele pergunta ao enfermeiro se aquilo é mesmo necessário, pois seu plano não é dos bons. Embora não ter plano de saúde seja apenas um dos motivos que leva Walt a tomar as decisões que toma, vale a realidade funesta de os Estados Unidos serem a única das nações desenvolvidas que não dá cobertura médica universal aos cidadãos. (Não só entre países desenvolvidos. O produto interno bruto per capita da Tailândia é um quinto do PIB dos EUA, mas só 1% da população tailandesa não tem plano de saúde. É irônico, mas, na última década, o México ampliou tanto o acesso da população a tratamentos sofisticados que Walt deveria negociar seu tratamento com os cartéis de lá... embora nenhum representante dos cartéis costume falar desses benefícios.)

Em 2010, o United States Census Bureau, o instituto responsável pelo censo dos EUA, informou que 16,3% da população do país (porcentagem que corresponde a 49,9 milhões de pessoas) não possuía plano de saúde. O Affordable Care Act (Decreto pela Saúde Acessível, de sigla ACA) foi promulgado em 2010 e legitimado pela Suprema Corte. Contudo, alguns estados estão atacando cláusulas do ACA, cuja intenção – entre outras coisas – é acabar com limites de idade para cobertura e acabar com a recusa de cobertura em razão de condições de saúde preexistentes. Antes do ACA não havia problema se a empresa se recusasse a pagar, digamos, pelo seu problema cardíaco caso você tivesse um diagnóstico de problema cardíaco *antes* de assinar o contrato com a prestadora. Tomando de empréstimo o título de um episódio da terceira temporada de *Breaking Bad*, é uma coisa kafkiana: você só pode ter plano de saúde se não precisar de plano de saúde.

Tenha em mente que Walt tem plano de saúde – só não é dos bons. Nos EUA, quem tem filhos geralmente tem que tomar

decisões desagradáveis. Walt é professor do ensino médio: na maioria dos sistemas de educação, seu plano seria barato. No entanto, ao colocar Skyler e Junior como dependentes (principalmente Junior, que nasceu com paralisia cerebral, uma doença que costuma exigir terapia frequente e cara), o preço vira astronômico. Uma forma de resolver a situação é optar por pagar tudo do próprio bolso, sendo que a grana é dedutível do imposto, mas o custo de cada tratamento é mais alto. A situação de Walt é melhor que a de muita gente, mas vale lembrar que os custos absurdos da saúde contribuíram para mais de 60% das falências financeiras recentes nos EUA.

No frigor dos ovos, Walt não tem como pagar seu câncer.



## ray Matter

**Data de exibição original:** 24 de fevereiro de 2008

**Roteiro:** Patty Lin

**Direção:** Tricia Brock

“Vamos cozinhar?” — Walter White

*Jesse e Walt descobrem que entrar na linha não é tão fácil quanto pensavam. Walt encontra velhos amigos e Skyler arma uma intervenção.*

O problema que existe nos empregos de verdade é que, sem formação, sem experiência e sem conhecimento do mercado, você geralmente tem que começar por baixo. E quem fica embaixo não é bem pago. Após a primeira experiência na cozinha e no tráfico de metanfetamina, Walt jura que nunca mais vai querer saber de drogas (embora não deixe de tirar sua parte dos lucros) – e aí ele e Jesse têm que descobrir o que fazer da vida. Jesse está disposto a procurar emprego, mas quer um cargo de certo nível. É óbvio que dançar dentro de uma roupa de isopor e sacudir uma placa não fica no topo dos critérios de seleção nos sites de busca de emprego, mas é trabalho honesto – embora o salário deva ser ridículo e Jesse tenha contas pra pagar. Contudo, ele recusa a proposta e o que entendemos é que tem tanto a ver com o orgulho de Jesse quanto com o emprego em si. O interessante é que essa experiência breve com Walt já infectou Jesse com um pouco do perfeccionismo do antigo professor no que concerne à metanfetamina. Ele chega a demonstrar seus novos conhecimentos de nomenclatura química, e jogar uma fornada



inteira fora por não se adequar aos padrões de qualidade que passou a adotar.

Jesse está sedento pela sensação de valor e propósito. Tratado como perdedor pelos pais e por Walt, está desesperado para ser bom em alguma coisa e ter uma chance de provar-se. Parece que a única viabilidade é produzir metanfetamina. É aí que começamos a ver que Jesse, apesar das notas baixas no colégio e aparente incapacidade, está longe de ser burro. Ele aprendeu bastante em um único dia na cozinha com Walt e reencontrou a ambição adormecida. A inversão de papéis que faz Jesse virar o cozinheiro-empresário e que se incomoda facilmente com as paspalhices do amigo Badger é uma sacada divertida. Infelizmente, apesar de tudo que aprendeu, os conhecimentos de Jesse sobre química não chegam nem aos pés dos de Walt. Não há como ele chegar sozinho à qualidade que consegue com o sócio. Pelo menos por enquanto.

Walt também está reavaliando seu valor, e temos outro vislumbre de seu passado quando aparecem Elliott e Gretchen Schwartz (Adam Godley, que tem créditos em *A Fantástica Fábrica de Chocolate* [*Charlie and the Chocolate Factory*, 2005], *Volta ao Mundo em 80 Dias: Uma Aposta Muito Louca* [*Around the World in 80 Days*, 2004] e *Elizabeth: A Era de Ouro* [*Elizabeth: The Golden Age*, 2007]; e Jessica Hecht, cujos papéis mais relevantes estão em *Bored to Death*, *Friends* e *Sideways: Entre Umas e Outras* [*Sideways*, 2004]). Era ela a morena atraente que apareceu no flashback de Walt em "... And the Bag's in the River". Eles são velhos amigos de pós-graduação e ex-sócios que se deram muito bem na vida e, apesar do envolvimento inicial de Walt, conseguiram fazer tudo sem ele. A disparidade de status econômico e social entre os White e os Schwartz é bem representada. Walt e Skyler chegam à festa de Elliott engomadíssimos, mas com roupas que saíram de moda há muito tempo: Walt usa uma casaca azul-marinho transpassada, com botões dourados, que parece uma sátira dos clubes de iatismo dos anos 1970. Eles se destacam mesmo entre o restante dos convidados, todos vestidos casualmente, em tons de bege e

roupas caras. É óbvio que aquele não é o mundo de Walt e Sky. Contudo, após Elliott abrir uma série de presentes extravagantes (que inclui uma Fender Stratocaster tocada e autografada por Eric Clapton), ele abre o de Walt – o presente mais atencioso e significativo de todos.

É esse lado de Walt que faz o espectador dispor-se a acompanhá-lo na sua jornada às trevas, que faz o público torcer por ele: Walt pode ser um doce de pessoa. É fácil entender por que a família o ama tanto, por que os velhos amigos ainda têm tanto afeto por ele. Walt é um cara legal: ele tem dois empregos para Sky poder ficar em casa escrevendo; seu amor e amparo a Walter Jr. é patente; e ele cercou-se de uma família que, embora às vezes seja complicada, acaba sendo uma fonte de amor e força. Não há como não amar esse cara.

Até que seu orgulho ressurge e ofusca todo o resto.

Ao receber a proposta de trabalhar na Gray Matter, que vem com plano de saúde maravilhoso e provavelmente um salário bem maior que o de professor em escola pública, Walt fica furioso e a renega no momento em que descobre que é uma regalia advinda da vontade de Elliott em ajudá-lo. Tenha em mente que é uma oportunidade legal e uma ótima chance para Walt sustentar a família e resolver todas as dívidas médicas. Aliás, é provável inclusive que Walt viesse a ser valioso para a empresa caso se dedicasse a afinar suas habilidades e seu conhecimento. Pelo que vemos na festa, é possível que ele seja o químico mais brilhante do lugar. No entanto, Walt não quer nada com isso. Ele prefere fabricar metanfetamina, arriscar a família e morrer do que aceitar aquilo que vê como esmola. Falha de caráter, é você?

Os temas orgulho e dinheiro são centrais ao episódio. Juntos, Walt e Jesse são um retrato do sonho americano que ambos descobriram ser mais mito do que realidade. As escolhas de Jesse deixaram-no totalmente despreparado para ter sucesso num mundo de trabalho legítimo. As decisões de Walt levaram-no a uma situação na qual, embora tenha emprego e plano de saúde, nenhum destes dão conta de sua vida; tentar ser o único arrimo da família levou-o a um segundo e péssimo emprego que ainda

assim mal fecha as contas. O pior é que nenhum deles tem condição de encontrar uma forma de deixar seus apuros. Nenhum deles aceitaria uma baixa na renda enquanto preparam-se/readequam-se a oportunidades melhores. De fato, a preocupação quase patológica de Walt com o dinheiro é o que o leva a recusar o tratamento do câncer, e que por sua vez leva à cena mais sublime da temporada: a intervenção armada por Skyler, na qual as famílias White e Schrader reúnem-se para tentar convencê-lo a fazer o tratamento contra o câncer.

*Breaking Bad* tem várias cenas memoráveis, e a intervenção é uma delas. Com um roteiro sincero, a cena demonstra os talentos de todo o elenco que compõe a família de Walt. Os atores sabem transmitir comoção, humor, raiva e espanto, cada um a seu modo. Junior, que tem que usar muletas todos os dias para se locomover, fica chateado que o pai esteja resignado a desistir e deixa sua opinião bem clara. Skyler não se importa com a opinião da irmã Marie, e Hank não gosta que Marie seja contestada. O “travesseiro da fala” não deixa ninguém calmo e, em dado momento, parece que a coisa vai virar um concurso de gritos. No entanto, a cena é de Walt, que explica com toda a dignidade que ele refletiu bastante sobre a decisão de não fazer o tratamento. A escolha é dele e, que Deus o ajude, ele quer respeito: “Às vezes, sinto que nunca fiz minhas próprias escolhas de verdade. É isso. Minha vida toda... parece que eu nunca tive voz ativa em nada”. É óbvio que sabemos que Walt está tomando outro tipo de medida extrema para encarar a doença, por isso é melhor ficar com o pé atrás em relação ao que ele diz. Por fim, Walt não consegue fazer sem Jesse o que acha que devia estar fazendo, e Jesse não consegue fazer sem Walt o que acha que devia. Aquele motor-home não vai ficar parado.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

SKYLER: "Agora não, por favor. Eu estou com o travesseiro da fala."

### **PERCEBEU?**

- O "travesseiro da fala" tem registrado o slogan fofinho "Encontre felicidade nas pequenas coisas" – conselho justo que a família White se recusa a aceitar.
- Quando Junior se encrenca tentando comprar cerveja ilegalmente, ele liga para Hank em vez de Walt. Hank o recrimina e pede a Sky e Marie para não contar a Walt que Junior ligou para ele. Hank volta a fazer o papel de pai postiço de Junior e também demonstra sensibilidade quanto às emoções da família, incluindo o orgulho de Walt.
- Veja a pilha de livros na mesa de cabeceira de Skyler. Ela está lendo tudo que pode sobre gravidez e como lidar com câncer. Um dos títulos, *While Waiting* [*Enquanto Se Espera*], pode tratar dos dois assuntos.

**GRAVANDO!** A técnica do time-lapse é essencial à direção de fotografia de *Breaking Bad*, principalmente nas cenas do deserto. Fique atento e você vai perceber que ela será utilizada diversas vezes. A técnica também é muito bem empregada: tanto em termos estéticos quanto para fazer a trama avançar.

**TITULAÇÃO** "Gray Matter" [Substância Cinzenta] refere-se ao nome da empresa extremamente exitosa de Elliott e Gretchen. O cinza é um misto de branco e preto e, nesse caso, representa uma mistura do sobrenome de Elliott, "Schwartz" ("preto" em alemão) e o sobrenome de Walter, "White" ("branco" em inglês). Faz muito tempo, contudo, que Walt não está na empresa.

### **INGREDIENTES ESPECIAIS**

#### **PARALISIA CEREBRAL**

Vince Gilligan, criador de *Breaking Bad*, concebeu o papel de Walt Jr. em homenagem a um amigo que nasceu com paralisia cerebral.

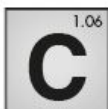
R. J. Mitte, o jovem ator que interpreta Junior, também tem esse quadro clínico. Mitte aproveitou o papel para aumentar a visibilidade dos atores portadores de deficiências e os desafios que encaram. Ele é porta-voz de um grupo de defesa dos deficientes conhecido como "I AM PWD", que significa "Inclusion in the Arts and Media of Performers with Disabilities" [Inclusão de Artistas com Deficiência nas Artes e na Mídia]. É um tema muito importante, dado que 20% da população possui algum tipo de deficiência, mas aproximadamente só 1% dos papéis com falas na televisão retratam deficiências – sendo que esses papéis costumam ficar com atores que não possuem deficiência. Aliás, isso se deve a questões de acesso: se você usa cadeira de rodas, a simples necessidade de chegar a um teste gera problemas com os quais outros atores não têm que lidar. Além disso, muitos "papéis de deficientes" são retratos sem profundidade e sem constituir personagens críveis. É nesse estereótipo que Mitte tenta mexer, tendo no papel de Walt Jr. uma plataforma excelente. Junior é o típico adolescente: quer tirar a carteira de motorista, ama a família mas quer ter sua própria identidade, demonstra pavio curto e língua afiada. Por acaso também é uma pessoa que precisa de muletas e uns segundinhos a mais para expressar o que pensa.

A paralisia cerebral de Mitte é menos pronunciada que a de Walt Jr. Mitte não precisa de muletas, por exemplo. Também conhecido como encefalopatia crônica não progressiva, o quadro corresponde a um grupo de distúrbios causados por feridas ou anormalidades no cérebro, geralmente antes do nascimento ou pouco tempo depois. A paralisia cerebral costuma manifestar-se no movimento debilitado: músculos dos braços e das pernas, em especial, ficam esticados e rígidos, sem a flexibilidade que a maioria de nós possui. A pessoa que tem paralisia cerebral também pode ter outros problemas associados ao desenvolvimento anormal do cérebro, mas a capacidade intelectual tende à normalidade. Embora não exista cura, tratamentos e terapias podem ajudar a pessoa nessa condição a ter vida plena e independente.

## **CRISTALOGRAFIA**

Um ex-colega de mestrado na festa de Elliott apresenta Walt como "mestre da cristalografia". A cristalografia é o ramo da ciência que estuda o arranjo dos átomos nos sólidos. Originalmente, estudava-se cristais com base na sua geometria para deduzir seus ângulos e simetria, o que exigia muita paciência e cálculos matemáticos de alta complexidade. Hoje, a amostra de cristal vira alvo de um raio e analisam-se os padrões de difração. (Difração por raio X, difração por nêutrons ou difração por elétrons são os métodos mais comuns nesse campo incomum.) Ainda depende de paciência quase infinita e muita matemática complexa.

Como que um campo tão especializado renderia uma empresa multimilionária como a Gray Matter? Fora a química pura, a cristalografia é útil para engenheiros de materiais que buscam métodos para desenvolver usos da nanotecnologia. A cristalografia também é utilizada por biólogos para estudar proteínas. A estrutura de dupla hélice do DNA conhecida pela maioria dos estudantes de química do ensino médio, por exemplo, foi criada a partir de dados cristalográficos.



## **razy Handful of Nothin'**

**Data de exibição original:** 2 de março de 2008

**Roteiro:** Bronwen Hughes

**Direção:** George Mastras

“Uma pitadinha de química.” — Walter White

*Walt e Jesse voltam à cozinha. Walt quer vender metanfetamina para distribuidores, apesar das advertências de Jesse. Enquanto isso, Hank demonstra por que é bom no que faz.*

A pré-créditos de “Crazy Handful of Nothin'” mostra-nos Walt e Jesse de volta ao motor-home e Walt ditando como as coisas vão ser. Walt quer ficar nos bastidores enquanto Jesse lida com os clientes; além disso, depois das experiências deles com Emílio e Krazy-8, Walt insiste que não haja mais violência. Durante o belo discurso, temos cenas do fim do episódio com um Walt careca com uma visual fodão, carregando uma bolsa ensanguentada enquanto sai de um prédio destruído. Parece que a regra da não violência de Walt não vai durar muito.

A pré-créditos marca uma disparidade entre o que Walt imagina que o negócio das drogas seja e o que realmente é. Além disso, revela um fato central sobre o próprio Walt: ele acha que pode controlar tudo – incluindo as pessoas. Apesar de dizer que se aliou a Jesse porque Jesse conhece o mercado, Walt não está nem um pouco disposto a ouvir quando Jesse tenta explicar a realidade do mercado. Em vez disso, Walt quer que as coisas sejam de um jeito e por pura teimosia insiste que elas são daquele jeito. Como Jesse continua sem concordar, Walt alterna entre tyrannizar e bajular Jesse para que este consiga um acordo com o substituto de Krazy-

8 na distribuição, apesar dos temores do sócio mais jovem. Walt está de fato manipulando todos à sua volta e parabenizando-se por ser mais esperto que os outros. Ele usa o câncer para manipular Skyler, jogando com as emoções dela sem lhe dar qualquer atenção. Ele se faz de professor imprestável para Hank e deixa que o zelador Hugo (interpretado por Pierre Barrera, que trabalha mais como produtor de cena do que como ator), de fala mansa e sempre carinhoso, seja preso e perca o emprego por conta de um descuido do próprio Walt.

Tudo isso acontece porque Walt é brilhante no sentido "inteligência dos estudos", mas faltam-lhe inteligência emocional e a esperteza das ruas. Aliás, nessas duas áreas, às vezes ele é um completo idiota. Depois de roubar do laboratório do colégio os equipamentos que precisa para fazer metanfetamina de alta qualidade, Walt nem pensa em mexer no inventário. Hank, que pode não entender de química mas certamente entende de produção de drogas, identifica logo no equipamento faltante exatamente o que se precisaria para montar um laboratório de metanfetamina, e as listas do inventário inalteradas ligam diretamente a máscara de gás e todo o equipamento ao laboratório de Walt. O espectador não pode deixar de notar a cara de surpresa no rosto de Walt ao perceber como o cunhado entende do mercado de fabricação da droga. Após anos conhecendo Walt como homem desafortunado e inofensivo, Hank não consegue conceber Walt como um maníaco que faz drogas. É só isso que impede Walt de tornar-se o suspeito número um do DEA na busca pelo mestre-cuca da metanfetamina. Também é isso que impede que Walt seja suspeito no sumiço repentino do informante do DEA – o qual, por acaso, era Krazy-8.

A arrogância de Walt também o leva a um jogo perigoso com Hank. Ao perceber que Hank não o considera capaz de cometer os crimes que de fato cometeu, Walt começa a curtir dançar no fio da navalha com o cunhado. É o que se vê durante o jogo de cartas nada amigável, quando Walt blefa para Hank desistir apesar de Walt ter "uma mão cheia de nada". A expressão de Walt revela o quanto ele está gostando de vencer Hank e como um jogo de



pôquer em família, na sua mente perturbada, transformou-se em mais uma prova de que ele é capaz de vencer qualquer inimigo com seu cérebro. A arrogância de Walt, contudo, cega-o para o fato de que, embora se ressinta com Hank por subestimá-lo, ele está cometendo o engano perigosíssimo que é subestimar a inteligência do cunhado.

Não é o melhor estado mental para Walt, pois esse episódio também nos mostra o primeiro dos grandes vilões do seriado, o assustador Tuco Salamanca, interpretado com prazer excepcional por Raymond Cruz (que passou por papéis em *Nip/Tuck*, *CSI: Miami* e *Divisão Criminal [The Closer]*). Tuco é a morte em camisa de seda com estampa de cobra, e a antítese à fantasia de Walt de um mundo das drogas racional, onde as regras dos negócios e do comércio legais ainda se aplicariam. Tuco é instável, perigoso, sociopata, assassino, capaz de variar do sorriso “meu-camarada-que-prazer” à violência brutal sem dar aviso e por motivos dos mais triviais. Tuco é o id liberto, a definição precisa do que Lonnie Athens chama de “criminoso perigoso e violento”. Tuco é a cara do narcotráfico. Só que quem acaba pagando pela insolência e arrogância de Walt não é ele, mas Jesse.

Tuco, contudo, é necessário para revelar quem é o novo Walt. Há cinco episódios Walt vem tomando cada vez mais distância de seu antigo self e cria uma nova forma de visualizar e interagir com o mundo após o diagnóstico do câncer. Skyler já percebeu, Walter Jr. é quem mais vê que o pai anda estranho, Hank negligencia isso porque a diferença em relação ao Walt antes do câncer é radical, e até Jesse notou que o Sr. White não é a mesma pessoa que lhe deu aulas de química. A pergunta é: quem ou o que Walt está se tornando? De cabeça raspada, chapéu preto, botando a banca de forma literalmente explosiva no covil de Tuco, Walt finalmente dá a resposta: “Heisenberg”.

Daqui em diante, nada é previsível.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

## **ALTA VALÊNCIA**

WALT: "Sim, é disso que precisamos! Um distribuidor. Conhece algum?"

JESSE: "Conheço. Quer dizer, conhecia... até que você o matou."

## **PERCEBEU?**

- Durante a visita de Hank ao colégio, os projetos de feira de ciências que cobrem a parede da sala de aula de Walt incluem um de "dente podre" ou "boca de cristal".
- Joga-se muito pôquer na casa dos White e na dos Schrader. No episódio anterior, Hank usa uma metáfora do pôquer para explicar o que pensa a Walt e agora é Walt que a volta contra Hank no blefe.
- Jesse reconhece as marcas da quimioterapia de Walt e tem familiaridade com fases do câncer.
- Quando Walt fica enjoado da quimioterapia enquanto cozinha, ele convence Jesse a finalizar o processo com algo que parece um discurso de incentivo, assegurando-o de que consegue. A opinião que Walt tem quanto às habilidades de Jesse é tema recorrente no seriado.

**TITULAÇÃO** O título desse episódio ("Crazy Handful of Nothin'" ["Uma Mão Cheia de Nada"]) vem de uma citação do filme *Rebeldia Indomável* (*Cool Hand Luke*, 1967) e tem dois significados. Por um lado, refere-se ao blefe de Walt no carteador em família, durante o qual Marie comenta que Walt ganhou a jogada embora estivesse com uma "mão cheia de nada". Aliás, a cena de pôquer entre os dois parece ser homenagem direta ao filme. Walt ganhou ao blefar contra Hank, mas às vezes você precisa mostrar as cartas antes, como Walt faz com a pequena quantidade de fulminato de mercúrio que utiliza para convencer Tuco do seu ponto de vista. Blefar com uma mão vazia é uma medida arriscada, pois depende da sua capacidade de convencer os outros que você é uma pessoa assim e não assado, capacidade que Walt e Cool Hand Luke talvez tenham em comum.

**MÚSICA** A montagem acelerada e a trilha enquanto Jesse vende a fornada de metanfetamina é brilhante. A iluminação fluorescente verde-azulada passa uma sensação de excesso de luz às 3 da madrugada.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **ETAPAS DO CÂNCER DE PULMÃO**

O diagnóstico de Walt é de câncer de pulmão Estágio III. No entanto, isso quer dizer o quê? Primeiro, vale entender que o câncer não é uma doença só. Na verdade, é uma referência ao crescimento celular descontrolado que resulta em tumores pelo corpo. Enquanto tumores benignos podem ser retirados com segurança e tendem a ser localizados, tumores malignos crescem com agressividade e se espalham – criam metástases – pelo corpo. O câncer de pulmão tende a criar metástases bem cedo, o que gera tanto uma ameaça à vida quanto um tratamento difícil.

O “estágio” da doença refere-se a quanto o câncer já se espalhou. Determinar o estágio preciso exige exames de sangue, raios X e varreduras mais sofisticadas como ressonância magnética e tomografia computadorizada. Descobrir o estágio do câncer ajuda a determinar a melhor forma de tratamento e também dá um prognóstico para o paciente. Existem quatro estágios de câncer de pulmão de células não pequenas, também conhecidos como CNPC. Os CNPC são os mais comuns, representando aproximadamente 80% dos casos. Os estágios consistem em:

- Estágio I: o câncer fica confinado ao pulmão.
- Estágios II e III: o câncer já passou do pulmão, mas ainda está restrito ao peito, sendo que tumores maiores e mais invasivos ganham a classificação “Estágio III”.
- Estágio IV: o câncer se espalhou do peito para outras partes do corpo.

A taxa de sobrevivência no primeiro ano para uma pessoa cujo câncer de pulmão é diagnosticado no Estágio III não é boa. Difere

de pessoa para pessoa. Walt não é fumante, o que ajuda. Contudo, a porcentagem total de pessoas vivas cinco anos após receber diagnóstico de câncer de pulmão Estágio III fica abaixo dos 25%. Sabendo disso tudo, fica fácil entender o desespero e o comportamento drástico de Walt.

### **FULMINATO DE MERCÚRIO**

Walt utiliza fulminato de mercúrio para, explosivamente, convencer Tuco a ver as coisas do seu modo e a pagar pela metanfetamina que pegou de Jesse. Walt arma tudo no início do episódio com mais uma aula de química onde explica a natureza das reações químicas, e até passa a fórmula para degradação do fulminato de mercúrio em seus componentes:  $\text{Hg}(\text{OCN})_2 = \text{Hg} + 2\text{CO}_2 + \text{N}_2$ .

O fulminato de mercúrio decompõe-se numa reação química chamada detonação, o que significa que os produtos químicos envolvidos entram em combustão a tal velocidade que o gás produzido se expande mais rápido que a velocidade do som, o que gera uma onda de choque violenta que pode ser altamente destrutiva – Tuco e companhia podem comprovar. Contudo, Gilligan & Cia. tomaram algumas liberdades criativas com a química. Se os cristais gigantes que Walt dá a Tuco são mesmo fulminato de mercúrio, então ele é o maior cristalógrafo que já existiu na face da Terra. Na verdade, experimentos reais de cristalizar fulminato de mercúrio resultaram em cristais com menos de um milímetro. Além disso, o fulminato de mercúrio é conhecido pela instabilidade, e do jeito como mexem e remexem naquele saco de “metanfetamina” de Walt, é provável que ele teria explodido bem antes. É certo que o saco teria ido pelos ares quando Walt jogou seu pedacinho.

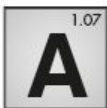
### **HEISENBERG**

Walt encontrou seu codinome das ruas em Werner Karl Heisenberg (1901-1976), físico teórico alemão. Heisenberg é conhecido principalmente pelo seu “princípio da incerteza” na física quântica, o qual (numa definição *muito* rasteira) afirma que

existe um limite intrínseco para precisar duas propriedades simultaneamente. Heisenberg estava referindo-se às propriedades físicas de uma partícula, como velocidade e posição. Quanto mais se tiver precisão de uma (velocidade, por exemplo), menor precisão tem-se para saber ou determinar a outra (posição, neste exemplo). Você consegue precisar uma ou outra a qualquer instante, mas as duas juntas não.

A ideia do codinome é brilhante. Quanto mais Walt vira Heisenberg, menos certeza temos de Walt. Claro que Walt poderia ter optado por "Homem Camaleão" ou, dado o contexto sudoestino, "Monstro de Gila". No entanto, admita que "Heisenberg" tem estilo e ousadia. (Heisenberg também morreu de câncer, doença que anda pela cabeça de Walt.)

Numa série de palestras em meados dos anos 1950, Heisenberg também disse: "O que observamos não é a natureza em si, mas a natureza exposta pelo nosso método de questionamento". Em outras palavras, nada é puro. A forma como você faz as perguntas modela as respostas que vai ter. Outro problema para Walt: ele não entende que a piscina em que está nadando está cheia de malignidade, por isso não consegue ver a encrenca em que vai entrar por essa falta de compreensão.



## **No-Rough-Stuff-Type Deal**

**Data de exibição original:** 9 de março de 2008

**Roteiro:** Peter Goulds

**Direção:** Tim Hunter

“Opa, o que a gente tá fazendo aqui? O shopping tá fechado?” — Tuco Salamanca

*Walt e Jesse descobrem como cozinhar em grandes quantidades. Walt finalmente percebe o quanto Tuco é perigoso.*

O que começou com Walt curtindo os blefes com Hank numa partida de pôquer (supostamente) amigável começa a virar outra coisa. Agora Walt procura emoções ilícitas em tudo, como ele e Sky demonstram no banco de trás do Aztek no estacionamento do colégio. Estacionado ao lado de uma viatura da polícia – que trouxe um policial ao colégio para falar sobre os perigos da metanfetamina cristal na reunião de pais e mestres –, Walt volta a testar os limites do que pode fazer e sair incólume. E no que concerne ao lado Heisenberg de sua vida, apesar de sua experiência com Tuco, Walt fez um acordo. Infelizmente, Walt não sabe ouvir Jesse e mais uma vez mete os dois em encrenca.

Nesse episódio, *Breaking Bad* mais uma vez leva o espectador a um lugar sem memória; só que, em vez do deserto, estamos num ferro-velho cercado por torres de carros detonados e corroídos pela ferrugem. O problema desses espaços esquecidos é que a privacidade que eles dão vêm com um lado negro: ali, tudo pode acontecer. Walt achou que estava sendo suave e esperto ao optar por um local abandonado para encontrar Tuco, mas aprende do

jeito mais complicado que não sabe de porcaria alguma. Espaços públicos são mais seguros para reuniões do narcotráfico.

Até o momento, Jesse tem sido pouco mais que um cara metido a traficante. Na primeira reunião no ferro-velho, porém, ele demonstra mais coragem que Walt. Jesse sabe exatamente o que Tuco é, por experiência própria: “um palhaço, um pirado, um maluco assassino”. Walt ainda não se deu conta disso tudo, mas logo vai entender. Aliás, Jesse reunir-se com Tuco depois de sofrer tanta brutalidade exige muito culhão, e prova que ele não é o medíocre que achamos que fosse no início da temporada.



(IZUMI HASEGAWA/PR PHOTOS)

A ganância de Walt começa a se elevar. Ele nunca se satisfaz, fazendo promessas que não tem como cumprir e sempre pedindo mais. Ele quer o gozo de viver perigosamente, sem perceber a verdade que há na afirmação. Os planos de Walt exigem que eles gastem a maior parte do dinheiro que ganharam para reequipar o motor-home, e claro que Walt convence Jesse – com um misto de discursos sobre desprezo, estilo “o primeiro dia do resto da sua vida” – a fazer todo o serviço mais perigoso, que é achar e comprar os produtos que precisam. Walt quer mais, mas não quer correr nenhum risco. Na verdade, Walt provavelmente conseguiria adquirir os equipamentos que eles precisam mais rápido e facilmente que Jesse, mas dessa forma ele não corre nenhum dos riscos que há em sair às compras. Além disso, se alguma coisa der errado, ele pode culpar Jesse. Para Walt, ter quem culpar é muito importante, e esse alguém nunca pode ser ele mesmo. Por fim, contudo, Walt tem que correr um grande risco junto a Jesse. E, apesar de voltar a utilizar muito bem seu conhecimento de química, Walt revela suas fraquezas ao descobrir que uma loja de produtos químicos não contém produtos em galão. Diante do inesperado, Walt improvisa – mal – reclamando o tempo todo com Jesse e esquecendo que a melhor maneira de levar um barril é rolando-o de lado.

Walt não é o único que está tendo ilusões megalomaniacas e curtindo viver fora da lei. É o que vemos no presente exagerado de Marie no chá de bebê, o qual ela roubou de uma loja chique. Quando Skyler a defronta, Marie nega, nega e nega novamente, e chega a tentar virar a mesa culpando Sky pela devolução. É a mesma coisa de antes: Marie precisa de atenção; ela queria dar o melhor presente da festa, assim fazendo o dia ser mais dela do que de Skyler e do bebê. Confira a atuação da própria Skyler, que é rápida e eficiente em mentir e não se encrencar na loja onde tentou devolver o “presente” de Marie. No fim das contas, Sky talvez seja melhor mentirosa e manipuladora do que o próprio Walt.

No chá de bebê, Walt e Hank têm uma conversa interessante perto da piscina, para tomar distância da mulherada em casa.



Enquanto Hank fuma um charuto cubano ilegal, os homens discutem o que devia e o que não devia ser proibido. A conversa de Walt aqui é outro exemplo de como ele gosta de flautear seus segredos com Hank.

Mais uma vez o público ganha cenas de humor fantásticas. Elas não acontecem só no roubo de Jesse e Walt, mas também durante o processo subsequente de destilação no porão de Jesse, enquanto sua corretora está abrindo a casa para visitas. É claro que Gilligan & Cia. entendem a necessidade do humor no seriado – sem isso, seria tenebroso demais. Seria insuportável lidar com a marcha de Walt à devassidão moral sem algum alívio da repugnância e do sangue. No entanto, o texto brilhante e o timing perfeito das atuações nos dão a dose certa de riso e leveza, mais aquele toque extra de humanidade que faz *Breaking Bad* ser tão viciante (com o perdão da palavra). Por fim, contudo, o espectador é lembrado do que realmente está acontecendo quando Walt e Jesse voltam ao espaço esquecido do ferro-velho na presença de um monstro. Um comentário fortuito de um dos capangas, Gonzo (Cesar Garcia, que teve papel em *Drive* [2011] e participações especiais em episódios de *Criminal Minds* e *Weeds*), deixa Tuco enraivecido, e o resultado é tão sanguinolento e aterrorizante que Jesse e Walt só conseguem ficar atônitos e assistir. Encerramos a temporada com o rosto de Walt, e está claro em sua expressão que ele finalmente, *finalmente*, começou a perceber em que negócio ele se meteu.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

JESSE: “Isso aí, Sr. White! Que foda, ciência!”

### **PERCEBEU?**

- O cartaz “Meth = Death” [Metanfetamina = Morte] atrás do policial na reunião de pais e mestres.
- O rosto de Hank quando Sky abre o presente de Marie é revelador. Ele percebe na hora que a tiara foi roubada.

- Veja como Walt e Sky estão estranhamente normais, no sofá, quando conversam sobre o fim de semana.

### **GRAVANDO!**

- O longo plano do poste no porão de Jesse, onde Krazy-8 foi acorrentado e morreu, é mais um exemplo de usar tomadas relativamente longas de objetos para dotá-los de significado e importância narrativa.
- A técnica do filme dentro do filme utilizada no chá de bebê é muito legal, e dá ao espectador outra visão de por que todo mundo gosta de Walt. A mensagem que ele deixa à filha ainda não nascida é tocante e revela o que há de melhor nele enquanto personagem. Também nos lembra o uso da mesma técnica no piloto, quando Walt gravou sua confissão fajuta.
- O close que Junior faz no decote é hilário. Também é um toque engraçadinho e realista do que acontece quando se coloca a câmera de vídeo na mão de um adolescente de 16 anos.

**TITULAÇÃO** O título (“A No-Rough-Stuff-Type Deal” [“Um Tipo de Negócio Sem Pegar Pesado”]) faz referência ao filme *Fargo* (1996), dos irmãos Coen. No filme, um homem arma o sequestro da esposa no que deveria ser “um negócio tipo sem pegar pesado” em que dá tudo errado. Assim como Walt, o personagem de *Fargo* não sabe no que se meteu até ser tarde demais.

**MÚSICA** Enquanto Walt e Jesse observam horrorizados a partida violenta de Tuco, ouvimos “Who’s Gonna Save My Soul” (“Quem Irá Salvar Minha Alma”), de Gnarls Barkley, acompanhamento perfeito para o final.

### **INGREDIENTES ESPECIAIS**

#### **TERMITA COM TELA MÁGICA**

Para arrombar o depósito de produtos químicos, Walt e Jesse (com máscaras de esqui com pompons) vão precisar abrir um cadeado reforçado. Então Walt usa o pozinho da Tela Mágica. Dá mesmo para fazer isso com um brinquedo de criança? Bom, a química é uma coisa curiosa.

Se você abrir o brinquedo e tirar o pó de alumínio que recobre a tela, terá metade dos ingredientes que precisa para fazer uma reação termita. Agora você só precisa de um óxido de metal (pode ser até ferrugem, já que em termos químicos a ferrugem é uma variedade de óxido de ferro) e uma fonte de calor. A reação termita em si não é explosiva, mas consegue criar temperaturas bem altas em volta de uma área pequena; temperaturas altas o bastante para soldar metal sem solda. Walt e Jesse utilizam um maçarico como fonte de calor para iniciar a reação e assim se inicia o grande assalto.

### **METANFETAMINA NEM SEMPRE FOI PROIBIDA**

Então aí está uma droga que faz tão mal que você fica com lesões na pele, perde os dentes, tem insônia extrema, alucinações, paranoia e morre. Todavia, como discutem os compadres durante o chá de bebê nesse episódio, a metanfetamina era liberada, mesmo que só com prescrição médica, até o início dos anos 1980. Durante a Segunda Guerra Mundial, tanto as forças Aliadas quanto as do Eixo distribuíam metanfetamina aos soldados, e isso indubitavelmente gerou muitos viciados. (Não começou na Segunda Guerra – milhares de soldados da Guerra da Secessão chegaram em casa viciados em drogas fortes, como a morfina, utilizada para tratar a dor. Geralmente, acrescentava-se ópio aos ditos remédios da época.) Um efeito colateral do uso de metanfetamina é o estado de alerta aguçado, o que levou à distribuição de milhões de tabletes a equipes em tanques, pilotos de aviões e infantaria.

Depois da Segunda Guerra, a metanfetamina começou a ser prescrita por médicos nos EUA para o tratamento de narcolepsia, doença de Parkinson, depressão e alcoolismo. (Isso aí: troque o nariz de pinguço pela boca de cristal. Isso que é melhorar de

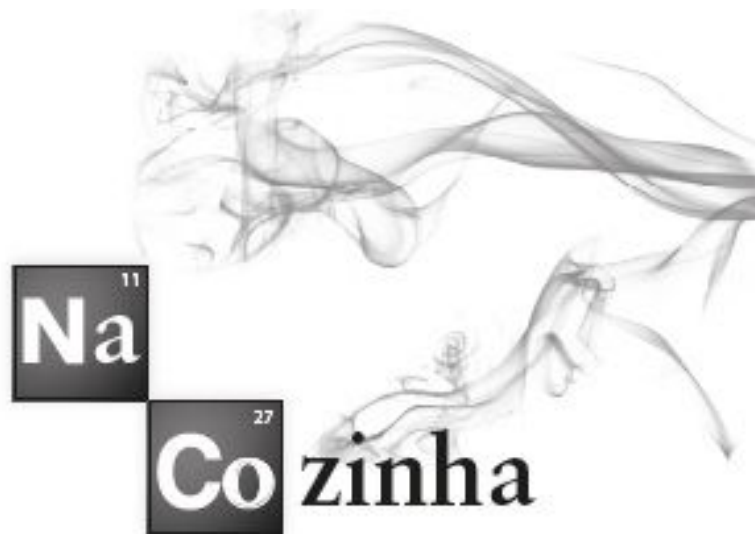
vida!) O uso medicinal da metanfetamina foi gradativamente proibido nos EUA, embora ela ainda seja receitada sobretudo para tratamento de transtorno de déficit de atenção e obesidade. Na tentativa de acabar com a fabricação clandestina da droga, em 1983 foram promulgadas novas leis no país para proibir a posse de equipamento e ingredientes para sua fabricação. Depois da promulgação da Lei Federal de Combate à Epidemia de Metanfetamina, em 2005, foram impostos limites rigorosos à compra dos principais ingredientes da droga: efedrina e pseudoefedrina. Medicamentos que contenham esses ingredientes precisam ficar atrás do balcão da farmácia para diminuir os roubos. Essas leis tiveram impacto na produção doméstica de metanfetamina, embora *Breaking Bad* mostre que a fabricação e a distribuição da droga continuam desenfreadas.



**O VÍCIO MATA**  
(PRIMEIRA TEMPORADA)

**MORTOS**  
Walt: 2 (Emílo e Krazy-8)

**FERIDOS**  
Jesse: (por Krazy-8 e Tuco)  
Gonzo: (por Tuco)



## **WALTER WHITE E O ANTI-HERÓI**

Tanto os fãs quanto os críticos chamam Walter White de “anti-herói”. Contudo, o que o termo quer dizer? Qual é sua origem? Seria isso – um protagonista que desperta simpatia nos espectadores, mesmo que faça coisas repulsivas e malignas – que Walt é? E, se for, por que um personagem que fez coisas tão horríveis faz tanto sucesso entre os espectadores?

Antes que possamos discutir significativamente o anti-herói (o personagem que bagunça o coreto da narrativa usual), precisamos entender umas coisinhas básicas. Segundo a tradição, toda história têm um *protagonista* e um *antagonista*. O termo *protagonista* vem da palavra grega “*protagonistés*”, que significa “ator-chefe”. Seria o personagem central à trama, e é com esse personagem que se pretende que o público tenha maior identificação. O conflito da história surge a partir da interação negativa entre o protagonista e o antagonista (do grego

*antagonists*, que significa “oponente” ou “rival”). O antagonista geralmente é uma pessoa que se opõe ao protagonista, mas também pode ser uma força da natureza, não humana, que o protagonista tem que enfrentar e vencer, como em *Tubarão* (*Jaws*, 1975). É tradicional que o protagonista possua qualidades de herói, como ser corajoso e moralmente bom, enquanto o antagonista é mais vilanesco, demonstrando características como falsidade e crueldade. Em termos bem simples, pense no humor de Bullwinkle J. Moose (protagonista) às voltas com os planos nefastos do espião pottsylvaniaiano e malfeitor profissional Boris Badenov (antagonista).

Um *anti-herói* é um protagonista a quem faltam essas qualidades do herói. O termo já foi refinado para poder incluir protagonistas que demonstram qualidades normalmente ligadas a vilões, como ganância e violência, assim como os que possuem qualidades não heroicas, como egoísmo e covardia. Vale para a nossa discussão que os anti-heróis devem lograr ou descumprir a lei para alcançar as metas que percebem como nobres. Embora o termo date de 1714, são encontrados personagens que se encaixam na definição do anti-herói muito antes. Shylock, no *Mercador de Veneza* (aprox. 1596) de Shakespeare, é um exemplo, assim como Lúcifer no *Paraíso Perdido* (1667) de Milton. Também montam sua barraca no campo anti-herói: Raskolnikov, de *Crime e Castigo* (1866) de Dostoiévski, e Severo Snape, na série *Harry Potter* de J. K. Rowling. E não deixemos de lado as anti-heroínas como Becky Sharp em *Vaidade e Beleza* (1847), de Thackeray, e Scarlett O’Hara em *E o Vento Levou* (1936), de Mitchell.

Na televisão, os anti-heróis nunca tiveram tanto sucesso quanto hoje. Muitos destes tinham envolvimento com a lei, tradicionalmente retratada como uma das ocupações mais heroicas. Vic Mackey (*The Shield*) está muito distante do Xerife Andy Taylor (*The Andy Griffith Show*) e do Tenente Theo Kojak (*Kojak*). É claro que os anti-heróis da televisão aparecem em outras profissões que não a polícia, como a publicidade (Don Draper em *Mad Men*), “gerenciamento de dejetos” (Tony Soprano

em *Família Soprano*), analista forense especialista em dispersão de sangue (Dexter Morgan em *Dexter*) e gerente de clube de motociclistas (Jax Teller em *Sons of Anarchy*). Então como é que um pacato professor de química torna-se um dos maiores anti-heróis de todos os tempos? Afinal de contas, os índices de audiência de *Breaking Bad* subiram a cada temporada e o último episódio bateu recordes. Fora isso, três dos principais atores do seriado (Cranston, Gunn e Paul) foram honrados com prêmios Emmy e o seriado em si levou para casa o Emmy de “Melhor Série Dramática” na premiação de 2013. Em 2014, o seriado não ficou atrás. Levando em conta os últimos oito episódios da quinta e última temporada, os três principais atores do seriado ganharam novamente o Emmy individual e *Breaking Bad* foi premiado também na categoria de “Melhor Roteiro em Série Dramática”, além de receber pelo segundo ano consecutivo o prêmio de “Melhor Série Dramática”. Não tenha dúvida de que Walter White faz sucesso. Todavia, por que as aventuras de um chefão do crime e manipulador-mor rendem um programa que “você tem que assistir”?

Pode-se dizer que anti-heróis ganharam mais destaque na nossa sociedade conforme foi ficando mais conflituosa, e nos EUA pós-11 de setembro o anti-herói de TV pegou a audiência de jeito. Diante desse argumento, parece que não confiamos mais no cavaleiro de armadura reluzente – como diz a banda The Who, não vamos nos iludir de novo (*get fooled again*). Passamos por muitas traições reais nas mãos daqueles que têm altos cargos no governo, no clero, no escotismo e nos esportes para ficarmos à vontade com histórias simplistas de bonzinho e malvado. Vivemos num mundo de tons de cinza e estamos mais à vontade com mensagens morais conflituosas. Em certo sentido, o debate herói ou anti-herói é a infinita discussão sobre Batman e Superman. Superman é bom, confiável e sincero, e fará de tudo para não matar ninguém, enquanto Batman tem uma instabilidade psicológica em razão do trauma de infância e pode ou não recorrer à violência para resolver um problema imediato. Ainda assim, muitos preferem o Cavaleiro das Trevas e sua violência ao Filho de Krypton e sua



nobreza. Contudo, tanto no caso de Batman quanto no de Superman, os personagens são *heróis* – ou seja, fazem o que é certo e lutam do lado do bem, por mais que seus métodos difiram. Anti-heróis não são tão restritos e geralmente agem por motivos puramente egoístas.

Em *Breaking Bad*, temos algo novo: chegamos a ver a transformação do cara normal em anti-herói imortal. Não resta dúvida de que Walter White é um anti-herói. Ele persiste como protagonista de *Breaking Bad* ao longo de todo o seriado, mas suas qualidades decididamente não são heroicas. As escolhas de Walt podem não ser as mesmas que nós faríamos, mas os fatores que o conduzem a cruzar várias fronteiras da moralidade são fatos que entendemos muito bem: emprego medíocre, contas de hospital se acumulando, dívidas no cartão de crédito e uma crise de meia-idade ativada no momento em que ele se pergunta “o que eu fiz da minha vida?” e não gosta da resposta. Assim que são apresentados ao espectador, Tony Soprano já é mafioso e Dexter Morgan já é sociopata, mas Walter White é simplesmente um zé-ninguém e transforma-se em monstro diante dos nossos olhos.

Como sabem os espectadores, Walter inicia sua jornada como uma figura patética: o químico brilhante que mal fecha as contas no fim do mês, destrutado no emprego como professor colegial de química. Seu salário não é suficiente para tirar sua família da primeira casa que ele e a esposa compraram, há 16 anos, e eles têm cada vez mais dívidas. Walt vê-se como um fracasso enquanto arrimo, mas não consegue ver outra forma de viver – até que recebe o diagnóstico de câncer de pulmão. Estranhamente ele se vê liberto da vida monótona depois de receber a notícia horrível, e começa a sua jornada de personagem desconsiderável a “Heisenberg” – o implacável chefe das drogas. De início ele justifica sua incursão na metanfetamina afirmando que quer deixar a família financeiramente segura para quando o câncer matá-lo, mas a desculpa bate na trave. No início, Walt precisa de Jesse como guia. Walt sempre teve uma vida certinha e ordenada, entende de química, mas admite que não conhece o negócio. Ele

logo começa a achar que superou a necessidade que tinha de Jesse como guia.

A insistência de Walt em pensar que todas as suas atitudes ilegais foram tomadas em prol de sua família ecoa o dito “Dilema de Heinz”, proposto pelo psicólogo Lawrence Kohlberg. O Dilema de Heinz trata de ética e moralidade ao pedir aos estudantes para especular sobre o seguinte: Heinz tem uma esposa muito doente e que ama muito. Apenas um farmacêutico possui a droga que pode curá-la e esse farmacêutico cobra um preço exorbitante pela droga. Heinz não tem como pagar para adquirir a droga e o farmacêutico recusa-se a diminuir o preço. Desesperado, Heinz arromba a farmácia e rouba a droga. A pergunta é: Heinz estava certo em agir dessa forma? É muito similar à justificativa que Walt inventa para fabricar drogas: ele quer deixar a família segura. Walt, contudo, não é a encarnação de Heinz. No Dilema, o marido só está preocupado com a saúde da esposa; não está nem aí para a lisura de seu roubo. Walt não quer só fazer um monte de metanfetamina para soltar nas ruas, mesmo que Jesse ressalte que eles estão fazendo veneno e que os fregueses não estão nem aí se o barato deles foi ou não feito num ambiente de assepsia total. A ênfase de Walt no profissionalismo é evidência de seu orgulho. O orgulho é uma das maiores qualidades do anti-herói e, certamente, uma das características determinantes de Walt. Além disso, Heinz toma uma atitude única e desesperada. Walt toma uma, depois outra, depois outra, depois outra, até deixar de ser reconhecido por todos ao seu redor.

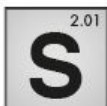
É aí que está o apelo de Walt. Vince Gilligan criou um personagem que faz coisas tenebrosas – envenenar uma criança, matar um homem simplesmente por lhe dizer a verdade e ficar parado assistindo a uma garota morrer – e ainda assim assistimos com toda atenção. As escolhas anti-heroicas de Walt não são as nossas, mas vemos sua trajetória e quase a compreendemos; afinal de contas, todo mundo tem seu limite. Até que ponto um homem pode ir antes que o desrespeito à lei pareça viável? E, da mesma forma, até onde o homem se dispõe a chegar depois desse limite? No caso de Walt, ele não faz uma fornada de

metanfetamina. Ele toma atitudes cada vez mais sombrias, uma e mais outra e mais outra e mais outra, encavando-se cada vez mais fundo e corroendo quase todos que esbarram na penumbra de malignidade, incluindo Combo, Tomás, Victor e Andrea. Embora ele talvez não tenha intenção ativa das coisas horríveis que acontecem por causa de sua mudança de carreira, isso não lhe traz redenção alguma – se você não quer o efeito, não seja a causa. A recusa absoluta de Walt a reconhecer as consequências de suas ações é uma fraqueza deplorável – comparável a *Sons of Anarchy*, onde Jax Teller fere e mata quem o desafia ou ameaça sua família, mas sempre o faz com desgosto. Ele apenas reconhece que, sim, ele fez o que fez e faria de novo. A Walt falta até essa honestidade.



**GUIA DE EPISÓDIOS**  
SEGUNDA TEMPORADA

**2**



## even Thirty-Seven

**Data de exibição original:** 8 de março de 2009

**Roteiro:** J. Roberts

**Direção:** Bryan Cranston

“Eles têm estudo, mas não têm a manha das ruas.” — Hank Schrader

*As coisas vão de mal a pior nos negócios de Walt e Jesse com Tuco. Skyler começa a se cansar do comportamento de Walt.*

A segunda temporada de *Breaking Bad* começa exatamente onde a primeira parou: no espaço esquecido do ferro-velho, onde Tuco se revelou um psicopata violento e perigoso, capaz de voltar-se contra seu próprio pessoal num piscar de olhos. Walt começa a entender com quem ele insistiu em fazer negócios, mas revela ignorância irremovível, quase proposital, ao achar que conseguirá se aposentar das drogas em 11 semanas. A arrogância e o desdém de Walt pelos outros tomam a frente nesse episódio. Ele acredita que a formação universitária torna-o mais inteligente e mais capaz que qualquer um a seu redor, quando na verdade ele costuma complicar tudo mais que o necessário. Lembre-se do roubo da metilamina na última temporada, quando Walt veio com um plano complexo para roubar os barris da substância inacessível, usou termita de maneira criativa... mas não considerou câmeras de segurança e ainda carregou os barris pesados de pé, ao invés de rolá-los.

O plano de Walt de usar ricina para matar Tuco é outro exemplo de como sua arrogância atrapalha tudo. Nem ele nem Jesse têm familiaridade com armas de fogo, e o plano maluco baseia-se na percepção que Walt tem de Tuco como “degenerado” e levará de

48 a 72 horas para funcionar. Só que está prestes a sair pela culatra, considerando a inclinação de Tuco por medidas violentas e diretas. Walt julgar que a única opção deles é matar Tuco é uma decisão extremamente suspeita. Afinal, Walt tinha vários caminhos para tomar: podia ir à polícia ou ao DEA, por exemplo. No entanto, seriam opções com consequências que Walt não gosta. Para ele, homicídio virou uma solução mais viável e aceitável para os problemas que tem.

Há também a cena perturbadora na cozinha, quando Walt abusa sexualmente de Skyler. Este é um sintoma da depravação do próprio Walt, de sua necessidade de paixão física degradingolar em violência; embora Skyler diga claramente “não”, Walt recusa-se a ouvir. Ele sabe o que quer e quer agora. O fato de Skyler estar grávida dá mais um toque de terror à cena. A casa dos White está se tornando cada vez menos um refúgio, dado que Walt traz cada vez mais da violência de sua outra vida com ele, machucando aqueles que ama e destruindo seu lar aos poucos. O que Walt supostamente faz pelo bem da família na prática a destrói. É nesse episódio que Skyler finalmente desaba, não conseguindo mais manter o silêncio sobre o câncer, a mudança de comportamento do marido, a gravidez inesperada e a aparente cleptomania de Marie. O interessante é que ela escolhe confiar tudo a Hank, de forma abrupta e raivosa, e é ele que dá um consolo sincero, mesmo que desajeitado. Mais uma vez, Hank está presente para a família de Walt enquanto Walt está ausente.

A nova tolerância de Walt à violência vem acompanhada de um terror igualmente recém-descoberto que acompanha cada um de seus passos e acaba com seu sono. As precauções que ele tem para proteger a família são ridículas, e sua disposição a abandonar Jesse para se arranjar sozinho é mais um sinal que diz muito, pois situa Jesse na categoria de pessoas que Walt vê como totalmente descartáveis. A verdade é que Walt não está nem aí para Jesse. Aliás, começamos a nos perguntar se Walt se importa com alguma pessoa que não ele mesmo. Ele diz que sim, mas as escolhas que faz dizem outra coisa. O tom tenebroso do episódio felizmente é rompido por um traço de humor negro que vem, sobretudo, de

Hank, tanto durante o colapso de Sky quanto na cena do crime no ferro-velho, onde os corpos de No-Doze (o ator e dublê Jesus Jr.) e Gonzo são descobertos depois de um acidente bizarro. A investigação de Hank também rende humor mais sutil quando Walt, Jesse e Tuco tornam-se vítimas de um mal-entendido que soa como uma farsa tenebrosa de *I Love Lucy* e de conclusões apressadas que os levam a pensar o pior.



(JOHN HALE)

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

JESSE: "Óleo de rícino?"

### **PERCEBEU?**

- Walt tira o "chapéu Heisenberg" antes de conversar com Skyler, quem sabe tentando deixar sua outra vida de lado. Ao tirar o chapéu para entrar em casa, Walt tenta separar seus dois selfs. O problema é que Heisenberg não é o chapéu; Heisenberg é Walt.
- Walt Jr. chega depois de Walt abusar de Skyler e percebe a mancha do creme facial dela na porta da geladeira. Essa



cena rápida enfatiza a situação de Junior como pessoa alheia, afetada em termos dramáticos pelo o que acontece com seus pais, a quem é negado o conhecimento do que acontece de fato; é incapaz de mudar a situação ou mesmo de preparar-se para qualquer mudança por vir. Essa condição de Walt Jr. é enfatizada várias vezes ao longo do seriado.

- A casa de Marie e Hank é maior, mais moderna e mais limpa que a de Walt e Skyler. Marie e Hank têm empregos relativamente bons e não têm filhos. O contraste sutil com a casa e a situação financeira de Walt e Skyler é revelador e faz parte da recusa ativa de Walt em pedir ajuda a Hank.
- Um tique da personagem de Marie aparece na cena da cozinha, quando ela faz uma disposição precisa de pacotes de adoçantes: ela alinha todos no balcão, rasga exatamente do mesmo jeito, em sequência, da direita para a esquerda, e dobra todos perfeitamente juntos. Tudo isso enquanto fala sem parar e um jazz de elevador toca ao fundo. Veja que essa rotina vai se repetir.
- O zumbido nos ouvidos de Walt enquanto está em frente à TV, chocado, lembra o zumbido durante a consulta com o médico na primeira temporada.
- Apesar da opinião que Walt tem dele, Jesse está muito mais a par do mundo em que os dois passaram a viver. Quando Walt diz para ele correr, Jesse já está preparado e com o dinheiro numa sacola de ginástica. Para ele não tem essa de enfiar coisas na tubulação de ar.
- As habilidades detetivescas de Hank voltam a se sobressair quando, apesar de chegar atrasado à cena do crime, é ele quem descobre exatamente o que aconteceu com Gonzo e No-Doze no ferro-velho.
- O carro tunado de Jesse parece bonito, mas é fraco. O lustre é totalmente externo.

**PRECIPITAÇÕES** Walt diz a Jesse que a KGB usou ricina em ponta de guarda-chuva “nos anos vinte”. Só que ele está totalmente

errado: veja mais adiante a história do assassinato de Georgi Markov, que aconteceu em 1978. Fora isso, a KGB só passou a existir como tal em 1954. Nos anos 1920, as agências de inteligência/segurança doméstica da URSS foram a Cheka (1917-1922), a NKVD (1922-1946), a GPU (1922-1923) e a OGPU (1923-1924).

### **GRAVANDO!**

- O uso da cor neste episódio deve ser sublinhado. Começa pelo rosa-shocking do ursinho semitostado na piscina dos White, uma cor discordante em meio aos tons de cinza da pré-creditos e que dá maior significância ao brinquedo de pelúcia destruído. A atenção à cor segue na loção verde no rosto de Skyler, que começa em outro plano longo e significativo, do pote que lembra um plano parecido com o do presente de Walt a Elliott em "Gray Matter", da primeira temporada. A cor prossegue ao longo do abuso sexual, quando a máscara de Sky fica parcialmente borrada na porta da geladeira e depois é vista por Walter Jr., e retomada na cena seguinte, que abre com Jesse na Dog House comendo um guacamole com a mesma cor e textura do creme facial de Skyler.
- Quando Walt solta o chapéu de Heisenberg no carro, o chapéu é visto com uma perspectiva embaçada e forçada – quando um objeto fica extremamente perto da câmera, ele parece maior do que realmente é – enquanto a casa, Walt e Skyler parecem muito pequenos.
- O plano de Skyler aplicando loção à barriga superpronunciada dá outra camada de brutalidade à investida subsequente de Walt.
- A câmera subjetiva do pote de guacamole para a cabeça de Jesse, que fica entre as pontas do letreiro "Dog House", é bem escolhida. Ela também nos lembra de que Jesse está agindo fora de sua zona de conforto, sua casa, e ainda por cima está fazendo algo errado – é a situação que se

resume na expressão do inglês “*in the doghouse*” [na casinha do cachorro].

**TITULAÇÃO** “Seven Thirty-Seven” (“Sete Três Sete”) é referência exata à quantia que Walt calcula que precisa tirar da metanfetamina para manter sua família após sua morte: US\$ 737 mil. Também dá início a uma sequência de títulos ao longo da segunda temporada, prenunciados pelas pré-créditos em preto e branco que contam uma longa história em uma frase. Começa aqui: “Sete Três Sete...”.

**CURIOSIDADES** Bryan Cranston estreia na direção de *Breaking Bad* com esse episódio.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **DA SEMENTE DE MAMONA À RICINA**

Será que o plano de Walt de criar ricina a partir de sementes de mamona e usá-la como veneno para eliminar Tuco daria certo? É possível que sim, mas a ricina é uma substância tão traiçoeira que Walt e Jesse teriam que ter muito cuidado para não se envenenarem. A mamona é uma planta ornamental que consegue chegar a até quatro metros e meio com mínimos cuidados. Também é altamente resistente a pragas, o que deveria torná-la uma planta ideal para paisagismo. Contudo, ela produz sementes (não são bem “feijões”) que podem atrair crianças e serem nocivas para elas. Se você vai dar um presente de casa nova, de repente um cacto seja melhor.

O óleo que sai da mamona é um dos mais importantes e mais utilizados entre os óleos vegetais industriais. O óleo de mamona ou óleo de rícino é utilizado normalmente em tintas e vernizes. Ele se comporta bem em altas temperaturas e é utilizado como lubrificante em motores de corrida de alta performance. Também é um ingrediente básico na fabricação do nylon. Se tomado via oral, o óleo de rícino age como laxante e pode ser utilizado topicamente para aliviar cólicas e dor nas articulações.

A ricina não ocorre no óleo da mamona, então não se preocupe. Ela é um subproduto do processo de extração e é encontrada no bagaço que sobra depois que se extrai o óleo. É um veneno particularmente sórdido, fatal para os humanos em doses *bem* pequenas. Um único miligrama já é mortal se ingerido, e metade disso pode matar um adulto se for injetada. (O contato tópico – na pele ou nos olhos – é perigoso, mas normalmente não é fatal.) A ricina desativa os ribossomos que fazem a síntese de proteína nas células. O interessante é que, ao atacar as estruturas celulares responsáveis pela síntese de proteínas, a ricina já foi proposta como uma “bala mágica” para o tratamento do câncer – basta encontrar um jeito de fazer a ricina só atacar as células de câncer malignas. No momento isso é um grande “se”, e Walt não está interessado no veneno por conta das pesquisas. Ele só quer refinar a ricina a partir das sementes e usá-la como ferramenta letal.

Aliás, a morte por ricina é horrível. Os primeiros sintomas (tosse, febre e dor de estômago) surgem entre três e doze horas após o contato. A inalação de ricina pode causar danos aos pulmões, incluindo fluido e inchaço do tecido desses órgãos. Se a ricina for digerida, a vítima terá vômitos e diarreia sangrenta e persistente, em conjunto com desidratação. A vítima provavelmente morrerá em até cinco dias após o contato. Não existe antídoto conhecido para envenenamento por ricina.

### **O ASSASSINATO DE GEORGI MARKOV COM A PONTA DO GUARDA-CHUVA**

Por ser um veneno letal e de ação lenta, já se especulou que a ricina seja a arma perfeita para assassinatos: pode ser aplicada à vítima e deixa tempo de sobra para o assassino fugir antes que os sintomas se evidenciem. Aliás, um dos incidentes mais famosos (e não solucionados oficialmente) da Guerra Fria envolveu ricina e uma trama saída dos romances de espionagem.

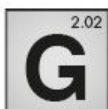
Georgi Markov era um romancista e dramaturgo búlgaro. Ele escapou do regime comunista da Bulgária e desertou para o Ocidente em 1969. Acabou se estabelecendo em Londres, onde trabalhou como jornalista de rádio e TV para diversas

organizações, incluindo o BBC World Service, a Radio Free Europe e a Deutsche Welle alemã. Georgi Markov utilizou esses fóruns para criticar ferozmente o regime búlgaro, principalmente Todor Zhivkov, que era o chefe do estado comunista.

Em 7 de setembro de 1978 (também aniversário de Zhivkov), Markov foi a uma parada de ônibus pegar a condução para seu trabalho na BBC. De repente ele sentiu uma ferroadada, como se houvesse sido mordido por um inseto, atrás da coxa direita. Olhou para trás e viu um homem pegando um guarda-chuva do chão. O homem rapidamente atravessou a rua, pegou um táxi e foi embora. Nunca foi devidamente identificado.

Quando Markov chegou à BBC, tinha uma pequena marca vermelha no ponto da ferroadada. Naquela noite ele teve febre e foi internado num hospital de Londres. Morreu três dias depois. A autópsia mostrou que a causa da morte era envenenamento por ricina. A ricina havia sido depositada numa pastilha e injetada em Markov pelo “guarda-chuva”. Cuidadosamente projetada para garantir que o veneno entrasse no corpo de Markov e não ficasse somente na pele, a pastilha tinha dois microfuros revestidos por uma substância que derreteria em contato com o calor do corpo humano. Assim que a pastilha foi injetada, o revestimento se derreteu e a ricina se espalhou pela corrente sanguínea de Markov. Mesmo que os médicos que trataram Markov soubessem do plano, eles não tinham o que fazer. O destino de Markov estava selado quando sentiu a picada do guarda-chuva na parada de ônibus.

Há fortes evidências de que a KGB soviética armou o assassinato para silenciar o dissidente. Um cidadão italiano de nome Francesco Gullino foi indicado como principal suspeito no assassinato de Markov, mas ninguém foi acusado formalmente.



## rilled

**Data de exibição original:** 15 de março de 2009

**Roteiro:** George Mastras

**Direção:** Charles Haid

“Gosto de fazer negócios com homens de família. Sempre tem garantia de sobra.” — Tuco Salamanca

*Walt e Jesse tentam sobreviver à “hospitalidade” de Tuco. A busca de Hank por Walt transforma-se numa busca por Jesse.*

A cobiça de Walt e sua recusa em ouvir os alertas de Jesse quase levam os dois à morte nesse episódio. Além disso, a rede de armações e mentiras de Walt, que já era tênue, começa a se desmontar e afetar seriamente sua família. A montagem de Skyler e Marie distribuindo cartazes dá uma sensação de urgência e frustração, pois elas não conseguem avançar. A tensão ainda latente entre Sky e Marie não ajuda – ainda mais porque, na cabeça de Marie, se ela continuar negando que roubou a tiara, em algum momento todos irão acreditar e o problema irá sumir.

Enquanto isso, de volta ao sítio (no deserto), a estupidez de Walt e a insanidade de Tuco quase criam a tempestade perfeita. O esquema superespertíssimo de matar Tuco com ricina cai totalmente por terra, e Walt e Jesse só saem vivos por pura sorte. Durante essas estripulias, “Grilled” apresenta-nos Héctor Salamanca, o “Tio”, interpretado pelo fantástico Mark Margolis (veterano do cinema que já andou por tudo que é filme: *O Lutador* [*The Wrestler*, 2008], *Cisne Negro* [*Black Swan*, 2010], *Réquiem para um Sonho* [*Requiem for a Dream*, 2000], *Um Tiro para Andy Warhol* [*I Shot Andy Warhol*, 1996], *Ace Ventura: um Detetive*

*Diferente* [*Ace Ventura: Pet Detective*, 1994] e *Scarface* [1983]). Héctor passa o episódio inteiro sem dizer uma palavra, mas o uso que Margolis faz da respiração e de uma gama bem delimitada de movimentos e expressões faciais transmite tudo com clareza e eloquência. São poucos os atores nesse mundo que conseguem transmitir ódio só com um olhar, e é o que Margolis faz. É claro que o público, assim como Walt e Jesse, não tem ideia de quem Tio seja, fora que Tuco é seu sobrinho – e Gilligan & Cia. tiram todo proveito possível da situação. Tio é apresentado como algo próximo de um vegetal; só que em *Breaking Bad* as aparências tendem a enganar, e talvez ele seja o cara mais esperto em cena.



(BILLY BENNIGHT/PR PHOTOS)

O realismo de *Breaking Bad* ganha primeiro plano no último ato do episódio. Tuco é um cara grande e forte que passou o dia cheirando cristal puro, e ainda assim sofre como o inferno quando leva um tiro. Não tem aqueles grunhidos normais de drama policial e filmes de ação; Tuco *berra* de dor. O tiroteio final entre Hank e Tuco – enquanto Walt e Jesse estão encolhidos no deserto, apavorados por poderem ser descobertos – também tem sua parte nessa variante de realismo. Os dois são homens que entendem de armas de fogo, e sabem muito bem que uma bala não está nem aí para o destinatário. A primeira troca de tiros é insana, os dois tentam encher o ar de chumbo e manter o outro abaixado, quem sabe dando um tiro de sorte. É só quando Hank respira fundo, prepara-se com calma e dá um tiro com mira que a batalha chega ao fim. É um momento potente, e filmado de forma sublime. O sistema hidráulico no carro tunado de Jesse desliga. O carro finalmente para de pular, e tudo fica em silêncio quando Hank se aproxima do homem que matou. Então soa o sino do Tio, forte e puro, lembrando-nos de que existem mais Salamancas por aí.

## QUÍMICA ANALÍTICA

### ALTA VALÊNCIA

WALT: "Ah, então minha vida não é a prioridade nesse negócio, já que eu vou morrer logo?"

JESSE: "Hã... *óbvio, né!*"

### PERCEBEU?

- O nome completo de Walt é Walter Hartwell White.
- Hank alfineta uma foto de Tuco no quadro do DEA sobre a "cabeça" de um alvo humano em silhueta, o que indica que ele é objeto central do caso. Numa belíssima justaposição, Hank mata Tuco atirando na cabeça dele ao final do episódio. O costume de Hank de prender uma foto sobre a "cabeça" de um alvo humano em silhueta voltará a aparecer em outros episódios.



- Confira o detalhismo das informações de Skyler quando ela conversa com o detetive. Ela sempre tenta ser organizada e não deixar ponto sem nó, mas não consegue pensar em absolutamente tudo.
- Os cartazes de desaparecido com o rosto de Walt fazem um belo eco da foto de Tuco quando Hank a cola no escritório do DEA.
- Hank e Marie têm um diálogo não verbal hilariante em torno de Sky quando Marie revela a preocupação de Hank com o segundo celular. Betsy Brandt e Dean Norris fazem o diálogo com perfeição, e retratam de forma realista o “idioma” idiossincrático que surge entre pessoas que têm um relacionamento de longa data.

### **GRAVANDO!**

- A pré-créditos desse episódio é o que chamamos de cena “o princípio é o fim” de Gilligan & Cia., quando o espectador é atormentado com vislumbres de uma situação sem ter pistas suficientes para entender o que se passa, detalhes que só são apresentados ao final do episódio. A audiência já passou por isso na primeira temporada, em “Crazy Handful of Nothin’”, quando Walt-Heisenberg está saindo do prédio explodido durante a pré-créditos.
- O deserto mais uma vez é cenário, o que suscita no espectador uma sensação de perigo e criminalidade quase imediata. O interessante é que os planos longos dos detritos de habitação humana fazem a região parecer mais deserta, não menos. Essas miudezas falam de fracasso, de vidas abandonadas e esquecidas. Nenhum desses objetos tem significado nem memória, apesar de serem exatamente o tipo de objeto que deveria ter ambos. Nada de bom pode acontecer para quem fica nesse lugar.
- O uso de cortes rápidos, closes e planos sob e ao redor do carro pululante é muito bem feito, servindo para atirar o espectador que vê o carro aos pedaços e de repente identifica que é o carro de Jesse, com a placa metida de

“Cap’n Cook” e o vislumbre do que pode ser um corpo do outro lado.

- Enquanto se aproxima do Aztek de Walt para conferir pistas, o rosto de Hank é refletido no para-choque. Gilligan & Cia. brincam com reflexos de tempos em tempos, e gostam da ideia de Hank e Walt serem espelhos um do outro.
- O áudio é muito importante nesse episódio, especialmente o rangido do sistema hidráulico no carro de Jesse e o sino de Tio.

**TITULAÇÃO** “Grilled” (“Acuado”) faz referência a interrogatórios, particularmente o interrogatório de Tuco a Walt e Jesse em comparação com o interrogatório de Hank à mãe de Jesse. Também é uma referência ao ornamento dentário de Tuco.

### **CURIOSIDADES**

- O *grill* de Tuco (vamos supor que não era platina de verdade) foi revestido com acrílico e presenteado a Raymond Cruz pela atuação brilhante.
- Durante o tiroteio na casa de Tuco, a impressão que se tem é de que tanto Hank quanto Tuco são péssimos de mira. Contudo, com a adrenalina bombando dos dois lados, é assim que se dá a maioria das trocas de tiros. Estima-se que haja milhares de disparos para cada pessoa morta em combate durante uma guerra. Ao contrário dos filmes, é difícil fazer a cabeça funcionar quando tem gente atirando em você, independentemente de quem você é.

### **INGREDIENTES ESPECIAIS**

#### **TECNOLOGIA LOJACK**

Hank utiliza o sistema LoJack instalado no Monte Carlo de Jesse para rastreá-lo até o deserto. Embora colocar um sistema de rastreamento caro num Monte Carlo do final dos anos 1980 possa parecer bobo, o roubo de carros é um grande mercado nos EUA e

os carros preferidos dos ladrões não são os que você imagina. Embora os modelos novos, caros e espalhafatosos também possam ser alvo, os três carros mais roubados no país são o Honda Accord 1994, o Honda Civic 1995 e o Toyota Camry 1991. Os três fazem sucesso nos rachas e são anteriores às tecnologias modernas antirroubo, como microchips que impedem que uma chave copiada seja utilizada para ativar o carro. (Além disso, Jesse gastou uma nota preta naquele sistema hidráulico.)

A LoJack (o contrário de "*hijack*", que significa roubar carro) foi fundada no final dos anos 1970 com uma ideia muito simples. Em vez de instalar um alarme para alertar o dono do carro e afugentar o ladrão, o sistema ajuda a recuperar o carro roubado. Funciona a partir de um pequeno transceptor escondido no carro que é ativado quando se registra o roubo. Aí a polícia acompanha o sinal de rádio silencioso para localizar e recuperar o veículo.

### **OS CARTÉIS CONTRA AS FORÇAS DA LEI E O EXÉRCITO NO MÉXICO**

Quando Felipe Calderón foi eleito presidente do México, com uma margem minúscula de votos em 2006, sua prioridade máxima foi colocar os cartéis do narcotráfico do país sob controle. Para realizar a ambiciosa meta, ele dependeu fortemente do Exército Mexicano, que se acredita ser menos corrupto que as forças policiais locais e nacionais. Os resultados são, no mínimo, diversos.

Os cartéis são altamente organizados e têm muita grana. Entre eles estão a organização Sinaloa (ou Cartel do Pacífico, ou Cartel do Triângulo Dourado), que funciona nos estados mexicanos do sul e já foi relacionado a superlaboratórios de metanfetamina. O cartel é comandado por Joaquín Guzmán Loera (também conhecido como "El Chapo", ou "Baixinho") cuja fortuna estimada é de US\$ 1 bilhão. Guzmán é aliado a Ismael Zambada García, e eles são tratados pelas forças antidrogas como os dois maiores chefões do tráfico no país.

Já houve tiroteios, decapitações e torturas para aterrorizar a população mexicana e deixar entendido que, quando você entra no narcotráfico, sua vida inteira vai ser lá dentro. Infelizmente, a

reação das forças armadas mexicanas não é das mais excepcionais. Quase um quarto do exército está envolvido na violência que ainda consome o México. Só em 2008, mais de seis mil mexicanos morreram em razão da violência relacionada às drogas. (É difícil encontrar números precisos, pois muita gente tem o costume de sumir.) As polícias estaduais e federal, assim como o Exército Mexicano, já descobriram valas comuns gigantes preenchidas pelos cartéis.

### **SUPERLABORATÓRIOS MEXICANOS**

Dá para ganhar muito dinheiro no comércio de metanfetamina – por isso que Walt entrou nessa, afinal. No início de 2012, o Exército Mexicano fez uma apreensão sem precedentes: 15 toneladas de metanfetamina pura, com valor estimado nas ruas de US\$ 4 bilhões, numa só batida. Foi o equivalente a metade de todas as apreensões da droga no mundo todo em 2009. Embora, evidentemente, o México não seja o único lugar onde se encontram esses superlaboratórios, grandes apreensões da droga e de seus componentes são absurdamente comuns por lá. Em dezembro de 2011, por exemplo, as autoridades mexicanas apreenderam 675 toneladas de metilamina que estava indo para a Guatemala.

O interessante, contudo, é que a metanfetamina produzida nos superlaboratórios mexicanos e na América Central costuma ser de qualidade inferior à metanfetamina produzida nos EUA. O diretor da Força-Tarefa Metanfetamina e Farmacêuticos do Tennessee, Tom Farmer, ressalta que a maior parte da droga nos EUA é feita com pseudoefedrina, que é proibida no México e restrita nos EUA. A pseudoefedrina dá um barato mais potente na metanfetamina, o que torna a droga dos EUA a “marca preferencial” entre os usuários.



## **it by a Dead Bee**

**Data de exibição original:** 22 de março de 2009

**Roteiro:** Peter Gould

**Direção:** Terry McDonough

“E o que foi que mudou, Jesse?” — Walter White

*Walt, Jesse e Hank lidam com as consequências do último encontro com Tuco. As mentiras de Walt ganham tamanho e complexidade, mas Skyler não engole mais.*

Então: como explicar dois dias de sumiço à sua família sem revelar que você passou esses dias como prisioneiro de um narcotraficante psicótico que foi morto pelo seu cunhado porque você resolveu que ser fabricante de metanfetamina era uma boa ideia? Se você for Walt, não explica nada, só aumenta a marcha da mentira. O problema é que a grande mentira de Walt acaba sendo contada a gente que não é tão ingênua quanto ele quer que seja, e, como sempre, a coisa não acaba como ele queria. Anna Gunn está singular nesse episódio, mostrando uma Skyler desesperada para acreditar no marido, mas cada vez mais incrédula por causa do tamanho das inconsistências.

“Bit by a Dead Bee” também inicia um arco importante para um personagem querido dos fãs: Hank. Apesar de toda fanfarronice, Hank demonstra sinais de remorso pela morte de Tuco. Tuco era um bandido, um criminoso, um psicopata, e foi quem atirou primeiro, sem dar chance para Hank se defender. Hank sabe de tudo isso, mas não lhe basta. Gilligan & Cia. não vacilam na realidade que existe para a maioria das pessoas do mundo: não interessa o quanto você tenha se preparado, é difícil conviver com

a ideia de que você matou outro ser humano. E devia ser mesmo. A interpretação de Dean Norris tem sido nuançada desde o princípio do seriado, mas ele começa mesmo a brilhar quando Hank tenta lidar com o fato de ter matado alguém, mesmo que tenha agido em legítima defesa.



(DONNA WARD/PR PHOTOS)

E Walt? Walt também não está com a vida fácil, mas é melhor na invenção de justificativas. Emílio foi legítima defesa, assim como Krazy-8... bom, mais ou menos. Quanto a Tuco, Walt acabou não tendo que matá-lo, embora estivesse disposto. Assim como faz em todo episódio, Bryan Cranston mostra uma maestria que é de tirar o fôlego. Sem a atuação de Cranston, Walt logo iria virar uma criatura previsível. É o ator que segue elaborando um personagem complexo e completo: embora fiquemos tão irritados com ele pelas decisões que toma, não paramos de torcer para que ele comece a decidir melhor. Walt é desprezível em muitos sentidos, e ainda mais conforme o progresso do seriado, mas também é dolorosamente humano.

De qualquer forma, as coisas estão começando a esquentar para todos os personagens. Walt descobre que não há mesmo como voltar para casa depois de alguns de seus atos, não importa a justificativa que tenha. Jesse agora está na mira do DEA – e de Hank. Skyler vê o marido pirar e a família desmoronar, mas não sabe qual é o motivo. E Hank está passando por momentos de trevas no meio da madrugada, tentando entender a si mesmo. Parafraseando o grande poeta irlandês Yeats, o mundo se despedaça e os centros não se sustentam.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

JESSE: “Você ainda quer cozinhar... *sério?*”

### **PERCEBEU?**

- Jesse e Badger (Matt Jones, que já apareceu em *Community*, *Reno 911!* e *How I Met Your Mother*) ainda não se deram conta de que a melhor maneira de transportar um barril é rolando-o.
- Há vários enquadramentos em que aparece o quadro na parede do quarto do hospital de Walt, a pintura de um homem remando e deixando a família à margem. Metáfora, será?
- A cena em que Walt olha para Skyler e Walter Jr. enquanto eles se confortam é de partir o coração, e é brilhante o posicionamento de Walt fora do círculo familiar, olhando para o outro lado. É a posição que ele escolheu para si.
- O pai de Jesse não vai buscá-lo depois que o DEA o solta. A relação deteriorada de Jesse com os pais vai revelar-se significativa.
- Hank ainda está conferindo o vídeo da câmera de segurança que captou o roubo do depósito de produtos químicos. Ele é obstinado.

### **GRAVANDO!**

- A câmera subjetiva do fundo do buraco é o que abre o episódio, quando Walt e Jesse enterram a arma de Tuco, metáfora visual para o fato de que eles seguem enterrando-se cada vez mais fundo nesse mundo novo e perigoso.
- Vale a pena conferir os movimentos de câmera quando Jesse e Walt saem caminhando à procura da rodovia. A câmera fica cada vez mais distante, transmitindo ao espectador tanto a sensação do deserto vasto quanto das silhuetas minúsculas que ali estão. Aí, de repente, a câmera fixa no nível do chão, ou um pouco abaixo, e Walt e Jesse viram fundo, imensos, mas fora de foco, ainda perdidos apesar de próximos.
- O uso da cor no quarto de hotel de Wendy é um elemento recorrente, e faz o quarto dela parecer irreal, submerso, talvez até isolado da luz e da vida ásperas lá de fora.
- A fotografia time-lapse do deserto e do céu é utilizada com bons efeitos para denotar as horas que passam.

**TITULAÇÃO** O título “Bit By a Dead Bee” (“Picado por uma Abelha Morta”) vem do famoso filme de Howard Hawks *Uma Aventura na Martinica* (*To Have and Have Not*, 1944). O filme é mais conhecido por ser o primeiro encontro entre Humphrey Bogart e Lauren Bacall, mas não é esta a chave para o título do episódio. O personagem de Walter Brennan, Eddie, sai perguntando às pessoas a primeira frase de uma piada: “Você já foi picado por uma abelha morta?” A piada só se completa quando ele conhece “Slim” (Bacall) e explica a ela: “Se estiver descalça, você tem que se cuidar com as abelhas mortas. Se pisar, elas soltam o ferrão do mesmo jeito que quando estavam vivas, principalmente se estavam meio piradas quando morreram. Aposto que já fui picado umas cem vezes desse jeito”. Krazy-8 e Tuco continuam picando Walt e Jesse, mesmo depois de mortos.

**MÚSICA** Enquanto Walt espera o ônibus para ser levado de volta ao hospital a música é “Waiting Around to Die” (“À Espera da



Morte”), da banda Be Good Tanyas, o que espelha a situação de Walt esperando que o câncer o mate.

**CURIOSIDADES** Fãs de *Buffy: A Caça-Vampiros* (*Buffy: The Vampire-Slayer*) irão reconhecer Harry Groener, psicólogo de Walt nesse episódio, mas mais famoso como Richard Wilkins, o prefeito de Sunnydale.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **FUGAS E FUGAS DISSOCIATIVAS**

Vamos começar pelo significado de “fuga” em termos musicais. Embora existam diversas variações, numa fuga a rigor há a instauração de um tema, que depois é repetido em outro tom por uma segunda voz, depois por uma terceira. O importante é a variação de vozes na mesma obra.

No mundo da psiquiatria, um estado de fuga é um transtorno dissociativo. Para fazer a relação com as fugas musicais, é como se outra voz estivesse cantando a música da pessoa num tom diferente do original. É uma coisa bastante rara, mas é mais comum em pessoas que passaram por traumas (como veteranos de guerra) ou desastres naturais. Há o caso documentado de um homem que foi veterano do Vietnã. Ele caminhou entre as Torres Gêmeas minutos antes de o primeiro avião as atingir em 11 de setembro, teve um estado de fuga e sumiu de seu escritório de advocacia no Condado de Westchester, Nova York. Seis meses depois, ele foi encontrado com outro nome num abrigo para sem-teto em Chicago, sem memória de quem era ou de como havia chegado lá.

Um estado de fuga pode durar algumas horas ou até meses, e não costuma ser diagnosticado até a pessoa ressurgir dele e lembrar-se de sua identidade. O estado de fuga dissociativo não é a amnésia, que é associada a danos a partes específicas do cérebro – não há causa física conhecida. Ativada por um evento traumático na vida, a pessoa adentra o estado de fuga e, por algum motivo, não consegue recuperar memórias ligadas ao fato –

como se o cérebro estivesse protegendo a vítima de uma realidade traumática demais para se compreender. Felizmente, quando a pessoa emerge do estado de fuga, ela consegue acessar de novo essas memórias “perdidas”, embora as memórias de fatos que aconteceram durante a fuga possam continuar sendo um mistério. O estado de fuga é uma situação desconcertante e, de fato, aterrorizante. Contudo, ainda é prova de que o cérebro humano é tanto exemplo de beleza incomparável quanto tão louquinho como uma gaiola de esquilos.

### **GRILLS OU ORNAMENTOS DENTÁRIOS**

Uma das características que mais distinguem Tuco é o seu “*grill*” de platina, que acaba virando um bloco de acrílico e souvenir macabro. *Grills* (ou “*grillz*”) são implantes dentários ornamentais geralmente feitos com metais caros, como ouro e platina, embora também se utilize prata. Eles costumam ser feitos sob medida para se encaixar firme nos dentes e são facilmente removíveis. Embora a odontologia cosmética seja uma prática antiga (os maias ricos enfiavam pedacinhos de jade nos dentes), em tempos modernos a moda pegou mesmo com a ascensão do hip-hop. Eddie Plein costuma levar o crédito de vanguarda da tendência, quando criou simples capas de ouro para músicos como Flavor Flav e Big Daddy Kane nos anos 1980. Aos poucos as criações de Plein ficaram mais complexas, geralmente incorporando pedras preciosas. Murray Forman, professor da Northeastern University especializado no estudo de hip-hop, propõe que a ostentação de riqueza sugerida pelos *grills* mais elaborados é símbolo evidente do sucesso financeiro.

O *grill* caro de Tuco é, portanto, marca de seu status como rei da metanfetamina bem conectado aos cartéis da distribuição em Albuquerque. Sua transformação em souvenir lembra antigos troféus de guerra, como cabeças mumificadas, que eram símbolos visíveis do poder, da proeza e da potência de quem as possuía.



## **own**

**Data de exibição original:** 29 de março de 2009

**Roteiro:** Sam Catlin

**Direção:** John Dahl

“Por que você é assim? Por quê?” — Sra. Pinkman

*A vida de Jesse passa por uma transformação repentina e veloz. Walt descobre que não tem tanto controle sobre as pessoas quanto achava.*

Assim como “Cancer Man”, na primeira temporada, “Down” enfoca as famílias. Desta vez, porém, trata sobre como as famílias podem se destruir. Os pais de Jesse têm papel significativo no episódio, pois finalmente chegaram ao limite. Mais uma vez, ficamos tentados a ver o Sr. e a Sra. Pinkman como babacas insensíveis que deixam o filho sem teto para salvar a própria pele. No entanto, a coisa não é tão simples. Jesse é viciado, e é viciado há muitos anos. No início do episódio ele está falido, mas, quando é despejado de casa, o espectador vê uma caixa cheia de maconha e uma pilha de cristal ou coca num espelho ao pé da cama. As contas de que Jesse fala com desespero a Walt na primeira cena começam a parecer mais fantasia que realidade. O vício por drogas não afeta somente o usuário, mas todos à sua volta, e o viciado manipula, trapaceia, rouba e abusa de todo relacionamento que ele tiver para alimentar o vício. Gilligan & Cia. sabem muito bem disso, e as atitudes dos pais de Jesse são as de um casal que viveu anos com um filho viciado – e que por isso decidiram que, se não se livrarem de Jesse e de seu vício, ele vai levá-los consigo até o fundo do poço.

Os espectadores simpatizam com Jesse porque sabem que no fundo é um bom garoto, mas também fica evidente que ele é o responsável pela sua situação. A casa em que mora não é e nunca foi dele. Apesar de tudo que diz, fica aquela dúvida se Jesse realmente cuidou e quanto cuidou da tia quando ela estava convalescente do câncer. Nas 72 horas entre ser notificado do despejo e realmente ser despejado, ele não faz absolutamente nada para resolver a situação. Por fim, ele arma um laboratório para produzir a base de metanfetamina cristal no porão, e, assim, como ressalta o advogado dos seus pais, arrisca que o terreno, a casa e tudo que está lá seja confiscado pela polícia federal. Jesse ferrou tudo de forma absurda e agora encara as consequências dos seus atos.

O pior desse processo é que Jesse cada vez mais percebe que está sozinho. Alguns de seus amigos formaram família, e entende-se por que não iam querer um *junkie* sem-teto pela casa. Outros amigos podem festejar com ele, mas não permanecem com ele depois que a festa acaba. No início do episódio vemos Jesse sendo gentil à saudação do mendigo na frente da loja de conveniências, e ao longo do episódio o público observa ele chegar cada vez mais próximo de acompanhar o homem na calçada. Jesse chega ao fundo do poço, e é uma jornada dolorosa de se ver. É uma jornada, todavia, bastante realista.

Enquanto isso, a vida de Walt está em voo livre sem radar. Suas mentiras estão com as pernas cada vez mais curtas, e ele não consegue ficar de boca fechada. Skyler está *quase* convencida, *quase* disposta a confiar nele... e aí Walt volta a querer explicar o segundo celular. Ele acredita que é um mestre da manipulação, quando na verdade é um péssimo mentiroso. Esperar que Skyler acredite que ele não sabia operar um celular é ridículo, mais que uma ofensa. Sky não aceita as coisas de qualquer jeito, e dá a Walt uma dose de seu próprio remédio ao provar que só existe uma pessoa que entende o que é ser passivo-agressivo no lar White – e não é Walt.

Contudo, o maior problema de Walt nesse episódio é sua total incapacidade de ouvir os outros. Jesse tenta várias vezes fazer

Walt entender que seus problemas não só são gigantes, como também afetam os dois. Walter Jr. tenta fazer o pai entender que sua paralisia cerebral dificulta demais dirigir com um pé ao invés de dois, mas Walt não lhe dá ouvidos, insistindo que as pernas do filho funcionam bem (mas não funcionam). Por fim, Walt não ouve Skyler quando ela vem defrontá-lo quanto a tudo que se passa e dá a ele a oportunidade de se entregar, contando a verdade. Ele não aproveita a oportunidade, pois acredita que Skyler não vai fazer nada, apesar de todas as evidências do contrário. Walt recusa-se a ouvir, pois seu orgulho de conseguir controlar tudo e todos à sua volta não deixa. É somente a investida louca de Jesse, quando chega às vias de fato, que consegue quebrar essa concha.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

SKYLER: "Tá bom, Walt, então fala. Cala a boca e diz alguma coisa que não seja *merda!*"

### **PERCEBEU?**

- O nome completo de Jesse é Jesse Bruce Pinkman.
- Os últimos itens na fileira de saquinhos de pistas na pré-créditos são óculos que parecem os de Walt.
- Foi a visita de Hank à mãe de Jesse que provocou a concatenação de fatos que termina no despejo do rapaz.
- Quem roubou a scooter de Jesse conseguiu quebrar o cadeado que Krazy-8 não conseguiu.
- Depois que Walt finalmente divide o dinheiro com Jesse, o primeiro fica com o excedente. Pelo jeito, não é uma sociedade igualitária.
- Metanfetamina não é a única coisa que Walt cozinha. Nesse episódio, ele prepara omeletes "ao estilo Natal do Novo México" (com pimentões verdes e vermelhos) de café da manhã para "Flynn", o novo nome que Walt Jr. vem experimentando. Depois da briga com Jesse, ele pergunta ao sócio, que acabou de chamar de "viciado patético", se

quer café da manhã. Negociações de paz começam com ovos.

- O olhar de desgosto que a moça do estacionamento dirige a Skyler grávida quando ela acende um cigarro dá um toque de realismo à cena.

### **GRAVANDO!**

- Esta é a segunda abertura em preto e branco da temporada, que se amarra com a abertura de "Seven Thirty-Seven".
- A pré-créditos em preto e branco é o elemento de maior estilo no episódio. Mais uma vez, o único pontinho de cor é o rosa-shocking do ursinho de pelúcia queimado na piscina. Só que dessa vez tem-se a sensação de ficar de cabeça para baixo na água, e tudo está mais confuso. Essa sequência traz um pouco mais de informação ao espectador que a primeira, mas ainda persiste uma imensa dose de mistério.
- Depois da peleja, Jesse e Walt caem exaustos no chão do motor-home de um ponto de vista bem acima de onde ficaria o teto real do carro. É mais um dos plongées que *Breaking Bad* utiliza várias vezes.
- O episódio começa e termina em frente à mesma loja de conveniência. Gilligan & Cia. utilizam essa estrutura circular com frequência.

**TITULAÇÃO** Os títulos estão se encaixando: "Seven Thirty-Seven... Down..." (Sete Três Sete... Caído...). Gilligan & Cia. terminarão a frase ao longo da temporada.

### **CURIOSIDADES**

- O mendigo na loja de conveniências chama Jesse de "Capitão América". Parece uma coisa despropositada, mas tanto o Capitão quanto seu alter ego, Steve Rogers, dirigiam uma motocicleta. O vínculo entre Jesse na scooter

e o Capitão de moto talvez não seja tão louco quanto parece.

- Walt fica jocoso e pasmo ao descobrir que nem Junior nem Skyler sabem quem é “Boz” Scaggs. Para quem também ficou boiando, William Royce “Boz” Scaggs talvez seja mais conhecido pelo tempo que passou de guitarrista e às vezes vocalista da Steve Miller Band. Seus maiores sucessos solo foram os álbuns *Silk Degrees* (1976) e *Middle Man* (1980). Em 2003, ele lançou *But Beautiful*, uma coleção de clássicos de jazz que estreou em primeiro lugar na parada do gênero. Scaggs ainda faz turnês, além de ser dono de um vinhedo e vinícola no Vale de Napa, Califórnia.
- O nome da antiga banda de Jesse é Twaüghthammër. O vídeo de “Fallacies” [Falácias] da Twaüghthammër virou webisódio e está na internet e na caixa de DVDs da segunda temporada.
- A resposta dos fãs às várias cenas em que Junior toma café da manhã foi transformar aquilo em obsessão. Existem jogos de bebida e de videogames, memes de internet e diversas piadas em torno do fato de Junior sempre aparecer tomando café da manhã e raramente fazer outra refeição.



## **MARIE E A COR PÚRPURA**

Não, não o livro de Alice Walker. Púrpura é uma cor que há muito tempo é associada à riqueza e à nobreza – o corante que deixava o tecido púrpura era absurdamente caro, por isso era reservado aos ricos e poderosos. Poucas vezes viu-se uma personagem tão amarrada a uma cor específica como Marie Schrader, que costuma aparecer vestida em tons de púrpura que vão do lavanda ao royal. No website da canal AMC dedicado a *Breaking Bad*, Marie tem até uma postagem de blog sobre sua paixão pelo púrpura. Se alguém se arriscasse a sublinhar a preferência óbvia que ela tem por uma cor conectada a luxo e riqueza, Marie provavelmente a ficaria

encarando. É óbvio que ela gosta de estar perto dessas coisas! Marie gosta do que é raro e difícil, por isso que púrpura vira sua escolha natural. Enquanto Marie se dá ares de nobre (ou quem sabe delirar um pouquinho), ela sabe do que gosta. E o que ela gosta é de púrpura. Além de seu guarda-roupas, o púrpura está ligado a Marie de outras formas. Por exemplo:

- Em "Sunset" (3.06), quando Marie liga para Hank, vemos vários realces em púrpura na cozinha.
- Em "One Minute" (3.07), Hank fez compras para Marie e leva uma sacola de presentes púrpura e um buquê de flores (algumas delas púrpuras), enroladas em papel púrpura.
- Em "Box Cutter" (4.01), o quarto principal da casa de Hank e Marie é decorado em púrpura, incluindo os lençóis.
- Em "Thirty-Eight Snub" (4.02), um entregador chega à porta da casa de Hank e Marie de uniforme púrpura.
- Em "Open House" (4.03), as sacolas de compras reutilizáveis de Marie são púrpuras.
- Em "Rabid Dog" (5.12), até as malas de Marie são púrpuras.

Já que Gilligan & Cia. tiveram tanto cuidado em associar Marie a essa cor, é interessante ver um episódio posterior em que Hank coloca um porta-retratos dos Schrader na sua mesa com uma foto na qual Marie está vestida de amarelo sobre um fundo de flores amarelas – a cor complementar de púrpura.





## **reakage**

**Data de exibição original:** 5 de abril de 2009

**Roteiro:** Moira Walley-Beckett

**Direção:** Johan Renck

“Você precisa de mim mais do que eu preciso de você... *Walt.*” —  
Jesse Pinkman

*Walt e Jesse repensam seu plano de negócios. Jesse encontra uma nova casa para morar, e Walt tenta descobrir como lidar com Skyler.*

A insanidade já foi definida como fazer a mesma coisa várias vezes e torcer que o resultado seja diferente. A incursão inicial de Walt e Jesse na fabricação de metanfetamina levou Walt a matar duas pessoas, Jesse a tornar-se cúmplice *ante factum* e *post factum*, além de estragos sanguinolentos na casa de Jesse. A segunda tentativa levou a uma renda considerável. Também os levou a serem raptados e quase mortos por um chefe das drogas psicótico com sorriso platinado. Depois de cada uma dessas desventuras, tanto Walt quanto Jesse juraram que não iam cozinhar mais, mas acabaram descobrindo que não tinham opção senão voltar àquilo para cumprir as necessidades financeiras. Dessa vez não é diferente. A quimioterapia de Walt custa US\$ 4.400 a cada visita. Como metade do que eles faturavam foi apreendido pelo DEA, Jesse e Walt estão falidos. É por isso que voltam ao deserto. Porque dessa vez a coisa vai ser diferente. Não vai?

As mentiras e o orgulho de Walt estão lhe custando tanto quanto o câncer. Tendo dito a Elliott e Gretchen que seu plano de

saúde cobre os tratamentos, e tendo garantido a Skyler que Gretchen e Elliott estão pagando as contas, Walt ficou com a corda no pescoço. Para se entregar, ele teria de admitir que precisa de ajuda, que tem mentido para todo mundo, e que tem pagado tudo. Mesmo assim, nesse momento ele teria como sair do mundo das drogas com prejuízo mínimo. Contudo, seu orgulho não permite, e talvez ainda exista aí uma dose de vergonha. Walt é um assassino, e não importa o quanto justifique o que faz, ele mudou. Ele passou de homem pacífico a pessoa capaz de tomar atitudes violentas em legítima defesa, e depois a pessoa disposta a premeditar homicídio. Independentemente de admitir para si ou não, Walt não é mais apenas Walter White: marido, pai e professor – também é Heisenberg: fabricante de drogas, assassino e mentiroso.

Uma das coisas mais fascinantes nessa conjuntura é o contraste entre a nova postura de Walt e a de Hank. Apesar de sempre metido a Billy Fodão, agente do DEA, Hank está claramente abalado depois de ter matado Tuco. No entanto, ele também mente para todos à sua volta, recusando-se a admitir qualquer sinal de “fraqueza”, e fica cada vez mais convencido e mais disposto com seus maneirismos quando está com outros. Todavia, ele não consegue tirar os olhos do lembrete macabro do que fez: o *grill* ou ornamento dental de Tuco, em seu cubo de acrílico. Ele até tenta cobri-lo repetidamente, mas aquele sorriso sarcástico não desaparece. Hank não sabe explicar a Marie por que tirou licença no trabalho, ou por que acorda com barulhos no meio da noite, suando e com a arma instantaneamente à mão. É óbvio que ele não considera contar a alguém sobre os ataques de ansiedade repentinos e desnorteantes que tem tido. Hank acredita que admitir isso seria mostrar uma fraqueza muito não masculina, e, por isso, inaceitável. Ele está desesperado para manter tudo encoberto, “ser macho” e superar sozinho. “Breakage” é importante por vários motivos, mas o paralelismo entre Walt e Hank é um dos maiores. Em certo sentido, por mais que estranho, eles se veem em situações similares e estão lidando com elas de forma quase idêntica. Todavia, são homens diferentes e, apesar

do que o espectador é levado a crer, é Hank quem tem mais dificuldade em lidar com a violência com a qual se depara.

Jesse também está adentrando um território novo, tanto em termos literais quanto figurativos. A entrada da grana que veio de Walt permitiu que ele achasse um lugar para morar, e até começou a tomar jeito e assumir responsabilidades. Ele quer pagar ao primo de Badger tudo que deve pelo motor-home, demonstrando a preocupação em ser um "homem de palavra". Ao organizar seus amigos para serem vendedores de rua da "Blue Magic", despacha regras contra qualquer coisa que aconteça na casa, e fronteiras bem delimitadas para o novo esquema de distribuição, com ele como o cabeça. Parece que Jesse está com tudo, até que Skinny Pete (Charles Baker, conhecido por seus papéis no thriller *Espinhos* [*Splinter*, 2008], e *Amor Pleno* [*To the Wonder*, 2012], de Terrence Malick) é assaltado. Ao saber disso, Walt exige que Jesse se torne alguém como Tuco, chegando a lhe dar uma arma e a quase dizer para encontrar e matar os viciados que roubaram o produto. Enquanto Walt repreende, desmerece e envergonha Jesse até este pensar que é obrigado a agir, o espectador está ciente de que o próprio Walt não faria o que está pedindo a Jesse. Walt está disposto a ver homicídios, desde que outra pessoa cumpra o dever. Ao tentar ser o perverso Heisenberg, Walt revela-se, no fundo, um covarde que prefere que outros matem por ele, e que não quer ter nada a ver com o lado comercial da coisa até achar que Jesse não está fazendo do jeito certo. Walt está de teimosia. Como sempre.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

SKYLER: "Acho que eu fumei num estado de fuga."

### **PERCEBEU?**

- O trajeto dos homens na pré-créditos não é claro. O espectador presume que estão vindo do México para os EUA, mas considerando a distância a que Hank joga o *grill*

no acrílico no final do episódio, pode ser que eles estejam tomando outro rumo: dos EUA para o México.

- A cadeira vazia durante a quimioterapia de Walt, na qual Skyler costuma sentar-se, sublinha sua ausência e a situação conturbada em casa.
- O novo carro de Jesse – um Toyota Tercel detonado – é um rebaixamento vertiginoso em relação ao “Cap’n Cook-móvel”.
- Jesse não sabe mesmo quem é Jesse Jackson.
- A fala de Jesse a Walt sobre a divisão de trabalho (citada parcialmente no início desse capítulo) é a primeira vez que ele chama Walt pelo primeiro nome, ao invés de “Sr. White”.
- O nome da cerveja artesanal de Hank é “Schraderbräu”.
- Diferentemente de Walt, quando Marie é finalmente encurralada por Skyler, ela admite que roubou a tiara e pede desculpas à irmã. Marie prefere admitir um ato vergonhoso a perder a família. É uma atitude essencialmente diferente da de Walt.

### **GRAVANDO!**

- Esse episódio tem movimentos de câmera incríveis, a começar pela pré-créditos com ponto de vista na linha d’água, e os dois homens cruzando o rio.
- O close fechado no soro da quimio de Walt misturando-se ao seu sangue é um exemplo de tomada que *Breaking Bad* usará muito. O seriado gosta de abrir com essas perspectivas: perto, longe, em cima e embaixo.
- Há vários planos longos de objetos, que servem para imbuir significado às coisas e conduzir a história visualmente: a cadeira vazia na clínica de quimio, a longa conta de Walt sendo impressa e o *grill* de Tuco na mesa de Hank.
- A fotografia time-lapse é outra técnica usada muito bem e com tanta frequência que vira marca do seriado. Nesse caso ela aparece durante a quimio de Walt, enquanto Jesse

e Walt cozinham, e enquanto Jesse e sua trupe vendem metanfetamina. Quando bem usada, como acontece em *Breaking Bad*, a time-lapse é uma forma bem eficiente de mostrar a passagem do tempo, fazendo uma montagem veloz que comprime eventos narrativos.

- Durante a sequência de venda de metanfetamina, a iluminação ganha uma matiz esverdeada e enjoativa similar, mas mais difusa que o verde no quarto de Wendy no Palácio do Cristal.
- O close nos tubos da máquina de cerveja artesanal de Hank é um belo plano de transição, e subverte muito bem a expectativa do espectador de que os tubos signifiquem mais uma cena de fabricação de drogas.
- A câmera subjetiva em plongée que mostra Jesse colocando salgadinhos numa tigela é uma inversão da câmera subjetiva em contra-plongée à qual o seriado se associou.
- Esse episódio começa e termina com os homens no rio, uma moldura circular para a trama e outra marca de Gilligan & Cia.

**TITULAÇÃO** Jesse explica que *breakage*, a “margem de perda”, é algo que faz parte do negócio, uma espécie de baixa inevitável que uma empresa geralmente se permite. Se você vende esculturas de vidro frágeis, por exemplo, algumas vão quebrar antes da venda. Contudo, a “margem de perda” também pode significar um lucro inesperado que se ganha quando um indivíduo ou empresa não consegue amortizar o dinheiro que já gastou. Quando você compra um cartão-presente mas não o usa, há uma margem de perda positiva para quem o emitiu.

**MÚSICA** A música que toca durante a montagem rápida do tráfico é “Peanut Vendor” (“Vendedor de Amendoim”), de Alvin “Red” Tyler, que dá um ritmo legal para a edição em time-lapse, e cria um vínculo interessante entre vender metanfetamina e vender qualquer outro tipo de produto.

## **CURIOSIDADES**

- “Breakage” é a primeira aparição da vizinha de Jesse, Jane Margolis, interpretada por Krysten Ritter (cujos outros papéis incluem *Ela é Demais pra Mim* [*She’s Out of My League*, 2010], *Jogo de Amor em Las Vegas* [*What Happens in Vegas*, 2008], *Os Delírios de Consumo de Becky Bloom* [*Confessions of a Shopaholic*, 2009] e *Gilmore Girls*).
- Esse episódio foi “dedicado a nosso amigo Kim Manners”. Vince Gilligan e Manners trabalharam juntos em *Arquivo X* de 1997 a 2002, e Manners foi coprodutor executivo de 2000 a 2002, época em que Gilligan era produtor executivo do seriado. Manners morreu de câncer de pulmão em Los Angeles, em 25 de janeiro de 2009.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **ATAQUES DE ANSIEDADE E ATAQUES DE PÂNICO**

Hank passa por nervosismo extremo após matar Tuco, a ponto de sofrer ataques de pânico. Embora nervosismo seja algo normal no ser humano, pode tornar-se uma doença quando a tensão chegar ao nível do excessivo ou do incontrolável. A tensão é caracterizada pela preocupação; o pânico é caracterizado pelo medo. Ataques de pânico costumam começar repentinamente e com alto nível de intensidade; aliás, muita gente que tem ataques de pânico pela primeira vez confunde os sintomas com os de um ataque cardíaco.

Quem já passou por um ataque de pânico costuma descrever como a experiência mais perturbadora que já teve na vida. Os sintomas de um ataque de pânico incluem dores no peito, hiperventilação, tontura, falta de visão periférica e uma vontade louca de fugir. O interessante é que embora a pessoa que passa pelo ataque de pânico pense que seu corpo está se desfazendo, na verdade o corpo está se protegendo do que identifica como um risco. O fato de que não existe perigo iminente não interessa nem um pouquinho para o sistema nervoso parassimpático, que

bombeia adrenalina (epinefrina) no corpo para que ele tenha energia para lutar ou fugir. Isso, por sua vez, leva a um ritmo cardíaco acelerado (taquicardia) e respiração apressada (hiperventilação) enquanto o corpo se prepara para o confronto ou para a fuga. A liberação de tanta adrenalina diminui o fluxo de sangue para a cabeça, o que provoca tonturas e a sensação de vertigem.

Existe tratamento eficaz para ataques de pânico. Os inibidores seletivos de recaptção de serotonina (Paroxetina, Prozac, Zoloft) e as benzodiazepinas (Rivotril, Diazepam, Frontal) são os medicamentos mais receitados; contudo, o tratamento de longo prazo mais eficiente envolve terapia cognitivo-comportamental ("conversas"), com exercícios para a respiração que reequilibram os níveis de oxigênio e dióxido de carbono no fluxo sanguíneo.

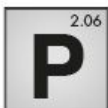
## **QUIMIOTERAPIA**

A quimioterapia (também chamada de "químio") é utilizada no tratamento de câncer desde os anos 1950. Tende a ser um tratamento extremamente eficiente, mas é inegável que seja pesada. A química é utilizada por muitos motivos, incluindo matar células cancerígenas, diminuir a taxa de crescimento dos tumores e diminuir tumores antes da cirurgia ou terapia com radiação. O mais comum é a quimioterapia ser aplicada numa mistura de drogas tanto para melhor alcançar as células cancerígenas quanto impedir que o corpo fique resistente a uma única droga da química. Células cancerígenas crescem e multiplicam-se em alta velocidade, e a química serve para impedir ou pelo menos retardar esse crescimento. As drogas da química são muito potentes e não se dão bem em distinguir entre as células cancerígenas malignas que crescem rápido e células saudáveis que crescem rápido, como as que você tem na raiz do cabelo, e por isso a perda capilar é um efeito colateral comum. A perda de cabelo vai desde um leve rarear até calvície total (incluindo sobrancelhas e cílios). Geralmente a perda de cabelo cessa alguns meses após encerrar-se a química – e os novos cabelos podem vir com outra textura ou

outra cor, como cabelos loiros e lisos que viram castanhos e crespos.

A quimio pode ser aplicada de várias formas, incluindo cápsulas e creme tópico, mas o mais comum é através de soro intravenoso. Quem tem que fazer quimioterapia intravenosa geralmente se trata num ambulatório, sem internação, ou em consultório médico. Aproximadamente três quartos dos pacientes norte-americanos fazem o tratamento em consultório médico (como Walt), e estudos demonstram que o tratamento nesses ambientes é consideravelmente mais barato do que o tratamento em ambiente hospitalar, embora o motivo não seja bem claro. Pode ser porque os hospitais lidam com casos mais graves ou complexos, ou porque os hospitais, por terem mais recursos, como equipamentos de análise à disposição, utilizem-nos com maior frequência e isso aumenta o custo do tratamento. De qualquer forma, Walt é um consumidor esperto ao fazer a quimio numa clínica oncológica.





## Peekaboo

**Data de exibição original:** 12 de abril de 2009

**Roteiro:** J. Roberts, Vince Gilligan

**Direção:** Peter Medak

“Bom resto de vida pra você, guri.” — Jesse Pinkman

*Jesse vai à forra depois do assalto a Skinny Pete. E uma das maiores mentiras de Walt mostra que tem pernas curtas.*

“Peekaboo” é um episódio difícil de ser assistido. O mérito de Gilligan & Cia. é que eles tiram um tempo para mostrar ao espectador a realidade do vício em metanfetamina, e o fazem sem luvas de pelica. A casa dos viciados parece tranquila por fora, somente um pouco carcomida. Dentro, ela é imunda: lixo por todo o chão, restos de comida apodrecendo no lugar onde foram deixados e ausência de qualquer objeto de valor. No entanto, o que dói o coração não é o desmazelo da casa nem a condição escabrosa dos *junkies*. É o garotinho ruivo, mudo e sem nome que mora ali no meio. Ele é o exemplo da inocência, que atinge o espectador como uma marreta no estômago.

Ao acordar e ver Jesse de revólver na mão, surtando na sua casa, sem saber onde estão seus pais, a criança é imperturbável. Ele se levanta do colchãozinho imundo no chão e liga a TV. O rosto é encardido, sua camiseta e sua cueca não são trocadas sabe-se lá há quanto tempo. A vida dele é assim: acordar com estranhos em casa, sem saber onde andam os pais, e dormir num quarto que pode ser trancado por fora. Seu silêncio diz muito. Numa vida como essa, sua melhor chance de sobreviver é ser pequeno e calado; passar despercebido é o que há de mais seguro. O

espectador fica com a sensação de que ele geralmente é despercebido pelos ditos pais – Spooze e a mulher sem nome – que não passam de escória miserável, vivendo de barato em barato e dispostos a tudo, inclusive homicídio, para conseguir o próximo pico.



(COURTESY MICHAEL SLOVIS)

O ciclo de vício, desespero, criminalidade e violência é o que Jesse e Walt fabricam de fato no seu motor-home – e o espectador é cúmplice ao torcer pelos protagonistas. Todas as peripécias resultam nisso: criar um inferno na terra que engole tanto quem usa por vontade própria quanto os inocentes. Jesse ensina o “peekaboo”<sup>2</sup> ao garotinho, e o espectador fica devastado ao perceber que é a primeira vez que alguém brinca com a criança. A única vez no episódio em que ele ganha atenção dos pais é quando a mãe puxa-o para o colo para usá-lo de escudo contra a arma de Jesse. O mérito de Jesse é ficar horrorizado com a situação do garoto e instintivamente tentar ajudar – os olhos da

criança se iluminam. O mais assustador talvez seja a reação do garoto quando ele vai chamar o novo amigo para brincar de "peekaboo" e a mãe dá uma porretada na nuca de Jesse. O menino estremece, mas não chora nem grita. Já viu violência assim, já viu os pais totalmente pirados. Ele continua silencioso e bem, bem paradinho, torcendo que a piração deles não se volte contra ele. "Peekaboo" é uma história de terror que se torna mais terrível quando se sabe que ela acontece todos os dias. As cenas são bem interpretadas pelos atores David Ury (que teve papéis especiais em *Community*, *Raising Hope*, *Heroes* e *The Young and the Restless*) e Dale Dickey (*True Blood*, *Inverno da Alma* [*Winter's Bone*, 2010] e *A Troca* [*Changeling*, 2008]).

Para dar uma folga ao espectador, acontece um enfrentamento interessante entre Walt e Gretchen quando ela descobre que ele está mentindo deslavadamente sobre quem paga o tratamento do câncer. Quando sua manipulação suave não funciona, Walt eleva a voz e o público tem vislumbres de seu relacionamento com Gretchen. Em algum lugar do passado, durante uma visita à família dela, Walt teve um acesso de raiva e abandonou Gretchen, Elliott e a Gray Matter. Será que achou que eles não teriam sucesso sem seu brilhantismo e acabou descobrindo que não era tão necessário, tão especial quanto achava? Isso explicaria muito as motivações de Walt. O fato de que ele pode estar culpando Gretchen e Elliott pelos seus próprios erros combina muito bem com a aparente necessidade de Walt de sentir que quer acertar as contas com o mundo.

Jesse, contudo, dá uma guinada interessante nesse episódio ao fazer tudo que lhe é possível para salvar o menino da vida de abuso e abandono a qual está sujeito. Entre os traumas de primeira infância e as agências governamentais de proteção infantil ou adoção nos Estados Unidos, as chances de ele ir para uma casa que lhe seja boa e dê o apoio de que precisa são ínfimas. Mesmo assim, a atitude de Jesse pelo menos dá ao menino uma chance, mínima que seja, e quem sabe um pouco de redenção. Compare-a às decisões de Walt, tanto atuais quanto passadas, que jogaram e jogarão seu futuro no lixo.

# QUÍMICA ANALÍTICA

## ALTA VALÊNCIA

SKINNY PETE: "Eu não sei dessas de... *soletrar* e essas merdas!"

## PERCEBEU?

- Apesar de se fazer de grandão e malvado, Jesse não é alguém disposto a matar outra pessoa. Ele não quer machucar nem o besouro que encontra na pré-créditos, e fica um pouco incomodado quando Skinny Pete pisa no bicho.
- Talvez não exista melhor sinal de que você vive no inferno: a única coisa que passa na TV da casa dos viciados é o canal de compras Home Shopping Network, no qual estão vendendo facas.
- Há toques sutis de luxo e riqueza que cercam Gretchen: seu telefone no carro com áudio cristalino e que capta sua voz perfeitamente; o abafamento quase perfeito dos barulhos da rua dentro de seu caríssimo Bentley; a elegância do restaurante onde ela e Walt se encontram para almoçar, numa mesa cuidadosamente afastada dos outros.
- A placa do carro de Gretchen diz "GRAYMTR".

## GRAVANDO!

- As cenas de abertura do episódio dão um ponto de vista cada vez mais alto ao espectador: do nível do chão à câmera subjetiva do inseto, até um ponto de vista humano durante a conversa entre Jesse e Skinny Pete.
- No episódio também temos a câmera subjetiva da geladeira que transforma o público em "pimenta". Outra câmera subjetiva frequente em *Breaking Bad* é a do bocal de revólver, a perspectiva da "vítima". Esse plano vai reaparecer várias vezes e terá grande importância.
- Quando Jesse acorda depois de levar a chapuletada da viciada, ele está caído com a bochecha esquerda amassada

contra o chão, plano dos mais queridos para cenas de despertar no episódio. É a primeira vez que vemos Jesse desse jeito. Até o momento era só Walt que acordava assim (“The Cat’s in the Bag”, “... And the Bag’s in the River”).

**TITULAÇÃO** “Peekaboo” faz referência óbvia à brincadeira de Jesse com o garotinho, mas também à descoberta, por Gretchen, das mentiras de Walt. Em outro sentido, “Peekaboo” também dá ao público uma visão da horrenda realidade que é o vício em metanfetamina e as vidas arruinadas simplesmente por se estar perto da droga.

**CURIOSIDADES** O garotinho do episódio é interpretado por dois irmãos gêmeos: Dylan e Brandon Carr.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **H. TRACY HALL**

Walt tem razão: o físico-químico H. Tracy Hall de fato criou o primeiro diamante sintético a serviço da General Electric em 1954. Desde que se descobriu que os diamantes eram uma forma pura do carbono sob pressão, em 1797, procurava-se uma forma garantida de criar diamantes artificiais. Vez por outra um pesquisador afirmava ter descoberto o segredo, mas o trabalho deles nunca era reproduzível.

Hall entrou no “Projeto Superpressão” da GE em 1953. Anteriormente ele trabalhara numa câmara de pressão de alta potência cujo sistema hidráulico deixava vazar tanta água que ele era obrigado a trabalhar de botas de borracha. A GE estava comprando uma prensa gigantesca e negou a Hall os mil dólares e horários na oficina da empresa que havia solicitado para construir a sua. Então Hall convenceu um amigo da oficina a deixar que ele trabalhasse fora do horário de expediente e um ex-gerente convenceu a GE a comprar um componente caro (carboneto de

tungstênio com cobalto) que seria necessário para o processo de Hall.

Depois de alarmes falsos, Hall criou os primeiros diamantes artificiais do mundo em 16 de dezembro de 1954. O experimento foi repetido com resultados idênticos e em 1995, no dia dos namorados, a GE anunciou que havia criado diamantes sintéticos. A divulgação à imprensa, todavia, dava a entender que os diamantes haviam sido feitos na novíssima e caríssima prensa da GE, não na criada por Hall.

A obra de Hall, que serviu de base para uma indústria multibilionária (diamantes sintéticos são utilizados para entalhes e maquinário industrial, e também têm aplicações em tecnologias a laser e eletrônica), merecia o Prêmio Nobel. A GE acabou lhe dando um título do governo no valor de US\$ 10.

Abatido, Hall deixou a GE – onde havia sonhado trabalhar desde que estava na quarta série graças à ligação da empresa com seu herói da infância, Thomas Edison – e acabou indo parar na Brigham Young University. Ele e dois colegas fundaram a Novatek, em Provo, Utah, que utiliza outros processos e prensas inventados por Hall para criar diamantes artificiais com uso industrial.

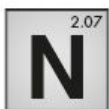
### **MÃES DA METANFETAMINA**

Nossa Senhora! Aquela mãe de “Peekaboo” não é exagero. A metanfetamina leva as pessoas a fazerem coisas horríveis e reprováveis. As crianças não ficam imunes à violência e à maluquice das chapadas. Aqui vão só três exemplos que ilustram essa realidade, mas poderíamos chegar fácil a centenas:

- Dezembro de 2011: em Albuquerque, uma mãe foi acusada de apunhalar o filho de oito anos com uma chave de fenda quando estava chapada de metanfetamina.
- Janeiro de 2012: em Fresno, Califórnia, uma mãe usou um iPad para filmar-se fumando metanfetamina algumas horas antes de sair em fúria assassina; ela atirou nos dois filhos pequenos, no marido e em um primo antes de atirar em si mesma.

- Março de 2012: em Atlanta, uma mãe “esqueceu” de dar água e comida para o filho enquanto fumava metanfetamina no apartamento. Quando a polícia chegou, todo mundo saiu correndo e deixou o bebê para trás.

[2](#) Peekaboo é uma brincadeira principalmente feita com bebês, onde um jogador esconde o rosto, aparece de novo e diz “peekaboo”, ou no Brasil “achou”.



## **Negro y Azul**

**Data de exibição original:** 19 de abril de 2009

**Roteiro:** John Shibam

**Direção:** Félix Enríquez Alcalá

“Laços são o que mantém o mundo físico unido – o que nos mantém unidos.” — Walter White

*Jesse está abalado com os últimos acontecimentos, mas Walt entende-os como oportunidade. Skyler volta ao trabalho e Hank ganha um novo emprego.*

Como sugere a cena logo depois dos créditos, esse episódio realmente é todo sobre laços: como eles se constroem e como se partem. Com o relacionamento tenso e a recusa de toda oportunidade de Walt de contar a Skyler o que se passa, ela se distancia ainda mais dele saindo à procura de emprego. Não é uma atitude despropositada, afinal, já que ela não sabe dos grandes planos de Walt para garantir a fortuna da família. Sky vale-se de sua ligação com Ted Beneke (Christopher Cousins, mais conhecido pelos seus 17 anos como Cain Rogan em *One Life to Live*) para reaver sua vaga de contadora na empresa da qual ele é dono. Walt está longe de ficar feliz com a situação, principalmente porque Sky não lhe contou dos planos. Mais uma vez, na mente de Walt, Skyler ter que trabalhar é um sinal de que ele fracassou no sustento da família, e isso fica agravado pelo fato de que ele está começando a ganhar muito dinheiro, embora não tenha como contar a ela. Skyler mostra-se cansada de tolerar a manipulação, e na verdade não há nada que Walt possa fazer.



Com o controle da família escorrendo pelas mãos, Walt recorre a Jesse. Ele tenta restabelecer o comando mandando Jesse “dar um jeito” na questão da margem de perda, e insiste que ele não quis dizer que alguém devia ser assassinado – mas o que ele fala soa totalmente vazio e chega tarde demais. Jesse está abalado com o que viu em “Peekaboo”, acima de tudo quando Spooge, o viciado, teve a cabeça esmagada por um caixa automático. Jesse, como sempre, recorreu às drogas para fugir do que sente. Testemunhar aquele ato de violência bruta e letal abalou-o profundamente e o deixou doente. Ele não consegue racionalizar tudo tão bem quanto Walt, e só quer fugir da violência ao seu redor. Walt, porém, não está nem aí. Ao descobrir que outros acreditam ter sido Jesse quem esmagou a cabeça de Spooge, e que isso fez a reputação de Jesse crescer nas ruas, Walt imediatamente reforça a história e começa um discurso de incentivo para o Jesse totalmente chapado: expandir os negócios, abrir novos territórios, aumentar o preço. Cego pela ganância, Walt ignora o alerta de Jesse quanto ao perigo que há numa medida como esta.

Esses perigos aparecem com todas as letras quando Hank embarca no seu novo cargo em El Paso, junto a uma força-tarefa DEA/*Federales* que opera do lado mexicano da fronteira. Hank está fora de seu elemento no novo emprego: aparentemente é visto como inferior pelos agentes do Texas e é incapaz até de falar o espanhol fluente que eles têm. Parece que o papel de menino bonzinho não vai lhe valer nada num ambiente assim. Como acontece com frequência com Hank, porém, a primeira aparência engana. O espectador é levado a crer que Hank está redondamente certo ao cansar de comprar migalhas de informação de “Tortuga” por meio do catálogo da SkyMall, e começa a exigir informações. Além disso, embora seus colegas de agência façam troça dele em campo, em espanhol, é Hank o primeiro que avista Tortuga em meio aos arbustos do deserto, e também é o primeiro a chegar ao local. Embora seja alvo de ridículo ao passar mal frente à cabeça decepada de Tortuga amarrada a um cágado, vale notar que, se os agentes estivessem prestando mais atenção no que deviam, talvez tivessem notado a

bomba – que acaba matando vários deles e mutila o agente do DEA que tem Hank em tão baixa conta. Este, por sua vez, volta a demonstrar que é rápido em momentos de crise. Embora surdo e atordoado, ele tira o cinto e aplica um torniquete à perna decepada do colega em questão de segundos, o que provavelmente salva a vida do homem. Hank talvez não seja imune às fragilidades humanas, mas sempre, sempre se pode contar com ele, ainda mais quando as coisas vão de mal a pioração total.

Por fim, vemos o princípio de alguma coisa entre Jesse e sua vizinha Jane. O caso entre os dois tem o charme da inocência: Jesse sair correndo só para encontrar Jane “por acaso”, e os dois tão desajeitados quanto adolescentes quando conversam. É verdade que o contato que eles fazem diante do público não chega ao sexual, nem a algo caloroso como um beijo. No entanto, Jane hesita em estender a mão para pegar a de Jesse quando eles se sentam diante da TV nova, enquanto a mensagem “buscando sinal” pulsa na tela. Desde o princípio há algo de diferente, algo de especial – e mais um laço se cria.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

BADGER (NA SECRETÁRIA ELETRÔNICA): “Opa, aqui é o Badger.”

SKINNY PETE: “Não usa seu nome real!”

BADGER: “Badger não é meu nome real.”

### **PERCEBEU?**

- Walt anda muito mais sorrateiro com seu novo “segundo celular”.
- Embora Walt não queira que Jesse ligue para ele, quer muito que Jesse atenda ao telefone quando ele liga.
- Desde o instante em que se conhecem, Jane recusa-se a passar pela manipulação de Walt.
- O seriado enfatiza os olhares que a Skyler recebe como grávida, principalmente de mulheres, ao inscrever-se para

uma vaga na Beneke. É um bom comentário sobre as desvantagens que a mulher ainda tem ao procurar emprego, principalmente quando são mães ou virão a ser mães durante o período de trabalho.

- Ted Beneke é o mesmo homem na fotografia que Skyler observa muito saudosa em "Seven Thirty-Seven".
- No Museu da Bomba Atômica, quando Walt vai embora de sua reunião com a patota de Jesse, tendo levado-os a acreditar que Jesse matou Spooze, ouve-se o som de uma sirene de ataque aéreo e uma explosão. Quando Jesse os encontra depois, no mesmo lugar, ouve-se uma narração baixinha mas inteligível no sistema de som do museu: "... comandado por Werner Heisenberg."
- A mensagem no cágado de Tortuga: "¡Hola DEA!" (Olá, DEA!).
- A camiseta que Jesse veste enquanto se entoca no apartamento retrata uma abóbora de halloween – uma coisa que dá medo, mas não passa de uma abóbora vazia.
- Marie afinal estava certa quando fez o comentário sobre cartéis e cabeças decepadas em "Breakage".
- Quando Jane toma a mão de Jesse, ouvem-se sinos de igreja ao longe.

### **GRAVANDO!**

- A pré-créditos traz a apresentação de Los Cuates de Sinaloa da música "Negro y Azul", e é filmada como um clipe musical, com direito a créditos no início e no fim. A pré-créditos desse episódio faz mais do que apresentar o espectador a *los narcocorridos* (narcobaladas, ver a seguir), mas também funciona muito bem para situar o espectador, explicando ao público que as ações de Walt e Jesse não passaram despercebidas pelos cartéis da droga do México, ainda mais agora que a Blue Magic de Heisenberg cruzou a fronteira e as organizações criminosas de lá não estão tirando a sua parte. A lenda de Heisenberg também ganhou corpo, e isso talvez não seja bom para Walt.

- A bela fotografia na panorâmica do deserto mexicano dá ao espectador a sensação da vastidão e do vazio daquelas terras.
- A luz no deserto mexicano também é diferente – mais áspera, mais amarelada. Um efeito sutil para o espectador se dar conta de que não estamos mais no Novo México.
- Há outra câmera em contra-plongée quando Jesse e sua trupe batem os punhos no Museu da Bomba Atômica.
- Os gritos emudecidos no fundo enquanto a câmera foca a silhueta de Hank frente a um belíssimo pôr do sol é soberba: combina terror e beleza num momento tenebroso e sublime.

**TITULAÇÃO** “Negro y Azul” faz referência ao casaco e chapéu negros de Walt/Heisenberg, assim como ao mistério de seu rosto e à metanfetamina que ele produz, a Blue Magic. Também é uma referência a como ele vai ficar se o cartel o pegar.

### **CURIOSIDADES**

- “Negro y Azul” foi composta e tocada por Los Cuates de Sinaloa (“Os Amigões de Sinaloa”), e os músicos que se apresentam na pré-créditos são a própria banda.
- Na letra de “Negro y Azul”, Albuquerque é chamada de “Duke”; “Duke City” é um apelido que Albuquerque tem há bastante tempo. A cidade foi batizada em homenagem a Don Francisco Fernández de la Cueva y Enríquez de Cabrera, que era vice-rei da Nova Espanha (hoje México e boa parte do sudoeste dos EUA) de 1653 a 1660, que também tinha o título de Duque de Albuquerque, cidade na região espanhola de Extremadura.
- Por volta de 11 segundos do clipe na pré-créditos, há um plano de Los Cuates de Sinaloa em primeiro plano contra o motor-home, e no meio plano à direita do espectador está uma figura vestida como Walt/Heisenberg, que está dando as costas para a câmera. No meio plano à esquerda da banda há outra figura sob um guarda-chuva. É a única vez

que se vê essa figura no vídeo, e os fãs não conseguiram identificar o significado que ela teria nem que personagem poderia representar.

- Tortuga é interpretado por Danny Trejo, a voz de Enrique em *O Rei do Pedaco* (*King of the Hill*), e veterano “bad boy” com 30 anos de filmes, como *Machete* (2010), *Grindhouse* (2007), *Era Uma Vez no México* (*Once Upon a Time in Mexico*, 2003), *Fogo Contra Fogo* (*Heat*, 1995) e *Um Drink no Inferno* (*From Dusk Till Dawn*, 1996).

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### ***NARCOCORRIDOS (NARCOBALADAS)***

A canção “Negro y Azul” é exemplo de um tipo de música conhecido como “*narcocorrido*”, que se pode traduzir por “narcobalada”. A banda que canta “Negro y Azul”, Los Cuates de Sinaloa, tem esse nome em função do estado mexicano de Sinaloa, uma estreita faixa de terra no noroeste do México que é lar do infame cartel de Sinaloa e esconderijo de Jesús Malverde (ver a seguir). Segundo o empresário da banda, José Juan Segura, um corrido é uma história real transformada em música. Enquanto alguns corridos tratam da imigração ou do contrabando, *narcocorridos* contam histórias do narcotráfico. É comum que fatos reais, datas, lugares e pessoas se entrelacem às letras das músicas. O cantor Gabriel Berrelleza chamou os *narcocorridos* de “noticiário em forma de música”.

Os *narcocorridos* remontam à década de 1930. Alguns críticos os comparam ao gângster rap, afirmando que as letras dos corridos exaltam, quando não festejam, o narcotráfico e quem nele se envolve. Contudo, diferentemente do gângster rap, que tem um contingente de fãs relativamente pequeno, os *narcocorridos* estão chegando ao mainstream musical. As músicas fazem sucesso insano em diversas faixas etárias, e muitos fãs de *narcocorridos* não têm ligação alguma com cartéis nem com o tráfico. A popularidade das narcobaladas advém parcialmente do fato de

que alguns traficantes e cabeças de cartéis ganharam popularidade em razão da argúcia nos negócios e da disposição em desafiar um governo notoriamente corrupto. Além disso, há alguns como o infame Pablo Escobar, líder de um cartel colombiano, que cuida muito bem das pessoas que emprega, assim como da comunidade a seu redor, o que gera a sensação de lealdade. Juntando tudo, esses fatos podem render heróis populares que são exaltados em música. Eles viram mito por meio dos *narcocorridos* tanto quanto criminosos e assassinos dos EUA como Jesse James, Billy the Kid e John Wesley Hardin o foram na *folk music* norte-americana.

### **SÃO JESÚS MALVERDE**

Para começo de conversa, Jesús Malverde não é santo – não para a Igreja Católica, pelo menos. A Igreja tem ditames bem rigorosos para se canonizar oficialmente uma pessoa como santa, e Malverde ainda não chegou lá. Apesar disso, Malverde é visto como uma espécie de “santo popular” em algumas regiões do México (e cada vez mais também em regiões dos Estados Unidos) e tornou-se santo patrono não oficial dos traficantes.

Nascido na década de 1870, Jesús Malverde viu os pais trabalharem até a morte (há relatos de que eles realmente morreram de fome) tentando ter uma vida honesta. A experiência deixou-o amargurado e sem qualquer certeza de que havia vantagem em ficar no trabalho justo. Após a morte dos pais, ele escondeu-se nos morros de Sinaloa, México, e virou ladrão. Não qualquer ladrão, porém – Malverde tornou-se uma espécie de Robin Hood, que usava parte de seu butim ilícito para ajudar os pobres, que não se importavam como ele obtinha o dinheiro que distribuía a eles. Foi capturado e enforcado pelo governo em 1909.

Pouco após sua morte, começaram a circular relatos de que Malverde aparecia para ajudar os miseráveis. Uma das histórias mais comoventes credita a Malverde ter mostrado a dois ladrões onde estavam duas mulas que haviam se soltado de sua tropa (e que por acaso transportavam ouro roubado). Daí em diante,

Malverde virou o cara a quem os criminosos de vertente religiosa podem recorrer. O culto cresceu a ponto de as lojas que vendem produtos religiosos, como medalhões e velas, não darem conta da procura por produtos de Malverde. Além disso, nem todos que rezam para Malverde estão envolvidos no narcotráfico – ele faz muito sucesso entre grupos marginalizados. O DEA, porém, assim como outras ramificações da polícia, colocaram produtos de Malverde na lista para “prestar atenção” quando se determina quais veículos, lugares e pessoas têm suspeita de envolvimento no narcotráfico.



## Better Call Saul

**Data de exibição original:** 26 de abril de 2009

**Roteiro:** Peter Gould

**Direção:** Terry McDonough

“Sério, quando o negócio aperta você não quer advogado criminalista, né? Aí tem que ver um advogado criminoso. Tá me entendendo?” — Jesse Pinkman

*Walt e Jesse tentam resolver a prisão de Badger. Hank tenta lidar com a experiência que teve no México.*

Embora a pré-créditos arme a trama central do episódio, a cena logo após os créditos mostra exatamente o ponto onde “Negro y Azul” parou, só que a TV tela plana de Jesse finalmente captou o sinal, como Jesse e Jane. O público não vê nada de sexo explícito, pois só chega depois dos fatos e encontra um casal muito feliz ainda se descobrindo. Aaron Paul tem uma atuação perfeita, demonstrando que Jesse está caído pela menina. Quando ele perde a persona gângster, o que resta é um jovem querido que quer muito que o relacionamento comece com o pé direito. E Jane, por mais que seja meio irrequieta, ela quer o mesmo que ele. Um pouco de seu passado aparece no medalhão dos Narcóticos Anônimos que marca seus 18 meses de sobriedade.

A trama principal, porém, enfoca Walt e Jesse na tentativa de resolver a prisão de Badger, o que nos leva a um dos personagens secundários mais interessantes da TV: Saul Goodman (Bob Odenkirk, roteirista do *Saturday Night Live* e mais conhecido por fazer comédia no programa *Mr. Show with Bob and David*), de onde também vem o título desse episódio (“Better Call Saul”



[“Melhor Ligar pro Saul”]). Saul é grosseiro, bronco, malandro, brega e mais sujo que pau de galinheiro. Ele ganha a vida com a escória e sempre se assegura de receber adiantado, como demonstra na reunião com Badger. Também é um advogado danado de bom. Apesar de ser a essência do charlatanismo, Saul nem cogita recuar quando dá de cara com Hank e o DEA, e retruca mais rápido e melhor do que Hank quando este vem repreendê-lo.

Walt já não tem a melhor consideração por Saul, mas vai encontrá-lo com a desculpa fuleiríssima de ser tio de Badger. Ele interpreta Saul muito mal e tenta suborná-lo. Só que o jogo de Saul não é esse. Durante o episódio, Walt tenta repetidamente assumir o controle por meio da força. Ele disse a Jesse que deve dominar os outros pelo medo, e foi o que acabou levando Skinny Pete e Combo

(Rodney Rush) a ficarem com medo de contar da prisão de Badger. Ele tenta intimidar Saul com sequestro e ameaças, mas acaba virando cliente do advogado. Também é Saul quem mostra ao espectador como Walt e Jesse estão fora de sincronia com o mundo onde se meteram. Afinal de contas, matar Badger para que ele não os delate ao DEA realmente é o que faz mais sentido, mas Jesse nem cogita a ideia e Walt concorda de cara. O plano que os três acabam acertando é muito mais arriscado e, para contrariedade de Walt, bem mais caro.



(ALBERT L. ORTEGA/PR PHOTOS)

Walt, porém, não é o único que anda tendo dificuldades. Hank está abalado com a experiência em Juárez: entocado no quarto, olhos fechados, mãos cerradas, ele mal se contém depois do horror que presenciou. O mais inesperado é que é Walt quem consegue quebrar a postura de Hank e fazê-lo voltar a algo próximo da normalidade. Walt já dançou sobre essa navalha, deleitando-se em fazer joguinhos arriscados com o cunhado do DEA. Contudo, agora Walt tem fala firme em razão da experiência adquirida e diz a Hank para superar seus medos e seguir com a vida.

A inversão é estranha. No primeiro episódio de *Breaking Bad*, Hank é o Sr. Machão Fodão, enquanto Walt é a Maria Mariquinha.

Agora é Walt quem vem com o discurso de “virar macho” para Hank, e a coisa funciona. Não totalmente, pois Hank parece estar sofrendo de um transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), como demonstra seu ataque de pânico no elevador. Ele consegue se conter mais ou menos em público, e, embora os colegas comemorem que pegaram o infame Heisenberg, no final do episódio, Hank não se convenceu. A ironia é que Walt deu suporte ao homem que não só é um detetive brilhante, mas também está cada vez mais obcecado em descobrir e capturar Heisenberg. Como sempre, Walt não é tão esperto quanto acha que é.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

SAUL: “Quem quer ganhar dinheiro e ficar com o dinheiro que ganha – Melhor Ligar pro Saul!”

### **PERCEBEU?**

- O banco de praça em que Badger está sentado na pré-créditos tem um anúncio de Saul.
- A Blue Magic já está sendo vendida a US\$ 175 por 1/16 de uma onça (uma “teenth”), equivalente a 1,75 gramas.
- Skyler usa um vestido com decote quando vai trabalhar no fim de semana.
- O nome da prestadora de Saul (ver a seguir), “Estação Polar Zebra e Associados” vem do filme *Estação Polar Zebra* (*Ice Station Zebra*, 1968), um thriller militar/espionagem sobre a Guerra Fria com enredo cheio de reviravoltas.
- O nome real de Badger é Brandon Mayhew.
- Temos um bocadinho de comédia física, à la Três Patetas, quando Jesse e Walt não conseguem abrir a porta do carro depois de advertir Badger, e Jesse acaba tendo que entrar pela janela.
- Walt e Jesse mais uma vez tomam uma decisão com base no “sagrado” jogo do cara ou coroa.

- As máscaras de esqui e seus pompons ridículos estão de volta.

### **GRAVANDO!**

- As cores fortes do anúncio de Saul no banco da praça, durante a pré-créditos, combinam com as cores primárias, também fortes, do playground ao fundo. As duas refletem a visão que Badger tem do mundo, e também de que traficar seria como uma grande brincadeira, além de reforçar sutilmente o tipo de lugar onde se vende metanfetamina.
- A câmera subjetiva de Hank no elevador, um contra-plongée durante seu ataque de pânico, faz um ângulo distorcido que combina com a iluminação verde enjoativa durante o ataque. Quando as portas se abrem e Hank voltou a seu modo “Está tudo certo”, descobre-se que as paredes do elevador são de um azul tranquilo ao invés do verde enjoativo, contraste muito bem pensado.

### **CURIOSIDADES**

- Saul compara Walt a Fredo Corleone, do filme *O Poderoso Chefão* (*The Godfather*, 1972), de Francis Ford Coppola. Fredo (interpretado por John Cazale) é o segundo filho de Don Vito Corleone (na famosa interpretação de Marlon Brando). Diferentemente de Vito, que passou de imigrante miserável a *capo* imensamente rico de uma família com sucesso implacável na máfia, Fredo é quase cômico de tão nulo em suas investidas na criminalidade.
- Getz, o policial disfarçado da polícia de Albuquerque que prende Badger na pré-créditos, é interpretado por DJ Qualls, que aparece com frequência em *Memphis Beat* como o Policial Davey Sutton, e que também apareceu em *Lost*, *The Big Bang Theory* e *Supernatural*, além de vários filmes.
- Saul tem website: [www.bettercallsaul.com](http://www.bettercallsaul.com)

### **INGREDIENTES ESPECIAIS**

## **PRIVILÉGIOS ENTRE ADVOGADO E CLIENTE**

Numa cena hilária, Saul diz a seus sequestradores para colocar dinheiro no seu bolso e assim criar o privilégio entre advogado e cliente. No entanto, será que o privilégio vai até aí? Mais ou menos, mas o que cria o privilégio não é a grana. O privilégio entre advogado e cliente é mais sagrado que qualquer coroa ou coroa de Walt e Jesse. Aliás, é uma das pedras angulares do sistema jurídico dos EUA. O que você diz ao advogado quando ele está na condição de seu advogado (a conversa casual numa festa cheia de gente não conta) é praticamente inviolável. Com raríssimas exceções, o advogado não pode ser coagido nem voluntariamente a revelar assuntos que o cliente lhe comunicou em confiança.

A justificativa subjacente ao conceito de privilégio advogado-cliente é bem firme: se a pessoa que busca assessoria jurídica não se sentir segura quanto à confidencialidade do que é discutido no escritório do advogado, ela provavelmente vai esconder informações do advogado e cria-se um sistema em que ninguém se beneficia. Os clientes têm a liberdade de renunciar ao privilégio, e nesse caso o advogado tem a liberdade de discutir o que fica de fora do acordo confidencial. Fora isso, normalmente o advogado tem que ficar de bico calado mesmo após a morte do cliente.

A exceção mais relevante à restrição do privilégio é a que é aberta a fraudes, que afirma que o privilégio é irrelevante quando a comunicação entre advogado e cliente é realizada para dar continuidade a um crime ou fraude, o que praticamente acaba com o ganha-pão de Saul. Isso já levou a momentos bem, bem complicados para advogados, pois o privilégio mantém-se intacto se o crime *já tiver sido cometido* antes de o advogado ficar sabendo. Em outras palavras, se um cliente chegar ao escritório de Saul, soltar uma faca ensanguentada na mesa e disser "O corpo está no deserto, cinco quilômetros daqui. E agora?", Saul não pode, sob pena de expulsão da ordem, dizer qualquer coisa à polícia. Saul, porém, pode recusar-se a pegar o caso e recomendar

enfaticamente ao cliente que se entregue de livre vontade à polícia – conjuntura bastante improvável, dada sua clientela.

### **PRESTADORAS**

Saul Goodman talvez seja o exemplo mais malandro que há no submundo da profissão jurídica e tem um gosto absurdo para decoração. Contudo, ele é bom no que faz. Saul recomenda à família de Brandon pagar o depósito de caução à “Estação Polar Zebra e Associados”, que é uma empresa “prestadora”. Prestadoras são bem comuns na indústria do entretenimento quanto no direito. As vantagens das prestadoras são o motivo pelo qual não se vê tanto ator e músico montando produtora própria.

Funciona assim: um indivíduo (vamos chamá-lo de “Saul”) quer ter os privilégios de uma pessoa jurídica. Saul monta uma empresa da qual é o único proprietário e a empresa contrata Saul como funcionário, que “presta” seus serviços. Em troca de fornecer os serviços de Saul, a empresa reúne os gastos e honorários gerados pelo trabalho de Saul, que aí podem ser cobertos e deduzidos no nível empresarial enquanto o resto da renda da prestadora vira salário de Saul.

Parece complicado, e é. A Receita Federal dos EUA não é muito chegada em prestadoras porque elas geram uma economia considerável em impostos quando se recorre a deduções e abrigos fiscais que normalmente não existem. Além disso, ao ser funcionário de uma empresa, Saul só pode ser processado pelos bens registrados na empresa, não pelo seu patrimônio pessoal – vantagem que Saul aproveita muito bem, é óbvio. Assim, é muito importante que Saul registre tudo perfeitamente, incluindo o contrato de trabalho entre ele e a Estação Polar Zebra. Nesse caso, todos os registros de Saul devem estar afinadíssimos.



## Days Out

**Data de exibição original:** 3 de maio de 2009

**Roteiro:** Sam Catlin

**Direção:** Michelle MacLaren

“Mentira pouca é bobagem, hein?” — Jesse Pinkman

*Enquanto aguarda resultados de um teste que vai determinar se o tratamento contra o câncer está dando certo, Walt volta ao deserto com Jesse para uma longa sessão na cozinha.*

A família volta a ser muito importante nesse episódio. A família inteira de Walt, incluindo Hank e Marie, está a postos para o exame PET/CT que vai revelar se o tratamento contra o câncer está dando certo, apesar de saberem que os resultados só saem em uma semana. Cada um deles dedicou uma parte de seu tempo para estar ao lado de Walt, pois amam esse cara. A união da família é justamente o que Walt vem destruindo com suas mentiras, por mais que não perceba. Aliás, ele está preparado é para a confirmação de sua morte iminente. Apesar de não saber coisa alguma de interpretação de tomografias, Walt acha que sabe o bastante para ver uma sombra no pulmão e já tira suas conclusões.

Depois de mentir para Skyler sobre onde vai estar e para Jesse sobre por que precisam cozinhar, Walt e Jesse voltam para o deserto. O episódio vira um estudo do laço estranho e evolutivo entre Walt e Jesse. A saúde de Walt não anda boa, e seus ataques de tosse estão piorando, mas ele aguenta boa parte do processo de fabricação de drogas. Enquanto isso, Jesse sobe à posição de verdadeiro parceiro no processo, em vez de subalterno sem

talento. Ele e Walt trabalham juntos como equipe, com profissionalismo e eficiência. Quando Walt fica totalmente exaurido, ele mostra a confiança que tem em Jesse, deixando-o terminar o processo. Jesse cresceu muito desde a época de Cap'n Cook, na primeira temporada, e ele e Walt começam a criar uma relação mentor-protegido, tanto no que concerne à química da metanfetamina quanto a questões pessoais. Jesse está feliz por aprender e por Walt considerá-lo um bom aluno, e Walt está igualmente contente em ser professor. Ao longo do seriado tivemos apenas vislumbres de Walt na sala de aula para mostrar sua capacidade e prazer como professor, e isso aparece com mais clareza e até de forma mais agradável na interação que ele tem com Jesse durante o episódio. Walt transforma até sua última tentativa de dar partida no motor-home num momento de aprendizado ao criar baterias improvisadas, momento em que Jesse fala besteira, ao dizer que "fio" é um elemento químico.

Apesar do progresso de Jesse, contudo, ele se sente bastante infeliz e desamparado. Fora cozinhar drogas, parece que o rapaz não consegue dar uma dentro nesse episódio. Seus erros vão se empilhando, sendo que cada um deixa os dois em apuros cada vez maiores. Chega ao ponto em que Walt é obrigado a ser sincero e finalmente revela seu câncer a Jesse. Então, quase delirante de desidratado, Walt admite que suas justificativas de que faz tudo pela família são vazias, pois "tudo que eu consegui foi deixá-los preocupados e desapontados. E mentir". Na inversão dos papéis usuais, agora é Jesse quem tenta levantar a moral de Walt, exigindo que ele use o conhecimento científico para descobrir um jeito de ligar o motor-home, e recusando-se a deixar que Walt desista e ceda à autopiedade e ao desespero. Os dois começam a virar mais próximos nesse episódio, embora possa ser algo temporário, e a estranha natureza do relacionamento deles ganha foco: Walt e Jesse fazem mal um ao outro e fazem bem um ao outro. O jeito como as coisas vão terminar entre eles, seja quando for, é como um cara ou coroa.

Para encerrar o longo fim de semana de Walt, ele recebe os resultados do exame e o que temos é... remissão. O que deveria



ter sido a notícia mais feliz que ele já recebeu vira pior do que a sentença capital que esperava. Na cena final, Walt lava o rosto e, depois de ficar olhando seu reflexo no aço inox do porta-papel-toalha, soca-o várias vezes. Sua desculpa, sua justificativa para tudo que fez, sumiu. Se ele não tem câncer terminal, então não há motivo para continuar cozinhando drogas. Por outro lado, se ele não tem câncer terminal, então ele não pode mais ignorar as regras e restrições da vida. A morte o libertou, mas e daí? Para Walter White, *viver* é que virou uma prisão.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

JESSE: "Vamo lá, seus putos! Tão me ouvindo?"

### **PERCEBEU?**

- O episódio começa e termina no banheiro da clínica, com bastante água corrente. No meio do episódio, porém, o maior problema é a falta de água.
- Skyler dá um adeus carinhoso a Walt no aeroporto. Parece que as coisas entre os dois podem mesmo melhorar, e fica claro que ela ainda o ama muito, apesar das mentiras.
- O motor-home passou de improviso a laboratório modernoso de alta tecnologia.
- Walt e Jesse quase entram em combustão durante o dia, mas têm que passar a noite colados para se aquecer, uma representação realista da dificuldade que há em sobreviver no deserto, onde raramente há nuvens ou vegetação para impedir que o calor do dia se dissipe quando o sol baixa.
- 42 libras (19 kg) de metanfetamina a US\$ 18 mil/libra = US\$ 1.680.000. Se Walt e Jesse estão tirando US\$ 672 mil depois das despesas (incluindo os 17% de Saul), então as despesas (matéria-prima e gasolina?) são de US\$ 50.400, e Saul vai ficar com US\$ 285.600 do negócio.

### **GRAVANDO!**

- A fotografia time-lapse é bem utilizada nesse episódio, e combina com as montagens rápidas em que Jesse e Walter estão dirigindo pelo deserto ou na cozinha. Quando ficam perdidos, há bastante câmera em contra-plongée, o que enfatiza a vastidão e o vazio do deserto, e o quanto Jesse e Walt estão distantes de tudo.
- A câmera subjetiva em contra-plongée, já marca registrada do programa, surge quando Walt e Jesse derramam metanfetamina líquida num pirex para resfriar.
- O quarto de Walt e Sky é escuro e sombrio, com tons de azul escuro e madeira escura. O quarto de Jesse e Jane se enche de luz e amarelos quentes. O relacionamento de Sky e Walt está nas trevas, enquanto o de Jesse e Jane está no período suave e feliz de lua de mel.
- Também se utiliza o rastro de fumaça de um avião para indicar o tempo passando; o rastro se desfaz lentamente até dissipar no céu sobre o motor-home.

**MÚSICA** O ritmo que acompanha a montagem rápida na cozinha é “Good Morning Freedom” (“Bom dia, Liberdade”), da banda Blue Mink.

**CURIOSIDADES** Esse episódio traz mais uma referência à trilogia *O Poderoso Chefão* de Coppola, dessa vez de *O Poderoso Chefão III* (*The Godfather: Part III*, 1990). Ao ouvir a notícia da remissão de Walt, Hank inclina-se e diz “eu tentando sair e me puxam de volta!”. Esta é uma frase que Don Michael Corleone (Al Pacino) usa no momento em que é obrigado a voltar à criminalidade, quando estava prestes a legalizar seu negócio de família.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **EXAMES PET/CT**

“4 Days Out” (“4 Dias Fora”) se passa enquanto Walt e sua família estão aguardando o resultado do exame PET/CT. A tomografia por emissão de pósitrons (PET, na sigla em inglês) e a tomografia

computadorizada (CT, na sigla em inglês) são exames de imagens de última geração que os médicos utilizam para decidir qual tratamento recomendar aos pacientes. Embora os dois exames costumem ser realizados ao mesmo tempo, seus objetivos são completamente distintos. Uma tomografia computadorizada consegue detectar mudanças na anatomia – no caso de Walt, esse exame mostra a localização exata e o tamanho de seu câncer de pulmão. A PET é diferente porque permite que o médico faça a distinção entre massas benignas e malignas ao nível molecular. Já que a tomografia dá um retrato detalhado das estruturas internas do corpo e a PET revela transtornos ao nível molecular, a combinação PET/CT é uma ferramenta poderosa no arsenal do médico ao tratar doenças como o câncer.

### **BATERIAS FEITAS EM CASA**

Já aconteceu com todo mundo: deixamos a chave na ignição, acabamos com a bateria do nosso laboratório móvel e ficamos abandonados no meio do deserto. O que fazer? Bom, se você entende tanto de química que consegue tirar “veneno de semente”, bateria descarregada é um mero inconveniente. O que Walt fez funciona na prática. Então, vamos ver passo a passo como criar uma bateria de mercúrio.

Walt, puro MacGyver, manda Jesse recolher moedas, metal galvanizado e as pastilhas de freio do motor-home. Como ele explica, uma bateria não passa de um ânodo e um cátodo separados por um eletrólito. Walt utiliza um vasilhame de polipropileno (um prato de plástico comum) para unir tudo. O cátodo é a ponta posi-tiva da bateria de uma célula só – de onde sai a força da corrente. Walt cria a sua com o óxido de mercúrio e o grafite que tira das pastilhas de freio. O ânodo é a ponta negativa – é ali que a corrente resultante vai entrar, saindo do cátodo. A de Walt é feita de zinco, como as que se encontram no revestimento galvanizado de material de ferragem. Walt usa um monte de porcas, arruelas, parafusos e moedas.

As esponjas de Walt, embebidas em hidróxido de potássio (um ingrediente utilizado na fabricação de metanfetamina e também

em outros usos nefastos), servem de eletrólito, para separar o cátodo e o ânodo. Walt utiliza fio de cobre como condutor. Assim que junta seis células e passa o fio por cada uma, Walt cautelosamente conecta os cabos ao ânodo e ao cátodo e... isso já basta para ligar o motor-home. Pelo menos na televisão. Embora a engenhoca de Walt tenha mesmo como gerar corrente, é improvável que rendesse energia suficiente para dar partida no motor-home.



## **ver**

**Data de exibição original:** 10 de maio de 2009

**Roteiro:** Moira Walley-Beckett

**Direção:** Phil Abraham

“Não se metam no meu território.” — Walter White

*Walt tenta acomodar-se à vida sem câncer e sem metanfetamina. O relacionamento entre Jesse e Jane passa por uma provação. Skyler está pensando em outras paragens.*

Walt ficou realmente abalado com a notícia da remissão. Ele não pode mais justificar nem racionalizar que fabrica metanfetamina, tampouco seguir levando a vida dupla que tem levado nos últimos meses. As coisas voltaram ao normal, ou deviam ter voltado. Walt não aguenta. O que ele pensava sobre a vida antes do câncer ficou claro ao longo da primeira e da segunda temporada, quando passou de um zé-ninguém impotente a temido senhor das drogas. Sua confissão parcial ao psicólogo em “Bit by a Dead Bee” esclareceu como ele vê a vida: colegas que o superaram profissionalmente, salário baixo, o filho com paralisia cerebral, etc. Do ponto de vista de Walt, sua vida antiga era insuficiente, um desperdício e, o pior de tudo, mínima. Agora é esperado que ele volte a ela, e na maior parte do episódio ele tenta justamente isso... ou mais ou menos isso.

Walt não é um homem que pode tudo, por isso ele procura algo para ocupar o tempo e tenta ancorar-se à vida comum. Seu projeto de reforma na casa logo vira obsessão, pois terminá-lo significa retornar por completo à vida antiga, às aulas no colégio e tudo mais. Skyler, que antes dizia para ele ficar em casa e

descansar, agora exige firmemente saber quando ele volta ao trabalho. Walt não está contente em ter se livrado do câncer. Skyler, Junior, Hank, Marie e até mesmo Jesse estão animados. Todavia, Walt não está, porque ele provou de coisas que são mais viciantes que a metanfetamina: o poder, o orgulho e o respeito. Ele não tem motivo para cozinhar, mas, nossa, como gostaria. Esse pensamento infeliz leva Walt a ganhar o Prêmio de Pior Pai do Ano, quando transforma a festa em comemoração ao novo diagnóstico numa disputa embiritada com Hank, sendo Walter Jr. o território em contestação.



(JOHN HALE)

O espectador já viu Hank no papel de pai postiço de Junior, e já o viu apoiar o sobrinho e o cunhado várias vezes. A postura de Hank com "aqui é todo mundo homem, toma uma e não conta pra sua mãe" muda assim que Walt se recusa a parar de encher o copo de Junior com tequila pura, praticamente obrigando-o a

beber. Walt tenta piorar a situação enquanto Hank tenta acalmá-la, mais uma vez na ênfase de que os dois homens não são o que parecem à primeira vista. Walt provoca Hank, iludindo-se que pode agir como o fodão Heisenberg (ou à reputação deste), e provavelmente é salvo de levar um soco quando Junior vomita na piscina. Walt chega a dar um sorriso cínico quando Skyler e Hank se distraem, como se tivesse provado alguma afirmação. Talvez ele tenha, a seu modo distorcido, mesmo que só para si e só na sua mente. Ele se engana em achar que estava em nível de igualdade, ou mesmo superioridade com Hank. É uma ilusão menor e bem particular de grandeza, mas talvez sirva de alerta do que está por vir. Na manhã seguinte, o pedido de desculpas de Junior e sua vontade de que reconheçam que ele conseguiu acompanhar Walt e Hank no copo é de partir o coração. É também um choque de realidade em Walt, mas que provavelmente não vai durar muito tempo na sua cabeça.

Skyler também está tendo problemas em aceitar a remissão de Walt, pois as coisas parecem recusar-se a voltar ao normal. Como seu marido continua esquivo e misterioso, ela volta-se a outra pessoa em busca de simpatia – primeiro de forma inocente, mas com premeditação cada vez maior. Suas roupas de trabalho ficam mais justas e mais decotadas, e ela começa a atrair Ted Beneke para sua sala com desamparo estudado. Até o momento Skyler tem sido uma personagem complacente, que faz o melhor que pode pela família e por um marido que mente toda vez que mexe os lábios. Contudo, agora ela está perto de cruzar uma fronteira moral. Se o "*chutar o balde*" de Walt é uma pedra no lago plácido da vida do casal, Skyler é uma das pessoas mais afetadas pelas ondas que ele provocou, e o público começa a esperar as próximas ondas.

Vale pensar que o relacionamento entre Jesse e Jane é o que mais traz esperança ao episódio. A primeira briga séria dos dois, que vem com uma reconciliação baseada em desenhar personagens de quadrinhos, tem uma construção adorável. Também é uma grande inversão dos papéis de gênero

tradicionais, pois Jesse tenta definir a relação e Jane nega que a relação exista.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

JESSE: “Eu era criança quando desenhei essas coisas. Faz, tipo... quatro anos.”

### **PERCEBEU?**

- Enquanto Walt faz a barba, a água está suja. O aquecedor de água está dando problema desde a primeira temporada – uma trama armada a longo prazo.
- O confronto entre Walt e Hank com Junior acontece em torno da piscina, onde Walt costuma ir quando as coisas não acontecem como ele queria.
- O relacionamento entre Jesse e Jane continua sendo retratado como algo puro e inocente. É uma coisa legal, tranquila, importante para Jesse e para a trama.
- A transição entre Skyler derrubando as canetas para atrair Ted e Walt usando uma parafusadeira é um uso brilhante da velha metáfora visual freudiana sobre a conjunção carnal.
- Walt compra Kilz na loja de decoração. Kilz é uma tinta de fundo com fórmula especial para encobrir restos de mofo e outras descolorações. Em outras palavras, Kilz livra-se de tudo que é ruim e passa uma demão de tinta branca para que tudo fique bem limpinho – pelo menos à superfície. Os paralelos entre Walt e sua investida em reformas dizem muito.
- Os metidos a cozinheiros de metanfetamina que Walt confronta no estacionamento são um careca e um magrelo metido a gângster que tem um carro de camping. Tem algo de familiar nesses dois...



**PRECIPITAÇÕES** Em geral, *Breaking Bad* não nos dá oportunidade de falar sobre precipitações com frequência, mas merece a chamada por algo que acontece nesse episódio. Quando Walt está pagando o aquecedor de água em dinheiro, ele se depara com uma nota ensanguentada e a esconde bem rápido. Só que aquele sangue, supostamente seco, é forte e vermelho demais. Ele deveria ter uma cor escura, como marrom enferrujado. Provavelmente não ficaria legal na câmera nem seria tão inteligível para o espectador, mas teria ficado verossímil.

### **GRAVANDO!**

- Uma nova pré-créditos em preto e branco culmina na visão do para-brisa destruído do carro de Walt e dois sacos de corpos em frente à sua garagem. Vale a pena voltar às pré-créditos de "Seven Thirty-Seven" e "Down" e ver como cada uma expande a outra, dando ao espectador uma visão maior e melhor de algo muito, muito sinistro.
- A abertura marca a continuidade com o final do episódio anterior, quando a câmera demora-se nas juntas machucadas de Walt. É o indicador sutil de que algum tempo, mas não muito, passou entre os episódios.
- O plano de transição que leva à festa da remissão de Walt é uma grande sacada para nos desorientar, focando de perto uma pilha de cristais que se descobre serem sal da margarita, e não os cristais de metanfetamina que o espectador esperava.
- A câmera subjetiva em contra-plongée da frigideira de Jesse é uma das nossas preferidas em todos os episódios. A frigideira é realmente de vidro transparente, o que faz esse plano virar um aceno para fãs do seriado, e um reconhecimento descarado de Gilligan & Cia. de que essa tomada virou marca do programa. Também é uma brincadeira com o velho anúncio antidrogas que comparava um ovo frito a "seu cérebro nas drogas". Muito legal, ainda mais vindo de Jesse.

- A transição da água enferrujada no fundo do aquecedor de água para um chá da mesma cor na xícara de Skyler no escritório foi muito bem pensada.

**TITULAÇÃO** O terceiro na série: “Seven Thirty Seven... Down... Over...” (Sete Três Sete... Caiu... Sobre...).

**CURIOSIDADES** “Over” traz a primeira aparição do pai de Jane, Don Margolis, interpretado por John de Lancie, conhecido por *Jornada nas Estrelas: A Nova Geração* (*Star Trek: The Next Generation*).

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **FAIXAS ABRASIVAS OU CABEÇAS DE FÓSFORO?**

Na loja de material de construção, Walt se depara com um metido a cozinheiro de cristal que está dando novo sentido ao termo “tudo numa loja só”. Walt dá conselhos mesmo sem ser perguntado: que não comprem tudo no mesmo lugar, e também que nem todos os fósforos servem para fabricar metanfetamina.

É mesmo? Num produto que pode levar água sanitária e fluido de freio, você vai ser exigente quanto aos fósforos?

Pois é verdade. Como já explicamos, o método “vermelho, azul e branco” de fabricação de metanfetamina envolve fósforo vermelho, que é encontrado em fósforos, mas não nas *cabeças* de fósforo – pelo menos não nas cabeças de fósforos de segurança, que são os mais comuns hoje em dia. “Fósforos de segurança” separam o material ígneo entre as cabeças e as faixas abrasivas para evitar a combustão indesejada. Quando você passa a cabeça do fósforo na faixa abrasiva, que é áspera, a fricção gera calor suficiente para converter parte do fósforo vermelho da tira em fósforo branco, que pega fogo ao entrar em contato com o ar. (Aqueles fósforos que se acendem em qualquer lugar são diferentes e realmente têm fósforo na cabeça do palito. É por isso que dá para acender numa fivela de cinto, na solda da bota ou em outro acessório da moda western). Já que fósforos de segurança

só têm fósforo na faixa abrasiva, Walt está com a razão: ele vai ter que comprar uma tonelada de caixas de fósforo para que o cozinheiro potencial fique com faixa abrasiva suficiente para cozinhar.



## **Mandala**

**Data de exibição original:** 17 de maio de 2009

**Roteiro:** George Mastras

**Direção:** Adam Bernstein

“Esse joguinho aí? A gente não tem moral na rua pra seguir vivo.”—  
Skinny Pete

*O plano de Walt de levar a trupe de Jesse a novos territórios encontra impedimento sério, mas Saul pode ter a solução. Jane toma uma decisão.*

A pré-créditos desse episódio traz ao espectador uma perspectiva realista da operação de tráfico de metanfetamina de Jesse e Walter nas ruas, começando com um tour por ruas perigosas de um bairro latino. O destino de Combo ajuda a lembrar o mundo real das drogas, das gangues e das crianças, e de como Walt e Jesse estão despreparados. Ao se meter no território de outra gangue, Walt e Jesse entraram em um domínio no qual a violência letal é lugar comum e a vida é barata. Embora eles mesmos e as pessoas que amam continuem apartados desses perigos, ainda assim são afetados por eles.

Walt pelo menos se poupa da crise existencial que encarou no episódio anterior. Ele decidiu dar sequência à atividade criminosa, e o alto preço da cirurgia para extirpar seu câncer é toda a desculpa de que ele precisava. Ele aproveita a chance de voltar a cozinhar com tudo que pode, concordando em fazer a operação sem consultar Skyler, mesmo que ela esteja sentada ao lado. É por isso que ele fica ainda mais desconcertado quando o assassinato de Combo estraga os planos. O egocentrismo de Walt

chega a reluzir nesse episódio. Ele não sabe nem quem Combo é, e não tem nem a decência de esconder que não sabe quando Jesse liga para dar a notícia. Tendo esse bloqueio, Walt está mais do que disposto a marcar uma reunião com o distribuidor enigmático que Saul lhe oferece, e azar das consequências.

Jesse, por outro lado, perdeu um amigo. Como costuma acontecer quando está sob pressão, ele volta ao cachimbo. Só que dessa vez não está só. O público descobriu em "Negro y Azul" que Jane não se droga há 18 meses e aparentemente está no programa de doze passos. Agora ela tem que encarar uma escolha: deixar Jesse sofrendo na autopiedade e na metanfetamina, ou unir-se a ele, consolá-lo e voltar a drogar-se. Gilligan & Cia. não deixam de mostrar que Jane faz uma escolha por vontade própria. Não é uma inocente que é atraída pelas más companhias, mas sim uma viciada em reabilitação que sabe das consequências de voltar a drogar-se, e volta assim mesmo. O resultado é surpreendente. O apartamento, que estava virando uma casa confortável mas mal mobiliada, que sempre parecia limpo e arejado, vira um chiqueiro: garrafas vazias, pratos de comida e bitucas de cigarro espalhadas pelo chão. Parece que virou um lugar menor e mais escuro. Jesse já foi retratado como viciado, mas sua situação é relativamente recente. Jane, por outro lado, é completamente viciada, e uma vez que retoma o vício, ela volta a focar-se em uma coisa só: o próximo barato, que sempre será melhor. Ironicamente, é Jane quem apresenta a Jesse algo novo. Uma noite ela aparece com seu "kit": seringas, colher, tubo cirúrgico e heroína. O relacionamento de Jesse e Jane – aliás, o futuro deles – passou de esperança e beleza às trevas e à imundície em questão de dias.

Walt, contudo, está focado somente no desejo de subir no mercado da metanfetamina, forçando uma reunião com o contato de Saul mesmo depois de ser recusado por conta do vício de Jesse no início do episódio. É o que nos leva a Gustavo Fring: empresário, empreendedor do ramo do fast-food, filantropo e um chefe sério. Interpretado com brilhantismo absoluto por Giancarlo Esposito (que tem entre os créditos *Revolution*, *South Beach*, *Faça*

*a Coisa Certa [Do the Right Thing]* e *Nova York Contra o Crime [NYPD Blue]*), Gus é frio, controlado e totalmente implacável, fatos que Walt não consegue perceber quando tenta fazer negócio. Sua obsessão por Gus vem às custas de sua família, pois ele chega atrasado para o último ultrassom de Skyler por causa da reunião com Gus no início do episódio. Ainda pior, Walt está tão focado no negócio que ignora as ligações e as mensagens cada vez mais insistentes de Skyler para dizer que o bebê está chegando. É aí que toma sua decisão: primeiro as drogas, depois a família. Sua parceria recém-criada à filha recém-nascida.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

SAUL: "Digamos que eu conheço um cara que conhece um cara... que conhece outro cara."

### **PERCEBEU?**

- Gus tem uma cadeia de restaurantes de fast-food chamada Los Pollos Hermanos, que quer dizer "Os Frangos Irmãos".
- Giancarlo Esposito consegue fazer a expressão de Gus mudar da polidez profissional à de assassino frio com uma leve alteração do olhar e uma pequena variação no tom de voz.
- Agora é Jesse quem está tentando fazer Jane se interessar pelo Museu Georgia O'Keeffe.
- Jesse usa de cinzeiro as balanças na estátua da Justiça que tem no escritório, bela demonstração visual tanto do desprezo de Jesse pelas autoridades quanto da adaptação da lei por Saul para satisfazer a atividade criminosa.
- Ted Beneke passa boa parte do tempo no telefone, aparentemente explicando pagamentos atrasados e pedidos não atendidos.
- Skyler também toma sua decisão nesse episódio, pois volta a trabalhar para Ted mesmo após descobrir as maracutaias da empresa.

- Skyler fica mais nervosa depois de cantar “Feliz Aniversário”, à la Marilyn Monroe, do que o próprio Ted.

### **GRAVANDO!**

- A edição veloz da câmera subjetiva da bicicleta para planos mais amplos do garoto que passeia pelo *barrio* (e o foco nas cores fortes dos cadarços da criança) serve tanto para o público fazer um tour pela vizinhança quanto focar nossa atenção na importância do garoto.
- Enquanto Jane se decide entre deixar ou não deixar Jesse fumando, ela para com a mão sobre a maçaneta da porta do apartamento. A câmera demora-se na mão, revelando a decisão dela ao espectador. A luz que entra pela cortina fechada sobre o vidro da porta também cria um efeito notável. O ângulo permite que o público veja além da sombra, onde a luz clara e límpida do sol entra pelo vidro. A luz clara também faz sombra sobre as divisórias das janelas e a penumbra, sombras que parecem as barras de dentro do apartamento. Assim, a opção deliberada de Jane está entre seguir o lado negro ou o lado branco, a liberdade ou a prisão do vício.
- O plano em plongée de Jesse flutuando no seu primeiro barato com heroína é singular no seriado. Embora outros planos em que a câmera ultrapassa o teto já tenham sido e ainda serão utilizados, é a única vez em que um personagem sobe com a câmera quase no estilo de uma pintura maneirista. É um uso tremendo da captação para mostrar a euforia da droga e a loucura que a acompanha.

**TITULAÇÃO** Mandala significa “círculo” em sânscrito. A arte religiosa budista e hindu costuma retratar mandalas como espaços sagrados, e essas figuras às vezes são usadas como ponto focal para meditação ou significantes de espaços sagrados. Nesse caso, o título parece referir-se a um enquadramento circular maior dentro da trama de *Breaking Bad*, que começa aqui, mas termina daqui a algumas temporadas.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **HEROÍNA E KITS**

Jane apresenta a Jesse à heroína, um opiáceo poderoso que pode ser fumado ou cheirado, mas é mais potente quando injetado diretamente na veia. Jane, assim como muitos viciados, tem quase um ritual ligado ao uso da droga e toma algumas precauções de segurança (o HIV é muito comum entre usuários de drogas intravenosas que compartilham seringas, por exemplo). No entanto, não se engane: não há como usar heroína com segurança. Um dos perigos mais óbvios é que a heroína, assim como todas as drogas de rua, costuma ser misturada a outras substâncias, algumas das quais não são tão salutares como o chili de Jesse. Afinal de contas, que viciado vai reclamar de controle de qualidade no que compra?

O viciado cuidadoso limpa a colher com álcool antes de colocar a heroína. Coloca-se um pouco de água na colher, que aí é aquecida por baixo com um isqueiro para a heroína dissolver-se na água. A seguir, coloca-se um pedacinho de algodão na mistura para absorvê-la. Depois, é utilizada uma agulha hipodérmica (espera-se que limpa) para puxar a heroína pelas fibras do algodão e colocá-la na seringa (espera-se que limpa). O algodão teoricamente filtra os micróbios e as impurezas. O viciado encontra uma veia que não esteja muito detonada de tantas injeções, limpa o local com álcool e aí injeta a porcaria, torcendo que tenha acertado e não tenha perfurado ou errado totalmente. Como se descobre? Inserindo a agulha, puxando o êmbolo só um pouquinho para ver se sai um pouquinho de sangue – sangue quer dizer veia. Depois é descer o êmbolo e torcer pelo melhor. Se a agulha estiver suja por ser compartilhada, o usuário também pode colocar HIV, hepatite B ou hepatite C no fluxo sanguíneo junto com a droga. Muitos viciados em heroína falam de sensações esmagadoras de vivacidade, segurança e euforia, mesmo quando usam a droga a céu aberto no inverno. Muitos usuários também falam em vômito imediato, acessos de tosse e constipação.



Isso aí. Superdivertido.

### **OS DOZE PASSOS**

Quando Jane mostra a Jesse sua medalha de 18 meses, fica evidente que Jane é uma viciada que chegou à sobriedade pelo programa de doze passos. No mundo todo, milhões de pessoas já chegaram à sobriedade de longo prazo por meio de programas de doze passos, que começaram com os Alcoólicos Anônimos em 1935 e desde então passaram a outros programas baseados no AA, como os Narcóticos Anônimos e os Cocainômanos Anônimos.

O que todos os programas de doze passos têm em comum é a exigência de abstinência total da droga que o viciado usar – e não há exceção para o álcool durante a temporada de futebol – e reconhecer que o viciado tem que achar algo melhor que a droga. Dito isso, programas de doze passos são de natureza espiritual, mas não religiosos. (Embora grupos religiosos tenham pegado emprestado o programa de doze passos para criar programas de recuperação com base na fé.) Quem está em reabilitação geralmente atravessa os doze passos com um mentor (conhecido como “padrinho”) que já passou pelos mesmos passos. Os viciados são pessoas que destruíram as próprias vidas e as vidas daqueles ao seu redor por serem especialistas em manipular, mentir, trapacear e roubar a fim de terem o que quiserem na hora em que quiserem. Ter que responder a um padrinho é uma mudança de ritmo muito bem-vinda. O sistema funciona porque o padrinho do viciado conhece todas as manhas de viciado – afinal de contas, o padrinho também já as usou.

Programas de doze passos não são para qualquer um. No entanto, funcionou para Jane durante um ano e meio, que não é pouca coisa para uma viciada, que literalmente não consegue imaginar um único dia sem usar. Mantendo o padrão inabalável de *Breaking Bad* de observar o terror que é o uso de drogas, notamos que Jane nunca aparece conversando com o padrinho. Pode ser que ela se ache acima dessa necessidade, ou que depois de um ano e meio já tenha força de vontade suficiente para lidar com a vida por conta própria.

Ela não tem. E devia ter aberto aquela porta e saído caminhando em direção ao sol.



## Phoenix

**Data de exibição original:** 24 de maio de 2009

**Roteiro:** John Shiban

**Direção:** Colin Bucksey

“Quer ver o que o papai fez pra você?” — Walter White

*Walt tira a sorte grande, mas não pode contar a ninguém. A espiral da decadência de Jesse e Jane se acelera.*

“Phoenix” é um de vários episódios que marcaram *Breaking Bad*. Desde o piloto, Walt vem justificando tudo que faz, tudo pelo que passou e tudo que causou às pessoas à sua volta dizendo que era pelo bem de sua família. Primeiro para dar segurança financeira a eles depois que morresse de câncer, e recentemente para pagar uma lobectomia pulmonar que vai extirpar seu câncer em definitivo e permitirá que ele seja provedor do futuro da família presencialmente. Até então, Walt tinha uma desculpa, por mais furada que fosse, para cada uma de suas atitudes. Agora não tem mais. O último suspiro dessa desculpa é sua decisão de fazer o maior negócio de sua curta carreira nas drogas em vez de comparecer ao nascimento da filha. Mesmo que forre sua casa com US\$ 1,2 milhão, não se pode fugir do fato de que ser arrimo da família não é a força motriz de Walt.

É aqui que os verdadeiros problemas dele começam a se manifestar. *Breaking Bad* trata bastante de família, e “Phoenix” dá uma boa perspectiva da família de Walt sem exagerar. Walt Jr. está trocando fraldas e cuidando da irmãzinha recém-nascida, assumindo a responsabilidade de forma bastante realista (e que não tem nada a ver com a macheza de ganhar do pai e do tio na

bebedeira). Mais do que isso, Junior criou um site para ajudar a arrecadar dinheiro para o tratamento de câncer do pai, um website muito comovente que revela o amor que Junior tem pelo pai. Hank e Marie estão empolgados em ter uma nova sobrinha para abraçar e mimar, e a família inteira se une para comemorar a chegada de Holly ao mundo, incluindo um banquete à piscina providenciado por Los Pollos Hermanos. Cada membro da família de Walt está disposto a assumir e trabalhar junto para ajudar o clã White. Marie e Hank ajudam a cuidar da criança, Skyler voltou ao trabalho e, fora o website, Junior está procurando emprego de meio período para ajudar. A família pode ter seus problemas, mas todos se dedicam um ao outro e estão dispostos a apoiar e trabalhar pela felicidade um do outro, não importa como. Às vezes pode ser difícil dar um passo para trás na própria vida e ver o que acontece à sua frente, mas fica óbvio que essa família é sensacional, o que não é pouca coisa.

Walt não. Walt não suporta. Ele vê o website de Junior como uma atitude esmoleira, pronuncia caridade como se fosse uma palavra suja, enxerga o trabalho de seu filho e de sua esposa como se fosse seu fracasso. Para Walt, tudo tem que partir dele, e ele não pode ver ou aceitar o apoio e o amor de sua família a não ser como prova de seu fracasso. O pior é que todo esse empenho deles é desnecessário, pois Walt conseguiu sustentar a família. Na sua cabeça, ele foi atrás e arriscou tudo para deixar a família em segurança, e fica todo rancoroso por não poder revelar nada a eles. O amor e o apoio não interessam, não se isso acontecer porque eles pensam que ele não tem como sustentá-los. É óbvio que não é o que a família pensa; tudo isso está na cabeça de Walt, um lugar cada vez mais assustador. Ele tem orgulho do que fez, e está furioso porque não pode sair gritando mundo afora.

Enquanto isso, Jesse e Jane entraram nas trevas. O mundinho que eles construíram desaba quando o pai de Jane descobre que a filha voltou a se drogar. Numa cena que lembra muito Jesse e a mãe em "Down", Don Margolis grita: "Por que, por que fazer isso?". Nas raias do desespero que só conhecem os viciados, Jane manipula o pai, Jesse e até Walt para conseguir uma saída: a

metade de Jesse na venda da metanfetamina. Jesse e Jane ficam cantando a nova vida que podem ter com tanto dinheiro, mas nem eles acreditam de verdade no que dizem.

Num dos momentos mais potentes, mas mais discretos, do seriado, Walt e Don encontram-se por acaso num bar. Walt parou ali por puro capricho, vindo de casa após entregar o dinheiro de Jesse e (talvez) comprar o silêncio de Jane. Don está lá para pensar na promessa da filha de voltar à reabilitação no dia seguinte. Don diz a Walt para nunca desistir da família e deixa claro que, para ele, nada mais tem importância. A mensagem de um pai para outro pesa sobre Walt, e é por isso que ele volta – não à sua família, mas a Jesse, com a determinação virtuosa de conduzi-lo à decisão acertada. Acaba, porém, assassinando Jane. Não é legítima defesa; é homicídio, o mais frio e cruel que há. Walt sabe o que fazer quando alguém começa a vomitar deitado: basta virar a pessoa de lado para que ela não aspire até sufocar. Ele mostrou a Marie como colocar uma toalha debaixo das costas da bebê Holly para que isso não acontecesse. Walt sabe o que fazer, mas não faz: fica ao lado de Jane vendo-a morrer. Outros momentos no seriado podem ser escolhidos para mostrar que Walt tornou-se irredimível; mas, da nossa parte, o assassinato de Jane é o instante fatídico em que o espectador descobre que não há volta.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

WALT: “Esmola cibernética. É isso que é. Agitar uma canequinha para o mundo inteiro ver.”

SAUL: “É, não tem sinais de preconceito aí.”

### **PERCEBEU?**

- Apesar de ter optado por uma transação em vez do nascimento de Holly, Walt tem a empáfia de ficar irritado quando descobre que Ted levou Skyler ao hospital.

- Quando Jane e Don participam da reunião dos doze passos, o viciado em reabilitação que ganha o medalhão de um ano fala que fez tudo que era preciso para continuar limpo, incluindo manter-se afastado de certas pessoas. Jane foi por outro caminho.
- Quando Jesse e Jane se injetam, Jane chama-o de "*baby*" e diz para ele ficar de lado para o caso de vomitar. Um belo prenúncio do que está por vir, que também se liga com a bebê Holly e Walt.
- A cena arrasadora em que Jane passa a perna no pai para que possa ter seu "amanhã" é uma das mais realistas do seriado. Gilligan & Cia. não economizam ao falar da realidade do vício e dos viciados.
- Don Margolis aparece no encontro dos doze passos tanto com quanto sem Jane durante o episódio, e também aparece bebendo uma cerveja depois de tirar satisfação com Jane e Jesse. Não fica claro se ele também é um viciado em reabilitação. Se for o caso, ele provavelmente não estaria tomando álcool, pois os programas de doze passos dos Alcoólicos Anônimos, Narcóticos Anônimos e Cocainômanos Anônimos consideram que o uso de álcool vai contra a sobriedade. Em caso negativo, é meio estranho Don comparecer ao encontro. Claro que a cerveja poderia ser seu lapso depois de brigar com Jane e Jesse, ou sua superproteção com Jane possa expandir para ter certeza que ela vá às reuniões em companhia dele.

**GRAVANDO!** "Phoenix" praticamente não usa ângulos de câmera estilosos, buscando concentrar-se em narrativa clara. Contudo, o uso do Motel De Anza mais uma vez volta aos lugares sem memória, um lugar à beira do mundo.

**TITULAÇÃO** Jane nasceu em Phoenix, Arizona, mas o título tem outro significado. A fênix é uma criatura mitológica, um lindo pássaro que consegue pressentir a chegada da própria morte. A fênix então constrói para si uma pira funerária e joga-se nas

chamas – mas renasce nas mesmas chamas que a consomem. O que virá a emergir das cinzas da morte de Jane?

### **CURIOSIDADES**

- O Motel De Anza que se vê na pré-créditos deve esse nome a Juan Bautista de Anza (1736-1788). De Anza nasceu na província de Sonora, da Nova Espanha, e de 1774 a 1777 comandou uma expedição para explorar a Califórnia em nome do Vice-Rei da Nova Espanha, durante a qual descobriu a primeira rota por terra à Baía de San Francisco. Ele foi governador da província do Novo México de 1777 a 1787, liderando uma campanha exitosa contra as tribos nativas da província, incluindo os comanches.
- O website que Junior fez para Walt existe de verdade, e até fins de 2013, quando a AMC desabilitou o link, o botão de “doações” redirecionava os leitores para uma página que recolhia dinheiro para a ONG National Cancer Coalition. Confira em [www.savewalterwhite.com](http://www.savewalterwhite.com)

### **INGREDIENTES ESPECIAIS**

#### **A MORTE DE JANE FOI HOMICÍDIO?**

Ok, a gente admite: em termos jurídicos, seria bem complicado provar que a atitude de Walt na morte de Jane chegaria ao nível de “homicídio doloso” ou mesmo à acusação de homicídio – principalmente se você comparar as ações dele ao assassinato premeditado, de primeiro grau. O que Walt faz é diferente de ficar na moita esperando a hora para esmagar os miolos de outro com um taco de beisebol, que seria o homicídio de primeiro grau clássico. Contudo, Walt ainda é responsável pela morte dela tanto pelo que fez quanto pelo que não fez. Geralmente, não se pode culpar alguém por não agir – há uma exceção notável se você estiver na condição de proteger o público, como um salva-vidas numa piscina pública, por exemplo. Contudo, existem outras exceções e acreditamos que esta seria uma delas.

Walt faz a bola rolar quando invade o apartamento e começa a sacudir Jesse. Naquele momento, Jesse e Jane estavam dormindo de conchinha, de lado. Só que quando Walt sacode Jesse, Jane vira e deita de costas, de uma forma que poderia sufocar com o vômito. (A propósito, que jeito nojento de deixar nossa morada mortal.) Jane começa a sufocar e vemos Walt – que, como já ficou evidente, *sabe o que fazer* – tomar a decisão de não agir. Em algumas jurisdições, essa indiferença diante da vida humana que leva à morte pode ser incluída no poético crime de “*depraved-heart murder*”, ou homicídio de coração perverso.

Independentemente de o sistema jurídico considerar Walt culpado ou não, moralmente ele tem o sangue de Jane nas mãos.

### **ZUMBIS DE COMPUTADOR**

Saul tem um plano de usar “zumbis” de computador para lavar o dinheiro que Walt ganhou com as drogas a partir do website de Junior. O fato de Junior ter criado o site para arrecadar dinheiro legítimo para o tratamento de câncer de Walt faz o plano de Saul ser especialmente sujo. Contudo, será que daria certo? Você quer a resposta rápida? Pode crer.

“Criam-se “zumbis de computador” quando um hacker toma conta de um computador (ou de uma dúzia, uma centena, um milhão, ou muitos, muitos mais) e usa o(s) computador(es) para realizar atividades ilegais sem conhecimento do(s) seu(s) proprietário(s) real(is). O esquema de Saul envolve um hacker que usa muitos, muitos computadores para canalizar o dinheiro de Walt com as drogas para o website beneficente de Walt Jr. por meio de pequenas “doações”. É o que converte o dinheiro sujo em dinheiro limpo, e ninguém precisa saber de nada. (Falamos mais sobre lavagem de dinheiro na seção da terceira temporada, caso você queira mais detalhes.) É possível até que você já tenha sido vítima de um “ataque zumbi” e nem soube, já que o proprietário legítimo ainda pode usar um computador zumbi, talvez só se perguntando por que o computador está tão lento.

Embora o plano de Saul pareça muito sofisticado, muitos hackers que criam zumbis não são tão bons em compilar scripts ou



códigos. E não precisam. Eles só precisam de um proprietário de computador confiável com um e-mail e conexão à internet. O primeiro estágio do processo é fazer a instalação chegar ao "computador da vítima". Geralmente isso se faz via e-mail ou através de um website comum. O hacker disfarça o programa com um nome inócuo para enganar a vítima, que abre o arquivo. Assim que a vítima está com o arquivo, ele precisa ser ativado. Geralmente o arquivo fica disfarçado, já que pouca gente vai abrir um arquivo que diz "Perigo – Software Zumbi". Geralmente os hackers fazem o arquivo zumbi parecer uma foto de gatinhos, bem inocente. Outra tática comum é um anúncio pop-up com o botão "Não, Obrigado". Quando a vítima clica no botão "Não, Obrigado" (ou na foto dos gatinhos), o software malicioso é ativado mesmo que nada pareça estar acontecendo. Muitas vezes o usuário pensa "Hmmm, arquivo esquisito" e esquece, quando deveria rodar os softwares antivírus e antispyware que possui.



(ANDREW EVANS/PR PHOTOS)

O arquivo ativado vincula-se a outros elementos do sistema operacional da vítima e, agora, toda vez que a vítima ligar o computador, o programa é ativado. Geralmente esses programas deixam o hacker controlar diretamente a atividade online do usuário ou simplesmente têm instruções para o computador zumbificado executar uma tarefa em determinado momento, como fazer uma doação de US\$ 50 ao fundo "Salve Walter White" de uma conta bancária eletrônica, nesse caso uma conta sobre a qual Saul e Walter têm controle.



## BQ

**Data de exibição original:** 31 de maio de 2009

**Roteiro:** Vince Gilligan

**Direção:** Adam Bernstein

“Pode perguntar por aí... ele é um pai excelente, um professor excelente. Ele sabe tudo que tem de química, ele é paciente, está sempre do seu lado... ele é um cara... legal.” — Walter White, Jr.

*Walt tem que lidar com as consequências da morte de Jane. As escolhas dos dois parecem ter ganhado vida própria, como uma sequência de dominós em queda.*

Em “ABQ”, Jesse está arrasado e sua situação é de partir o coração. Walt, que não é de ouvir os outros quando não dizem o que ele quer ouvir – principalmente Jesse –, não percebeu o quanto Jesse estava apaixonado por Jane, e o que a morte dela faria com o sócio. Há poucos episódios, Jesse e Jane estavam brincando ao sol, e agora não resta nada além de morte e sonhos partidos. Jesse chegou ao fundo do poço, culpa-se pela morte de Jane e busca a sua no desmazelo e desespero de uma boca de fumo. Ao ser encontrado por Walt, Jesse agarra-o tomado de agonia e Walt começa a perceber que ele não só tirou um obstáculo do caminho ou uma má influência da vida do Jesse quando viu Jane sufocar-se até a morte – também matou alguém muito importante para seu jovem parceiro.

Walt, é claro, acredita que tudo pode ser consertado e que ele é o cara certo para consertar. Com o dinheiro que tirou da metanfetamina, Jesse entra para um programa de reabilitação de luxo que deixa qualquer outro no chinelo. Apesar de tudo que o

cerca, tem alguma coisa em Jesse que parece ter se perdido para sempre. Sua agonia é perturbadora, e Aaron Paul mostra dor, mágoa e desesperança na tela com tanta potência que o espectador mal consegue continuar assistindo. Ao longo do episódio, Jesse parece quase um autômato, traumatizado demais para fazer ou pensar em qualquer coisa além do que Walt e o cara enviado por Saul dizem para ele fazer. O mais assustador talvez seja o público ficar com a impressão de que Jesse na verdade não quer mais saber da vida – nem de mais nada.

Jesse não é a única coisa que Walt está tentando consertar nesse episódio. Quando ganha fôlego o plano de Saul para usar o site de Junior no esquema de lavagem do dinheiro de Walt, Junior e Skyler ficam arrebatados com a resposta positiva e com o dinheiro que entra. Walt, por outro lado, está furioso. É dinheiro que ele ganhou, e tem que fingir que surgiu da bondade de estranhos que não tinham nada a ver com aquilo. O pior é que os telejornais da região ficam sabendo da história (graças à intrometida Marie) e ele vê-se obrigado a sentar ao lado do filho enquanto sua desgraça é televisionada e Junior ganha todos os elogios pelo site. A bolha egoísta de Walt estoura, contudo, quando ele ouve Junior elogiá-lo de forma gloriosa, erguendo-o ao papel de exemplo moral – poucos dias após assassinar uma jovem e destruir o mundo de Jesse.

O mundo de Jesse não é o único que Walt destrói com o que faz. A interpretação que John de Lancie faz do pai devastado tentando movimentar-se num mundo vazio é grandiosa. Ele chega ao apartamento da filha para levá-la à reabilitação, mas encontra uma ambulância e um legista. Aturdido demais para responder a qualquer coisa, sua expressão diz tudo. O espectador só pode imaginar como ele se tortura. Ah, como seriam as coisas se ele houvesse obrigado Jane a acompanhá-lo na noite anterior! Nesse episódio, é a primeira vez que o espectador consegue ver a metade de Jane do duplex, que é a casa alegre e limpa de uma artista, que tem um mural colorido com uma mulher muito parecida com Jane dançando no céu. O pai veio buscar um vestido para o funeral de Jane – de mangas compridas, para esconder as

marcas no braço. Tragédia em cima de tragédia, mas Gilligan & Cia. não param por aí.

As vidas de Jesse e Don foram destruídas, e agora é a vez de Walt. Zonzo pela anestesia da pré-lobectomia, ele admite que tem o segundo celular e, poucas semanas depois, Skyler arruma as malas e a bebê e diz para ele não estar em casa quando ela voltar. Walt entra no modo “controle de danos”, mas Sky fez o dever de casa. Cada mentira que Walt contou está revelada, uma depois da outra, e ela não quer mais nada com ele. Ponto final. Walt fica só, um homem que há poucas horas acreditava ter tudo: dinheiro, família, até saúde. Agora ele não tem nada, e tudo que fez “pela família” o levou a perdê-la. Pior ainda: as ações de Walt continuam provocando ondas, pois Don Margolis, o pai de Jane, volta ao trabalho ainda tomado pela perda, ainda aturdido, sem condições de desempenhar o controle de tráfego aéreo.

As pré-créditos em preto e branco da temporada unem-se nos últimos momentos do episódio, com a colisão de dois aviões bem em cima da casa de Walt. É ele que se vê na rota – na verdade, o grande criador – de uma chuva de morte.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

**ALTA VALÊNCIA** Gus deixando notas no pote de arrecadação para Walt que Hank fez no escritório do DEA.

### **PERCEBEU?**

- O furgão que toma distância da câmera na pré-créditos, agora em cores, diz NTSB no teto: National Transportation Safety Board, ou Comitê de Segurança do Transporte Doméstico, agência que investiga acidentes aéreos.
- O pessoal do Office of the Medical Investigator (OMI, ou Departamento de Investigação Médica) é quem investiga mortes como a de Jane. Os furgões na pré-créditos também são do OMI.
- Hank comenta que a metanfetamina “Blue Sky” está sendo distribuída em toda parte, com exceção do Novo México,

como se de repente os cozinheiros estivessem mais ligados. O acordo de Walt com Gus está sendo notado por outros.

- Walt chama Jesse de “filho” quando vai buscá-lo na boca de fumo.
- O incrível autorretrato de Jane no mural lembra Jesse em “Over” perguntando se ela gostaria de ser super-heroína. Pelo jeito ela queria, e assim como Jesse, desenhou-se nesse papel.
- Também na extrema direita do mural de Jane vê-se um ursinho de pelúcia rosa, que parece cair do céu.
- A visita guiada de Gus pelo DEA como patrocinador da “Corrida Divertida” mostra como ele é frio, e o quanto ele empenhou-se para virar pilar da comunidade. Também lhe rende informações: ele descobre que Hank trabalha para o DEA, que é cunhado de Walt, e que Walt tem câncer. Tudo que Walt não se dignou a revelar.
- Don refere-se a uma das letras da aeronave em seu radar como “Jane”. É um engano: deveria ser “Juliet”.
- A imagem de Walt que Hank colocou no pote de doações aparece de um ângulo que a sobrepõe a um alvo de silhueta humana no quadro do DEA, na mesma posição que a foto de Tuco estava durante a caçada do DEA ao traficante.

### **GRAVANDO!**

- “ABQ” é cheio de jogos de câmera especiais e enquadramentos estilizados. A pré-créditos costura todas as aberturas em preto e branco anteriores e acrescenta um elemento final, no qual o urso rosa-shocking ainda é o único pontinho de cor até que a câmera faz uma panorâmica para mostrar a casa dos White envolta por fumaça negra.
- Há uma variante da câmera subjetiva transpassante que *Breaking Bad* utiliza com bastante frequência e muito bem. Dessa vez, a câmera subjetiva é de dentro de um colchão, sendo que o ranger e os grunhidos reconhecidamente de

Jesse parecem conotar algo sexual – mas revelam-se parte do desespero de Jesse em reviver Jane por reanimação cardiopulmonar. Ao longo de todo o relacionamento, o espectador nunca viu nem ouviu Jesse e Jane fazer amor, embora seja óbvio que fizeram. É uma forma brilhante de manter a relação inocente aos olhos do público, talvez até pura, e a conexão entre sexo e morte nessa cena chega a ser chocante.

- A cena da cirurgia não se entrega à sanguinolência gratuita, mas o público vê Walt ser tratado como uma peça de carne, jogado para lá e para cá, sem gentilezas, enquanto a equipe cirúrgica realiza a lobectomia. Talvez isso seja metáfora da falta de controle que Walt de fato tem sobre a vida, mesmo que ache o contrário.
- Está aberto a debate, mas pode-se dizer que a câmera subjetiva mais brilhante do seriado até agora acontece quando o espectador tem a perspectiva do ursinho de pelúcia numa queda de centenas de quilômetros, do céu até a piscina de Walter White – e aí é revelado repentinamente que o blusão de Walt tem a mesma cor do pelo do icônico ursinho.

**TITULAÇÃO** “ABQ” termina a frase da temporada: “Sete Três Sete Caído Sobre ABQ.” Um Boeing 737 caiu sobre Albuquerque.

### **CURIOSIDADES**

- Esse episódio traz a primeira aparição do talentoso Mike, interpretado por Jonathan Banks. Embora seu primeiro papel tenha sido num filme de utilidade pública chamado *Linda’s Film on Menstruation* [O Filme sobre Menstruação da Linda], é provável que você se lembre dos papéis dele em *48 Horas (48 Hrs., 1982)*, *Um Tira da Pesada (Beverly Hills Cop, 1984)* e *O Homem da Máfia (Wiseguy)*.
- Fundada em 1926, a National Transportation Safety Board é a agência federal encarregada de investigar não só acidentes aéreos, mas também outros acidentes que

envolvem transporte de massa, como ônibus, trens e barcas.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **LOBECTOMIA PULMONAR**

O tratamento do câncer de Walt envolve uma lobectomia pulmonar, que é uma cirurgia que envolve abrir o corpo, afastar as costelas e remover a porção cancerosa do pulmão, geralmente com alguns linfonodos. É para dar medo e é uma cirurgia de grande porte, só que você tem mais tecido pulmonar do que imagina. O pulmão direito tem três lobos (superior, mediano e inferior) e o esquerdo tem dois (superior e inferior). Depois da cirurgia, pode haver vazamento de ar e fluido do pulmão do paciente, o que pode levar o pulmão ao colapso e dificultar a respiração. Para impedir que isso aconteça, durante a cirurgia são colocados drenos que sugam o fluido e o ar em volta do pulmão e facilitam a respiração do paciente em recuperação. É um acréscimo ao tubo de alimentação e ao cateter que é inserido durante a cirurgia, assim como os pontos e grampos bem resistentes. Quando o corpo se recupera, os tubos são removidos e os pontos são absorvidos. Muitos pacientes voltam para casa uma semana após a cirurgia e costumam voltar ao trabalho de seis a oito semanas depois.

### **CONTROLADORES DE TRÁFEGO AÉREO**

Don Margolis trabalha como controlador de tráfego aéreo, profissão que, entre as que não exigem formação universitária, é a que costuma ficar entre as mais bem pagas nos EUA. Embora seja fácil encontrar um controlador de tráfego aéreo tarimbado que ganhe na faixa dos US\$ 100 mil por ano, também é uma profissão com altíssimo nível de estresse – e isso quando as coisas vão bem.

Controladores de tráfego aéreo trabalham em torres de controle e instalações de controle de aproximação nos aeroportos. Exige-se concentração total e é muito cansativo. Os turnos costumam



envolver fins de semanas, pernoite e feriados, com folgas bem reduzidas. Controladores de tráfego aéreo têm que saber lidar com a complexidade do tráfego de aviões, fazer turnos longos sem pausa e lidar com a variação climática. É comum um único controlador comunicar-se com 10 aeronaves a questão de poucos quilômetros entre si. Os aeroportos mais movimentados lidam com mais de 100 operações por hora – ou seja, quase duas decolagens e aterrissagens por minuto.

Embora Don não trabalhe sozinho, muitos controladores de tráfego aéreo que trabalham em Federal Contract Towers (FCTs, ou Torres por Contrato Federal) ficam sós. Os FCTs foram o resultado de quando a Federal Aviation Administration contratou a iniciativa privada para prestar serviços de controle de tráfego aéreo em aeroportos menores e com pouco tráfego. Se você ficou assustado, ótimo. Esses controladores ficam responsáveis por resolver tudo sem apoio nenhum e podem coordenar simultaneamente até três aeroportos enquanto conversam com pilotos no ar esperando aterrissagem e com pilotos em terra esperando decolagem. O nível de estresse num turno rotineiro (deixando de lado quando as tempestades e outras condições climáticas ruins acontecem) pode ser de fritar os miolos. É por isso que a Federal Aviation Administration determinou aposentadoria compulsória para controladores de tráfego aéreo aos 56 anos.



**O VÍCIO MATA**  
(SEGUNDA TEMPORADA)

**MORTOS**

Walt: 1 ( Jane)

Walt/Don Margolis: 167 (Voo Wayfarer 515 e passageiros do jato fretado)

Tuco: 1 (No-Doze) (+ número desconhecido)

Hank: 1 (Tuco)

**FERIDOS**

Hank: ( Jesse)



**“MELHOR LIGAR PRO SAUL!”**  
OS ADVOGADOS E A PUBLICIDADE

Em “Live Free or Die”, Walt despreza Saul chamando-o de “advogado mequetrefe de ponto de ônibus”. Deixando de lado que os 17% que o advogado tem sobre o empreendimento de Walt e Jesse estão longe de ser “mequetrefes”, Saul é de fato famoso pela publicidade agressiva que inclui anúncios em pontos de ônibus. Essa modalidade de anúncio escancarado, contudo, é um fenômeno relativamente recente. Abraham Lincoln deu o conselho que ficou famoso a um jovem que estava pensando em seguir carreira jurídica: que optasse por ser advogado honesto e, caso não conseguisse, que decidisse ser honesto sem ser advogado. É uma anedota bonita que mostra como a ética era importante para Abe, “O Honesto”. No entanto, vale notar que Lincoln não se furtava de fazer um bocadinho de autopromoção. Ele atuou como um dos principais juristas da Illinois Central Railroad no marco divisório que foi o caso *Illinois Central Railroad contra Condado de*

*McLean*, em 1855, e como chegou lá dá uma bela história. Quando o caso estava pegando fogo, Lincoln foi primeiro discuti-lo com representantes do Condado de McLean, oferecendo seus serviços frente ao litígio iminente. Como não teve resposta, mandou uma carta ao condado vizinho. Já que ninguém puxava seu caniço, Lincoln correspondeu-se com a companhia ferroviária, dizendo que estava disponível para advogar em nome do posicionamento da empresa. Foi contratado quatro dias depois. Embora essa situação fosse aceita nos anos 1850, Lincoln teria criado motivo para perder a licença durante a primeira metade do século 20.

Apesar de todas as histórias de advogados de porta de cadeia, a ética é pedra angular da profissão. E vamos ser francos: já existia diploma de direito quando os médicos usavam sangria para equilibrar os “quatro humores” do corpo e sanguessugas eram consideradas medicina de ponta. Todas as jurisdições dos Estados Unidos insistem que quem quiser ser advogado tem que demonstrar competência para compreender e aplicar os padrões de conduta acordados da profissão antes de ingressar na prática jurídica. Quase todos os estados medem esse conhecimento por meio do *Multistate Professional Responsibility Examination* (MPRE, ou Exame de Responsabilidade Profissional Transestadual), prova à qual os estudantes de direito se submetem além da prova “normal” de ingresso na ordem.

Um dos quesitos da responsabilidade profissional trata de qual publicidade é e qual não é permissível para advogados. Hoje em dia, a publicidade feita por membros da ordem parece uma coisa difundida, mas nem sempre foi assim. A American Bar Association (ABA, ou Associação Americana de Advocacia)<sup>3</sup> foi fundada em 1878 e, naquela época, as regras que tratavam de como o advogado poderia divulgar seus serviços variavam bastante de estado para estado. Preocupada com o colapso dos padrões na profissão, a ABA promulgou os *Canons of Professional Ethics* [Cânones da Ética Profissional]. Adotados em 1908, os *Canons* codificavam padrões éticos para integrantes da ordem.

A imensa maioria dos membros da ABA acreditava que a publicidade era grosseira e indigna para a nobre profissão da lei, e

por isso os *Canons* proibiam expressamente a publicidade de seus membros. Presumia-se que o advogado tivesse uma clientela estabelecida ou que o boca a boca sobre a qualidade de trabalho de um advogado resultaria nessa clientela. Advogados teriam direito a fazer cartões de visita e usar papelaria, e firmas teriam o direito de entrar em listas de advogados (não em listas telefônicas) que contivessem apenas informações para contato. Contudo, a publicidade permitida ia até aí, e assim as coisas permaneceram durante quase 70 anos. Sem outdoors, sem anúncio na TV, sem anúncio em paradas de ônibus e sem mala-direta que chega na sua casa quando você recebe uma multa de trânsito. O raciocínio por trás da proibição era, para dizer o mínimo, elitista. Se você era de uma classe social que recorria a advogados (para transferências de propriedade, elaboração de testamentos ou fundos fiduciários, digamos), provavelmente você teria um “advogado da família”; se você não fosse dessa classe, achar um advogado costumava ser uma coisa difícil e enervante. Muitas vezes você nem sabia quais eram seus direitos, por causa da falta de informação. Imagine morar num apartamento cheio de ratos ou ter certeza de que seu senhorio devia ser o responsável por consertar o encanamento – mas sem saber como chegar a um advogado que entendesse das leis de inquilinato.

A situação começou a mudar no início dos anos 1970, quando dois jovens advogados, John Bates e Van O’Steen, foram aceitos na State Bar of Arizona (Associação de Advogados do Arizona). Depois de alguns anos trabalhando para a Legal Aid Society<sup>4</sup>, Bates e O’Steen começaram a advogar em sociedade. Resolveram que o foco da firma seria o grande volume de casos simples, como divórcios sem contestação, mudanças de nome e adoções. Contudo, para criar o volume de que necessitavam, Bates e O’Steen perceberam que seus nomes tinham que ser conhecidos do grande público. Assim, em fevereiro de 1976, compraram um anúncio no jornal local. Qualquer pessoa diria que o anúncio era discreto e de bom gosto, pois apenas declarava que tipo de casos a firma aceitaria, uma lista de preços e contato, incluindo

endereço e número de telefone da firma, sob a chamada “Serviços Jurídicos a Preços Aceitáveis”.

Por mais comedido que fosse, o anúncio no jornal levaria os dois jovens advogados à atenção da State Bar of Arizona, em razão da restrição bem específica da Regra Disciplinar 2-101(B) da associação estadual, que diz em parte: “O advogado não fará publicidade de si... via anúncios em jornal ou revista, menção em rádio ou televisão, publicação de anúncios em listas municipais ou telefônicas, nem outras formas de publicidade comercial, tampouco autorizará ou permitirá a outros fazê-lo em seu nome”. A State Bar of Arizona prontamente suspendeu as licenças de Bates e O’Steen. Os dois, porém, haviam prestado atenção nas aulas de direito constitucional e abriram um processo, afirmando que a proibição total de publicidade ia contra a garantia de livre expressão na Primeira Emenda à Constituição dos Estados Unidos. Quando o caso chegou à Suprema Corte dos EUA, Bates e O’Steen venceram pelo argumento da liberdade de expressão. A Corte decidiu que a proibição total servia apenas para “manter o público na ignorância” e “inibir a livre circulação de informação”. Os estados tinham autorização para controlar a publicidade jurídica, garantindo que a informação contida nos anúncios fosse verdadeira e que não induziria o público ao engano. Foi com *Bates contra State Bar of Arizona* que as comportas se abriram. A tinta mal havia secado na decisão da Suprema Corte quando a firma californiana Jacoby & Meyers colocou um anúncio impresso no *Los Angeles Times*; foi a mesma firma que virou a primeira nos Estados Unidos a valer-se da televisão para divulgar seus serviços. Os outdoors e os anúncios de fim de noite de Saul são descendentes diretos da decisão Bates.

Nem toda publicidade é válida, contudo. As *Model Rules of Professional Conduct* [Código de Conduta Profissional] da ABA (às quais o Novo México subscreveu em 1986) proíbem contato direto com clientes potenciais e insistem que a comunicação escrita, gravada ou eletrônica que consista em tentativas de oferecer a contratação de um advogado sejam identificadas expressamente como “material publicitário”. Embora as restrições variem um

pouco de estado para estado, atividades que cheirem a “porta de cadeia” ou “correr atrás de ambulância” costumam ser proibidas, incluindo aí restrições à solicitação direta de vítimas de colisão de balsas e outros desastres de grande escala. (Saul dá um jeito de circundar essas proibições: lembra-se do anúncio dele procurando feridos que queiram entrar na ação coletiva contra a Wayfarer após o acidente aéreo na segunda temporada?) Saul é um excelente exemplo dos limites da publicidade jurídica. Ele usa outdoors e anúncios absurdos na TV e na internet para seu rosto chegar ao público; até seu escritório é decorado de uma forma muito exagerada para dar a entender que só ele, Saul (McGill) Goodman, compreende a sua dor e vai lutar pela justiça, não interessando se seu caso trata de acidente de trabalho, dirigir bêbado ou desgaste emocional provocado por um desastre aéreo. Claro que, se você se meteu numa encrenquinha por conta de um mal-entendido quanto ao direito penal, Saul também está disposto – por uma quantia razoável, é claro – a ajudá-lo nessa questão.

Publicidade, até certo ponto, é uma questão de gosto. Os anúncios de advogado percorrem toda a gama que vai da discrição e da elegância até o ridículo e o exagero. A Alexander & Catalano, firma que atua no estado de Nova York, fez uma série de anúncios que mostram os advogados usando poderes sobre-humanos para achar um cliente em perigo, como gigantes maiores que prédios e até atendendo extraterrestres. Quando Nova York tentou mexer nas suas regras sobre publicidade, deu a entender que esse escritório estava na mira: o novo regulamento proibia a publicidade baseada “em técnicas para chamar atenção... incluindo retratar advogados exibindo características evidentemente não relacionadas à competência jurídica”.

O Tribunal de Apelação decidiu a favor da firma, embora tenha aceito que a Alexander & Catalano não atende extraterrestres. “É fato que Alexander e seu sócio não são gigantes cuja altura excede os prédios locais; eles não conseguem correr tão rápido a ponto de parecerem borrões; tampouco prestam consultoria jurídica a extraterrestres. No entanto, dada a prevalência destes e outros efeitos especiais na publicidade e no entretenimento, não

podemos acreditar seriamente – por pura questão de bom senso – que indivíduos comuns possam ser levados a pensar que o anúncios retratem características reais.”

Senso comum e lei? Bom, parece que hoje em dia as duas coisas não combinam. No entanto, diversão é o que não falta.

[3](#) Equivalente à Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). [N. do T.]

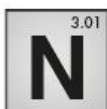
[4](#) Organização norte-americana de apoio jurídico aos sem-teto. [N. do T.]





**GUIA DE EPISÓDIOS**  
TERCEIRA TEMPORADA

**3**



## o Más

**Data de exibição original:** 21 de março de 2010

**Roteiro:** Vince Gilligan

**Direção:** Bryan Cranston

“Ficar se odiando, se sentindo culpado, isso não leva a nada. Só atrapalha.” — Líder do Grupo

*Walt precisa lidar com as consequências de seus atos na última temporada. Jesse luta com seus demônios, e algo perverso começa a vir do México.*

A terceira temporada de *Breaking Bad* parece começar fora de contexto. A pré-créditos de “No Más” se passa bem distante de Walt, de Jesse, de Albuquerque ou de qualquer lugar que o espectador já conheceu no seriado. A imagem de miseráveis arrastando-se pela terra e pelo calor com determinação ferrenha parece uma coisa medieval, como um grupo de peregrinos em penitência extrema reproduzindo a via-crúcis. Essa interpretação não é de todo errada. Acompanhando os arrastados, mas a velocidade muito maior, há dois jovens de aparência endinheirada que têm caveiras de prata adornando o bico das botas de caubói, caras e feitas sob medida. O destino deles é um santuário em Santa Muerte, e seu propósito é deixar no altar um desenho muito malfeito de Walter White com seu chapéu e óculos de Heisenberg. Ao longo desse caminho, nenhum dos homens, que aparentam ser gêmeos, diz uma palavra. São resolutos, intensos, aterrorizantes. Raras vezes um programa de TV apresentou um “arquivilão” (ou arquivilões) da temporada com tanta potência. O espectador fica

com a impressão de que Walt chegou a outro patamar de perigo. Ele está nadando com os tubarões e os tubarões estão com fome.

Walt, por sua vez, está tentando distanciar-se psicologicamente das 167 mortes que ocorreram quando o controlador de tráfego aéreo Don Margolis, enlutado pela perda da filha Jane, conduziu dois aviões ao mesmo espaço aéreo ao mesmo tempo, fazendo-os colidir quase exatamente sobre a casa de Walt e matando todos a bordo das duas aeronaves. E Jane morreu porque Walt a matou, ou seja: foi ele que derrubou a sequência de dominós.

O conselho citado anteriormente vem do líder do grupo de doze passos na sua fala a Jesse e a outros viciados no centro de recuperação, mas é o cerne de todo o episódio. Em termos de reabilitação, significa que o viciado deve superar o ódio e a culpa por si mesmo para mudar para melhor o que tem em vida. As reparações são necessárias, mas nada se realiza quando se chafurda nessas emoções, pois elas podem virar desculpas para evitar a mudança e voltar às drogas. Para Walt, porém, essas palavras servem apenas para ajudá-lo a sublimar o nível de sua responsabilidade por todas as mortes e a situação atual com sua família. Walt tenta relevar o tamanho do desastre com os alunos e os colegas professores do colégio onde leciona, assim como faz consigo. Ele está louco para repassar a culpa do acidente a outros, chegando ao ponto de dizer a Jesse que a culpa é do governo. Acima de tudo ele quer esquecer – mas não consegue. Seu lema é seguir em frente e manter-se vivo. Só que ele não anda tendo sucesso, especialmente no que se refere à vida em família.

Parece que Walt acredita mesmo que as coisas – sabe-se lá como – podem e deviam voltar ao “normal”, como eram antes de ele ser diagnosticado com câncer. Ele sinceramente parece não entender as reações de Skyler a suas mentiras e à reve-lação de que ele é um “produtor” de metanfetamina. No mundo de Walt – ou o mundo da forma como Walt gostaria que fosse –, suas ações foram todas em nome da família, e ele devia ser respeitado e elogiado pelo tanto que fez por aqueles que ama. Qualquer outra resposta que não a gratidão deixa-o simplesmente confuso. Ele volta a tentar sair do jogo, chegando a recusar uma oferta de US\$

3 milhões por um trimestre de trabalho com Gus. Ele está em busca de algo que faça todos os seus erros sumirem por mágica, fazer tudo voltar ao seu lugar, principalmente sua “família feliz”. Acima de tudo, Walt não quer que suas escolhas tenham consequências, fora as que ele enxerga como positivas. Ele dispõe-se ao máximo a reconhecer que consequências negativas podem ser problemas temporários, mas nunca têm efeitos duradouros. Acima de tudo, e apesar de recusar a proposta de Gus, Walt não quer mudar. Aliás, ele não vê por que mudar. Isso surge de forma tocante quando ele negocia com o Jesse sóbrio, que se culpa pela morte de Jane e também em parte pelo Wayfarer 515. O público sabe que Jesse sente um pouco da responsabilidade pela morte de Jane (foram os dois que decidiram se drogar, afinal), mas na verdade ela foi morta por Walt. É óbvio que ele não pode admitir sua culpa a Jesse, por isso tenta animar o sócio e deixa que Jesse acredite na própria culpa.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

PAMELA: “Você acha que entende bem sua situação financeira e a de seu marido...? Você ia se assustar com as coisas que eu já vi um cônjuge esconder do outro.”

### **PERCEBEU?**

- Quando Walt quase queima seu dinheiro, a caixinha de fósforos tem um anúncio do escritório de Saul Goodman.
- Há um altar improvisado com flores e cruzes na esquina da casa de Walt para lembrar o Wayfarer 515.
- Walt voltou aos joguinhos arriscados com Hank, dessa vez dizendo de cara séria que tem US\$ 500 mil em dinheiro numa bolsa (e provavelmente tem).
- Walt tira as cascas do pão de sanduíche, assim como fez quando preparou o sanduíche de Krazy-8.
- O aluno que sugere conceito A para todos em função do acidente com o Wayfarer 515 é o mesmo que tentou fazer

Walt mudar sua nota na prova de química em "Negro y Azul".

- Walt usa eufemismos quando Skyler vai confrontá-lo a respeito da metanfetamina, fazendo distinção entre "traficante" e "fabricante".
- Os gêmeos comunicam-se sem falar.
- Depois do Wayfarer 515, muita gente usa faixas ou broches azuis para lembrar o acidente, mas Walt não.

**PRECIPITAÇÕES** Quando o líder do grupo de Jesse conta a história da morte da filha, ele diz que a data foi 18 de julho de 1992 e que ele estava saindo de casa para comprar vodka porque a loja de bebidas estadual fechava às 17h. Só que 18 de julho de 1992 foi um sábado e as lojas de bebidas estaduais de Portsmouth, Virginia, onde o líder da terapia em grupo diz que estava morando na época, ficam abertas até as 21h ou 22h nos sábados.

### **GRAVANDO!**

- A pré-créditos e as cenas da fronteira são filmadas com um filtro diferente, que cria uma luz amarela forte que não só sugere calor, mas também é um indicativo sutil da localização: México, não EUA.
- Quando os gêmeos trocam os ternos de alfaiate pelos trajes de fazendeiro pobre, deixam o fazendeiro e a esposa evidentemente aterrorizados, especialmente enquanto pairam sobre a menininha. Nos planos posteriores, a câmera fica posicionada acima dos ombros dos gêmeos e angulada para baixo ou ao nível da menininha mas inclinada para cima, sendo que os dois ângulos enfatizam a diferença de altura entre a menina e eles, aumentando a sensação de temor no espectador.
- Gilligan & Cia. sumiram com as pré-créditos com flash-forwards das temporadas anteriores, mas ainda assim conectam as cenas de abertura e encerramento: quando o motorista de caminhão dos gêmeos escapa arrastando-se,

está igual aos adoradores de Santa Muerte que se arrastavam na pré-créditos.

**TITULAÇÃO** “No Más” é “não mais” em espanhol, provavelmente em referência à suposta tentativa de Walt de parar de cozinhar metanfetamina, à sobriedade de Jesse e à postura de Skyler em relação a Walt.

### **CURIOSIDADES**

- Marla Tellez, Jeff Maher e Dana Cortez, os âncoras de TV que aparecem na sequência de abertura do episódio tratando do Wayfarer 515, eram personalidades do telenoticiário regional de Albuquerque na época em que o episódio foi ao ar.
- O episódio traz a primeira aparição de Jere Burns como líder do grupo de terapia de Jesse. Além do papel recorrente em *Breaking Bad*, Burns também interpreta Wynn Duffy no seriado *Justified*, do canal FX.
- O líder do grupo de Jesse diz que ele morava em Portsmouth, Virginia. Não é por acaso: Portsmouth é a cidade natal da namorada de Vince Gilligan. Ele mesmo nasceu e foi criado na Virginia.
- O líder do grupo confessa que atropelou e matou a filha de seis anos com sua caminhonete a caminho da loja de bebidas estadual. Os espectadores que moram num dos 18 “estados-controle” dos EUA captaram a referência na hora. Em estados-controle, o governo estadual tem monopólio do atacado e do varejo de bebidas alcoólicas, de forma que é o estado que vende álcool (geralmente destilados, como a vodka que o líder do grupo estava correndo para buscar antes que a loja fechasse) nos estabelecimentos de “Alcoholic Beverage Control” [Controle de Bebida Alcoólica], mais conhecidos como “ABC Stores”.
- O episódio também traz a primeira aparição dos misteriosos gêmeos, interpretados pelos irmãos Luis e

Daniel Moncada. Nascidos em Honduras, os irmãos treinam Muay Thai.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **SANTA MUERTE**

A veneração à esquelética Santa Muerte é tanto antiga quanto atual. As sociedades mesoamericanas tinham certa reverência pela morte, vendo-a meramente como a outra metade (necessária) da vida. Essa adoração é vista hoje nas comemorações de Dia dos Mortos nas quais famílias inteiras reúnem-se em cemitérios para orar por amigos e familiares falecidos. É uma atmosfera tranquila, de festa; aliás, há um doce tradicional do Dia dos Mortos, um chocolate no formato de crânio.

A tradição cristã europeia também se baseava em figuras esqueléticas, mas de forma mais lúgubre. Esqueletos e crânios eram utilizados para simbolizar a mortalidade humana. Durante epidemias como a Peste Negra, os esqueletos costumavam ser adornados com coroas e cetros para conotar o triunfo da morte. Quando a fé católica chegou ao Novo Mundo, iniciou-se um processo de sincretismo entre elementos de cultos novos e antigos. Santa Muerte é um dos resultados desse embate de culturas. A veneração a Santa Muerte ganhou força nos últimos 30 anos, principalmente entre os pobres e renegados da sociedade mexicana. Assim, altares e santuários começaram a aparecer em espaços públicos, embora a maioria dos santuários à Santa ainda seja clandestina.

Por mais que nunca tenha virado santa oficial da Igreja Católica, Santa Muerte tem reputação de grande poder. É ela que concederia favores que outros santos não conseguem, como fazer alguém apaixonar-se pelo suplicante ou trazer infortúnio, até mesmo morte, aos inimigos de quem suplica. Deve-se ressaltar que Santa Muerte só concede esses desejos se a súplica for feita de "mãos limpas". Em outras palavras, o suplicante deve andar na linha e seguir sua vida assim. Ao buscar a intercessão, os

suplicantes fazem oferendas, entre elas, presentes tradicionais como flores, incenso e velas, e outros presentes menos comuns, como cigarros, dinheiro e bebida.

Sendo patrona dos renegados, Santa Muerte também faz muito sucesso entre criminosos, incluindo traficantes de drogas. Vez por outra imagens de Santa Muerte são encontradas ao lado de imagens de Jesús Malverde, que é tido como “narcossanto” (ver página 109). Contudo, por causa do ciúme extremo que se atribui a Santa Muerte, muitos veneradores deixam sua imagem isolada de outros ícones religiosos.

### **DESASTRE AÉREO EM TENERIFE**

Na assembleia escolar após o desastre Wayfarer, Walt tenta minimizar o acidente fazendo referência ao fato mais temível da história dos desastres aéreos: Tenerife, diz ele, foi muito pior. E ele tem razão. A tragédia em Tenerife, em 1977, é o pior desastre aéreo da história. Até hoje, só a menção desse nome provoca suor frio em pilotos e controladores de tráfego aéreo. O que torna a tragédia ainda mais inacreditável é o fato de ela ter acontecido em solo.

Tenerife é a maior das Ilhas Canárias e um famoso resort de férias. No dia do acidente, uma bomba terrorista fez o Aeroporto Gran Canaria fechar e, assim, as aeronaves foram desviadas para o Aeroporto de Tenerife, que é menor. Um nevoeiro intenso surgiu de repente e reduziu a visibilidade. Entre as aeronaves que foram desviadas para Tenerife estavam dois jumbos Boeing 747: o voo 4805 da KLM e o voo 1736 da Pan Am.

Assim que o Gran Canaria reabriu, os voos resolveram decolar logo, sem esperar que o nevoeiro passasse; passageiros e tripulação estavam contrariados com o atraso. O avião da KLM taxeu primeiro. O jato da Pan Am entrou no cronograma para decolar após o KLM 4805 e deveria sair da pista principal para uma pista de taxejamento, liberando assim a pista para o KLM 4805. Por causa do nevoeiro, o piloto da Pan Am errou a curva para a pista de taxejamento e continuou na de decolagem, procurando outra entrada.



O KLM 4805 acelerou à velocidade de decolagem (o piloto entendeu erroneamente que a decolagem havia sido autorizada), mas atravessou uma massa de névoa e viu o avião da Pan Am parado no meio da pista. A tripulação da Pan Am puxou toda a velocidade e fez uma curva brusca para a esquerda a fim de evitar a colisão, mas o avião da KLM estava muito rápido. Sem conseguir frear, o avião da KLM colidiu com o jato da Pan Am à velocidade de aproximadamente 260 quilômetros por hora. Os dois aviões foram destroçados com o impacto e todo o combustível do KLM 4805 pegou fogo. O calor dos incêndios foi tão forte que dissipou o nevoeiro num raio aproximado de um quilômetro. Todos os 234 passageiros e 14 tripulantes a bordo do avião da KLM morreram, assim como 326 passageiros e nove tripulantes a bordo do Pan Am. Cinquenta e seis passageiros e cinco tripulantes a bordo do Pan Am 1736 saíram vivos.



## **OS CARROS DE BREAKING BAD**

Diga-me que carro diriges e te direi quem és. Ou diga-me em qual carro cozinhas metanfetamina... mas deixamos o motor-home Fleetwood (ou "Nave do Cristal") para outra hora.

Walt começa o seriado dirigindo um Pontiac Aztek que tem um tom verde meio sem graça. O Aztek foi criado para atrair o público da Geração X, mas virou um desastre tão grande que levou a General Motors a dar cabo da marca Pontiac. Em 2007, a revista *Time* nomeou o Aztek um dos piores carros de todos os tempos e em 2010 colocou-o numa lista de "50 piores invenções de todos os tempos". O Aztek foi projetado como carro "*crossover*" – tinha os elementos desejáveis de uma SUV (grande capacidade de carga e assento elevado), mas nunca foi pensado para dirigir em chão batido. Em outras palavras, é um nada, assim como Walt no princípio de *Breaking Bad*: um professor frustrado que anseia ser mais do que é, mas não foi projetado para esse fim. Além disso, o para-brisa do Aztek de Walt costuma estar rachado para

simbolizar o preço que sua vida oculta está cobrando das coisas e pessoas ao seu redor. Mais à frente, Walt vende o Aztek por US\$ 50 ao mecânico que o carro não parava de visitar. Walt então aluga um elegante Chrysler 300, veículo que ficou famoso na cultura gângster. Alugar um carro tão vistoso combina com o fato de que Walt está aceitando aos poucos sua persona Heisenberg.

Jesse também começa com um carro e termina com outro, embora seja o inverso das escolhas automobilísticas de Walt. No início da primeira temporada, Jesse dirige um Monte Carlo tunado com placa de ostentação e sistema hidráulico de mesmo fim ("olhem pra mim, *bitches!*"). É bem um carro de traficante, e Jesse cumpre esse papel com tudo que tem direito. Depois, contudo, Jesse dirige um Toyota Tercel enferrujado – um carro de operário de baixo escalão. É um carro anônimo, que provavelmente não chama a atenção de ninguém – nem do DEA.

Por falar em carros anônimos, Gus dirige um Volvo sedã robusto e razoável: o carro cauteloso para o homem cauteloso. O Volvo talvez seja o melhor exemplo de esconder-se à vista de todos. É um carro bom, mas falta brilho. É sorrateiro, o adjetivo que define Gus. O mais interessante é que Walt também compra um Volvo na quinta temporada. Com base nos fatos, parece que Walt pode estar adotando os hábitos mais cruéis de Gus, mas não a cautela.

Aos 16 anos, Junior quer um carro, e muito. Ele logo vai ganhar dois. Num acesso de generosidade, Walt compra para ele um Dodge Challenger, o carro potente da atualidade. Estarrecida com a ostentação (não bate com a nossa fachada, Walt!), Skyler insiste que Walt devolva o carro. Em vez do poder e do *sex appeal* do Challenger, Skyler dá ao filho um PT Cruiser, carro robusto e seguro que desfaz qualquer moral que Junior possa ter acumulado na vida. Junior, que é um filho querido e atencioso, faz o possível para esconder da mãe sua frustração, mas sabe que ela quer o seu melhor. Quando Walt pula do Aztek para o Chrysler 300, também consegue outro Challenger para o filho e, do jeito que as coisas andam, Skyler deixa rolar.

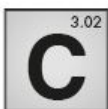
Skyler dirige um velho Jeep Grand Wagoneer com lambris de madeira nas laterais. É um carro que ela tem há muito tempo e a

sensação que se tem é que o Jeep, assim como a casa dos White, era para ser uma parada temporária, curta, na ascensão da carreira de Walt. Contudo, aí a realidade bateu e a casa para começar a vida tem sido a casa de toda a vida de Junior. É possível que o Jeep tenha a mesma idade da casa.

Hank também dirige um Jeep, mas é um Jeep Commander do ano. O carro potente para o homem potente. Nada muito espalhafatoso, mas confiável.

Marie dirige um Beetle azul royal (provavelmente ela não achou ninguém que o pintasse de roxo). É feito para ela: um retrocesso no design automobilístico, bonitinho, mas dizem que gosta muito de ir à oficina. Marie igualmente pode ser bonitinha, com diversas outras qualidades (a lealdade é a principal), mas de tempos em tempos passa perto da loucura.

Tanto Saul quanto Mike dirigem carros que são iates em terra: o de Saul é um Cadillac DeVille branquinho com placas de ostentação, totalmente apropriado para um advogado criminalista; o de Mike é um Chrysler velho e usado que nunca ia chamar a atenção de ninguém. Perfeito para um homem que tem uma vida bem confortável como “consertador”. Bem no fim de sua jornada, Walt também virá a dirigir um carro grande de porta-malas portentoso – porque vai precisar de espaço.



## aballo Sin Nombre

**Data de exibição original:** 28 de março de 2010

**Roteiro:** Peter Gould

**Direção:** Adam Bernstein

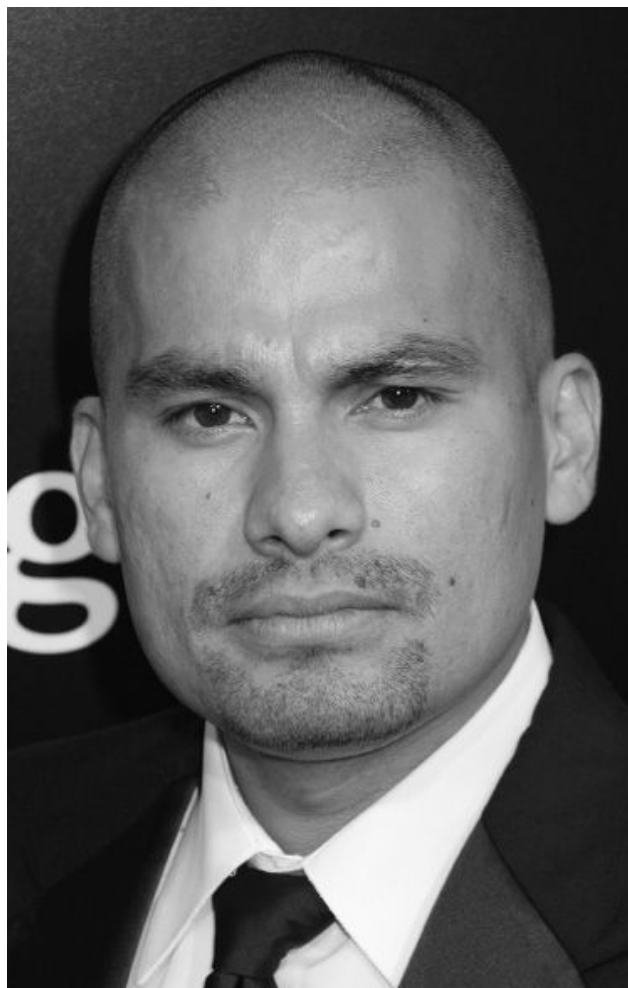
“Não posso ser o vilão da história.” — Walter White

*Walt tenta resolver sua irritação – só que mal. Jesse encontra uma nova casa.*

Walter White não apenas se acha mais inteligente do que é, mas, como demonstra esse episódio, ele também se acha mais importante do que é, ilusão que pode ser ainda mais perigosa. O certo é que ninguém mais parece achar Walt tão especial, incluindo o policial estadual do Novo México que o fez parar na estrada por conta do para-brisa quebrado. A frustração de Walt e sua tentativa de manipular o policial para não lhe dar uma multa acabam levando a spray de pimenta e a ser levado para a cadeia. Pisoteando ainda mais seu ego, ele tem que ligar para Hank para ajudá-lo a sair, ouvir Hank chorar as pitangas sobre o câncer e a separação para o policial que o prendeu, e então dar uma mísera desculpa pela conduta.

Espera-se que essa experiência faça Walt descer um pouquinho do pedestal. Só que ele continua insistindo no que vê como sendo mérito seu, tendo acessos de fúria típicos de um bebê, como jogar pizza no telhado de casa ou agarrar a genitália enquanto grita com sua secretária eletrônica. Não importa o quanto tente, não importa o que faça, é como se Walt não conseguisse fazer sua vida voltar ao que ele gostaria que fosse. Ele se recusa até a pensar que talvez ela não volte, ou nem devesse voltar. Sua

tentativa de controle e a reconciliação forçada com Skyler só pioram as coisas, especialmente para Walter Jr., o maior inocente da história. Junior está magoado, furioso e confuso, e tudo é assoberbado pelo fato de que nem Walt nem Skyler lhe dizem o que diabos se passa, principalmente o que levou o casamento a ruir de uma hora para outra. Como já vimos muitas vezes, Junior vê o pai como pessoa infalível, por isso ele joga toda sua frustração na mãe em acessos alternantes de raiva e silêncio brutal. R. J. Mitte desempenha seu papel de forma belíssima nesse episódio e nos subsequentes, fazendo o coração do espectador arder por um jovem encurralado numa situação dolorosa e aparentemente inexplicável.



(IZUMI HASEGAWA/PR PHOTOS)

É Skyler, contudo, quem pode estar na situação mais sofrida. Como Saul ressalta a Walt, ela não tem como revelar o que se passa a outros, pois teme que isso possa destruir sua família – e realmente a destruiria. Hank ficaria arruinado, Junior desolado e a própria Skyler possivelmente teria que encarar acusação de cumplicidade. É por isso que ela tem que ficar em silêncio, desviando das perguntas de Hank e Marie e aceitando cada invectiva de Junior para protegê-lo da verdade. Walt não para de berrar que fez tudo pela família, mas quem está disposta de fato a sacrificar-se pela família, quem está disposta a arriscar a alienação do único filho para protegê-lo é Skyler. Ela tem uma força tremenda, e cada vez menos medo de usá-la. Infelizmente, Walt também viu a validade na análise de Saul e resolve voltar para casa de maneira forçada. Ele está determinado a ficar lá, negligenciando as consequências por pura arrogância.

Essas consequências não são apenas medonhas, mas mortais, pois os gêmeos misteriosos do episódio anterior chegam a Albuquerque e vão visitar ninguém menos que Héctor Salamanca, o “Tio”, que usa uma tábua Ouija para lhes soletrar o nome de Walt. O espectador fica arrepiado ao ouvir cada gêmeo proferir uma única palavra, e nem precisavam: o machado cromado já é bem eloquente. A cena dos dois sentados em silêncio ao pé da cama de Walt e Skyler, esperando pacientemente que Walt saia do chuveiro, é de deixar qualquer um aterrorizado. Walt nunca vai saber o quanto esteve perto, ou o quanto deve a Gus Fring por uma simples mensagem no celular: “Pollos”.

Jesse também está voltando ao mundo real. Ele descobre que, apesar de 45 dias de sobriedade, seu passado ainda o assombra: seu pai não está disposto sequer a deixá-lo entrar na casa onde morava, na casa de sua tia, que agora passa por uma reforma e será colocada à venda. Contudo, há algo novo em Jesse. Em “No Más”, ele disse a Walt que havia aceito ser o “bandido” da história, e o espectador começa a ver tenacidade. Jesse vai calculadamente tomar das mãos de seus pais a casa que acredita ser sua. Ele não discursa, não delira, nem faz ceninha – apenas

descobre o que fazer, como fazer, vai e faz. Agora Jesse é dono da casa por direito e pode mandar seus pais embora, e não o contrário. Virou um homem mais sombrio e sério do que o espectador estava acostumado. Talvez Walt não seja a única pessoa que esteja “chutando o balde”.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

SAUL: “Há quem diga que isso é fraude para ocultação de crime. Já eu sou cabeça aberta... E o senhor, doutor? Concorda com minha interpretação?”

### **PERCEBEU?**

- Jesse tem um medalhão de 45 dias de sobriedade pendurado no retrovisor.
- A placa de ostentação de Saul diz “LWYRUP”<sup>5</sup>, conselho que seus clientes deveriam aceitar nas negociações involuntárias com as forças da lei.
- A forma como Ted Beneke justifica o desfalque em sua própria empresa é que estava agindo pela família – a mesma desculpa de Walt.
- O endereço da casa de Jesse é Rua Margo, 9809.
- A pizza que Walt joga no telhado da garagem não está fatiada.
- Mike liga para uma pessoa que não é Saul para comunicar sobre os gêmeos e a ameaça que representam para Walt.
- Nesse episódio Walt voltou à lavanderia – só que para lavar roupa, não dinheiro.
- Walt pesca um Band-Aid® na piscina, sempre tentando controlar seu mundo.
- Walt fica literalmente marcado pelas suas experiências. A cicatriz da lobectomia é perfeitamente visível quando ele toma banho. Seu corpo externo está começando a refletir a condição interna.

## **GRAVANDO!**

- A fotografia time-lapse do deserto é reutilizada na pré-créditos, dando a entender que algum tempo se passou entre esse episódio e o anterior.
- O uso de câmeras em plongée e contra-plongée volta a aparecer com os gêmeos, principalmente na casa de repouso durante o breve encontro dos dois com a idosa que faz quebra-cabeças.
- Quando Walt acorda de sua birra após o fracasso da noite com a pizza, ele está caído, o rosto esmagado contra o chão e olhando para a esquerda, posição e planos usados repetidamente ao longo do seriado com vários personagens.

**TITULAÇÃO** “Caballo Sin Nombre” é a forma em espanhol de “A Horse With No Name” (“Cavalo Sem Nome”), e também título de uma música da banda America, que ouvimos tocando no rádio de Walt enquanto ele viaja pelo deserto na pré-créditos. Também é a música que ele canta no chuveiro ao fim do episódio. A letra faz referência à vastidão do deserto, uma coisa que *Breaking Bad* também mostra repetidas vezes.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **LOS ZETAS**

Hank especula com os colegas do DEA que o caminhão que explodiu parece “coisa de cartel de alto nível”, o tipo de fato que se espera em Juarez, não nesse lado da fronteira. Los Zetas são o tipo de gangue que faria um serviço desses. Tendo ganho proeminência na década de 1990, Los Zetas são figuras relativamente recentes na guerra entre cartéis, mas catapultaram-se rapidamente ao palco central do tráfico de drogas global e controlam mais território que qualquer um dos cartéis mexicanos.

Los Zetas (“os Zs”) batizaram-se conforme o codinome utilizado no rádio por militares mexicanos de alta patente. Acredita-se que a gangue foi fundada por soldados que abandonaram as fileiras



das forças armadas mexicanas para trabalhar para o Cartel do Golfo; por volta de 2010, eles distanciaram-se do Cartel do Golfo para formar uma organização própria. São altamente organizados, bem treinados e foram definidos pelo DEA como “o cartel com mais tecnologia, mais sofisticação e o mais perigoso entre os que atuam no México”. É uma descrição justa do que parece ser um grupo de Boinas Verdes que decidiram formar seu cartel.

Los Zetas são conhecidos pelas táticas brutais para garantir rotas de tráfico, controle de produto e lealdade. Com armas como rifles de assalto e lança-granadas, Los Zetas já atacaram tanto alvos de cartéis rivais quanto contingentes civis, sendo que a contagem de corpos chega às centenas. Integrantes de Los Zetas já foram presos por ligação com algumas das maiores atrocidades da sangrenta guerra das drogas no México, incluindo o massacre de 72 operários imigrantes que iam para os Estados Unidos em 2010, o incêndio de um cassino que matou 52 em 2011 e, em 2012, a carnificina de 49 pessoas – cujos cadáveres decapitados e desmembrados foram jogados numa rodovia.

### ***POLLEROS (COIOTES) E O “GALINHEIRO”***

Por algum motivo – incluindo fugir da violência no mundo das drogas mexicano –, muita gente não se dispõe a passar pelo processo longo e arrastado que é conseguir documentação apropriada para imigrar para os Estados Unidos. Muitas vezes esses desesperados vão procurar os serviços de um *pollero* (às vezes chamado de “coiote”), pessoa que se especializa no contrabando de gente na fronteira do México com os Estados Unidos. “Galinheiro” faz sentido, pois as pessoas contrabandeadas se amontoam em compartimentos minúsculos e escuros, iguais aos que se usa para transportar frango para o mercado.

Na melhor das hipóteses, essas travessias ilegais da fronteira são arriscadas; na pior, são letais. Coiotes podem atravessar imigrantes pela fronteira em caminhões com compartimentos falsos ou ser seus guias pelo deserto. Por conta do perigo, os coiotes exigem comissões altas e pagamento adiantado. Um *pollero* com ética se esforça para garantir que a travessia seja o

mais segura possível: garantir que o porta-malas do carro não possa ser aberto por fora, que tenham água suficiente e assim por diante. Já outros não têm o mesmo cuidado. São muitas as histórias de coiotos que roubam, abandonam ou abusam sexualmente dos clientes, e aproximadamente 150 a 250 pessoas por ano morrem na tentativa de cruzar o deserto para chegar aos Estados Unidos.

Apesar do perigo, milhares de imigrantes ainda acham que vale a pena correr o risco para chegar aos EUA.

<sup>5</sup> Ou "Lawyer Up", que pode ser traduzido como "Advogado Neles!". [N. do T.]



## **.F.T.**

**Data de exibição original:** 4 de abril de 2010

**Roteiro:** George Mastras

**Direção:** Michelle MacLaren

“Tudo que eu realizei, todos os sacrifícios que fiz por essa família serão inúteis se você não aceitar o que eu ganhei.” — Walter White

*Walt volta a morar em casa, Jesse pondera sobre o que fazer a seguir, e Gus convoca uma reunião.*

Depois da conversa com Saul no último episódio, Walt decidiu que está com todas as cartas na mão no que se refere a sua família e a sua situação de moradia, e por isso mudou-se de volta para casa. Numa obra-prima da dominação, do controle e da manipulação psicológica, ele nem tenta impedir Skyler de chamar a polícia – e vence a aposta porque a única forma que ela tem de mandar os tiras levarem-no é falando da metanfetamina, uma atitude que destruiria a família e levaria todos com ele. Walt fez cerco ferrenho a Skyler e a única possibilidade de fuga que resta é a que ela não quer usar. Walt vê sua atitude como um passo para fazer o casamento e a vida conjugal voltarem à “normalidade”, e depois dessa vitória ele poderá sentir-se magnânimo. Skyler, por outro lado, vê aquilo como algo que reduziria seu papel no casamento, na casa e na família a uma situação, no mínimo, periférica. Dito isso, Skyler tem mesmo opções: ela *poderia* revelar as atividades de Walt à polícia e resolver tudo de uma vez por todas. Haveria consequências públicas e privadas para a atitude, mas o mais provável é que Skyler, Junior, Hank e Marie teriam força para sobreviver ao ocorrido. Assim como Walt, que

poderia deixar o narcotráfico entregando-se e entrando no programa de proteção a testemunhas, Skyler encara uma opção que resolveria todos os seus problemas, mas que não está disposta a tomar.

Walt chega a abrir o jogo com Skyler, revelando sua mala cheia do dinheiro que produziu, e está decidido a fazê-la entender que *produziu* aquele dinheiro. Na cabeça de Walt, o dinheiro é prova de sua racionalização sobre fazer tudo pela família, prova de que ele *sustenta sua família*. Para ele, o fato de que trouxe dinheiro suficiente para dar segurança financeira até a universidade de Junior e até mesmo de Holly deveria compensar por completo cada mentira que contou, cada ato criminoso que perpetrou, e inclusive justificar sua volta à vida de Skyler contra a vontade dela.

Skyler, porém, não engole essa. No momento ela vê o dinheiro de uma só forma: Walt quer comprá-la. Ele subestimou demais a esposa e, ao colocá-la contra a parede e impor sua vontade, simplesmente ativou qualidades nela que espelham as dele. Em meio ao preparo de mais um elaborado jantar em família, enquanto Walt bate papo como se tudo no mundo estivesse tranquilo, Skyler solta a bomba. Ao seduzir Ted, ela atingiu Walt onde dói mais: no orgulho. Ele pode obrigá-la a deixá-lo morar em casa, pode fingir que tudo vai ficar bem, mas no fim das contas é tudo insignificante, pois ele não pode obrigá-la a amá-lo. O caso de Skyler pode ser mesquinho e rancoroso, mas também é de uma eficiência perversa. “Dei pro Ted.” Ela arranca as tripas de Walt com três palavras e em seguida chama os garotos para a mesa de jantar. Walt encontrou alguém a seu nível, e esse alguém se chama Skyler.

Jesse também está de volta à casa que agora é inquestionavelmente sua, embora toda sua mobília consista em um saco de dormir e um cinzeiro. Numa das sequências mais comoventes de todo o seriado, Jesse liga repetidamente para o telefone de Jane, várias e várias e várias vezes, só para ouvir a mensagem da secretária eletrônica. Até que o número é finalmente desligado e, sozinho na casa vazia, Jesse tem que

reconhecer que Jane realmente se foi e que ele nunca mais ouvirá sua voz. Passada a reabilitação, Jesse mudou muito, talvez não para melhor. Suas emoções são rasas, e parece que ele não se importa com mais nada. A separação da família agora parece definitiva. Seu laço com Walt é, no mínimo, tênue. Seus amigos são apenas para os bons momentos. Jane está morta. Então, Jesse vai fazer a única coisa que sabe: cozinhar metanfetamina.

Problemas familiares e psicológicos não são os únicos perigos que Walt e Jesse encaram. Gus Fring está lidando com outros, bem maiores. Os gêmeos homicidas, que agora se revelam não só assassinos de cartel, mas também primos de Tuco e sobrinhos de "Tio", Héctor Salamanca, eram os que deviam ter vindo do México para pegar Walt e Tuco em "Grilled". Agora eles e Héctor fizeram juras de vingança de sangue contra Walter White. Gus, líder regional do cartel mexicano, pode contê-los apenas por um instante. No entanto, é aí que Juan Bolsa (Javier Grajeda), que tem cargo mais elevado do que Gus no cartel, lembra-o: os primos não têm sensatez alguma. A tramoia de Walt chegou a um nível absurdamente arriscado e ele nem sabe.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

WALT: "Sinceridade é bom, não acha?"

### **PERCEBEU?**

- Mike trabalha para Gus, embora Saul não saiba.
- Juan pinta uma mensagem no presente de Tortuga: "¡Hola DEA!". Já vimos essa tartaruga em "Negro y Azul".
- Quando lhe negam o banheiro principal, Walt faz xixi na pia da cozinha. Contudo, há outro banheiro na casa, então ele só está mijando na pia por rancor.
- Walt Jr. e seu amigo Louis (Caleb Landry Jones, que vem do seriado *Friday Night Lights*) estão assistindo a *Aqua Teen Hunger Force* enquanto Sky e Walt conversam na cozinha.

## **GRAVANDO!**

- A luz amarelada forte volta para a pré-créditos, indicando que a cena se passa no México.
- Em vez de avançar ou voltar no tempo para detalhes diretamente ligados ao que acontece no episódio, essa pré-créditos dá um pouco mais de detalhes sobre o passado recente de vários personagens secundários. É uma bela sacada, que ajuda a dar profundidade aos personagens, ou uma “vida” fora da trama principal que se passa, quer o público perceba ou não.

**TITULAÇÃO** “I.F.T.” são as iniciais de “I fucked Ted”, ou “Dei pro Ted” – a fala marcante de Skyler.

## **CURIOSIDADES**

- O chefe de Hank no DEA é identificado pela sigla ASAC, ou *Assistant Special Agent in Charge* [Agente Assistente Especial Encarregado].
- “I.F.T.” é dedicado a “nossa amiga Shari Rhodes”. Shari Rhodes foi diretora de casting dos primeiros dois episódios de *Breaking Bad*, tendo cuidado do elenco local em Albuquerque e no Novo México. Nascida em 1938, seu primeiro crédito de produção audiovisual foi como integrante do departamento de casting de *Tubarão* (*Jaws*, 1975), e depois diretora de casting de outro filme de Steven Spielberg, *Contatos Imediatos do Terceiro Grau* (*Close Encounters of the Third Kind*, 1977). Seu único papel como atriz nos 37 anos de carreira foi uma pequena participação em “I.F.T.”. Ela faz a “Moça do Bingo” cujo furgão é roubado pelos primos para Héctor. Rhodes faleceu em 2009 em Santa Fé, Novo México, após uma longa batalha contra o câncer.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **AVICULTURA INDUSTRIAL**

Sendo dono de uma rede de lanchonetes cujo prato principal é frango, Gus Fring possui uma granja de grande porte no deserto, nos arredores de Albuquerque. Embora suspeitemos que não se use outra granja para encontro de cartéis, há outras coisas repugnantes que acontecem com frequência nesses lugares.

Se você imagina que criação de aves é o Seu Lobato jogando milho para as galinhas, ia-ia-ô, então você não tem noção de tudo que um frango passa até chegar ao supermercado. Há diversos livros e matérias por aí para explicar como os peitos de frango envoltos em plástico chegam ao balcão refrigerado do mercado, mas vamos destacar algumas coisas.

Em primeiro lugar, ninguém – e é sério: *ninguém* – entra num galinheiro industrial para se divertir. Só o cheiro já derruba uma pessoa. Usa-se o termo “títica de galinha” para falar de coisas pequenas e praticamente insignificantes, mas se você soca (como muitas criações industriais fazem) milhares de aves num lugar pequeno, o resultado é um fedor horrível. Embora a vida talvez seja mais difícil para aves que botam ovos (gaiolas em bateria são um terror que já foi proibido em diversos países europeus), as seis semanas de vida de uma galinha de corte estão longe de ser diversão na fazenda.

No sistema industrial, a galinha de corte é criada em “galpões de engorda”, onde às vezes há 20 mil aves num espaço de menos de 120 metros. Ou seja, cada ave passa a vida inteira em cerca de dez centímetros quadrados. Não dá nem para esticar as asas. Embora essas estruturas protejam-nas de predadores, as condições de amontoamento também levam a amônia das fezes a envenenar o ambiente, provocando danos ao sistema respiratório, olhos e pés dos bichos. Alguns galpões de engorda têm paredes que podem ser erguidas para entrar ar fresco e luz, mas muitos não as têm. As galinhas de corte são alimentadas à base de milho e soja com antibióticos fortes, para impedir que se espalhem doenças – coisa bem fácil de acontecer quando se tem tantos animais amontoados no mesmo espaço.

É claro que nem todas as galinhas de corte são criadas em galpões de engorda. Há fazendeiros que usam um viveiro móvel

chamado de "trator de galinha" ou "arca", que é uma grade coberta sem chão. Pense numa jaula com grama no chão. Assim que as galinhas se alimentam em uma área, o trator de galinha é levado para outro espaço e o primeiro pode voltar a crescer aproveitando o esterco dos bichos como fertilizante natural. As telas deixam a luz solar e o ar fresco circularem, mas também protegem as galinhas de predadores como raposas e gaviões. Contudo, é um método de criação mais caro, já que dá para amontoar muito mais aves num galpão de engorda.





## reen Light

**Data de exibição original:** 11 de abril de 2010

**Roteiro:** Sam Catlin

**Direção:** Scott Winant

“Não acredito que o medo seja bom motivador. Prefiro investimento.”  
— Gustavo Fring

*As tentativas de Walt em controlar sua própria vida não estão dando certo. Jesse volta a cozinhar metanfetamina. Hank tem que tomar uma decisão.*

Quem abre o episódio é um Jesse Pinkman novinho em folha. *Cool*, charmoso, confiante, ele nem pisca quando um policial passa enquanto ele entrega um papelote de Blue Magic para a jovem no caixa. Jesse está tentando fazer jus ao seu papel de malvadão e há mais do que uma pequena picada de serpente no Jardim do Éden quando convence a vendedora inocente a aceitar droga em vez de grana para pagar a gasolina e o cigarro. A pergunta é se essa atitude indica autoconfiança de verdade ou é um efeito colateral de quem não está nem aí. A julgar pelo comportamento de Jesse desde que voltou da reabilitação, parece que é a segunda opção.

Walt, por outro lado, está longe de ser calmo e controlado. Seu casamento está nas últimas, Sky está tendo um caso com Ted para mostrar a ele o que é bom pra tosse, e quando Walt tenta provar que os dois podem fazer joguinhos de traição, seu flerte com a linda diretora de colégio é risível, rebatido com choque e aversão. Walt pode ter se enfiado em casa de novo, mas sua vida por lá não está seguindo o planejado. Skyler pode não ter

capacidade de expulsá-lo, mas tem como deixar a vida dele infernal. Até a tentativa risível de Walt de reconquistar o orgulho masculino ao querer confrontar e espancar Ted é frustrada por uma planta ornamental pesada e a solidez do acrílico. Walt passa a maior parte do episódio num furor sem fim – mesmo depois de ser catado por Mike e tendo que aguentar uma conversa com Saul que acaba no carpete, ele tem a petulância de ficar provocando Mike enquanto o consertador retira todos os aparelhos de vigilância que plantou em “Caballo Sin Nombre”. Para completar, consegue estragar a relação com Jesse depois que este vem a ele com uma fornada de metanfetamina que preparou usando a receita de Walt. Jesse exhibe o produto, ansioso por ser reconhecido por aquele que nos últimos tempos tem sido seu mentor, e Walt esmaga-o como se fosse um inseto. Não porque o produto de Jesse seja de qualidade inferior, mas por *não* ser. Com o casamento e o emprego nas últimas, Walt não aceita que alguém possa cozinhar metanfetamina tão bem quanto ele. O fato de ele ser o melhor fabricante de metanfetamina no país é a única coisa que lhe resta, e até isso acaba virando uma falácia.

Enquanto isso, Hank passa por encrenca grossa. Ele está em guerra com sua própria ideia de masculinidade, a ponto de provocar briguinhas em bar de motoqueiro, e parece que seus ataques de pânico não estão melhorando, mas piorando. Seu chefe preparou tudo para ele voltar a El Paso, mas essa é a última coisa que Hank quer – só que ele ainda não sabe como contar a Marie e muito menos ao ASAC George Merkert (Michael Shamus Wiles, que teve participações especiais em *Monk*, *Criminal Minds* e *Justified*). Hank quer uma desculpa para ficar e encontra-a na volta da Blue Magic à sua jurisdição. Ele se agarra à oportunidade como um quase-afogado a uma boia, pois o caso Heisenberg pode ser tudo que ele precisa para justificar sua presença no Novo México – não só para justificar ao chefe, mas para si mesmo. Dean Norris demonstra todo seu potencial ao mostrar ao espectador um Hank que luta consigo mesmo, tentando descobrir como e por que ele não parece mais o cara que sempre achou que fosse – e o que fazer quanto a isso. É o retrato delicado de um homem forte que

aprende a lidar com o medo e a incerteza total enquanto ainda tenta agarrar-se às coisas de si, do trabalho e do mundo que ele acredita dignas. É entre os descuidos tô-nem-aí de Jesse e a grande capacidade detetivesca de Hank que este consegue a primeira grande pista no caso: fotos do motor-home. Quando é obrigado a responder sobre a oferta em El Paso, Hank tem a hombridade de ser sincero consigo e com seu chefe: ele não tem como ir. Hank é honesto. Não importa o quanto tente evitar certas verdades, ele não consegue – não se permite esse luxo. Ele não é Walt.

Por trás das cenas temos Gus, que faz Walter parecer um bebê no quesito da manipulação de pessoas e fatos. Apesar de recusar-se a trabalhar com viciados, Gus compra a metanfetamina de Jesse. Tendo Mike na sua folha de pagamento, ele sabe tudo sobre os problemas e preocupações atuais de Walt, e o espectador tem a sensação de que Gus é um homem que não faz nada sem refletir a fundo. Ao fazer a compra, ele está testando uma hipótese. E isso só vai render encrenca para Walt.



(ALBERT L. ORTEGA/PR PHOTOS)

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

SAUL: "Na condição de seu advogado, estou sempre querendo mais uma horinha nos meus honorários, mas, na condição de sócio, recomendo fortemente *que você tome jeito!*"

### **PERCEBEU?**

- A expressão de Mike enquanto Saul e Walt conversam é a de um homem que tem que cuidar do jardim de infância.

- Quando Marie deixa Hank no aeroporto, estamos na entrada das Linhas Aéreas Wayfarer, a mesma companhia envolvida na colisão aérea ao final da segunda temporada.
- Saul está preparando uma ação coletiva por conta do desastre do Wayfarer 515.
- Gilligan & Cia. são bons em mostrar como a polícia é na realidade. Hank não trabalha como Sherlock Holmes. Ele tem que queimar sola de sapato, e chega a ter uma lista de nomes com "M" para ir a fundo em cada possibilidade.
- Há uma foice desenhada com giz na rua em frente à casa de Walt. A foice é símbolo de Santa Muerte, o que mostra que os primos ainda não desistiram da vingança.
- Quando atende a um telefonema no carro, Hank faz sinal e estaciona no acostamento. É um homem que leva a lei (e a segurança) a sério.
- Walt trocou o para-brisa de seu Aztek.

### **GRAVANDO!**

- A pré-créditos apoia-se fortemente em câmera na mão, enfatizando o clima tenso quando o policial aproxima-se do balcão e Jesse mostra a metanfetamina para a atendente.
- A cena rápida de sexo entre Skyler e Ted aparece num reflexo distorcido entre fotos da família de Ted, uma tomada que cria um bom distanciamento para o espectador, mas ressalta o aspecto adúltero, e também arma a insatisfação cada vez maior de Skyler com o caso.
- A iluminação com o verde enjoativo volta a aparecer durante os ataques de pânico de Hank e consegue transmitir um misto de náusea e inconformidade.
- A câmera subjetiva do caixa rápido com Hank é uma bela tomada, e sublinha que, embora a diligência e a paciência tenham importância no trabalho policial, a inteligência e a observação de Hank também têm.

**TITULAÇÃO** "Green Light" ("Luz Verde") pode ser entendido com múltiplos significados. Pode ser referência à iluminação verde nos

ataques de pânico de Hank, o passe livre para ele seguir a pista do motor-home, ou ao fato de Walt ter sinal verde para voltar a cozinhar metanfetamina. Ou todas as opções anteriores.

**CURIOSIDADES** *Twin Peaks* (1990-1991), o revolucionário seriado de David Lynch, dava destaque a um semáforo que mudava de vermelho para verde e depois vermelho. Assim como o semáforo nesse episódio, havia uma sensação de mau agouro, como se algum poder estivesse dando o ok a alguém para algo acontecer. O espectador podia atribuir o sentido que quisesse às variações no sinal.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **AÇÕES COLETIVAS**

Saul pode ser muitas coisas, mas preguiçoso ele não é. Além de ser consultor jurídico do melhor metanfetamineiro de Duke City, ele também está envolvido numa ação coletiva resultante do desastre Wayfarer. Ações coletivas acontecem quando várias partes foram prejudicadas (fisicamente, financeiramente, etc.) por uma mesma causa. No mundo perfeito, uma ação coletiva permite que um cara una-se a outros caras para enfrentar a megacorporação do mal que provocou o estrago. Se um único cara não consegue se equiparar aos recursos de uma grande farmacêutica, ou rede de restaurantes, ou companhia aérea, uma ação coletiva tenta equilibrar o jogo. A ação coletiva tem que ser assim considerada por um juiz, que deve ser convencido de que há partes queixosas suficientes para se tornar prático tomar a opção coletiva. Quando isso acontece, todos os integrantes potenciais da ação (em outras palavras, todo mundo que puder ter sido prejudicado pelas ações, produto, etc. do réu) devem ser contados para ter oportunidade de entrar na ação ou "negar a oportunidade". É isso que explica tantos comerciais de TV nos EUA que dizem "você tomou o remédio X e foi prejudicado?". Se você disser não, você tem direito de abrir seu próprio processo, mas não pode reclamar para si o que sair do acordo feito pelos

participantes da ação coletiva, já que você “negou a oportunidade” de participar da ação.

*Brown contra Board of Education* (1954), caso no qual a Suprema Corte dos Estados Unidos decidiu que a segregação racial nas escolas públicas era inconstitucional, talvez seja a ação coletiva mais conhecida nos EUA, mas na verdade foi resultado de cinco ações coletivas à parte consolidadas numa só.



## Más

**Data de exibição original:** 18 de abril de 2010

**Roteiro:** Moira Walley-Beckett

**Direção:** Johan Renck

“O que o homem tem que fazer, Walter? O homem é quem sustenta a família... o homem *sustenta*. E sustenta mesmo quando não é reconhecido, nem respeitado, nem amado. Ele aguenta o que precisa aguentar – e sustenta. Porque ele é o *homem*.” — Gustavo Fring

*A cisão entre Walt e Jesse fica mais pronunciada. Cresce a obsessão de Hank pelo motor-home. Skyler começa a repensar a nova carreira de Walt.*

Na pré-créditos de “Más”, o motor-home ganha um pouco de histórico. É bastante apropriado, pois o laboratório móvel virou um personagem por si só nos últimos 24 episódios mesmo sem dar um pio. Ele agora é mais do que um pano de fundo oportuno para as estripulias de Walt e Jesse – foi imbuído de significado e histórias pessoais. Foi ali que começou a queda de Walt, rumo às trevas e aos homicídios. Foi ali que Jesse, sem teto e sozinho, procurou abrigo e descanso depois que seu mundo veio abaixo. Ele já foi cenário de amizade desesperada e de animosidade destruidora, e em “Más” o público descobre como ele deixou de ser algo obsoleto num quintal e virou uma parte estranha e vital das vidas de Jesse e Walt, além de ícone do seriado.

Skyler passa por uma quase-conversão interessante nesse episódio. Seu caso com Ted está deixando de ser interessante quanto mais ele insiste que vire algo permanente e significativo. Assim como a briga de Jesse e Jane na segunda temporada,



Gilligan & Cia. trabalham bem o jogo com os papéis sexuais. É Ted, não Sky, quem está ficando preso pelas emoções, e Sky, não Ted, que usa o caso para satisfazer seus desejos, com pouca ou nenhuma consideração quanto a como esses desejos irão afetá-lo. É uma inversão de papéis bem trabalhada e, assim como foi com Jesse e Jane, funciona porque não tem excessos. Nos dois casos, as personagens reagem exatamente como o espectador as imagina.

Skyler está cada vez menos à vontade, no mínimo porque ela começou a gostar de coisas como o chão aquecido no banheiro de Ted – provavelmente com o milhão de dólares com que ele fraudou sua própria empresa. Ganhos ilícitos podem seduzir, principalmente se você tem como direcioná-los para usufruto próprio, ideia que começa a crescer e consumir Skyler depois que ela encontra uma bolsa cheia de notinhas verdes no armário do quarto de sua bebê. Skyler está trilhando sua própria jornada na corrupção, a começar pela infidelidade vingativa, e seus princípios começam a fraquejar diante do canto da sereia que vem da grana. Anna Gunn consegue transmitir tudo isso com brilhantismo, numa performance sutil que demonstra toda a pressão que começa a se armar sobre Skyler.

Apesar de a corrupção ser um tema recorrente de *Breaking Bad*, o seriado ainda tem personagens incorruptíveis, como Hank, que está cada vez mais obcecado em encontrar o motor-home e resolver o caso Heisenberg. Aliás, cumprir essa missão virou algo incrivelmente importante, pois Hank a vê como a única forma que tem para se redimir aos olhos dos colegas, dos chefes e da família diante da sua incapacidade de encarar a volta a El Paso. Hank ainda está desmoronando, e ainda está desesperado para encontrar algo em que possa se agarrar. Infelizmente, assim como Walt, ele não percebe o que está bem debaixo de seu nariz: Marie. A cleptomaniaca sarcástica e reclamona da primeira e da segunda temporada virou outra coisa. Não há como se enganar quanto ao amor que ela tem por Hank e a preocupação genuína com ele. Hank convenceu-se de que a desapontou por recusar o caminho direto para sua promoção, mas na verdade Marie se

importa é com ele, não com um apartamento em Washington. Betsy Brandt merece muitos elogios, pois possivelmente nenhum personagem do seriado cresceu tanto e de forma tão orgânica quanto Marie Schrader. Ao lado de Dean Norris, Brandt mostrou ao público um casamento de verdade, com todas as suas arestas, risos e lágrimas, apoiado em um cerne robusto de amor, respeito e compromisso.

No entanto, é claro que quem conduz o seriado é Walt, e Gus Fring sabe exatamente como pressioná-lo e fazê-lo voltar a cozinhar. Apesar das reclamações insolentes e contrariadas de Walt, ele é absolutamente conduzido pelo orgulho, e Gus sabe exatamente como usar isso para guiá-lo. No fim das contas, não é o dinheiro nem o incrível superlaboratório subterrâneo que faz Walt voltar ao jogo. Na verdade, a motivação de Walt é puro orgulho masculino, e Gus brinca com essa necessidade com a habilidade de um maestro. Walt comete um engano terrível ao pensar que Gus é seu igual em algum quesito, ou que Gus tenha alguma transparência. Walt queimou todas as chances de conexão com Jesse, talvez seu único aliado de verdade em tudo, e chegou a sair de casa e assinar os papéis do divórcio. Walt corta laços exatamente no momento em que entra numa situação na qual precisará muito desses laços para manter-se vivo.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

PAMELA: "Eu tenho metade das qualificações e custo o dobro do terapeuta."

### **PERCEBEU?**

- A meta de produção de Walt com Gus é 90 quilos de Blue Magic por semana. O contrato é de três meses, de forma que teremos mais ou menos 1 tonelada de metanfetamina.
- Skyler deixa que Walt cuide de Holly pela primeira vez desde que ele se mudou de volta para a casa.

- Jesse acaba com o novo para-brisa de Walt, reduzindo-o mais uma vez a uma teia de aranha das rachaduras – assim como aconteceu após o Wayfarer 515.
- Hank encontra uma foto de Jesse, Skinny Pete e Combo no antigo quarto de Combo, da noite no *strip club* que vemos na pré-créditos.
- O nome real de Combo era Christian Ortega.

**PICUINHAS** Pamela, a advogada de Skyler, faz sua última participação nesse episódio, e parece que ela não passou de um recurso para o público ouvir o que Skyler está pensando sobre o que acontece na sua vida. Embora as cenas entre as duas sejam bem interpretadas por Anna Gunn e Julie Dretzin (que teve passagens por *30 Rock* e *Six Feet Under*), o uso desse recurso é um pouco desastrado para o nível Gilligan & Cia.

#### **GRAVANDO!**

- A pré-créditos combina tanto um flashback, que traz um pouco de histórico dos personagens, quanto a armação para a pista que Hank encontra ao fim do episódio. Ainda tem parentesco com a estrutura circular muito usada por Gilligan & Cia. nos episódios da segunda temporada.
- A adorável cena de Walt no superlaboratório tem uma produção soberba. A trilha sonora à moda Disney é “Timetakesthetimetimetakes”, de Peder, que combina com a belíssima câmera mostrando Walt como uma criança numa loja de doces, explorando o lugar. Nessa sequência, fica explicitado que o superlaboratório será um lugar muito importante.

**TITULAÇÃO** “Más” significa “mais” em espanhol, e faz contraponto ao primeiro episódio da temporada, “No Más” (“não mais”) e também se refere ao retorno de Walt ao negócio das drogas.

**CURIOSIDADES** “Más” foi dedicado a Gwyn Savage, que criou a empresa FilmSavage LLC, especializada em conseguir atores e serviços do Novo México para filmes e programas de TV que

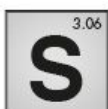
venham gravar na região. Ela atuou no departamento de casting dos figurantes de *Breaking Bad* na primeira e na segunda temporada, embora seu trabalho não tenha sido creditado. Ela faleceu em 2010, aos 44 anos.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **CHÃO AQUECIDO (DE VOLTA À ROMA ANTIGA)**

À primeira vista, Skyler vê o chão aquecido no banheiro de Ted como sinal de ostentação. Contudo, como ela está cada vez menos à vontade com o adultério, ela tenta deixar esse sinal de opulência de fora jogando uma toalha no chão para fazer uma barreira de tecido entre seus pés descalços e a extravagância ilícita.

A humanidade sempre procurou formas de ter comodidade e calor. Os engenheiros que viveram no Império Romano inventaram um sistema bastante confiável de aquecimento do assoalho que não é muito diferente do que se encontra nas casas contemporâneas. Considerado parte necessária de qualquer lar romano abastado (principalmente os que ficavam em rincões gelados do império, como a Britânia), os hipocaustos davam relevância social aos romanos acompanhado de um calorzinho gostoso. Enquanto a villa era construída, utilizavam-se pilares de tijolo para apoiar o chão e deixavam-se espaços dentro das paredes para que o ar quente da fornalha circulasse tanto sob o chão quanto pelas paredes. A fornalha era abastecida por trabalho escravo, cuja função era manter a caldeira sempre acesa e o sistema limpo, dado que o acúmulo de fuligem podia provocar incêndios. Como dependiam de muito esforço para construção e manutenção, esses sistemas também eram muito caros. Assim, ter um sistema como este na sua casa era visto como sinal de imensa riqueza e comodismo. É interessante que, assim que o Império Romano acabou, a tecnologia foi aparentemente abandonada, mesmo que o Reino Unido continue tendo invernos cruéis.



## unset

**Data de exibição original:** 25 de abril de 2010

**Roteiro e Direção:** John Shibam

"Diga uma coisa nesse mundo que *não seja* negociável." — Walter White

*Walt começa no emprego novo, e Jesse começa um novo negócio. Hank sai atrás de uma pista, e Gus faz uma reunião.*

Os primos Salamanca podem ter dado uma folga no último episódio, mas como se revela na pré-créditos de "Sunset", eles ainda estão por aí, ainda estão focados em matar Walt, e são decididamente traiçoeiros. Eles matam quem quer que se interponha em seu caminho, incluindo policiais. No entanto, o mais assustador talvez seja a disposição deles para pressionar Gustavo Fring. A quietude e o silêncio dos dois equiparam-se aos dele, e a mensagem é clara: eles não irão embora e vão vangloriar-se pela morte de Tuco.

Ainda ignorante dessa situação, Walt mudou-se para uma casa nova e legal, já mobiliada, e está animado com o primeiro dia no emprego. Se o superlaboratório é um bolo, a cereja no bolo foi Gus conseguir-lhe um assistente dos sonhos: Gale Boetticher (David Costabile, que esteve no filme *Lincoln*, assim como em *Suits*, *Flight of the Conchords* e *The Wire*). Gale é um homem que compartilha da paixão de Walt pela química, está disposto a submeter-se à tutoria de Walt, consegue conversar com Walt no mesmo nível intelectual, prepara um café fantástico, tem excelente raciocínio e chega a inspirar Walt a ler poesia. Se Walt pudesse projetar a melhor pessoa de quem ser mentor, esta

pessoa seria Gale. Eles se dão muito bem, trabalham como uma dupla afinada já no primeiro dia e até sobra tempo para jogar um pouco de xadrez entre cada etapa de fabricação. Não fica a menor dúvida de que é o ambiente de trabalho perfeito para Walt. O superlaboratório é tecnologia de ponta, é seguro e está distante das realidades mais ásperas do mundo das drogas. Walt trabalha com alguém que segue seu ritmo, e ainda por cima ganha milhões de dólares. É o emprego perfeito.

Infelizmente, é um emprego que já começa sob o risco de tudo ir pelos ares.

Renegado por Walt, Jesse ainda tem o laboratório móvel no motor-home e já provou que consegue fazer a receita de Walt. Assim, ele volta ao mercado com Badger e Skinny Pete, prometendo que, dessa vez, as coisas serão diferentes. O motor-home ainda está estacionado no terreno de Clovis (Tom Kiesche, conhecido de papéis em *Monk*, *Big Love* *Amor Imenso* e *Weeds*), e Jesse já sabe que tem que baixar a bola e ser mais cauteloso. Infelizmente, ele joga tudo pelos ares quando ouve falar que Walt vai destruir o motor-home e sai à toda para detê-lo – com Hank na sua cola. É o que arma um dos impasses mais tensos do seriado, com Walt e Jesse dentro do motor-home, a SUV de Hank bloqueando a saída de ré, e o Velho Joe (Larry Hankin), prestativo conhecedor das leis de ferro-velho, certificando-se de que Hank tenha um mandado antes que arrombe o veículo. Quando parece que as carreiras criminosas de Walt e Jesse estão no fim, Walt tem a inspiração extraordinariamente vil de ligar para o celular de Hank e deixar uma mensagem falsa: que Marie haveria ficado seriamente ferida num acidente de carro.

Como planejado, a mensagem faz Hank sair com toda a velocidade para ficar ao lado da esposa presumidamente ferida. O interessante é que Walt provavelmente não faria o mesmo se fosse Skyler. Afinal, ele já optou pela metanfetamina em relação à família quando perdeu o nascimento de Holly para fazer sua primeira negociação com Gus entre “Mandala” e “Phoenix”. Diferentemente de Walt, Hank arranca-se do ferro-velho o mais rápido possível, e tudo mais vira desimportante perto de Marie.

Walt pode bradar que é homem de família, mas é Hank quem age como um. São incríveis o terror, o alívio e a fúria que fluem pelo rosto deste na sequência em que entra no hospital, não encontra Marie, recebe uma ligação dela e percebe que foi enganado. Dean Norris faz cada segundo ganhar realidade. Walt mais uma vez se salvou, mas a que custo? Quem cutuca onça com vara curta acaba virando almoço.

Com Hank à distância, o motor-home e todas as pistas que ele contém podem ser destruídos numa linda montagem aos olhos de Walt e Jesse, que não deixam de demonstrar tristeza. Aliás, antes da chegada de Jesse e de Hank, Walt tinha parado para passar as mãos sobre o equipamento, com um sorrisinho de canto – estava dizendo adeus, como nós faríamos. A cena é filmada com carinho patente, um adeus demorado a um personagem querido. O fim do motor-home marca uma mudança fundamental em *Breaking Bad*. As coisas nunca mais serão as mesmas. Por fim, quando o sol se põe sobre os restos do veículo, Gus e os primos finalmente encontram-se para uma conferência no deserto, e Gus faz uma oferta que eles não têm como recusar: Hank.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

SAUL: “Até a *Enterprise* tinha botão de autodestruição! Só pra lembrar!”

### **PERCEBEU?**

- O policial indígena tem uma plaquinha pendurada no seu retrovisor que diz “Homeland Security” [Defesa Doméstica] de um lado e do outro uma foto em tons de sépia de guerreiros indígenas sobre as palavras “Combatendo o terrorismo desde 1492”.
- As coisas tendem a fazer “ding” em torno dos primos. A haste da bandeira e os sinos de vento na pré-créditos, bem como o apito da fritadeira enquanto aguardam na Los

Pollos, são lembretes sutis da presença invisível de Don Héctor.

- Jesse começou a proteger mais sua casa, chegando a dizer a Badger para parar de marcar o chão enquanto esse interpreta *Riverdance*.
- Os primos armaram um altar para Santa Muerte na casa que ocuparam.
- Os primos falam pela primeira vez nesse episódio, em resposta à pergunta de Gus, "O que vocês querem?". Um responde: "*Tu sabes*" ("você sabe").

### **GRAVANDO!**

- Mais uma vez utiliza-se iluminação amarelada forte na pré-créditos, embora dessa vez a cena se passe nos EUA. Isso se dá possivelmente porque a cena se passa numa das diversas reservas indígenas em volta de Albuquerque, que teoricamente seria território "estrangeiro".
- Durante o assassinato do policial, a câmera foca o primo mais próximo, reduzindo o que empunha o machado e a vítima formando imagens borradas no fundo, amortecendo um pouco a violência para o espectador, mas deixando-a perfeitamente clara.
- O plano de câmera subjetiva transpassante, marca registrada de *Breaking Bad*, é utilizado na mesa de café de Jesse, com tampo de vidro, enquanto ele trata de negócios com Badger e Skinny Pete.
- A montagem que mostra a demolição do motor-home já foi mencionada anteriormente, mas vale notar em especial a opção por eliminar o som do esmagamento e trocá-lo por música, o que remove a sequência da realidade e acrescenta nostalgia melancólica à cena.

**TITULAÇÃO** "Sunset" ("Pôr do Sol") é mais um título de significados múltiplos, fazendo referência tanto ao encontro de Gus com os primos quanto ao fim da era motor-home de *Breaking Bad*, que também acontece ao pôr do sol.



## **CURIOSIDADES**

- O uso do pronome familiar na segunda pessoa do singular quando Leonel (Daniel Moncada) dirige-se a Gus, "*Tu sabe*", pode ser significativo. O "*tu*" é uma forma de tratamento familiar que pode indicar uma pequena ofensa a Gus, vindo de alguém que é seu subordinado na estrutura do cartel. "*Usted*" é mais formal, contudo, raramente é utilizado no México e nas Américas Central e do Sul hispânicas, então talvez estejamos vendo mais do que devíamos.
- Gale cita uma frase do poema "When I Heard the Learn'd Astronomer" [Quando Ouvi o Astrônomo Instruído], de Walt Whitman, que trata da dicotomia entre estudar *versus* maravilhar-se com algo:

*When I heard the learn'd astronomer;*

*When the proofs, the figures, were ranged in columns before me;*

*When I was shown the charts and the diagrams, to add, divide, and measure them;*

*When I, sitting, heard the astronomer, where he lectured with much applause in the lecture-room,*

*How soon, unaccountable, I became tired and sick;*

*Till rising and gliding out, I wander'd off by myself,*

*In the mystical moist night-air, and from time to time,*

*Look'd up in perfect silence at the stars.*<sup>6</sup>

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **CAUSA PROVÁVEL PARA REVISTAR VEÍCULOS *VERSUS* REVISTAR RESIDÊNCIAS**

Nos Estados Unidos, a Quarta Emenda da Constituição exige que a polícia tenha um mandado de busca antes de começar a mexer na casa, roupas ou posses de uma pessoa. Há regras bem específicas que ditam como e quando se emite um mandado de busca, uma das quais é que o mandado deve descrever especificamente o que se procura, e o que (ou quem) deve ser apreendido. Assim como todas as garantias constitucionais, esta não é absoluta – há certas circunstâncias nas quais agentes da lei

podem agir sem mandado. A maior das exceções é quando você consente livremente à investigação. Contudo, Walt e Jesse, agachados no motor-home no ferro-velho, certamente não têm interesse em consentir que Hank reviste o veículo.

Como *Breaking Bad* mostra, as regras são mais restritas para revistar o “domicílio” de uma pessoa do que para revistar seu “veículo”. O raciocínio por trás das regras distintas é que você tem maior “expectativa de privacidade” na sua casa (seu “domicílio”, no caso – você só tem um domicílio permanente, mesmo que tenha várias “residências”) do que no seu veículo, já que você (normalmente) não mora no seu carro. Além disso, já que o veículo motorizado pode movimentar-se facilmente, há motivo para deixar a polícia agir mais rápido, antes que qualquer pista ou item ilícito possa ser retirado de sua jurisdição. Para revistar um veículo, a polícia precisa de causa provável, mas não necessariamente de um mandado formal.

Então, um motor-home é o quê? Veículo ou residência?

Assim como em várias respostas jurídicas, depende. O motor-home está sendo utilizado como aposento? Está conectado à rede elétrica? Tem licença? É móvel ou está sobre tijolos? Em outras palavras, ele está sendo tratado como residência? Essas perguntas surgiram na Suprema Corte num caso em 1985, *California contra Carney*, e a corte concluiu que um motor-home prontamente móvel está sujeito às exigências menores dos veículos.

Talvez Hank devesse ter entrado sem perguntar.

## **WALT WHITMAN**

Gale Boetticher cita “When I Heard the Learn’d Astronomer”, que faz parte das *Folhas da Relva* de Walt Whitman. Walter “Walt” Whitman (1819-1892) foi chamado de “poeta da América” por Ezra Pound e sua influência na poesia norte-americana é inegável. Whitman é considerado por muitos o “pai do verso livre”, em reconhecimento ao domínio que tem dessa forma poética que não depende da métrica nem da rima tradicional, mas mantém uma sensação de estrutura a partir do uso de locuções e pontuação repetitivas. A obra mais conhecida de Whitman (supõe-se que

mais por suas qualidades poéticas do que pela forma obscena como retrata a sexualidade, como foi taxada à publicação em 1855), *Folhas da Relva*, utiliza essas técnicas. Whitman pagou a primeira tiragem do próprio bolso e continuou revisando seu épico até a morte, quase 40 anos depois.

Acadêmicos e pesquisadores discutem a sexualidade de Whitman, sendo que muitos encontraram evidências de homossexualidade ou bissexualidade em seus escritos. Se é possível ou não considerar Whitman o que normalmente se chama de "gay" é uma questão que talvez nunca se resolva, mas, sem dúvida, seu brilhantismo em captar a delícia que é a vida ainda rende identificação com muitos leitores.

6 Em tradução livre: *Quando ouvi o astrônomo instruído, / Quando provas e números foram dispostos em colunas à minha frente; / Quando me mostraram gráficos e diagramas, para acrescentar, dividir e medir; / Quando eu, sentado, ouvi o astrônomo, palestrando a muito aplauso na sala de palestras, / Tão logo, incompreensível, fiquei cansado e enjoado; / Até que me ergui e saí sem ser notado, parti sozinho, / Ao vento místico e úmido noturno, e de tempo em tempo, / Observei as estrelas em silêncio perfeito.*



## ne Minute

**Data de exibição original:** 2 de maio de 2010

**Roteiro:** Thomas Schnauz

**Direção:** Michelle MacLaren

*"La familia es todo."* — Héctor Salamanca

*Hank tem uma sucessão de dias péssimos. Walt e Jesse fazem um acordo.*

Em mais um flashback, a pré-créditos de "One Minute" dá um vislumbre do passado e revela a motivação dos misteriosos e aterrorizantes primos. Na lição brutal, um Héctor Salamanca muito mais moço lembra aos primos pré-adolescentes qual é o cerne de *Breaking Bad*: a família. É o que explica a vingança de Salamanca contra Walt e sua família: vingança que Héctor ampliou para incluir Hank, cuja foto agora está no altar cada vez maior dos primos a Santa Muerte, tomando o lugar de Walt.

Em termos de carreira, contudo, Hank está praticamente dando um jeito de jogá-la no buraco sozinho. O público já viu Hank preocupado, amedrontado, irritado, feliz e furioso, mas nunca o viu legitimamente fora de controle. Ele espanca Jesse de maneira perversa e abrupta, o que colabora para a eficiência. Gilligan & Cia. são excepcionais em retratar a violência de forma realista, em especial como ela surge de forma inesperada. Brigas de verdade, nas quais o objetivo de pelo menos um oponente é ferir seriamente ou matar o outro, raramente são coisas que demoram muito. É assustador ver que basta pouco tempo para machucar alguém do jeito que Hank demonstra na cena de abertura.

Contudo, diferentemente dos personagens criminosos do seriado, incluindo Walt e Jesse, Hank – tendo voltado a algo que lembra sua sã consciência – não tenta esconder o que fez nem foge da cena. Em vez disso, chama a polícia, uma ambulância e seu chefe, e permanece ali durante a investigação. Hank assume a responsabilidade pelo ocorrido mesmo quando as consequências não estão a seu favor.

O episódio marca um ponto de virada para Hank em diversos sentidos, mas o principal é mostrá-lo finalmente aceitando e lidando com seus medos, bem como com a realidade de que ele não é o homem que achava que fosse. Em duas cenas incríveis, Dean Norris e Betsy Brandt mostram a potência do casamento de Hank e Marie: quando ele está na pior e chega a perder a compostura no elevador, ela está ao seu lado e abraça-o forte, aproveitando que ninguém mais o vê. Mais tarde, quando Hank prepara sua declaração, ele diz a Marie que não é o homem que pensava ser, mas não parece muito preocupado em ser o homem que realmente é: “Eu juro por Deus, Marie: acho que o universo está tentando me dizer alguma coisa e finalmente eu parei pra ouvir”. Ele entra na reunião, conta a verdade e nada mais que a verdade, aceita as consequências e sai de lá um homem mais leve e mais livre. Sua única vontade é ir para casa e surpreender Marie com flores para compensar suas atitudes nas últimas semanas. É claro que ele não vai conseguir. O tiroteio com os primos na cena final é intenso, mas, apesar do TEPT, do terror e do desmorteamento, Hank demonstra níveis de coragem e tenacidade assombrosos, e os primos encontram alguém a seu nível.

Embora a trama de Hank seja central ao episódio, a de Jesse fica pouco atrás. Hank deixou-o bem ferrado, e é hora de ele dizer basta. Aaron Paul consegue uma façanha nesse episódio. Os dois monólogos furiosos que ele tem com Walt servem de acusação contundente contra o orgulho e a arrogância do antigo sócio. Jesse assume alguma responsabilidade pelas opções que fez, mas está correto em atribuir a culpa a Walt pelo caminho que sua vida tomou em tempos recentes. Embora não saiba, quando diz a Walt que está mais sozinho do que nunca, ele está atacando a pessoa

certa – afinal, foi Walt quem assassinou Jane. Por fim, ele renega Walt por completo, condenando-o por ser motivado apenas pelo egoísmo e pelo egocentrismo. Por trás de tudo há a ira e a mágoa de um jovem que está louco pela validação que puder ter de um pai. Jesse depositou confiança e esperança em Walt e foi traído, sem hesitação nem remorso. Surpreende que as invectivas de Jesse realmente tocam Walt, e o homem chega a *pedir desculpas*. Dentro de suas possibilidades, enfim, ele admite que a metanfetamina de Jesse é tão boa quanto a sua – para Walt, isso não é pouca coisa. A parceria é restabelecida às custas de Gale, que está tão confuso diante da virada repentina de Walt que parece um cachorrinho que levou um chute. As consequências do que Walt faz, assim como o número de pessoas que elas afetam, continuam crescendo.

## QUÍMICA ANALÍTICA

### ALTA VALÊNCIA

SAUL: “Agora você é oficialmente o bonito da banda. Paul, esse é o Ringo. Ringo, Paul.”

### PERCEBEU?

- “*La familia es todo*” quer dizer “A família é tudo”. Este é um dos grandes temas de *Breaking Bad* e ressurge repetidamente como motivação de vários personagens.
- Na pré-créditos, o jovem Marco pega o bonequinho de Leonel e arranca-lhe a cabeça. Na cena final, o último tiro de Hank, no desespero total, praticamente estoura a cabeça do Marco adulto.
- Também na pré-créditos, um jovem e viril Héctor Salamanca está sentado numa cadeira de madeira ornamentada nas laterais e encosto com rodas entalhadas, renunciando seu eventual confinamento a uma cadeira de rodas.
- Depois que Jesse telefona a Walt aceitando a renovação da parceria, a cena faz um *fade* quando ele observa uma

imagem cartunesca no gráfico da dor como “pior dor imaginável”.

### **GRAVANDO!**

- A pré-créditos é filmada com uma iluminação amarela diferente da que é utilizada normalmente nas cenas de *Breaking Bad* que se passam no México. Embora sirva para indicar que a cena se passa fora dos EUA, essa luz amarelada suave lembra a iluminação azul usada nos flashbacks de Walt na época da pós-graduação em “... And the Bag’s in the River”. A suavidade sinaliza ao espectador que a cena acontece no passado.
- Há diversas ocorrências da câmera subjetiva transpassante, já bem conhecida, em “One Minute”. Enquanto Héctor está afogando Marco, o olhar da câmera atravessa o tonel de metal onde ficam as cervejas de Héctor, e a cabeça do jovem Marco é batida contra o fundo, que fica transparente à câmera. A câmera subjetiva em contra-plongée aparece mais uma vez quando Marco, adulto, abre e retira o machado do porta-malas nos últimos momentos do episódio.
- Depois que Hank recebe a sinistra ligação que avisa que ele tem “um minuto” antes de os primos chegarem para matá-lo, Gilligan & Cia. de fato tomam um minuto para elevar a tensão enquanto Hank chama o parceiro Gomez, olha em volta do estacionamento e começa a suar. É uma construção brilhante, e um dos minutos mais longos da televisão.
- Ao fim do episódio, dois planos abertos são usados para variar o ponto de vista, que começa relativamente perto dos corpos de Hank e Marco, e vai a um ponto que mostra todo o estacionamento e as formas esparramadas, cercadas do sangue de Hank, Marco, Leonel e de um transeunte azarado.

**TITULAÇÃO** “One Minute” (“Um Minuto”) refere-se não só ao misterioso alerta que Hank recebe antes do ataque dos primos, mas também às palavras de Héctor enquanto afoga o pequeno Marco: “Quanto tempo você acha que ele ainda tem ali? Um minuto?”

**CURIOSIDADES** Os irmãos Marco e Leonel Salamanca são interpretados por irmãos, Luis e Daniel Moncada. Embora Leonel seja o primeiro papel de Daniel Moncada como ator, Luis Moncada iniciou a carreira em 2002 como Smiley of the Fighting Fridas em *American Family*. Os atores que interpretam Marco e Leonel quando crianças, Ruben Munoz-Soto e Victor Munoz-Soto, fazem sua primeira aparição na TV nesse episódio.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **PONTAS CÔNCAVAS E A “BLACK TALON” WINCHESTER**

O que torna as balas de ponta côncava tão letais é um entalhe minúsculo que elas têm na ponta. Quando uma bala dessas entra num alvo delicado (como um corpo humano), cria-se uma pressão no entalhe que obriga o metal da bala em volta da beirada interna do entalhe a expandir-se a uma velocidade incrivelmente rápida. A expansão diminui a distância a que a bala voa (por isso há menos chance de a bala atravessar o corpo e acertar outra pessoa), mas também causa danos gravíssimos aos tecidos. Uma bala de ponta côncava revestida é envolta em um metal mais duro, como aço por cima de cobre, para aumentar a força da bala. Em resumo, essa munição é projetada para fazer o máximo de estrago no corpo humano.

As Black Talons foram fabricadas pelas Munições Winchester de 1991 a 2000 e estavam à venda tanto para agentes da lei quanto no mercado civil. Embora em vários aspectos a Black Talon fosse uma ponta côncava padrão, ela acabou gerando uma lenda urbana. Segundo se diz, as Black Talons foram projetadas para rasgar suas entranhas como garras muito afiadas. Embora inerentemente não sejam piores que qualquer outra bala de ponta



côncava (todas as quais provocam ferimentos horríveis quando disparadas contra um corpo humano), as Black Talons não viriam a ficar muito tempo no mercado civil.

Em 1993, as balas Black Talon foram utilizadas em assassinatos de larga escala nas duas costas dos EUA. O primeiro foi numa firma de advocacia em San Francisco, em 1º de julho: oito pessoas morreram e outras 15 levaram tiros. O segundo aconteceu no mesmo ano em 7 de dezembro num trem da Ferrovia Long Island em Nova York: seis pessoas morreram e outras 19 foram feridas pelo atirador. As Black Talons foram retiradas do mercado aberto, embora tenham continuado a ser vendidas a agentes da lei até 2000.

### **FERRAMENTA UNIVERSAL DE AVALIAÇÃO DA DOR**

Os hospitais costumam usar “escalas de dor” para o paciente poder informar o nível de seu padecimento. Vemos uma dessas escalas pendurada no quarto de hospital de Jesse. Chamada mais propriamente de “Escala Visual Analógica de Dor”, essas escalas têm rostos desenhados que se fecham quanto mais forte e insuportável for a dor. Geralmente a escala é impressa em cores, sendo que o verde indica dor zero e o vermelho forte corresponde à dor séria. A ideia é que o paciente possa apenas apontar para o desenho correspondente para informar quanta dor está sentindo em dado momento. Essas escalas podem ajudar muito, pois o nível de tolerância à dor varia muito de pessoa para pessoa. Ainda assim, a ideia de autoavaliação baseada em apontar para uma carinha fechada num desenho parece ir contra a tendência atual na medicina norte-americana, que é o tratamento centrado em máquinas de alta tecnologia e altamente caras que fazem *ping!*



COMO PREPARAR O SUNDAY PERFEITO:  
**ENTREVISTA COM MICHAEL SLOVIS**

Michael Slovis foi diretor de fotografia de 44 episódios de *Breaking Bad*, tendo começado na segunda temporada. Ele também dirigiu quatro episódios: "Kafkaesque", na terceira temporada, "Cornered", na quarta, e "Live Free or Die" e "Confessions", na quinta. O senhor Slovis aceitou gentilmente nosso convite para conversar sobre o seriado.

**GUFFEY:** Como começou seu envolvimento com *Breaking Bad*?

**SLOVIS:** Entrei no início da segunda temporada. Um amigo meu, Adam Bernstein, havia dirigido os episódios dois e três da primeira temporada, e Vince Gilligan recorreu a ele para encontrar um nome a colocar na lista para a vaga. Ele colocou o meu e dei a sorte de conseguir a vaga. A indústria do cinema é fortemente baseada em recomendações. É assim que as coisas funcionam: é uma área que depende do boca a boca e não é muito grande, por isso todo mundo sabe o que acontece.

**GUFFEY:** Você faz coisas sensacionais. É óbvio que temos os famosos planos em câmera subjetiva que viraram marca registrada do seriado, principalmente a “transpassante”, quando você tem uma subjetiva em contra-plongée ou torna transparente algo que na realidade seria um fundo sólido. Contudo, você deu uma entrevista na qual disse que não é muito fã desses planos marcantes. Então como você se equilibra para não ser muito brega e usá-los do jeito certo?

**SLOVIS:** Bom, não é que eu não seja muito fã desses planos, é que não sou muito fã de recorrer a eles *com frequência*. E acho que eles perdem o impacto se você usar demais. Não gosto de fazer de forma gratuita. Adoro essas tomadas, mas gosto de usá-las criteriosamente e com propósito, seja este emotivo ou poético. Gosto de ter um objetivo além de um ângulo que fica legal. Não gosto de tomadas que tiram você da história e não fazem a trama andar de forma emotiva. O plano pode ser um close bem simples, ou um plano aberto, ou uma câmera subjetiva. Só não acho que as tomadas em si devem chamar atenção a ponto de tirar sua concentração do enredo. Quero que o público pense que foi a melhor forma de contar a história naquele momento.



(CORTESIA MICHAEL SLOVIS)

É só isso que eu quero num plano. Quando eu estava gravando bem no início de carreira, em *CSI*, um diretor jovem veio falar comigo porque tinha projetado um plano com uma grua bem grande e antiga, e a gente ia andar com ela por tudo, aí ele disse: "Plano sensacional, né?". E eu falei: "Sim, o enquadramento vai ficar maravilhoso, mas será que ajuda a contar a história?". Há planos que fizemos que acabaram não entrando no seriado ou foram pensados na pré-produção e também acabaram não entrando. Vince [Gilligan] compara o seriado a um sundae. O sundae perfeito [leva] sorvete, um pouco de chocolate em calda, umas castanhas, um pouco de chantilly e uma cereja. No entanto, se você pegar uma bola de sorvete e cobrir de marshmallow, depois colocar abacaxi, cobrir com castanhas, melado, mais chocolate, depois mais abacaxi e mais chantilly e mais de tudo, fica uma

meleca – e não um sundae lindo, maravilhoso, legal, delicioso e atraente.

**GUFFEY:** Uma coisa que eu gostei ao longo de todo *Breaking Bad* é que, de fato, nada atrapalha a trama.

**SLOVIS:** Bom, fico grato pelo que diz. Acredito que não exista elogio melhor e, se você for conferir o seriado, quer dizer, estudar de verdade, conferir os planos – são planos bem simples. Tem pouca extravagância. O que tem de sensacional na narrativa – e chamo de narrativa porque não é fotografia, não é roteiro, não é atuação, não é performance, não é direção de arte, nem maquiagem, mas o amálgama – é que às vezes está tudo no lugar e cada pedrinha apoia o arco como uma orquestra filarmônica tocando uma música maravilhosa. Tudo se junta e aí a soma dos elementos individuais é maior que uma entidade só.

**GUFFEY:** Dá para ver que você é muito apaixonado pela sua arte, pelo que faz e por contar histórias. Embora só em olhar e decompor os planos não se veja muita extravagância, as composições que você usa transmitem muita informação visual que seria difícil de transmitir verbalmente.

**SLOVIS:** Bom, temos 44 minutos para contar a história, e oito dias para gravar o episódio, por isso cada mínimo plano tem que fazer a trama progredir. Vince deu-nos o poder de contar a história da melhor forma possível e da forma como a entendemos. O que ele faz de mais sensacional é nos dizer qual é a história naquele momento e depois: “Conte a história dessas duas pessoas, nesse momento, da melhor maneira possível”.

**GUFFEY:** Quem você citaria como suas influências na direção de fotografia?

**SLOVIS:** Eu gosto muito, muito mesmo, dos trabalhos de Caleb Deschanel. [Deschanel foi indicado cinco vezes ao Oscar de Direção de Fotografia, incluindo por *Os Eleitos – Onde o Futuro Começa* (*The Right Stuff*, 1983) e *Um Homem Fora de Série* (*The Natural*, 1984). Também é o pai das atrizes Emily e Zooey

Deschanel.] E não existe diretor de fotografia que trabalhe no cinema, na televisão ou na publicidade que não tenha grande dívida com Gregg Toland, que fez surgir a narrativa cinematográfica artística em *Cidadão Kane*. Eu diria que Caleb Deschanel trouxe a estética europeia ao cinema norte-americano. Teve muita gente depois dele, mas os diretores de fotografia britânicos e norte-americanos atingiram tal nível de maestria e técnica que praticamente temos poucos limites. Os limites que existem atualmente são puramente de orçamento e cronograma. Nos termos do que está a nosso dispor para contar a história, a película que temos hoje – se você tiver sorte de gravar em película – é a melhor que já existiu, e as histórias, principalmente na televisão, estão ficando sensacionais. Estamos num momento [em que a televisão] foi invadida por gente que quer contar ótimas histórias, e isso existe de sobra.

**GUFFEY:** Eu soube que a casa que vocês vinham usando para Jesse Pinkman, ou a casa da tia, foi vendida e você teve muita influência no projeto do cenário para a terceira temporada.

**SLOVIS:** Sim, foi ideia minha construir aquele cenário. Eles iam tentar uma locação, porque o que acaba acontecendo num seriado como *Breaking Bad* é que o orçamento é muito curto; não é daqueles seriados que esbanjam dinheiro. Tudo tem que caber no orçamento. Não há nada de errado nisso; na verdade é uma coisa boa, e ajuda a gerar criatividade – limites não são uma coisa ruim. Contudo, o plano deles era tomar uma rota diferente. Geralmente não construímos cenários para uma coisa que só vai ser usada uma vez. Quando estávamos pensando a cena da festa [em “Thirty-Eight Snub”] para [a diretora] Michelle MacLaren, não tinha como gravar aquilo de forma eficiente se não fosse na locação. Aí, quando perguntei o que vinha pela frente e eles achavam que passaríamos mais tempo na casa de Jesse – e de fato passamos bastante tempo por lá nos episódios subsequentes – eu falei que devíamos construir outro cenário, que devíamos construir de fato a sala de estar do Pinkman. Construímos e acabou sendo a nossa salvação.

**GUFFEY:** Há muitos ângulos e pontos de acesso naquele cenário.

**SLOVIS:** Deixa eu contar uma coisa: tem um nome que quase nunca é citado em nada da divulgação que eu leio e ele é a pedra fundamental, o *anjo* dos nossos cenários. O nome dele é Mark Freeborn, nosso designer de produção. Eu levo o crédito por várias coisas que o Mark fez. Ele é um gênio, entende tanto do que faz que projeta as coisas para ficarem lindas na película – talvez não quando você está de frente para a coisa, mas na filmagem fica. Foi o Mark quem projetou a sala de estar. Foi ele quem projetou o superlaboratório, o escritório do DEA que usamos nas últimas duas temporadas, e o escritório de Gus na Los Pollos Hermanos. Esse cara é extraordinário. Talvez ele seja o maior responsável pelo seriado ser bonito, caber no cronograma e entrar no orçamento, mais do que qualquer outro envolvido. Mark reprojeteu o interior do motor-home para que fosse mais eficaz e a filmagem fosse mais eficiente. Tudo que você vai ver em cenários dos últimos oito [episódios], foi o Mark quem fez. O maior elogio que já ouvi a Mark Freeborn é que a maioria das pessoas acha que gravamos o seriado inteiro em locação, e não foi. A casa dos White era cenário. O escritório de Gus era cenário. A casa de Pinkman também. O superlaboratório, obviamente, era cenário. Todas as cenas internas em hospital depois da segunda temporada eram cenários. A parte interna do lava-rápido, incluindo o caixa, era cenário. Antes de Mark, Robb Wilson King também fez um trabalho excelente, excelente mesmo. As internas da casa de Jesse na segunda temporada, quando a Jane morre, eram cenários. As internas do motor-home eram cenário, projetado pelos dois designers de produção. O porão da casa dos White e o closet onde ele faz um buraco e encontra a madeira podre são cenários. São todos espaços criados por Mark Freeborn e seu antecessor, Robb Wilson King. Robb projetou a parte interna da casa dos White. Era um lugar sensacional de gravar. Eu adorava filmar lá dentro.

**GUFFEY:** Você disse que não gosta muito de usar planos extravagantes, mas em “Over”, quando Jesse está tomando o primeiro pico de heroína com Jane e sai voando e voando até

passar do teto – é um plano maravilhoso e que funciona muito bem, pois é das poucas vezes em que a cena toma um rumo meio fantasioso. Depois, em “Cornered”, quando Walt fica emoldurado pela porta do alçapão e ouve-se um batimento cardíaco, você começa a subir, subir, subir, de novo, passando do que seria o teto, de forma que aquilo vire praticamente um poço.

**SLOVIS:** Bom, a verdade é que a execução desses planos não foi fácil, mas não são planos difíceis. A que entra pelo closet e você observa [Walt] em plongée, sob o assoalho – o maior problema ali, e o motivo pelo qual a câmera treme um pouco, é que um pedaço do suporte despencou. A câmera estava olhando bem para baixo no suporte e sendo puxada para o alto com um guincho, e só. No caso de Aaron [Paul] saindo da cama, também foi um plano muito simples. Construimos um apetrecho no qual Aaron deitava e o içamos até o teto do estúdio, olhando bem para baixo com a câmera pendurada logo acima dele. São ótimos exemplos do que eu vinha falando: não são planos difíceis de realizar – é praticamente só o close em um cara que começa a voar – mas são tão bem pensados para aquele momento específico que você nem considera que vê o cenário quando o Aaron voa. Encaixa-se perfeitamente na história e é um bom exemplo do que vínhamos conversando. São exemplos perfeitos. A única coisa diferente neles é que outros nunca fizeram, e isso é resultado direto do incentivo e do apoio de Vince Gilligan, da Sony, do canal AMC. E ressalto que você precisa de todos esses elementos. Precisa do roteiro, do apoio da emissora e da produtora e de todos os executivos e do *showrunner*. Todos os elementos precisam se unir até que alguém como eu possa dizer: “Ei, eu queria fazer assim”.

*Breaking Bad* foi meio que a tempestade perfeita. O AMC estava construindo uma marca. Eram ex-cineastas, por isso todos pensavam em termos cinematográficos. As TVs estavam ficando maiores. Quando a gente começou, as TVs eram as LED de 60 polegadas *side-lit*, e antes você não tinha alta resolução para contar a história. Você precisava fechar bem o plano, do contrário, o público não ia entender o que se passava. Então temos a tempestade perfeita: a história que queremos contar no veículo



certo para contá-la. Tudo se fechou, tudo aconteceu no momento certo. Tínhamos plena ciência da mudança tecnológica. A maioria dos *showrunners* e emissoras diz o seguinte para quem está em campo, gravando o seriado: "Não me volte sem opções de planos". Vince dizia: "Opções de planos não me interessam; não me volte sem planos abertos".

**GUFFEY:** E você mencionou antes que estava gravando em película.

**SLOVIS:** Sim. Tudo era película. Para alguns planos especiais, às vezes usávamos câmeras especiais; às vezes digital. Contudo, 98 a 99% do seriado foram gravados em película Kodak. Foi outra mudança que eu fiz, na realidade assim que eu cheguei. A primeira temporada foi gravada em película Fuji. Achei que a Kodak combinava melhor e parece que acertamos na decisão. Outra vantagem da película: no momento a Sony está retransferindo cada frame das cinco temporadas para 4K, para as TVs que ainda estão por vir. Não há como fazer isso gravando com digital, a não ser que você gere em 4K ou 6K [*Nota do Editor: "4K" e "6K", também conhecidos como câmeras e TVs de "ultradefinição". Os números referem-se ao número de pixels verticais de resolução, aproximadamente 4 mil ou 6 mil. Para se ter uma noção, atualmente a maioria das TVs HDs padrão possui resolução vertical de 1.080 pixels, ou 1K*], mas eles podem pegar a película e transferir para qualquer tecnologia que vier pela frente.

**Guffey:** Tem uma coisa sobre a qual eu gostaria muito de conversar com você, que é a potência dos lugares vazios e do deserto em volta de Albuquerque. Há imagens do céu gigante, maravilhoso, um relevo imenso, e pessoinhas fazendo as coisas nesses planos abertos, mas é o único lugar onde elas podem ter esse comportamento criminoso horrendo e não serem vistas.

**SLOVIS:** Você também tem que entender que, caso vá a uma região dessas, ela é vasta e a civilização está concentrada em

pontos mínimos. Isso que é o mais marcante nesse lugar: o tamanho do céu e a cor do deserto.

**GUFFEY:** Fica muito bem representado no que você fez. Tem vários lugares filmados que são habitações humanas abandonadas; o deserto conseguiu tomar conta aos poucos, mas ainda tem uma boneca velha aqui, uma bicicleta ali. Quanto aí é objeto de cena e quanto é cenário?

**SLOVIS:** Essa é outra função do diretor de arte, dos designers de produção. Eles saem e literalmente acham esses lugares. Essa foi uma locação que encontramos e na qual trabalhamos um pouco até virar o que virou, acrescentando o carro, o varal. Só o buraco em que eles caíram que já existia. A história pode começar a tomar forma a partir do que eles encontram nessas locações, e os roteiristas não têm nada contra se adaptar ao lugar.

**GUFFEY:** Vocês costumam usar iluminação distinta para indicar lugares distintos. Em especial em "Salud", quando Gus finalmente se vinga depois de 20 anos; a luz é mais forte, mais amarelada. Foi uma escolha proposital, para indicar que "estamos em outro país, outro lugar", e aí vocês usam outro estilo?

**SLOVIS:** Isso, exatamente isso. Uso filtro nas câmeras. As câmeras sempre têm filtros quando filmamos. É uma paleta que eu uso, um filtro específico para Albuquerque, outra especificação de filtragem que uso no México, e na Albuquerque urbana não uso nada. A partir daí posso ir contra e, se eu estiver a fim, criar dissonância para o espectador. Sempre trabalhamos com isso. O seriado é filmado com câmera na mão, mas se decidirmos ficar muito estáticos o público não fica à vontade e percebe: "Ah, nossa, tem uma coisa diferente aí.". Tudo faz parte da linguagem visual que usamos.

**GUFFEY:** Seus planos mais sensacionais, pelo menos na minha opinião, são muito simples. Você foca Bryan Cranston, ou Aaron Paul, ou Anna Gunn, e ficam só eles e a câmera. E eles são muito bons mesmo quando não dizem nada.

**SLOVIS:** Concordo totalmente. Meu plano predileto é de Bryan Cranston decidindo deixar Krysten Ritter morrer em "Phoenix". É apenas um close no cara. É meu plano predileto em todo o seriado.

**GUFFEY:** O que o futuro lhe reserva depois de *Breaking Bad*?

**SLOVIS:** Vou passar os próximos nove meses só dirigindo, não na fotografia, pois depois de *Breaking Bad* vai ser difícil achar uma coisa que não decepcione, pelo menos para mim. Eu sou muito, muito grato.



## See You

**Data de exibição original:** 9 de maio de 2010

**Roteiro:** Gennifer Hutchison

**Direção:** Colin Bucksey

“Fui informado de que o assassino que sobreviveu está seriamente ferido. É improvável que sobreviva. Agora me agradeça e aperte minha mão.” — Gustavo Fring

*Marie, Walt e toda a família aguardam notícias sobre a saúde de Hank. Jesse fica matando tempo no novo laboratório.*

São poucos os infernos existenciais tão intensos quanto o de uma sala de espera de hospital quando alguém de quem você gosta está passando por um procedimento de emergência. Existe algo de inescapável, e não interessa o quanto não se queira estar lá, não estar seria pior. É esse inferno que a família de Walt, principalmente Marie e Walter Jr., vivem durante esse episódio. Assolada pela tristeza, Marie sai à procura de um culpado e encontra alvos preparados em Steve Gomez e no ASAC Merkert. Ela então se volta contra Walt, que é quem deveria culpar de fato – mas, como não sabe, ela pede desculpas por repreendê-lo. Betsy Brandt volta a ter uma performance extraordinária. Ela está tão diminuída pela dor, tão ansiosa para focar em algo que não seja Hank, mas tudo a que ela se agarra parece sempre voltar a ele. R. J. Mitte também mostra o que sabe nesse episódio. Junior mal consegue se conter, porque, afinal, nos últimos meses Hank tem sido uma figura paterna muito mais estável que Walt. Num dos momentos mais tocantes do episódio, dado o nível de realismo, Junior pede que Walt lhe traga o livro *Matando Pablo*, de

Mark Bowden – foi Hank quem o deu, explicando que é importante saber dos caras que se esforçaram para derrubar Pablo Escobar, porque “os mocinhos nunca ganham tanta página quanto os bandidos”. Aquilo atinge Walt em cheio, porque ele está gostando de “chutar o balde”. Ele adora chamar atenção, ser respeitado, adora o poder que acha que seu status criminoso e suas habilidades criminosas lhe concedem. No entanto, o certo é que ele não é dos mocinhos, e sabe que não é. O mais importante é que Walt sabe que Hank é o tipo de homem em quem seu filho se espelharia, e ele não. Isso dói.

É claro que família não é a única e nem a primeira preocupação de Walt nesse episódio. Aliás, ele é o último a saber da situação de Hank: é informado no laboratório por Jesse, que está curtindo uma *schadenfreude*. Na maior parte do episódio, Walt está fazendo o que faz de melhor: mentindo. Mente para Gale, quando explica por que não quer que eles trabalhem juntos; para Gus, ao explicar por que não está no laboratório produzindo; para Skyler, sobre quem está chamando-o no segundo telefone. No entanto, reconhece-se que Sky mata a mentira no berço com um sorriso deveras eloquente. Para infelicidade de Walt, todas as suas mentiras caem por terra quando ninguém menos que Gustavo Fring, cidadão íntegro, aparece no hospital oferecendo almoço tanto para a família quanto para a polícia no aguardo, mais uma oferta de recompensa de US\$ 10 mil por informações sobre os assassinos. Gus sabe de tudo, e as mentiras de Walt revelam-se, no mínimo, transparentes.

O grande motor desse episódio é Giancarlo Esposito, que dá vida a um dos vilões mais frios e controlados da história da televisão. Gus fica totalmente à vontade em misturar-se e imiscuir-se com literalmente centenas de policiais, oferecendo recompensas e demonstrando enorme simpatia por um crime horrendo que *ele mesmo armou*. O mais aterrorizante é ver como tudo parece ter funcionado com perfeição – para Gus. Os primos, incontroláveis demais, foram removidos de cena. O agente do DEA com maior interesse pela Blue Magic, também cunhado de seu novo “master chef”, está fora de circulação, e, acima de tudo, Walt perde as

ilusões quanto a seu chefe ao perceber como é inútil mentir para Gus. Walt *acha* que é um mestre do crime. Gus é um mestre do crime, o que demonstra ao resolver mais uma ponta solta nesse episódio – seu superior no cartel, Juan, é morto a tiros instantes após ameaçar Gus com consequências nefastas por atrever-se a usar os primos para seus propósitos. Gus está num jogo totalmente diferente do de Walt e Jesse, e em uma proporção muito maior.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

JESSE: “Cacete! Isso aqui é do *cão!*”

### **PERCEBEU?**

- Jesse ainda sente dor depois de ser espancado por Hank, estremeando até mesmo quando a camiseta roça na pele.
- Jesse continua a criar uma camada de aspereza, deleitando-se em ver Hank ferido.
- Walt está determinado a calçar o pé de mesa desnivelado na sala de espera. É um belo toque de caracterização, que mais uma vez mostra como Walt é alguém que acha que pode controlar e/ou consertar tudo à sua volta.
- Walt mostra por que tantas pessoas se importam com ele quando consola Marie e a tranquiliza quanto à higiene do hospital.
- Leonel Salamanca é visto vivo pela última vez como da primeira que o espectador o viu: rastejando, mas com um propósito letal.
- Mike solta uma seringa vazia na lixeira de agulhas enquanto a equipe do hospital e os policiais correm ao quarto depois de ouvir o sinal de parada cardíaca de Leonel.

### **GRAVANDO!**

- Usa-se a câmera subjetiva de um paciente quando os médicos da emergência e do hospital estão correndo com a maca de Hank.
- Gilligan & Cia. subvertem as expectativas da audiência ao mostrar uma cena intensa na sala de emergência, com médicos e enfermeiras frenéticos tentando salvar.... Leonel Salamanca, o primo sobrevivente.
- A fotografia time-lapse é utilizada de fora do hospital para mostrar a passagem do tempo.
- A cena no hospital em que Leonel vislumbra Walt pela janela de sua porta é incrível. A interpretação de ira e ódio de Daniel Moncada é visceral, e cada elemento da cena é cuidadosamente armado para reforçá-la – mais uma vez sem palavra alguma de Leonel, nem mesmo quando os tocos de suas pernas recém-amputadas batem no chão, deixando um rastro de sangue quando ele se arrasta na direção de Walt.

**TITULAÇÃO** “I See You” (“Eu vejo você”) é homonímia de ICU, a sigla de “*intensive care unit*”, ou unidade de terapia intensiva (UTI), uma referência ao lugar onde Hank e o primo sobrevivente encontram-se no hospital. O título também faz referência à reação do primo quando enxerga Walt pela janela do quarto, bem como à capacidade que Gus tem de ver a verdade por trás de todas as mentiras de Walt.

**MÚSICA** A canção que toca enquanto Jesse está se divertindo no superlaboratório é um cover de “Shimmy Shimmy Ya”, dos Ol’ Dirty Bastards, por Prince Fatty.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **PABLO ESCOBAR**

Pablo Emilio Escobar Gaviria (1949-1993) – tema do livro que Junior está lendo – foi o maior narcotraficante da Colômbia. Ele nasceu pobre e decidido a alcançar riqueza, poder e respeito. O

que lhe deu condições para alcançar esses objetivos foi o cartel de Medellín. A partir de meados dos anos 1970, Escobar começou a construir pacientemente um império das drogas que, em seu auge, movimentava 15 toneladas de cocaína por dia nos Estados Unidos e foi responsável por 80% do mercado global da droga. Era tanto dinheiro que eram gastos US\$ 2.500 por mês só para comprar borrachinhas que envolvessem os maços de notas; 10% da carga (mais de um *bilhão* de dólares por mês) eram eliminados como “refugo” (o que Jesse chamaria de “margem de perda”), pois o dinheiro ficava mofado por pegar chuva ou era mordido por ratos.

Antes de Escobar, não havia exatamente cartéis do narcotráfico, embora existissem reis das drogas. Com Escobar, a fabricação e a distribuição de cocaína tornaram-se industrializadas, organizadas e mecanizadas. Escobar era implacável no empenho para expandir seu império, utilizando uma estratégia que chamava de *plata o plomo* – “prata ou chumbo”, que queria dizer “aceite suborno ou vire alvo”. Escobar foi o responsável pela morte de centenas de policiais, funcionários públicos e civis que cruzaram seu caminho. Ao mesmo tempo, ele cultivou cuidadosamente uma imagem de Robin Hood entre os mais miseráveis da Colômbia, patrocinando clubes de futebol e fazendo doações a hospitais e escolas.

Em 1991, o governo da Colômbia convenceu Escobar a se render. Em troca, ele seria preso em La Catedral, prisão que o próprio chefe projetou pensando no seu conforto. Ele não seria submetido à extradição para os EUA e serviria uma pena de não mais que cinco anos. Escobar aceitou o acordo, mas mesmo de sua cela de luxo deu sequência às atividades criminosas (incluindo mandar trazer tenentes desleais para torturá-los e matá-los na prisão). Quando descobriu que o governo planejava transferi-lo para outra cadeia, ele planejou sua fuga, teve sucesso e deu início a uma imensa caçada.

Em 1992, os Estados Unidos uniram-se à caça a Escobar, ajudando no treinamento de uma força-tarefa especial da polícia colombiana. Escobar foi encontrado escondido num bairro de classe média de Medellín em 2 de dezembro de 1993, e seguiu-se uma troca de tiros. Escobar e seus guarda-costas tentaram fugir



por um telhado, mas, ao fim da batalha, o chefe estava morto. O cartel de Medellín logo se deslindou.

La Catedral, construída para ser possivelmente a prisão mais luxuosa do mundo, hoje é um mosteiro.



## afkaesque

**Data de exibição original:** 16 de maio de 2010

**Roteiro:** Peter Gould, George Mastras

**Direção:** Michael Slovis

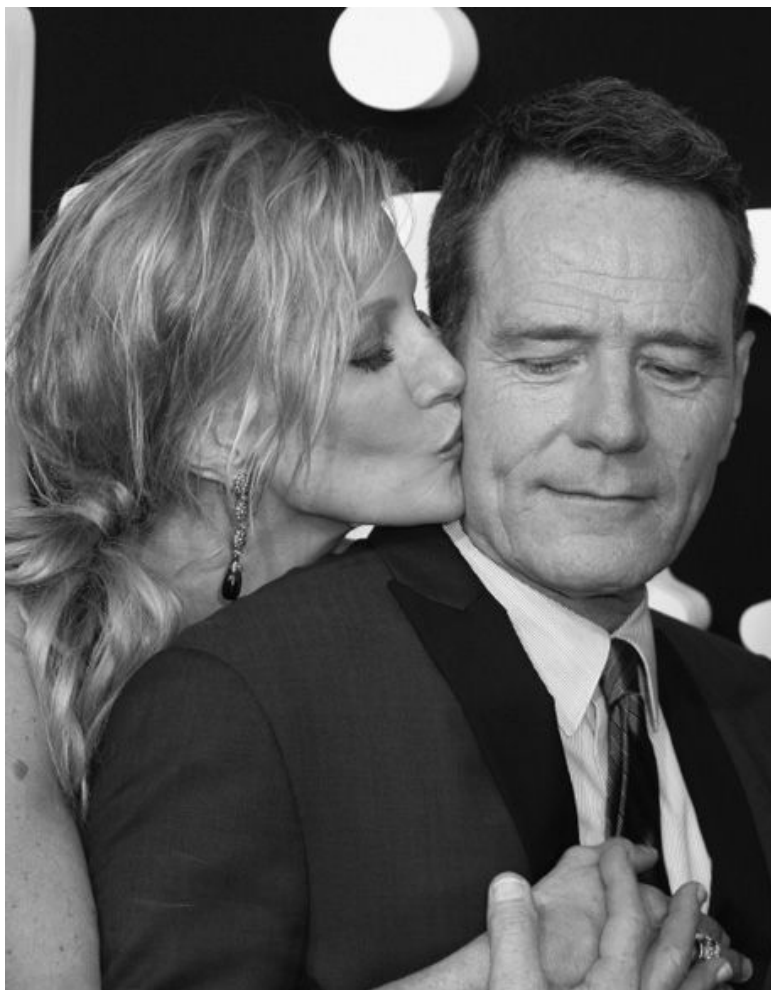
“Não sei bem o que é, mas algo me diz que Hank está aqui por sua culpa – e eu não vou esquecer isso.” — Skyler White

*Walt e Jesse estão mandando ver no superlaboratório. Surgem problemas no plano de saúde de Hank, mas Skyler pode ter a solução.*

A pré-créditos dá ao público uma ideia da escala da operação de Gus. Enquanto Walt e Jesse estão produzindo 90 quilos de Blue Magic por semana, o produto é decomposto em cargas menores, envolvido em contêineres de plástico de massa de frango frito da Los Pollos Hermanos, marcado com um selo de luz negra e enviado numa sequência quase infinita de caminhões que percorrem todo o sudoeste – tudo sob o olhar gélido do próprio Gus. É produção e distribuição de metanfetamina em escala industrial. De acordo com os cálculos de Jesse, Gus pode ganhar aproximadamente US\$ 96 milhões pelos três meses em que vai pagar US\$ 1,5 milhão para Walt e US\$ 1,5 milhão para Jesse. Não é mau negócio – para Gus.

É nesse momento que Jesse começa a ficar burro. Ele afirma que quer mais dinheiro, mas também quer se sentir no controle de seu destino. Afinal, fabricar metanfetamina virou rotina, um trabalho repetitivo que tem horários, cota e hierarquia, e Jesse não passa de um funcionário. Em outras palavras, Jesse está em mais um empreguinho a serviço do sistema e não aguenta mais. Essa é a

essência dos motivos que ele dá para si e para os amigos, mas talvez exista algo de mais obscuro em sua explicação. Com o avançar da temporada, Jesse começa a dar cada vez menos importância ao que acontece consigo, e seu novo modelo de negócios baseia-se em ele garfar parte do produto que faz com Walt e vendê-lo em encontros dos Narcóticos Anônimos (NA), o que em si já é uma coisa desprezível. Jesse pode não ter uma cabecinha privilegiada, mas também não é imbecil e conhece o mercado. Roubar de alguém como Gus nunca é sadio – mas talvez a questão seja justamente essa. Jesse pode estar atrás da única saída que consegue ver: a morte.



(IZUMI HASEGAWA/PR PHOTOS)

É uma saída com a qual Walt tem um flerte sério. Numa progressão ainda maior à ruína moral, Walt entendeu a orquestração que Gus fez do tiroteio entre os primos e Hank, e chega a parabenizá-lo pelo resultado. Pior ainda, Walt afirma que teria feito o mesmo se estivessem em posições inversas. Com o erguer de uma única sobancelha, Gus demonstra que acha divertido Walt considerar-se seu igual. A reação de Gus à reunião é uma oferta a Walt de um contrato sem prazo de validade a US\$ 15 milhões por ano. Walt não diz sim, mas não precisa; ele sai de lá mais envolvido que nunca no comércio de metanfetamina, e é mais do que pode suportar. Para um cara que gosta de achar que controla tudo, a vida inteira de Walt é singularmente incontrolada e incontrolável, e até sua tentativa de suicídio é um ato de libertar o controle botando o pedal no chão, fechar os olhos e soltar a direção. No fim das contas ele volta a si, mas seu controle talvez seja mais ilusório que tudo mais.

“Kafkaesque” também traz Gilligan & Cia. de volta aos problemas inerentes ao sistema de saúde dos EUA. Até o plano de saúde federal de Hank pelo DEA é incapaz de cobrir os cuidados que ele realmente precisa ter se quiser a chance de voltar a caminhar. Numa cena incrível, Skyler inventa uma história sobre o vício de Walt nas apostas que, embora terrível, deixou-os endinheirados. A história envolve mentiras a partir de elementos da verdade: a vida dupla de Walt, seu estado de fuga, ele ter orgulho demais para aceitar caridade, etc. É uma mentira de mestre, tanto que até Walt fica de boca aberta com a coerência, os detalhes e a imaginação. Para que Walt não pense que ela foi totalmente para o lado negro, porém, Sky deixa bem claro que ela tem certeza que é tudo culpa dele, e, sendo este o caso, é justo que ele pague pelo que fez. Em todos os sentidos possíveis.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

JESSE: "O que há de bom em ser fora da lei quando você tem responsabilidades?"

BADGER: "Darth Vader tinha responsabilidades. Ele era o responsável pela Estrela da Morte."

SKINNY PETE: "Isso aí. E ainda eram duas, pô."

### **PERCEBEU?**

- Hank deixou de se interessar pelo trabalho, o que é uma grande mudança.
- Gus prepara petiscos de legumes para a reunião com Walt – e não é a primeira vez que o vemos aparecer com essas sutilezas em reuniões tensas de *Breaking Bad*.
- O líder de grupo do NA é o mesmo cara que era "líder de grupo" de Jesse na reabilitação.
- O tópico do encontro do NA é "gatilhos". No linguajar dos recuperados, é uma referência a praticamente tudo que ative uma ânsia psicológica pela droga que o viciado consome. Em termos do seriado, e de Jesse em especial, "gatilhos" têm um significado mais nefasto, pois decisões e ações "engatilham" uma cadeia de eventos que transformam as vidas de Jesse, de Walter e de todos ao redor deles de madeira irremediável.
- Jesse aproveita a reunião do NA para ser sincero e falar das coisas com que está lidando, principalmente seu emprego, embora o faça sem entrar em detalhes. Como é algo que se criou a partir da boa relação dele com o líder do grupo, vai virar um hábito ocasional para Jesse.

### **GRAVANDO!**

- A pré-créditos mistura um comercial bastante realista da Los Pollos Hermanos e a produção e distribuição industrial de metanfetamina que também acontecem na empresa de fachada, conectando-as com a fantástica chamada: "Sim, o bom e velho jeitinho continua com tudo na Los Pollos Hermanos, mas não fique só com a minha palavra. É só provar que você vai ver". Sensacional.

- A reunião do NA é iluminada de forma que o círculo do grupo fique dentro de um espaço bem claro cercado por trevas, uma bela metáfora para a esperança que essas reuniões dão frente às trevas do vício.

**TITULAÇÃO** A palavra “kafkiano” é uma referência ao escritor Franz Kafka (1883-1924) e aos temas recorrentes de suas obras de ficção, que geralmente tratavam de situações de surrealidade fantasmagórica. Nos textos de Kafka, os personagens não costumam ter controle ou mesmo entendimento das forças que os conduzem e que moldam suas vidas. Nos termos do episódio, isso se aplica especialmente a Walt, que, apesar de ser o personagem mais controlador do seriado, agora parece comandado para lá e para cá segundo os caprichos de outros e dos fatos que não entende ou sobre os quais não possui ingerência. Gus, Jesse, Skyler, Marie e até mesmo Hank estão todos fazendo algo por conta própria nesse episódio, mas Walt não.

**CURIOSIDADES** Em quase todo filme norte-americano, a galinha – seja o animal vivo ou representações do animal – aparece pelo menos uma vez. Não sabemos por que e não achamos que seja uma conspiração de Hollywood, embora viesse a ser uma das mais legais. Aliás, se você começar a procurar vai achar absurdo o quanto as galinhas aparecem. *Breaking Bad* não é exceção. Desde a cozinha de Gretchen até o comercial da Los Pollos Hermanos, a galinha é onipresente.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **VICIADOS EM JOGO**

Skyler explica que a família tem condições de ajudar com as contas de hospital de Hank graças ao vício de Walt nos jogos de azar. Embora quase todo mundo sinta aquele ímpeto de comprar o bilhete premiado, os jogadores compulsivos passam por uma coisa diferente. O *Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais* (DSM, na sigla em inglês) é o livro-padrão de distúrbios

neuroológicos nos EUA, e é usado diariamente por departamentos do governo, pesquisadores e prestadores da área de saúde. Na quarta edição do DSM (DSM-IV), o jogo patológico foi classificado como transtorno de controle do impulso, enquanto o DSM-V, de 2013, classifica o jogo patológico como vício. Independentemente de seu status no DSM, o jogo problemático devasta tanto a vida do jogador quanto daqueles que o amam.

O jogador compulsivo sabe que seu vício está fazendo mal a si e seus entes queridos, e mesmo assim é incapaz de controlar o impulso de continuar jogando. Não importam as consequências, o jogador fará mais uma aposta, certo de que dessa vez a "dama da sorte" vai sorrir para ele. Estima-se que entre 2 a 5% das pessoas que jogam qualificam-se para ter algum grau de problema com o jogo. Há mais homens do que mulheres que sofrem de jogo patológico, e os homens tendem a sofrer desse problema mais cedo. Apesar disso, nas mulheres o vício no jogo tende a aumentar de forma bem mais rápida e com consequências piores. Os homens parecem ser mais atraídos pelos jogos mais interpessoais, como o pôquer e o vinte e um, enquanto as mulheres parecem mais atraídas por jogos como caça-níqueis ou bingo.

O tratamento para jogadores problemáticos geralmente envolve programas de doze passos e/ou terapia cognitivo-comportamental. Existem medicamentos que já tiveram algum sucesso em reduzir a vontade de jogar, incluindo estabilizadores do humor e antidepressivos, mas a psicoterapia parece ser o tratamento mais positivo a longo prazo.

### **LAVAGEM DE DINHEIRO**

Grosso modo, lavar dinheiro corresponde ao processo de tirar dinheiro da fonte A e fazer com que pareça que ele veio da fonte B. Os criminosos lavam dinheiro para disfarçar atividades ilegais porque, se as forças da lei conseguirem ligar o dinheiro a atividades ilegais, a grana pode ser vinculada a crimes e o dinheiro pode ser apreendido. Já falamos um pouco disso na segunda temporada, quando Saul apareceu com o plano de lavar

dinheiro usando zumbis de computador. Agora veremos um pouco mais a fundo.

Para Walt, lavar o dinheiro que Gus lhe paga para produzir metanfetamina é crucial. Grandes somas de dinheiro provocam desconfiança e logo atraem o olhar da lei. Além disso, dinheiro pesa – pesa mais que os diamantes roubados, os documentos furtados ou as drogas ilegais pelos quais os criminosos receberam o dinheiro. Lavar dinheiro tem três passos básicos: colocação, ocultação e integração.

*Colocação:* O dinheiro “sujo” tem que ser colocado numa instituição financeira legítima. Geralmente, isso se dá por meio de depósitos em banco. No entanto, o risco é alto, pois as regras bancárias dos EUA exigem que depósitos acima de US\$ 10 mil sejam notificados ao governo.

*Ocultação:* Nesse passo, o dinheiro sujo é enviado em uma linda jornada para que fique difícil seguir seu rastro. Essa etapa pode depender de transferências de banco a banco, transferências eletrônicas entre diferentes contas com nomes diferentes (quem sabe países diferentes), troca de moeda e compra de produtos caros como casas, carros ou pedras preciosas para mudar a natureza do capital. Este é o passo mais complicado e tem o propósito único de ocultar o rastro, dificultando assim a localização do dinheiro sujo.

*Integração:* Nesse passo, o dinheiro reingressa na economia de uma maneira que possui aparência de legitimidade. Agora parece que o dinheiro vem de uma transação legal. Quem sabe a última transferência bancária envie o dinheiro para a conta de uma empresa local, na qual quem lava está “investindo” em troca de uma porcentagem dos lucros, ou quem sabe vende-se uma casa que foi comprada na etapa de ocultação. Nesse momento, o criminoso pode usar o dinheiro, que parece legítimo e limpo.

Entre os esquemas mais famosos de lavagem de dinheiro está usar bancos estrangeiros em países com leis de sigilo bancário, que na essência permitem depósitos anônimos e “smurfar”: grandes montantes são fragmentados em diversas contas, seja gradativamente por uma única pessoa ou por várias pessoas de



uma vez só (que são os “smurfs”). Quem lava dinheiro também pode recorrer a empresas fantasmas que pegam o dinheiro sujo como pagamento por bens e serviços que não foram fornecidos, mas dão a aparência de transações legítimas em razão das notas fiscais frias. Por fim, os “lavadores” podem investir o dinheiro em um negócio legítimo. Geralmente essas empresas recebem muito dinheiro (como um cassino), e aí o dinheiro sujo se mistura facilmente, ou usam empresas pequenas que recebem muito dinheiro vivo, como bares, clubes de striptease e lava-rápidos. Embora uma empresa fantasma só exista para lavar o dinheiro sujo, essas empresas de fachada podem até vender um bem ou serviço real, mas têm que registrar lucro mais alto do que realmente ganham para justificar o influxo de dinheiro sujo – ou o dinheiro sujo é simplesmente misturado às entradas legítimas.



**ly**

**Data de exibição original:** 23 de maio de 2010

**Roteiro:** Sam Catlin, Moira Walley-Beckett

**Direção:** Rian Johnson

“Está tudo contaminado.” — Walter White

*Uma mosca entra no superlaboratório, e Walt e Jesse têm uma discussão brutalmente franca enquanto a perseguem.*

Este talvez seja o episódio mais puramente psicológico de *Breaking Bad*, e os fãs debatem muito o significado da mosca e a obsessão de Walt em capturá-la. Para nós, “Fly” (“Mosca”) tem tudo a ver com a tentativa de Walt de encontrar uma nova forma de racionalizar tudo que fez e continua fazendo. As motivações antigas não colam mais. Walt afirma várias vezes que se envolveu com a ilegalidade para o bem de sua família, mas assinou o divórcio e saiu de casa. Se essa justificativa revela-se completamente furada, então como conviver com tudo que ele causou, incluindo as mortes de vários traficantes, o homicídio incontestável de Jane (causa indireta das mortes dos passageiros do Wayfarer 515), e a sequência de fatos que levou à suspensão de Hank e seu tiroteio debilitante com os primos? No deserto, desidratado e desgraçado em “4 Days Out”, Walt teve um momento de iluminação em que percebeu que não estava ajudando sua família; tudo que havia feito era “deixá-los preocupados e decepcionados, além de mentir”. Agora, contudo, ele já levou sua família até o ponto da desagregação e suas atitudes transbordam para a morte e a desgraça de cada vez mais pessoas com as quais ele se importa. O pior é que todas as

decisões que ele tomou serviram apenas para cavar um buraco ainda maior. Agora ele tem um acordo com Gus para viver essa vida por período indeterminado, quem sabe até sua morte, aconteça ela como acontecer.

“Fly” é a noite escura da alma de Walt, um momento de dor mental e espiritual que acontece quando ele não consegue mais acreditar nas merdas que ele mesmo diz, e um período no qual ele tenta ignorar desesperadamente a dor com foco obsessivo numa tarefa simples que exclua todas as outras: matar uma mosca que conseguiu entrar no laboratório. A mosca não passa de uma desculpa para ele parar de cozinhar, de pensar e de evitar as emoções ou ter que encarar a realidade das opções que tomou. O episódio tem todos os ingredientes para ser algo que o espectador vai ter dificuldade em aguentar, mas Gilligan & Cia conseguem tornar palatável essa noite de trevas com o uso brilhante da comédia. Bryan Cranston apoia-se no talento notável para a comédia física que tanto demonstrou no seriado *Malcolm in the Middle*. Suas tentativas frustradas de acertar a mosca levam-no a mancar com um sapato só, acionar máquinas sem querer, desligá-las aos tapas e, num dos melhores momentos do episódio, fazer Jesse acertar sua cabeça com o mata-moscas improvisado que o próprio Walt inventou. Em nenhum instante perde-se a angústia do tumulto interno de Walt, mas os resultados externos são notavelmente engraçados.

A metáfora, possivelmente escancarada, também é bem trabalhada quando se usa a obsessão de Walt pela mosca. A mosca é impossível de matar e consegue evitar facilmente toda tentativa de ser encurralada, esmagada ou mesmo aniquilada, conseguindo superar batalhas aparentemente impossíveis contra a fixação destruidora de Walt e Jesse, e demonstrando agilidade incrível. Não importa quanto tente, Walt não consegue matar sua mosca, assim como não importa o quanto tente, Walt não consegue matar sua consciência ou aliviá-la com uma explicação perfeita. Exausto e drogado por Jesse, Walt se descuida e quase revela que matou Jane. Chega a pedir desculpas ao parceiro, mesmo que seja num sussurro arrastado, provavelmente prestes a

apagar. Ele termina o episódio, contudo, ainda como o mesmo homem que era ao começar, incapaz de tomar uma atitude para tentar mudar sua situação, ou de deixar sua família menos vulnerável às consequências do que faz. Walt supostamente é puro controle, mas, como demonstra "Fly", na verdade ele sempre foi a *ilusão* de controle. É um homem correndo sobre bolas de gude: dá para se segurar por algum tempo, mas você vai ter que dançar como louco para manter-se de pé e uma hora vai escorregar. Walt não tem estratégia. Ele apenas corre de desastre em desastre e, toda vez que encontra um ponto de equilíbrio, descobre que tem mais bolas de gude sob os pés.

Apesar das lutas de poder e da vaidade de Walt, é Jesse quem consegue matar a mosca depois que Walt cai no sono, chapado. Jesse também tem seu turbilhão interno, mas não a culpa arraigada de Walt, e por isso consegue esmagar seus problemas com mais facilidade. É uma afirmação simples e potente sobre os relacionamentos e as possibilidades inerentes num laço sincero entre os dois homens. Jesse, contudo, descarta essa possibilidade ao fim do episódio. Já para Walt, que volta seguro a sua cama, a mosca ainda está lá. E ela está zumbindo.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

JESSE: "Você quer que eu faça isso? Apenas me passe o mata-mosca."

WALT: "Faça valer a pena."

JESSE: "Ah, eu vou fazer valer bem a pena."

### **PERCEBEU?**

- Jesse fala que assistiu a um programa de TV sobre a vida na natureza na noite anterior, o que remonta a "Phoenix", quando Walt assistiu a um programa sobre elefantes antes de ir ao apartamento de Jesse na noite em que matou Jane.

- Dessa vez, é Jesse que está determinado a cozinhar e cumprir a cota dos dois.
- Walt pergunta-se como ter encontrado o pai de Jane na noite em que ela morreu pode ter sido coincidência. Mais uma sugestão interessante de um poder que o estaria guiando.
- O cansaço e as drogas costumam fazer Walt virar falastrão (geralmente com autocomiseração). Ele entrega o segundo celular antes da cirurgia em "ABQ", vira honesto e sentimental em "4 Days Out", e, em "Fly", quase conta para Jesse que matou Jane.
- O papo de Walt sobre o momento em que irá morrer dá dicas de seu relacionamento com o pai e a mãe, bem como da morte de seu pai.

#### **GRAVANDO!**

- A câmera de "Fly" é absolutamente estilosa. Isso se dá em parte porque o grosso do episódio se passa em um espaço mínimo, fechado, parecendo-se mais com uma peça de teatro do que com um seriado de TV com várias câmeras. O movimento da câmera, os ângulos e planos distintos, altos e baixos, plongée e contra-plongée, em meio ao emaranhado de equipamentos do superlaboratório, e assim por diante, não deixam que as coisas fiquem estáticas. É a técnica que Sidney Lumet utilizou no filme *Doze Homens e uma Sentença* (*12 Angry Men*, 1957), no qual tudo se passa numa única sala, e também é usada com brilhantismo em "Fly" pelo diretor Rian Johnson (diretor dos thrillers psicológicos *A Ponta de um Crime* [*Brick*, 2005] e *Looper: Assassinos do Futuro* [*Looper*, 2012]) e pelo diretor de fotografia Michael Slovis.
- "Fly" também se serve meticulosamente do som e do silêncio. Quando Walt está deitado na cama durante a pré-créditos, ouve-se Skyler cantando "Hush Little Baby" (de "Phoenix"). Isso volta depois no episódio, quando Walt determina que é o momento em que devia ter morrido.

- Quando Walt volta a trabalhar após a noite insone, há um plano longo dele sentado no carro em silêncio absoluto, sem qualquer indicativo de som ambiente, até o instante em que Jesse bate na janela, momento em que todos os barulhos do mundo real retornam. Bela armação para o estado mental de Walt. Ele não está nesse mundo.
- Os planos em câmera subjetiva são muito utilizados em "Fly". A visão da mosca é utilizada várias vezes, o que inclui um plano vertiginoso no qual a mosca voa de cabeça para baixo e para no teto. O espectador também tem a visão do esfregão que Jesse usa para limpar o tanque, do fundo do saco cheio de equipamentos para pegar a mosca, do teto e até de Walt quando a mosca pousa em seus óculos.
- Planos em close e médios também são muito bem utilizados, assim como a variação no foco da câmera. É o que acontece na cena em que Jesse conta a Walt sobre o gambá que morava embaixo da casa da tia. Os atores estão praticamente estáticos, parados no mesmo lugar, mas, primeiro, a câmera enfoca bem Jesse e deixa Walt embaçado; depois, enfoca Walt e embaça Jesse. Este é um truque legal para dar movimento sem que se tenha movimento de verdade.

**CURIOSIDADES** Ao gravar "Fly", Gilligan & Cia. foram criativos por pura necessidade. O episódio foi filmado quando a temporada inteira já havia estourado o orçamento, de forma que eles precisavam dar todo jeito possível de baixar os custos. Criar um episódio que ficasse somente em um cenário, com elenco mínimo, foi a solução mais elegante. E a qualidade do episódio mostra que restrições financeiras nem sempre são de todo mal.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **ELEMENTOS CONTAMINANTES NA METANFETAMINA CRISTAL**

Walt quer fazer a metanfetamina mais pura que já se viu no mercado. Para tanto, insiste em ingredientes puros, não o fluido

de freio e as faixas abrasivas de fósforo que se usa normalmente num “laboratório sujo”. Utiliza-se adulterante de todo tipo para aumentar o rendimento de um produto – Upton Sinclair escreveu sobre adulterantes nojentos na indústria da carne em seu livro *The Jungle*, de 1906. A produção de drogas ilícitas não é diferente. Há histórias de sobra, por exemplo, sobre cocaína misturada com farinha para aumentar o peso do produto.

No caso da metanfetamina, o problema está na própria produção. Às vezes o fabricante quer algo de destaque no produto (lembre que o toque especial de Jesse era a pimenta). Às vezes, são acrescentados ingredientes para dar cor ao produto final – há relatos de Quik® de morango utilizado como aditivo para dar um matiz rosa. Embora um cozinheiro como Walt preocupe-se com a pureza do produto final por orgulho, a maioria dos cozinheiros só quer saber de se chapar e não dá muita bola para a higiene do ambiente de trabalho. Assim, o equipamento não está perfeitamente limpo e há resquícios de coisas bem feias que ficam na droga. Leve em conta que os componentes que costumam aparecer na cozinha de metanfetamina são Freon (vinculado a danos pulmonares), éter (que provoca insuficiência respiratória), ácido muriático (que pode gerar vapores tóxicos que levam a queimaduras), fósforo vermelho (que é instável e inflamável) e acetona (que provoca disfunções reprodutivas). Aí você entende como essa droga é um troço nojento.

Walt faz um produto extremamente perigoso. Mesmo com os ingredientes mais puros e o laboratório mais higiênico, a metanfetamina azul pode matar e é quase certo que fará você perder tudo de que gosta. E isso sem o lixo que a maioria dos fabricantes de rua usa.

### **MOSCA DOMÉSTICA**

Pense rápido: qual é o animal mais perigoso da Terra? Sabe-se que leões, tigres e ursos (minha nossa!) conseguem desmontar uma pessoa, e não se recomenda encarar uma cobra-real. Fora esses animais, a minúscula medusa irukandji consegue matar uma pessoa tão rápido quanto o grande tubarão branco. Apesar disso,

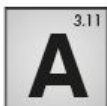
todo ano morre mais gente em função da mosca doméstica do que por conta de todas essas criaturas de dentes e venenos juntas.

Pode-se dizer que a mosca doméstica é a Rodney Dangerfield do mundo animal – ninguém a respeita o tanto que devia. Em sua curta vida (20 a 30 dias), uma mosca doméstica se reproduz loucamente, o que explica por que o inseto é encontrado em praticamente qualquer lugar do planeta. Muito mais do que uma praga incômoda, a mosca transmite uma série de doenças: febre tifoide, cólera, disenteria, carbúnculo, entre outras. A higiene ajuda, mas, como Walt vem a descobrir, é bem difícil matar moscas.

A mosca doméstica transmite doenças de três formas. Primeiro, pelas cerdas de suas seis pernas, que transportam resquícios de qualquer coisa em que a mosca tenha pousado – geralmente comida crua e esterco, sendo que as duas coisas podem estar coalhadas de doença. Segundo, pelas fezes: as moscas defecam onde estiverem a fim (não estão nem aí se a latrina for seu braço) e as fezes podem conter doenças. Terceiro, porque as moscas só podem se alimentar de líquidos. Ou seja, quando estão explorando a comida no chão ou uma casca de pão, elas saturam a comida com saliva e sucos digestivos (leia-se: vômito) até que o alimento potencial se dissolva e elas consigam sugar.

Pegue o mata-moscas.





## **biquiu**

**Data de exibição original:** 30 de maio de 2010

**Roteiro:** John Shibam, Thomas Schnauz

**Direção:** Michelle MacLaren

“Nunca cometa o mesmo erro duas vezes.” — Gustavo Fring

*O plano de negócios de Jesse mostra-se mais complicado na prática do que na teoria. Skyler quer virar sócia de Walt.*

Qualquer empreendimento pode ter uma complicação inesperada – principalmente um empreendimento no narcotráfico. Nesse episódio, Walt e Jesse veem-se ambos diante de complicações que, embora não pareçam tão mortais quanto outras em que já estiveram, ainda assim complicam muito os planos que tinham. Para Jesse, o plano de vender ao público nas reuniões dos NA começa a desandar quando Badger e Skinny Pete não conseguem achar força para concretizá-lo, e desaba por completo quando Jesse descobre que a menina que escolheu como alvo fácil é uma pessoa de verdade que tem um filho para criar. Depois das experiências de Jesse com seu irmãozinho Jake e com o garotinho ruivo de “Peekaboo”, a existência de Brock (Ian Posada), o filho de Andrea, muda tudo. Apesar de seu comportamento negativo recente, Jesse é essencialmente uma pessoa boa que se importa com os outros e sabe muito mais da realidade do mundo da metanfetamina do que Walt já soube. Afinal, Jesse provavelmente já foi muito parecido com seu irmãozinho Jake; ele sabe o que fez a sua vida tomar esse rumo, e viu o terror que pode ser a “vida normal” de uma criança entre viciados. Existe alguma coisa em Jesse que se rebela contra a aniquilação dos inocentes,

principalmente crianças. Acredite se quiser, mas Jesse está virando a voz da consciência e o centro moral do seriado. Para Jesse, há certas coisas que cruzam uma linha moral inaceitável. E seu senso de lealdade e de distinção entre certo e errado mostra-se explicitamente quando ele descobre quem matou Combo.

Ele também sabe que ninguém é perfeito, e que às vezes você faz o que dá. Assim, depois que Andrea (Emily Rios, conhecida por quem já assistiu *Men of a Certain Age* e o seriado de TV *Friday Night Lights*) sugere que eles fumem, Jesse consegue sair da condenação moral e passar à compreensão, admitindo que ele passou da linha quando sugeriu que eles usassem a droga. Na interação carinhosa entre Jesse e Brock, o espectador depara-se com outra excentricidade recorrente do seriado: Jesse se dá bem com crianças. Ele é paciente, atencioso e sensível às necessidades e sentimentos dos pequenos. Parte disso vem da juventude do próprio Jesse, mas ele sinceramente se importa com o bem-estar infantil. Seu novo relacionamento com Andrea é totalmente diferente do que ele tinha com Jane – menos intenso, mais pé no chão – mas o público agora pode torcer que, apesar de todas as forças contrárias, Jesse vai acabar bem e, se possível, vai ter uma vida minimamente feliz. Enquanto Walt afunda-se cada vez mais no fosso moral que cavou para si, a afeição que o espectador tinha por ele agora passa para Jesse, que virou muito mais que o metido a gângster da primeira temporada.

Longe dali, o mundo de Walt está cada vez mais saindo do controle. Skyler decidiu que quer entrar no jogo de verdade. Preocupada com a forma como Walt vem lavando o dinheiro que eles têm dado a Hank e Marie, ela insiste em conhecer Saul, que causa uma previsível má impressão. Sky começa a demonstrar como ela e Walt são parecidos. A esposa é igualmente propensa a pensar que sabe mais do que realmente sabe e se achar mais inteligente que todos ao seu redor, incluindo Walt. É um traço de personalidade perigoso e que ela tem em comum com o marido. Além disso, Skyler também demonstra a mesma incapacidade em ouvir os outros, mesmo quando as pessoas têm mais experiência em alguma coisa do que ela. Embora tenha razão em dizer que

um lava-rápido faz mais sentido enquanto negócio que Walt compraria, a insistência que releva as dificuldades inerentes demonstra um desejo de Skyler – assim como o de Walt – de controlar tudo, aliada a uma arrogância igual ou maior em relação à capacidade que tem. Walt talvez tenha razão em duvidar da prudência de incluí-la no negócio das drogas, mas ele não tem como dizer não.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

HANK: “Dor é meu pé na sua bunda, Marie!”

MARIE: “Olha, se você conseguir levantar a perna, pode chutar!”

### **PERCEBEU?**

- Em “Fly”, vemos uma bituca de cigarro com marca de batom no cinzeiro do carro de Jesse. Sua origem é explicada na pré-créditos do episódio.
- Hank está na pior, e sua raiva e frustração afundam-no ainda mais.
- A reabilitação física de Hank pode ser usada como indicador, por alto, de quanto tempo se passa entre os episódios.
- Vemos Walt segurando a bebê Holly com frequência.
- A dinâmica da família White no jantar é mais normal e feliz nesse episódio.
- Saul encontra objetos para dar sua aula sobre “como lavar dinheiro” da mesma forma que fez com Jesse em “Kafkaesque”.

### **GRAVANDO!**

- A pré-créditos é um flashback, que mostra ao espectador como foi a visita de Jesse e Jane ao museu Georgia O’Keeffe em Abiquiú, Novo México. A adorável conversa que eles têm no carro logo depois é de partir o coração.

- Uma câmera subjetiva transpassante de Jesse rachando a metanfetamina é utilizada mais uma vez na montagem da cozinha, e uma câmera subjetiva em contra-plongée, a partir do fundo da panela de macarrão de Skyler, faz a transição para a cena do jantar da família White.
- Mais uma vez o grupo dos NA é representado como um círculo de luz cercado pelas trevas, nas quais Jesse e Andrea desaparecem quando ele vai buscá-la pela primeira vez.

**TITULAÇÃO** Abiquiú é uma cidade pequena e não incorporada no Novo México, a aproximadamente 85 quilômetros de Santa Fé. A pintora norte-americana Georgia O'Keeffe morou em Abiquiú por mais de trinta anos. O Museu O'Keeffe que Jesse e Jane visitam fica em Santa Fé, mas as pinturas da porta que discutem foram todas produzidas em Abiquiú. O título também é um homônimo da forma como se pronuncia "ABQ", a sigla de Albuquerque e o título do episódio em que Jane morreu.

**MÚSICA** Walt e Jesse empacotam e pesam sua fornada ao som de "Shake A Bone" ("Mexa o Esqueleto"), de Son of Dave – um *blues* para a metanfetamina *blue*.

**CURIOSIDADES** Abiquiú virou uma espécie de destino recorrente de equipes de filmagem nos últimos anos, pois trechos de *Indiana Jones e o Reino da Caveira de Cristal* (*Indiana Jones and the Kingdom of the Crystal Skull*, 2008), *Cowboys & Aliens* (2011), *Amigos, Sempre Amigos* (*City Slickers*, 1991), *Amanhecer Violento* (*Red Dawn*, 1984), *Wyatt Earp* (1994) e *Os Últimos Fora da Lei* (*The Last Outlaw*, 1993) foram filmados na cidade ou seus arredores.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **GEORGIA O'KEEFFE E AS PINTURAS DE PORTAS**

Jesse e Jane discutem a série de portas pintadas por Georgia O'Keeffe após a visita ao Museu Georgia O'Keeffe em Santa Fé. O'Keeffe (1887-1986) é uma das artistas mais conhecidas dos Estados Unidos e, embora tenha nascido em Wisconsin e iniciado carreira na costa leste, costuma ser mais vinculada ao sudoeste do país. O'Keeffe achava que os espaços amplos do deserto e as cores saturadas da região eram o que precisaria para libertar-se dos confins europeus da arte visual, e no final dos anos 1920 ela começou a passar parte de cada ano trabalhando no Novo México – até mudar-se de vez em 1949. Embora muitos considerem as áreas remotas do deserto desoladas e vazias, O'Keeffe adorava o lugar, ao qual se referia poeticamente como “o longínquo”. Aliás, após sua morte em 1986, suas cinzas foram espalhadas pelo “longínquo”.

O'Keeffe encontrava beleza em lugares e temas que fugiam ao tradicional, incluindo ossos manchados do sol e, claro, portas. De 1946 até os anos 1950, ela fez a parede e a porta do seu pátio interno da casa de Abiquiú temas recorrentes de sua obra.

Por que ela pintou e repintou a porta tantas vezes? Jesse acha que ela estava tentando chegar à perfeição, enquanto Jane diz que não, que ela estava tentando fazer uma sensação boa perdurar. As duas interpretações explicam por que o cigarro com batom de Jane ainda está no cinzeiro do carro de Jesse.

### **PRIVILÉGIO CONJUGAL**

Para convencer Walt de que ela deveria entrar no negócio, Skyler diz que um cônjuge não pode ser coagido a testemunhar contra o outro, fazendo referência ao dito privilégio da confidência conjugal. Skyler está certa, embora, como sempre acontece com questões jurídicas, a coisa não seja tão simples.

O privilégio da confidência conjugal é pensado para proteger as confidências que se trocam dentro de uma relação conjugal. Assim como todos os outros privilégios (médico-paciente, clérigo-penitente, advogado-cliente, etc.), a ideia é dar incentivo à abertura total dentro de determinados relacionamentos. Contudo, nenhum privilégio é absoluto. Se você está se consultando com

um terapeuta, diz a ele que vai matar sua esposa no jantar daquela noite e seu médico acha que você falou sério, na maioria dos estados o terapeuta tem o dever de comunicar seu intento às autoridades antes que você tenha chance de agir. Do mesmo modo, o privilégio da confidência conjugal não o protege de qualquer coisa.

Em termos bem amplos, o privilégio significa que, num processo penal, o cônjuge não pode ser obrigado a depor contra o outro cônjuge. (Em processos civis, como os que envolvem a guarda dos filhos e os cônjuges estão se processando, a coisa é diferente.) Num processo penal, muita coisa depende da jurisdição em que se está – em algumas, o cônjuge é totalmente proibido de depor; em outras, o cônjuge pode abrir mão do privilégio. Algumas cortes federais dos EUA criaram uma exceção de “cumplicidade criminosa” ao privilégio, de forma que Skyler não poderia ter tanta certeza quanto ao caso deles. Além disso, se há diálogo para planejar ou cometer um crime, o privilégio talvez não se sustente, o que criaria mais problemas potenciais para Skyler.

O timing também é importante. Para qualificar-se para o privilégio, a conversa tem que ter acontecido durante o casamento – nem antes nem depois. No geral, para assegurar o privilégio, o casal deve ter um casamento em cartório; a união estável não basta para reivindicar o privilégio, assim como um divórcio já efetivado. O divórcio (ou mesmo a morte), contudo, pode impedir um cônjuge de depor contra o outro a respeito de fatos e diálogos que aconteceram durante o casamento.

Além disso, o diálogo deve ter ocorrido em particular, para que se tenha a presunção razoável de privacidade. O fato de haver testemunhas encerra a confidencialidade, de forma que o cônjuge ou as testemunhas poderiam depor sobre o diálogo ou fatos no caso. Skyler e Walt precisam achar um lugar escondido para falar dessas coisas e, mesmo assim, talvez eles não estejam tão safos quanto imaginam.



## alf Measures

**Data de exibição original:** 6 de junho de 2010

**Roteiro:** Sam Catlin, Peter Gould

**Direção:** Adam Bernstein

“Não é `só entregar hambúrguer.” — Wendy

*Walt e Jesse têm que se livrar de uma ameaça: Gale. Marie tenta fazer Hank voltar para casa.*

“Half Measures” é um conto moral dos mais estranhos, pois nenhum dos envolvidos está perto de ser exemplo de virtude. A pré-créditos traz ao espectador uma montagem com o cotidiano de Wendy, a puta viciada em metanfetamina, numa sequência horrenda de boquetes dentro de carros, seguidos de bochechos com antisséptico bucal, refrigerante barato, comida barata, cigarros, metanfetamina – um desfile sem fim de estranhos em carros estranhos, que se repete sem parar. A degradação perpétua é sublinhada pela musiquinha inclementemente alegre “Windy”, da banda The Association. Wendy é o que é: uma viciada que se prostitui para manter o vício, pagar o quarto mequetrefe do Palácio do Cristal e supostamente cuidar do filho que os espectadores nunca veem, chamado Patrick. Está longe de ser uma cidadã-modelo.

Depois temos Jesse, um viciado em reabilitação, fabricante de metanfetamina que se diz “malvado”, que deu um jeito de virar centro moral do seriado. Para Jesse, as coisas são bem claras. Combo era seu amigo e funcionário, e Tomas (Angelo Martinez) foi um garoto manipulado pelas gangues a fazer o trabalho sujo e virar fachada. Para Jesse, essa gente de gangue – que usa

crianças para cometer crimes – precisa morrer pelo simples motivo de que existem coisas certas e coisas erradas. Não porque se interpõem no caminho de Jesse e de Walt ou porque complicam as vidas deles, mas simplesmente porque usar crianças é cruzar os limites de Jesse, assim como matar alguém a quem Jesse deve lealdade e amizade. Claro que Jesse está longe de ser um paladino, e ele usar Wendy para entregar hambúrgueres com ricina é, de certa forma, algo tão desprezível quanto as gangues usarem Tomas.



(JAKES VAN DER WATT/PR PHOTOS)

É totalmente diferente de Walt, que reage ao plano de Jesse com um choque hipócrita (e falso), além de reclamações mesquinhas sobre nenhum deles ser homicida. Para Walt, matar tem que servir a um fim concreto e imediato: salvar a própria vida quando Emílio tentava matá-lo; semilegítima defesa contra o implacável Krazy-8; autopreservação contra o psicótico Tuco; até a



lógica distorcida de apagar Jane, com suas chantagens que complicavam os planos. Todos os assassinatos de Walt têm acontecido, teoricamente, para resolver problemas de momento, não para servir a um código moral. Ele realmente não consegue entender a necessidade que Jesse tem de matar os traficantes de rua, principalmente porque eles parecem fazer parte da ampla rede de Gus. Walt mal acertou as coisas com Hank após este espancar Jesse e subsequentemente ter entrado no tiroteio com os primos, e agora Jesse está ameaçando balançar o barco, ou pior: fazer um buraco no casco. Sem falar que o casamento de Walt tornou-se um negócio, no qual ele troca a concordância com o plano de Skyler para lavar dinheiro por quatro jantares com a família por semana e as chaves da casa. Walt, o sabichão que se acha o tal, conclui que, se negociar pode resolver seu casamento, negociar resolve qualquer coisa.

Contudo, ele está errado, pelo menos em parte. Numa reviravolta surpreendente, Gus Fring, o homem que orchestra mortes de chefões do cartel, agentes do DEA e assassinos profissionais sem nem erguer a voz, recebe um “não” de Jesse – do falastrão, covarde e tolo Jesse. Será que se vê um mínimo sinal de surpresa e respeito no olho de Gus quando Jesse disputa com ele? Acharmos que sim. Independentemente disso, a vontade de Gus é lei, e tudo parece acertado até terminar numa criança morta. Sem nada a perder e imbuído apenas do princípio de que há coisas que não são certas, Jesse sai em marcha para levar a pior num duelo estilo *Matar ou Morrer* – que termina com Walt, o verdadeiro assassino da dupla, surgindo com toda brutalidade e eficácia para matar os traficantes no meio da rua. Usando seu chapéu de Heisenberg, Walt nem chega a vacilar. É frio e impiedoso como o próprio Gus. Há quem veja esse momento como algo quase redentor, heroico para Walt, pois ele toma uma atitude para salvar aquele que é seu sócio e filho postiço. O problema nessa perspectiva é que Walt – diferentemente de Jesse, que teve que buscar coragem drogando-se pela primeira vez na temporada e que estava visivelmente trêmulo e incerto ao aproximar-se dos supostos alvos – não possui nada além de foco e determinação.

Walt mata sem escrúpulo. Dentro de si, ele cruzou uma fronteira. O homicídio não é mais nem uma necessidade lamentável. Agora é simplesmente uma opção que resolve problemas, tão válida quanto outras, o que é horripilante.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

MARIE: "Se eu consegui fazer a marmota ver a sombra... você sai daqui sim."

### **PERCEBEU?**

- Na pré-créditos, perceba o enquadramento que tem Wendy e a placa que diz "Serviço Cordial".
- Skyler está aprendendo a lavar dinheiro na Wikipédia. E aquela insistência com Saul de que ela entende do assunto?
- Walt volta a usar uma frase no estilo "diga uma coisa que não seja negociável". Dessa vez é com Skyler, mas é muito parecida com a frase que usou com o corretor em "Sunset".
- Junior está em quase todas as cenas com Hank no hospital, e claramente passa bastante tempo com seu tio e pai postigo.
- Hank solta os cachorros em Junior logo após o jogo de carteados, mas Junior finge não se afetar. É onde demonstra que ganhou prudência e paciência a duras penas. Afinal de contas, Hank não é o único que tem um corpo que não funciona direito.
- Nesse episódio, Walt está muito mais tolerante quanto a Junior dirigir com os dois pés do que em "Down".
- O episódio é a segunda vez em que Gilligan & Cia. mostram uma punheta ser usada como recompensa ou motivação, o que remonta ao episódio piloto, no qual Skyler presenteia Walt dessa forma em seu aniversário.
- Hank pede a Marie "um minuto" para tentar se excitar, o que remonta a "One Minute", título do episódio em que

atiraram nele.

- Walt brinca com as bandejas da Justiça no escritório de Saul, a mesma estátua que Jesse usou de cinzeiro em "Mandala".
- Mike revela parte de seu histórico durante a conversa com Walt. O interessante é que ele é motivado pelo mesmo entendimento de certo e errado que motiva Jesse atualmente.
- Na reunião com Gus na granja, não temos petiscos de legumes nem café, sinal de que é um encontro sério e perigoso, entre empregador e empregados.
- Walt sabe a resposta da pergunta de Whitman em *Jeopardy* porque, graças a Gale, vem lendo *Folhas da Relva*. Viram, crianças? Poesia serve pra alguma coisa!
- O sangue pulsando nos ouvidos de Walt abafa qualquer diálogo, de forma similar ao zumbido em "Piloto/Breaking Bad", "Cancer Man" e "4 Days Out".
- Jesse usa metanfetamina pela primeira vez nessa temporada quando quer tomar coragem para enfrentar a gangue.

### **GRAVANDO!**

- Para mostrar os efeitos da metanfetamina em Jesse, o diretor recorre a uma série de cortes rápidos e câmera tremulante.
- Já foi mencionado como se usou a montagem com Wendy na pré-créditos, mas vale comentar mais uma vez a forma primorosa de apresentar o histórico de uma personagem secundária, e também uma forma de condensar o tempo.
- Usa-se uma câmera subjetiva transpassante do fundo de um grande tanque de aço inox no superlaboratório enquanto Jesse e Walt cozinham.
- A iluminação verde-neon saturada no quarto de Wendy é constante ao longo do seriado, o que permite ao espectador reconhecer de imediato o local, e também enfatiza a existência suja de Wendy.

- Os cadarços coloridos de Tomas foram utilizados como identificador recorrente desde sua primeira aparição em “Mandala”, mais um uso da cor para ajudar o público a identificar e lembrar-se de um personagem.

**TITULAÇÃO** Além de amarrar a moral da história que Mike conta a Walter, “Half Measures” (“Medidas Incompletas”) também se refere ao jeito como Walt vem agindo em boa parte da segunda e da terceira temporadas, fazendo as coisas pela metade, sem atentar-se às possíveis consequências e deixando problemas potenciais ficarem pelo caminho em vez de resolvê-los no momento em que surgem.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **BONNIE & CLYDE**

Enquanto Skyler pesquisa lavagem de dinheiro e balança a bebê Holly no colo, ela faz referência a “Bonnie sei lá quem”. Não duvide que Bonnie Elizabeth Parker (1910-1934) ficaria triste por Skyler não lembrar seu nome. Bonnie Parker, que tinha o mesmo gosto pela escrita que Skyler, fez dupla com Clyde Chestnut Barrow (1909-1934) para criar uma gangue que empreendeu uma onda de crimes durante dois anos da Grande Depressão nos EUA. Do instante em que Bonnie conheceu Clyde, ela virou sua devota. Embora não se tenha comprovação de que seus tiros tenham acertado alguém, Parker foi cúmplice de mais de cem crimes durante o período que passou com Barrow, incluindo oito homicídios, sete sequestros e seis assaltos a banco, além de inúmeros roubos de carro e agressões.

Diz-se que a vida de criminoso pé de chinelo que Barrow levava mudou em abril de 1932, quando ele se envolveu no assassinato do dono de uma loja durante um assalto. Ao saber que ser pego pela polícia implicaria uma acusação de homicídio, ele jurou que nunca ia ser preso. Ainda naquele verão, Barrow matou um policial.

Bonnie e Clyde ganharam infâmia nacional instantânea depois de um tiroteio em março de 1933. Eles vinham se escondendo (mas não de modo muito silencioso) numa casa que estava sob os cuidados do irmão e da cunhada de Clyde. Quando a polícia veio investigar reclamações de festas barulhentas e tiros, a gangue saiu atirando e matou dois policiais. Eles deixaram para trás praticamente todo um arsenal, um poema que Bonnie havia escrito e vários rolos de filme da gangue tendo uma vida que parecia feliz e glamourosa, com direito a fotos de Bonnie segurando uma pistola e fumando charuto. Quando as fotos e o poema de Bonnie chegaram ao noticiário, Bonnie e Clyde passaram, da noite para o dia, de indivíduos fora da lei texanos para a dupla mais infame da nação.

Em maio de 1934, Parker e Barrow encontraram seu fim numa saraivada de balas após caírem numa cilada meticulosamente armada. Depois que bateram o carro cravejado de projéteis, os agentes da lei não vacilaram e seguiram atirando. Uma multidão se reuniu rapidamente no local para pegar souvenirs, desde cápsulas de bala até vidro quebrado, chegando ao ponto de cortar a roupa dos fora da lei e mechas do cabelo ensanguentado de Bonnie. O relatório oficial dizia que o corpo de Clyde tinha 17 perfurações e o de Bonnie 26. Os dois haviam levado múltiplos tiros fatais na cabeça, e a coluna de Clyde fora rompida pelas balas. Os corpos estavam em tal estado que o agente funerário teve grande dificuldade em prepará-los para o velório – o formol não parava de vazar. O carro sujo de sangue virou atração turística instantânea e ainda pode ser visto em Primm, Nevada. O “carro da morte” agora fica atrás de um vidro, de forma que hoje não dá mais para sentar nos assentos cravejados de bala nem enfiar os dedos pelos buracos, o que antes era possível.

Bonnie passou um bom tempo escrevendo poesia e entregou “A História de Bonnie & Clyde” à mãe quando se viram pela última vez, duas semanas antes do tiroteio fatal. O poema fatalista contém frases sobre as quais Skyler talvez gostaria de refletir:

*The road gets dimmer and dimmer;  
Sometimes you can hardly see;*

*But it's fight, man to man,  
And do all you can,  
For they know they can never be free.*

*From heart-break some people have suffered;  
From weariness some people have died;  
But take it all in all,  
Our troubles are small  
Till we get like Bonnie and Clyde.<sup>7</sup>*

<sup>7</sup> Tradução livre: A estrada fica cada vez mais turva; / Às vezes mal se consegue enxergar / Mas é uma luta, homem contra homem / E fazem tudo que se pode, / Pois sabem eles que nunca serão livres. / De coração partido muitos já sofreram, / De fadiga alguns morreram; / Mas, somando tudo, / Nossos problemas são pequenos / Até sairmos como Bonnie e Clyde.



## ull Measure

**Data de exibição original:** 13 de junho de 2010

**Roteiro e Direção:** Vince Gilligan

“Eu salvei sua vida, Jesse. Você vai salvar a minha?” — Walter White

*Walt e Jesse lidam com as consequências do episódio anterior.*

*Breaking Bad* não é conhecido como um seriado parado, mas as mudanças que acontecem no final da terceira temporada já bastam para dar uma chicotada no espectador. Depois de passar quase toda a temporada desesperado para não ver tudo desmoronar ou simplesmente olhando com cara de perdido enquanto outros tomavam decisões por ele, Walt finalmente tomou uma atitude decidida, e talvez seja a primeira vez em toda essa sequência de episódios que ele está de fato presente. O que não quer dizer que ele esteja bem, longe disso. O mais interessante na reunião entre Walt, Gus, Mike e Victor (Jeremiah Bitsui) na manhã após Walt matar dois dos traficantes de rua de Gus é que os três passam a vê-lo com algo que se assemelha a respeito, assim como cautela. É a primeira vez em que o vemos ser totalmente revistado por Mike, e ele equipara a dureza de Gus à sua.

No entanto, é um respeito do tipo que se tem por um animal imprevisível e feroz, ou uma mistura volátil. Walt é nitroglicerina. Qualquer coisa pode detonar. É através de sua dureza, contudo, que Walt está fazendo o que sempre faz: negociando a partir do que acredita ser uma posição de poder. Ele considera-se insubstituível. Jesse conhece a receita, mas é improvável que Gus vá convocá-lo para cozinhar metanfetamina. Walt se vê como

elemento-chave que poderia levar todo o império de Gus à ruína. E praticamente tem razão.

O mais interessante no avançar do episódio rumo ao clímax incrível é que Gilligan & Cia. escolheram logo esse momento para dar mais históricos e novas subtramas ao espectador. O jovem casal Walt e Sky compra o que dizem ser sua casa "inicial" 16 anos antes, e Walt diz belas palavras sobre o futuro – futuro este que nunca se concretizou. Contudo, vista como o lugar nu e vazio da pré-credits, a casa White tornou-se um lugar convidativo e caloroso, onde moram pessoas, onde elas constroem uma história, onde os sonhos mudam mas não chegam a morrer, e onde constroem-se novos sonhos. É um contraste marcante com a fazenda deserta na abertura, um lugar abandonado e esquecido, que não chega nem à capacidade de sonhar. A casa dos White pode não ser o trampolim para a carreira de um Walter White que é químico ganhador do Nobel e tremendamente rico, mas é onde ele e Skyler constroem uma família. A vida de Walt e Sky não acabou do jeito que eles imaginavam, mas o lar que eles têm sugere que as coisas tomaram um rumo positivo, apesar de tudo. É Walt quem parece não ver.





(ALBERT L. ORTEGA/PR PHOTOS)

O público também vê nesse episódio mais do empreendimento de Gus, e muito mais sobre Mike. Ele elimina uma quadrilha de matadores de cartel com pouco mais que balões do zoológico, uma semiautomática Desert Eagle, além de seu fastio, sua apatia com o mundo e seus conhecimentos, que definitivamente fogem do convencional. A cena é uma adorável demonstração de quão durão Mike é, e fica mais leve a partir do humor entre o contador chinês e uma secretária muito incomodada. Mais que isso, todavia, a cena arma uma nova trama, logo no final da temporada, que leva o público a saber que há mais por vir e que a investida de Gus contra Juan está longe de ser a última na sua contenda com o cartel mexicano.

O cerne do episódio (“Full Measure” [“Medida Plena”]), porém, está em Walt e Jesse, e na tentativa de Walt em matar Gale antes que Gus os mate. Apesar de seu discurso seríssimo na abertura, Walt finalmente se vê nervoso e sozinho, implorando a Mike e Victor que não o matem, e oferecendo entregar Jesse se o deixarem vivo. Pode-se questionar se a oferta dele é ou não é genuína, mas muitos fãs acreditam que seja. Walt pode ter salvado Jesse em “Half Measures” e talvez até sinta um pouco de afeto paterno por ele. Todavia, o câncer sumiu e agora ele está desesperado para viver, não interessa como. Por isso, Walt torna-se exatamente aquilo que acaba de matar: um bandido que usa um “inocente” para matar por ele. Quando Jesse encara Gale, os dois homens começam a chorar, a tremer; os dois chegaram a esse ponto pelas rotas mais estranhas. Gale, aquele que ama a magia da química, os livros e musicais, e que tem um toca-discos, mas não tem TV; e Jesse, o gângsterzinho que se meteu onde não devia, que encontrou e perdeu seu grande amor, que descobriu que havia um limite com o qual não conseguiria conviver se cruzasse, mas que agora cruza um outro limite para defender um homem que talvez seja indefensável.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

WALT: “Você que disse ‘sem medidas incompletas’”

MIKE: “Pois é. Engraçado como a interpretação do que o outro diz é sempre aberta.”

### **PERCEBEU?**

- O para-brisa do Aztek de Walt está cheio de rachaduras pela terceira vez nessa temporada.
- Gus mudou as fechaduras do laboratório, assim como Skyler mudou as fechaduras da casa de Walt.
- O rosto de Gus está totalmente imóvel e gelado até que Gale chega ao número “certo” de fornadas que precisa para

ficar confiante a assumir o lugar de Walt. É aí que os olhos de Gus se acendem e ele sorri.

- Walt tem boa memória para todos os favores que lhe devem, mas não é bom em lembrar-se dos favores que deve a outros.
- Jesse está escondido no mesmo campo de *laser tag* que Saul tentou convencer Walt a comprar para encobrir a lavagem de dinheiro.
- Gale e Walt suplicam a seus assassinos com a mesma frase: “Por favor, não faça isso.”

### **GRAVANDO!**

- A lenta panorâmica que começa na lareira e no acendedor de lareira na pré-créditos é repetida exatamente na abertura do quarto ato, o que dá ao espectador um antes e depois do espaço que virá a ser a casa dos White.
- Usa-se câmara na mão enquanto Walt aguarda a reunião com Gus no carro, o que passa ao espectador uma sensação de nervosismo, imediatismo e proximidade física.
- Walt e Mike viram silhuetas contra o vasto céu ao encontrarem-se em campo aberto, um plano clássico dos westerns.
- O plano em primeira pessoa no final da temporada é de Gale, olhando para a boca da arma da Jesse.

**MÚSICA** Esse episódio faz uma mistura musical eclética: enquanto Mike elimina os assassinos do cartel, “Shambala”, dos Beastie Boys, toca ao fundo; quando Gus vem visitá-lo, Gale está ouvindo “Crapa Pelada”, do Quartetto Cetra; e quando Jesse vem vê-lo, o telefone de Gale é abafado por “Man Chang Fei”, de 張帆.

**CURIOSIDADES** Dillwyn, Virginia, onde Saul faz Mike crer que seja o esconderijo de Jesse, é a cidade mais próxima do centro geográfico de Virginia, estado natal de Vince Gilligan

### **INGREDIENTES ESPECIAIS**

## **BALÕES METALIZADOS E FIOS DE ENERGIA ELÉTRICA**

Mike faz uso proposital de balões metalizados para causar curto-circuito na energia elétrica nesse episódio. E dá certo. Aliás, basta um único balão metalizado em contato com fios elétricos para cortar a energia de milhares de usuários. A superfície metálica do balão vem de um nylon metalizado que é muito bom condutor de eletricidade. Quando ele entra em contato com um fio de energia, o balão cria um curto-circuito que provoca sobrecarga da corrente e, a partir daí, queda de luz, fios partidos e incêndios. Se você ver um balão preso num fio de energia elétrica, não tente bater até sair. E se você tiver balões metalizados, não os solte na rua.

## **PISTOLAS DESERT EAGLE E SILENCIADORES**

Além dos balões, Mike usa o que parece ser uma pistola Desert Eagle com silenciador para cumprir sua missão. Hollywood estava antenada quando essa pistola, uma semiautomática operada por gás, foi apresentada no início dos anos 1980. A Desert Eagle é um revólver imponente e grandão – grandão mesmo. Com um cano de 12 centímetros, a pistola tem no total pouco menos de trinta centímetros. Compare-a com uma Beretta 9mm semiautomática, com cano de 12,4 centímetros e comprimento total de 21,6, para começar a entender o tamanho da encrenca.

Vista pela primeira vez em *O Ano do Dragão* (*Year of the Dragon*, 1985), a Desert Eagle e suas variações viraram o revólverzão certo para o cinema e a TV, com participações em filmes como *RoboCop: o Policial do Futuro* (*Robocop*, 1987), *Chuva Negra* (*Black Rain*, 1989), *O Último Grande Herói* (*The Last Action Hero*, 1993), a trilogia *Matrix* (1999-2003) e até mesmo em *Austin Powers em o Homem do Membro de Ouro* (*Austin Powers in Goldmember*, 2002), assim como em seriados de TV como *Miami Vice*, *Firefly* e *Fringe*. Na prática, é uma arma para o personagem mais durão. É justo que Mike tenha a sua.



**O VÍCIO MATA**  
(TERCEIRA TEMPORADA)

**MORTOS**

Walt: 2 (traficantes de Gus)

Gêmeos Salamanca: 11 (um caminhão de imigrantes ilegais, o motorista, duas idosas, um guarda da reserva indígena, um cara no estacionamento, Tortuga, etc.)

Gus: 1 (Juan Bolsa) + sabem-se lá quantos mais

Hank: 1 (Marco Salamanca)

Mike: 5 (Leonel Salamanca, 4 assassinos de cartel)

Jesse: 1 (Gale)

**FERIDOS**

Jesse: (por Hank)



**“METE A FACI NISSA VACA!!!!!!”**  
O ÓDIO DOS FÃS A SKYLER WHITE

Existe uma parcela de fãs de *Breaking Bad* que veem Walt como um homem que faz o que precisa em nome do sustento de sua família. Entre alguns desses fãs, a opção de Walt em fabricar metanfetamina e criar um império das drogas é vista como um ato de coragem, pois o que ele faz implica grandes riscos. Esses fãs, por sua vez, veem Skyler como uma esposa megera, desrespeitosa, sem consideração pelo empenho de Walt. Uma página no Facebook chamada “Matem Skyler White” serviu de fórum para esses fãs desafogarem a frustração que têm com Skyler, assim como alguns outros sites da mesma estirpe. Essa frustração tende a ficar pesada, como ilustra uma amostragem de posts (citações diretas dos sites, mantendo erros gramaticais):

- “Eu vejo ela e fico com vontade de dar soco em mulher.”
- “Ela é uma puta e tem que morrer.”
- “Por que não deixaram ela na piscina?”

Outras postagens expressam o desejo de que Skyler tenha um fim que inclua dor, torturas e estupro. Existe uma página similar chamada "Eu Odeio Marie Schrader", na qual fãs expressaram opiniões como:

- "Não sei qual das vagabunda é pior??... É um dilema."
- "Odeio tanto essa cadela que quero que ela morra."
- "Um brinde ao episódio sem Marie ontem!"

Sendo irmãs, não é surpresa que Skyler e Marie compartilhem de traços de personalidade, incluindo o fato de serem mulheres fortes que falam o que pensam. Por conta disso, as duas personagens foram alvo do desdém de alguns fãs, sendo que uma parcela torcia por mortes violentas para as duas. Todavia, a maior parte do desprezo dirige-se a Skyler e não Marie, de forma que Skyler será o foco principal dessa discussão.

Os fãs que veem Skyler como um incômodo e que acham que ela deve ser domada por meio da violência, quem sabe até do assassinato, querem castigá-la por sua independência e silenciar sua voz – embora não percebam que seja isso que estão defendendo. O que se expressa nesses sites repetidamente é que Skyler "não sabe seu lugar". O interessante é que Walt costuma ter passe livre para suas atitudes, que incluem fabricar drogas, envenenar uma criança e diversos homicídios. Sky, por outro lado, é marcada para morrer porque (a) teve um caso, (b) usou o dinheiro de Walt para quitar a dívida fiscal do amante e (c) não está disposta a deixar Walt fazer o que está a fim. É provável que a alternativa (c) incomode mais esses fãs do que os outros dois motivos, e isso é o mais perturbador.

A misoginia e o ódio contra personagens femininas fortes não é novidade na televisão nem nas mídias sociais (ver Betty Draper em *Mad Men*, Carmela Soprano em *Família Soprano*, Rita Morgan em *Dexter*), e no fundo de seu coração podre está o desejo de controlar as mulheres, o que implica dizer que as mulheres têm um poder que precisa ser cerceado a todo custo. Pode-se dizer que Skyler está agindo com poder e prerrogativa e que a independência é o "crime" pelo qual ela deve ser castigada com agressividade, violência e morte. Contudo, pode-se dizer também

que Skyler *não tem* poder. É certo que a cena na cama em “Madrigal”, que deixa o espectador propositalmente pouco à vontade, indica uma Skyler impotente – e nem precisamos recorrer à cena do sexo na cozinha, que termina com sua máscara de beleza manchando eletrodomésticos. Para um misógino, não basta uma mulher ser privada da prerrogativa de fazer o que quiser, pois isso pode conotar que ela não obedece. Não, a mulher não pode nem passar a *sugestão* de que desafia um homem. E é este o cerne do ódio a Skyler – veja só, *uma mulher* que impede Walter Hartwell White de seguir seu bel-prazer. Vince Gilligan chamou a Skyler do início da temporada de “a voz da moral no seriado” e expressou desalento ao ouvir que parte do público a vê como “estraga-prazer” se é Walt quem fabrica drogas e mata gente. No entanto, também se deve dizer que Skyler tem suas falhas, por isso vamos explorá-las nos termos do que alguns fãs de *Breaking Bad* acreditam que Skyler deve ser punida.

*Skyler tem que ser punida porque dormiu com o Ted.* Tudo bem, não vamos defender a infidelidade. Sim, Sky desrespeitou as juras de casamento e faz isso propositalmente, tendo intenção de informar Walt quanto à transgressão. Então por que ela faz uma coisa tão perniciosa e cruel? Bom, foi por uma questão de equilíbrio. Estamos num momento em que Sky sabe que o dinheiro de Walt vem dos empreendimentos deste com metanfetamina. Buscando a proteção de sua família, Sky consulta uma advogada para entrar com um pedido de divórcio. Walt recusa-se a sair de casa, por isso Sky toma a atitude de expulsá-lo. Sim, é um ato censurável, mas não algo que mereça morte lenta e sofrida. Além disso, praticamente ninguém diz que Ted devia ser enforcado por abusar de Sky. Aliás, Ted é apresentado como alguém que tem um compromisso emocional mais profundo com o caso do que Skyler. O pecado pelo qual Sky está sendo castigada nessa conjuntura é ela ter se comportado de maneira masculina, embarcando em um caso extraconjugal sem laços emocionais. Que feio, Skyler, que feio!

*Skyler precisa ser punida porque usou o dinheiro de Walt para quitar as dívidas de Ted.* Ora, essa não faz sentido nenhum. Além



de sempre disposto a levar a Skyler bem-casada para a cama, Ted vem falsificando seus livros-caixa e a Receita Federal norte-americana descobriu. O nome de Sky está por toda a documentação e, caso seu envolvimento seja comprovado, a coisa vai ficar preta. Sky faz o que Walt faria: concebe um plano complexo para dar o dinheiro a Ted de forma que ele pague a dívida e acabe com a investigação. Contudo, Ted fica ganancioso e as coisas saem totalmente do rumo. A diferença é que ninguém acaba dentro de um barril nem com miras a laser apontadas para o peito. O pecado pelo qual Sky está sendo punida nessa conjuntura é ser parecida demais com Walt. Que feio, Skyler, que feio!

*Skyler devia calar a boca e levar tudo na boa.* Esta é a questão central. Aqui, os fãs têm a sinceridade de não se dar ao trabalho de disfarçar a misoginia. Segundo essa teoria, Skyler precisa fechar a matraca e agradecer por Walt estar disposto a fazer tudo que faz para sustentar a família. Essa teoria é das mais horrendas, pois propõe que, já que Walt é homem, deveria ser enaltecido pela disposição em sustentar a família apesar dos horrores vinculados em garantir esse sustento produzindo drogas em larga escala, manipulando e matando indiscriminadamente. Ao expressar que se opõe ao que Walt faz e exigir que ele pare, ela é uma estraga-prazer que precisa ser punida. Que feio, Skyler, que feio!

Em todas as conjunturas, os pecados de Skyler são mínimos quando ficam lado a lado com os de Walt. O que não quer dizer que Skyler seja uma santa – longe disso. Skyler pode ser manipuladora, manhosa e desleal. Ela cria mentiras elaboradas e insiste em controlar como a história será contada. Chega a sugerir que Jesse devia ser morto para que se proteja a história. Em resumo, ela e Walt fazem uma dupla maravilhosa. O problema é que pouquíssimos casais duram muito tempo quando há dois alfas lutando pelo predomínio. Para um misógino, isso é o extremo da anormalidade – a superioridade do homem à mulher é inata, desvirtuar esse status quo é errado, e a fêmea transgressora deve ser corrigida com rigor por ter saído da linha.

No início de *Breaking Bad*, Walt é um homem fracote, casado com uma mulher que lhe dá tão pouca consideração que mal fica atenta quando o satisfaz sexualmente. Mesmo assim, é ela quem sempre prepara o café da manhã da família e desenha um “50” com bacon no prato de aniversário do marido. Como as escolhas de Walt fizeram dele um marido e pai menos honrável, os espectadores ficam confusos. Torcemos pelo seu êxito não só para vencer o câncer, mas também para “mostrar pra todo mundo” o homem digno que é. Quando suas escolhas tomam caminhos obscuros e os corpos começam a se empilhar, resta Skyler para confrontar a dura verdade: que seu marido antes patético tornou-se um estranho, e um estranho disposto a recorrer à força e à violência para cumprir suas metas. Skyler tem um filho com uma deficiência física e uma filha bebê que deve proteger de um homem que mal reconhece, e o que ela vê a assusta até a alma. Ela está tentando seriamente encontrar uma forma de viver na situação que ela mesma armou e merece mais do que o desejo de uma morte violenta para mostrar a Walt as merdas que ele diz e faz.

Anna Gunn, a atriz que interpreta Skyler, chegou à atitude extrema de escrever um artigo no *New York Times* a respeito dessas questões e das preocupações que lhe provocaram – não só como atriz, mas também como pessoa. Ela afirma no texto: “Já que Skyler não se conforma ao ideal tranquilo da mulher arquetípica, ela tornou-se uma espécie de teste de Rorschach para a sociedade, uma medida da nossa atitude diante do gênero”. Gunn viu que Skyler era um ponto de atração para pessoas que desprezavam personagens femininas fortes, fortes mesmo quando isso implicava opor-se aos personagens masculinos. Segundo ela, algumas pessoas estavam confundindo o papel de Skyler White (que eles odiavam) com a atriz Anna Gunn (que eles não conheciam) ao ponto que ela teve que contratar guarda-costas para proteger-se de ameaças de morte.

Ameaçar uma atriz porque você não gosta da personagem que ela interpreta na TV? Até o Badger tem mais noção.

Mesmo assim, tudo isso só deve ter adoçado ainda mais aquela vitória no Emmy 2013.



**GUIA DE EPISÓDIOS**  
QUARTA TEMPORADA

**4**



## Box Cutter

**Data de exibição original:** 17 de julho de 2011

**Roteiro:** Vince Gilligan

**Direção:** Adam Bernstein

“Tá todo mundo bem entendido... e o que a gente entendeu é o seguinte: ‘Se eu não posso matar vocês, pode crer que vocês vão preferir a morte.’” — Jesse Pinkman

*Gus demonstra com violência pura sua insatisfação com a morte de Gale. Skyler tenta encontrar Walt.*

A terceira temporada terminou com o espectador olhando para o cano do revólver de Jesse. Contudo, não é neste ponto que Gilligan & Cia. optam por retomar a trama no primeiro episódio da quarta temporada. Em vez disso, a pré-créditos de “Box Cutter” retrocede um ou dois meses, quando Gale Boetticher e Victor estão desempacotando equipamentos e armando o superlaboratório sob a lavanderia industrial de Gus Fring. A cena serve para explicar um monte de coisas, mas é extremamente sutil. A maior surpresa é que o superlaboratório nunca havia sido pensado para Walt. Na verdade, *Gale* foi o primeiro escolhido para virar cozinheiro. Aliás, o que faz Gus mudar de ideia é a avaliação absolutamente sincera que Gale faz do produto de Walt – o que o leva a empregar Heisenberg. Quando o leva para conhecer o superlaboratório em “Más”, Gus fez Walt achar que tudo foi preparado para ele, mesmo que nunca diga isso, sabendo que o orgulho e o ego de Walt irão preencher a lacuna. A pré-créditos de “Box Cutter” revela que Gus está num jogo de longo prazo. Ou de *longuíssimo* prazo.

O suspense quanto ao clímax da terceira temporada finalmente se resolve quando o primeiro ato de "Box Cutter" retoma o ponto em que "Full Measure" parou. Numa das sequências mais incríveis do seriado, Giancarlo Esposito, Bryan Cranston, Aaron Paul, Jonathan Banks e Jeremiah Bitsui têm performances simplesmente assombrosas quando Gus entra na sala, tira o terno metodicamente e veste uma roupa de proteção. O silêncio, a quietude e o asseio de Gus são mais aterrorizantes do que seria um discurso irado. Enquanto um Walt desesperado fica apresentando justificativas e tenta convencer Gus a deixá-los trabalhar, a tensão é esmagadora. Quando Gus subitamente mata Victor, todos, até mesmo Mike, ficam horrorizados. Apenas Gus permanece calmo, mesmo ao puxar a cabeça de Victor para que o sangue respingue em Walt e Jesse, tudo que lhes resta é observar Victor morrer engasgado com o próprio sangue. A mensagem é clara: Victor era membro confiável e competente na organização de Gus. Aliás, ele vinha observando Walt com tanta atenção que consegue duplicar sua receita de metanfetamina. No entanto, Victor fez besteira quando permitiu ser visto na casa de Gale, e aí virou um empecilho. Até o momento, Gus parecia bastante razoável enquanto rei das drogas. Contudo, o ato brutal deixa bem claro que, caso sua operação venha a ser diretamente ameaçada por alguém – não importa o quão confiável ou quanto tempo tenha de casa – Gus fará *qualquer coisa* para desbaratar a ameaça. Além disso, o fará sem hesitar ou se arrepender, e nem mesmo sujar os sapatos com sangue.

É aqui que acontece uma coisa tão interessante quanto inesperada. Enquanto Victor é trucidado, Walt puxa-se o máximo que pode na cadeira, virando a cabeça para o lado para evitar o espetáculo macabro, enquanto sua boca e garganta tentam reprimir a náusea. Jesse, porém, inclina-se para frente e *olha Gus nos olhos*, sem pestanejar e sem medo. Algo de essencial mudou em Jesse, e Gus percebe. Reforça-se a transformação quando Walt e Jesse estão conversando durante o café da manhã, sendo que Jesse come com gosto. Walt está assustado até a medula, não conseguindo pensar no que fazer, mas Jesse aceita tudo como se

fosse normal. Gus acabou de dizer que, mais cedo ou mais tarde, eles vão morrer – e Jesse não está nem aí. O status quo após as mortes de Gale e Victor é evidente. Dado que Jesse já cruzou a fronteira moral suprema ao assassinar Gale, a seus olhos a morte é a próxima consequência lógica. Depois de Jane e de Gale, ele não vê problema algum – pelo menos nesse momento. Walt, por outro lado, está aturdido. Nada de seu plano mestre saiu como ele planejava. Em vez de a execução de Gale tê-lo deixado em condição inatacável, ele se vê defrontado pela própria impotência e não sabe como reagir. Walt voltou a ter medo. E quando Walt tem medo, coisas perigosas acontecem.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

SKYLER (NO TELEFONE COM SAUL): "Ele vai trabalhar de carona – num laboratório de metanfetamina."

SAUL: "Ô! Opa! Acho que a ligação tá falhando – não entendi bem a última frase... Upa! Mas virou a Manuela Tagarela, é?"

### **PERCEBEU?**

- A conversa de Gus e Gale na pré-créditos a respeito da pureza da metanfetamina de Walt, seguida pela afirmação de Gus de que ele não considera Walt profissional, situa o flashback por volta do episódio "Mandala", da segunda temporada.
- Skyler encontra no apartamento de Walt o olho de vidro que caiu do Wayfarer 515. Embora não tenha tido destaque na terceira temporada, o olho continua como lembrete de que o passado de Walt anda sempre com ele e, apesar de todas as racionalizações, não pode ser apagado.
- Walt e Jesse estão muito mais confiantes e competentes no uso de ácido fluorídrico para livrar-se do corpo de Victor do que quando o usaram com Krazy-8 e Emílio, na primeira temporada.

- Referindo-se a Gale, Walt diz a Gus: “Eu daria um tiro nele de novo”. Walt não tem papas na língua para tomar o crédito pelo que não fez.
- Após sair do laboratório, Walt e Jesse vestem calças e camisetas baratas porque as roupas que estavam usando antes ficaram molhadas com o sangue de Victor. Mais uma vez, como em “... And the Bag’s in the River”, a cena lembra muito uma de *Pulp Fiction* (1994), de Quentin Tarantino, na qual Vincent e Jules vestem camisetas baratas e shorts depois de atirarem por acidente em Marvin (Phil LaMarr) e ficarem sujos de sangue.
- Na mesa de café no apartamento de Gale há um caderno intitulado “Anotações Laboratoriais”.
- A melhor metanfetamina que Gale consegue é 96% pura, enquanto a de Walt tem mais de 99% de pureza. Esses números terão importância mais à frente.

### **GRAVANDO!**

- A câmera subjetiva, que já nos é familiar, aparece cedo na pré-créditos. O espectador tem uma perspectiva de dentro enquanto Gale corta as amarras da caixa. Mais tarde, tem-se uma visão de dentro do barril cheio de ácido fluorídrico com os restos de Victor, quando o estilete do título e a arma são jogados lá dentro.
- Cores primárias dominam a cena em que Gus mata Victor. Walt está de azul, Gus usa uma roupa de proteção vermelha, e há o amarelo forte dos recipientes ao fundo, o que cria uma paleta de cores primárias. São as cores “alegres”, geralmente utilizadas em playgrounds e jardins de infância por serem fortes e animadoras. Aqui elas servem para sublinhar o choque e o terror da morte de Victor para o espectador porque um ato destes torna-se mais inesperado diante de tal pano de fundo.
- Enquanto Gus procura pelo estilete no laboratório, em silêncio, a câmera está observando do alto, uma perspectiva divina dos acontecimentos que dá ao



espectador a sensação do espaço e de que tudo acontece ao mesmo tempo.

- Há uma bela transição da câmera subjetiva em contra-plongée com Jesse limpando o sangue de Victor para uma câmera subjetiva do prato com ketchup em que ele passa a batata frita no Denny's, fazendo a mesma conexão visceral entre assassinato e café da manhã que deixa Walt chocado ao ver que Jesse consegue comer tranquilamente. Também lembra muito um vínculo parecido entre sangue e comida com os restos liquefeitos de Emílio em "... And the Bag's in the River" e a câmera subjetiva da grelha do churrasco em "Cancer Man".

**TITULAÇÃO** O título vincula-se obviamente ao estilete que é usado por Gale e por Gus, mas também indica que as ações de Walt e Jesse no final da terceira temporada resultaram em uma vida nova e muito mais perigosa para eles na quarta temporada.

#### **CURIOSIDADES**

- "Box Cutter" traz a primeira aparição de Huell, o segurança de Saul Goodman, interpretado pelo comediante de stand-up Lavell Crawford.
- Enquanto Walt muda de estação no rádio do Aztek, um DJ fala dos "330 dias de sol por ano" de Albuquerque. Duke City fica no chamado "Cinturão do Sol", nome dado ao terço inferior dos Estados Unidos. Descrito grosseiramente como a região ao sul do paralelo 36, o Cinturão do Sol é conhecido pelo seu clima moderado com inverno relativamente ameno e verão prolongado. A região de Albuquerque tem mais de 300 dias de sol por ano, com baixa umidade e poucas chuvas (aproximadamente 22 centímetros por ano). O Novo México, contudo, é propenso a climas extremos, como nevascas, secas e ventos fortes – e os espectadores de *Breaking Bad* sabem que o deserto do Novo México é um lugar áspero e implacável.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **ROCHAS E MINÉRIOS**

Hank virou colecionador de minérios e faz questão de corrigir qualquer um que diga que ele coleciona pedras. Num eco curioso com a precisão de Walt em relação a tudo que é químico, Hank é sensível quanto à diferença entre as coisas e fica irritado com quem não entende que minérios são mais puros que pedras. Em termos simplistas, a diferença é que as pedras são misturas de vários pedaços de minérios comuns, enquanto os minérios são os componentes que formam as pedras. Se a pedra é um cookie de chocolate, as gotinhas de chocolate, a farinha, os ovos, o açúcar, etc. que constituem o cookie são os minérios – os ingredientes. Os minérios costumam ser identificados por sua estrutura cristalina, o que significa que Walt, o “mestre da cristalografia” (“Gray Matter”), e Hank têm uma obsessão em comum.

Os minérios tendem a ser classificados pela resistência a riscos (sua dureza), que é medida na escala de Mohs. O minério mais mole (com posicionamento 1 na escala de Mohs) é o talco, enquanto o mais duro (com valor 10) é o diamante. Um minério só pode ser riscado por um objeto com valor Mohs maior, o que explica por que só diamante risca diamante.

O estudo das pedras é chamado de “petrologia”, enquanto o estudo de minérios é chamado de “mineralogia”. Enquanto as pedras encaixam-se em três classificações bem amplas – ígneas, sedimentares e metamórficas – existem mais de 4 mil minérios. Se Hank quiser uma coleção completa, vai precisar de uma casa bem maior.



## hirty-Eight Snub

**Data de exibição original:** 24 de julho de 2011

**Roteiro:** George Mastras

**Direção:** Michelle MacLaren

“Você venceu, Walter. Ficou com o emprego. Faça um favor a você mesmo e aprenda a aceitar ‘sim’ como resposta.” — Mike Ehrmantraut

*Walt faz planos para lidar com Gus enquanto Skyler arma a compra do lava-rápido de Bogdan. Jesse e Hank têm que lidar com seus últimos embates com a violência.*

“Thirty-Eight Snub” é um episódio sobre dor – não tanto a dor física (embora Hank esteja sofrendo em boa dose), mas a dor psicológica, na qual não há fisioterapia que ajude. As tramas assassinas de Walt percorrem o episódio, mas dessa vez são Jesse e Hank que dão molde ao cerne da história. Jesse começa a entender que assassinou Gale e, ao mesmo tempo, começa a tirar sua rapa da produção que faz para Gus pensando em voltar a se drogar. Depois de uma tarde com Badger e Skinny Pete, ele percebe que seu novo som absurdamente potente, a metanfetamina e as discussões dos parceiros sobre o videogame de zumbis hiper-realista não bastam para distraí-lo de si mesmo. “Tanto silêncio”, ele diz – e é um momento no qual Jesse não tem como tolerar silêncio. Se as coisas ficarem em silêncio, ele não tem no que focar sua atenção ou anuviar a mente, e aí vai ter que pensar em Gale e lembrar que virou uma pessoa que mata a sangue frio. Encarar essa verdade é o terror, e conviver com ela é ainda pior. Por isso Jesse entra no desespero de abrir sua casa para quem quiser vir a uma festa movida a metanfetamina, que

segue sem parar durante dias. Jesse não se importa com quem venha, nem por quê; ele só quer barulho, gente, bebedeira, drogas e não dar oportunidade para ficar sozinho. Quando finalmente se vê só, ele aumenta os decibéis do som e senta-se ao lado dos alto-falantes, a cabeça envolvida pelas mãos, os olhos lacrimejando, como se fosse a única coisa que pode fazer para suportar a vida.

Enquanto isso, a coleção de minérios de Hank vira uma obsessão. Sem conseguir dormir e sem disposição para encarar sua própria ira e frustração após a troca de tiros com os primos Salamanca em "One Minute", que o deixou incapacitado, Hank fica acordado até altas horas virando e revirando seus minérios, examinando, catalogando, categorizando, lendo – distraíndo-se tanto quanto Jesse. Sem conseguir desligar sua exuberância usual com o fisioterapeuta ou outros estranhos, ele reserva toda a raiva para Marie, a qual faz tudo por ele, desde dar apoio e estímulo infatigáveis até lavar sua comadre. Para Hank, é um círculo vicioso. Ele percebe o que faz, percebe que se tornou canalha, egoísta, rancoroso, mas não consegue parar. Se parar, assim como Jesse, ele vai ter que encarar a verdade: que provavelmente nunca voltará a caminhar sem dificuldades, que não tem emprego e nenhum prospecto, e que sua carreira pode ter chegado ao fim. Ficar dependente da esposa para tudo, desde pagar as contas até limpar a bunda, é a castração absoluta para um machão como Hank. É por isso que ele ataca Marie e se odeia um pouco mais a cada dia.

Os dois perfis são um retrato comovente do sofrimento humano e de um transtorno de estresse pós-traumático não tratado. *Breaking Bad* recusa-se a deixar de lado as consequências do que Jesse e Hank passaram, e a agonia emocional pura que cada homem sente sai da tela para capturar o espectador como uma verdade sobre o ser humano. Aaron Paul e Dean Norris usam de seu talento para alcançar um efeito primoroso, criando um nível de realismo emocional que atinge o coração do espectador. Gilligan & Cia. estão dedicados a construir um seriado e levar os personagens à tela, e uma das formas fundamentais de ver seres

humanos crescerem e se transformarem é por meio da dor. O sofrimento inescapável pelo qual Jesse e Hank passam é algo pelo que, de uma forma ou de outra, a maioria dos espectadores já passou, e é o que o torna "real". O mais real de tudo talvez seja o fato de que, na vida, as atitudes e escolhas têm consequências e temos que conviver com elas – todos os dias.

As emanções da dor que Hank e Jesse sentem começam a afetar outros ao seu redor. Marie é a rocha de Hank, mas não é feita de granito. Ela é tão frágil quanto os preciosos geodos de Hank, e igualmente dada a fragmentar-se se manuseada sem cuidado. Ela sabe melhor do que ninguém o que se passa com Hank, mas ser alvo constante da autopiedade raivosa do marido é algo que a desgasta. Marie tenta segurar as pontas, o que inclui segurar a casa, as contas, a família, o emprego e inclusive o próprio Hank. É mais do que ela pode aguentar. Andrea, a namorada de Jesse, também é atingida por essas ondas, mesmo que Jesse tente acertar tudo entre eles e fazer o melhor para ela e por Brock. Jesse está encolhendo-se, afastando-a, sem dizer por quê. Ainda assim, ele sustenta Andrea e o filho, o que passa uma mensagem no mínimo confusa. No fim das contas, são esses relacionamentos que fazem de *Breaking Bad* o melhor seriado da TV. E a verdade dos relacionamentos, tem-se que dizer, às vezes é a dor, o transtorno e o desgosto – três coisas que Gilligan & Cia. sabem retratar muito bem.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

BADGER: "Pensa só, mano: eles não são só zumbis, são zumbis nazistas!"

### **PERCEBEU?**

- A tagarelice de Badger e Skinny Pete sobre zumbis, movida a metanfetamina, é bastante apropriada. Antes de eles chegarem, Jesse estava totalmente zumbificado, de olho nas luzes piscando de sua nova aparelhagem de som.

- Badger dá uma explicação para a pizza não fatiada que se vê em “Caballo Sin Nombre”, quando Walt teve um acesso de raiva e jogou uma imensa pizza não fatiada no telhado da garagem.
- Mike, outrora imperturbável, fica visivelmente incomodado quando encontra uma mancha do sangue de Victor no punho da camisa.
- O entregador que chega à casa de Hank e Marie com os minérios veste a cor preferida de Marie: púrpura.
- As balas cuidadosamente alinhadas no balcão de Walt espelham os pacotinhos de adoçante de Marie.
- O contraste proposital entre o mundo suburbano tranquilo, ensolarado e alegre ao redor da casa de Jesse e o mundo escuro, sujo e violentamente barulhento lá de dentro.
- Os detritos e o lixo na festa de Jesse começam a ganhar força, espelhando seu antigo apartamento, quando ele e Jane começaram a usar metanfetamina e heroína.
- Skyler parece não ver problema em levar Holly consigo enquanto arma suas estratégias.

### **GRAVANDO!**

- As cores primárias são utilizadas como contraponto irônico e forma de sublinhar o que se passa quando vemos as luzes do sistema de som refletidas no rosto de Jesse e ele com olhos vazios para a aparelhagem.
- Os planos subjetivos da perspectiva da lareira e do Roomba fazem a sala de estar de Jesse parecer maior do que é.
- Durante a festa, a câmera entra novamente em modo “visão divina”, e mais uma vez fica acima do ponto onde deveria estar o teto.

**TITULAÇÃO** A arma que Walt compra do vendedor é um revólver calibre 38 cano curto “especial”, o que significa que o cano da pistola tem menos de oito centímetros. Com mira precisa somente a curta distância, essa variedade de pistola é a preferida de

policiais clandestinos ou à paisana, dado que é facilmente ocultada. Criminosos consideram a 38 cano curto um acessório muito útil pelo mesmo motivo.

## **CURIOSIDADES**

- O vendedor de armas ilegais de quem Walt compra a pistola é interpretado por Jim Beaver, também conhecido pelos papéis de Whitney Ellsworth em *Deadwood*, Bobby Singer em *Supernatural* e Shelby Parlow em *Justified*. Beaver começou a carreira em 1977 no filme de futebol *A Disputa dos Sexos (Semi-Tough, 1977)*, com Burt Reynolds e Kris Kristofferson, mas não foi creditado.
- Entre a terceira e a quarta temporada, a casa real que fora usada como residência de Jesse foi vendida, o que levou à necessidade de construir um novo set para duplicar seu interior. O diretor de fotografia do seriado, Michael Slovis, defendeu – e conseguiu – um cenário especialmente para a sala de estar de Jesse que fosse mais amplo que o original, projetado para permitir que conseguisse planos de ângulos variados.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **“O NOVO MÉXICO NÃO É UM ESTADO COM OBRIGAÇÃO DE FUGA”: AS LEIS DE DEFESA DO TERRITÓRIO**

Diz-se que o lar de um homem é seu castelo e, quando se trata de legítima defesa, a regra é extremamente válida. Segundo a jurisprudência, a legítima defesa autoriza o não agressor a valer-se da força (inclusive força letal) se essa pessoa tem motivos sensatos para crer que tal força será necessária para proteger-se do uso iminente de força ilícita por parte de outra pessoa. Segundo essa lei, exige-se que o não agressor tente fugir, se puder seguir essa opção com segurança, antes de recorrer à força letal – mas abre-se uma exceção se o ataque se dá na casa do não agressor ou em sua propriedade. Sua casa é seu castelo.

Apesar disso, muitos estados, incluindo o Novo México, decretaram leis de "defesa do território". Essas leis basicamente acabam com a cláusula do "tente fugir" nas alegações de legítima defesa. A jurisprudência já autoriza uma pessoa a "defender seu território" contra ataques dentro de sua própria casa, mas essas leis vão mais longe. Enquanto muitos estados exigem que a pessoa que alega legítima defesa deve ter o direito de estar no espaço onde a alteração ocorreu, a lei do Novo México declara simplesmente que a pessoa deve ter sido "ameaçada de agressão". No negócio de Walt, isso abarca muitos territórios.





## pen House

**Data de exibição original:** 31 de julho de 2011

**Roteiro:** Sam Catlin

**Direção:** David Slade

“Pra bem da verdade, levar uma surra dessas – não vou dizer que a gente se acostuma, mas na real a gente se acostuma *mesmo*.”— Jesse Pinkman

*Jesse continua na sua espiral da decadência. Marie sai para olhar imóveis. Walt e Skyler aliam-se para comprar o lava-rápido.*

Em “Open House”, Walt pode ser o pivô das atividades de Gustavo Fring com metanfetamina, mas não é ele que está no controle. Gus instalou câmeras no laboratório para observar cada movimento de Walt, e elas não estão armadas para uma varredura automática – parecem ser controladas por alguém. Só resta a Walt irritar a pessoa que o assiste. Nem na sua casa Walt não consegue passar sem interrogatório, pois Skyler fica perturbando-o a respeito do olho roxo. Walt, obviamente, trata sua alteração com Mike em “Thirty-Eight Snub” como uma “briga” e não um único soco que o levou a nocaute, e insinua que a idade avançada de Mike o impediu de reagir. Para ele, mentir virou tão automático quanto respirar. Essa tentativa mesquinha de fazer-se de durão diante de Skyler apenas sublinha a impotência atual de Walt. Entre os dois, agora é Skyler quem dita o caminho, manipulando facilmente o orgulho masculino do marido para convencê-lo de que a única opção deles é comprar o lava-rápido de Bogdan – por pura vingança.

Aliás, "Open House" mostra que Skyler é tão manipuladora, dissimulada e interesseira quanto Walt. Ela botou na cabeça que vai comprar o lava-rápido de Bogdan e passou semanas fazendo pesquisas e contas. Contudo, quando Bogdan Wolynetz (Marius Stan) diz não, ela recusa-se a aceitar. Skyler sabe o que quer e está disposta a fazer quase tudo para conseguir, incluindo fraude. Ao defrontar-se com dois clientes mesquinhos, vingativos e petulantes, Saul toma a dianteira, mas cada vez mais percebe que Walt e Skyler estão dificultando sua vida. Ambos mandaram a lógica às favas. Depois do embuste exitoso para convencer Bogdan a vender a empresa, Skyler repreende Walt por coisinhas mínimas como uma garrafa de champanhe, desconsiderando que acabaram de gastar US\$ 800 mil num lava-rápido. Skyler está tão resoluta em ver que o demônio está nos detalhes que não percebe o panorama maior.



(ALBERT L. ORTEGA/PR PHOTOS)

Enquanto isso, Marie acaba de desabar. Numa fantástica sequência de vinhetas, Betsy Brandt traz ao espectador o retrato de uma mulher que tenta escapar à dura realidade da vida presente, mesmo que por um período curto – não apenas as responsabilidades que ela precisa ter desde que Hank foi baleado, mas também o fluxo incessante de escárnio, ira e comentários depreciativos do marido rancoroso. Marie, porém, não quer só fugir: ela quer ser salva. Ela volta a encontrar seu consolo em pequenos roubos, só que dessa vez aposta mais alto e passa ao furto de objetos da casa dos outros. As coisas que ela rouba são ridículas: uma estatueta, uma colher de colecionador, um porta-retratos de prata. Cada objeto é um souvenir da vida imaginária

que ela cria para si ao entrar em diversos imóveis abertos para visitação, vidas que tiveram seus problemas, mas que foram saudáveis e felizes, onde foi amada por maridos e filhos e onde tudo ia bem. Mais uma vez, para Marie roubar   uma forma de chamar atenção. No entanto, enquanto antes ela queria atrair a atenção que se dava a uma irmã grávida que tinha o marido doente e gostaria de fazê-lo passar mais tempo com ela, dessa vez   uma tentativa de obrigar Hank a notar que ela existe. Quando Hank é obrigado a se meter na situação e livra Marie de uma encrenca, ela finalmente confessa o que sente. O colapso deixa o espectador devastado, pois sabemos pelo que ela passou e exatamente o que ela vem fazendo. Marie fez tudo que podia imaginar, foi a esposa que todo homem gostaria de ter, fez das tripas coração para apoiar e amar Hank, e tudo que recebeu de volta foi mágoa, ira e dor.   óbvio que ela não iria aguentar; com quem não seria assim?

Contudo, da mágoa de Marie também surge algo que não   alívio. O amigo de Hank, o detetive Tim Roberts (Nigel Gibbs, que também passou por *House* e *The Shield*), da polícia de Albuquerque, traz a ele uma cópia do arquivo completo do assassinato de Gale. Robert sabe exatamente do que Hank precisa e sabe que Hank não vai encontrar essa coisa nem nos minérios nem em Marie. Hank precisa de um quebra-cabeças para resolver, precisa capturar um criminoso. É isso que ele faz da vida, afinal, e, apesar de todas as reclamações do contrário, ele está longe de deixar de ser tira. É isso que faz ele ser quem é. O episódio termina com mais uma noite insone para Hank – só que dessa vez ele não está voltado para os minérios, e sim para as anotações laboratoriais de Gale Boetticher.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

SAUL: "Então – só pra saber se estamos na mesma sintonia – você está dizendo pra gente 'fazer uma proposta irrecusável'?"

## **PERCEBEU?**

- Walt ainda usa a engenhoca de Gale no superlaboratório para preparar café e, enquanto o prepara, cai a ficha do homicídio – pelo menos por um instante.
- Jesse não está nem aí para as manipulações de Walt nessa temporada, e responde às perguntas de Walt sobre sua vida dando as costas.
- Jesse não só está começando a se coçar como um viciado, enfiando as unhas de modo nervoso na nuca e no pescoço, mas sua casa está começando a ficar parecida com a dos noiados que vimos em “Peekaboo”. Jesse está virando o tipo de pessoa que ele mais detesta.
- Saul tenta fazer alguém pegar o salão de manicure como opção de lavagem de dinheiro, como fez com Jesse em “Kafkaesque”.
- Tim Roberts é o mesmo detetive da polícia de Albuquerque que tratou do desaparecimento de Walt em “Over”.
- A música sombria, quase sussurrada, que toca na montagem de Jesse entre karts e chegando em casa é “If I Had a Heart” (“Se Eu Tivesse Coração”), de Fever Ray, e colabora para mostrar que Jesse está emocionalmente agitado e sentindo-se fora do lugar.

## **GRAVANDO!**

- O trabalho de câmera em “Open House” é sutil, e o único sinal da câmera subjetiva de sempre vem da câmera de monitoramento no superlaboratório.
- Usa-se uma montagem de *jump cuts* (quando pega-se dois planos seguidos da mesma cena ou pessoa de posições só um pouco diferentes) no trecho em que Jesse está andando de kart e chegando em casa, o que dá à cena uma sensação de atemporalidade desconjuntada, assim como de ira. Mais uma vez as cores primárias do sistema de som na casa de Jesse são usadas para iluminar seu rosto enquanto ele se acostuma à festa de drogas, violência e loucura que virou sua casa. As luzes estroboscópicas

vermelhas, verdes e amarelas colaboram para a sensação desconjuntada e fora de lugar da sala de estar, mais uma vez complementada por *flash cuts* (vislumbres rápidos de outras cenas ou outros elementos dentro de uma cena) a vários momentos de sexo, violência, bate cabeça e grafite que se passam em torno de Jesse. Ele, paradoxalmente, enfim consegue relaxar.

**TITULAÇÃO** "Open House" ("Aberta para Visitação") refere-se não apenas às apresentações de imóveis que Marie visita (e o fato de ela tratá-las como se os itens da casa estivessem lá para quem quiser levar), mas também à casa de Jesse, que ele escancarou a todas as forças nocivas e caóticas do mundo lá fora.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **INSPETORES DE LAVA-RÁPIDO?**

Skyler pode ser criminoso e manipuladora, mas fez o dever de casa. Bogdan devia *mesmo* se preocupar com a Environmental Protection Agency (EPA, Agência de Proteção Ambiental dos EUA). Lava-rápidos comerciais utilizam água e produtos químicos para tirar poeira e sujeira dos veículos. O resíduo líquido pode ser nocivo ao meio ambiente e tem forte regulamentação nos Estados Unidos. Fora a sujeira, poluentes de resíduos de lava-rápidos podem conter óleo e graxa (que podem ter resíduos perigosos, como herbicidas, benzeno, cromo e arsênico, para citar só alguns), detergentes, fosfatos e produtos químicos utilizados na limpeza e na manutenção do maquinário do lava-rápido.

O Clean Water Act (Decreto Água Limpa) exige dos lava-rápidos que direcionem seus resíduos líquidos para instalações de tratamento de água ou instalações de escoamento com aprovação estadual. Recomenda-se a filtragem do líquido para que se tenham menos resíduos sólidos no sistema de esgoto. Logo após a filtragem, o lava-rápido gera um "lodo" que precisa ter destino, também respeitando regras e estatutos. Tudo isso é feito para impedir a contaminação do solo e dos lençóis freáticos. Fechar sua

empresa para resolver essas questões é tão inconveniente quanto custoso. Não é à toa que Bogdan fica louco para vender.



## Bullet Points

**Data de exibição original:** 7 de agosto de 2011

**Roteiro:** Moira Walley-Beckett

**Direção:** Colin Bucksey

“Meu, como eu queria pegar esse cara – eu em pessoa, eu botando as agulhas nele...” — Hank Schrader

*Skyler e Walt se acertam quanto à lavagem de dinheiro, mas os jantares em família continuam sendo um problema. Walt tenta descobrir se Jesse deixou alguma pista no apartamento de Gale.*

Skyler já tem seu lava-rápido, mas seus planos não se encerram até ela ter a fachada perfeita para explicar como eles conseguiram o dinheiro para investir no empreendimento. É por isso que ela vem dando um jeito de incrementar a história do vício em jogo, que saiu de sopetão em “Kafkaesque”, até que vire uma explicação sem furos. Embora ela finja que faz isso porque precisa, ela também curte o processo. Afinal, como é revelado no piloto, Skyler é uma romancista frustrada, e este é o conto mais importante que ela já elaborou. Infelizmente, assim como acontece com o champanhe no episódio anterior, a obsessão de Skyler pelo detalhismo deixa-a cega ao fato de que, quanto mais simples, melhor a fachada. Skyler quer mais do que voltar à aparência de normalidade; ela quer satisfação e crédito por ser a pessoa que fez aquilo acontecer. Seu orgulho e seu ego estão ambos aos níveis de Walt. Enquanto a imagem que Walt tem de si está conectada a ser o melhor cozinheiro de metanfetamina do mundo, a dela está em ser a melhor arranjadora e autora de ficções imaculadas.



O jantar em família na casa de Hank e Marie talvez seja mais importante em si do que qualquer armação de Skyler. É o marco de um retorno aparente à normalidade para as duas famílias. Os jantares eram comuns até Hank levar os tiros e retrair-se à autopiedade e à raiva. Agora Hank volta a se lembrar de quem era: fez a barba, está bem vestido, genuinamente feliz em ver a família White e disposto não só a mostrar a coleção de minérios, mas também o grande motivo por trás de sua transformação: o caderno de Gale. A oportunidade incomum de entrar na mente do tipo de pessoa que ele é tão bom em localizar tirou Hank de sua espiral raivosa rumo à depressão. A maior habilidade de Hank como detetive, contudo, é ele notar o que a maioria das pessoas não nota. Walt deveria ficar tenso em saber que Hank tem o caderno de Gale – e de fato fica, mas pelo motivo errado.

Mais uma vez chegando a conclusões sem qualquer evidência, Walt presume que as digitais encontradas na cena do crime são de Jesse, e que, sem elas, Hank não terá como prosseguir e não conseguirá armar o caso. Enquanto Hank vê Walt como um mega-CDF inofensivo, Walt vê Hank como mais um tira bobalhão. Essas cenas de um subestimando o outro constituem uma das tensões motrizes de *Breaking Bad*, e talvez a maior trama de Gilligan & Cia.

Pelo lado positivo, a visita frenética de Walt a Jesse dá ao espectador oportunidade de ver a casa de Jesse de uma perspectiva externa. O local está transformado num lixão. Há um corpo inconsciente trancando a porta, as paredes estão cheias de grafite, há pessoas em vários estágios de vestimenta e nudez, consciência e inconsciência, esparramadas, sentadas, de pé ou dançando sobre o próprio excremento, iluminadas pelas luzes cíclicas do sistema de som e tendo de fundo o monólogo paranoico de um noiado com preocupações e explicações sem fim. A transformação da casa de Jesse, de refúgio do mundo lá fora a condensação caótica de tudo que há de pior, foi completada. Em meio a isso, Jesse parece ter encontrado uma espécie de paz instável, que Walt imediatamente tenta destruir fazendo-o lembrar-se de cada segundo do assassinato de Gale, exatamente

o fato do qual Jesse vem tentando fugir. Jesse faz com que Walt seja ejetado da casa e volta a seu casulo de barulho e drogas, onde ele finalmente conseguiu ficar apático e com o alívio de não ter que se importar com nada, incluindo estar vivo ou morto – o que cria o ensejo perfeito para um passeio com Mike.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

SAUL: “Meu nome nunca aparece junto desse pessoal, né?”

### **PERCEBEU?**

- Quando a história do Walt “viciado em jogo” é revelada, Walt Jr. vê seu pai como um garanhão, e Skyler não gosta nem um pouco.
- A história que Walt conta sobre o olho roxo mudou. Agora foi Mike que se aproveitou dele, o que deixa implícito que este é o único jeito que Walt conseguiria levar surra de um velho.
- Jesse pega uma menininha gostosa e leva-a ao quarto para... jogar videogame. Ele não está tão entorpecido quanto pensa: ainda precisa de companhia.

### **GRAVANDO!**

- O primeiro plano da pré-créditos é belíssimo, tanto em termos estéticos quanto em puxar o tapete do público. O que parece uma fumaça contra um fundo preto lembra os créditos de abertura de *Breaking Bad*, ou um fumante de metanfetamina exalando os vapores da droga. Contudo, descobrimos que é o hálito de Mike resfriado pelo caminhão refrigerado. Os dois gases, porém, emanam de fontes letais, como demonstra o resto da cena.
- O uso do clipe musical de Gale – um negócio de turista, *made in* Tailândia – interpretando a “Major Tom” (“Tom Maior”) de Peter Schilling é uma forma magnífica de usar a técnica do filme dentro do filme (*a perspectiva em abismo*),

que cria um misto fantástico de humor, surpresa e tristeza. Também dá um toque interessante ao personagem de Gale. O vídeo completo está disponível em: <http://www.tinyurl.com/GaleMajorTom>.

- O final do episódio traz o retorno de outro enquadramento que é marca registrada de *Breaking Bad*: o plano amplo do deserto e do céu que enfatiza o vazio dos espaços ao redor de Albuquerque – que o espectador já está condicionado a ver como espaços sem memória onde acontecem fatos perigosos e letais.

**TITULAÇÃO** “Bullet Points” refere-se não apenas à estrutura ponto a ponto que Skyler faz para a história de Walt ser viciado em jogo, mas também aos buracos nos fundos do caminhão quando este é alvejado pelos ladrões durante a pré-créditos.

### **CURIOSIDADES**

- “Major Tom” (1983), de Peter Schilling, é uma releitura da clássica “Space Oddity” (“Excentricidade Espacial”), de David Bowie (1969).
- Hank e Walt citam brevemente o filme *Conexão França* (*The French Connection*, 1971) e o personagem Jimmy Doyle, ou “Popeye” Doyle (Gene Hackman). No filme, Doyle é detetive da divisão de narcóticos da polícia de Nova York que está atrás de um grande distribuidor de drogas, um francês chamado Charnier. Apesar de Walt dizer que Doyle nunca chega no “cara”, o final do filme é ambíguo. Curiosamente, “Popeye” tem um chapéu muito parecido com o que Walt usa quando está na persona Heisenberg.

### **INGREDIENTES ESPECIAIS**

#### **O SISTEMA KELLY**

Skyler vem lendo sobre estratégias de jogatina, em especial um sistema chamado Critério Kelly, cujo nome é baseado em seu criador J. L. Kelly. Kelly começou criando estratégias de

investimento com base em teorias probabilísticas e propôs que seu sistema era apropriado para um “jogo de longo prazo” no qual o investimento é repetido várias vezes, sempre com a mesma probabilidade de ganhar a mesma recompensa.

O sistema de Kelly já foi aplicado à teoria dos jogos e ao mercado de ações. Tenha em mente que o Critério Kelly não assegura ganhos; na verdade, ele garante que (1) você não perca todo seu dinheiro e (2) maximize os lucros quando ganhar. O sistema maximiza taxas de crescimento a partir de uma fórmula matemática que determina a porcentagem do saldo do jogador que ele deve apostar em cada fase do jogo.

A manha é que, para ter êxito com o Critério Kelly, o jogador deve ter estimativas de três componentes: as chances, a probabilidade de ganhar e a probabilidade de perder a aposta. Num jogo como o vinte e um, que só tem dois resultados (perder toda a aposta ou ganhar o valor da aposta multiplicado pelas chances de recompensa), contar cartas ajuda. Em termos matemáticos, o Critério Kelly é assim:

$$f = (bp - q)/b$$

Em que:

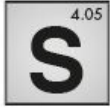
*f* corresponde à fração do saldo do jogador que deve entrar na aposta,

*b* corresponde às chances que o jogador recebe na aposta,

*p* corresponde à probabilidade de que o jogador vá vencer a aposta, e

*q* corresponde à probabilidade de que o jogador vá perder a aposta.

É bem complicado, bagunçado e exige atenção a detalhes. Não foi à toa que Skyler gostou.



## hotgun

**Data de exibição original:** 14 de agosto de 2011

**Roteiro:** Thomas Schnauz

**Direção:** Michelle MacLaren

“Desde quando vegano come frango frito?” — Hank Schrader

*Mike leva Jesse para passear. Walt tenta enfrentar Gus, e volta a falar mais do que devia em um jantar White-Schrader*

A pré-créditos de “Shotgun” (“Espingarda”) é forte e frenética, iniciando o episódio em tom febril e armando o palco para um confronto grandioso. Depois dos créditos, contudo, todo som e fúria dos pneus cantando de Walt acabam não tendo significado algum, pois Gus segue iludindo-o e o controle que Walt tem sobre a situação continua a desmoronar. Ele se acha um homem de atitude, mas o que faz na verdade é atrair atenção tanto para si quanto para a Los Pollos Hermanos – tática que não vai deixar Gus feliz. O mais assustador para Walt é ver que perdeu o controle sobre Jesse. Ao longo das três temporadas anteriores, Jesse tendia a ser a pessoa mais suscetível à manipulação de Walt. Walt usou seu status como figura paterna para manipular Jesse a fazer de tudo, desde levar uma proposta de negócios a Tuco até matar Gale. Agora, todavia, Jesse está distanciando-se de Walt. Aliás, Jesse está distanciando-se de tudo e de todos, incluindo de si mesmo, desde o início da temporada. O confronto abortado entre Walt e Jesse em “Bullet Points” provou que Jesse não se importa, e não hesita em mandar Walt para fora de sua casa. Agora, Jesse parece igualmente indiferente quanto a Mike levá-lo até o deserto,

para propósito desconhecido, e Walt se vê mais perdido do que nunca.

Enquanto Walt passa a maior parte do episódio agitado, Jesse vive uma espécie de aventura às avessas, absurdamente tediosa: ele e Mike passam o dia viajando de um lugar a outro para recolher dinheiro em seis lugares abandonados. Embora Jesse diga que não se importa com o que vai acontecer consigo, mesmo assim ele se arma da melhor maneira que pode quando chegam na primeira parada, ainda sem saber o que está acontecendo e qual é a intenção de Mike. Parece que ele não é tão fatalista quanto vem mostrando. Ao fim do dia, Jesse virou o segurança de Mike e, apesar das afirmações contrariadas de Mike quanto a Jesse não ser "o cara", mesmo assim ele assumiu a responsabilidade de proteger Mike. Mike deu um propósito a Jesse e parece não se importar que seja um propósito falso, e que Gus esteja puxando os fiozinhos por trás da cortina. Em "Shotgun", Jesse começa a sair do buraco em que tenta se enterrar desde o assassinato de Gale.



(CORTESIA: MICHAEL SLOVIS)

No entanto, nem tudo é tristeza e melancolia para Walt, pois ele e Skyler finalmente reconciliaram-se. Só que vale notar que isso também ocorre sob circunstâncias falsas, pois Sky interpreta a ligação frenética de Walt na pré-créditos como uma declaração de amor profunda e sincera. Tendo em mãos aquilo que queria desde o início da terceira temporada, o orgulho de Walt o faz resguardar-se quando Skyler sugere que ele volte a morar em casa. Ele tem que fazê-la esperar, e pensar, mas apenas por um instante. Walt chegou a um ponto em que todos os seus relacionamentos são jogos armados em torno de sua suposta capacidade de manipular as emoções dos outros para seus fins. O cara gentil e delicado das primeiras temporadas sumiu totalmente.

Walt acaba com qualquer chance que tinha de manter a lealdade de Jesse ao sugerir-lhe que ele não tem relevância a ponto de Mike e Gus lhe deverem consideração. Walt basicamente ainda vê Jesse como um medíocre. Ao esclarecer o que pensa ao colega de laboratório, Walt faz ele se distanciar ainda mais e mina a capacidade que tinha de controlá-lo.

A manipulação de Jesse não é a única coisa que Walt arrasa com maestria durante o episódio. Depois de várias taças de vinho em mais uma reunião de família, Walt discorda da opinião de Hank sobre Gale ser Heisenberg e sugere que o gênio misterioso ainda está à solta. Dessa vez, talvez por estar dizendo a verdade, Walt é totalmente convincente. Walt tem muitas falhas, mas o orgulho é de longe seu pecado mais mortal. Há alguma coisa em Walt que não tolera pensar que Gale, seu *assistente*, possa entrar para a história como Heisenberg, o grande cozinheiro da metanfetamina. A Blue Magic é uma fórmula criada por Walt, é o gênio de Walt manifesto, e ele é incapaz de deixar que o crédito fique com outro. Para piorar a situação, Walt mistura sua insolência extraordinária à subestimação continuada das habilidades detetivescas de Hank.

Não há dúvida de que Walt é brilhante, mas isso é justamente o que o cega para o brilhantismo dos outros.

## QUÍMICA ANALÍTICA

### ALTA VALÊNCIA

MIKE: "Você não é o cara. Você não tem condições de ser o cara. Eu já tive um cara, agora não tenho mais. Você *não* é o cara."

### PERCEBEU?

- A cabeça raspada de Jesse e seu vestuário mais escuro lembram bastante a figura de Mike.
- Hank veste uma camiseta da "Corrida Divertida" do DEA quando ele e Tim Roberts discutem o caso de Gale. Hank conheceu Gus quando este fez um tour pela sede do DEA como patrocinador da Corrida Divertida, em "ABQ", e, indiretamente, Hank nunca mais voltará a correr por culpa de Gus.
- Junior não é muito chegado em café, mas bebe para passar mais tempo com o pai.
- Jesse está batucando "Fallacies", da sua antiga banda TwaüghtHammër, enquanto espera Mike.
- Gilligan & Cia. tiveram que ter mais cuidado ao filmar Anna Gunn nessa temporada, principalmente na cena de sexo entre ela e Walt em "Shotgun". Ironicamente, quando Skyler estava no fim da gravidez de Holly, na segunda temporada, Anna Gunn tinha que se submeter a maquiagem extra e uma prótese para simular a barriga, enquanto que na quarta temporada teve que fazer o oposto: figurino, maquiagem e ângulos de câmera tentaram contornar o fato de Gunn estar *bem* grávida durante as filmagens.
- A camiseta amarela que Gus usa durante a reunião com Mike lembra os trajes de proteção amarelos que Walt e Jesse usam no superlaboratório.



- As montagens com Walt e Jesse seguem o compasso da fantástica “1977”, de Ana Tijoux, complemento perfeito ao movimento acelerado e cortes rápidos utilizados na edição.

**PRECIPITAÇÕES** Não querendo ser muito chato, mas a que velocidade você precisa dirigir em Albuquerque para chamar atenção da polícia? Na pré-créditos, Walt dirige seu Aztek como um ser ensandecido. Não tem como isso não ser percebido por um policial, nem como um motorista zangado não passar a placa de Walt à polícia.

### **GRAVANDO!**

- A direção de fotografia tem momentos soberbos nesse episódio, em especial na montagem com o dia de Jesse e Mike. Numa versão esperta da filmagem em stop-motion já familiar em *Breaking Bad*, usada tão bem no seriado, agora se usa o movimento acelerado para capturar a movimentação de Jesse ao longo do dia comprido.
- Há ótimos planos em câmera subjetiva da montagem de Walt cozinhando, principalmente do ponto de vista de Walt dentro da máscara, um plongée de um dos tanques e várias angulações a partir de objetos enquanto Walt tenta cozinhar.
- A cena do sexo da reconciliação entre Walt e Sky é muito benfeita. A partir de um plano do teto quando os dois caem na cama, as coisas seguem por uma visão distorcida através das lentes dos óculos de Walt na mesa de cabeceira, que borra a cena sem esconder o que se passa.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **ENTREGAS CLANDESTINAS**

Mike leva Jesse a recolher “entregas clandestinas” durante o episódio. Numa entrega normal, duas ou mais pessoas encontram-se cara a cara para trocar informação, dinheiro ou outro item. A entrega clandestina acontece sem necessidade de encontro

peessoal. Geralmente usa-se um sinal inócuo para indicar que há uma entrega clandestina – o espião condenado Aldrich Ames, por exemplo, deixava marcas de giz numa caixa de correio para indicar a seus superiores soviéticos que havia depositado algo para eles. O negócio é garantir que tanto o sinal quanto a entrega em si fiquem em lugares pelos quais uma pessoa normal passaria batido. Existe até uma versão lúdica de entregas clandestinas chamada “*geocaching*”, na qual entrega-se desde pequenos prêmios até pistas para localizar a entrega seguinte.



## **Cornered**

**Data de exibição original:** 21 de agosto de 2011

**Roteiro:** Gennifer Hutchison

**Direção:** Michael Slovis

“Não. Não. Tudo isso aqui, tudo que se fez – se fez por mim.” — Walter Whitee

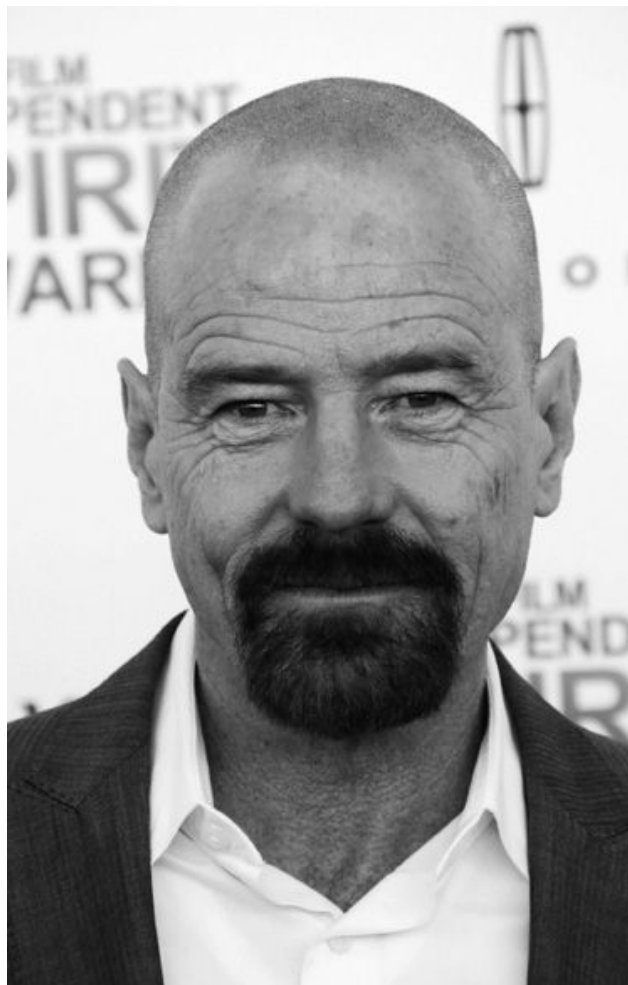
*As mentiras de Walt continuam a cair por terra. Jesse começa seu segundo emprego ajudando Mike, e Skyler leva Holly para tomar uma decisão fatídica.*

Gilligan & Cia. gostam de estruturas circulares, e a pré-créditos de “Cornered” leva o espectador de volta à pré-créditos de “Shotgun”, com o vapor que sai do hálito de dois guardas nos fundos de um caminhão da Los Pollos Hermanos. Dessa vez, porém, as coisas não saem como esperado para os homens de Gus. Os ladrões ficaram mais espertos, e com muito mais sangue frio. Unidas, as duas pré-créditos são evidência de coisas que acontecem no mundo narrativo amplo e que vão além de Walt e Jesse, coisas que estão totalmente fora do controle deles, mas uma hora irão afetá-los. Tem algo maior acontecendo, e os assassinos são só a ponta do proverbial iceberg.

Em relação ao próprio Walt, “Cornered” leva-o a remexer cada relacionamento que tem na tentativa de recuperar o controle sobre as pessoas ao seu redor. Skyler descobre que o “Eu te amo” que ele deixou na mensagem não foi de todo carinhoso, mas um adeus com egoísmo e temor que teve a ver com o homicídio de Gale – o reenlace dos dois é resultado de mais uma mentira. Skyler também percebe com clareza o que Walt se recusa a

perceber: as coisas estão saindo do controle muito rapidamente e todos estão em risco.

Em um dos monólogos icônicos do seriado, Walt tenta convencer Skyler de que ela entendeu tudo errado e, de que, nas palavras dele, "Eu *sou* o perigo!". Esta é uma afirmação tanto verdadeira quanto falsa, mas, dando o devido crédito a Skyler, ela percebe que Walt não está mais mentindo somente para as pessoas ao seu redor, mas para *si mesmo*. Walt de fato é o perigo para Skyler, os filhos e todos ao seu redor, e ele matou, planejou matar ou ameaçou matar quase todos que representaram ameaça a sua família. No entanto, ele não é Vic Mackey, nem Tony Soprano nem Don Draper, apesar de muitos críticos fazerem paralelos entre Walt e esses anti-heróis; Walt tem falhas, é impulsivo, orgulhoso e toma decisões precipitadas. Ele acredita *ser* o perigo, quando na verdade o mais comum é ele *provocar* o perigo. Até esse momento, Skyler vem tratando a criminalidade de Walt como uma espécie de jogo no qual ela consegue algum controle sobre a própria vida. Contudo, depois dessa última demonstração de testosterona, ela finalmente tem noção das águas profundas em que nada. Na atitude mais sensata que toma desde a segunda temporada, Skyler pega Holly e foge de casa.



(ANDREW EVANS/PR PHOTOS)

Com Skyler e Holly ao léu, Walt desconta tudo em Junior porque ele não *suporta* a ideia de que o filho o veja como um viciado em jogo. Assim como fez Hank reconsiderar Heisenberg, o orgulho de Walt não o deixa ser sorrateiro. A ironia é que dessa vez Junior está totalmente ao lado de Walt. Depois de ferir as emoções do filho, Walt tenta consertar as coisas com um dia sem colégio e um Dodge Challenger tunado novinho em folha. Para ser justo, Junior é quem o faz sentir culpa para ganhar o carro, mas por que não? Afinal, Junior vive em meio às pessoas mais egoístas e manipuladoras do planeta há quase um ano, e Walt e Sky ensinaram-no muito bem que os adultos conseguem o que querem manipulando o que os outros sentem. Junior, contudo, é mais

sincero no que faz – sabe muito bem que Walt o está comprando e não tem medo de expressar essa verdade.

Por fim, Walt figurativamente *joga* Jesse para longe de si ao recusar-se a acreditar que o colega poderia ser ativo importante para Mike e Gus, e insiste que, já que Jesse é inútil, o cargo novo deste tem que ter algo a ver com o próprio Walt. Com essa pequena demonstração de autocentramento, revela-se o verdadeiro caráter de Walt: ele não enxerga além de si mesmo, nem mesmo cogita que existam coisas que não têm nada a ver com ele. Apesar de ter protestado anteriormente com Junior, Walt está agindo justamente como um viciado com egoísmo supremo. Ele não tinha como levar Jesse mais para o lado de Mike e Gus, nem se quisesse. Mesmo as pessoas que Walt não conhece saem prejudicadas pelo seu egoísmo, pois, por pura petulância, ele envolve três funcionárias imigrantes com o superlaboratório, ato que termina com a deportação delas sob ordem de Gus. Walt tornou-se uma espécie de anti-Midas: seu “brilhantismo” destrói tudo que ele toca.

Quanto a Skyler, esta toma uma decisão interessante e fatídica. Depois de passar a maior parte do dia dirigindo, ela acaba no cruzamento entre os quatro estados. Ecoando a moeda “sagrada” de “The Cat’s in the Bag”, Skyler tenta deixar o destino decidir. No entanto, quando a moedinha lhe dá uma resposta que ela não gosta, ela rouba e vira-a para o outro lado. A seu modo distorcido, Sky é tão maligna quanto Walt, pois acredita obstinadamente que tem o poder de consertar tudo e proteger aqueles com quem se importa. Mesmo em algo simples como jogar uma moeda, Sky não pode deixar tudo por conta do destino. Só que isso também é egoísmo e autocentramento. Skyler até *teria como* proteger as pessoas com quem se importa. Ela tem como abrir mão de tudo, denunciar Walt às forças da lei e entrar com os filhos no Programa de Proteção a Testemunhas. Será que haverá alguma consequência negativa, principalmente para Hank e Marie? Claro, mas parece que Hank não volta ao DEA tão cedo, e, para ser franco, Hank e Marie, apesar de tudo que têm de ruim, são as pessoas de maior estabilidade no seriado. Mesmo com todas essas

questões, Skyler resolve voltar à bagunça e assume um manto de retidão moral que rivaliza com o de Walt.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

MIKE: "Então acho que vamos pelo plano A."

### **PERCEBEU?**

- O selo ultravioleta que marca a "massa especial para fritura" da pré-créditos de "Kafkaesque" volta à cena nesse episódio.
- O substituto de Victor, Tyrus Kitt (Ray Campbell, conhecido de *The Shield*), é nomeado pela primeira vez.
- Embora *esteja* sendo meio babaca, Bogdan diz verdades a Walt sobre o que é ser "o chefe". Walt terá oportunidades de reconhecer essa verdade com o progredir do seriado.
- Junior vem pesquisando sobre os Jogadores Anônimos (JA) e o vício no jogo. A preocupação que tem com o pai e com a forma como este vem agindo surge nesses atos sutis.

### **GRAVANDO!**

- Mais uma vez, o primeiro plano da pré-créditos ecoa não só o episódio anterior, mas os créditos de abertura do seriado. Metalinguagem!
- Quando Skyler joga a moeda, é utilizada a mesma visão do alto, com câmera em plongée, que se usou com Walt e Jesse em "The Cat's in the Bag".
- A câmera subjetiva na pá quando Jesse atrai o viciado para fora de casa é brilhante, e dá humor e um realce de realidade torta ao barato da metanfetamina, assim como sublinha a importância da própria pá.

**TITULAÇÃO** "Cornered" ("Encurralado") refere-se não só ao Four Corners (Quatro Cantos), lugar onde Skyler toma sua decisão, mas

também a Walt e Skyler, pois os dois sentem-se cada vez mais encurralados em suas vidas e relacionamentos.

## **CURIOSIDADES**

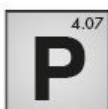
- Michael Slovis, diretor de fotografia do seriado, dirigiu "Cornered". Ele também dirigiu "Kafkaesque". É o que pode explicar os paralelos entre os dois episódios, principalmente nas cenas de Walt no banho.
- Jesse é levado a nocaute pelo drogado interpretado por Damon Herriman, ator de um papel só que aparece com frequência na TV e no cinema desde 1976. Herriman recentemente interpretou Bruno Hauptmann (um dos sequestradores do bebê Lindbergh) em *J. Edgar* (2011), e tem papel recorrente como Dewey Crowe no seriado *Justified*.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **OS QUATRO CANTOS**

Quando Skyler vai até o Monumento dos Quatro Cantos para decidir seu destino, ela adentra um lugar juridicamente ambíguo que ao mesmo tempo faz e não faz parte dos Estados Unidos. O Monumento dos Quatro Cantos é o único ponto dos EUA onde quatro estados – Arizona, Novo México, Utah e Colorado – têm intersecção no mesmo ponto. O monumento fica na Nação Navajo, que é um território semiautônomo sob controle dos nativos americanos, o que significa que faz e não faz parte dos Estados Unidos. Os crimes cometidos dentro da Nação Navajo podem ser da jurisdição do governo federal, do governo estadual ou do governo tribal, dependendo da natureza do crime e da raça da vítima e do acusado. A Nação Navajo recobre mais de 60 mil quilômetros quadrados no norte do Arizona, sudeste de Utah e noroeste do Novo México – quase do tamanho da Virgínia Ocidental. O Monumento dos Quatro Cantos fica numa região particularmente remota da Nação Navajo perfeitamente adequada para a reflexão profunda que Skyler tem a fazer.





## Problem Dog

**Data de exibição original:** 28 de agosto de 20118

**Roteiro e Direção:** Peter Gould

“O negócio é que, se você faz o que faz e não acontece nada... qual é o sentido? Pra que fazer?” — Jesse Pinkmane

*Jesse começa a voltar à luz após sua viagem ao coração das trevas. Hank começa a juntar as peças.*

“Problem Dog” é um dos episódios mais requintados de *Breaking Bad*, e é um espelho de “Cornered”. A pré-créditos revela que Jesse começou a limpar sua casa, e junto a ela, sua vida. Vários sacos de lixo transbordantes estão no chão arejado da sala de estar, e ele trouxe uma TV HD com tela gigante para fazer companhia ao aparelho de som. Enquanto joga um game de tiro, que tem controlador de plástico próprio em forma de revólver, ele tem flashes entre o game e a memória do assassinato de Gale. Fica pálido, ofegante e suando durante o jogo. Contudo, quando seu personagem no game morre e ele tem chance de parar, Jesse decide reiniciar. Diferentemente de Walt, que vem negando a realidade de sua situação e a responsabilidade que tem pelo que está passando, Jesse entra numa terapia complicada ao encarar diretamente seus demônios psicológicos. Ele joga o game *justamente* porque aquilo o obriga a encarar o assassinato de Gale, a encarar as atitudes que ele mesmo tomou.

A casa de Jesse ecoa sua jornada. Ela está cada vez mais limpa conforme o episódio avança, sendo que a arrumação do espaço ecoa a arrumação de sua mente e alma, assim como a desordem da casa na maior parte da temporada espelhou a psique caótica

em que ele se encontrava. Gilligan & Cia. são minuciosos nesses detalhes, prestando atenção, por exemplo, em mostrar que o grafite nas paredes de Jesse não foram totalmente encobertos com apenas uma demão de tinta. Assim como tudo pelo que Jesse passou, as marcas na parede sempre estarão lá, semiencobertas. Jesse também voltou às reuniões dos Narcóticos Anônimos, o único lugar onde ele pode ser realmente sincero (mesmo que não seja direto) desde que passou pela reabilitação. Ao compartilhar a história sobre seu “cão problema” e defrontar o líder do grupo, Jesse liberta sua raiva e sua dor, que deixam de assoberbá-lo. No entanto, ele ainda acha que precisa pagar pelo que fez, que merece tanto dor quanto punição. A melhor atuação de Aaron Paul acontece possivelmente nessa cena (pela qual ele viria a ganhar um prêmio Emmy em 2012), e a crueza de Jesse é comovente. Mais uma vez, Jesse está se encarando e assumindo a responsabilidade pelas suas escolhas, um processo forte e doído, pelo qual Walt constantemente se recusa a passar.

Aliás, Walt passa o episódio inteiro tendo vários ataques pueris. Quando Sky insiste que o carro absurdamente caro tem que voltar à concessionária, ele sai para fazer cavalinho de pau e explode-o num estacionamento vazio. Walt reclama da vida para Saul mesmo quando o advogado consegue converter as acusações contra o cliente em “contravenção na queima de lixo” e fabrica ricina no superlaboratório porque acha que assim está fazendo alguma coisa. Walt praticamente transformou-se num garotinho de 12 anos que está tendo um dia chato. Agora ele também acredita que assassinato é a solução para todos os problemas e, assim como da última vez, tenta manipular Jesse a fazer o trabalho sujo por ele. A coerção, contudo, é tão escancarada que Jesse o recrimina, mesmo que concorde em matar Gus quando houver oportunidade. A lealdade de Jesse a Walt está fraquejando, muito por conta da forma como Walt o trata, assim como pelo nível de confiança que Mike e Gus cada vez mais depositam nele – que inclui deixá-lo armado e permitir que ele faça parte, mesmo que pequena, do que acontece no alto escalão

do tráfico. Enquanto Walt regride, Jesse está crescendo e começando a tomar suas próprias decisões.

Por fim, temos Hank. Surpreendendo a todos de pé e caminhando apenas com bengala, ele fica cara a cara com Gus numa cena brilhante em que um tenta provocar o outro, mas só Hank sabe do jogo. É um paralelo interessante entre os personagens. Os dois têm um foco que é uma mira a laser, jogam em longo prazo com paciência insuperável e conseguem mentir com sinceridade patente. A diferença é que Hank tem emoções e capacidade de amar, enquanto Gus é um sociopata, cuja gama emocional foi extirpada há muito tempo. Hank está inclusive de volta ao DEA, armando a acusação contra Gus que montou em casa, peça por peça, enquanto dava duro na fisioterapia e fazia seu casamento voltar a terreno firme. A genialidade de Hank fica à mostra pela primeira vez quando ele espalha suas pistas com confiança, cada peça cuidadosamente pesquisada, cada pedra diligentemente erguida; um intelecto assustador, obstinado, que se revela sob a postura de bom garoto. O estudo que Hank faz de minérios, as peças elementares das rochas, compensou para sua investigação, na qual todas as peças que constituem o mistério do assassinato de Gale renderam a chave para o grande caso.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

WALT: "Por favor, um maníaco homicida de cada vez."

### **PERCEBEU?**

- A perspectiva animada de Marie com Hank quando Skyler pergunta à irmã sobre a situação. É uma passagem curtiinha, mas tratada com brilhantismo por Betsy Brandt.
- Hank mais uma vez está sendo para Junior o pai que Walt não consegue ser, mas tem o cuidado de não rebaixar Walt quando o faz.
- O efeito sonoro quando Jesse decide envenenar Gus é o mesmo zumbido usado ao longo do seriado em momentos

de grande tensão particular, que remonta ao diagnóstico do câncer de Walt em "Piloto/Breaking Bad".

- O representante do cartel é o mesmo cara que comandou os ladrões na pré-créditos de "Cornered".
- A trilha sonora dos cavalinhos de pau e destruição automobilística de Walt é "Boots of Chinese Plastic" ("Botas de Plástico Chinês"), do Pretenders, um rock clássico e rebelde de uma banda que conseguiu manter a formação e manter-se na estrada durante décadas – um bom comentário sobre o ataque pueril de Walt.

**PRECIPITAÇÕES** Skyler não saber exatamente quanto dinheiro tem que lavar, e com que frequência, não fecha com a obsessão que ela tem pelos detalhes em detrimento do grande panorama. E também é um engano absurdo – considerando que Skyler *não é* burra.

#### **GRAVANDO!**

- "Problem Dog" usa muitos closes, desde o rosto iluminado de Jesse na pré-créditos, passando pelo cigarro de ricina, até o café pingando na reunião de Gus.
- A câmera subjetiva em contra-plongée ressurgue quando Jesse prepara o cigarro de ricina e o público tem uma visão que transpassa a mesa de café.

**TITULAÇÃO** "Problem Dog" ("Cão Problema") refere-se tanto a Gale quanto a Jesse, sendo que o primeiro é assim descrito por Jesse na reunião dos Narcóticos Anônimos e o último começa a sair de suas trevas.

#### **CURIOSIDADES**

- Nesse episódio, os espectadores ficam sabendo que Steve Gomez passou a "GS-14", que é uma escala de salário bem alta no funcionalismo público dos EUA. "GS" significa "General Schedule" [Cronograma Geral], e nele existem 15 níveis: de GS-1 a GS-7 normalmente são cargos iniciantes, enquanto GS-8 a GS-12 são médios e GS-13 a GS-15 são de

alto nível, como supervisores ou especialistas técnicos de alto gabarito. O GS-15 é praticamente equivalente, em termos de salário, a um coronel das forças armadas ou um capitão da marinha, de forma que a promoção de Gomez levou-o quase ao topo da escala. Em 2011, quando "Problem Dog" foi ao ar, "GS-14" correspondia a um salário anual base de US\$ 84.697.

- O uso do videogame *Rage* nesse episódio merece menção especial. O jogo ainda não tinha sido lançado quando apareceu em *Breaking Bad*, e sua inclusão no seriado serviu para criar burburinho positivo na internet. Numa promoção cruzada bastante incomum, quem joga *Rage* descobre um "Easter Egg" de *Breaking Bad* incorporado ao jogo: entre na sala do xerife Black e depois na sala ao lado; numa prateleira, você vai ver o grill em acrílico de Tuco, da segunda temporada.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### ***RAGE* E O PRODUCT PLACEMENT NA TELEVISÃO NORTE-AMERICANA**

Quando Jesse está jogando *Rage*, ou quando Junior manipula Walt a garantir seu silêncio comprando um carro novinho, *Breaking Bad* embarca numa tradição que é tão antiga quanto a própria televisão: product placement. Quando a TV entrou no mercado de entretenimento, era comum as empresas patrocinarem programas inteiros, um esquema que já vinha do rádio. Contudo, aos poucos os custos de produção tornaram proibitivo apenas uma empresa patrocinar um programa inteiro, o que levou à ideia da publicidade comprar blocos dos programas.

O product placement é um pouquinho diferente. Enquanto os anúncios de patrocínio ficam de fora dos parâmetros do programa, no product placement mercadorias ou serviços de marca são posicionados dentro do próprio programa, geralmente em troca de honorários da empresa pela sua aparição. O product placement pode criar relações profundas e duradouras entre empresas e

consumidores, um valor não tangível que as empresas sempre querem alcançar. O seriado *The Love Boat*, por exemplo, se passava no navio *Pacific Princess*, que fazia parte da Princess Cruise Lines. O seriado encerrou-se em 1986, mas a empresa usou o slogan "É mais que um cruzeiro, é o Love Boat" até 2002. E nem precisamos falar de *Supermáquina* e o Trans Am da Pontiac.



## **PETISCOS VEGETARIANOS**

Ao longo de *Breaking Bad*, os personagens aparecem em reuniões trazendo bandejas de petiscos prontas, preparadas em supermercado. Embora seja um elemento típico de eventos sociais, alguns desses encontros em *Breaking Bad* não são do tipo que fazem a pessoa pensar: "Essa reunião precisa é de umas cenourinhas com molho ranch!". Por exemplo:

- Em "Gray Matter" (1.05), Skyler prepara uma bandeja de frutas e legumes para a intervenção com Walt.
- Em "I.F.T." (3.03), Gus leva uma bandeja de legumes para o encontro com os primos Salamanca, que chegaram à cidade para vingar a morte de Tuco.
- Em "Kafkaesque" (3.09), Gus leva legumes para a reunião com Walt porque, afinal, é preciso cuidar das sutilezas da sociabilidade quando se vai fazer uma proposta irrecusável.
- Em "Problem Dog" (4.07), Jesse leva petiscos de legumes para o encontro de Gus com o cartel.

O interessante é que não há petiscos (e nem um cafezinho!) no encontro de Gus na granja em "Half Measures" (3.12), sinal de que será uma reunião perigosa em que os funcionários vão levar puxão de orelha por conta da produtividade abaixo do esperado.



## **ermanos**

**Data de exibição original:** 4 de setembro de 2011

**Roteiro:** Sam Catlin, George Mastras

**Direção:** Johan Renck

“Esse é o resultado do sangue por sangue, Héctor. *Sangre por sangre.*”  
— Gustavo Fring

*Vinte anos atrás, Gus é apresentado ao cartel mexicano, enquanto na trama contemporânea ele encontra dois inimigos: um antigo e um novo.*

“Hermanos” leva o espectador às trevas no coração de Gus Fring. Gilligan & Cia. nunca se contentaram em fazer de Gus mais um malvado genérico que eles haviam achado prontinho no depósito de enredos. Cada vez temos mais indicativos de que Gus está em um jogo mais amplo e de maior prazo do que apenas comandar a distribuição no sudoeste dos EUA para o cartel mexicano. Aliás, Gus recentemente recebeu desconfortável atenção do cartel. A pergunta é: por quê? Sua vida vai bem, ele tem sucesso em várias escalas e tem uma identidade limpíssima para encobrir o que realmente faz. Também é um homem de enorme paciência e autocontrole (aparentemente não há nada do orgulho, ego e ganância que paralisam Walt) e está perfeitamente satisfeito em esconder seus bilhões tendo uma existência de classe média. Então por que um homem como Gustavo Fring chutaria o balde? Por que arriscar-se a contratar uma dupla instável como Walt e Jesse? Por que arquitetar a morte de Leonel Salamanca e Juan Bolsa em “I See You”? Por que se dar ao trabalho de armar sua própria instalação para fabricar

metanfetamina, o superlaboratório, e contratar os químicos mais brilhantes que encontrou? “Hermanos” dá todas as respostas e é magnífico e glorioso em sua frieza.



(JOHN HALE)

Muito tempo atrás, na pré-créditos de “One Minute”, Héctor Salamanca referiu-se a Gus sarcasticamente como “o grande generalíssimo”. Descobrimos que esta talvez seja a descrição mais adequada do monstro frio e controlado que se mascara como empresário de fast food. O superlaboratório é uma ideia que tem mais de 20 anos e a busca pelo químico perfeito para comandá-lo tem quase a mesma idade, o que custou a Gus dezenas de milhares de dólares com a criação da bolsa de Pesquisa em Química Maximino Arciniega, na University of New Mexico. Só que tudo isso – *tudo isso* – ainda não é o cerne da questão. O que motivou Gus nesses anos todos? A vingança. Uma vingança tão



rebuscada e brilhante que merecia um poema épico, quem sabe uma ópera. No cerne dessa rixa de sangue está Don Héctor Salamanca, encurralado na prisão de um corpo praticamente incomunicativo devido a um derrame ou doença neuromuscular progressiva. Gus visita Héctor com frequência para mantê-lo informado quanto aos familiares e amigos do idoso que vem matando, um de cada vez. Gradativamente torcendo a faca, Gus deixa Héctor questionando-se se a próxima visita será a da *sua* morte. Walt e Jesse, apesar de toda a instabilidade, acabaram levando alguns dos inimigos de Gus até ele, mesmo sem querer, e chegaram a fornecer meios para sua eliminação. Gus sempre deu medo, mas “Hermanos” leva a situação a outro nível.

Gus talvez tenha andado meio nervoso, contudo, como demonstra sua reunião com Hank, o DEA e a polícia de Albuquerque. Ao longo da conversa, ele fica sereno de tão calmo, e convence a todos menos Hank. Aliás, Hank é o único que tem alguma noção da criatura que está sob a máscara de Gus; mas não tem provas. Apesar do interrogatório inesperado, a única reação de Gus é um leve tremor num dedo ao tomar o elevador *depois* que a reunião já acabou. Por sorte, essas trevas diluem-se no interlúdio cômico quando Hank, em busca das provas que necessita, alista Walt para colocar um sinalizador no carro de Gus. Afinal, como diz Hank, foi Walt ter comentado que Heisenberg ainda estaria à solta o que fez Hank prosseguir na investigação. Walt e seus muxoxos caem no reino da comédia quando Mike estaciona ao lado do carro onde ele está com Hank, em frente à Los Pollos Hermanos, dá um olhar de desprezo para Walt e começa a ler o jornal. É um momento de riso necessário em meio a uma temporada de puras trevas.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

HANK: “Olha só, o cara tem motivo pra *tudo*. O cara convence mais que o *Laços de Ternura*.”

## PERCEBEU?

- Enquanto Walt e outro paciente aguardam suas tomografias e Walt fala de nunca desistir do controle, na parede atrás e entre os dois há um pôster motivacional que incita o paciente à “união”, tanto entre pacientes quanto destes com suas redes de apoio – coisa que Walt faz cada vez menos.
- O Héctor Salamanca jovem já tem algum tipo de enfermidade física, e tem que erguer a mão esquerda para levar a direita à boca quando quer beber.
- Ao tentar convencer Don Eladio (Steven Bauer) quanto à superioridade de seu produto, Max (James Martinez, que teve participações em *As Sessões* [*The Sessions*, 2012] e *Gravity*) fala da quiralidade das moléculas em jogo, o que lembra a aula de Walt em “The Cat’s in the Bag”.
- Max diz a Don Eladio que Gus é “meu parceiro e eu preciso dele, juro por Deus!”. É quase uma repetição *ipsis literis* do que Walt falou sobre Jesse.
- A casa de Jesse está bem limpa e arrumada nesse episódio.
- O jovem Héctor insinua veementemente que Gus e Max são gays. Pode estar apenas tentando irritá-los, mas também não é a primeira vez que Gus foi identificado como homossexual. Embora mencione “filhos” a Walt quando o convida para jantar em “Abiquiu”, nunca se vê evidência de que ele tenha filhos, quanto mais uma esposa. Suas roupas são sempre imaculadas, e há algo levemente afeminado no seu comportamento, qualidades essas que, na televisão norte-americana, geralmente indicam homossexualidade. O jeito como ele deixa a mão no joelho de Héctor na pré-créditos também é representado como insulto proposital e violação da *macheza* do idoso. Contudo, há outros indicativos: sua reação ao assassinato de Max é de partir o coração, e uma rixa de sangue é algo que se assume por família, não amigos, não importa o quão próximos sejam.

- Em se tratando de Héctor e Gus, o que mais importa são os olhos, e Mark Margolis e Giancarlo Esposito são mestres em fazer expressões sutis exprimirem muito. Descendo de elevador após a reunião com o DEA, Gus olha para a câmera no fim da sequência e ali não se vê nada que não desejo de sangue.
- Quando Gus deixa claro que tudo que aconteceu aos primos Salamanca e Juan Bolsa é parte de uma vingança proposital pela morte de Max vinte anos antes, Héctor vira os olhos bruscamente. Ao fim do episódio, Gus tenta fazer com que Héctor olhe para ele, mas o idoso recusa-se. É tudo que resta a Héctor, a única ação que ele pode tomar. Recusar-se a olhar para Gus é afirmar que ele está morto.
- Quando Gus pega o elevador, o único som é o sino constante que indica a passagem dos andares, som que lembra o sino de Héctor. O efeito já foi usado na terceira temporada com os gêmeos Salamanca para pressagiar a mão de Héctor nos acontecimentos.
- Há segredos sob o assoalho da casa dos White, de forma que tudo que é normal e cotidiano se dará sobre fundações de dinheiro sujo e mentiras.

### **GRAVANDO!**

- Usa-se um filtro amarelo forte nas cenas de flashback no México, mais uma vez servindo de pista para o espectador de que aquilo se passa no passado e fora dos EUA.
- Volta-se à estrutura circular dos episódios: começamos com Gus visitando Héctor no asilo, com a cena entrecortada por imagens de sangue numa piscina. O episódio termina do mesmo modo, com as mesmas imagens.
- Mais uma vez, usam-se closes para sublinhar a importância de algumas coisas, como os olhos de Héctor e a mão de Gus no joelho de Héctor.
- Os closes também permitem notar a atuação sutil de Esposito e Margolis a todo vapor.

**TITULAÇÃO** “Hermanos” quer dizer “irmãos” em espanhol, e há irmãos de sobra nesse episódio. Tem-se Los Pollos Hermanos, “Os Frangos Irmãos”, tanto em referência ao restaurante quanto a Gus e Max. Os primos Salamanca são irmãos, e também filhos do irmão de Héctor, e Walt e Hank são cunhados, ou irmãos por casamento.

**CURIOSIDADES** Max Arciniega – o nome do amigo de Gus que teve morte trágica, e que vira nome da bolsa de estudos em química na University of New Mexico, que integra a busca de Gus pelo melhor fabricante de metanfetamina – também é o nome real do ator que interpretou Krazy-8 na primeira temporada.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **O CHILE E A JUNTA PINOCHET**

Gus, chileno de nascença, culpa o regime Pinochet pela falta de registros oficiais quanto a sua juventude. O desleixo nos registros públicos, porém, foi o menor dos crimes de Augusto Pinochet – ele foi o líder da junta militar que derrubou o governo socialista do presidente Salvador Allende em 11 de setembro de 1973, apenas 18 dias após ser indicado a comandante-chefe do exército chileno. Embora às aparências fossem parte de um grupo de comando, em junho de 1974 Pinochet assumiu plenos poderes como presidente. Nos primeiros três anos de mandato mais de 130 mil pessoas foram presas e várias delas torturadas. É impossível ter a contagem precisa – muita gente simplesmente “desapareceu”.

Pinochet não autorizava a oposição política, mas tolerou os termos da Constituição de 1981 e em 1988 montou-se um referendo para determinar se ele deveria continuar no poder por mais um mandato presidencial de oito anos. Não resta dúvida quanto à surpresa que teve com a votação contrária. As eleições livres instalaram um novo presidente em março de 1990, embora Pinochet tenha continuado comandante das forças armadas até 1998. Em razão de uma cláusula na Constituição de 1981, por ser ex-presidente, Pinochet tornou-se senador vitalício. Se a reunião

de Gus e Max com Don Eladio aconteceu vinte anos antes do presente narrativo de *Breaking Bad*, ela se passaria por volta de 1990-1991, de forma que Gus teria ido para o México pelo menos um tempinho antes da queda de Pinochet.

As coisas nunca se resolveram de verdade com Pinochet. Em 1998, ele foi detido por autoridades britânicas durante uma visita a Londres. Valendo-se do princípio da jurisdição universal, a Espanha solicitara sua extradição por causa da tortura de cidadãos espanhóis no Chile durante seu período no poder. Pinochet foi mantido em prisão domiciliar durante dois anos e acabou sendo libertado em razão de questões de saúde, sem passar por julgamento. No início de 2000, ele voltou ao Chile, onde o Congresso criou o status de "ex-presidente", o que lhe valeu honorários e imunidade judicial. A Suprema Corte do Chile derrubou sua própria decisão em 2004, decretando que ele poderia passar por julgamento. No entanto, Pinochet sempre se safou de responder publicamente pelos atos de seu regime em tribunal. Ele faleceu em 10 de dezembro de 2006, e nunca foi responsabilizado pelos crimes ou abusos de direitos humanos dos quais foi acusado.



**ug**

**Data de exibição original:** 11 de setembro de 2011

**Roteiro:** Moira Walley-Beckett, Thomas Schnauz

**Direção:** Terry McDonough

"Tá conseguindo caminhar?... Então se manda daqui e não volta nunca mais." — Jesse Pinkman

*Gus faz uma oferta de emprego nova e perigosa a Jesse, mas Walt recusa-se a prepará-lo para o cargo.*

Ao longo de toda a quarta temporada, a vida de Walt está saindo do controle. Nada acontece como ele planejou e não importa quantas mentiras, planos e manipulações ele faça, nada faz as coisas voltarem ao que gostaria. Ele chegou a ver-se como agente duplo para Gus diante das investigações não oficiais de Hank sobre os negócios de Gus. O lava-rápido de Skyler está decolando de maneira que, caso quisesse, Walt poderia dispensar o mercado das drogas. No entanto, seu orgulho não ia deixar e Gus provavelmente não o autorizaria a cair fora bem nesse momento. Até Jesse saiu do controle de Walt e continua a evitar a morte de Gus, apesar de oportunidades de sobra.

Enquanto isso, o mundo de Jesse teve uma mudança drástica. Entendemos que ele virou um membro de confiança na organização de Gus e descobriu uma nova figura paterna em Mike. Para infelicidade de Walt, Gus e Mike aparentemente retribuem sua lealdade com mais frequência que Walt. Em "Bug", Jesse é convidado ao círculo mais exclusivo: entra na casa de Gus, e também no misterioso conflito entre Gus e o cartel, que está em ponto de ebulição. Enquanto Walt se enraivece por sua impotência

e reclama que está sendo deixado de fora, Jesse começa a ganhar relevância. Toda a dor e agonia que ele mesmo se infligiu e o retorno por motivação própria já calejaram Jesse e lhe deram nova força. Ele não pensa duas vezes em voltar a cozinhar quando Walt se atrasa, e não tem medo de olhar Gus nos olhos e exigir ser visto e ouvido. Contudo, sua lealdade a Walt permanece intacta... até que o próprio Walt a destrói.

A ironia de Walt ficar tão furioso por Jesse ter mentido para ele é tão densa que se corta com faca, e o desprezo altivo de Walt pela inteligência, capacidade e lealdade de Jesse finalmente passa do limite. Desde a primeira temporada, Walt e Jesse frequentemente brigam meio de sacanagem, rolando pelo chão, mas geralmente acabam caídos, ofegantes, exaustos física e emocionalmente – e levantam-se como amigos. Dessa vez não. Jesse ataca Walt com brutalidade até não sobrar dúvida na mente dos dois de que Walt perdeu e que ele e Jesse devem cortar relações. Não há como lutar contra a raiva de Jesse. É difícil não ficar na torcida nessa cena, pois, apesar de tudo que Walt fez, incluindo coisas que Jesse não sabe, essa troca de socos era esperada há muito tempo e é uma catarse poder assisti-la. Walt conseguiu perder o único amigo que lhe restava na bagunça e conduziu-o aos braços de Gus.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

SKYLER: “Quando eu coloquei todos os dados no Quicken não ficou nada vermelho, então tá tudo bem, né?”

### **PERCEBEU?**

- O GPS USB de Hank utiliza o Google Earth para mostrar as movimentações de Gus, numa bela cena de product placement. Assim como acontece quando Skyler menciona “o Quicken” na entrevista com o auditor da receita federal.
- Ted sabe que a receita federal está investigando seus registros há meses, mas não tomou atitude alguma.

- Skyler se faz de loira devassa com perfeição. Além disso, ela mente melhor que Walt.
- Gus prepara para Jesse a mesma refeição que fez para Walt em “Abiquiu”, e Jesse está sentado no mesmo lugar da mesa em que Walt estava.
- A Los Pollos Hermanos tem 14 filiais – Gus vai muito bem nos negócios.

### **GRAVANDO!**

- Os closes ao nível do solo são usados repetidamente nesse episódio, a começar pelos óculos quebrados e os mocassins de Walt na pré-créditos, sendo o mesmo plano de ângulo baixo quando ele recolhe os sapatos depois dos créditos.
- Há um plano lindo, em contra-plongée, de sangue pingando e se espalhando na pré-créditos.
- A filmagem e o áudio em câmera lenta ao redor de Jesse durante o ataque do atirador são muito bem-feitos. Enquanto a voz de Mike é quase inaudível, os sons hipnóticos das balas que cortam o ar e impactam ao seu redor levam a tensão à estratosfera.
- A câmera subjetiva do atirador, até com a mira do rifle telescópico, primeiro é sobreposta a Jesse, depois a Gus.
- Enquanto Gus conversa logo após o ataque, num telefonema misterioso, ele é enquadrado por escuridão profunda e fica num círculo bastante restrito de luz, um plano extremamente claustrofóbico.
- A câmera subjetiva em contra-plongée é utilizada no plano arrepiante em que Jesse joga Walt contra o tampo de vidro da sua mesa de café.

**TITULAÇÃO** “Bug” (“Inseto/Escuta”) faz referência ao aparelho GPS de Hank, mas também remonta ao brilhante episódio “Fly”, da terceira temporada.

**CURIOSIDADES** Hank fica cantarolando o tema de *Rocky* quando ele e Walt vão recuperar o localizador GPS. Vale notar que Rocky



veste um chapéu preto em seus trajes civis, não muito diferente do chapéu de Heisenberg.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **A DIC E A RECEITA FEDERAL**

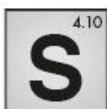
Ted está encrencado. Embora não se envolva em lavagem de dinheiro, ele fez Skyler duplicar registros – um aos olhos do público (como a receita federal) e um que mostra a renda e o fluxo de caixa reais. Ele deve centenas de milhares de dólares ao governo e chegou a chamar a atenção da Divisão de Investigações Criminosas (DIC) da receita federal. Antes de 1978, essa divisão era chamada de “Unidade de Inteligência” e sempre foi conhecida pela investigação obstinada de crimes financeiros complicados. Lembre-se de que Al Capone, inimigo público número um, foi derrubado pela receita federal e não pelos gângsters da concorrência. A DIC é praticamente inflexível, pois seus agentes especiais são dispostos a armar a acusação com paciência total, o que resulta numa taxa de prisões que excede os 90% – taxa esta que vai desde a fundação da DIC, em 1919, até hoje. O nome de Skyler aparece em todos os registros falsos e, tendo seu empreendimento no lava-rápido, ela tem razão de estar assustada.

### **RASTREADORES GPS COM CONEXÃO USB**

Hank faz Walt plantar um aparelho GPS (Global Positioning System) no carro de Gus para que consiga ver as rotas diárias dele. É um localizador passivo, pois apenas acompanha sem transmitir. Os dados ficam gravados e podem ser acessados em um computador assim que o aparelho for retirado do veículo e conectado para download em um computador, nesse caso, por meio da porta USB.

Embora usar o aparelho não represente problema algum se você está controlando os itinerários de uma frota de caminhões de entrega, Hank está comportando-se de maneira “extralegal” – ele não tem mandato para acompanhar o carro de Gus. Hank não é a

única pessoa que faz esse tipo de coisa – os rastreadores portáteis são um grande negócio. Você pode encontrá-los à venda em sites de “apetrechos de espião” por uns US\$ 200, dependendo da capacidade de registro e da bateria. Leia com cuidado tudo que o site diz, pois eles adoram destacar todas as aplicações do rastreador (incluindo descobrir o que o cônjuge infiel não quer) e só depois lembram ao consumidor potencial, com toda seriedade, que esses aparelhos “não podem ser usados para violar o direito à privacidade!”



## alud

**Data de exibição original:** 18 de setembro de 2011

**Roteiro:** Peter Gould, Gennifer Hutchison

**Direção:** Michelle MacLaren

“Eu sou o cara que trouxeram pra mostrar como se faz. E se é assim que você gerencia esse laboratório... tá explicado. Sorte sua que ele ainda não te deu um pé na bunda. Se não quer que isso aconteça, eu sugiro que pare de reclamar igual uma putinha e faça o que eu tô dizendo.” — Jesse Pinkman

*Walt vai lamber suas feridas e tentar se explicar com Junior. Skyler tenta resolver a vida de Ted e, no México, Jesse recebe uma proposta irrecusável.*

“Salud” é o primeiro numa série de episódios climáticos que arrematam a quarta temporada. Embora diversos personagens passem por transformações significativas durante o episódio, provavelmente os momentos de maior surpresa aconteçam com Junior. “Salud” começa com o aniversário de 16 anos do filho de Walt e, para um garoto de classe média cujo último carro foi um Dodge Challenger tunado, o PT Cruiser usado que Sky lhe dá de presente é meio que um banho de água fria; em se tratando de carros seguros e com preço bom, o PT Cruiser não é lá algo que vá atizar o coração de um garoto norte-americano de 16 anos. Junior, todavia, prova-se mais uma vez um rapaz carinhoso e atencioso, que engole a decepção com o carro e faz o possível para deixar a mãe feliz por ter se lembrado da data com um presente, embora não tenha necessariamente apreciado o presente em si. Iniciado o aniversário nessa nota amarga, o presente que Walt dá ao filho é

cuidar do pai ferido, anuviado pelas drogas, reclamão, choramingão e de cueca uma tarde inteira. Walt ganha mais um prêmio de pior pai do ano pela performance nesse episódio (a estante dos troféus está pequena), enquanto Junior mais uma vez leva o cobiçado troféu de melhor filho de todos os tempos, porque ele *realmente* cuida do pai. Não apenas por obrigação, nem por ressentimento, mas porque, apesar de todas as merdas que Walt fez no ano que passou, para Junior o pai ainda é seu super-herói. Ele até conserta os óculos de Walt enquanto ele dorme.

Walt reage da maneira de sempre: egoísta. Ele nem chega a agradecer a Junior, e aparece com desculpas pelo seu comportamento entrando num monólogo que, em resumo, diz que ele não quer que Junior se lembre dele como o incompetente desastrado da noite anterior, mas como um pai forte e confiável. Pela primeira vez desde o início do seriado, Walt também mostra uma parte relevante de seu passado ao descrever a morte vagarosa do pai em razão da doença de Huntington. Os problemas de Walt com esse aspecto de seu passado não estão no longo embate do pai, mas no fato de que só consegue se lembrar deste como uma pessoa fraca e doente. Em outras palavras, o problema é com ele, não com o pai. Numa reviravolta requintada e que sublinha qual dos dois em cena está de fato agindo de forma madura, Junior diz para Walt parar de falar merda e que ele prefere o pai torto e estropiado da noite anterior do que o pai que ele tem sido no ano que passou, porque “pelo menos na noite passada você foi *sincero*”. Junior só quer o pai, e é isso que Walt não é desde a primeira temporada.

Enquanto isso, Gus quita sua dívida de vinte anos com juro e correção. Depois de Jesse cozinhar uma fornada do cristal mais puro que os mexicanos já viram, Jesse, Mike e Gus são convidados a voltar à infame piscina na hacienda de Don Eladio, o que deixa Gus na condição ideal para *matar todo mundo*: Don Eladio, todos os seus capangas e até o atirador mestre Gaff (Maurice Compte, que tem nos créditos *24 Horas e Prova de Amor* [*All the Real Girls*, 2003]), o qual cai no garrote de Mike. A cena sanguinária na casa de Don Eladio é uma ópera, pois o grande magnata do crime

passa de festejar a vitória e seus abusos devassos a cair boiando de cabeça para baixo na mesma piscina onde já escorreu o sangue do melhor amigo de Gus (talvez seu único e verdadeiro amor). Gus triunfante é uma visão sublime e temível quando ele aparece em meio aos corpos dos inimigos, oferecendo liberdade ou morte aos que restaram. Na fuga subsequente, Jesse tem a experiência de alguns segundos de ação ao viver na pele um videogame de tiro, e não congela mesmo na mira de outro. É ele que acaba atirando no último opositor, o mesmo que feriu Mike. Ao final do episódio, Jesse é a única esperança de sobrevivência para Gus e Mike, e finalmente age com determinação. Depois de tudo que passou, e de todas as vezes que foi (às vezes sem saber) vitimado e manipulado por Walt e outros, é bom ver Jesse confiante, mesmo que a serviço do mal, quando, em essência, permanece sendo ele mesmo. É o que Walt nunca conseguiu.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

SAUL: "Só achei que você ia gostar de saber – por mais que eu relute em falar: *Eu avisei.*"

### **PERCEBEU?**

- Jesse e Mike espelham-se a bordo do avião, com a mesma postura e posição, olhando por janelas opostas.
- O público é logrado quando Saul aparece preocupado com um cliente, mas em vez de Walt entrar pela porta, quem entra é Ted Beneke.
- Saul veste um laço azul e rosa que relembra o desastre com o Wayfarer 515, acessório que precisa para sua ação coletiva.
- As drogas que Jesse produz atingem pureza de 96,2%, menos que os 99% ou mais de Walt, mas melhor que os 96% de Gale que apareceram em "Box Cutter".
- Jesse, Gus, Mike e Gaff são os únicos homens que não estão bebendo e brincando com as prostitutas durante a

festa na casa de Don Eladio.

### **GRAVANDO!**

- São utilizados planos abertos no início para enfatizar o isolamento e a pequenez de Gus, Mike e Jesse, e até do imenso SUV e pequeno avião que os recolhe, em comparação ao vazio do deserto.
- Há dois planos maravilhosos de Junior nesse episódio. O primeiro mostra-o apoiando Walt semivestido com uma mão enquanto a outra se apoia na muleta, e o segundo mostra-o à distância, sozinho na cozinha de Walt, um jovem que de repente tem que encarar responsabilidade de adulto.
- Usa-se muito bem a câmera subjetiva registrada a partir da mesa de cabeceira que se volta para o rosto de Junior observando o potinho de remédios.
- O filtro amarelo retorna para as cenas no México.
- A fotografia time-lapse é utilizada para mostrar o tempo que passa fora do laboratório, assim como a chegada de cada vez mais gente com o avançar da noite e do dia.
- O reflexo de Gus aparece na piscina de Don Eladio assim que ele para no exato lugar onde Max foi assassinado 20 anos antes.
- Um plano gravado com grua, uma plongée em volta da piscina, dá uma bela perspectiva da carnificina enquanto Gus, Jesse e Mike caminham entre os corpos.
- A câmera subjetiva do fundo da piscina é muito bem utilizada quando o cadáver de Don Eladio cai na água.

**TITULAÇÃO** “Salud” é “saúde” em espanhol, e costuma ser dito em brindes. Nesse episódio, a ironia da palavra é evidente.

**CURIOSIDADES** Zafiro Añejo é uma tequila cara e fictícia. A garrafa que aparece nesse episódio parece basear-se nas que são usadas nos licores Hardy Cognac Perfection.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **DOENÇA DE HUNTINGTON**

Walt explica a Junior que seu pai (o avô de Junior) teve uma morte lenta por causa da doença de Huntington. Trata-se de um distúrbio hereditário (Walt diz que sua mãe o levou para fazer os exames) que provoca a degeneração progressiva das células nervosas no cérebro. Geralmente resulta na deterioração tanto das capacidades motoras quanto das cognitivas. Os sintomas costumam aparecer quando a pessoa está na faixa dos quarenta ou cinquenta anos, sendo os mais comuns alguma variedade de movimento descontrolado (às vezes tremores súbitos, às vezes um tique muscular) na cabeça, rosto ou extremidades. Memória, concentração e capacidade de organizar e planejar também sofrem impacto. As transformações no cérebro levam a variações de humor, ansiedade, depressão e raiva repentina. Tendências obsessivas-compulsivas também já foram notadas entre pacientes.

Embora remédios ajudem a lidar com os sintomas, não há tratamento efetivo para o declínio inevitável causado pela doença. Os pacientes normalmente vivem de 15 a 20 anos após o diagnóstico inicial, o que significa que a doença de Huntington caracteriza-se cruelmente pelo declínio lento e prolongado até a morte.

### **ÁCIDO FENILACÉTICO**

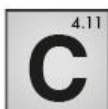
Jesse está na pior no superlaboratório mexicano quando lhe dizem que não têm um ingrediente específico à mão – ácido fenilacético – já que são eles que costumam sintetizá-lo. Jesse não sabe como preparar o ácido, mas se faz de entendido, ao mesmo tempo em que impressiona Gus e Mike com seu domínio das gírias das ruas.

Os peixes pequenos que fabricavam metanfetamina por muito tempo usaram a pseudoefedrina na receita – *Breaking Bad* faz referência a isso na primeira temporada. No entanto, a vigilância maior contra os remédios que contêm o ingrediente forçou os

metanfetamineiros a, digamos, voltar às raízes. A fenil-2-propanona (também conhecida como P2P) foi uma das soluções. Embora a venda de P2P seja bem vigiada, ela é mais fácil de fabricar. O ácido fenilacético pode ser transformado em P2P, que aí pode virar metanfetamina. Tenha em mente que a metanfetamina é uma droga totalmente sintética – quando uma fonte de ingredientes seca por causa do aperto da lei, busca-se outra. Foi isso que aconteceu inicialmente com o P2P, o que levou os fabricantes à efedrina, e depois à pseudoefedrina.

Essa mudança vem aparecendo em testes de metanfetamina confiscada no México. Em 2007, apenas 1% registrava presença de ácido fenilacético. Em 2009, o número havia subido para 16%.





## rawl Space

**Data de exibição original:** 25 de setembro de 2011

**Roteiro:** George Mastras, Sam Catlin

**Direção:** Scott Winant

“Não quero falar desse assunto. Nem com você nem com ninguém. Cansei de dar justificativa.” — Walter White

*Jesse volta do México com autoconfiança renovada. Walt quer sumir do mapa, mas Skyler já gastou o dinheiro de que eles precisavam.*

“Crawl Space” é escancaradamente um episódio que arma o próximo, mas que atinge níveis de brilhantismo raramente vistos na televisão. Para Walt, parece que tudo anda na velocidade da luz, totalmente fora de seu controle. Ele não tem como impedir a investigação de Hank sobre o negócio de Gus, não importa o que faça; ele destruiu seu relacionamento com Jesse; e agora que Jesse produz metanfetamina por conta própria, o único aspecto que fazia Walt ter algum valor para Gus Fring – a única coisa que garantia a vida de Walt – não se aplica mais. O Walt da quarta temporada foi praticamente passivo. Não houve planos brilhantes; não houve salvação genial de última hora por meio da ciência; não houve manipulação fácil das pessoas para alcançar seus objetivos; e, como seu rosto – machucado e ensanguentado na maior parte da temporada – demonstrou, não há como ele distanciar-se da violência das escolhas que toma.

Até esse momento no seriado sempre houve *alguma coisa* que Walt podia fazer para resolver a situação e manter a ilusão de que ele é capaz de controlar a nova vida que escolheu para si. Agora

não mais. Em "Crawl Space", Walt vê-se no deserto, cara a cara com o monstro que vive sob a máscara de polidez e passividade de Gustavo Fring. É ele a criatura que fará da vida de Walt um deserto, que pode e vai destruir todos de quem Walt gosta, incluindo sua filha Holly, e que o fará sem pestanejar. Apesar da lição com a morte de Victor em "Box Cutter", só agora Walt entende de fato que está lidando com um homem que pode, sem remorso algum, fazer o que for necessário para garantir sua própria sobrevivência e fortuna.



(ALBERT L. ORTEGA/PR PHOTOS)

O episódio fica ainda mais horripilante quando sugere que Gus pode estar tornando-se um psicopata por completo. Ele cada vez

mais cede a caprichos, seu comportamento fica mais instável e menos controlado. Ele não resiste em ir ao asilo para provocar Héctor pelo que fez com Don Eladio e seus capangas. Gus chega ao ponto de deixar com Héctor o amuleto de Don Eladio contra o olho gordo, medida bastante insensata. É fato que seu defrontamento com Walt no deserto, quando revela sua verdadeira face, é evidência da falta de controle crescente e da necessidade que tem de falar, ameaçar e se explicar. Não tendo mais um cartel com que se preocupar, Gus, pela primeira vez em 20 anos, está atuando sem amarras. É o que começa a transformá-lo em outra pessoa.

Com a ajuda de Saul, Skyler encaminhou dinheiro a Ted para cobrir as dívidas fiscais dele. Só que Ted recusa-se a pagar, preferindo usar a grana para financiar a vida que ele não tem como viver. Quando a conversa cara a cara não resolve, Skyler recorre ao "esquadrão classe A" de Saul. A tática de intimidação do esquadrão funciona, e o cheque é encaminhado pelo correio. Contudo, a combinação de uma dobra no tapete com a covardia de Ted acaba em desastre, destruindo ainda mais os planos de Walt.

Enquanto a vida de Walt começa a deslindar, a de Jesse está alinhavando-se. Sua casa está de volta ao estado normal após o caos dos outros episódios; Andrea e Brock, que ele deixou de escanteio na maior parte da temporada, voltaram a aparecer; e *Rage* foi substituído por *Sonic* num espaço que virou casa de família, um refúgio do mundo lá fora. Aliás, Jesse está resoluto em manter sua casa em boas condições e expulsa Walt e suas tentativas patéticas de manipulá-lo para salvar a vida dele. Jesse saiu das trevas renovado, e tudo que aconteceu nessa temporada serviu apenas para deixá-lo mais forte, independente e confiante. Ele passou a ter uma existência que é só sua, e deixa Walt de fato sozinho. Finalmente compreendendo a realidade, Walt toma a decisão fatídica e todas as mentiras, suposições e omissões entre ele e Skyler voltam-se contra os dois da forma mais letal que há. Walt está encurralado. Encurralado na vida nova que deveria libertar ele e sua família, tanto quanto estava encurralado na sua

vida anterior – e é tudo culpa sua. Quando a realidade da situação atinge-o como uma tonelada de sacos de dinheiro, Walt ri e chora como um maníaco, deitado de costas no vão sob a casa. A cena final do episódio, incrível como ela só, simboliza tudo isso: a câmera sobe e vai subindo cada vez mais, e o alçapão que emoldura Walt parece cada vez menor.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

SKYLER: “O único motivo para estarmos nessa bagunça é que você me mandou ajeitar seus livros-caixa. Quando é que ‘fazer coisa errada’ virou problema pra você?”

### **PERCEBEU?**

- Héctor ainda recusa-se a olhar para Gus.
- O contato que Saul tem para “sumir do mapa”, já mencionado em “Bullet Points”, agora entra em cena.
- O problema que Ted realmente tem com o dinheiro de Sky não é o fato de ele ser sujo, mas de não ser o bastante.
- Ted tropeça no tapete no início do episódio, o que arma sua queda desastrosa mais adiante.
- A areia do deserto e a poeira no vão de Walt parecem quase a mesma coisa.
- Quando Gus vem visitá-lo, Héctor está assistindo *Ponte Sobre o Rio Kwai* (*The Bridge on the River Kwai*, 1957), filme em cujo clímax Alec Guinness sacrifica-se para explodir a ponte que criou com tanto ardor.

### **GRAVANDO!**

- Há vários planos abertos do deserto em “Crawl Space”, que já são marca do seriado: na pré-créditos, quando Jesse vem dirigindo à toda até o hospital improvisado, quando ele e Gus iniciam a caminhada de volta aos EUA, e quando Walt fica sozinho no deserto após a “entrevista demissionária” com Gus.

- O campo/contra-campo em close aparece na conversa entre Gus e Héctor, e mais uma vez as sutilezas nas expressões faciais de Giancarlo Esposito e Mark Margolis dominam a cena.
- O manuseio intrincado da câmera na cena final é belíssimo, sendo que o ponto de vista varia de Walt olhando para cima, para a saída do vão, para o mundo da vida e da luz acima, à perspectiva em plongée de um Walt que parece sepultado, emoldurado pela entrada do alçapão. O truque de perspectiva de erguer a câmera muito além do teto real da sala, mantendo as paredes, volta a ser usado aqui com um resultado tremendo.

**TITULAÇÃO** “Crawl Space” (“Vão”) refere-se não apenas ao vão literal sob a casa dos White no final do episódio, mas ao alcance cada vez mais limitado das ações de Walt.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **“MACHO” CAMACHO**

Hank faz referência ao boxeador porto-riquenho “Macho” Camacho enquanto ele e Walt estão de tocaia na granja. Nascido Héctor Luís Camacho Matías em 1962, Camacho foi um boxeador conhecido tanto pelo estilo extravagante quanto pela agilidade devastadora no ringue. Ele ganhou grandes campeonatos em três categorias: superpena (até 59 kg), peso leve (61 kg) e meio-médio-leve (63 kg). Também ganhou títulos menores em quatro outras categorias de peso, o que o torna o primeiro boxeador a ser reconhecido como heptacampeão. Em 1997, Camacho levou Sugar Ray Leonard a nocaute em cinco rounds, uma contenda que fez Leonard aposentar-se em definitivo.

Nova-iorquino de longa data (a mãe dele mudou-se para a cidade quando Camacho tinha apenas três anos), Camacho também era famoso em Porto Rico, e costumava aparecer em programas e especiais de TV em rede nacional. Depois da aposentadoria, Camacho teve desencontros com a lei e problemas

com uso de drogas. Em 20 de novembro de 2012 (após a exibição desse episódio), ele levou um tiro enquanto estava dentro de um carro estacionado na frente de um bar em sua antiga cidade natal, Bayamón, Porto Rico, numa ofensiva que matou seu motorista. Nove saquinhos de cocaína foram encontrados no bolso do motorista e outro estava aberto dentro do carro. Após vários dias no hospital, desligaram-se os aparelhos de Camacho e ele sofreu uma parada cardíaca; sua morte foi oficializada em 24 de novembro. Até hoje ninguém foi acusado do crime.

### **AMULETOS CONTRA OLHO GORDO**

Gus reivindica o colar de Don Eladio após o banho de sangue na hacienda e mostra animadamente seu troféu macabro para Héctor Salamanca, que ainda se recusa a olhar para Gus. Os olhos têm uma importância evidente aqui. Se Don Eladio realmente acreditava que o amuleto lhe protegia é uma questão que fica em aberto; contudo, pessoas de várias culturas usam ou carregam consigo amuletos da sorte, da forma que for, para deixar os infortúnios à distância. O termo “olho gordo” (“*mal ojo*” no espanhol) não é bem apropriado. A crença é de que a pessoa que não tem necessariamente intento maligno pode ferir você, sua propriedade, seus filhos, etc. simplesmente por olhar com inveja para essas pessoas ou coisas. É claro que Don Eladio quer proteger o que é seu, e seu amuleto em forma de olho é um símbolo de proteção bastante comum.

Os amuletos para desviar o olho gordo são chamados de talismãs “apotropaicos” (literalmente “que se viram para o outro lado”) e são encontrados em culturas diversas há milênios. A Bíblia faz diversas menções ao perigo do olho gordo. Entre esses talismãs estão: miniespelhos costurados ao tecido para refletir o olho gordo contra quem olha (Índia); um amuleto que tem o formato de um chifre comprido e retorcido (Sicília); uma continha azul ou turquesa pintada, que parece um olho e geralmente é usada como colar (Turquia); e sementes em forma de olho amarradas ao corpo com fios ou fitas (México).



## End Times

**Data de exibição original:** 2 de outubro de 2011

**Roteiro:** Thomas Schnauz, Moira Walley-Beckett

**Direção:** Vince Gilligan

“Eu fiz minhas opções. Ouçam bem: só eu deveria sofrer as consequências das minhas opções, e essas consequências... elas estão chegando.” — Walter White

*Enquanto as coisas começam a desmoronar, Walt e Jesse acabam unindo-se novamente na tentativa final de matar Gus.*

A pré-créditos de “End Times” começa com o mesmo efeito sonoro – similar a um inseto – que estava de fundo nas cenas finais de “Crawl Space”, e imediatamente engrena a tensão a ponto de bala. O que não ajuda é o fato de o DEA e o pessoal de Gus Fring dirigirem as mesmas caminhonetes pretas. Walt está certo de que é o verdadeiro alvo de Gus, e que se ele se entocar na casa de Hank e Marie com proteção do DEA, só vai colocar toda a família em perigo. O raciocínio de Walt está um pouco enevoado, pois ele não é todo o perigo que acha. Afinal, Gus já lhe disse que vai esperar a hora certa para lidar com ele, e ameaçou sua família inteira caso interferisse nos planos de eliminar Hank, cuja investigação sobre o negócio de Gus atualmente é ameaça maior que a do ex-cozinheiro. Nesse momento, a investigação agressiva de Hank começa a atrapalhar as operações, e é algo que precisa se encerrar. É óbvio que Walt está na lista de Gus, mas está mais abaixo do que acredita estar.

Contudo, em “End Times” Walt consegue o espaço de manobra que precisa para tornar-se um perigo real para Gus, em grande parte porque consegue restaurar sua aliança com Jesse. Numa

cena incrivelmente intensa, Bryan Cranston e Aaron Paul demonstram por que são dois dos maiores atores dessa geração: Jesse está mais do que disposto a mandar Walt para o inferno e Walt igualmente está desesperado para convencer Jesse de que não teve nada a ver com o envenenamento de Brock, e Gus provavelmente sim. O embate final entre os dois extremos termina com Jesse com revólver apontado para a testa de Walt, e o próprio Walt puxando o cano para sua cabeça, tão forte que se vê a impressão do bocal da arma na testa. Esse aspecto físico, intenso e dolorido é um trabalho fatigante para um ator, e a intensidade das atuações de Cranston e Paul nessa cena é fenomenal.



(DAVID GABBER/PR PHOTOS)



“End Times” também traz Walt recorrendo, pela primeira vez na quarta temporada, a seu conhecimento e suas habilidades científicas para tentar fugir da situação que ele mesmo criou: ele cons-trói uma bomba caseira. Parece que Walt finalmente está de volta à jogada, mas seu gênio lhe falta. Faz 20 anos que Gustavo Fring trava uma guerra longa e paciente com um cartel das drogas mexicano implacável. Em todo esse tempo, provavelmente não houve um dia em que sua vida não esteve pelo menos teoricamente em perigo. Ainda assim, Gus não só sobreviveu, mas prosperou. A serenidade meticulosa que Giancarlo Esposito concede ao papel de Gus volta a evidenciar-se quando ele tira um tempo para parar e ouvir. Gus desenvolveu um instinto de sobrevivência refinado e não vai ignorar sua habilidade tão preciosa quando o alerta começa a soar. Gus não *sabe* que algo está errado – ele não tem como saber que Walt o está observando a centenas de metros dali – mas, de alguma forma, sente que as coisas não estão como deviam. Ao virar-se e ir embora, seus guardas não dizem uma palavra. Eles não o questionam. Simplesmente seguem-no.

“End Times” é uma obra-prima do anticlímax fatigante. Deixando de lado um interlúdio na piscina de Walt onde ele parece contemplar o suicídio, o ritmo é frenético e a tensão constantemente apertada rumo ao embate final... que simplesmente não acontece. Hank está cada vez chegando mais perto, Brock foi envenenado, Jesse e Walt voltaram a trabalhar juntos, e Gus está sempre arquitetando, sempre planejando, assim como Walter White. Ao fim, contudo, o espectador fica pendente quando a melhor chance de Walt passa batida e Gus calmamente vai embora, sem que nada se resolva. A pressão que “End Times” imprime ao final de temporada torna-se enorme, e Gilligan & Cia. não vão decepcionar.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

## **ALTA VALÊNCIA**

SAUL: “Peitinhos de Mel’: Eu acho carinhoso.”

### **PERCEBEU?**

- Mesmo incapacitado e em casa, Hank consegue manipular Gomez a incrementar a investigação sobre o caso de Gus.
- Quando Gus vai embora, os óculos de Walt são empurrados até sua testa, de forma que ele não consegue enxergar sem os binóculos. É um belo simbolismo, pois a visão de Walt está muitas vezes mais prejudicada do que a necessidade de usar lentes corretivas. Walt reage às coisas mais do que age para provocá-las, por isso fica tantas vezes um passo atrás dos outros.
- Quando Walt gira sua 38 cano curto ao lado da piscina, toca ao fundo “We Are Born When We Die” (“Nascemos Quando Morremos”), de Apollo Sunshine, música que faz referência aos pensamentos aparentemente suicidas de Walt e talvez algo mais.

### **GRAVANDO!**

- Quando Jesse defronta Walt na sala de estar deste, todas as cortinas estão fechadas, o que faz o lugar ficar pura sombra, quase uma caverna. É uma ambientação claustrofóbica, perfeita para as trevas entre os dois homens, e que lembra a “Alegoria da Caverna” de Platão. O escritório de Saul também é fechado e cortinado, criando outra caverna.
- A fotografia time-lapse volta a ser usada para mostrar a noite que Jesse passa no hospital.
- O enquadramento de Andrea, a mãe dela e de Brock pelas portas da UTI é feito com cuidado, e Brock parece minúsculo na imensa cama de hospital, o que enfatiza tanto sua inocência quanto sua fragilidade.
- A iluminação na capela do hospital para o encontro de Jesse com Gus é incrível. As luminárias enfocam a luz para baixo, o que dá ao recinto faixas alternantes de luz e

trevas, com uma cruz negra iluminada do alto para baixo que parece um mau agouro. Na mesma cena, Gus, Jesse e Tyrus são vistos com metade dos rostos à sombra e metade à luz, e Gus e Jesse são iluminados como opostos, ficando o lado esquerdo do rosto de Jesse nas trevas e o lado direito do rosto de Gus igualmente sombreado.

**TITULAÇÃO** "End Times" ("Fim dos Tempos") Saul diz a Jesse que "o fim dos tempos está chegando", e o episódio inteiro é carregado nessa sensação de que tudo está prestes a ser aniquilado.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **BOMBAS CASEIRAS DETONADAS POR CELULAR**

Walt põe o seu conhecimento científico para funcionar nesse episódio quando monta uma bomba caseira que se utiliza de um celular e um detonador por controle remoto. E funcionaria? Resposta rápida: sem dúvida. Nos recônditos mais obscuros da internet encontram-se todas as instruções para fazer essa coisinha do mal. Embora esses sites afirmem que seja um jeito muito legal de, digamos, soltar fogos de artifício de distância segura, pode apostar que nem todos os internautas que cruzam esses sites querem apenas soltar rojões.



## Face Off

**Data de exibição original:** 9 de outubro de 20118

**Roteiro:** Vince Gilligan

**Direção:** Vince Gilligan

“Eu venci.” — Walter White

*Walt improvisa seu plano B com um aliado inesperado. Jesse é interrogado pela polícia.*

“Face Off” começa poucos minutos após os momentos finais e enervantes de “End Times”. Gus sabe que algo está errado, mas antes que Walt e Jesse tenham tempo de conceber outra investida, Jesse é chamado para um interrogatório pela polícia de Albuquerque a respeito de seus conhecimentos tão aprofundados sobre ricina. É o que arma uma das cenas mais brilhantes e engraçadas de todo o seriado, quando Walt confronta a secretária sofrida de Saul, Francesca (Tina Parker), e leva uma das descascadas mais intensas de sua vida – por parte da mulher que sempre aguentou as malandragens de Saul e que agora está encarando o desemprego porque o chefe fugiu da cidade em razão do atoleiro criado por Walt e Jesse.

Francesca não é o único “dano colateral” de Walt. Já tivemos o gentil zelador Hugo, que foi preso e perdeu o emprego por causa de Walt; Elliott e Gretchen Schwartz, que se viram enredados no jogo distorcido das mentiras de Walt; No-Doze, abatido para servir à cobiça de Walt e Jesse; Bogdan, forçado a vender o negócio que levou 20 anos para criar, etc. Walt e Jesse vêm deixando marcas nas vidas de quase todos que conheceram. Se se somar a morte e o caos que eles continuam a provocar entre as pessoas de quem

são realmente próximas, parece que os homens são o desastre em pessoa. Francesca é um forte lembrete ao espectador de que o que Walt e Jesse fazem tem efeitos maiores e que vão muito além do que se costuma ver de semana em semana.

Apesar da interação, as atitudes de Walt em "Face Off" não serão nada diferentes. Aliás, esse episódio talvez marque a maior das pedras que Walt já jogou no lago das causas e efeitos. Ainda assim, de certa forma, Walt torna-se quase um personagem secundário quando seu plano para matar Gus descortina-se, e o cerne da trama mais uma vez muda para o relacionamento principal da quarta temporada: Gustavo Fring e Héctor Salamanca. É impossível exagerar mais uma vez a maestria de Mark Margolis no papel de Héctor. Apesar da gama limitada de movimentos e expressões, Margolis faz o velho Héctor ter uma eloquência feroz que nunca deixa de provocar fascínio. A cena final entre Héctor e Gus é outro estudo da sutileza: os dois tão controlados, tão poderosos. Há 20 anos Gus planeja essa vingança, e garantiu por conta própria que Héctor soubesse exatamente o que vem acontecendo e quem é o responsável por tudo. Pior ainda, Gus *vangloriou-se* de sua vitória, jogando álcool nas feridas de Héctor ao supervisionar a eliminação de toda a família do idoso. Héctor, aprisionado a uma cadeira de rodas e a um corpo que se recusa a responder à mente afiada, está indefeso diante de tudo e o único ato de desafio do qual é capaz é recusar-se a reconhecer a presença de Gus olhando para outro lado. Até o fim. Numa das cenas mais memoráveis da história da televisão, quando Gus está prestes a acabar com ele de uma vez por todas, Héctor olha-o nos olhos, algo que evitou aguerridamente a temporada inteira. De início seus olhos têm tristeza e pena, mas isso some repentinamente até tornar-se uma expressão tão cheia de raiva e ódio que ruge mesmo no silêncio de Héctor. O final dessa grande vingança entre os dois homens é decididamente explosivo. Gilligan & Cia. talvez tenham elaborado a morte mais fantástica da história da TV. Respeitável até o fim, Gus ajeita a gravata antes de deixar sua morada mortal.

Após a destruição incendiária do superlaboratório, que é feita sem um arremedo da nostalgia que Walt e Jesse demonstraram ao destruir o motor-home em "Sunset", Walt resta triunfante e independente e às verdadeiras profundezas de devassidão. O ser maligno que ele optou ser finalmente se revela nos últimos frames do episódio. Walt tornou-se uma criatura disposta a envenenar, até mesmo matar, crianças para servir a seus fins, manipular gente e salvar a própria pele. Aqui, no final da quarta temporada, Walt de fato e essencialmente chutou o balde, e não há mais volta. Jesse, contudo, agora tem a oportunidade de livrar-se de tudo e de construir algo próximo da vida "normal" com Andrea e Brock – pelo menos em potencial. Para Skyler, a vida ficou ainda mais complicada e assustadora, agora que sabe que é casada com um assassino e possível cúmplice de assassinato ao forçar Ted a pagar sua dívida. Também foi provado que Hank estava certo – mas a morte de Gustavo Fring e a destruição da lavanderia levantam mais perguntas do que respostas, o que lhe rende mais trabalho. Seja lá o que acontecer, a quinta temporada promete ser um negócio dos infernos.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

HÉCTOR: "C – H – U – P – E – M . . ."

### **PERCEBEU?**

- Walt não hesita em enviar a vizinha semi-inválida (interpretada pela mãe de Vince Gilligan) à sua casa para fazer os assassinos saírem, ou ser morta.
- Walt volta a tossir depois de toda sua correria no início do episódio.
- O nome do asilo de Héctor é Casa Tranquila.
- A piscadela final de Héctor para Hank quando as portas do elevador se fecham na sede do DEA.
- Há uma foto emoldurada na sala de Héctor que mostra os primos Salamanca quando bebês nos joelhos do jovem

Héctor, e Tuco pré-adolescente de pé ao lado deles. O amuleto de Don Eladio contra olho gordo está caído sobre o porta-retratos.

- A sineta de Héctor, que até esse momento no seriado sempre foi pura e ressoante, é abafada pela sua ligação com os explosivos.
- O quarto de Héctor em Casa Tranquila é o número 303, o que remonta a "I.F.T." (episódio 3.03), no qual Héctor e Gus ficam face a face pela primeira vez no seriado.
- O rosto metade normal, metade destruído de Gus lembra o ursinho de pelúcia meio calcinado da segunda temporada, inclusive no olho faltando.

### **GRAVANDO!**

- São utilizados close-ups para enfatizar objetos como a bomba no carro e a foto com o colar de Don Eladio na sala de Héctor, e volta-se a utilizar campo e contracampo entre Gus e Héctor durante o confronto final dos dois.
- O episódio é tingido de humor, o que inclui o plano adorável de Walt na saliência de fora da janela de Héctor e a idosa simpática demais no quarto ao lado, única que consegue enxergá-lo.
- O plano do corpo ambulante de Gus é feito com muito cuidado. Ao começar pelo lado esquerdo de Gus, tem-se a impressão de que ele sobreviveu miraculosamente sem ferimentos. No entanto, isso é desmentido pela expressão de horror dos rostos das enfermeiras quando elas param repentinamente ao vê-lo. Quando a câmera faz uma panorâmica em torno dele, o espectador fica diante da imagem icônica do semirrosto de Gus arrumando a gravata. É uma combinação requintada de câmera, maquiagem e efeitos especiais.
- Quando finalmente revela-se o primeiro plano de Gus, atrás dele, no quarto incendiado, há restos humanos carbonizados caindo pegajosamente do teto.

- A destruição do superlaboratório inclui uma abundância de câmeras subjetivas estilo *Breaking Bad*.
- Quando Walt e Jesse destroem o superlaboratório, as guitarras de fundo são de "Freestyle" ("Estilo Livre"), dos Taalbi Brothers.
- A música que cresce quando se revela o lírio dos vales na floreira de Walt é "Black" ("Preto", interpretado por Norah Jones), por Danger Mouse e Danielle Luppi.

**TITULAÇÃO** Fora a alusão óbvia ao fim tenebroso de Gus, "Face Off" ("Cara a Cara") refere-se a diversos confrontos no episódio: Jesse e a polícia, Walt e Francesca, Jesse e os soldados de Gus, Walt e Gus, Gus e Héctor, Marie e Hank, e Hank e Héctor, para ficar somente com alguns exemplos.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **LÍRIO DOS VALES**

Envenenamento por lírio dos vales? Pois é, a doce florzinha que é preferência das noivas de maio tem seu ferrão. Diz a lenda que a planta brotou das lágrimas de Eva quando ela e Adão foram expulsos do Jardim do Éden. A ideia é apropriada, pois as ações de Walt de certo marcam um ponto sem volta para seus dias pré-metanfetamina. Os vitorianos vinculavam todo tipo de significado benevolente ao lírio dos vales, incluindo pureza de coração, humildade, boa sorte no amor e a volta da felicidade. Apesar de tudo isso, a verdade é que cada pedacinho da planta – hastes, flores, frutos e folhas – são extremamente tóxicos. Ingerir lírio dos vales pode causar visão turva, coceira, dores de cabeça, vômitos, delírio e alterações repentinas no ritmo cardíaco. O tratamento envolve assistência respiratória, líquidos intravenosos e quem sabe até a inserção de um marca-passo temporário para controlar o ritmo cardíaco. E ainda assim você tem chance de morrer.

Walt está ciente de *todos esses efeitos*.





**O VÍCIO MATA**  
(QUARTA TEMPORADA)

**MORTOS**

Gus: 12 (Victor, Don Eladio e 10 capos de Don Eladio)

Jesse: 1 (Joaquin Salamanca)

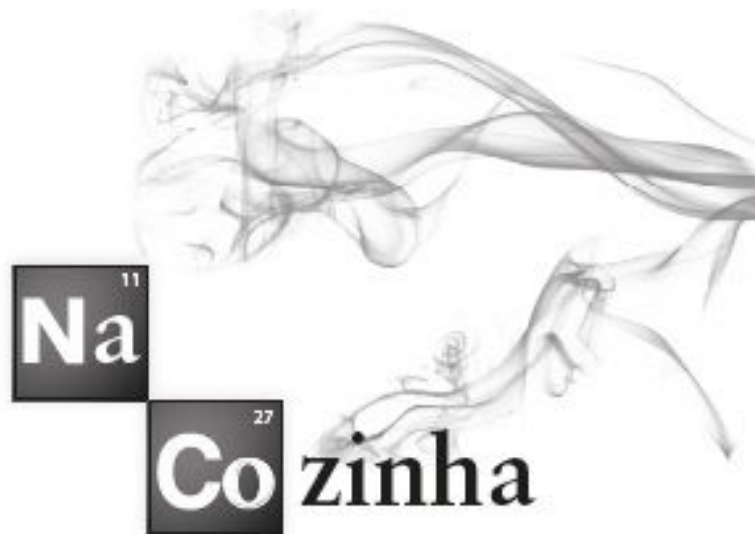
Walt/Héctor Salamanca: 3 (Gus, Héctor e Tyrus)

Mike: 1 (Gaff)

Gaff: 4 (motorista do caminhão da Los Pollos, 2 guardas e o funcionário de Gus na fazenda)

**FERIDOS**

Walt: (por Mike e Jesse)



## **CASA PRÓPRIA** OS LUGARES EM *BREAKING BAD*

Por ser um seriado que se apoia fortemente na história e na memória para construir narrativa, *Breaking Bad* utiliza como estrutura um dos elementos mais fundamentais da existência humana: nossa capacidade de criar, propositalmente, lugares que possuem significado. A lista de lugares criados em *Breaking Bad* é longa demais para podermos dar conta de tudo, de forma que a casa de Jesse, o motor-home, o superlaboratório e o último laboratório (móvel) de Walt são os únicos exemplos dos quais vamos tratar aqui. O conceito de "lugar" e "espaço" que utilizamos são baseados nas teorias da geografia humanista. Os geógrafos humanistas buscam perceber uma ideia de lugar como algo universal à experiência humana no mundo cotidiano. Para tanto, pesquisadores voltam-se para a filosofia fenomenológica e existencialista a fim de criar uma teoria que se apoie nas experiências humanas subjetivas para atribuir significado aos

lugares. O processo intencional de imbuir significado a um lugar específico é visto como algo inerente à experiência humana no mundo, e o relacionamento entre experiência humana e lugar está condensado em emoções comuns como “transformar a casa em lar” ou “foi aqui que eu cresci”. Em resumo, é o que fazemos ali e as experiências que tivemos que fazem aquele lugar nos ter significado.

De todos os lugares que passam pela experiência do ser humano, a casa talvez seja o mais significativo. E isso pode ser uma verdade muito forte para Jesse Pinkman e a casa na Margo Street nº 9809. Na primeira temporada, a casa de Jesse é um lugar imbuído da história de vida de sua Tia Ginny, a batalha que ela teve contra o câncer e seu relacionamento com Jesse, o qual ela aparentemente abrigou quando os pais mandaram-no embora de casa por causa das drogas. Embora na primeira e na segunda temporadas Jesse considere aquele lugar sua casa, na verdade predominam a memória e a história de sua tia. A decoração é escura, feminina, com florais; há enfeites delicados sobre as estantes, guardanapos de crochê sobre os móveis. Embora Jesse habite mais a casa do que quando sua tia estava viva, mesmo em seu quarto no andar de cima a presença dele ainda é mínima, e fica praticamente confinada a algumas posses jogadas sobre a estrutura criada por sua tia, que ainda resiste. A casa, portanto, está em estado de transição. Jesse mora lá da mesma forma que quando a Tia Ginny estava viva, mas só aos poucos cria uma história e significado à parte do que tinha compartilhado com ela. Jesse ainda não conseguiu transformar o lugar de sua tia em seu lugar.

A ideia de “lar” geralmente associa-se a significados profundos: segurança, descanso e conforto. No caso de Jesse, essa ideia de lar surge a partir da experiência do amor da tia. O fato de Jesse não ter nem tentado mexer na decoração é evidência do desejo de querer lembrar-se de Ginny, e manter o lar do mesmo jeito de quando ela estava viva, com as associações que já existem para a segurança e a proteção. Todavia, as atividades criminosas de Walt e Jesse progressivamente usurpam suas vidas pessoais e privadas,

um dos grandes temas de *Breaking Bad*, e esse domínio crescente geralmente é visto a partir da intromissão de suas desventuras pela ilegalidade nas casas que têm.

A morte de Krazy-8, o desastre ao tentarem dissolver o corpo de Emílio e o odor de peixaria que resulta do processamento de metilamina transformam a essência do lar de Jesse, e o que começou no porão passa à área principal da casa. Os danos à estrutura combinam-se ao cheiro forte e tornam a casa de Jesse invendável, deixando-a parcialmente aniquilada. As lembranças de sua tia e de sua vida antes de Walt estão sendo apagadas por esses novos fatos, que alteram drasticamente a experiência que Jesse tem de lugar em seu próprio lar. Aliás, o seriado reforça essas memórias com o progredir da trama. Em "A No-Rough-Stuff-Type Deal", a câmera demora-se no poste estrutural, vazio e banhado pelo sol, no porão de Jesse – o ponto onde Krazy-8 morreu. Depois, em "Down", a scooter de Jesse é roubada apesar de estar protegida pelo mesmo cadeado de aço que ele e Walt usaram no pescoço de Krazy-8. Nos dois casos, o espectador é lembrado imediatamente quanto ao que aconteceu no porão de Jesse sem a necessidade de mais explicações fora o foco da lente. Além disso, o laboratório que Jesse e Walter montam no porão é a causa imediata do despejo de Jesse na segunda temporada, que parte de seus próprios pais. É uma forma de reforçar as memórias desses fatos no porão, e imbuir o lugar em si com história e significado que superam o mundo diegético do seriado até tornarem-se parte da história experiencial do público com aquele lugar, como uma memória social. Os porões assim tornam-se lugar de morte e perigo tanto para os personagens quanto para o espectador.

Quando Jesse acaba comprando a casa com a ajuda de Saul Goodman, todos os traços dele, da tia e até das desventuras com Walt foram removidos, incluindo móveis, souvenirs, obras de arte, eletrodomésticos e bancadas. Até as paredes ganharam uma pintura uniforme branca, típica de casa para alugar. À visão de todos, com exceção de Jesse (talvez Walt), a casa da Margo Street deixou de ser um lugar e virou um espaço vazio, que Jesse parece

não ter pressa em preencher. De início, as únicas posses dele são roupas, um saco de dormir e praticamente mais nada. Depois aparece um arremedo de mobília: um futon, uma mesa de café com tampo de vidro e um pufe. Jesse está reclamando o espaço para si, mas aparentemente resiste em torná-lo lugar de intimidade. Isso porque, durante a terceira temporada, Jesse fica muito fora de lugar, e resiste à ideia de ter um lar, um lugar de pertença no mundo. Incapaz de encontrar refúgio e conforto no seu lar como lugar privado, Jesse destrói parcialmente os limites entre dentro e fora, privado e público, transformando sua sala de estar numa festa frenética, contínua e movida a drogas, onde pessoas entram e saem a seu bel-prazer e a qualquer hora. Com o prosseguir desse ciclo, o estado psicológico de Jesse de estar fora de lugar, de ter transgredido, ganha expressão física quando as paredes da sala de estar vão ficando sujas e cobertas de grafite. Restos de pizza e embalagens de fast-food misturam-se a bitucas de cigarro, sangue e roupas – a casa de Jesse fica tão poluída quanto o mundo externo, assim como o próprio Jesse. Ao abandonar o espaço para as forças externas, Jesse não está dando as costas à ideia de lar como lugar de recuo e refúgio. Na verdade, Jesse está procurando recuo e refúgio *no* barulho e *na* movimentação sem fim.

Quando Jesse começa a recuperar-se de sua espiral do declínio, seu estado psicológico volta a refletir-se no esforço de recobrar a casa das forças que ele mesmo convidou a entrar. O brilhante episódio “Problem Dog” abre com Jesse começando a limpar a casa, e a seguir ele está cuidadosamente repintando as paredes da sala de estar. Com simbolismo bem escolhido, o grafite ainda deixa transpassar a primeira mão de tinta, lembrando que aquele momento agora também é parte indelével do histórico do lugar. Ao literalmente botar ordem na casa, Jesse também restaura a ordem dentro de si e da sua vida. Em “Bug”, o clímax do processo acontece com um confronto violento na sala de estar de Jesse, no qual este investe brutalmente contra Walt e diz a ele: “Cai fora daqui e não volta nunca mais.”. Depois dessa exigência, a casa de Jesse volta a ser um lugar cujo acesso ele controla, e que fica

claramente à parte do mundo externo. Na quinta temporada, Jesse mais uma vez encontrou seu lugar, e, pela primeira vez desde a primeira temporada, seu lar voltou ao estado tradicional de local de descanso e conforto, embora ele ainda não consiga fugir da realidade da vida lá fora.

Walt, por outro lado, nunca parece estar à vontade na sua casa da Negra Arroyo Lane (ou Alameda Arroio Negro) nº 308. Talvez o problema seja que, pelo menos durante o seriado, os únicos lugares em que Walt chega a sentir-se totalmente em casa, totalmente seguro e totalmente autoconfiante correspondem à sequência de laboratórios de fabricação de drogas que ele comanda. Desde a primeira cozinha no motor-home, Walt deixa claro que, no laboratório, quem está no comando é ele e que Jesse só está lá para obedecer suas regras. O laboratório é fundamentalmente o lugar de Walt, pois ele dominou seus mistérios em profundidade maior do que talvez qualquer pessoa no país. Parece que é aos laboratórios que Walt dedica a maior atenção e maior carinho. A insistência ferrenha de Walt em respeitar a química e os procedimentos laboratoriais, assim como sua precisão obsessiva nas receitas, demonstra um interesse profundo pelo laboratório de química como lugar particular e pela sua própria autoimagem como cientista profissional. Durante sua vida, o laboratório de metanfetamina é o único lugar em que Walt sempre se sobressai, onde ele está em seu máximo. Embora esteja perdendo esposa e filhos, emprego e tudo mais que já lhe foi importante, no laboratório Walter White permanece no controle e no comando.

Walt monta sua primeira cozinha por conta própria ao converter um motor-home Fleetwood Bounder 1986 em laboratório sobre rodas. O motor-home talvez tenha tornado-se o símbolo mais icônico de *Breaking Bad*, e nas três primeiras temporadas assume tal importância que pode ser considerado um personagem por si só. Em termos de lugar, contudo, o motor-home é um estudo complicado. Ele é inerentemente móvel, mas também inclui elementos essenciais de lar e de permanência. Embora se movimente pelo mundo externo, ele ainda é um abrigo, ainda é

um dentro para quem está lá. O veículo é projetado para permitir a realização de todas as experiências humanas básicas, que incluem dormir, comer, eliminar e socializar. Embora um quarto de hotel seja espaço similar, o motor-home é propriedade privada, literalmente o lugar do proprietário, e geralmente imbuído da memória enraizada de várias posses pessoais e as experiências compartilhadas nelas. Esse aparente paradoxo é demonstrado com humor quando Hank tenta entrar e revistar a Nave do Cristal em "Sunset", e é frustrado pela rocambolesca pendenga jurídica quanto ao motor-home ser veículo ou domicílio. Para Walt e Jesse, o motor-home torna-se um lugar de significado e carinho, onde o relacionamento dos dois se forma e se solidifica. Em "4 Days Out", vira lar temporário, abrigo do frio noturno do deserto e cenário para intimidade profunda diante da morte e de encontrar uma saída da situação perigosa juntos. Quando o motor-home é destruído em "Sunset", o veículo torna-se lugar importante para os dois homens. Walt chega a dar-se um instante para acariciar o equipamento nos fundos da Nave do Cristal, sorrindo de leve, ato que é espelhado em "Felina" quando ele dedica seu último suspiro a dizer adeus ao último laboratório.

O segundo laboratório do seriado, o superlaboratório criado por Gustavo Fring, inicialmente parece ser o sonho realizado de Walter, enfatizado pela cena em "Más" na qual ele explora o lugar seguindo a melodia estilo Disney de "Timetakesthetimetakes", composta por Peder. O chão vermelho-balinha, o equipamento de aço inoxidável reluzente, e o deslumbre infantil de Walt enquanto explora o lugar combinam-se para dar um ar onírico ao superlaboratório. O problema desse lugar das maravilhas – pelo menos para Walt – é que, em última análise, ele pertence a Gus. De início, o superlaboratório parece ser lugar de Walt, pois Gus lhe dá uma liberdade tremenda em termos de horários de trabalho, e mesmo na hora de substituir o superqualificadíssimo Gale por Jesse, apesar do histórico de vício e comportamento inconstante do último. No episódio "Fly", contudo, o conceito de Walt quanto ao superlaboratório como seu lugar começa a se alterar. Sofrendo uma espécie de minicolapso agravado pela falta de sono, Walt fica

obcecado em destruir uma mosca doméstica que conseguiu entrar no laboratório. Referindo-se ao inseto como “contaminante”, Walt tenta desesperadamente remover a mosca do superlaboratório e assim restaurar a higiene e a ordem ao lugar como símbolo de sua vida e ambição, as duas coisas das quais ele começa a perder o controle. A jornada mata-moscas acaba sendo exitosa, mas, em sentido mais amplo, o empenho de Walt é totalmente fútil, pois, em se tratando de seu próprio mundo e seu lugar neste mundo, “tudo está contaminado”. O superlaboratório tornou-se uma armadilha para Walt, uma prisão que ele mesmo construiu.

Quando Walt mata dois traficantes de Gus, perde o controle sobre o superlaboratório. Gale retorna, trazendo consigo os capangas de Gus, que agora ficam de olho em Walt. Depois do assassinato de Gale em “Full Measure”, e da cooptação de Jesse por Gus e Mike na quarta temporada, não há mais como considerar o superlaboratório espaço de Walt, e cada vez mais ele sente-se fora de lugar lá dentro. Sua presença ali se tornou, sobretudo, uma transgressão, pois ele está inserindo-se no lugar de outro; ela só é tolerada porque ele continua sendo minimamente útil para Gus. Quando chegamos a “Face Off”, Jesse também tornou-se prisioneiro do superlaboratório e em uma cena se vê literalmente acorrentado ao lugar, mais um momento que pressagia sua sina nas mãos de Todd na quinta temporada. Embora o superlaboratório tenha se tornado lugar tão central à trama quanto o motor-home, sua destruição é muito diferente – nem Walt nem Jesse demonstram dúvida ou remorso. Dessa vez, Walt e Jesse estão destruindo um lugar que assumiu significados totalmente negativos e agem para livrar-se não só do domínio de Gus, mas da sensação de estarem fora de lugar e fora de controle.

Na jogada seguinte, Walt dá um jeito de manter o máximo de controle sobre seu novo laboratório e sobre quem terá lugar nele. De fato, até ele aposentar-se e deixar que o laboratório passe às mãos de Lydia, Todd e os neonazistas, o controle que Walt tem sobre o laboratório móvel projetado por ele e Jesse é quase total. Dessa vez Walt *decide* ser transgressor, utilizando o disfarce da



tenda de fumigação da Vamanos Pragas para armar seu laboratório dentro da casa dos outros. Walt e Jesse tornaram-se invasores de fato, que violam os lugares íntimos de pessoas que nem conhecem. A natureza invasiva da nova operação de Walt e Jesse é enfatizada de forma clara e aterrorizante nos sons de crianças brincando perto da casa enquanto o gás tóxico da primeira fornada sai pela vizinhança e o vento carrega-o até um quintal cheio de brinquedos e balanços. O laboratório não se distancia dos lugares cotidianos dos inocentes. Walt e Jesse não estão mais cozinhando no deserto, nem no subterrâneo, mas bem no meio de bairros residenciais. Essa transgressão não se dá somente contra o lugar pessoal, mas também contra o espaço social e ampliado da vida ordenada. A questão é que Walt parece absolutamente à vontade nesse novo laboratório e em seu papel como invasor. Enquanto vemos Walt, Jesse e depois Todd fazendo um lanchinho sentados nos móveis e assistindo à televisão nas casas dos clientes insuspeitos, evidencia-se que, aos olhos de Walt, o laboratório agora é de fato seu lar, e o fato que ele está sempre mudando de endereço é irrelevante. Onde quer que o laboratório esteja, aquele lugar é um lar, o lar de *Walt*, e os verdadeiros donos do lugar, assim como os significados que as pessoas atribuem a ele, não têm importância. Este talvez seja o ato máximo de transgressão espacial: roubar o lugar de outro.

Por fim, ao final da quinta temporada, o laboratório que já foi móvel voltou a ser estacionário, uma espécie de superlaboratório de liquidação dentro do complexo do Tio Jack. Para Jesse, o laboratório torna-se um lugar de tormento, de tortura, de prisão e trabalho escravo, pois Todd e os neonazistas conseguem fazer o que Gus não conseguia, e mantém-no acorrentado e cozinhando como eles bem entendem. Para Jesse, o laboratório passa de fonte potencial de lucro e tranquilidade com a lei a lugar de subjugação e impotência total. Por fim, ele é o único libertado pelos atos de Walt, a pessoa de quem Jesse talvez tenha mais ódio que de Todd. Para Walt, contudo, o laboratório é uma última volta para casa antes da morte, sendo o reflexo de seu sorriso a última coisa que vê na Terra. Com tudo e todos perdidos para

sempre, o laboratório é a única coisa que resta a Walt em "Felina", mas tudo bem, pois, em certo sentido, ele consegue morrer em casa.



**GUIA DE EPISÓDIOS**  
QUINTA TEMPORADA

**5**



## ive Free or Die

**Data de exibição original:** 15 de julho de 2012

**Roteiro:** Vince Gilligan

**Direção:** Michael Slovis

“Toma, seus putos! ÍMÃS!” — Jesse Pinkman

*Walt assume uma nova postura, e ele, Jesse e Mike resolvem pendências. Skyler começa a ter dúvidas sobre o novo Walt, e Hank retoma o caso.*

Gilligan & Cia. já usaram pré-créditos para prenunciar o futuro, especialmente na segunda temporada, mas nunca olharam tão à frente quanto em “Live Free or Die”. Numa lanchonete Denny’s no seu aniversário de 52 anos, Walt volta a aparecer de cabelo e barba. Só que, ao invés de mais saudável, parece abatido, pálido e muito mais velho. As linhas do rosto estão mais profundas, a pele do pescoço está flácida. A versão futura de Walt é tão inesperada que o espectador perde o chão. Sem mais informações, o público recebe só uma explicação rápida e confusa, incluindo que Walt está vivendo com nome falso, aparentemente em New Hampshire, e que acaba de comprar uma metralhadora e 400 balas, as quais pretende usar em Albuquerque. Assim, a primeira parte da última temporada de *Breaking Bad* começa fora de contexto, sendo que o espectador não sabe da história que levou a essa cena, que fez Walt passar de vitorioso e confiante ao fugitivo cansado que se vê no Denny’s. Seja lá o que tenha acontecido, a pré-créditos promete uma temporada excepcional.

Depois dos créditos, contudo, as coisas voltam ao normal e identificável quando a trama retoma o momento da ligação de

Skyler a Walt no fim de "Face Off", e prossegue com as consequências do assassinato de Gustavo Fring. Mike volta do México, e seu cinismo cansado da vida traz risos muito esperados – ele, Walt e Jesse estão tentando descobrir o que fazer com os registros que estão no computador confiscado de Gus. Walt começa a construir planos intrincados para ter acesso e destruir o computador, mas é Jesse quem encontra a solução mais simples – embora ainda exija uma armação complicada, a qual eles conseguem com a ajuda de Old Joe, o dono do ferro-velho que os ajudou a livrar-se do motor-home em "Sunset". Aliás, o retorno de pessoas e objetos de outras temporadas é tema recorrente na primeira metade da quinta temporada, a começar pelos próprios Mike e Joe.

Walt, Jesse e Mike conseguem destruir o laptop de Gus enquanto o computador está em posse da polícia, assim como metade do depósito de evidências. Como já lhe é clássico, Walt quer de passar dos limites. O ímã gigante que eles armaram no furgão cumpre o esperado, mas Walt insiste em esperar até o último segundo e aumentar a potência do aparelho, o que os obriga a abandonar veículo, ímã e tudo mais. Walt não se contenta com o suficiente; ele precisa passar do limite em tudo. A potência extra gera uma consequência inesperada: um retrato de Gus e Max que também está no depósito de evidências se quebra e revela números bem interessantes que estavam escondidos atrás da foto. Assim como na morte de Gale, o fim de Gus significava que Walt estava prestes a sair ileso e impune, com a investigação potencialmente encerrada. Mais uma vez, é a insolência de Walt que faz tudo se reabrir. Walt não está nem aí, pois a morte de Gus lhe deu uma nova postura. Calmo, frio e controlado, Walt parece totalmente seguro de si e provoca medo de tão focado.

A nova postura é percebida na hora por Skyler, assim como o fato de que seu marido é um assassino. Anna Gunn é brilhante em dar realidade física aos temores de Skyler. Ela recua de Walt, mantém quantos metros de distância puder dele. Quando não pode, tudo que lhe resta é estremecer e retrair-se do contato

físico. Enquanto Walt está deleitando-se com sua nova sensação de poder e autoridade, Skyler começa a perceber que está morando e trabalhando com um monstro. Walt tornou-se o perigo de fato – mas para quem?

A própria Skyler não pode mais reclamar para si a superioridade moral. Ela fica sabendo que a tática bruta que usou para obrigar Ted a quitar sua dívida com a receita federal em “Crawl Space” resultou em ferimentos graves e que ele acaba de recobrar a consciência. Ela então corre até o hospital e descobre que Ted fica aterrorizado só de vê-la. Skyler, surpresa e de início sentindo culpa, logo recobra a compostura e aproveita-se com frieza do temor de Ted. Ela começa a entender que os problemas podem ser resolvidos se as pessoas tiverem medo do que você pode fazer – lição que Walt lhe ensinou mesmo sem querer.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

MIKE: “Olha, eu prevejo um monte de resultados possíveis pra esse negócio, e nenhum deles tem ‘vamos bebemorar’.”

### **PERCEBEU?**

- Os “52” em bacon remetem ao café da manhã no aniversário de 50 anos de Walt em “Piloto/Breaking Bad”.
- Temos um product placement do Denny’s em destaque ao longo da pré-créditos.
- Na pré-créditos, o carro de Walt é o Volvo antigo, modelo similar ao do carro que Gus dirigia para não ser notado.
- Walt está longe de ficar contente em ver Junior idolatrando Hank como herói, tampouco com o fato de Hank ter levado Junior consigo quando estava investigando Gus.
- Mais uma vez, são as observações de Hank na cena do crime que levam à pista decisiva, quando ele consegue conectar a câmera derretida no superlaboratório ao computador de Gus.

- Mike se passa pelo inspetor postal “Dave Clark” – como na banda Dave Clark Five, que fez sucesso durante a Invasão Britânica.
- O grande tomo jurídico na mesa de Saul é um tratado sobre a lei da aviação, que o advogado deve estar estudando enquanto se prepara para a ação coletiva referente ao Wayfarer 515.
- Walt e Jesse vestem máscaras de esqui mais “profissionais” para realizar o assalto ao depósito de evidências, e que não têm os pompons de tricô vistos na primeira e na segunda temporadas.

### **GRAVANDO!**

- A pré-créditos utiliza um plano descendente da placa do carro de Walt e uma câmera subjetiva do porta-malas quando ele está carregando o novo carro, ambos os planos são marca do seriado.
- O encontro de Walt com o vendedor ilegal de armas (Jim Beaver) é mais uma vez gravado num espelho enquanto os dois conversam com seus reflexos, da mesma forma que fizeram em “Thirty-Eight Snub”.
- Têm-se mais duas câmeras subjetivas do porta-malas quando Walt ensaca as evidências da bomba que produziu e o lírio dos vales para jogá-los no porta-malas do Aztek.
- O plano de Walt brincando com Holly no berço é enquadrado pelo retângulo da porta do banheiro principal.
- Espelhos estão em destaque na quinta temporada, especialmente planos de Walt refletidos no espelho do banheiro.
- O triciclo novo e vermelho no depósito de evidências policiais é um objeto de cena curioso. Não só ele demonstra o efeito do ímã quando começa a rolar, mas também sugere crimes macabros.

**TITULAÇÃO** “Live Free or Die” (“Viver Livre ou Morrer”) é o lema oficial do estado de New Hampshire. Na pré-créditos, tanto a

carteira de motorista quanto a placa do carro de Walt são daquele estado. Também pode ser uma referência ao propósito de Walt para retornar a Albuquerque, de onde aparentemente fugiu.

## **CURIOSIDADES**

- Na pré-créditos, a garçonete chama Walt de “Sr. Lambert” quando ele sai do Denny’s. Gilligan & Cia. podem ter optado por esse nome em “homenagem” ao Dr. Frank L. Lambert, professor de química norte-americano mais conhecido pela sua argumentação em favor da mudança na definição do princípio termodinâmico da entropia, que visa a trocar “desordem” por “dispersão de energia”. De maneira similar, as atitudes de Walt ao voltar ao Novo México e comprar um porta-malas cheio de caos parece ser seu jeito de pegar a desordem total de sua vida e transformá-la em energia focada que vai dispersar-se. No entanto, claro, este é só mais um caso de usar palavras distintas para descrever exatamente o mesmo efeito.
- Quando Hank vê os corpos no superlaboratório incendiado, ele balbucia: “Fring, seu grandessíssimo canalha”. A frase é uma referência ao filme *Patton: Rebelde ou Herói* (*Patton*, 1970), que estrela George C. Scott como o general das forças armadas dos EUA George S. Patton. No final, enquanto Patton assiste às forças dos EUA direcionarem as Afrika Korps alemãs em batalha, ele grita: “Rommel, seu grandessíssimo canalha! Eu li seu livro!”. Hank talvez tivesse o caderno de anotações de Gale em mente enquanto parafraseava o filme.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **“EFEITO PIPOCA” EM DENTES SUPERAQUECIDOS**

Durante a investigação do que resta do superlaboratório, Hank e Gomez encontram dois corpos, mas excluem a possibilidade de identificá-los porque não só viraram carvão, mas também porque os dentes estão inutilizáveis como forma de identificação por



causa do alto calor do fogo, que os fez “pipocar”. Contudo, a investigação criminal não utiliza sempre registros odontológicos para identificar vítimas?

Sim, usa. No entanto, *Breaking Bad* pode ter acertado aqui – muito embora os dentes não explodam igual pipoca. Os dentes tendem a ser uma maneira confiável de identificar cadáveres, já que o esmalte que os recobre é mais resistente que qualquer outra substância do corpo humano, incluindo os ossos. Os dentes permanecem intactos mesmo depois de o corpo inteiro apodrecer. Eles suportam temperaturas de mais de mil graus Celsius, embora os que tenham sido sujeitados a calor intenso (como o calor que se gera num incêndio químico num superlaboratório de metanfetamina) podem ficar bastante frágeis. Se o dente for exposto a esse nível de calor por um período prolongado, pode até ficar carbonizado.

Nesse caso, o difícil vai ser obter os registros necessários para comparar ao que resta dos dentes das vítimas. Ter os dentes sem os registros talvez não ajude muito. Nenhum familiar ou amigo vai se apresentar e duvida-se que Gus tenha plano odontológico para seus funcionários de baixo escalão. Embora seja possível tirar amostras de DNA da polpa central dos dentes para ajudar na identificação dos corpos, é preciso ter algo com que comparar as amostras. Os dois capangas vão acabar virando Fulano e Sicrano.

### **SAUL E CLARENCE DARROW**

Walt xinga Saul dizendo que ele não é Clarence Darrow; aliás, Walt faz referências nada elogiosas às táticas publicitárias de Saul e diz que ele não passa de um “advogadinho de porta de cadeia”. Ui.

Clarence Darrow (1857-1938) foi um advogado ativista que ficou bastante conhecido por defender os adolescentes Nathan Leopold e Richard Loeb, os “assassinos por diversão”, em 1924, e por representar John T. Scopes no famoso “julgamento do macaco” no Tennessee. Darrow teve uma carreira fascinante, que foi além desses dois casos, e fazia parte de sua rotina escolher clientes e causas de má fama. Chamado por seu amigo Lincoln Steffens de

“advogado dos condenados”, Darrow acreditava com todo ardor que todos, não importa o crime que houvessem cometido nem as vacas sagradas que tivessem queimado, tinham o direito fundamental a uma defesa zelosa por um advogado bem preparado e comprometido. Assim, Darrow é até hoje modelo dos advogados idealistas.

Clarence Darrow, porém, tinha suas falhas. Em 1911, ele defendeu os irmãos McNamara, acusados de provocar um incêndio que matou 21 pessoas quando uma bomba mal armada explodiu antes da hora. Embora tenha conseguido salvar os irmãos da pena de morte, há fortes evidências de que Darrow conseguiu o veredicto subornando jurados nos dois julgamentos. Se for verdade, Darrow e Saul têm mais em comum do que Walt imagina.



## **WALT & A PISCINA**

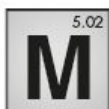
A casa de Walt e Skyler tem uma piscina no quintal, o lugar preferido de Walt para esporecer. A piscina também é o lugar preferencial para encontros de família. Quando a vemos no episódio piloto, ela está um pouco abandonada, com sujeira boiando. Walt está sentado numa cadeira, acendendo fósforos e jogando-os na água enquanto pensa na vida. Ao final do seriado, a piscina assume uma qualidade mais sinistra.

- Em “A No-Rough-Stuff-Type Deal” (1.07), Walt e Hank recorrem à piscina para fugir do barulho no chá de fraldas de Skyler. Hank fuma um charuto cubano ilegal enquanto os dois discutem o que é ilegalidade e por que algumas coisas *deveriam* ser ilegais. Walt, que já começou a fabricar drogas, parece gostar de contar a verdade, mas não exatamente a verdade, a Hank.
- Ao longo da segunda temporada, a piscina (principalmente o ursinho de pelúcia chamuscado) é ponto focal de pré-

créditos em preto e branco que lentamente revelam ao público a horrenda verdade sobre o desastre Wayfarer.

- Em "Over" (2.10), a piscina é onde Junior tem contato com a tequila, sendo que Hank inclui Junior na bebedeira às escondidas e Walt praticamente obriga o filho a beber até vomitar na piscina. Aqui, Hank é bem mais paterno com Junior do que Walt.
- Em "Phoenix" (2.12), há uma festa à beira da piscina para comemorar a chegada da bebê Holly. A comida, aliás, vem da Los Pollos Hermanos.
- Em "Caballo Sin Nombre" (3.02), Walt para tudo, pega um limpador de piscina e pesca um Band-Aid® flutuante. Isso demonstra como ele se distanciou do episódio piloto, em que jogava fósforos na água. Agora ele precisa controlar seu ambiente constantemente.
- Em "End Times" (4.12), Walt senta-se perto da piscina, girando sua 38 na mesa, sem falar nada, buscando saída para uma situação cada vez mais desesperadora. É quando seu olhar cai sobre o lírio dos vales e ele decide dar mais um passo na rota da amoralidade.
- Em "Fifty-One" (5.04), um almoço de família toma rumos grotescos quando Skyler entra na piscina para obrigar a família a perceber que as coisas não vão bem.
- Em "Rabid Dog" (5.12), o hábito de Walt de matutar ao lado da piscina prossegue mesmo depois de a família trocar a casa por um hotel.

A piscina do hotel não é a única outra piscina onde ocorrem fatos significativos. Há outra piscina digna de nota: a de Don Eladio, em torno da qual se dá a vingança armada durante vinte anos por Gus contra o cartel e a família Salamanca. É nela que Gus assiste em choque à execução de Max, e o sangue deste misturar-se à água. É também exatamente o lugar onde Gus atinge o clímax sangrento de sua vingança meticulosamente arquitetada.



## Madrigal

**Data de exibição original:** 22 de julho de 2012

**Roteiro:** Vince Gilligan

**Direção:** Michelle MacLaren

“Tem ouro pelas ruas, aguardando quem venha raspar.”— Walter White

*A extensão da rede de Gus começa a se revelar. Walt está ansioso para voltar a cozinhar, mas Jesse e Mike não acham que seja boa ideia.*

Parece que humor e tragédia andam de mãos dadas, e esse é um dos motivos pelos quais a pré-créditos desse episódio é tão potente. Peter Schuler (Norbert Weisser, que teve papéis de destaque em *O Enigma de Outro Mundo* [*The Thing*, 1982], *A Lista de Schindler* [*Schindler's List*, 1993], *Anjos & Demônios* [*Angels & Demons*, 2009] e *Gemini Division*) está na apresentação de um grupo de engenheiros de alimentos extremamente profissionais com sua última obra-prima gastroquímica dos acompanhamentos para nuggets. No entanto, sua mente está em outro lugar. Ele mecanicamente pega um nugget, passa no molho e mastiga. Repete o procedimento repetidas vezes enquanto o engenheiro-chefe fala com todo entusiasmo sobre o molho “franch”. O mundo de Schuler está vindo abaixo, tudo por causa de sua ligação com Gus – evidenciada no interesse do policial alemão pela foto de Schuler e Gus num campo de golfe, que está na parede de sua sala. Enquanto a placa da Los Pollos Hermanos é retirada do salão de fast-food da Madrigal Electromotive, Schuler também retira-se

desse mundo, com direito a uma última descarga automática no banheiro executivo.

Do outro lado do Atlântico, Walt quer voltar a cozinhar, mas antes precisa dar conta de pontas soltas. A começar por Jesse, que está quase às lágrimas de preocupação com a ricina que perdeu; Walt ajuda-o a vasculhar a casa, e Jesse convenientemente encontra o frasco – muita embora seja mais uma mentira de Walt. Em um dos momentos mais comoventes de *Breaking Bad*, Jesse, quase aos prantos, abre o coração para Walt, pedindo desculpas comiseradas por ter pensado em matá-lo, por achar que ele poderia ter envenenado Brock. “Não sei qual é o meu problema”, ele diz. Walt faz o papel de amigo carinhoso e figura paterna, lembrando a Jesse que tudo acabou bem, e escolhendo esse momento de vulnerabilidade para dizer que quer que eles voltem a cozinhar. É claro que não há nada de errado com Jesse, fora não ter confiado no seu instinto em “End Times” nem estourado os miolos de Walt quando teve chance. A depravação moral de Walt fica totalmente evidenciada quando ele aceita a desculpa e joga com a dor e o atordoamento de Jesse.



(IZUMI HASEGAWA/PR PHOTOS)

Mike, por outro lado, vê as coisas com mais clareza e de início não quer saber dos novos planos de Walt. Mike repetidamente provou-se imune às várias tentativas de manipulação de Walt, e continua sendo a única pessoa que o vê como ele realmente é: um homem brilhante que se torna nocivo quando enfatado pelo orgulho. Para infelicidade de Mike, logo não lhe resta escolha a não ser entrar nos negócios com Walt, pois aniquilar o depósito de provas em "Live Free or Die" fez surgirem todos os números de contas bancárias no exterior que Mike e seus homens têm – e assim permitiu que o DEA, que agora faz de tudo para fechar o caso Fring enquanto Hank sobe na carreira, apreendesse todo o dinheiro que mantinha os "caras" de Mike de bico fechado na

prisão. Também há um novo elemento no jogo, Lydia Rodarte-Quayle (Laura Fraser, conhecida de *Lip Service*, *Devil's Gate* e *Vanilla Sky*), que está um tiquinho nervosa com o rumo das coisas e disposta a matar quem for necessário a fim de manter sua segurança.

O mais perturbador, contudo, é o relacionamento de Walt com Skyler. Bryan Cranston e Anna Gunn têm novas performances incríveis ao retratar a ameaça que há na nova postura de Walt e o terror que isso provoca em Skyler. A cena final do episódio lembra o final de "Piloto/Breaking Bad", quando Walt põe Skyler e sua barriga de grávida de costas e transa com ela. Só que dessa vez os beijos de Walt e sua mão que desliza até agarrar o seio são algo distorcido, maligno, sem amor – somente poder, e um prazer da parte de Walt em ver como consegue dominar totalmente sua esposa. É um estupro, e Anna Gunn consegue projetar a pele de Skyler formigando ao toque de Walt, expressando perfeitamente o horror que sente. Walt trouxe suas trevas para dentro de casa.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

LYDIA: "Meu Deus, Duane! Como que eu não vi você sentado lá atrás! Que bizarro!"

### **PERCEBEU?**

- O filme que Mike está assistindo quando Walt e Jesse vêm fazer a proposta de negócios é *A Nave da Revolta* (*The Caine Mutiny*, 1954), no qual Humphrey Bogart faz a interpretação brilhante de um capitão veterano que trava sob pressão – um contraste com a apatia de Mike enquanto o DEA vasculha sua casa.
- O CEO da Madrigal é um alemão estereotipado, com tufo de cabelos grisalhos, gola rolê preta e paletó esporte negro, opção incomum para um seriado que tende a ser mais sutil.

- Enquanto Walt e Jesse reviram o apartamento de Jesse atrás do cigarro de ricina, eles mexem numa coleção de giz de cera, livrinhos de colorir e outras pistas de que Brock e Andrea vêm passando muito tempo por lá.
- Jesse dá nome ao motor-home pela primeira vez: “A Nave do Cristal”.
- Utilizando o porco mecânico da neta Kaylee (Kaija Bales), Mike volta ao recurso de brinquedos de criança para executar um assassinato, assim como fez com os balões em “Full Measure”.
- Lydia não tem tanto medo de morrer e ser encontrada pela filha quanto tem de sumir sem deixar vestígio e deixar a filha pensando que foi abandonada. Sugere-se que o passado de Lydia não é nada bonito.

### **GRAVANDO!**

- Tanto a pré-créditos quanto as cenas de abertura começam com close bem fechado em comida: mostarda com mel e um nugget no pré-créditos, e sal no primeiro ato. As duas comidas têm conexão indireta com a morte, e os closes acrescentam significado a ambas.
- O suicídio de Herr Schuler acontece em um lugar cercado por cores primárias e fortes: o banheiro executivo vermelho, o desfibrilador azul, a gravata vermelha, etc. – o espectador fica mais à vontade vendo uma morte violenta acontecer entre cores fortes e animadas.
- Há uma bela câmera subjetiva que observa de dentro para fora no olho mágico da porta de Chow diante do porquinho de brinquedo. A câmera subjetiva da parede logo atrás da cabeça de Chow é usada de forma sutil, sendo que o sangue mancha o sofá e a saída da bala mal é visível.

**TITULAÇÃO** “Madrigal” faz referência à multinacional alemã, mas a palavra também refere-se a uma música composta de vários momentos e várias vozes, que simboliza as diversas perspectivas representadas ao longo do episódio por personagens diversos.



## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **SUICÍDIO POR DESFIBRILADOR PORTÁTIL**

Herr Schuler comete suicídio com um desfibrilador externo automático (DEA) portátil, aparelho que começa a ser presença comum em lugares onde se reúnem grandes contingentes de pessoas. Pode-se vê-los em shopping centers, escritórios, escolas e cassinos. Os DEAs, que são de uso bastante simples, devem ser aplicados em pessoas que tiverem parada cardíaca súbita. A causa mais comum da parada cardíaca súbita é um estado chamado de fibrilação ventricular, no qual as câmaras inferiores do coração (os ventrículos) palpitam de forma rápida e irregular ao invés de regularmente. Se aplicado nos primeiros minutos de ataque da arritmia, o choque elétrico de um desfibrilador pode restabelecer o ritmo normal do coração. (Ao contrário da crença popular, “dar choque” no coração não faz um coração parado voltar a bater. O que ele faz é restaurar um ritmo normal. Isso faz você se sentir o monstro de Frankenstein, não?)

Os DEAs modernos costumam ser chamados de “à prova de idiotas” – eles têm gravações que ditam aos usuários tanto os passos de desfibrilação quanto de ressuscitação cardiopulmonar. Uma pesquisa mostrou que alunos de sexta série conseguiram acompanhar os procedimentos e levaram apenas 27 segundos a mais que paramédicos treinados para usar o aparelho. É um tremendo avanço da medicina, ainda mais fantástico pelo fato de a máquina ser projetada para detectar arritmias e analisar de que tipo elas são antes de determinar se o choque será necessário; com isso, o DEA carrega-se sozinho. Se o DEA não detecta arritmia, não transmite choque – que pode ser perigoso ou mesmo fatal para um coração sadio. O choque do desfibrilador também seria prejudicial a um coração que sofre de infarto agudo do miocárdio (um “ataque cardíaco”), que é causado por bloqueio nas artérias coronárias que estrangula a entrada de sangue no coração, em vez de um ritmo cardíaco instável.

Como os DEAs modernos analisam o ritmo cardíaco antes de carregar, é provável que Herr Schuler não pudesse ter usado esse método de forma exitosa para cometer suicídio, pois o aparelho não detectaria arritmia. A despeito disso, a cena é muito legal.

### **PRERROGATIVA FEDERAL PARA APREENSÃO DE CAPITAL ESTRANGEIRO EM CASOS DE TRÁFICO DE DROGAS (RICO)**

Basta seguir a trilha do dinheiro. Este é um bom conselho para quem quer ir a fundo para entender qualquer comportamento suspeito, seja o político que mudou repentinamente de opinião ou o carro novinho do viciado. O Racketeer Influenced and Corrupt Organizations Act (Decreto das Organizações Corruptas ou Sob Extorsão, RICO na sigla em inglês) deu aos agentes federais ferramentas fortes para combater o crime, com penalidades criminais severas (leia-se "vá passar um tempão na prisão") e também dar causa para ação civil (leia-se "perca todos os seus bens") em casos de ações perpetradas em conluio com uma organização criminosa. O RICO permite que líderes de um empreendimento criminoso sejam julgados por crimes que eles ordenaram outros a cometer. Essa mudança acabou com um recurso que antigamente permitia que os chefões fugissem do castigo afirmando: "Sim, o Johnny Boca Mole tá dormindo com os peixes, mas eu não fiz nada!".

Decretado originalmente em 1970, o RICO foi usado de início para processar a máfia, embora seu alcance tenha crescido substancialmente desde então. O tráfico de drogas é um crime específico do RICO, portanto o DEA certamente poderia ter utilizado o decreto para desbaratar a organização de Gus. Um dos elementos do RICO que o tornam tão eficaz é a cláusula que autoriza um promotor federal dos EUA a fazer um embargo pré-julgamento para apreender os bens de um réu, *onde quer que estejam*, e impedir a transferência de propriedade do réu para pessoa física ou jurídica. Foi por isso que sumiu a grana que era paga aos capangas de Gus para ficarem de bico fechado, o que leva Mike a entrar nos negócios com Walt.

A propósito, já se especulou que o nome e a subsequente sigla ("RICO") foram decididos como aceno ao filme *Alma no Lodo* (*Little Caesar*, 1931), no qual Edward G. Robinson interpreta um gângster infame chamado Rico. Às portas da morte ele diz: "Mãe da misericórdia, será o fim de Rico?".



## **Hazard Pay**

**Data de exibição original:** 29 de julho de 2012

**Roteiro:** Peter Gould

**Direção:** Adam Bernstein

“Veja só, Walter: quem mata o Jesse James não vira o Jesse James.”  
— Mike Ehrmantraut

*Walt, Jesse e Mike retomam os negócios. Skyler sofre um colapso abrupto.*

Em “Hazard Pay”, as coisas estão melhorando para Walter White. Mike viu-se forçado a entrar nos negócios com Walt e Jesse para que seus caras na prisão mantenham-se “íntegros” – de boca fechada quanto aos negócios de Gus Fring, principalmente em relação ao envolvimento de Walt, Jesse e Mike. Jesse, devastado porque acredita ter acusado Walt indevidamente pelo envenenamento de Brock, está mais do que disposto a ajudar para compensar sua atitude. Skyler sente-se absolutamente intimidada com Walt, assim como Saul, enquanto Junior fica emocionado de ter o pai em casa e Marie é pura gratidão por ele usar seus “ganhos no jogo” para financiar o tratamento de Hank. Praticamente passivo na quarta temporada, Walt agora compensa o tempo perdido e age de forma decisiva. Ele está, finalmente e definitivamente, no comando.

No entanto, junto a essa autoconfiança e controle renovados vêm as maiores falhas de Walt: orgulho e arrogância. Seu plano de cozinhar encoberto pelas tendas da Vamanos Pragas é brilhante, mas também arriscado, pois situa sua operação bem no meio de subúrbios de classe média alta. Ainda pior, é desprezível e

insensível cozinhar e ventilar gás venenoso para vizinhanças onde moram e brincam crianças. A nova operação de Walt invade o lugar mais íntimo da humanidade – o lar – e transforma-o de espaço de descanso em cena de crime. Claro que Walt está apenas seguindo a deixa de Gus, que para todos os efeitos lhe disse, em “I.C.U.”, que o melhor lugar para se esconder é à vista de todos. Em casa, a arrogância de Walt fica escancarada. Seu quarto torna-se depósito de evidências que o condenariam, visto que ele deixa seu exemplar do Folhas da Relva de Walt Whitman na mesa de cabeceira, à vista de qualquer um, enquanto o frasco letal da ricina ainda está escondido no espelho da tomada atrás da cama. Sua postura com Skyler é de dominação total, apoiada em uma insolência que garante que ele tenha a vantagem definitiva sobre ela.

Skyler, por sua vez, parece que desmorona aos poucos. Enquanto Marie volta ao seu estilo alegre e incomodativo, Skyler tem que lidar com o fato de que todo dia voltará para casa e encontrará um assassino e traficante. Ela se desmancha enfim numa cena desoladora, a qual deixa Marie absolutamente confusa e temerosa. Walt aproveita-se do estado vulnerável de Marie, manipulando-a habilmente apenas com a verdade, embora esteja muito longe de toda a verdade. Revelar o caso de Skyler com Ted faz Marie ter simpatia por ele e transforma Skyler, em colapso ou não, na errada da história. Marie inclusive dá um abraço forte em Walt ao ir embora, demonstrando seu apoio, e, ao fazê-lo, Betsy Brandt e Bryan Cranston têm uma performance extremamente reveladora. O amor, a simpatia e o compadecimento de Marie por Walt ficam evidentes na expressão dela, enquanto Walt fica aturdido com o jorro de afeto. O olhar dele é primeiramente de choque, mas em seguida seu rosto amolece. Marie importa-se seriamente com ele, assim como todos os integrantes da família de Walt. A única pessoa que já achou que Walt não era bom o bastante foi ele mesmo. Ele quase sempre se cegou para o que tem olhando para o que pensa que precisa.

Ao final do episódio, contudo, Walt já perdeu o brilho de carro novo. Mais uma vez, apesar do brilhantismo, ele não consegue

reconhecer as realidades do mercado da metanfetamina. Talvez pensasse que pudesse simplesmente assumir o lugar de Gus, mas, como ressalta Mike, não é assim que o mundo funciona. Com sua parcela na venda da primeira fornada cada vez menor, Walt fica mais furioso e mais frustrado. Apesar do fato de ser do seu interesse manter os caras de Mike recebendo, ele não suporta a ideia de gastar o *seu* dinheiro para fazer aquilo. Por fim, Walt revela a Jesse que ou ele não entendeu nada quando Gus matou Victor em "Box Cutter" ou que deu um jeito de racionalizar aquilo a ter o significado que ele quer. Em vez de demonstrar a crueldade e a disposição de Gus em pagar qualquer preço para proteger a si e seu negócio, o assassinato de Victor, na visão de Walt, é o castigo justo por um homem que *ousou* cozinhar a receita de Walt. O ímpeto inabalável deste em reescrever a história e negar a realidade cruel de ter um negócio altamente ilegal continuará a reverberar pelas vidas de todos ao seu redor.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

WALT: "Saul, Mike me ameaçou, ameaçou Jesse, provavelmente ameaçou alguém antes mesmo de tomar o café da manhã de hoje. É isso que ele faz."

### **PERCEBEU?**

- Mike, geralmente calmo e controlado, não curte visitar prisões onde alguém controla quando ele entra e quando ele sai.
- A "divisão de trabalho" de Mike faz eco a cada palavra que Walt disse a Jesse em "Crazy Handful of Nothin".
- É a primeira vez que Walt encontra Brock de fato. Mesmo diante do garotinho que envenenou, ele não demonstra sinal de arrependimento.
- Enquanto Jesse renomeia o barril de metilamina, a nova etiqueta traz em destaque: "Manter longe do alcance de

crianças". No entanto, logo eles vão levar aquilo a uma casa e vizinhança onde moram muitas delas.

- Durante uma pausa na cozinha, Walt e Jesse assistem a *Os Três Patetas*, assim como Jesse fez em "The Cat's in the Bag" quando estava encontrando coragem para dissolver o corpo de Emílio. Walt e Jesse passaram por muita coisa e estão longe de ser os patetas paspalhos da primeira temporada.
- Marie diz que o aniversário de Walt está chegando, o que situa os acontecimentos da quinta temporada mais ou menos um ano antes da pré-créditos de "Live Free or Die", e um ano após o primeiro episódio.

### **GRAVANDO!**

- "Hazard Pay" é um episódio sutil em termos de câmeras. Há um plano subjetivo simples de uma câmera de segurança que capta Mike quando ele exige sair logo da prisão na pré-créditos, mas esse é o único plano que é marca do seriado nesse episódio.
- Quando Walt e Brock estão sentados em lados opostos do sofá de Jesse, as listras entre eles criam barras entre os dois que são ecoadas na transição para a cena seguinte, com as listras azuis e amarelas da tenda Vamanos Pragas.
- A tenda também produz uma iluminação interessante dentro da casa enquanto Walt e Jesse cozinham. A luz do sol filtrada pelo amarelo e verde transforma o breu interior quase numa caverna, o que cria um espaço muito mais claustrofóbico. É o que permite que as luzes brancas e fortes usadas dentro da tenda criem um contraste quase cirúrgico.
- Quando termina a montagem da cozinha (que segue ao som de "On a Clear Day You Can See Forever", dos Peddlers), há um plano incomum onde aparecem imagens geradas por computador: a câmera entra nos produtos químicos em ebulição e o foco passa ao nível microscópico para mostrar moléculas se formando. Ele lembra

sequências parecidas bastante comuns na franquia *CSI*, e é a única vez que esse tipo de efeito foi utilizado em *Breaking Bad*.

- Há uma boa transição entre as nuvens venenosas que emanam da cozinha para as nuvens sobre a casa dos White.
- A cena na qual Skyler encontra Walt, Junior e Holly assistindo aos últimos minutos de *Scarface* é muito bem arquitetada. O som dos tiros de automática ecoa pela casa, e, enquanto Walt e as crianças estão numa redoma de luz, Skyler fica nas sombras, fora do círculo familiar. A câmera reveza-se entre a violência na tela e o rosto de Skyler iluminado pela luz da TV, de forma que parece que Skyler está vendo Junior e Holly pegos pelo holocausto de tiros que Walt trouxe à casa deles.

**TITULAÇÃO** “Hazard Pay” (“Insalubridade”) refere-se diretamente ao dinheiro que é dado aos caras de Mike para apoiá-los, bem como suas famílias, enquanto estão na cadeia, e mantê-los em silêncio nos interrogatórios do DEA. O título talvez também se refira à nova postura e domínio de Walt, o que ele vê como recompensa por quitar suas perigosas dívidas.

**CURIOSIDADES** “Hazard Pay” é a primeira aparição de Todd, interpretado por Jesse Plemons – mais conhecido como Landry Clarke, o cara mais legal dos carinhos legais no seriado *Friday Night Lights*.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **POR QUE ELES SE CHAMAM SECOND STORY MEN?**

Saul explica que a equipe da Vamanos Pragas é de fumigadores de verdade, mas “também são *second story men* de primeira” – ou “larápios”, na tradução. Acredita-se que o termo em inglês, que significa literalmente “homens de segundo andar”, tenha sido utilizado pela primeira vez em 1886 para falar de um ladrão que



entra na casa pela janela do segundo andar. Uma das fontes diz que a expressão significa "gatuno", que tem um tom mais romântico do que o da turma da Vamanos. No entanto, não se pode ter tudo.

A inspiração real de Gilligan & Cia. para a nova operação de Walt pode ter sido a história da Gangue K&A, uma das "gangues de segundo andar" mais famosas e de mais longo histórico nos Estados Unidos. Atuando na Philadelphia, a K&A (o nome vem do cruzamento de duas ruas – a Kensington e a Allegheny – onde se diz que o grupo foi formado) começou depois da Segunda Guerra Mundial como roda de bandidos, mas foi um negócio que se ampliou e passou a incluir agiotagem e tráfico de drogas. Segundo o livro de Allen M. Hornblum sobre as décadas de vida da gangue, *Confessions of a Second Story Man: Junior Kripplebauer and the K&A Gang* ["Confissões de um Larápio: Junior Kripplebauer e a Gangue K&A"], a gangue era muito bem preparada, mas longe dos gatunos sofisticados como o Cary Grant de Ladrão de Casaca (*To Catch a Thief*, 1955). Hornblum descreve a gangue como um grupo que estava sempre brigando, bebendo, arrancando orelhas ou narizes um do outro, e que formava equipes para assaltar vizinhanças ricas em toda a Costa Leste durante mais ou menos 20 anos. Eles raramente portavam armas (mais porque a arma significava mais tempo de prisão, e não por algum código de "ética de ladrão") e costumavam usar ternos, o que significava menos suspeita se fossem interpelados enquanto estavam de olho em alvos potenciais em vizinhanças ricas.

Com a ascensão dos sistemas de alarme domésticos eficazes, a Gangue K&A precisou se ramificar. Ao mesmo tempo em que as casas começaram a equipar-se com câmeras com sensor de movimento e alarmes silenciosos, a cultura das drogas começou a crescer. Não sendo os tipos de pessoas que perdem oportunidades, a gangue passou a atuar muito mais com fabricação de metanfetamina. Em fins dos anos 1980, dizia-se que os integrantes e afiliados da K&A estavam usando o método P2P para fabricar mais de quarenta quilos por fornada, o que levou um promotor federal norte-americano a afirmar que a K&A era "uma

das maiores organizações de tráfico de metanfetamina do país". Ao cozinhar com "homens de segundo andar", Walt e Jesse estão seguindo os passos da K&A.



## ifty-One

**Data de exibição original:** 5 de agosto de 20128

**Roteiro:** Sam Catlin

**Direção:** Rian Johnson

“Eu não vou – eu não vou deixar meus filhos morando numa casa onde vender drogas, machucar os outros e matar pessoas é uma coisa que se trata apenas como ‘deu merda.’” — Skyler White

*Lydia descobre um problema no fornecimento de metilamina. Walt está empolgado com seu aniversário, mas Skyler prepara uma surpresa diferente da que ele esperava.*

“Fifty-One” começa com Walt nas nuvens e sentindo que pode fazer o que quiser – inclusive livrar-se do Aztek e trocá-lo por um Chrysler 300 para si, além de um Challenger novinho para Junior, ambos cheios de adicionais. A pré-créditos termina com Walt sorrindo e embalando o motor de seu novo possante, espirrando testosterona e agindo como um adolescente. E por que não? Tirando a “taxa legado” de Mike, os negócios vão bem e Walt finalmente está no comando. De sua perspectiva, tudo está bem bacana. Infelizmente, nem tudo está sob o controle de Walt, principalmente Hank e o DEA, que continuam importunando o restante da organização de Gus Fring e seu vínculo com a Madrigal Electromotive, o que leva à divisão da Madrigal no Texas... e a Lydia.

Apesar da pedra no caminho, Walt está confiante e com grandes expectativas quanto a seu aniversário de 51 anos. Ele espera que Skyler prepare uma surpresa parecida com a que fez há um ano, em “Piloto/Breaking Bad”. Depois de todas as mentiras, de todas

as ameaças, de impostações e de assassinatos, depois de tudo que aconteceu da primeira à quarta temporada, Walt ainda acredita que sua vida em família pode – sabe-se lá como – voltar ao normal. De confiança renovada em si mesmo, Walt espera uma casa cheia de amigos e vizinhos reunidos para festejar sua vida, pois acha que finalmente merece festejar. Um ano antes, Walt sentia-se o maior dos coitados, preso a uma vida sem destino que ele mal conseguia custear e na qual até colegas sem noção viam-no com pena. Aos 51, porém, Walt finalmente tem orgulho de si (para dizer o mínimo), e acha que sua vida está sob seu controle. Seu orgulho é tão enfatado que o cega sobre a realidade, especialmente em relação a Skyler.



(ANDREW EVANS/PR PHOTOS)

Sem ter como evitar, Sky fez o mínimo possível para comemorar o aniversário de Walt: um bolo e jantar em família com Hank e Marie. Ela sabe que não há o que festejar nas atitudes de Walt, e sabe que toda sua pompa inclui um domínio aterrorizante, físico e emocional, sem qualquer cerimônia, da vida dela. Quando a conversa após o jantar estaciona, em razão das respostas monossilábicas de Skyler, e Walt começa a preencher o silêncio com uma longa homilia sobre tudo que sofreu naquele ano e o quanto a família significa para ele, Skyler enfim toma uma atitude drástica e totalmente inesperada. Numa sequência com filmagem brilhante, Skyler flutua, de olhos arregalados, no fundo da piscina, o vestido fazendo ondas à sua volta como algo saído de *Peter Pan*, as cores fortes a contrastar com sua caminhada à la Ofélia. Anna Gunn atua de forma belíssima ao entrar na água e distanciar-se do barulho de sua vida, do significado das palavras totalmente abafadas pela água. Embora seja improvável que Skyler estivesse seriamente tentando o suicídio, o arregalar reflexivo de Gunn parece sugerir que talvez não seja de todo mal libertar-se e ficar para sempre no silêncio e no frio.

Apesar de Walt opor-se cruelmente a qualquer ideia que ela tenha de tirar as crianças de casa e livrá-las do perigo, Skyler ganha nessa competição porque, por fim, está totalmente disposta a fazer o que for necessário pelo tempo que for necessário, até que o câncer de Walt volte e resolva os problemas de uma vez por todas. A quinta temporada mostrou um novo Walt ao espectador, e agora vemos uma nova Skyler. Ela pode estar aterrorizada, apavorada, mas está longe de ser indefesa. Ela parece finalmente preparada para fazer valer o que disse em "Cornered": "Alguém precisa proteger essa família do homem que protege essa família".

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

BENNY: "Troquei o filtro de ar, troquei o óleo – dessa vez não tive que trocar o para-brisa."

### **PERCEBEU?**

- O mecânico Benny (John Ashton) diz a Walt que "nada é melhor que de graça" – ou "nothing beats free", no original –, o que lembra as palavras da atendente do Denny's na pré-créditos de "Live Free or Die". Numa temporada cheia de reflexões sobre o que passou, a frase é interessante porque, em termos da linha temporal da trama, remonta a algo que ainda não foi dito, o que, da perspectiva de Walt, lembraria as palavras de Benny nessa cena.
- Lydia tem dificuldade em lidar com o "segundo celular", problema que Walt tinha na primeira e na segunda temporada.
- Depois que Hank e sua equipe prendem o cara do depósito, Lydia exagera todas as proporções da situação num telefonema frenético com Mike. Serve para lembrar, sem sutilezas, que ela não é uma pessoa confiável sob pressão.
- Empolgado com seus novos carrões, Walt e Junior não deixaram espaço para Skyler estacionar o carro em frente à garagem, mais um indicativo da distância de Skyler do círculo de afeto familiar.
- O episódio situa decididamente a pré-créditos de "Live Free or Die" um ano no futuro. Além disso, a idade de Holly é de oito meses, o que também situa temporalmente "Fifty-One" em relação ao episódio "Phoenix", da segunda temporada, quando Holly nasceu e Jane morreu.
- O único presente de verdade que vemos Walt receber no aniversário é um relógio bastante caro de Jesse, a pessoa que talvez seja a quem ele fez mais mal.
- Na manhã após seu aniversário, Walt toma café da manhã sozinho. A família, por quem supostamente ele vem fazendo tudo, foi embora.

## **GRAVANDO!**

- O plano de Lydia fazendo uma teleconferência em alemão abre com a câmera passando por trás de um prêmio de negócios transparente no formato do estado
- do Texas, o que mostra ao espectador a localização geográfica da personagem.
- Na mesa do jantar, depois que Walt comprou os carros novos, Skyler está praticamente nas sombras, enquanto a conversa animada entre Walt e Junior acontece na luz. Mais uma vez, Skyler é situada fora do espaço da família.
- Há uma belíssima câmera subjetiva a partir do quadro de criminosos que Hank e Gomez armaram para acompanhar o caso Fring, que deixa até os barbantes e fundos das fotografias à mostra.
- O plano externo com a tenda listrada da Vamanos Pragas inclui a perspectiva de um hidrante superdecorado que dá à imagem quase uma sensação circense, belo contraste com algo aparentemente feliz que esconde tanto veneno, no caso da tenda, e como recurso para debelar incêndios, no caso do hidrante.
- A cena da piscina é esplêndida. Quando está focada em Walt falando, ele é iluminado fortemente pela luminária, enquanto Skyler, ao fundo, está levemente fora de foco e quase que só uma silhueta contra o brilho da piscina. Quando a câmera passa a um close no rosto de Skyler, aí Walt, Hank e Marie ficam borrados num círculo de luz branca, enquanto Skyler em si é iluminada pelo brilho verde-azulado da piscina, que parece tremular com o movimento da água. Mais uma vez apartada do calor da família, Skyler fica sem cores e as sombras passam por suas feições, enquanto o restante da família está claro, efeito ampliado pelos papéis de embrulho de cor clara.
- A câmera submersa que observa Marie ao lado da piscina olhando para Skyler lembra um plano similar em "ABQ" no qual Walt é visto da perspectiva do ursinho de pelúcia

semicarbonizado na sua piscina. Tanto o urso quanto Skyler foram jogados na piscina por causa dos atos de Walt.

**TITULAÇÃO** “Fifty-One” (“Cinquenta e Um”) refere-se ao aniversário de Walt, o que situa o episódio exatamente entre seu aniversário de 50, na abertura do seriado, e seu aniversário de 52, onde supomos que o seriado virá a terminar.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **TENDAS SOBRE CASAS**

A *Vamos Pragas* é o disfarce perfeito para as novas incursões de Walt na fabricação de metanfetamina. Uma casa com tenda é algo que todo mundo evita, já que os gases que se solta nelas para erradicar pestes, como baratas e besouros, são letais. Contudo, o que ocorre na tenda, e por que fazer dessa forma? Para começar, se houver outra forma de lidar com a peste, *escolha esta*. A tenda é um processo complexo e inconveniente que envolve uma bela encrenca para o proprietário. Contudo, se a casa estiver infestada, o spray convencional não vai dar conta do recado e o processo com tenda garante que os produtos químicos assassinos entrem em cada cantinho da estrutura.

Como os produtos químicos são inevitáveis, o proprietário não pode residir na casa durante o processo. Fora isso, todos os móveis, comida, etc. devem ser preparados para o massacre. Por exemplo, qualquer alimento (para pessoas ou animais) que já foi aberto e vai permanecer na casa durante o processo de fumigação precisa ser duplamente selado em sacos especiais. Latas, potes ou garrafas não abertos, assim como cosméticos, pasta de dentes e gelo (!) não precisam de dois sacos, mas mesmo assim você precisa repassar tudo para ver o que precisa ser selado e o que não vai ter problema do jeito que está. Todas as gavetas e portas têm que ser abertas, e todas as capas de colchões e fronhas impermeáveis devem ser abertos ou retirados. Você tem que levar tudo que for vivo consigo durante a fumigação da casa, incluindo animais de estimação e plantas domésticas. Além disso, todas as



plantas e arbustos contíguos à casa (até 50 centímetros) têm que ser cortados para que o fumigador tenha espaço para prender a tenda no chão com água ou pesos de areia chamados de “cobras”. Isso quer dizer que grades, treliças e tudo mais próximo à casa talvez tenha que ser removido.

Depois que você fizer tudo isso e entregar as chaves ao fumigador de confiança, você sai por três dias e o deixa trabalhando. O primeiro passo é abrir todas as janelas e portas, e posicionar ventiladores e mangueiras para garantir que o gás da fumigação chegue a cada espacinho remoto. A casa então é fechada com a tenda e vedada.

É aí que entra o gás. Primeiro, um “agente de alerta” chamado cloropicrina é liberado – é um gás parecido com o lacrimogênio, projetado para reconferir se não há gente nem bichos dentro da casa – seja por esquecimento do proprietário ou uma criança do bairro que tenha feito aposta macabra com os amiguinhos. Assim que estão certos de que a casa está vazia, o gás fumigador é liberado e espalhado; o gás fica contido dentro da casa por aproximadamente 24 horas, a depender do tamanho e formato do local. O passo seguinte, que acontece em outro dia, é rasgar a vedação, retirar a tenda e deixar que a casa tenha “aeração ativa” durante uma hora, com todas as janelas e portas abertas. Então a casa é fechada de novo por mais um dia, agora com “aeração passiva”. No terceiro dia, o fumigador entra na casa e confere se está devidamente arejada e propícia para morar. Assim que está liberada, humanos e bichos de estimação podem readentrar uma residência livre de pragas. Claro que, se a casa tiver sido utilizada para cozinhar metanfetamina, aí você vai ter outros problemas para lidar, e bem piores que as baratas.



## Dead Freight

**Data de exibição original:** 12 de agosto de 2012

**Roteiro e Direção:** George Mastras

“No frigidar dos ovos, é o seguinte: estou nesse negócio há bastante tempo e sei que só existem dois tipos de assalto: aqueles em que os caras saem na boa e aqueles que deixam testemunhas.” — Mike Ehrmantraut

*Com a ajuda de Lydia, Walt, Jesse e Mike empreendem um roubo ousado. Skyler faz uma proposta de negócios a Walt.*

A quinta temporada fez *Breaking Bad* voltar ao foco na família, e ampliou esse foco para vários tipos de família. Walt ainda insiste que tudo que fez nas últimas quatro temporadas foi pela sua família, enquanto Hank e Marie estão descobrindo que gostam de ser pais e dão duro para ajudar Skyler e Walt a resolver a situação. Skyler não pretende resolver sua situação com Walt, mas está disposta a tudo para proteger os filhos. Gilligan & Cia., porém, sorratamente inseriram diversas outras famílias, que agora, pelo menos em parte, guiam as ações dos personagens centrais. Mike somente aceita entrar nos negócios com Walt para manter seus caras na prisão de bico fechado, levantando o dinheiro que precisam para cuidar de suas famílias. O próprio Mike está investindo toda sua “insalubridade” num largo fundo fiduciário para a amada neta Kaylee. Jesse continua a sustentar Andrea e Brock mesmo que o casal não esteja mais junto, pois eles tornaram-se sua “família instantânea”. Por fim, talvez o mais inesperado seja Lydia seguir demonstrando amor e comprometimento feroz pela filha, e fica mais perturbada

quando imagina a menina sozinha no mundo. Os laços que unem essas pessoas são complexos, perigosos e demonstram que, em *Breaking Bad*, não existem agentes livres; ninguém conseguirá ficar sem ferir "os inocentes". Aliás, tudo que os personagens centrais fazem acaba sendo danoso a alguém, esteja onde estiver.



(IZUMI HASEGAWA/PR PHOTOS)

Apesar de um assalto ao trem ousado que se dá com a mesma habilidade e suspense de *Um Golpe à Italiana* (*The Italian Job*, 1969) ou *Crown, o Magnífico* (*The Thomas Crown Affair*, 1968), no cerne de "Dead Freight" resta a verdade de que, não importa o quanto você seja bom, não importa a pureza das suas intenções,

não importa quanto controle consiga exercer, o negócio de Walt, Jesse e Mike mata gente; esta é uma verdade incontornável. O garoto na motocicleta é um exemplo clássico, e seu arco como personagem, apesar de curto, é cuidadosamente arquitetado em detalhes.

O áudio é vital nesse episódio. O barulho da moto do garoto abafa tudo, ainda mais de capacete. É só ao ver uma tarântula e parar para recolhê-la que ele desce da moto, tira o capacete e deixa a moto parada, com um cilco mais tranquilo do motor. É isso que o detém tempo o bastante, e deixa as coisas em silêncio suficiente para ouvir o apito do trem ao longe. A atenção meticulosa aos efeitos sonoros na pré-créditos é espelhada na cena final do episódio, quando, após o roubo exitoso de 3.800 litros de metilamina, Walt, Jesse e Todd vibram, gritam e comemoram até que desligam o motor da bomba d'água e ouvem um barulho mais leve, mas parecido, que vem do motor da moto do garoto.

O que se segue é um uso brilhante do que os acadêmicos que escrevem sobre a TV incluem na chamada intertextualidade: quando um ator conhecido por um papel específico carrega a memória que o público tem desse papel para outra atuação. Aqui, Jesse Plemons, mais conhecido pelo seu papel do jovem e adorável Landry Clarke de *Friday Night Lights* atira no garoto (Sam Webb). Embora o espectador saiba muito bem que Plemons está interpretando outro personagem, ver um ator que tem associação tão forte com o bom-mocismo fazer algo hediondo torna o assassinato ainda mais chocante (embora ao mesmo tempo possa ser entendido como piscadela para uma trama forçada na segunda temporada de *FNL*).

O olhar de Aaron Paul nessa cena diz muita coisa, e transmite magnanimamente o horror de seu personagem. Dentro da narrativa de *Breaking Bad*, o assassinato a sangue frio do garoto é a realização do pior pesadelo de Jesse, pois foi Jesse que disse a Todd que ninguém em absoluto poderia saber do roubo, que Todd compreensivelmente entendeu como instruções para que nunca alguém viesse a saber. Assim como Gus Fring quando diz a seus

traficantes “chega de crianças”, em “Half Measures”, as palavras impensadas de Jesse levam diretamente à morte de uma criança. Jesse de repente avança no rumo de tornar-se aquilo que odeia, e pode “chutar o balde” por completo.

## QUÍMICA ANALÍTICA

### ALTA VALÊNCIA

SKYLER: “Vai sair para enterrar cadáver?”

WALT: “Para roubar trem.”

### PERCEBEU?

- Walt não instala uma escuta no computador de Hank. O que ele conecta ao cabo da internet que entra atrás da CPU de Hank é um receptor para a escuta que permite que ele capte e grave a escuta via internet.
- Laura Fraser é excelente em transmitir o desespero de Lydia sem uma palavra. O espectador percebe que ela está louca para descobrir algo que salve sua pele.
- Lydia está aterrorizada com a possibilidade de a filha acabar numa casa de adoção, outro vislumbre de seu passado.
- Hank e Marie estão ficando *muito* apegados a Holly.
- O episódio é a terceira vez que Jesse surge com um plano alternativo nessa temporada: os ímãs de “Live Free or Die”, a corrente e o motor desmontado do laboratório portátil em “Hazard Pay”, e agora o plano de drenar e substituir a metilamina no assalto ao trem.
- Jesse James é mencionado pela segunda vez nessa temporada, sendo a primeira no alerta de Mike a Walt em “Hazard Pay”.

**PRECIPITAÇÕES** “Dead Freight” é aparentemente a primeira vez em *Breaking Bad* que a conveniência de uma trama venceu a continuidade. A ideia básica por trás do roubo é que Lydia descobrirá em que vagão fica a metilamina entre meia-noite e 2

da manhã, o que dá aproximadamente seis a oito horas para ir até o local e se preparar. Ainda assim, Walt, Jesse e Mike medem a distância do cruzamento até o pequeno suporte da ponte e preparam o local ao longo de pelo menos um dia, se não mais, antes do assalto. O espectador vê Lydia ligar para Mike depois que todas as preparações estão feitas. Embora seja possível que eles precisassem operar da ravina seja onde for que o tanque de metilamina estivesse localizado, eles simplesmente não tinham como saber se seria na frente, no meio ou nos fundos do trem. Jesse mede 248 metros do cruzamento à ravina, o que dá dois campos de futebol e meio. Para conseguir chegar a qualquer ponto do trem de forma rápida e eficiente da ravina, eles teriam que carregar pelo menos 200 metros de mangueira. É um erro de cálculo dos grandes.

#### **GRAVANDO!**

- Há várias câmeras subjetivas na pré-créditos, que mostram o mundo da perspectiva do estribo da motocicleta, duas vezes da ponta do guidão e uma do assento atrás do ombro direito do garoto.
- Quando a cena abre com Lydia sendo interrogada no armazém abandonado, o rosto dela está parte nas sombras e parte iluminado por luzes fluorescentes fortes.
- Há uma câmera subjetiva que faz transparecer um tampo de mesa quando Lydia abre o mapa com estradas e fronteiras em detalhe.
- Volta-se a usar câmeras subjetivas no trem, ecoando as da motocicleta do garoto: do limpa-trilhos em frente ao trem, de logo atrás do apito, e ao longo da roda.
- Há um plano magnífico do trem vindo, gravado com grua, no qual a câmera ergue-se, percorre a lateral e depois desce para mostrar Walt, Jesse e Todd agachados sob o suporte da ponte.

**TITULAÇÃO** “Dead Freight”, ou “carga morta”, é o termo usado para denotar o dinheiro pago a um transportador ou empresa de

navegação (ou, nesse caso, a empresa que pagou pelo envio de alguma coisa) quando esta não consegue carregar a quantia de carga especificada em contrato. Nos termos desse episódio, é uma referência ao dinheiro que o fabricante chinês terá que pagar à Madrigal pelo roubo da metilamina, que passará como erro da parte do fabricante. Há outro significado, mais mortífero, que é o da criança morta ao final do episódio, assim como da tarântula que a criança capturou e levou consigo na pré-créditos.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **TARÂNTULAS DA AMÉRICA DO NORTE**

O garoto na motocicleta estava bem preparado para recolher tarântulas: traz um pote limpo e vazio com buraquinhos para entrada de ar no bolso interno da jaqueta. mas... aranhas! Aranhas grandes e peludas! O que esse garoto estava pensando? Elas não são perigosas? Na verdade, o garoto pode ficar bem à vontade – pelo menos em relação à aranha. Tarântulas são muito comuns no sudoeste dos EUA, onde são encontradas mais de 50 espécies nativas de aranhas. Embora as tarântulas possam provocar medo por causa do tamanho, todas as espécies são inofensivas a humanos. O veneno delas costuma ser comparado ao ferrão de abelha. Apesar do que os filmes de terror levam você a pensar, nunca houve mortes provocadas por mordida de tarântula. É claro que elas são aranhas letais – há notícias de que a viúva-negra e a *Loxosceles reclusa* mataram adultos. A Austrália tem um bom número de aranhas que querem matar. Em comparação, a tarântula é um animal útil, pois fazem parte da sua dieta os escorpiões e as baratas.

A maioria das espécies de tarântula é noturna, mas dá para encontrá-las durante o dia, como fez o garoto. Geralmente, o que se encontra no período diurno é uma tarântula macho: os machos têm uma ânsia quase absurda para encontrar fêmeas, qualidade esta que faz das tarântulas péssimas enquanto bichos de estimação. No ambiente natural, as tarântulas macho vivem de 10

a 12 anos; em cativeiro, sua vida costuma ser medida em meses porque elas vão cavar a própria cova tentando fugir para encontrar uma tarântula moça. As fêmeas vivem mais ou menos o dobro e servem mais para estimação, caso seu interesse seja este.

### **MEDIDAS DE SEGURANÇA NO TRANSPORTE FERROVIÁRIO PÓS-11 DE SETEMBRO**

Depois dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, o foco imediato da segurança foi para o transporte aéreo, não o ferroviário. Faz sentido: os recursos precisam ser alocados de forma adequada e as linhas aéreas entraram em foco porque o que se usou como arma foram aviões (não há como arremessar um trem contra um arranha-céu). Antes do 11 de Setembro, a segurança em pátios ferroviários, mesmo os que armazenavam vagões-tanque de 90 toneladas cheios de produtos químicos letais, era incrivelmente desleixada. Portões ficavam destrancados, sem vigia, tinha-se acesso livre aos trilhos. Além disso, muitos dispositivos de manobra ficavam destrancados, então qualquer um podia puxar uma alavanca e redirecionar (quem sabe até descarrilar) um trem.

Depois do 11 de setembro, foram implementadas algumas medidas para melhorar a segurança, principalmente em indústrias químicas, que costumam ter acessos às pistas principais das ferrovias. No entanto, foi um processo lento e ainda existem falhas. Parte do que dificulta tanto a segurança nas ferrovias é que há diversas entidades envolvidas. O governo federal, o governo estadual, os condados e os municípios têm cada um seu papel no transporte ferroviário, e um trem de carga pode andar por trilhos de propriedade e manutenção de várias empresas, sob várias jurisdições, até chegar ao destino. Embora as novas medidas de segurança em pátios ferroviários não sejam tão visíveis quanto as medidas de segurança nos aeroportos, é inegável que as mudanças eram necessárias. Pense o seguinte: são transportados por via férrea bem mais de 1,7 milhões de remessas de conteúdo perigoso por ano e um estudo da Marinha dos EUA demonstrou que um ataque terrorista que envolvesse um único vagão-tanque



de cloro, próximo a uma área com alta densidade populacional, poderia levar à morte de até 100 mil pessoas. Pensar que qualquer vagão-tanque todo grafitado representa uma brecha de segurança é coisa de deixar qualquer um apreensivo.



## Buyout

**Data de exibição original:** 19 de agosto de 2012

**Roteiro:** Gennifer Hutchison

**Direção:** Colin Bucksey

“Meu negócio é construir impérios.” — Walter White

*Mike e Jesse querem mudar de carreira, mas Walt recusa-se a ajudar. Jesse janta com os White.*

A pré-créditos de “Buyout” é uma das mais horripilantes de todo o seriado – não pelo que mostra, mas pelo que não mostra. Não se ouve som natural quando o caminhão da Vamanos Pragas dá a ré para entrar na garagem e Todd tira a motocicleta do garoto. Mesmo enquanto a moto é cuidadosamente desmontada, peça a peça, incluindo o chassi, com uma serra elétrica, o único som que se ouve é uma peça tonal sorumbática. A moto é desmontada, colocada num barril e coberta com ácido fluorídrico. Mike, Walt e Todd cumprem a tarefa metódica e cuidadosamente. Quando eles terminam com a moto, Todd sobe nos fundos do caminhão e vasculha um pouco mais na areia até descobrir uma mão de criança. Walt então vai buscar outro barril. O espectador não vê os homens livrarem-se do corpo do garoto, mas a moto já basta. Eles desmontarão o garoto tão facilmente quanto fizeram com o aço e o plástico, até ele também estar selado num barril para ser dissolvido. Só resta a tarântula no pote, que Todd manteve por um ato de imbecilidade monumental.

Jesse não participa do processo de eliminação, e é apenas ele quem quer que Todd suma de uma vez, embora não esteja disposto a matá-lo para que mantenha o silêncio. Walt não hesita

em manter Todd vivo e na folha de pagamento, pois o fato é que o novato resolveu um problema potencial de forma bastante eficiente, e no momento a única coisa com que Walt se importa é seu negócio – fato reforçado na cozinha, logo depois, enquanto ele assobia alegremente durante o serviço. A situação fica cristalina quando Mike e Jesse decidem que querem cair fora, e Mike propõe um negócio que renderá US\$ 5 milhões na mão de cada um pela metilamina roubada. O problema é que o comprador só aceita comprar o estoque completo, e Walt não quer vender sua parte. Na quinta temporada, as coisas vêm girando a favor de Walt, e a nova guerra que Skyler trava contra ele foi de certa forma contrabalançada pela forma como o negócio da metanfetamina vem andando de modo suave: processo que pode seguir indefinidamente agora que eles têm milhares de litros de precursor. Isso, porém, se Walt conseguir ficar com a metilamina, o que Mike com certeza não quer que aconteça. Para selar o negócio com Declan (Louis Ferreira, que tem nos créditos *Atirador* [*Shooter*, 2007], *SGU Stargate Universe* e *Motive*), Mike toma a precaução de prender Walt com uma presilha ao radiador do escritório. Walt não é do tipo que se esquecerá do que, a seus olhos, é essa humilhação nas mãos de Mike.

Com Mike e Jesse igualmente resolutos em sair do negócio e forçar o sócio a vender sua parte na metilamina, parece que as coisas voltaram a sair do controle de Walt. Em casa, parece que as coisas estão para ficar piores depois de uma visita de Skyler na qual Marie lhe revela que Walt botou a culpa de tudo no caso de Skyler com Ted. A conversa faz Skyler, que estava choramingona e prestes a abrir-se para a irmã, virar uma mulher em fúria. O interessante é que o espectador tem outra visão tanto do passado quanto das motivações de Walt quando ele conta a Jesse a história da Grey Matter, revelando que vendeu sua parte da empresa por US\$ 5 mil e que agora a empresa vale US\$ 2,16 bilhões, fato que Walt sabe porque, numa tortura autoimposta, ele confere o valor da empresa *toda sexta-feira*. Embora Walt não fale dos motivos pelos quais vendeu sua parte (os espectadores têm a perspectiva de Gretchen quanto ao tema em "Peekaboo"), ele

revela que ela resultou em um rancor de 20 anos similar ao que Gus tinha com Don Eladio e os Salamancas. Esse erro vem carcomendo seu orgulho e sua autoimagem há décadas, e não é agora que Walt vai livrar-se da única coisa que conseguiu curar essa ferida – ele *nunca* vai querer se livrar dessa coisa.

Em meio às sombras criminosas de família e psicologia, Gilligan & Cia. inesperadamente dão ao espectador o que pode ser a cena mais cômica de todo o seriado, quando Walt convida Jesse para jantar com ele e Skyler. O que se segue é pura comédia. Jesse senta-se entre Walt e Skyler, na cadeira oposta à cadeira usual de Junior, situando-o na posição tanto de criança quanto de convidado. Jesse lida com a companhia fria com toda tentativa desesperada e desastrada de quebrar a tensão como uma criança entre pais belicosos. Ele tenta diversas abordagens: parabeniza Sky pelo jantar delicioso, mas descobre que veio pronto do supermercado; fala de como comida de micro-ondas é horrenda; e por fim diz a ela que Walt a elogiou quanto à gerência do lava-rápido. Entre as tentativas, ele toma longos drinks da água gelada enquanto seus olhos pulam de Walt para Skyler e de Skyler para Walt. O interessante é que Jesse, o viciado sóbrio, é o único na mesa que não está entornando birita: Walt toma conhaque sem parar e Skyler segue enchendo a maior taça de vinho do mundo. Numa fala final e apocalíptica, Skyler pergunta a Jesse se Walt também lhe contou sobre o caso extraconjugal – e sai da mesa, com a garrafa de vinho na mão. Jesse fica ali, olhando para Walt como se de repente as cortinas da sala fossem superinteressantes, até que Walt lhe diz que os filhos foram embora. “Graças a Deus”, suspira Jesse. O público só tem a concordar.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

MIKE: “Eu não viria ao quartel-general da nossa operação ilegal no narcotráfico arrastando um bando de tiras, Walter. Seria um pouco insensato.”

## **PERCEBEU?**

- O “deu merda” de Todd lembra o comentário furioso de Skyler sobre o descaso com homicídios, com a mesma expressão, em “Fifty-One”.
- A maior parte da informação que sai da escuta no escritório de Hank é inútil para a turma, incluindo uma bela crítica quanto aos malefícios de um certo condimento para sanduíches.
- Mike talvez seja o personagem mais sincero do seriado. Mesmo quando não gosta de uma verdade, ele a reconhece – como quando ele concorda com Hank dizendo que, mais cedo ou mais tarde, Mike cometerá um erro e vai ser pego.
- Enquanto Jesse e Walt assistem à TV, durante uma pausa na cozinha, passa um anúncio de “caviar de algas”, que mostra caviar pingando do alto da tela exatamente da mesma forma que a metanfetamina líquida pinga na bandeja ao final da fabricação.

## **GRAVANDO!**

- A pré-créditos começa com um ponto de vista aéreo sobre o caminhão cheio de areia entrando na garagem da Vamanos Pragas.
- O primeiro som natural que se ouve na pré-créditos é o do isqueiro de Jesse, quando ele acende um cigarro.
- Quando vai ao ar uma notícia sobre o desaparecimento de Drew Sharp, 14 anos, há um close forte no rosto de Jesse, com lágrimas nos olhos, com uma iluminação sombria da TV através da listra amarela da tenda da Vamanos Pragas, misturada ao azul elétrico da própria TV.
- Um plano aberto, do chão, do escritório da Vamanos Pragas captado a partir da parede oposta àquela em que Walt está preso ao radiador cria a ilusão de que o espaço é muito maior do que realmente é, reforçando o aparente desamparo de Walt.

**TITULAÇÃO** “Buyout” tem três significados. O termo refere-se a: Mike e Jesse querendo sair do negócio (vender suas partes); Declan querendo comprar toda a metilamina, assim tirando toda a turma ABQ do negócio; e também a venda anterior de Walt de sua parte na Grey Matter, assim fazendo um *buyout* de uma empresa que agora tem êxito descomunal. Também pode ser referência aos esforços de Walt para entrar no “negócio de construir impérios” que resultou em torná-lo respeitado e exitoso, mesmo num empreendimento ilegal, bem como no sacrifício de seu relacionamento com a esposa e as crianças.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **COMO FIAÇÃO ELÉTRICA QUEIMA PLÁSTICO?**

A energia elétrica é uma realidade da vida moderna. Dependemos dela para acender nossas lâmpadas, para aquecer a água e para operar nossa cafeteira. Walt a utiliza para fugir da humilhação que é ser preso ao radiador por uma presilha plástica no escritório da Vamanos Pragas. Ele desencapa os fios, coloca um sob a presilha e aí (depois de respirar fundo – queimadura elétrica dói!), liga a cafeteira e usa a corrente para queimar a presilha. Como isso funciona?

A eletricidade é potencialmente uma força letal, por isso fios soltos são revestidos com plástico para isolamento, o que detém o fluxo da corrente. O revestimento é essencial, já que a entrada média numa casa (ou empresa de controle de pragas) fica na taxa dos 200 ampères e basta 0,05 destes na corrente elétrica para provocar danos na pele. Aparelhos elétricos projetados para gerar calor, como aquecedores, secadores de cabelo e cafeteiras, tendem a usar mais energia que outros, por isso a certeza de que os fios estão bem revestidos torna-se mais relevante. Eletrodomésticos com isolamento gasto ou esfiapado deviam sair de uso. Substitua o fio (enrolar com fita isolante não evita incêndios) ou livre-se do aparelho. Fios expostos facilmente geram curto-circuito, o que significa que o caminho planejado da corrente

mudou. Curto-circuitos acidentais, geralmente provocados por fiação defeituosa, podem criar arcos elétricos e são os responsáveis por milhares de incêndios elétricos todo ano. O número de pessoas que descasca fios para provocar esses arcos propositalmente para queimar uma presilha deve ser bem menor.

### **MEDIDAS CAUTELARES E DECISÕES *EX PARTE***

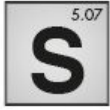
Saul dá um jeito de conseguir uma medida cautelar provisória para que o DEA pare de perseguir Mike. A ação tem sucesso, mas Saul explica ao cliente que é apenas uma medida de contenção; uma hora ela não vai dar conta do que precisa. É fácil conseguir medidas cautelares que nem esta (embora sejam mais comuns em situações que envolvem alegação de violência doméstica) e Saul tem razão: elas não duram muito. Por um bom motivo.

O raciocínio por trás de uma medida cautelar é que a situação está tão terrível que se deve tomar medidas urgentes ou haverá danos irreparáveis, o que justifica que um tribunal emita uma decisão *ex parte*. *Ex parte* é uma expressão do latim que significa “unilateral” e, à primeira vista, parece que ela rasga aquela parte da Quinta Emenda à Constituição dos Estados Unidos, que diz “pessoa alguma poderá... ser privada de vida, liberdade ou propriedade sem o devido processo jurídico”. Uma das pedras de toque do sistema jurídico norte-americano é que os que podem ser afetados pelo processo judicial devem ter a devida notificação desse processo – processos *ex parte* acontecem quando apenas *um* lado pode apresentar ao juiz sua versão dos fatos.

Isso parece injusto, pois uma medida cautelar pode resultar em restrição da movimentação de alguém e, no caso de uma medida dessas, resultante de violência doméstica, pode levar ao confisco temporário de armas de fogo. Só que na verdade é um exemplo excelente da elasticidade do conceito de “devido processo jurídico”. Medidas cautelares são soluções de extremo curto prazo, e uma audiência entre as duas partes envolvidas na disputa tem que acontecer logo. A ideia é equilibrar os interesses concorrentes: de um lado, o interesse de uma pessoa em saber que um processo jurídico foi iniciado contra ela e, do outro, que o

perigo iminente e potencial possa ocorrer à outra pessoa caso perca-se tempo demais até a notificação da primeira.





## ay My Name

**Data de exibição original:** 6 de agosto de 2012

**Roteiro e Direção:** Thomas Schnauz

“Cala essa boca e me deixa morrer em paz.” — Mike Ehrmantraut

*Walt faz um acordo para manter-se nos negócios e para que Mike fique contente. Hank consegue uma nova pista, e Jesse toma uma decisão fatídica.*

Apesar das dificuldades com Skyler e Mike, Walt volta a ser dominante na pré-créditos de “Say My Name”. Vencido pelos números e quase certamente vencido pelas armas, Walt está calmo, confiante e friamente perigoso enquanto negocia com Declan para que este assuma a parte de Mike no negócio. Utilizando nada mais que a verdade (pelo menos dessa vez) sobre sua capacidade como cozinheiro, sobre os benefícios de seu produto em comparação ao de Declan, e sobre sua parte na morte de Gus Fring, Walt domina totalmente Declan e sua equipe, encerrando as negociações ao fazer Declan dizer seu nome com uma exigência quase sexual, tanto na forma como é pronunciada quanto no efeito. E aí Declan sussurra: “Heisenberg”. Walter White se foi e resta apenas Heisenberg. É mais um exemplo da insolência de Walt – até o momento, ninguém conseguiu de fato colocar um rosto no nome “Heisenberg”. Ele tem sido uma presença sombria, que não podia ser identificada claramente e, assim, Walt estava a salvo de ser exposto. Agora essa segurança se foi: Heisenberg é a metanfetamina azul, e Declan e sua equipe podem descrever Heisenberg até com o chapéu.

A solução de Walt, embora eficiente e elegante, não chega a cumprir a promessa que ele fez ao final de "Buyout" para criar uma situação que deixe todo mundo feliz. Mike foi pago e está fora, e resolve tudo com seus caras a partir da sua parte. Walt consegue ficar com a metilamina e seguir cozinhando. Contudo, Jesse também quer cair fora, e o erro de cálculo de Walt está aí. Na maior parte das quatro temporadas, Walt tem conseguido manipular Jesse de uma forma ou de outra, e por isso tem segurança de que pode voltar a fazer isso e convencer Jesse a ficar no negócio. Primeiro ele tenta elogios, prometendo dar a Jesse laboratório próprio e produção própria, como se fosse uma recompensa pelos serviços prestados. Walt diz a Jesse repetidamente que cozinha tão bem quanto Walt e chega a elogiá-lo na frente de Declan. Walt diz a Jesse que ele é o melhor, e que há bem mais que US\$ 5 milhões para se ganhar. Quando Jesse se recusa a morder a isca, Walt muda a marcha, repreende-o e lembra-o de que ele não sabe fazer mais nada, não tem outras oportunidades, que não passa de um viciado. Como isso também não rende o resultado que Walt deseja, ele por fim recusa-se a pagar a parte de Jesse, certo de que o dinheiro vencerá a discussão a seu favor.



(IZUMI HASEGAWA/PR PHOTOS)

O que acontece a seguir talvez seja o momento mais importante na vida de Jesse: ele vai embora. Sem o dinheiro, sem qualquer conexão com o homem que se tornou uma figura paterna distorcida, e sem arrependimento, Jesse diz um “não” resolutivo. É um momento realmente central, pois Jesse fez o que Walt não pode mais fazer – deu as costas antes de ser totalmente consumido pelas trevas. Ele recusou-se a continuar participando de um negócio que, pela própria natureza, mata homens, mulheres e crianças, apodrece as almas de quem pratica e corrói a consciência daqueles que são pegos na sua teia. Jesse já fez coisas horríveis, mas, nesse momento, ele sai como um homem livre. Não é pouca coisa.

Walt, por outro lado, continua aprisionado e não consegue entender *como* Jesse poderia partir com a fonte de todo orgulho e respeito que Walt tem por si próprio. Além disso, com Jesse fora, Walt não consegue mais esconder-se facilmente de seu próprio vício pelo orgulho e pelo poder. Enquanto Jesse estivesse com ele, Walt podia dizer a si mesmo que o que ele fazia, o que ele se *tornava*, não era de todo mal. Sem Jesse, porém, perdeu os últimos resquícios de consciência e seu centro moral. Jesse tampouco é a última pessoa a jogar a verdade na cara de Walt nesse episódio. Com uma ira soberba, de puro desgosto, Mike finalmente o critica, sublinhando tudo que aconteceu – as mortes, o DEA cada vez mais perto, os planos cada vez mais loucos – estão todos na conta de Walt e são resultado de seu orgulho e egoísmo. Mike explicita seu desprezo por Walt, e Walt não consegue aceitar. Num acesso de irritação e orgulho ferido, Walt mata Mike, tudo porque não consegue ouvir a verdade, ou porque alguém ousou fazer calúnia de suas capacidades. O mais perigoso em Walter White é ele ser um pirralho mimado e brilhante, que passou a ver a violência como solução para todos os problemas.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

JESSE: "Vamos."

SKYLER: "Como eu gostaria."

### **PERCEBEU?**

- Hank tem que fazer telefonemas para patrocinadores da "Corrida Divertida" do DEA, já que Gus Fring não é mais financiador do evento.
- Quando Walt e Todd dão uma pausa na cozinha, Walt come um sanduíche de geleia com manteiga de amendoim sem as cascas do pão, o que lembra o sanduíche que fez para Krazy-8 em "... And the Bag's in the River".
- Hank está examinando fotos da casa de Mike durante a videoconferência.

## **GRAVANDO!**

- Há várias câmeras subjetivas quando o Advogado Dan é visto enchendo as caixas no banco, incluindo de dentro das gavetas e a visão do pulso de Dan.
- O leve zumbido que abafa a voz do chefe de Hank na teleconferência lembra efeitos parecidos utilizados ao longo do seriado para indicar quando a mente de um personagem está longe da situação presente.
- A montagem com a primeira parceria de Walt e Todd na cozinha segue "Goin' Down" ("Indo para Baixo"), dos Monkees, e inclui planos complicados (sobre trilhos) quando a câmera passa por trás e pela lateral de objetos no primeiro plano, de forma a criar transições de cena e elipses temporais.
- Os planos do pôr do sol no rio barrento quando Mike morre são muito bem pensados, demonstrando a natureza incólume diante da violência abrupta, e Walt e Mike como meras criaturas minúsculas num mundo vasto.

**TITULAÇÃO** "Say My Name" ("Diga Meu Nome") não se refere apenas à exigência de Walt para Declan, mas a Mike normalmente usar o nome completo de Walt quando fala com ele, sugerindo que, independentemente de quem mais o veja como o Grande Heisenberg, Mike sabe que ele não passa de um Walter.

**CURIOSIDADES** O filme que Mike assiste enquanto Hank e o DEA vasculham sua casa é *Os Corruptos* (*The Big Heat*, 1953), dirigido por Fritz Lang. O filme é um clássico do noir que trata de um tira cuja esposa é assassinada e, em seguida, ele se volta contra o conluio criminoso que controla a cidade.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **ANTOINE LAVOISIER**

Walt diz a Todd, agora seu assistente, que ele não precisa ser um Antoine Lavoisier. Que bom. Antoine Lavoisier (1743-1794) é

conhecido hoje como “pai da química moderna” por causa de suas numerosas contribuições ao campo. Mesmo assim, teve uma morte trágica. Lavoisier nasceu de pais da classe alta francesa e finalizou sua formação em direito a cabresto da família, embora nunca tenha exercido a profissão. Seu interesse era pela matemática e pela ciência. Aos 25 anos, suas ideias sobre a melhor forma de iluminar as ruas de Paris renderam-lhe o ingresso na prestigiosa Academia Real de Ciências. No mesmo ano, ele afiliou-se à Ferme générale (“Fazenda Geral”), uma empresa privada de taxaço que recolhia impostos e tarifas para a Coroa Francesa. Sua ligação com a empresa, de grande impopularidade e notoriamente corrupta, incluiu o casamento com a filha de um dos donos e teria consequências fatídicas. Em 8 de maio de 1794, todos os donos da Ferme générale foram presos, julgados por traição, condenados e executados. O corpo do pai da química moderna foi jogado, sem qualquer cerimônia, numa vala comum.

Apesar de estar em alta conta com os químicos, Lavoisier não descobriu substâncias novas e fez poucos avanços em termos de técnica laboratorial. Seu gênio na verdade estava em tomar o trabalho de outros, refiná-lo e explicá-lo. Por conta de Lavoisier, contudo, a ciência ganhou conhecimento de fato fundamental sobre o qual se apoia boa parte da química moderna, incluindo o conceito de elemento químico, o batismo do oxigênio e do hidrogênio, o papel do oxigênio na formação da ferrugem, a composição química da água, o sistema métrico e a invenção do gesso. Nada mal para um advogado.



## Gliding Over All

**Data de exibição original:** 2 de setembro de 2012

**Roteiro:** Moira Walley-Beckett

**Direção:** Michelle MacLaren

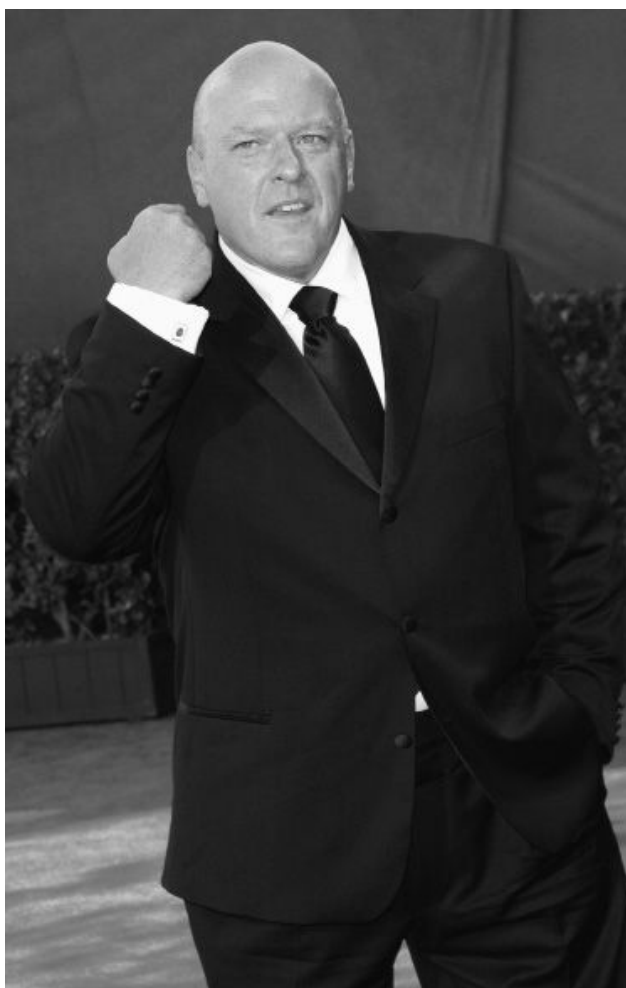
“Acabou... Acabou...” — Walter White

*As coisas finalmente se ajeitam para Walt, mas Hank faz uma descoberta que muda o jogo.*

A primeira metade da quinta temporada dedicou bastante tempo à autorreflexão com referências a episódios passados, mas “Gliding Over All” leva tudo ao extremo (ver uma lista a seguir). A primeira e mais importante dessas referências está na pré-créditos, com o close em uma mosca doméstica comum. No episódio “Fly”, da terceira temporada, a obsessão de Walt em matar uma mosca tanto mascara quanto espelha seu conflito interno, e marcou aquela que talvez tenha sido a última chance que Walt teve de realmente desviar-se do caminho que vinha trilhando – quem sabe até de salvar sua alma. No fim das contas, ele decide ignorar o zumbido de sua consciência e vai fundo em seu coração de trevas e decadência moral. Na pré-créditos de “Gliding Over All”, contudo, a mosca não suscita esses ataques de cons-ciência em Walt, apenas uma consideração profunda que acaba sendo rompida por Todd e pela necessidade de livrar-se do corpo de Mike.

Walt encontrou em Todd o laçao supremo. Todd nem pensa em questionar as ordens ou atitudes do chefe, e está totalmente disposto a fazer o que o outro lhe diz. Todd chegou a assumir a forma cortês de Jesse, chamando Walt de “Sr. White”. Em se

tratando do próprio Jesse, este está totalmente excluído pelo ressentido Walt, e a cozinha continua a produzir droga. Aliás, o império de Walt fica maior do que nunca com a ajuda de Lydia. As últimas pessoas que podiam denunciar Walt são apagadas em dois dos minutos mais violentos na história da televisão. A investida de orquestração precisa contra os caras de Mike e o Advogado Dan vai além de proteger o negócio eliminando testemunhas. Ela é uma mensagem tanto à comunidade criminosa quanto às forças da lei: Heisenberg está vivo e vai bem, e não tente se meter com ele. Com isso, tudo volta a seu lugar e por três meses Walt tem operações de imenso sucesso sem interrupção: ele cozinha, Declan e Lydia distribuem, e Todd auxilia. Walt é o rei da Blue Magic, e sua palavra é lei.



(ALBERT L. ORTEGA/PR PHOTOS)



Porém, quando Skyler leva-o para ver o pallet com a pilha de notas na altura do joelho, resultado dos 90 dias de trabalho, algo se transforma. Sky lhe diz que quer a família de volta e pela primeira vez na vida Walt está diante de mais dinheiro do que poderia gastar. Mais dinheiro do que Junior ou Holly teriam como gastar, talvez até os filhos *deles*. Tanto dinheiro que dar US\$ 5 milhões a Jesse é como uma gota no oceano. Finalmente é o bastante. Numa cena que lembra o momento em que ele aceita fazer o tratamento contra o câncer em "Cancer Man", Walt diz a Skyler que acabou, que vai deixar as drogas. Quando o episódio direciona-se para a conclusão, parece que ele realmente vai parar. No entanto, há questões problemáticas ainda sem solução. A não ser que Todd tenha aprendido a duplicar o processo na cozinha, sem Walt não existe Blue Magic, e a margem de lucro acabará caindo. Como exatamente Declan e Lydia sentem-se em relação à aposentadoria de Walt? O reinado de Walt pode ser análogo a pegar um tigre pelo rabo: soltar não é a melhor opção.

Contudo, tudo isso pode virar irrelevante, pois Hank faz a maior descoberta de sua vida enquanto está sentado no vaso da casa dos White. O orgulho de Walt deixou-o descuidado e o fez deixar um exemplar de *Folhas da Relva* junto ao vaso sanitário como material para leitura. O livro em si já o condena, mas a dedicatória é pior. Em um único instante, tudo se conecta na mente de Hank, o detetive brilhante e obstinado que passou os últimos 15 meses da vida tentando localizar o misterioso Heisenberg; que quase foi morto por causa de sua obsessão pelo caso; e que agora é um homem encarregado do escritório distrital do DEA. Sua presa esteve o tempo todo logo abaixo de seu nariz, ainda mais que Gus Fring estava com o ASAC Merkert. Walt vem brincando com ele esse tempo todo. A natureza reflexiva da quinta temporada até o momento é explicada num só instante. É a última imagem antes de tudo mudar: para Walt, para Skyler, para as crianças, Hank, Marie, Jesse, Saul – todo mundo. O que vem a seguir é o que resolverá esse conto tenebroso.

# QUÍMICA ANALÍTICA

## ALTA VALÊNCIA

LYDIA: "Quem sabe você pede alguma coisa. Quer um café, sei lá?... Acho que ia ficar melhor se você pedisse alguma coisa."

## PERCEBEU?

- Todas as referências aos episódios anteriores:
  - O plano de Walt no banheiro faz referência tanto a "Kafkaesque", da terceira temporada, quanto a "Cornered", da quarta.
  - O nervosismo de Lydia ao encontrar-se em público com Walt lembra o encontro dela com Mike em "Madrigal".
  - Walt diz a Lydia para "aprender a aceitar 'sim'", quase o que Mike lhe disse, palavra por palavra, em "Thirty-Eight Snub".
  - Lydia, por sua vez, diz a Walt que "vamos fazer muito dinheiro juntos", que é exatamente o que Tuco Salamanca lhe disse em "A No-Rough-Stuff-Type Deal".
  - O quadro no quarto do motel dilapidado em que Walt conhece o supremacista branco e tio de Todd é o mesmo quadro que estava na parede do quarto de hospital de Walt em "Bit By a Dead Bee".
  - Enquanto Walt cronometra o homicídio em massa que contratou, ele está vestindo camisa xadrez amarela e calça bege pela primeira vez desde a segunda temporada.
  - Walt observa o porta-papel ainda amassado no banheiro da clínica oncológica, que lembra seu acesso de raiva no fim de "4 Days Out".
  - Quando o clã White-Schrader reúne-se em torno da mesa perto da piscina dos White, Hank está falando em uma nova leva de "Schraderbräu", sua receita de cerveja caseira vista pela última vez em "Breakage".

- A montagem com os assassinatos na prisão que Walt ordenou segue o ritmo de "Pick Yourself Up" ("Recomece"), de Nat King Cole e George Shearing, que fala em começar de novo. Contudo, resta a pergunta sobre quem de fato está recomeçando a vida. Seria Walt ou Hank?
- Quando Walt visita Jesse, há um *bong* e duas garrafas de cerveja na mesa de café do último. Parece que ele está voltando a se drogar, o que infelizmente bate com o que Walt lhe disse de mais áspero em "Say My Name".

### **PRECIPITAÇÕES**

- Quando o tio de Todd, Jack (Michael Bowen, meio-irmão de Robert, Keith e David Carradine, este último mais conhecido pelos papéis em *Django Livre* [*Django Unchained*, 2012] e nos dois filmes de *Kill Bill* [2003, 2004]) discute a dificuldade que será empreender as mortes do jeito que Walt quer, ele diz que "nem apagar o Bin Laden foi tão complicado". Embora "Gliding Over All" tenha sido filmado em 2012, só passou pouco mais de um ano em termos de história desde que o seriado começou, o que situa a conversa em 2010. O SEAL Team Six só matou Osama bin Laden em 2 de maio de 2011. O criador e produtor executivo Vince Gilligan já admitiu publicamente que houve um erro de continuidade.
- Em escala menor, o horário no relógio de pulso de Walt quando ele começa a contagem regressiva das mortes é diferente do horário que aparece no close logo a seguir. No plano aberto, a hora é 12:01:15, enquanto que no close é 12:00:45.

### **GRAVANDO!**

- A pré-créditos passa de um close fechado na mosca para um plano em ângulo baixo do táxi de Todd chegando na Vamanos Pragas a um plano de grua de Todd saindo, um jogo de perspectivas muito usado em *Breaking Bad*.

- O plano de Walt no espelho do armário do quarto principal lembra um plano similar de “Live Free or Die”, e os dois aparecem em cenas em que Walt está escondendo o minúsculo frasco de ricina.
- O plano aparentemente de cabeça para baixo de Walt passando por um exame PET/CT espelha o mesmo plano utilizado em “Piloto/Breaking Bad”, quando seu câncer foi diagnosticado pela primeira vez.
- A longa montagem na cozinha inclui todo tipo de plano “marca registrada” que se associa a *Breaking Bad*: câmera subjetiva, transparência, time-lapse externo, movimento acelerado, transições que passam por trás de objetos no primeiro plano, perspectiva forçada, cortes rápidos, plongée, contra-plongée, closes, cenas entrecortadas, etc. A sequência toda é uma dedicatória à incrível direção de fotografia que se usa desde o princípio do seriado, e é muito benfeita.

**TITULAÇÃO** “Gliding Over All” (“Planando Sobre Tudo”) é um poema curto do *Folhas da Relva* de Walt Whitman:

*Gliding o'er all, through all,  
Through Nature, Time, and Space,  
As a ship on the waters advancing,  
The voyage of the soul – not life alone,  
Death, many deaths I'll sing.*<sup>8</sup>

Walt, é claro, já provocou um monte de mortes ao longo de sua vida, e nesse episódio ele provoca mais mortes de uma só vez do que em qualquer outro. (O desastre do Wayfarer não foi provocado diretamente por Walt, embora essas mortes entrem na sua conta.) O poema também reforça a natureza reflexiva do episódio, e enfatiza o real sentido de *Breaking Bad*: a jornada das almas dos personagens.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

## **METANFETAMINA NA REPÚBLICA TCHECA**

Graças a Gus Fring e ao fato de ele utilizar a Los Pollos Hermanos para encobrir sua rede de narcotráfico, a divisão de restaurantes da Madrigal está sob investigação. Porém, como Lydia ressalta, a Madrigal é uma multinacional imensa, com 14 subdivisões. Ela apresentou o plano para expandir o império de Gus à Europa, mas um pequeno probleminha – a morte dele – acabou com a ideia. Não sendo alguém que perde oportunidades, ela faz a mesma oferta a Walt, que não se convence. República Tcheca? Não é aquele país que derrubou os comunistas na dita Revolução de Veludo e aí elegeu um dramaturgo? Ora, sim. E Lydia pode ter tido uma ideia brilhante.

A metanfetamina não é uma droga muito utilizada em grande parte da Europa. A exceção é a República Tcheca, onde tanto a produção quanto o consumo aumentaram drasticamente na última década. O motivo é um dos legados mais estranhos do regime comunista. Quando os comunistas estavam no poder, era absurdamente difícil conseguir qualquer coisa do Ocidente – Coca-Cola, calça jeans e drogas paravam na fronteira. Nesse período, os usuários começaram a fabricar drogas “caseiras” – e é mais fácil produzir uma droga totalmente artificial como a metanfetamina do que, por exemplo, conseguir um carregamento de papoulas para transformar em heroína. Some a isso que as diretrizes econômicas soviéticas beneficiavam indústrias chave ligadas a cada estado satélite, e uma das maiores fabricantes de efedrina (um precursor muito usado na produção de metanfetamina) ficava perto de Praga. Quando a Cortina de Ferro caiu, tanto as fronteiras quanto os mercados se abriram, e de repente podia-se ganhar dinheiro. Começaram a brotar laboratórios de fabricação de metanfetamina na República Tcheca.

Segundo o Centro Europeu de Monitoramento das Drogas e do Vício (EMCDDA, na sigla em inglês), embora o número de grandes laboratórios de fabricação de metanfetamina venha caindo, o número de “cozinhas” da droga na Europa aumentou 22% entre 2008 e 2009. Apesar disso, Lydia dá uma exagerada na demanda. Os números do EMCDDA mostram que apenas 0,3% dos adultos

tchecos já provaram metanfetamina, e não a estimativa de 5% que ela dá.

[8](#) Em tradução livre: "Planando sobre tudo, por tudo / Por Natureza, Tempo e Espaço, / Como um navio às águas avançando, / A viagem da alma – não só da vida / Morte, muitas mortes cantarei."



## **Blood Money**

**Data de exibição original:** 11 de agosto de 2013

**Roteiro:** Peter Gould

**Direção:** Bryan Cranston

“Tenha um dia A1!” — Walter White

*Ainda titubeante após sua descoberta, Hank começa a armar a acusação contra Walt. Jesse descobre que conviver com o passado é uma coisa bem complicada.*

Oito episódios após “Live Free or Die”, a pré-créditos de “Blood Money” volta ao Walt mais velho e barbudo quando este visita a casa na Negra Arroyo Lane, 308. O antigo lar dos White tornou-se um terreno abandonado, cercado por arame, e os adolescentes do bairro transformaram a piscina em pista de skate. Aquele não é mais o lar de Walt nem de ninguém; virou uma casca vazia que acumula lixo dentro e fora, que tem “Heisenberg” grafitado em letras imensas no que antes fora a parede da sala de estar. Parece que Walt caiu, assim como tudo ao seu redor. Sua tarefa atual? Recuperar o pequeno frasco de ricina atrás da placa cega da tomada naquele que antes era seu quarto com Skyler. É apropriado que Walt tenha vindo buscar morte em um lugar morto, distante daquele onde ele e Skyler já haviam tido uma vida juntos.

A cena, contudo, ainda está no futuro em relação à linha temporal básica do seriado, e o primeiro ato do episódio volta o espectador para o quarto dos White em dias mais auspiciosos: limpo, mobiliado, iluminado, vivo, com Hank saindo do banheiro principal trazendo *Folhas da Relva* na mão. É impossível exagerar

a magnificência da performance de Dean Norris nesse episódio. Seu estilo sutil suscita perfeitamente a mistura turbulenta de emoções que ferve em Hank, desde o momento em que ele está calmo e olhando para Walt, passando pela parte em que sai correndo da casa dos White até o confronto na cena final. A revelação de que Walt é Heisenberg é quase mais do que Hank pode suportar, mas só quase. Na manhã seguinte, ele fará o que faz de melhor: armar uma acusação.



(JOHN HALE)

Hank, porém, não é o único que vive emoções fortes em "Blood Money". Jesse, que voltou a se drogar, está terrível. Olhos avermelhados e círculos escuros nas órbitas conotam noites sem dormir e uma dor em seu âmago que nenhum produto químico consegue apagar. Jesse sente-se um desgraçado com seus US\$ 5 milhões, pois o sangue que recobre o dinheiro e suas mãos é o



sangue de uma criança. Para Jesse, o dinheiro está manchado para sempre e tornou-se um lembrete horripilante de todas as vidas que se acabaram nas peripécias que teve com Walt. Na mente de Jesse, a única forma que ele tem de chegar à consciência limpa é não ficar com o dinheiro. Além disso, ele precisa distribuí-lo de forma que venha a ajudar suas vítimas. Quando sua tentativa de livrar-se da grana via Saul não dá certo, ele recorre à ideia desesperada de jogar os maços pela janela do carro como um entregador de jornais demente – no bairro mais pobre que encontra, bastante similar à região mostrada em “Peekaboo”. É um belo toque de Gilligan & Cia., pois, em se tratando de cristal nos EUA, quem mais sofre é a classe operária pobre, direta ou indiretamente. Toda boca de fumo no país é rodeada por outras casas cheias de gente que só quer viver sua vida e criar os filhos. Jesse está literalmente jogando dinheiro nos problemas que ajudou a criar.

De todos os momentos memoráveis do episódio, a cena final é a que mais se destaca: o confronto entre Walt e Hank. Com performances arrebatadoras de Norris e Cranston (também diretor do episódio), Walt e Hank deixam todas as cartas na mesa. Hank está magoado, confuso e furioso, o que supera em muito as tentativas de Walt racionalizar e manipular. Quando Walt tenta falar sobre a proteção da família, Hank interrompe-o imediatamente com uma verdade inegável: “Como se você desse alguma bola pra família!”. É apenas na última fala do episódio, quando todas as tentativas de manipulação lógica e emocional fracassaram, que Walt consegue fazer Hank hesitar. Numa mudança de expressão quase melancólica, Walter White dá lugar a Heisenberg, com um alerta arrepiante para Hank: “Cautela”. Vale notar, contudo, que os olhos de Heisenberg não são os mais frios na garagem. Com essa ameaça final, Hank fica firme, e surge um predador virtuoso para rebater o olhar penetrante de Heisenberg.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

## ALTA VALÊNCIA

SKINNY PETE: “Yo, mano, por que cê acha que o McCoy nunca queria teleporte pra lugar nenhum? Porque ele é *médico*, porra! Vai olhar, é ciência”

## PERCEBEU?

- No momento em que Walt deixa sua antiga casa, ele encontra a ex-vizinha, Carol, que fica chocada e deixa cair as compras, fazendo várias laranjas rolarem para a calçada – uma possível referência a *O Poderoso Chefão* e, por conseguinte, à violência e às mortes que estão por vir.
- Na pré-créditos, Walt para nas portas que levam ao pátio para olhar os garotos andando de skate na piscina vazia, depois segue ao corredor que leva ao quarto. No primeiro ato, Hank faz o caminho inverso, passando dos quartos do fundo e para nas portas de correr, olhando para Walt no pátio em volta da piscina.
- Quando Hank abre a porta de correr, as primeiras palavras compreensíveis que se ouve são as de Marie, que brinca com Walt: “Mas que diabo, você”.
- Quando Hank perde o controle da caminhonete, ele bate numa cerca branca, talvez o maior símbolo norte-americano de lar, família e segurança, coisas que todas as ações de Walt romperam ou pelo menos puseram em perigo.
- No lava-rápido, Walt e Skyler estão ambos vestidos de branco e bege claro, uma mudança em relação às roupas mais escuras que usaram nos últimos episódios, e também o tipo de roupa que vestem as pessoas que não pretendem fazer qualquer esforço físico durante o serviço.
- “Blood Money” faz jogos interessantes com os olhos dos personagens. Os olhos de Walt somem no reflexo do espelho quebrado na pré-créditos, e os olhos de Lydia se escondem atrás dos óculos escuros estilo Jackie O, a não ser quando ela se dirige com toda sinceridade a Walt.
- Walt fez 360 graus na vida: voltou à máquina registradora do lava-rápido e pede permissão para organizar os

desodorizadores. Ao invés de Bogdan, contudo, agora sua chefe é Skyler, e parece ser a pessoa que vai tomar todas as decisões sobre o negócio.

- Enquanto Hank repassa todos os arquivos sobre Heisenberg na garagem, elementos e personagens de todo o seriado são vistos mais uma vez, incluindo Krazy-8, Mike, Gus, Gale, Don Eladio, Tyrus, a máscara de proteção do laboratório de química do colégio de Walt e o desenho agora facilmente identificável de Heisenberg feito pelos primos para o altar a Santa Muerte em "Sunset".
- Faz pelo menos um mês e provavelmente mais desde que Walt deu US\$ 5 milhões a Jesse, mas parece que Jesse não gastou nem uma moedinha nesse tempo todo.
- Jesse quase nunca olha para Walt durante a cena dos dois juntos, lembrando a recusa de Héctor Salamanca em olhar para Gus Fring.
- Quando tenta convencer Jesse de que Mike está vivo, Walt acaba dizendo o contrário do que quer: "Jesse. Preciso que você acredite. Não é verdade. Simplesmente não é".
- A toalha que Walt coloca sobre os joelhos lembra Gus, que fez a mesma coisa no banheiro de Don Eladio em "Salud".
- Enquanto Walt vasculha as revistas nos fundos do banheiro, a bem de cima é *Family Circle*, enquanto o verso de outra mostra um anúncio da luxuosa clínica de Walt, com o slogan "Dedicados a Tratar o Câncer".
- O garoto vizinho de Hank voltou a brincar com um carrinho de controle remoto, possivelmente o que comprou com o dinheiro que Hank lhe deu para substituir o primeiro, que foi destruído quando Marie passou por cima dele com seu VW Beetle, por puro rancor, em "Seven Thirty-Seven".

### **GRAVANDO!**

- O close nas rodas do skate lembra a câmera subjetiva nas rodas tanto da bicicleta de Thomas em "Mandala" quanto na da motocicleta de Drew Sharp em "Dead Freight".

- Gilligan & Cia. voltam a usar áudio e vídeo para conotar que um personagem está sob grande pressão. Quando Hank está saindo da casa de Walt, a voz de Marie vira um eco abafado, enquanto os planos da câmera subjetiva de Hank viram embaçados, sem foco e inclinados. A cena lembra a reação de Walt à notícia de que ele tem câncer, no episódio piloto. Ambas as notícias são fatos traumáticos, transformadores.
- Quando Hank repassa seus arquivos na garagem, há um belo plano que contrasta o logo da Schraderbräu no primeiro plano, com um Hank bobo e sorrindo numa camiseta havaiana de cores fortes e coroa de flores, com o Hank real ao fundo, turvo, de roupas cinzas, trabalhando diligentemente e nem sinal de um sorriso.
- A câmera subjetiva em contra-plongée, ícone de *Breaking Bad*, é virada do avesso nesse episódio: Jesse é visto em plongée, olhando para o alto de sua mesa de café com tampo transparente. Não apenas o contra-plongée transpassante vira plongée, mas o próprio Jesse está ocupando a mesma câmera subjetiva a que os espectadores se acostumaram, um contra-plongée através de sua mesa, como se, assim como uma câmera, Jesse só conseguisse olhar para o mundo à sua volta sem qualquer vontade de participação.
- O plano de Jesse e Walt sentados em cantos opostos tem uma composição meticulosa. As verticais nos sacos de dinheiro empilhados entre eles, uma garrafa de cerveja em pé no primeiro plano e o intervalo entre as cortinas da janela no fundo dividem nitidamente os dois homens, enquanto a imagem é emoldurada por uma série de garrafas de cerveja caídas de lado na parte inferior do plano.

**TITULAÇÃO** “Blood Money” (“Dinheiro de Sangue”) faz referência não só a como Jesse e Walt ganharam dinheiro desde a primeira temporada, mas também é um termo histórico para a

compensação que um assassino paga à família ou clã de sua vítima. O pagamento da dívida de sangue indenizava o assassino e sua família de vingança por parte da família da vítima, e resolvia juridicamente a questão em caráter permanente. Ao tentar dar dinheiro à família de Drew Sharp e outras vítimas, Jesse está literalmente tentando pagar pelos seus crimes. O dinheiro de sangue fez parte histórica de sistemas jurídicos em culturas de todo o mundo, incluindo Norte da Europa, Oriente Médio, Somália, Japão e Coreia.

**MÚSICA** Na abertura do primeiro ato, quando Hank sai do banheiro dos White, a música "If I Didn't Love You" ("Se Eu Não Te Amasse"), da banda Squeeze, toca perto da piscina. Na canção, o intérprete revela que se não amasse a mulher sobre a qual canta, ele iria odiá-la. A letra estabelece um belo paralelo com a relação entre Hank e Walt, agora que Hank deve lidar com a aversão pelo homem que já amou como irmão. É um belo toque de continuidade com o episódio anterior, quando "Up the Junction" ("Na Junção"), da mesma banda, tocava enquanto os White e os Schrader estavam perto da piscina. Nesta música, o cantor é um homem cuja amada fica doente, então ele vai trabalhar, cria família e faz tudo andar bem, mas é deixado a ver navios pela esposa, e nesse ponto sua vida vai pro inferno. Alguém está tocando *Os Maiores Sucessos do Squeeze* com Walter White na cabeça.

**CURIOSIDADES** Esse episódio foi dedicado a "Nosso Amigo, Kevin Cordasco". Kevin era um garoto de 16 anos, de Los Angeles, grande fã de *Breaking Bad* e que sofria de neuroblastoma, uma variedade rara de câncer. Um amigo da família de Kevin conseguiu que o garoto conhecesse Bryan Cranston, que visitou Kevin no hospital e depois trouxe Bob Odenkirk e Anna Gunn para visitar sua casa em L.A. Kevin também teve a chance de conhecer a equipe de roteiristas de *Breaking Bad* em novembro de 2012. O elenco e a equipe ficaram muito comovidos com a história de Kevin e sua atitude sempre positiva diante da doença. Vince

Gilligan tinha planos de fazer um papel para Kevin no seriado, mas o garoto estava doente demais para viajar para o set na época necessária. Com a complicação da doença, Kevin recebeu a proposta de ler o roteiro para o final de *Breaking Bad*, mas aparentemente recusou porque não tinha certeza se iria conseguir guardar segredo. Kevin faleceu em março de 2013, e Gilligan decidiu dedicar “Blood Money” a ele num gesto de respeito e homenagem.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **ANÁLISE GRAFOTÉCNICA COMPARATIVA**

Não basta para Hank *pensar* que está certo quando vê a dedicatória de Gale a “W.W.” no exemplar de Walt de *Folhas da Relva* – ele tem que estar absolutamente seguro. Por isso o vemos usando o caderno de anotações de Gale, que vem das provas reunidas na cena do assassinato do laboratorista, para compará-las com a dedicatória de *Folhas da Relva*. Hank não está procurando marcas de personalidade que se revelam na letra manuscrita (campo conhecido como “grafologia”); está buscando provas de que a mesma pessoa produziu os mesmos escritos. A análise de escrita é um campo subjetivo, mas, se benfeita, geralmente se sustenta em tribunal. Hank está procurando características individuais que fazem a escrita de uma pessoa distinguir-se da de outras. Até gêmeos idênticos possuem caligrafia distinta. Embora a caligrafia de crianças muito novas costume ser muito parecida, nossos estilos mudam conforme envelhecemos – geralmente de forma bastante drástica – em relação aos moldes que aprendemos no ensino fundamental. Embora seja possível para adultos compartilharem algumas características, as chances de alguém compartilhar dezenas de características são infinitesimais.

Na análise de grafia, é preciso comparar dois documentos. O primeiro, conhecido como “exemplar”, é de autor conhecido (os cadernos de Gale, no caso) e o segundo é de autor desconhecido.

É evidente que um exemplar de qualidade é chave para a análise final. A análise começa na busca por diferenças nas duas amostras, ao invés de semelhanças, que praticamente qualquer pessoa consegue localizar com algum grau de precisão. É a falta dessas diferenças o que indica que dois documentos foram escritos pela mesma pessoa. Ajuda consideravelmente o fato das duas amostras que Hank está observando serem escritas em letra maiúscula – as comparações entre letra maiúscula e minúscula são quase praticamente inúteis. Também ajuda que as duas amostras foram fornecidas sem coerção, pois uma pessoa nervosa tende a fazer coisas malucas quando escreve (assim como pessoas bêbadas ou exaustas). No caso dos dois documentos que Hank observa, não há diferenças, o que se encaixa como peça do quebra-cabeça.

### **O OLHO QUE TUDO VÊ**

No escritório de Saul, um cliente potencial veste uma camiseta com o símbolo do olho que tudo vê, às vezes chamado de “Olho da Providência”. Os olhos e o ato de olhar (ou não olhar, no caso de Héctor com Gus) são temas recorrentes de *Breaking Bad*. Lembra-se do amuleto de Don Eladio e o globo ocular do ursinho de pelúcia? É apropriado que essa imagem surja nesse episódio, que se envolve muito com os personagens poderem ou não – ou quererem ou não quererem – enxergar. Embora existam variações do símbolo, ele costuma ser retratado como um olho dentro de um triângulo, por sua vez cercado de raios emanentes. Geralmente interpretado como representação do olho de um Deus divino que observa o mundo, o símbolo pode remontar ao Olho de Hórus da mitologia egípcia. Na Europa do Medievo e da Renascença, o Olho da Providência era representação da Trindade Cristã. Em 1776, o olho foi sugerido como elemento de design do Grande Selo dos Estados Unidos e adotado para o verso do Grande Selo em 1782. O olho também aparece na nota de um dólar norte-americana, na ideia de que o Olho de Deus em Si olha favoravelmente ao sucesso dos Estados Unidos.



## **uried**

**Data de exibição original:** 18 de agosto de 2013

**Roteiro:** Thomas Schnauz

**Direção:** Michelle MacLaren

“Fui eu. Eu fiz o que não devia.” — Walter White

*Hank age rápido para recolher provas contra Walt, mas encontra mais obstáculos do que esperava. Walt está correndo para encobrir seus rastros. Marie confronta Skyler.*

Parece que as coisas começaram a vir abaixo na vida de Walt, e ele inicia “Buried” um passo crucial atrás de Hank porque este consegue falar com Skyler primeiro. Skyler tem sido o pivô dos planos de Walt desde que descobriu seus atos criminosos, ainda na segunda temporada; se ela ceder, Walt não tem muito a que recorrer. É por isso que a decisão de Skyler nesse episódio é crucial, e isso também vale para a habilidade de Anna Gunn em dar vida à gama de emoções que Skyler sente em “Buried”. Ao encontrar-se com Hank, Sky é cautelosa; ela não está pronta para comprometer-se com um lado ou outro, mas também não está disposta a ser obrigada a tomar uma decisão. A cena que ela faz no restaurante é parte artifício e parte colapso emocional, similar a sua caminhada na piscina em “Fifty-One” – mas cumpre o que ela precisa, que é lhe dar tempo para pensar e entrar em contato com Walt. O qual, por conselho de Saul, não aceita as ligações dela.

Walt em si está em modo pânico total e, como sempre, isso significa que ele está com pressa. O mais importante é que, apesar do barato e da sensação de poder que Walt tem como



Heisenberg, parece que ele realmente quer deixar o negócio de vez. Sua reação à proposta de matarem Hank é inflexível, afirmando que Hank é parte da família e, portanto, intocável – uma mudança de atitude notável em relação a seu ponto de vista em “One Minute”. Walt aparentemente está mesmo tentando deixar Heisenberg no passado. O problema do passado, porém, é que ele nunca vai a lugar algum, e vem ressurgindo nos lugares mais inesperados e inconvenientes.



(IZUMI HASEGAWA/PR PHOTOS)

Para Skyler, sua escolha prévia de manter o segredo de Walt para proteger os filhos e obrigá-lo a pagar as contas hospitalares de Hank volta com tudo quando ela finalmente, *finalmente*, conta

a verdade a Marie. Bem, mais ou menos. Skyler está sendo primorosamente cautelosa, e não chega a dizer qualquer coisa que possa ser entendida como confissão explícita e direta em tribunal. Na primeira de duas cenas extraordinariamente íntimas, Marie confronta Skyler quanto a Walt, e fica óbvio que ela deseja que Hank esteja errado. Ao longo do seriado, o relacionamento entre Skyler e Marie, embora longe de ser perfeito, foi apresentado como muito, muito próximo. Em nenhum momento são mencionados outros integrantes das famílias delas, e a proximidade entre os White e os Schrader constrói-se em torno do cerne do amor que as irmãs possuem entre si. De forma sutil, mas segura, *Breaking Bad* enfatizou que, quando se trata de parentes de sangue, as irmãs só têm uma à outra. A traição de Skyler portanto é horrenda, principalmente quando ela revela (pelo silêncio quando Marie adivinha a verdade) que ela sabia sobre Walt antes de Hank levar o tiro e quase ser morto. Assim como Skyler em "I.C.U.", Marie não demora a deduzir que as atividades de Walt provavelmente tiveram algo a ver com o ataque a seu marido, e, se tem uma coisa a que Marie se dedica acima de tudo é a Hank e seu casamento. O tapa em Skyler marca o rompimento de um dos dois relacionamentos em que Marie tem fé total. O choque e a devastação de Skyler demonstram que ela está ciente do custo de sua duplicidade.

Talvez seja essa perda que impele Skyler a tomar a decisão final do episódio. Com Marie aparentemente distanciada para sempre, o que resta a Skyler são Walt e os filhos. Ela é supercarinhosa com o Walt exausto e inconsciente, deitado no chão do banheiro. É possível que a recorrência do câncer tenha feito a balança pender, pois Walt provavelmente morrerá e resolverá todos os problemas. Ainda assim, é uma das cenas com atuação mais bonita de todo o seriado, e é impossível negar que, apesar de tudo, há um afeto profundo e duradouro entre Skyler e Walt. Se isso é ou não é amor, nesse momento, é outra questão. No entanto, existe ali um laço que aparentemente nada consegue partir. De todos os personagens no seriado, Skyler é a de maior complexidade emocional, e já de saída Gunn deu complexidade a sua atuação.

Provavelmente todos os motivos listados acima colaboram nessa decisão, mas, assim como em "Four Corners", Skyler decide tirar a sorte com Walt. É uma decisão tanto estranha quanto comvente.

## QUÍMICA ANALÍTICA

### ALTA VALÊNCIA

HUELL: "México. Só te digo isso."

KUBY: "O cara deitou 10 caras na prisão em dois minutos. Só te digo isso."

### PERCEBEU?

- Depois da pira de Robin Hood, Jesse está num playground, lembrando que sua culpa vem das consequências que suas ações tiveram sobre crianças.
- Quando Walt sai da garagem de Hank, no primeiro ato, ele vira-se para olhar e os dois encaram-se com os pés afastados e braços pendendo pelos flancos. Walt chega a remexer os dedos com se quisesse afrouxar a mão. A composição é de uma cena clássica de embate entre dois pistoleiros nos faroestes, e não há dúvida de que é proposital, pois Vince Gilligan repetidas vezes chamou *Breaking Bad* de "faroeste moderno".
- Quando Hank abraça Skyler no restaurante, ela está dura e sem reação nos seus braços, já criando distância. Essa demonstração de afeto ecoa o abraço igualmente desajeitado e desconfortável entre Hank e Skyler em "Seven Thirty-Seven".
- Seja para dissolver corpos ou guardar grana, barris de plástico de 200 litros têm mesmo mil e uma utilidades.
- O colapso de Walt no chão do banheiro lembra "The Cat's in the Bag", da primeira temporada, em que ele também passou uma noite estatelado no banheiro.
- Walt pergunta a Skyler se a novidade sobre o câncer a deixou feliz, referindo-se à frase que ela usou para confrontá-lo em "Fifty-One".

- A visão, ou a falta dela, continua tendo importância nesse episódio, com Lydia chegando à cozinha de Declan vendada e saindo com os olhos bem fechados para não ver o resultado do que fez. Ela alterna entre a cegueira não proposital e a proposital. Não ver as coisas as tornam menos reais, e incapazes de serem lembradas ou descobertas *a posteriori*. Isso também vale para Walt, que quase por definição é incapaz de ver a verdade sobre si e sobre o que faz.
- Jesse, normalmente loquaz, não tem uma única frase no episódio inteiro, o que sublinha a precariedade de seu estado emocional.

### **GRAVANDO!**

- A pré-créditos traz outra visão em plongée, um ponto de vista divino de Jesse deitado no gira-gira do playground. A cena também tem iluminação belíssima, com uma fonte de luz forte de um lado projetando sombras fortes que deslizam sobre Jesse enquanto ele gira.
- A câmera no embate final entre Walt e Hank, do lado de fora da garagem, também é western clássico. Os ângulos alternados são baixos, subindo a perna de Hank e Walt e vice-versa, ou em closes dos rostos dos dois. Os cortes de edição de uma câmera subjetiva para outra, de um homem para outro, é um maneirismo reconhecido instantaneamente nos diversos tiroteios de western em ruas empoeiradas.
- Há dois planos de câmera subjetiva clássicos de *Breaking Bad* quando Walt enterra o dinheiro. O primeiro é uma câmera subjetiva vertiginosa do barril quando Walt o faz rolar até o fosso, e o segundo é uma câmera subjetiva transpassante do GPS logo antes de Walt quebrá-lo.
- A composição da caminhada de Lydia pelos corpos de Declan e seus homens é benfeita, sendo que as solas vermelhas de seus Louboutins combinam com o sangue fresco da chacina.

**TITULAÇÃO** Assim como vários títulos de *Breaking Bad*, "Buried" ("Enterrado") tem múltiplos significados e referências. Walt enterra seu dinheiro, claro, e o laboratório de Declan é um ônibus escolar enterrado. Em outro sentido, Declan e seus homens estão enterrados, e os relacionamentos entre os White e os Schrader também estão mortos e enterrados quando o episódio termina.

### **CURIOSIDADES**

- Esse episódio foi dedicado a "Nosso Amigo, Thomas Schnauz Sr.", pai do roteirista do episódio, Thomas Schnauz (Jr.).
- Marie compara Hank a Lone Wolf McQuade, herói do filme homônimo estrelado por Chuck Norris (imagine-se que não tenha parentesco com Dean Norris) como o ranger texano Jim "J.J." McQuade. O filme inclui praticamente todo clichê de policial renegado, inclusive um "lobo solitário" que não trabalha bem com colegas mas tem gosto pelo perigo, um chefe das drogas implacável, um colega aposentado, um oficial de alto escalão que tenta controlar o herói e um parceiro novo que ele renega. Chuck Norris já disse que o filme foi inspiração direta para *Walker, Texas Ranger*.
- As coordenadas supostamente ligadas ao dinheiro enterrado de Walt, latitude 34.59.21 e longitude -106.36.52, são exatamente as coordenadas dos Albuquerque Studios, onde *Breaking Bad* foi filmado.

### **INGREDIENTES ESPECIAIS**

#### **CHRISTIAN LOUBOUTIN**

Vince Gilligan já comentou que "Lydia é Darth Vader de Louboutins", e é isso que ela demonstra em "Buried". Quando Lydia caminha delicadamente pelas areias manchadas de sangue, os espectadores observam as solas escarlates de seus saltos altos – calçados nada apropriados para uma chacina cruel, mas perfeitamente apropriados para Lydia. As solas vermelhas e os saltos gigantes são referências do estilista francês Christian

Louboutin, e mostram que Lydia deve ser rica e claramente entende de moda. Os Louboutins são considerados extremamente chiques, sendo que o preço de um par começa em cerca de US\$ 500 e chega facilmente a US\$ 5.000 se for encrustado de cristais. Diz muito sobre Lydia ela não dar bola em usar sapatos tão pouco práticos para um encontro clandestino no deserto com seu fornecedor de drogas.

Embora Louboutin tenha sapatos de salto baixo, o que mais se associa à marca são os saltos agulha com 10 centímetros. Louboutin acrescentou a sola vermelha específica de seus sapatos no seu terceiro ano como estilista independente – a cor está registrada como Pantone 18-1663 TPX – e esse elemento foi frequentemente copiado por outros. Aliás, Yves Saint Laurent esteve envolvido num longo processo com Louboutin em relação à cor do solado e, em setembro de 2012, YSL ganhou direitos limitados de manter as solas vermelhas nos seus produtos, contanto que o restante do sapato também fosse vermelho. A porção externa dos sapatos de Lydia não era vermelha, e ela não é mulher de comprar falsificação, então é aparentemente certo que as solas vermelho-sangue de Lydia indiquem o Louboutin autêntico. São belos sapatos e, para Lydia, pelo que vemos, vale a pena matar para ter como comprá-los.



## **Confessions**

**Data de exibição original:** 25 de agosto de 2013

**Roteiro:** Gennifer Hutchison

**Direção:** Michael Slovis

“Quem sabe você se mata, Walt?” — Marie Schrader

*Walt e Skyler tomam medidas drásticas para deter a investigação de Hank. Jesse chega a uma conclusão determinante.*

“Confessions” tem um título muito apropriado, pois as confissões vêm com tudo na direção dos protagonistas, embora eles nem sempre reconheçam o significado daquilo que descobrem. Tampouco as confissões são sempre verdade, no todo ou em parte. Este é certamente o caso com as duas primeiras confissões de Todd. A descrição que ele faz do massacre de Declan e seus homens como “mudança na gerência” é um eufemismo descomunal, tanto que Walt nem dá atenção à mensagem quando a recebe. Pouco tempo depois, Todd faz uma versão resumida do grande roubo de trem em “Dead Freight” a seu tio Jack e Kenny (Kevin Rankin), mas omite qualquer referência à morte de Drew Sharp.

A terceira confissão do episódio é mais íntima – numa tentativa fútil de fazer Jesse falar, Hank revela seu ódio de ter sido manipulado e usado por Walt. É mais do que técnica de interrogação: Hank está intenso demais, sincero demais na sua mágoa e na sua raiva. Dean Norris transmite sua potência e sutileza de sempre, assim como Aaron Paul, que fala pouco. Contudo, quando Hank sugere que Jesse talvez gostasse de falar sobre Walt, Jesse sussurra: “Não com você”. Os olhos de Jesse

revelam uma tempestade de emoções desmentida pelo tom suave, pois é a primeira vez que ele realmente *quer* falar. Jesse na verdade é o maior problema de Walt, uma ponta solta sob a qual ele nunca teve controle de verdade, e a frase suave de Jesse marca a quarta confissão do episódio.



(JOHN HALE)

A confissão número cinco é uma das coisas mais desprezíveis, fora as mortes, que Walt já fez: quando ele conta a Junior sobre a volta de seu câncer para usar o amor incondicional do filho como forma de manipulação. É claro que Junior não vai para a casa de Hank e Marie quando descobre que seu pai voltou a ter câncer. A forma egoísta como Walt manipula o que há de melhor no filho vai contra tudo que um pai devia ser e fazer, e a expressão presunçosa dele ao abraçar Junior, seu *orgulho* na eficiência



enquanto manipulador, é algo abominável. Quando comparada à confissão de Hank a Marie, de que ele mudou de ideia quanto a contar ao DEA sobre Walt, um reconhecimento que ele fez pelo cerne de sinceridade e respeito no qual o casamento deles se baseia, a natureza interesseira das intrigas de Walt se destaca ainda mais.

A sétima confissão é tanto sincera quanto negligente. No jantar notavelmente desconfortável com Hank e Marie, Skyler deixa passar que, independentemente do que Walt fez, é algo que ficou no passado, uma admissão tácita da culpa de Walt e da cumplicidade dela nos crimes. É a oitava confissão, contudo, que marca o ponto de ruptura entre os White e os Schrader. Com sua gravação falsa no DVD, Walt conta verdade o bastante para que seu falso testemunho contra Hank tenha impacto e, se faltavam mais provas, demonstra o verdadeiro descrédito que Walt tem pela família, não importa o que ele diga. As performances de Betsy Brandt e Dean Norris nessa cena são exemplares. Enquanto o DVD roda, Marie e Hank ficam em silêncio. Os atores têm que se comunicar com o público e entre si sem usar palavras, e os dois atores retratam com maestria uma gama de emoções, singulares e em combinações complexas, sem um pio. É uma coisa muito, mas muito mais difícil do que parece. Logo depois, as mentiras de Walt são novamente enfatizadas por uma confissão motivada pelo amor, quando Marie revela que aceitou dinheiro de Walt para pagar o tratamento médico de Hank. Voltando mais uma vez à temática original de *Breaking Bad* sobre a falência do sistema de planos de saúde do EUA, Marie lhe diz que, se ela não tivesse pagado pelos cuidados médicos extras, Hank provavelmente não teria voltado a caminhar, pois seu plano de saúde pelo governo não daria conta de tudo de que ele precisava. Hank fica arrasado com a informação. Ao mesmo tempo, fica tão óbvio que Marie fez o que fez por pura inocência e puro amor que nem Hank nem o espectador conseguem sentir raiva dela.

Ao fim, contudo, a confissão mais devastadora é a de Saul. Confessada sob ameaça de morte, ele admite ter mandado Huell roubar o cigarro de ricina por ordem de Walt. Confirmando a

dedução de Jesse de que, de uma forma ou de outra, Walt esteve por trás do envenenamento de Brock, a confissão cria o único inimigo com o qual Walt não tem como lidar. Com Jesse em fúria na busca de vingança, o mundo de Walt pode desabar ao seu redor de uma vez por todas.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

SAUL: "Jesus. Mas tem gente que é imune a bom conselho."

### **PERCEBEU?**

- A cena pré-créditos em que a conversa de Jack, Kenny e Todd na lanchonete é interrompida pela garçonete denuncia a cena bem mais óbvia e desconfortável com o garçom animado e Walt, Skyler, Marie e Hank, mais à frente no episódio.
- Enquanto se arrumam meticulosamente no banheiro da lanchonete, Kenny diz a Jack que odeia ver criança ser obrigada a usar capacete de motocicleta. Drew Sharp estava usando um capacete enquanto dirigia sua moto, o que não o ajudou ao encontrar Todd.
- Enquanto aguarda com Jesse no deserto, Saul comenta: "Sempre o deserto". Este é um reconhecimento daquele espaço como algo igualmente privativo e perigoso.
- A tentativa de Walt de fazer Hank e Marie verem a lógica de deixar as coisas em paz lembra "Fly", o episódio da terceira temporada no qual ele revelou que a combinação correta de palavras faz qualquer um ver as coisas a seu modo.

### **GRAVANDO!**

- A pré-créditos começa com um close fechado em Todd acendendo seu cigarro, suscitando cenas anteriores de Jesse fazendo o mesmo, e igualmente a fumaça nos créditos de abertura.

- A experiência de Jesse na sala de interrogatório é distorcida. Os policiais aparecem em movimentos rápidos e time-lapse, as vozes deles ficam ininteligíveis em razão de um zumbido constante. Tudo está levemente fora de foco, sendo que o resultado geral é mostrar que a cabeça de Jesse desligou-se de tudo.
- A sala de interrogatório é observada de uma câmera subjetiva pela entrada do ar-condicionado.
- Quando Walt começa a gravar sua “confissão”, a câmera foca na tela da gravadora, enquanto a imagem de Walt está nítida, e, no fundo, Walt está borrado e inidentificável. É um belo comentário visual sobre realidade e ficção, e sobre como muitas vezes confundimos essas duas coisas.
- Quando Walt pede a Skyler para assumir o caixa para ele ir à quimioterapia, Sky está sentada em sua sala com a luz desligada, olhando para o nada. Quando Walt a chama para o presente e diz que a confissão falsa foi necessária e eficaz, Skyler fica claramente iluminada pela luz “natural” que entra pela janela, enquanto Walt mantém-se em silhueta, revelado como criatura das trevas e do engodo.

**TITULAÇÃO** Há dez confissões nesse episódio (por isso o título “Confessions” [“Confissões”]) – algumas verdadeiras, algumas falsas, algumas dos dois tipos. É um episódio em que não há necessidade de cavar significados mais profundos do que já se tem no título.

### **CURIOSIDADES**

- Ao tratar das estripulias de Todd e Jesse sobre e sob um trem em movimento em “Dead Freight”, Jack faz referência ao filme *Hooper – o Homem das Mil Façanhas* (*Hooper*, 1978), com Burt Reynolds. A fita de ação-comédia trata de um dublê de idade avançada e as peripécias cada vez mais perigosas a que ele se submete para ficar à frente da concorrência jovem.

- O restaurante onde acontece a reunião entre Walt, Skyler, Jesse e Marie, o *Garduno's*, virou um destino famoso para fãs de *Breaking Bad* em Albuquerque e parada obrigatória para turistas que curtem o seriado. A espera pela mesa na qual os White e Schrader têm a discussão tensa pode durar muitas horas, por isso faça reserva com bastante antecedência. Além disso, o guacamole deles é sensacional.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **VERTEDOIRO DO BEAR CANYON ARROYO**

Enquanto Jesse aguarda o misterioso cara do aspirador que só Saul conhece, os espectadores ficam abismados com a estrutura que está atrás dele. Por que Jesse estava em frente a um conjunto de lápides imensas? Bom, não eram lápides – embora respeitemos o simbolismo dessas lajes lisas que se erguem tanto para impedir que Jesse deixe seus problemas quanto para representar todas as vidas arruinadas pelas decisões de Walt. A cena foi filmada no vertedouro Bear Canyon Arroyo, em Albuquerque. O vertedouro foi construído para impedir algo que talvez nunca aconteça: uma enchente repentina do rio Bear Canyon Arroyo. É improvável que uma enchente dessas proporções venha a acontecer (coisa que alguns chamam de “enchentes dos cem anos”), mas mesmo que elas ocorram, o efeito pode ser devastador.

Vertedouros criam uma liberação controlada da água de uma represa para uma região jusante, que normalmente é onde ficava o rio original represado. Ao soltar a água, a represa protege-se de ser danificada pelo peso e velocidade das águas de enchente. O design peculiar do vertedouro Bear Canyon Arroyo é exemplo de um vertedouro em calha com defletoras. As defletoras (as “lápides” atrás de Jesse) servem para romper a energia das águas que fluem, o que facilita o controle sobre elas. Quando a água passa pela calha e em torno das defletoras, a energia potencial da água é convertida em energia cinética com grande potência. Se

essa energia não se dissipa, pode acontecer uma enorme erosão. Estamos falando de *muita* energia – os engenheiros que fizeram as contas estimam que os vertedouros de uma usina hidrelétrica, na capacidade máxima, facilmente renderiam 10 vezes a produção de megawatts da própria usina servida pelos vertedouros.



## **R**abid Dog

**Data de exibição original:** 1 de setembro de 2013

**Roteiro e Direção:** Sam Catlin

“Já chegamos até aqui. Por conta própria. O que é um a mais?” —  
Skyler White

*Walt age depressa para minimizar os efeitos da investida de Jesse contra sua casa. Enquanto isso, Hank tem sua maior oportunidade de resolver o caso contra Walt.*

“Rabid Dog” começa com um belo toque de ilusão. A pré-créditos parece começar onde “Confessions” parou, com Walt voltando a sua casa enquanto Jesse ainda está lá dentro, jogando gasolina pela sala. No entanto, não é Jesse quem está lá dentro. Depois dos créditos, Walt está em velocidade máxima para eliminar as pistas da “visita” de Jesse. É algo vital, pois, como Skyler deixou claro durante a reunião com Hank e Marie em “Confessions”, a cooperação que ela tem com Walt apoia-se em todas as suas atividades criminosas terem ficado para trás. Se os pecados de Walt começarem a surgir de novo, ainda mais na forma de ameaças a sua casa e filhos, a postura de Skyler provavelmente vai mudar.

Nessa temporada, Walt tem tido – geralmente – grande sucesso quando mente e manipula. Contudo, na história que inventa para Junior e Skyler, ele volta aos tempos da segunda e terceira temporadas, quando criou mentiras exageradas e hiperdetalhistas a fim de encobrir suas saídas para cozinhar e suas ausências. Como já é previsível, Skyler e Junior não caem na lorota, mas

Junior acaba dando uma mentira melhor a Walt, que deixa o filho satisfeito, mas preocupado. Skyler, por outro lado, ainda precisa de convencimento. Enquanto isso, Jesse aparentemente desapareceu, e o “esquadrão classe A” de Saul, Huell e Kuby, não consegue localizá-lo.

“Rabid Dog” destaca três mudanças de caráter bem interessantes. A reação de Walt quando Saul sugere que ele mande matar Jesse é a primeira. Walt realmente quer evitar assassinar – ou mesmo ferir – Jesse, o que é uma mudança fundamental para um cara que há poucos episódios nem deu bola para matar Mike, nem para orquestrar uma chacina do que restava dos caras de Gus e Mike. Walt está *fora do jogo* e merece o crédito de parecer levar a sério continuar assim. Não se pode dizer isso de Skyler, contudo. Na segunda variação de caráter do episódio, realmente trágica, a determinação de Skyler em proteger sua família e manter os lucros ilícitos dos tempos de Walt na cozinha tornou o assassinato não apenas possibilidade, mas sua melhor opção. Nesse momento, Skyler perdeu boa parte de sua vida antiga e, talvez o mais importante, seu relacionamento com Marie. Ela conscientemente ajudou e instigou a fabricação de drogas ilegais e acobertou todos os crimes de Walt. A fronteira final para Skyler foi ajudar Walt a montar o DVD da confissão; um ato que destruiu o laço familiar mais poderoso que ela tinha. Foi sua rota das trevas, e nisso Skyler traiu tudo que ela sempre considerou sincero e bom em si. Frente a essa situação de prejuízo psicológico, o assassinato de fato tornou-se algo que ela releva como um “deu merda”.

Ironicamente, são Jesse e Hank que acabam trazendo Walt de volta ao lugar onde a violência letal é a única solução viável. Numa linda reviravolta, o terceiro ato do episódio volta ao Jesse furioso na casa dos White e revela que a primeira pessoa a chegar à casa foi *Hank*, não Walt. Aaron Paul mostra sua dor nessa cena, irado, chorando, traído de maneira tão profunda que seu grito primal “ele não vai se safar pra sempre!” é um dos momentos mais comoventes de todo o seriado. Sua insônia e estado emocional movido a metanfetamina dão a Hank o ensejo perfeito

para formar uma aliança para derrubar Walt, e Jesse finalmente ficou magoado o suficiente com Walt para aceitar traí-lo. Com Jesse ao seu lado, Hank finalmente deposita confiança em Gomez, que está presente para a confissão gravada do próprio Jesse, bem mais detalhada e sincera que a de Walt.

Sem provas concretas, contudo, Hank tem que mandar Jesse encontrar-se com Walt usando escuta, e é aqui que se pode dizer que há a mudança de caráter mais chocante. Jesse compreensivelmente está preocupado que Walt queira encontrar-se com ele para matá-lo. Depois que Jesse sai brigado e Gomez levanta a possibilidade de ele estar certo quanto ao perigo, Hank dá de ombros. Para ele, mesmo que Jesse seja morto, tudo fica bem – desde que eles captem a morte em fita. O ASAC Merkert já chamou Hank de grande tubarão branco, e essa implacabilidade agora está à mostra. Walt mal sabe que está nadando em águas perigosas.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

WALT: “Minha Nossa. O Jesse que fez isso?”

SAUL: “Sim, mas compreenda: no fundo, ele me ama.”

### **PERCEBEU?**

- Quando chega a seu bairro, Walt estaciona na frente do hidrante, o que sinaliza tanto que Walt acredita que a lei não se aplica a ele quanto a negligência que lhe é essencial.
- Ao finalzinho da pré-créditos, um grupo de skatistas passa pela vizinhança. A casa de Walt logo será deles.
- Quando Walt volta a seu quarto de hotel, Skyler está virando sua terceira garrafinha de vodka.
- O relacionamento entre Marie e Hank é tão forte que Marie consegue perceber a verdade nele só pelo olhar e pelo tom de voz. Muito diferente dos jogos entre Walt e Skyler.



- Hank e Marie ainda têm fotos de Walt e Skyler na sala de convidados, nas quais os dois estão muito felizes, aparentemente há muito tempo atrás – na verdade, há apenas dois anos.
- Jesse chama Walt de “o Diabo”, o que ecoa a primeira frase que se ouve de Marie na pré-créditos de “Blood Money”.

### **GRAVANDO!**

- Enquanto Walt procura Jesse na pré-créditos, o corredor que leva à porta do quarto principal é captado de forma que ele pareça comprido e profundo. É a quarta vez em sequência que se usa essa composição – planos similares apareceram em “Blood Money”, “Buried” e “Confessions”.
- Quando Walt se aproxima e hesita diante da porta do quarto principal, o ângulo da câmera é bem baixo, o que distorce a aparência da maçaneta e a faz parecer muito maior do que é.
- O primeiro ato do episódio abre com uma câmera subjetiva interna de uma mangueira azul de aspirador de pó e líquidos. Mais um engodo, pois a matiz de azul lembra várias câmeras subjetivas no laboratório de metanfetamina ao longo do seriado.
- Quando Jesse começa a se confessar, é utilizada a mesma composição focal da confissão falsa de Walt em “Confessions”; a imagem de Jesse na tela da câmera é nítida, enquanto a vista dele no sofá ao fundo é borrada.

**TITULAÇÃO** “Rabid Dog” (“Cão Raivoso”) faz referência à comparação de Jesse com o Melhor Companheiro. No filme *Meu Melhor Companheiro* (*Old Yeller*, 1957), Travis Coates pega para si um vira-lata amarelo depois de rechaçar a criatura e tentar mandá-lo embora. O cão salva Travis e a família dele várias vezes, e Travis logo se apaixona pelo bicho, chamando-o de Old Yeller (“velho berrão”). Ao final do filme, porém, Old Yeller pega hidrofobia ao defender a família de um lobo contaminado, e Travis

acaba tendo que sacrificar o amigo para que ele não fique doente e ataque sua família. É de partir o coração. Com as variações tanto de Skyler quanto de Hank, ambos poderiam ser considerados "raivosos", e viraram perigo para as pessoas ao seu redor.

## **CURIOSIDADES**

- O que Kuby diz sobre Badger falando de *Babylon 5* tem ligação mais forte com *Breaking Bad* do que simplesmente expor o conhecimento de Badger e Skinny Pete sobre TV. Em 1997, o jovem Bryan Cranston teve um pequeno papel em *Babylon 5*, no episódio "The Long Night", da quarta temporada. Ele interpretou Ericsson, comandante de um esquadrão de espaçonaves que faz uma investida mortal como parte de estratégia de dar informações falsas aos grandes vilões do seriado, os Sombras.
- Durante "Rabid Dog", Jesse e Hank fazem várias referências a "DC" e "MDC". Os dois estão falando do Metropolitan Detention Center [Centro de Detenção Metropolitano], a cadeia de Albuquerque. O MDC é 39ª maior prisão dos EUA e é classificada como "megaprisão", por onde passam uma média de 40 mil ocupantes por ano.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### ***BABYLON 5***

Quando Kuby (interpretado por Bill Burr, que tem no currículo *Uma Noite Fora de Série* [*Date Night*, 2010] e *New Girl*) informa que colocou escutas na casa de Badger e tem certeza de que Jesse não está se escondendo lá porque "ele passou três horas inteiras falando dum tal de *Babylon 5*", os fãs dão uma risadinha em meio ao episódio cruel. *Babylon 5* foi uma space opera criada por J. Michael Straczynski e que durou cinco anos (1994-1998, depois de um filme piloto em 1993). *Babylon 5* também é notável por vários motivos, então não surpreende que Badger poderia falar sobre o seriado por horas a fio.

Assim como Gilligan com *Breaking Bad*, Straczynski concebeu *Babylon 5* como “um romance para a TV”, com uma trama discreta a se contar num número de temporadas intencionalmente limitado. Straczynski, contudo, já tinha os arcos principais de ação e personagens arquitetados antes do seriado entrar em produção. Aliás, *Babylon 5* costuma ser citado como origem do “arco estendido” na televisão. Além disso, o seriado não tinha “sala dos roteiristas” – Straczynski roteirizou 92 dos 110 episódios. (Em termos de comparação, Joss Whedon tem crédito de roteiro em 23 dos 144 episódios de *Buffy: A Caça-Vampiros*; Ron Moore escreveu 13 episódios dos 73 de *Battlestar Galactica*; Vince Gilligan escreveu 13 dos 62 episódios de *Breaking Bad*). *Babylon 5* também foi porta de entrada da era CGI na televisão, e o seriado recebeu diversos prêmios pelo uso de efeitos especiais, incluindo dois Prêmios Hugo consecutivos. Embora hoje os avanços tecnológicos deixem os efeitos longe de eminentes, os arcos de personagem em *Babylon 5* e a consistência geral da trama tornam essas falhas mais fascinantes do que chocantes.

O aspecto final de *Babylon 5* que precisa ser mencionado aqui é o uso que Straczynski fez da internet para promover o seriado e conectar-se com os fãs. Embora o uso das mídias sociais hoje seja considerado parte integral da campanha de marketing de qualquer seriado (e certamente faz parte de *Breaking Bad*), no início dos anos 1990, a World Wide Web não era igual à de hoje – Straczynski estava conectando-se com fãs através de comunidades online nos grupos da Usenet, assim como dos sistemas GEnie e CompuServe. Sua interação com os fãs sem dúvida colaborou para o fandom apaixonado que continua a discutir, dissecar e comentar o seriado.

## **SAXITOXIN**

Marie revela ao terapeuta Dave que está procurando “venenos irrastráveis”, incluindo um chamado “saxitoxina”. Quando Marie tem esses humores obscuros, é bom evitá-la até ficar mais alegre, pois saxitoxina é um veneno particularmente cruel. Derivado primariamente de moluscos como mariscos, vieiras e

ostras, ele também já foi encontrado em peixes e em caranguejos australianos.

Uma vez ingerida, a saxitoxina age rapidamente: os sintomas aparecem em questão de 30 minutos. Estes incluem sensação de flutuação, vertigem, amortecimento da boca e das extremidades, além de paralisia. Se a vítima sobreviver às primeiras 12 horas, o prognóstico é bom, embora a fraqueza muscular possa persistir por semanas. A morte é o resultado de mais ou menos 25% dos casos (tenha em mente que a estatística refere-se à ingestão acidental, enquanto Marie está pensando no uso proposital) e geralmente é provocada por insuficiência respiratória. Seus pulmões se paralisam em razão da "paralisia flácida". É o oposto da "paralisia espástica", na qual os músculos ficam rígidos, que é o que a maioria considera paralisia. Na paralisia flácida, seus músculos ficam tão fracos e relaxados que perdem a capacidade de contração. Caso seus músculos respiratórios sejam afetados, o resultado pode ser sufocamento – e ao longo de todo esse processo você está plenamente consciente do que acontece à sua volta.



## o'hajiilee

**Data de exibição original:** 8 de setembro de 2013

**Roteiro:** George Mastras

**Direção:** Adam Bernstein

“Walter White, você tem o direito de permanecer calado.” — Hank Schrader

*Jesse ajuda Hank e Gomez a encontrar Walt. Lydia está preocupada com o valor do produto de Todd no mercado.*

Todd está caidinho por Lydia, e ela percebeu. Um dos temas recorrentes de *Breaking Bad* é o das pessoas que manipulam os outros para proveito próprio, e Lydia não tem medo de usar o que Todd sente para alavancar a qualidade do que ele cozinha. Há algo de esquisito, porém, no acanhamento de Todd. Ele é em parte um garotinho tímido, desajeitado para aproximar-se da menina de seus sonhos, e parte um predador sexual, que invade o espaço dela de maneira perturbadora. No entanto, em tudo ele é Todd: carinhoso, boa-pinta, educado e com um desprezo quase sociopata pela vida, tudo no mesmo pacote. O telefonema de Walt no fim da cena situa a pré-créditos como algo que aconteceu pouco antes do fim de “Rabid Dog” e torna explícita sua decisão de mandar matar Jesse.

A partir daí, “To’hajiilee” vira uma espécie de carrossel da manipulação, pois Hank e Gomez coagem Huell a contar onde enterrou o dinheiro de Walt; Jack convence Walt a cozinhar para Todd; Walt convence Andrea a ligar para Jesse; e enfim Jesse, Hank e Gomez fazem Walt revelar onde escondeu seu dinheiro. Até Skyler está segurando Junior no lava-rápido com a desculpa

mais fraca que existe. Quase todo mundo está enganando alguém no episódio, mas nenhuma das manobras rende o planejado. Ironicamente, Saul, o advogado superacostumado a encontrar artimanhas no sistema jurídico, é o personagem que mais fala a verdade durante o episódio. O comentário de que seu rosto agredido são ossos do ofício é a pura verdade, e ele deixa bem claro a Walt que a situação está feia e que ele não pode subestimar Jesse. Assim como a Cassandra do mito grego, contudo, ninguém acredita em Saul, e por isso Walt é rápida, fácil e deliciosamente feito de trouxa pela mensagem e telefonema do ex-sócio. Apesar de toda sua capacidade intelectual, nunca ocorre a Walt que ele pode estar sendo sacaneado e, assim, acaba conduzindo Hank ao deserto. A ligação também acaba revelando o Walt real por trás de todas as prevaricações e racionalizações quando ele rosna com Jesse: "*Não toque no meu dinheiro!*". Em última análise, Walt só se importa com isso. Não importa qual fosse sua motivação no princípio, o dinheiro deixou de ser o caminho para tratar seu câncer ou garantir a segurança da família. Agora o dinheiro em si virou a meta, o princípio e o fim do trabalho de Walt, a prova tangível do que ele fez.

Acontece que Walt enterrou o dinheiro justamente no lugar em que ele e Jesse cozinham, há pouco menos de um ano, e apesar de tudo que aconteceu desde então, o deserto não demonstra qualquer sinal do que se passou. O deserto volta a ser um lugar intocado pela memória e sem marcas do homem, o lugar perfeito para o lance final. Hank tem sido desleixado quanto ao processo investigativo na caça a Walt, mas o resultado foi grande: ele finalmente coloca as algemas em Heisenberg e lê seus direitos. É um momento de vitória suprema do bem sobre o mal, da justiça sobre a criminalidade... só que não vai durar. Gilligan & Cia. dão sinais do golpe por vir no telefonema amoroso entre Hank e Marie, ligação que ecoa outra troca de "eu te amo" no episódio "One Minute", poucos antes dos primos Salamanca atacarem. Aí, mais uma vez, Hank fora fiel a si mesmo e as coisas se acertaram de um jeito que o deixou contente, tranquilo com o mundo. Em *Breaking Bad*, momentos de paz como este tendem a ser

destruídos pela violência. Jack e os neonazistas chegam cheios de munição e, em meio à saraivada de automáticas, a tela fica escura.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

SAUL: "Se dirigir, não beba; mas, se fizer mesmo assim, me liga!"

### **PERCEBEU?**

- Tanto Lydia quanto Skyler estão preocupadas com suas respectivas marcas.
- O toque no celular de Todd quando Walt liga é "She Blinded Me with Science" ("Ela me Cegou com a Ciência"), de Thomas Dolby.
- Walt não aprecia apertar a mão de Jack, e solta-a assim que tem chance.
- Brock fica muito calado em volta de Walt, e faz o possível para não interagir com ele. Foi a mesma coisa quando ele conheceu Walt em "Hazard Pay". Brock sabe por instinto que tem algo de errado com aquele homem. Por contraste, ele ergue o olhar e ilumina-se quando ouve Andrea dizer o nome de Jesse.
- Enquanto Walt e Saul conversam no lava-rápido, um dos outdoors de Saul aparece no fundo, entre os dois.
- No telefonema para provocar Walt, Jesse chama-o com desprezo pelo primeiro nome, ao invés do "Sr. White" de sempre.
- Em "Bullet Points", na quarta temporada, Hank diz a Walt que ele queria ser o policial a "botar as algemas" em Heisenberg. Seu desejo foi atendido.
- Hank menciona que vai ligar para a polícia tribal quando estiver de saída, o que indica que estão em terras indígenas e que nem ele nem Gomez avisaram a outros onde estão.

## **GRAVANDO!**

- A pré-créditos começa com a câmera subjetiva transpassante de metanfetamina caindo na frigideira, mas ao invés do azul translúcido a que o espectador se acostumou, o cristal líquido está com uma cor meio opaca, suja, cinza-amarronzada.
- Há outra câmera subjetiva em contra-plongée de um pedaço de céu azul entre dois elevados, com Hank a pairar enquanto espera Gomez e Jesse chegarem.
- Enquanto Walt discute a morte de Jesse com Jack e os neonazistas, ouve-se o apito distante de um trem, o que lembra “Dead Freight” e a morte de Drew Sharp – o momento em que o império de Walt chegou ao ápice e começou sua derrocada.
- Há uma câmera subjetiva de dentro da lixeira quando Marie observa os miolos de bezerro que Hank jogou fora após forjar a morte de Jesse.

**TITULAÇÃO** “To’hajiilee” é o nome da reserva da nação navajo. Anteriormente conhecida como Reserva Indígena Canoncito, To’hajiilee é dividida entre pedaços de terra de condados do Novo México – Bernalillo, Cibola e Sandoval, todos a oeste de Albuquerque. O título, portanto, refere-se à região onde Walt enterrou sua grana e onde o episódio termina, o que fecha com a obrigação de Hank ligar para a polícia tribal. To’hajiilee pode ser traduzido por “tirar água de poço natural” e pode ser referência deliberada a Walt finalmente parar com todo seu fingimento no telefonema com Jesse enquanto corre para o deserto. Toda a ira, arrogância e ganância de Walt sempre estiveram lá, mas em “To’hajiilee” elas vêm à superfície.

**MÚSICA** A canção que toca quando Todd traz o chá a Lydia é “Oh Sherrie”, de Steve Perry.

**CURIOSIDADES** Kenny sugere que a metanfetamina poderia ser tingida com o “azul Heisenberg”, de forma parecida com o que se



faz com salmão criado em cativeiro para satisfazer a demanda de mercado. É verdade. A carne do salmão selvagem possui uma cor rosada característica por causa da dieta do peixe. Na natureza, o salmão come principalmente krill e plâncton, que contém astaxantina, um antioxidante natural da mesma família do betacaroteno que se encontra nas cenouras. Salmão e truta retêm carotenos na carne, e isso explica por que filés de salmão têm a cor de salmão e bagres não. Os consumidores têm expectativa de salmão rosado, por isso o salmão em cativeiro recebe ração com corante.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **O CASO *MIRANDA***

“Você tem o direito de ficar em silêncio...”. Se você já assistiu a algum seriado policial, provavelmente sabe de cor o que se chama de avisos *Miranda*. Muita gente, contudo, desconhece o que aconteceu nesse caso muito importante, que começou no sudoeste norte-americano, a um estado de distância de onde Hank lê os direitos de Miranda ao cunhado. Em 1963, Ernesto Miranda foi preso em Fênix, Arizona, por envolvimento em sequestro e violência sexual. A confissão incluía uma retratação datilografada que dizia que Miranda sabia seus direitos e abria mão deles de livre e espontânea vontade. Ele tinha defesa no julgamento, e seu advogado objetou ao uso da confissão assinada, mas a objeção foi anulada. *Miranda* foi condenado por sequestro e estupro, e recebeu uma sentença de 20 anos.

A apelação questionou: se a confissão foi obtida sem aviso contra autoincriminação (um direito estabelecido pela Quinta Emenda da Constituição dos EUA) e sem a presença de representante jurídico (direito garantido pela Sexta Emenda), ela devia ser admissível no tribunal? Os advogados de Miranda tomaram a posição de que a polícia violou os direitos que a constituição garantia ao réu e que a confissão fora obtida ilegalmente; portanto, a decisão deveria ser descartada e Miranda

deveria passar por um novo julgamento. O Estado do Arizona assumiu a posição de que Miranda (que tinha um longo histórico de crimes) não era estranho aos procedimentos da polícia e que assinara a confissão por vontade própria, e que, portanto, a acusação era legítima e a condenação deveria ser mantida.

O caso chegou até a Suprema Corte dos Estados Unidos, que votou por cinco a quatro para revogar a condenação de Miranda. O tribunal decidiu que é responsabilidade do estado assegurar que as garantias encarnadas na Constituição sejam mantidas, e o presidente do Supremo Tribunal Earl Warren deixou claro que a polícia tinha responsabilidade irrenunciável de alertar um suspeito, “antes de qualquer questionamento, que ele tem o direito de permanecer calado, que tudo que ele disser pode ser usado contra ele em julgamento, que ele tem direito à presença de um advogado e que caso ele não tenha como arcar com custos advocatícios, um advogado será nomeado para o caso antes de qualquer interrogatório, se assim o acusado desejar”. Após a decisão, Miranda foi julgado mais uma vez em 1967 pelo Estado do Arizona e considerado culpado do crime. Ele recebeu liberdade condicional em 1972 e voltou a seu antigo bairro, onde ganhou algum dinheiro autografando cartões *Miranda* de policiais, que reproduzem o texto do aviso compulsório.



## zymandias

**Data de exibição original:** 15 de setembro de 2013

**Roteiro:** Moira Walley-Beckett

**Direção:** Rian Johnson

“Qual é o seu problema? Nós somos uma família!” — Walter White

*Walt perde o controle de seus supostos aliados, e Jesse se vê numa situação nova e perigosa. Marie se aproxima de Skyler, e a situação toma o rumo do desastre.*

“Ozymandias” é, sem dúvida alguma, um dos episódios mais intensos de todo *Breaking Bad*. A pré-créditos começa com o close de um balão de água chegando à ebulição, talvez uma metáfora visual perfeita do que está por vir. Contudo, as coisas não têm ebulição imediata e, enquanto “To’hajiilee” terminou com o som dos disparos de armas automáticas, “Ozymandias” começa tranquilamente, levando o espectador de volta a “Piloto/Breaking Bad”, quando Walt tinha cabelo e bigode e Jesse ainda era só um garoto arruaceiro. O mais comovente está no fato de que, em termos do tempo que passou na trama, essa cena acontece há menos de dois anos. Walt fez 50 anos no piloto, 51 no “Fifty-One” da quinta temporada, e 52 no futuro que se vê na pré-créditos de “Live Free or Die”. Ou seja, tudo que aconteceu – tudo mesmo – se passa no espaço total de dois anos de tempo narrativo. Dois anos nos quais Walt passou de professor de química insosso a chefe das drogas e assassino de muitos. Dois anos nos quais Jesse passou de garoto frívolo tentando se fazer de cool a um jovem sofrido com mais experiência sobre coração partido e perda do que qualquer pessoa deveria ter. Quase dois anos desde a

ligação entre Walt e Skyler na pré-créditos desse episódio até a do último ato. Cada vida humana se transforma com o tempo, mas, para os personagens de *Breaking Bad*, os últimos dois anos trouxeram mudanças radicais e revolucionárias.



(IZUMI HASEGAWA/PR PHOTOS)

Alguns não sobrevivem. Hank finalmente triunfou sobre Walt e pôs as algemas em Heisenberg. No entanto, o momento de seu maior triunfo também é o momento de sua perdição, pois ele e Gomez perdem em número e absurdamente em poder de fogo diante dos oponentes. Walt, que sinceramente não quer que Hank morra, *ainda* está tentando achar a frase certa, ainda tenta fazer as pessoas verem a "lógica" da mesma forma que ele. No entanto,

agora, por fim, ele é obrigado a encarar o fato de que não está no controle – de nada. Walt implora pela vida de Hank, mas tanto Hank quanto Jack sabem o que vai acontecer, e nenhum deles vacila. O mocinho de *Breaking Bad* morre e é enterrado em vala comum num deserto que não se importa nem se lembra do que passa por ali.

Para Walt, as coisas realmente saíram do controle, mas ele se recusa a ver que é o catalisador de tudo. Como sempre, ele tem certeza de que tudo deve ser culpa de alguém – e, nesse caso, de Jesse. Não é suficiente entregar Jesse aos neonazistas para ser torturado e (pensa ele) morrer: ele tem que esmagar Jesse contando a verdade sobre Jane. Só que, na versão dele, não é o Walter atormentado e chorão de “Phoenix” e “Fly”, mas um assassino frio e implacável. A negação que Walt tem de sua responsabilidade também se transmite a Skyler e Junior. Para Walt, não são suas escolhas que fizeram o filho perder a confiança nele ou que levaram Skyler a desafiá-lo, exigindo que os deixe em paz – mas a incapacidade racional deles em ver que o pai sabe o que é melhor para a família.

O confronto final entre ele e Skyler é violento e sangrento. Quando ele a sobrepuja, segurando-a com uma mão enquanto mostra a faca com outra, é Flynn (que nunca mais será “Junior”) que pula nele e arranca-o dela. Por fim, ao berrar com esposa e filho por agirem dessa forma, Walt percebe que os White viraram uma família apenas no nome, e que o responsável por destruir esse laço é ninguém mais que ele próprio. A conversa ao telefone que abre o episódio é prosaica, mas cheia de amor, respeito e devoção familiar – marido e esposa comprometidos em júbilo pelo bebê por vir e pela vida conjunta. A que encerra o episódio é bem diferente, e embora Walt esteja mesmo tentando colocar toda a culpa sobre seus ombros e tirá-la de Skyler, há também grande dose de verdade na sua raiva, especialmente na hora em que diz que Skyler nunca acreditou nele. Essa falha de caráter é a tragédia de Walter White. Skyler sempre acreditou nele, assim como Flynn, Hank e Marie. Walt tinha uma família realmente boa, que o amava e o apoiava de todas as maneiras possíveis. Quem não se achava

bom o bastante, quem achava que não os sustentava como deveria, quem não tinha o respeito que achava merecido era *Walt*. Não era o que aqueles à sua volta pensavam dele que fez Walt tomar esse rumo, mas sim sua autoimagem perturbada e autocentrada. Walter White tinha uma família incrível, e foi Walter White quem a destruiu.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

JACK: "Nossa, mas por que tanta ganância? Assim não é bonito."

### **PERCEBEU?**

- Uma das primeiras frases de Walt no episódio é "a reação começou", dirigindo-se a Jesse. É uma referência não só à fabricação das drogas, mas também à cadeia sem fim de reações que se seguiu à primeira ida deles à cozinha.
- Durante a ligação na pré-créditos, o telefone está caído perto do porta-facas, assim como está quando Skyler pega uma faca para usar contra Walt, sendo que sua escolha de instrumento reforça a estrutura do episódio e como as coisas mudaram.
- A ligação na pré-créditos também é muito parecida com a última ligação entre Hank e Marie em "To'hajiilee", até com a troca de "eu te amo".
- Quando Walt cai no chão depois da morte de Hank, sua expressão, posição e o ângulo da câmera espelham Gus em "Hermanos", quando Max foi morto.
- Jack faz Walt apertar a mão dele de novo, e Walt mais uma vez mal suporta o contato físico. Mesmo assim, ele a aperta.
- Quando Walt está rolando o barril, ele passa por uma calça caída no chão, lembrando que ele perdeu a calça quando estava no mesmo local, no motor-home, em "Piloto/Breaking Bad".

- Marie não veste púrpura no episódio. Ela está sempre de preto, a cor do luto.

### **GRAVANDO!**

- A pré-créditos usa uma câmera fixa e edição rebuscada para fazer fades entre objetos e pessoas. O terreno imutável sublinha a natureza indiferente do deserto. Muito já aconteceu ali no passado, e muito acontecerá no futuro, mas, em termos de espaços, nada tem consequências duradouras e nada deixa marcas por muito tempo.
- Quando Walt, Jesse e o motor-home saem de cena, o único som que resta são os barulhos ambientes do deserto: vento na grama rasteira, um e outro canto de pássaro, uma coisa que consegue ser mais desoladora que o silêncio total. Esse barulho ambiente volta no “silêncio” após o tiroteio, e outra vez quando Walt perde a noção de tudo depois que Hank é morto.
- A fotografia time-lapse é utilizada nas horas que passam durante a escavação dos barris de dinheiro, assim como para enfatizar quanto tempo Walt passa caído no deserto.
- Quando Jesse é arrastado de baixo do carro, ele olha para cima e câmera se movimenta para mostrar dois abutres sobrevoando em círculos. A dupla de urubus – que só aguarda a chacina para iniciar seu serviço – é uma imagem tradicional do gênero western.
- Walt entrega ao navajo um maço de dinheiro pela cerca de arame farpado e ao lado de um crânio de vaca manchado do sol. A composição não só reforça a dor e a morte que se ligam ao dinheiro de Walt, mas também lembram a morte de Jane ao lembrar-nos do amor dela por Georgia O’Keeffe, famosa por uma série de pinturas que tinham exatamente esses crânios.
- Há mais um plano comprido do corredor na casa dos White quando Walt corre de aposento em aposento, fazendo as malas.

**TITULAÇÃO** "Ozymandias" é o título de um soneto publicado em 1818 por Percy Bysshe Shelley:

*I met a traveller from an antique land  
Who said: "Two vast and trunkless legs of stone  
Stand in the desert. Near them, on the sand,  
Half sunk, a shattered visage lies, whose frown,  
And wrinkled lip, and sneer of cold command,  
Tell that its sculptor well those passions read  
Which yet survive, stamped on these lifeless things,  
The hand that mocked them and the heart that fed.  
And on the pedestal these words appear —  
'My name is Ozymandias, king of kings:  
Look on my works, ye Mighty, and despair!'  
Nothing beside remains. Round the decay  
Of that colossal wreck, boundless and bare  
The lone and level sands stretch far away."*

Acredita-se que Shelley estava escrevendo sobre as ruínas de uma imensa estátua do faraó Ramsés II, mas, em termos de *Breaking Bad*, "Ozymandias" fala propriamente dos sonhos e desilusões de Walter White, que já haviam sido de "construir impérios". O poema, lido por Bryan Cranston sobre as imagens do deserto vazio do Novo México, também rodou na TV e na internet como anúncio da segunda metade da quinta temporada, em 2013.

**MÚSICA** A canção que toca enquanto Walt laboriosamente rola o barril de dinheiro pelo deserto é "Take My True Love by the Hand" ("Pegar a Mão do Meu Verdadeiro Amor"), da banda Limelitters.

**CURIOSIDADES** Na cena em que Walt está no banheiro enquanto troca a fralda de Holly (nesse episódio interpretada por Elanor Anne Wenrich), ela começa a repetir "mamãe". Aquilo não estava no roteiro, e Bryan Cranston entrou no jogo e improvisou com Elanor, criando uma das cenas mais marcantes do episódio.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **ALERTAS AMBER**



Depois que Walt foge de casa com Holly, os espectadores veem o lugar lotado de policiais. Um deles segura uma foto grande da bebê desaparecida e conversa no telefone para preparar um "alerta AMBER". Criado nos Estados Unidos em 1996, o alerta é um sistema contra sequestro infantil que tem correspondentes em vários países. Os alertas AMBER são amplamente noticiados em diversos canais, que incluem estações de TV, TV a cabo, rádio via internet, rádio comercial, rádio via satélite, e-mails, mensagens de texto e outdoors eletrônicos como os que divulgam a situação do trânsito. A ideia é que quando acontece um sequestro infantil, as primeiras horas são absolutamente cruciais, por isso as mensagens são enviadas com pressa para cobrir toda a região e deixar o público a par do desaparecimento de uma criança, de quem a sequestrou e/ou do veículo utilizado.

O termo "AMBER" é uma "sigla ao contrário" – uma expressão construída para que uma sigla se encaixe numa palavra já existente – de "America's Missing: Broadcast Emergency Response" (Desaparecimento na América: Transmitir Sinal de Emergência). A sigla surgiu após um caso em 1996 no qual uma menina de nove anos chamada Amber Hagerman foi sequestrada em Arlington, Texas, enquanto andava de bicicleta no bairro dos avós. Uma vizinha testemunhou o sequestro e ligou para a polícia, assim como o irmão mais novo de Amber foi de bicicleta até a casa dos avós para contar à família o que havia acontecido. A polícia e a mídia foram alertadas em questão de minutos, mas, quatro dias depois, o corpo de Amber Hagerman foi encontrado num fosso de drenagem. O assassino nunca foi identificado.

Após a morte trágica de Amber, a família começou a defender leis mais severas para proteger crianças, que levou ao movimento para criação de registros de agressores sexuais e por fim lançou o sistema do alerta AMBER. Em 1998, A Fundação do Alerta Infantil criou o primeiro sistema de notificação automático e, em 2005, todos os 50 estados tinham sistemas de alerta AMBER posicionados para operar de forma abrangente, independentemente de fronteiras estaduais e de jurisdições.

Para evitar alarmes falsos, há quatro linhas gerais determinadas pelo Departamento de Justiça dos EUA para emitir um alerta AMBER, embora cada estado possa determinar seus critérios:

- A criança deve ter menos de 18 anos de idade;
- Os agentes da lei devem confirmar que aconteceu um sequestro;
- Deve haver descrição suficiente da criança, do sequestrador ou do veículo; e
- A criança deve estar correndo risco de morte ou ferimento sério.

O segundo critério é levemente “fácil”, pois várias agências da lei ignoram as determinações para emitir o alerta no caso de sequestros por progenitores, como no caso de Walt e Holly.



## **HANK & MARIE & CRIANÇAS**

Hank e Marie Schrader não têm filhos, mas mostram-se sempre muito envolvidos com a vida familiar dos White. As reuniões familiares acontecem com frequência e, embora Hank e Marie tenham relações distintas com Junior, ambos são vistos em tranquilidade na interação com ele, sendo que Hank muitas vezes vira uma figura paterna para o jovem.

Contudo, quando a bebê Holly entra em cena, os Schrader vão à loucura. Quando os problemas conjugais de Walt e Skyler vieram à tona na quinta temporada, ficou óbvio que Hank e Marie estão prontos, dispostos e capazes de envolver-se e garantir que as crianças tenham um lugar seguro para morar, protegidos do tsunami do horror que é o casamento dos White. Por exemplo:

- Em “Dead Freight” (5.05), Hank chama a bebê Holly de “*minha* menininha”.
- Em “Buyout” (5.06), Marie refere-se a Holly quando diz a Sky: “Essa bitoquinha aqui – eu podia ficar com ela pra *sempre*.”.

Os Schrader até podem querer que Walt e Sky se unam aos filhos, mas não tenha dúvida – eles estão prontos para assumir o papel de pais. E com Holly vestida toda de púrpura, parece que Marie marcou a sobrinha como *sua* “bitoquinha”.

[9](#) Em tradução livre: Encontrei viajante de terras antigas / Que disse: “Duas pernas enormes, sem o torso, / Erguem-se no deserto. Na areia, próximo a elas, / Semicoberta, resta um semblante partido, cuja expressão, / Cujos lábios franzidos e escárnio frio, / Revelam que o escultor bem captou suas emoções / Que ainda vivem, estampadas nessas coisas inertes, / A mão que zombava e a mão que dava o alimento. / E no pedestal estão as seguintes palavras: / “Meu nome é Ozymandias, rei dos reis: / Contemplai minhas obras, ó Poderosos, e desesperai-vos!” / Nada resta. Em torno à decadência / De ruínas cobssais, nuas e sem fim / Areias solitárias se prolongam ao longe.”



## Granite State

**Data de exibição original:** 22 de setembro de 2013

**Roteiro e Direção:** Peter Gould

“Acabou.” — Saul Goodman

*Walt e Jesse tentam escapar de suas sinas e reconquistar algum controle sobre suas vidas. Skyler, Marie e Flynn têm que lidar com as consequências do império destruído de Walt.*

Tudo desmoronou para Walter White e a maioria das pessoas de quem ele era próximo, tanto “profissional” quanto pessoalmente. Numa bela sacada que subverte a expectativa do espectador, a pré-créditos de “Granite State” revela que a minivan vermelha já conhecida por nós está transportando Saul, e não Walt. O advogado mais propagandeado de Albuquerque vai sumir, já que sua própria banca *criminosa* ficou insustentável ao representar Walt. “Granite State” várias vezes quebra a linha temporal, e a revelação de que Walt ainda está escondido no porão de Ed, o cara do aspirador, revela que se passaram pelo menos muitos dias desde “Ozymandias”.

A prisão temporária de Walt é um porão, e Jesse está numa jaula muito mais literal, enquanto Todd, Jack e os neonazistas têm um sucesso atrás do outro. Eles estão com aproximadamente US\$ 80 milhões em dinheiro, roubaram o que parece ser a única cópia da confissão de Jesse na casa de Marie e Hank, e têm o segundo maior fabricante de metanfetamina da história como escravo. Esse último fato é de importância seríssima para Todd, que usa as habilidades de Jesse para continuar reforçando seus laços com

Lydia. A quedinha de Todd prossegue, e a cena em que ele se encontra com Lydia no mesmo café onde ela se encontrava com Walt – exatamente na mesma mesa – é um diálogo escrito de forma maravilhosa, no qual Todd fala o idioma do romance e Lydia inconscientemente segue na mesma trilha, chegando a lhe dizer: “Temos que parar de nos ver”.

Claro que Lydia gosta do nível de pureza renovado nas drogas, mas ela é decididamente antirriscos. Assim, Todd, Kenny e um de seus compatriotas neonazistas defrontam Skyler em frente ao berço de Holly para garantir que ela nunca diga uma palavra sobre Lydia. A cena é assustadora, e ressalta como a mulher dos Louboutins pode ser perigosa. É a mesma mulher que, em “Madrigal”, implorou a Mike para poupar a filha, e para deixar seu corpo num lugar onde pudesse ser encontrado, de forma que a filha não crescesse com o trauma de a mãe ter simplesmente sumido. No entanto, Lydia parece à vontade em enviar Todd para ameaçar tanto Skyler quanto Holly – ou pior. No fim das contas, Lydia é tão perversa quanto Gus Fring, e igualmente disposta a eliminar qualquer ameaça que surja contra seu negócio.

Walt, enquanto isso, trocou uma prisão autoimposta por outra, desta vez nas montanhas da zona rural de New Hampshire: uma cabana de um quarto sem acesso ao mundo externo, nem à televisão aberta. A diferença entre as prisões de Walt e Jesse é que Walt pode sair da sua quando quiser. Aliás, Walt pensa em fazê-lo no primeiro dia, mas é sobrepujado pelo próprio medo, e sussurra “amanhã, amanhã”, como o usurpador na cena final do ato final de *Macbeth*:

*Amanhã, e amanhã, e amanhã  
Arrastam-se a passo miúdo de dia em dia,  
Até última sílaba do livro da memória;  
E todos nossos ontens iluminaram tolos  
A caminho da morte, ao pó. Apaga-te, apaga-te, candeia passageira!  
A vida não passa de sombra errante, mau ator  
Que pavoneia e aflige no seu tempo de palco  
E então não mais se ouve. É uma história  
Contada por um idiota, cheia de som e fúria  
Que significado algum tem.*

É difícil não ver a promessa de Walt a si mesmo como referência direta ao bardo por Gilligan & Cia., pois muitos manhãs hão de passar até que Walt de fato deixe os portões. Mais uma vez, o episódio quebra a linha temporal. Walt aparentemente voltou à quimioterapia há um mês, e sua última sessão foi em “Confessions”, a última vez em que as coisas começaram a sair do seu controle. A julgar pelo fato de que o cara do aspirador tem tantas notícias para trazer a Walt, e que ele já errou a veia no tratamento de Walt outra vez, vários meses já se passaram desde que o “Sr. Lambert” chegou a New Hampshire.

Walt finalmente percebe que perdeu quase tudo quando consegue ligar para Junior – que agora atende oficialmente pelo nome de “Flynn White” – e é rejeitado pelo filho, o qual já o amou mais do que qualquer um. Walt comete o erro de pensar que o dinheiro consertaria tudo, e que ainda tem a capacidade ou o direito de sustentar Flynn e Skyler (que agora atende pelo nome de solteira). Sem falar que Walt propõe mandar dinheiro colocando em risco o melhor amigo de Flynn, Lewis. Numa bela cena, Flynn corta relações com Walt em definitivo, sem deixar para que o pai racionalize o fato de que destruiu para sempre a relação com o filho. Este é o instante, aliás, de desespero total para Walter White: quando implora ao filho, e talvez a qualquer poder superior que exista no universo *Breaking Bad*, para não deixar tudo que ele fez, tudo pelo que ele passou, “ser para nada”.

Enquanto isso, Jesse vê sua relação com Andrea encerrada de maneira brutal: Todd atira nela na entrada de casa como lição do quanto custa desafiar Jack. As escolhas de Walt e de Jesse voltam para ferir quem eles mais amam, e ao mesmo tempo destruir suas vidas.

No entanto, parece que ainda restam algumas coisas a Walt: orgulho e vingança. Seus motivos não são nobres. Ele é motivado pela participação dos Schwartz no *The Charlie Rose Show*, onde eles tratam o envolvimento de Walt no início de Gray Matter como irrelevante. O orgulho de Walt não suporta ouvir tal coisa.

Tampouco ele suporta o fato de que a metanfetamina azul ainda está sendo produzida e vendida. A reputação de Walter White ser destruída já é ruim, mas salgar a ferida eliminando a memória de Walt como o primeiro e único Heisenberg é algo inaceitável, irritante. Assim, Walt foge da polícia e some mais uma vez, decidido a vingar-se e, provavelmente, a morrer.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

SAUL: "Daqui a um mês – *na melhor das hipóteses* – eu serei gerente dum Cinnabon em Omaha."

### **PERCEBEU?**

- Gilligan & Cia. evitam mostrar o rosto de Ed, o cara do aspirador, o máximo possível na pré-créditos.
- Quando os neonazistas assistem à confissão de Jesse e este explica como Todd matou Drew Sharp, Todd sorri, orgulhoso de ter atirado a sangue frio em uma criança e magoado com a ofensa de Jesse.



(JOHN HALE)

- As previsões de Saul quanto ao que acontecerá com Skyler se Walt sair do exílio mostram-se 100% corretas.
- Todd é um cara meloso, mas seu mel, mesmo que sempre meio esquisito, tem conotações diversas. Com Skyler, sua mão sobre o ombro dela é uma ameaça implícita. Com Lydia, ele hesita em tirar caspa do ombro dela num sinal de afeto verdadeiro, embora perturbado.
- Lydia está contente em finalmente trabalhar com alguém que a deixará usar seu “conhecimento de ofício” de sentar e falar sem parar, uma coisa que Mike e Walt nunca suportaram.
- Depois da primeira viagem abortada aos portões de sua propriedade, Walt nunca mais veste o chapéu de Heisenberg, deixando-o pendurado nos galhos da cabeça de antílope em sua cabana.
- Quando o cara do aspirador está dando notícias de casa para Walt, ele diz que Skyler vem usando o nome de



solteira. O nome de solteira de Skyler é “Lambert”, o mesmo que Walt adotou em fuga.

- As últimas palavras de Flynn para Walt são similares às que ele usou em “Cancer Man”, quando Walt estava tentando justificar sua recusa em buscar tratamento: “Então por que você não morre logo? Desiste e morre.”.

### **GRAVANDO!**

- Michael Slovis e equipe usam vários tons escuros nesse episódio, desde os interiores sombrios da cabana de Walt e do poço de Jesse até o clubinho dos neonazistas e o bar no último ato do episódio. As trevas criam uma sensação claustrofóbica e um clima soturno, reforçando de forma sutil, mas potente, as prisões de Walt e Jesse.
- A câmera digital quebrada na casa de Hank e Marie é gravada com um ponto de vista subjetivo ao nível do chão, em close.
- Quando os advogados estão conversando com Skyler, ouvimos o mesmo zumbido grave que – desde o seu primeiro uso em “Piloto/Breaking Bad”, quando Walt ouviu o diagnóstico de câncer – tornou-se indicador de personagens saindo da realidade para entrar em seu mundinho particular, geralmente por causa de uma experiência traumática.
- Quando Walt chega a New Hampshire ele é visto de uma câmera subjetiva interna ao tanque de propano.
- Há uma câmera subjetiva de dentro do fogão a lenha quando Walt acende o fogo.

**TITULAÇÃO** “Granite State” (“Estado Granito”) é o apelido oficial de New Hampshire. O título também pode ser referência aos três meses e pouco que Jesse e Walt passam em suas respectivas prisões, onde cada dia é o mesmo, sem o alívio de alguma variação, apenas a rotina repetitiva e infinita de preocupação, medo e dor que vira o estado permanente das coisas – como se

suas vidas houvessem se tornado um estado engranitado e enlouquecedor de constância.

## **CURIOSIDADES**

- O cara do aspirador é interpretado por Robert Forster, que fez fama como protagonista do seriado *Banyon*, no início dos anos 1970. Quentin Tarantino o resgatou das participações especiais ao lhe dar um papel em *Jackie Brown* (1997), o qual lhe valeu indicação ao Oscar. Recentemente, ele interpretou Arthur Petrelli em *Heroes* e o pai de George Clooney em *Os Descendentes* (*The Descendants*, 2011).
- O drink que Walt pede na cena final é o Dimple Pinch, um uísque escocês, que, embora não seja dos super-requintados, está na linha do Chivas Regal. Também não é a única vez que vemos Walt bebendo esse uísque. Ironicamente, ele e Hank brindaram o nascimento de Holly com Dimple Pinch em "Phoenix", e Walt serve-se uma dose para comemorar a morte de Gus em "Live Free or Die".
- Na entrevista de Charlie Rose com Gretchen e Elliott, Rose cita um artigo sobre Walter White no *New York Times* escrito por Andrew Sorkin. Depois que o episódio foi ao ar, Sorkin deu um tom de verossimilhança à cena escrevendo uma coluna falsa publicada na seção "DealBook" do *Times* em 23 de setembro de 2013.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### ***A LOJA MÁGICA DE BRINQUEDOS***

Pode-se pensar, como disse Sartre, que o inferno é os outros, mas ficar preso numa cabana isolada em New Hampshire com duas cópias de *A Loja Mágica de Brinquedos* (*Mr. Magorium's Wonder Emporium*) deve contar pelo menos como purgatório. A comédia-fantasia lançada em 2007 tinha um elenco bom, com os papéis principais confiados a Dustin Hoffman, como um homem de 243 anos que é dono de uma loja de brinquedos, e Natalie Portman,

como a jovem escolhida para herdar o negócio incomum. *A Loja Mágica*, porém, não convenceu o público.

Zach Helm escreveu o roteiro de *A Loja Mágica* e também fez sua estreia na direção com o filme. Helm tinha um bom currículo no roteiro até então, tendo ganhado prêmios pela peça *Good Canary* e pelo seu roteiro do filme *Mais Estranho que a Ficção* (*Stranger Than Fiction*, 2006). A escolha que ele fez de ser tanto roteirista quanto diretor de *A Loja Mágica* acabou sendo infeliz. O filme, cujo título original desliza pela língua, foi um fracasso comercial: custou US\$ 65 milhões e mal rendeu a metade nas bilheterias dos EUA. Com a arrecadação em todo o mundo, o filme passou de raspão do ponto de se pagar, mas ainda é considerado um fracasso.

Helm tem senso de humor quanto ao filme e participa da crítica à sua própria produção. Quando questionado pelo programa de TV *TMZ* sobre o que pensava de *A Loja Mágica* ter aparecido em "Granite State", a resposta dele foi que ter duas cópias do DVD na cabana era inverossímil porque "são exatamente duas cópias a mais do que eu deixo entrar na minha casa".



## elina

**Data de exibição original:** 29 de setembro de 2013

**Roteiro e Direção:** Vince Gilligan

“Eu fiz tudo por mim. Eu gostava. Eu era bom naquilo e... eu me sentia vivo.” — Walter White

*Walt volta ao Novo México para resolver suas pendências em definitivo.*

Ao longo de “Felina”, ouve-se a clássica canção “El Paso”, de Marty Robbins, que conta a história de um caubói cujo amor por uma bela mulher leva-o a cometer o “feito abominável” de assassinar um concorrente, ato que o obriga a fugir para o Texas – até que seu amor acaba trazendo-o de volta a El Paso, no Novo México, onde é certo que ele será morto. Ao invés de uma mulher, contudo, a Felina de Walt é a Blue Magic, e o orgulho e poder que acompanham sua habilidade extraordinária como cozinheiro de metanfetamina. É isso que fez de Walt assassino de muitos e que lhe custou tudo.

Gilligan & Cia. não deixam grandes pontas soltas no final do seriado, mas um dos elementos mais interessantes que eles amarram é sugerir que existe uma “força maior” que atravessa todo *Breaking Bad*. Walt em si já comentou isso no episódio “Fly”, da terceira temporada, quando ficou pensando nas chances de encontrar Don Margolis num bar pouco antes da morte de Jane. Quando Walt faz a primeira tentativa de ligação direta no Volvo, ele está se esforçando demais, uma abordagem complexa para um problema antes de acabar com todas as alternativas. No

entanto, quando sua tentativa não dá certo, pela primeira vez no seriado Walter White ora, prometendo que se algum poder deixá-lo chegar em casa ele mesmo vai "dar conta do resto", entendendo-se aí sua própria morte. É uma mudança tremenda para um homem que, no episódio da primeira temporada "... And the Bag's in the River", insistiu que não havia nada na vida fora a química. É após essa oração breve e sincera que tudo começa a dar certo para Walt.

Walt está na rota da morte, e é isso que o torna exitoso no episódio final. É um homem que não tem quase nada a perder, e por isso sumiram todo medo, raiva e nervosismo que sempre estiveram presentes quando ele tentava cumprir suas metas de momento. Para Walt, não há possibilidade de sobrevivência, e nem sentido. Bryan Cranston faz uma de suas performances mais potentes e mais sutis do seriado em "Felina", quando Walt atravessa o episódio com calma calculada, estranhamente tranquilo. Ele também finalmente deixa de lado sua maior mentira: a de que fez tudo pela família. A confissão de que fez tudo para si, simplesmente porque gostava, é um momento incrível na história da TV. Depois de contar a verdade, os olhos de Walt se fecham e o espectador literalmente vê um peso erguer-se do personagem, pois não é só a Skyler que ele admite isso pela primeira vez, mas a si mesmo. A interpretação valente de Anna Gunn também é central, pois Skyler permite-se um momento para *ouvir* aquela verdade. Este não é só um momento final de sinceridade de e por Walt, mas também a última dádiva e homenagem que ele pode fazer à memória do casamento e do amor deles. É como se fossem reconciliação e adeus ao mesmo tempo.

É fato que Walt está se despedindo ao longo de todo o episódio. Ao deixar sua antiga casa, ele volta dois anos ao episódio piloto, quando comemorou os 50 anos cercado por uma casa cheia de amigos e uma família que o ama, e Hank convidou-o para acompanhá-lo numa batida policial que mudou tudo. A transição do Walt de "Piloto/Breaking Bad" para o Walt de "Felina" é surpreendente. De saudável, iluminado e inocente a descarnado,

sombreado, com um rosto castigado pela dor e pela vivência – a mudança no homem é visível e profunda. Jesse também tem esse momento de reflexão, de um passado acolhedor estilhaçado pelo presente de trevas. Numa cena comovente e querida, vê-se o Jesse adolescente criando a caixa da qual falava ao grupo do NA em “Kafkaesque”, na terceira temporada – meticoloso, ardoroso. Ele usa todas as ferramentas e junta as peças sem pregos nem parafusos, só com marcenaria benfeita, e pinta a caixa com uma mistura feita à mão até ela ficar absoluta e maravilhosamente perfeita. Ele contou a história em “Kafkaesque” como se fosse um sonho, depois fez tudo voltar à amargura ao reconhecer que a trocou por um saquinho de maconha. O potencial que a caixa tinha – um presente de sua mãe, o futuro de ser o filho de quem ela teria orgulho – é interrompido pelo que ele resolveu fazer com sua criação. Agora, a memória da inocência e das possibilidades é literalmente encurtada pelo puxão no cabo preso a suas correntes no laboratório dos neonazistas. Jesse está esfarrapado, cheio de cicatrizes, barbudo, sujo, o ponto final da decisão aparentemente inócua que tomou há tanto tempo atrás. Está combalido e escravizado, aparentemente sem qualquer possibilidade de evolução.



(ANDREW EVANS/PR PHOTOS)

Embora Walt seja em grande parte responsável por tomar essas possibilidades de Jesse, também é Walt quem as devolve no final – não só por libertá-lo de seus captores, mas literalmente interceptando uma bala que era dirigida ao ex-sócio. Os dois não terminam amigos e com certeza não na relação filho/pai-postiço que estiveram próximos de ter. Contudo, as coisas entre eles pelo menos assentaram-se, e os dois concordam pela última vez nesse ponto. Jesse já disse a Walt que está cansado de aceitar ordens e aqui ele faz essa afirmação valer, recusando-se a matar Walt quando o próprio lhe pede. O que será de Jesse? Qualquer coisa: este é o sentido. Ele está livre, e todas as possibilidades que tinha quando fez a caixa voltam a ser dele.

Quanto a Walt, seu último ato é dizer adeus ao laboratório que surgiu a partir do que ele e Jesse construíram na Vamanos Pragas, o lugar onde ele pode ser seu verdadeiro eu. Sua passagem por lá

é de amor, e ao descobrir uma máscara de proteção similar às que ele roubou do laboratório de química de seu colégio, ele sorri. É quando entra o último acompanhamento musical: "Baby Blue", de Badfinger. Mais uma vez, o grande amor de Walt, seu "Baby Blue", não é uma mulher, mas a metanfetamina, a cozinha, o perigo, a viagem. Aqui, no fim de tudo, Walter White finalmente chegou em casa, e é aqui que a história se encerra.

Foi uma viagem dos diabos.

## **QUÍMICA ANALÍTICA**

### **ALTA VALÊNCIA**

WALT: "Elliott, se vamos por este caminho, você vai precisar de uma faca bem maior."

### **PERCEBEU?**

- Na pré-créditos, mais uma vez se vê Walt num espelho. Os oito últimos episódios da quinta temporada trazem frequentemente essas imagens em espelhos, refletindo que Walt é cada vez mais incapaz de evitar ver-se como quem ou o que realmente é.
- O carro que Walt rouba em New Hampshire e leva ao Novo México é um Volvo dos antigos, mesma marca do carro que Gus dirigia. Quando ele troca por outro carro no estacionamento do Denny's, ele pega um carro antigo, quatro portas, no estilo do Ford LTD de Mike.
- Walt obriga Elliott e Gretchen a apertarem sua mão para fechar o negócio. A insistência dele e a relutância e desgosto do casal lembram a reação do próprio Walt toda vez que tinha que apertar a mão de Jack.
- Walt faz de tudo para parecer coitado, sujo, doente e desesperado quando se encontra com Lydia e Todd no café. A julgar por sua habilidade de se assear e trocar de roupa antes de encontrar-se com Skyler, isso – incluindo o acesso de tosse – é quase totalmente o Walt ator.



- Quando Walt está no deserto construindo a armação com controle remoto para a M60, ele canta "El Paso" baixinho.
- Quando o Walt mais limpo visita Skyler, ele usa a mesma roupa que vestia em "Piloto/Breaking Bad": calça bege, camisa verde e uma jaqueta fina bege, como se quisesse lembrar a ela o homem que já foi.
- Walt faz carinho em Holly com a mão esquerda. Quando está tentando arrombar o carro na pré-créditos, ele machuca a mão direita, a mesma que Skyler cortou em "Ozymandias" e a mesma mão, ensanguentada, que ele usa na última cena para passar em um dos tanques no laboratório. É uma inversão belíssima da perspectiva tradicional da mão canhota, ou "sinistra", como mão maldosa, e uma brincadeira com a frase bíblica da "mão esquerda que não sabe o que faz a direita".
- Enquanto os neonazistas revistam Walt, ouve-se um apito de trem ao fundo, lembrando o assassinato de Drew Sharp.
- O som incessante e dominante da M60 ao chacinar os neonazistas é quase exatamente igual ao efeito sonoro que acordou Skyler em "Hazard Pay", quando Walt, Flynn e Holly estavam assistindo ao clímax de *Scarface*. É o momento "digam oi pra minha amiguinha" de Walt.
- Walt morre de olhos abertos, por fim disposto e capaz de ver as coisas como são, ao invés de como ele quer que sejam.

**PRECIPITAÇÕES** Quando Walt chega ao complexo dos neonazistas, Kenny cuidadosamente confere tudo dentro de seu carro e depois faz uma revista completa no visitante, durante a qual chegam a confiscar as chaves e a carteira de Walt. Só que *nem pensam em olhar o porta-malas*. Parece meio conveniente *demais* dados o porta-malas gigantesco nesse tipo de carro e as medidas de segurança dos neonazistas, meticulosas em tudo mais.

**GRAVANDO!**

- Há planos realmente sensacionais nesse episódio, a começar pelo close de uma janela de carro coberta de neve. De início, não se vê as bordas, só a neve, e quando a câmera se movimenta há uma leve desorientação, pois a neve, que deixa a luz que entra levemente azul, de início parece mais uma câmera subjetiva transpassante, quando na verdade é um simples plano horizontal.
- A primeira câmera subjetiva em contra-plongée acaba sendo a que vem debaixo do painel, quando Walt tenta fazer ligação direta no carro.
- O jogo das luzes azuis e vermelhas da polícia filtradas pelas janelas cobertas de neve é magnífico, e amplia a tensão de forma incrível.
- A palheta de cores que se usa com Gretchen e Elliott na casa dos dois é um jogo interessante com o sobrenome Schwartz, que significa “preto” em alemão, e o sobrenome de Walt, que significa “branco” em inglês – da mistura dos dois tem-se a Gray Matter, ou “massa cinzenta”. Embora os Schwartz já tenham se ligado a pretos e cinzas, as roupas e a casa deles são limpas, esparsas e *brancas*, enquanto Walt surge das sombras negras de fora, e é sujo, escuro e de aparência cinzenta.
- No flashback em que Jesse está construindo sua caixa, a luz é dourada, amanteigada, profunda, quente, que interage com a madeira geralmente branca para criar uma atmosfera idílica, suavemente receptiva – literalmente a era de ouro do passado de Jesse.
- Há uma câmera subjetiva da mala com rodinhas dos Louboutins de Lydia quando ela adentra o café.
- Enquanto Lydia mexe a stevia na xícara, a câmera foca o chá e movimenta-se lentamente enquanto o adoçante se dissolve, sublinhando a importância da ação e renunciando as consequências que virão a partir daí.

**TITULAÇÃO** “Felina” faz referência à mulher na canção de Marty Robbins, e por conseguinte à Blue Magic pela qual Walt é

obcecado – mas também é anagrama de “finale” (final). Quando o título do último episódio foi anunciado, no final de 2013, fãs notaram que “Felina” poderia ser decomposto nas abreviaturas de três elementos: Fe (ferro), Li (lítio) e Na (sódio). Muito se falou dos três elementos taquigrafarem “sangue, metanfetamina e lágrimas”, mas é um pouco exagerado, pois lítio não tem nada a ver com a fabricação de metanfetamina cristal.

**MÚSICA** “El Paso” e “Baby Blue” são discutidas acima, mas há outra peça musical significativa nesse episódio: quando Gretchen e Elliott entram em casa, seguidos por Walt, a música clássica que toca é “Ballet Music”, da ópera *Fausto* de Charles Gounod, sobre um homem que faz um acordo com o diabo para ganhar poder e saber absolutos. A obra é apropriada porque faz eco à jornada do próprio Walt. A música também remonta à caracterização de Walt como diabo que Marie faz em “Blood Money” e Jesse faz em “Rabid Dog”. Em “Felina”, claro, os Schwartz veem-se obrigados fazer um acordo com o diabo. Bela sacada.

**CURIOSIDADES** Depois de encerrar a ligação para o assistente dos Schwartz, Walt tira seu relógio e deixa-o em cima do telefone público. Vince Gilligan admitiu mais tarde que, quando “Felina” estava sendo filmado, eles lembraram que Walt não estava usando relógio quando apareceu nas pré-créditos de “Live Free or Die” e “Blood Money”, por isso tiveram que fazê-lo deixar o acessório em algum momento para evitar erros de continuidade.

## **INGREDIENTES ESPECIAIS**

### **FUNDOS IRREVOGÁVEIS**

O plano de Walt é fazer os resquícios de sua fortuna nas drogas chegar a seus filhos através de um fundo fiduciário irrevogável supostamente preparado por Gretchen e Elliott Schwartz junto à Gray Matter Technologies. Walt é bastante específico quanto à estrutura do fundo e como ele deve ser financiado e, sinceramente, é uma das melhores ideias que ele já teve. Em termos jurídicos, um fundo fiduciário é uma relação contratual na

qual uma parte retém a propriedade em benefício de outra. Nesse caso, Walt é o “instituidor” (ou “concessor”), a pessoa que transfere sua propriedade aos “depositários”, que são os Schwartz. Os depositários são encarregados de ficar com a propriedade (nesse caso, mais de US\$ 9 milhões) em prol de Flynn, que deverá receber a soma total em seu aniversário de 18 anos. Depositários têm direito à propriedade, mas são obrigados a agir pelo bem dos beneficiários. Embora possam ser compensados pelo serviço (e terão as despesas de fato, como taxas jurídicas e impostos, reembolsadas), os depositários são obrigados a devolver todos os lucros, como juros e dividendos, do “corpus” do fundo (o dinheiro, nesse caso) aos beneficiários. Claro que Gretchen e Elliott acham que “os dois melhores assassinos a oeste do Mississippi” estão com eles na mira, por isso esse fundo vai ser armado com velocidade e controlado com prudência.

Há todo tipo de motivo para montar um fundo e existem vários tipos de fundos fiduciários. Walt insiste na questão do “fundo irrevogável”, que significa que as cláusulas não podem ser mudadas. Isso levanta outra questão: já que Walt está usando os Schwartz como suas patinhas nesse assunto, o fundo será armado de forma a parecer que eles são os instituidores e provavelmente eles venham a usar uma instituição financeira como depositária. Os Schwartz ainda estão vivos, então tecnicamente seria um “fundo irrevogável entre vivos”, já que está sendo armado durante a vida dos instituidores.

Walt não está determinando condições quanto a como Flynn deve usar o dinheiro, embora restrições sejam muito comuns nos fundos. Muitos são determinados para uso exclusivo em “saúde, educação e bem-estar” do beneficiário, mesmo que “bem-estar” seja uma categoria ampla. A intenção de Walt é que Flynn faça 18 anos e receba uma herança inesperada e arrebatadora da qual nunca soube. É assim que ganhadores de loteria vão à falência em dois anos. Torcemos para que Flynn tenha mais noção.



**O VÍCIO MATA**  
(QUINTA TEMPORADA)

**MORTOS**

Walt: 19 (Mike; caras de Mike e advogado de Mike; Jack, Kenny e os neonazistas; Lydia)

Jesse: 1 (Todd)

Lydia: 10 (Declan e seus homens)

Todd: 2 (Drew Sharp, Andrea)

Jack & os neonazistas: 2 (Hank e Gomez)

**FERIDOS**

Walt: (por Hank, mais Skyler com faca)

Jesse: (por Todd)

Saul: (por Jesse)





## **QUEM BATE À PORTA** VIOLENTIZAÇÃO EM *BREAKING BAD*

Como que um pacato professor de química, de ensino médio e de classe média, passa de um mariquinha incapaz de encarar o chefe no segundo e miserável emprego que precisa ter para sustentar a família, a homem capaz de armar uma bomba numa casa de repouso; a envenenar uma criança; a ordenar o assassinato de dez homens; a racionalizar o assassinato de uma jovem como algo lamentável mas necessário; e a planejar a chacina de 10 outros homens com uma metralhadora giratória? Esta é a jornada que Walter White percorre em cinco temporadas de *Breaking Bad*, mas a mudança de ser pacífico a criminoso violento é daquelas que acontecem até com certa frequência também no mundo real. Embora os fatos retratados em *Breaking Bad* sejam totalmente fictícios, Vince Gilligan & Cia. retratam as experiências de Walt e outros personagens com a violência de forma muito realista, o que leva à verossimilhança geral do seriado.

O alto nível de “realismo emocional” em *Breaking Bad* foi discutido no primeiro ensaio deste livro. Para tratar dessa sensação de realidade na transformação de Walt em criminoso perigoso, volta a ser central a obra do sociólogo Lonnie Athens. Depois de anos empreendendo estudos de caso com criminosos violentos, às vezes correndo sérios riscos, Athens batizou a experiência social da violência de “violentização” (como em “socialização”), e a definiu no livro *The Creation of Dangerous Violent Criminals* (“A Criação do Criminoso Perigoso e Violento”), de 1992, como um processo de quatro etapas que deriva de experiências sociais específicas. Segundo Athens, a violentização de uma pessoa acontece por meio de um processo de brutalização, beligerância, atitudes violentas e virulência. Esses estágios são vividos nessa ordem, podem acontecer ao longo de um tempo variável, e o processo inteiro está sujeito a interrupções tanto temporárias quanto permanentes. Em outras palavras, alguém como Jesse Pinkman pode passar por muitas dessas fases sem estar determinado a chegar ao ponto da virulência. Por outro lado, alguém como Tuco Salamanca já evoluiu em todo o processo e, quando nós o conhecemos, já recorre à violência letal para reagir à mínima provocação.

Athens desmembra a primeira etapa, a brutalização, em três partes: subjugação violenta, horripilação pessoal e instrução à violência. Embora cada experiência difira em alguns detalhes, cada parte envolve uma pessoa que é traumatizada por outras através de tratamento cruel, geralmente um misto de abuso físico e psicológico. A subjugação violenta acontece quando alguém é obrigado a submeter-se à autoridade de outro, o que se alcança através da ameaça de usar efetivamente a violência para forçar a obediência, ou por meio do uso da violência em retaliação por desobediência. A subjugação violenta também é muito usada como ferramenta para condicionar o sujeito a demonstrar o devido respeito perante uma figura de suposta autoridade. Em *Breaking Bad*, vemos esse processo com maior evidência no caso de Jesse Pinkman, que várias vezes é vítima de subjugação violenta. No piloto, ele leva uma coronhada e um chute do ex-sócio Emilio; em



“Crazy Handful of Nothin’”, é espancado por Tuco até parar no hospital; em “ABQ”, é ameaçado e leva uma surra de Mike até obedecer; em “One Minute”, volta a ser hospitalizado após levar uma surra de Hank; e, em “Ozymandias”, é espancado com brutalidade e torturado por Todd e os neonazistas. Em todos esses casos, Jesse está indefeso diante da violência dos opositores e é obrigado a submeter-se à vontade deles por meio de medo e dor. A subjogação violenta de várias modalidades acontece frequentemente com os personagens ao longo de *Breaking Bad*, mas Jesse é o caso mais aparente.

O segundo aspecto da brutalização, a horripilação pessoal, é praticamente o inverso da subjogação violenta. Ao invés de sofrer a subjogação por conta própria, a pessoa vê essa situação acontecer com outra pessoa. Walt e Jesse assistem Tuco espancar brutalmente um de seus tenentes em “A No-Rough-Stuff-Type Deal”, Jesse assiste outro exemplo letal em “Peekaboo” e tem que lidar com Combo baleado em “Mandala”. Ele e Walt são obrigados a assistir Gus executar Victor em “Box Cutter”, Gus vê Max ser assassinado em “Hermanos”, Skyler passa a primeira metade da quinta temporada horrorizada com o que Walt fez a Gus, Walt vê Jack assassinar Hank, e Walt e Jesse alternam-se em ver o outro ser subjogado pela violência várias vezes ao longo do seriado.

O último aspecto da brutalização é a instrução à violência. Walt impele Jesse para recuperar a metanfetamina roubada de um de seus traficantes em “Peekaboo”, e mais uma vez incita-o a ser violento nas cenas dramáticas ao final de “Full Measure”. Jesse, por sua vez, instrui Walt a matar Krazy-8 em “The Cat’s in the Bag” e “... And the Bag’s in the River”, e em “Seven Thirty-Seven” incita-o a matar Tuco. Walt ainda é instruído por Saul e Mike em vários momentos, incluindo na história contada pelo último em “Half Measures”, o que influenciará Walt a tomar medidas drásticas logo a seguir. Além disso, vemos os personagens envolvidos com elementos de instrução à violência, de forma particular e relevante na pré-créditos de “One Minute”, da terceira temporada, quando vemos o jovem Héctor Salamanca envolver-se

nos três aspectos de brutalização ao mesmo tempo com os irmãos que virão a ser assassinos sanguinários na fase adulta.

O resultado da brutalização é um indivíduo que passou por um processo profundamente traumático e caótico, que o deixou perturbado até o âmago ao tentar integrar essas experiências à sua vida. Assim, o início da segunda fase de Athens, a beligerância, pode ser vista como uma espécie de crise existencial. A pessoa se vê diante de uma divergência entre como as pessoas *supostamente* deveriam interagir entre si, e como sua própria experiência de brutalização demonstra como elas agem de *fato*. Logo, contudo, o indivíduo traz sua reflexão do espaço da sociedade geral de volta para seu caso particular. Vale lembrar que a pessoa foi profundamente e muitas vezes repetidamente brutalizada, e que esse trauma acaba com qualquer tentativa de desconsiderar ou descartar essa brutalização. Ele tem que ser resolvido, pelo bem ou pelo mal. A pergunta na mente da pessoa mudou de “por que isso aconteceu comigo?” para “o que eu posso fazer para que isso não aconteça de novo?”.

A resposta mais óbvia é tomar uma atitude violenta contra aqueles que ameaçam ferir ou que afrontam indevidamente o indivíduo ou os entes queridos do indivíduo. A pessoa agora está decidida a usar violência potencialmente letal, que vai até o ponto de matar outro ser humano, mas apenas sob certas condições. Não é necessariamente aí que as pessoas começam a “chutar o balde”, porém. É fato que esse nível de violência que muitos soldados, policiais e até mesmo pessoas sem essa capacitação específica têm ao verem-se diante de uma ameaça a si ou a seus entes queridos. O programa da brutalização controlada que se encontra em campos de treinamento militares e no preparo de agentes da lei é projetado especificamente para conduzir os recrutas do status civil não violento ao nível da beligerância, no qual ficam dispostos e capazes de usar a violência letal “para proteger e servir”. É o nível de violentização a que chegam Hank e Gomez como agentes do DEA, e eventualmente ao que chega Jesse.

Quando a pessoa passa da disposição a cometer violência sob certas circunstâncias até cometer esses atos de fato, ela chegou ao terceiro estágio: as atitudes violentas. Os efeitos das atitudes violentas sobre seu autor dependem em grande parte do resultado da atitude, sublinha Athens. Se a atitude violenta é eficaz, a possibilidade de passar ao nível seguinte de violentização fica ainda maior. Um empate, ou uma disputa sem vencedor claramente identificado, resultará no indivíduo continuar envolvendo-se em atitudes violentas até que ocorra ou vitória (ou derrota) bem definida. Uma derrota ou série de derrotas evidentes pode romper totalmente a cadeia de violentização, pois o indivíduo repensa sua decisão de empregar violência – ou pode dar sequência à progressão do indivíduo à violência, porque sua decisão de ser violento não muda mesmo com provas de que ele não é bom nisso.

Com Walter White, vemos uma série de atos de violência exitosos que levam a uma disposição cada vez maior para recorrer à violência como forma de resolver problemas. Ele usa gás contra Krazy-8 e Emilio numa situação de perigo imediato, no piloto, ao que se segue o assassinato premeditado de Krazy-8 em “... And the Bag’s in the River” – numa situação que ainda pode ser justificada como legítima defesa, mas à qual falta o elemento de perigo iminente. Isso é seguido por Walt usar fulminato de mercúrio para obrigar Tuco a pagar pela metanfetamina que pegou de Jesse em “Crazy Handful of Nothin’”. Embora Walt não aceite o plano de Jesse de atirar em Tuco, ele logo surge com o plano de usar ricina para envenenar o gângster. Mais uma vez isso pode ser justificado como legítima defesa preventiva, mas ele está voltando-se ainda mais rápido à violência potencialmente letal para alcançar seus fins. Em “Full Measure”, Walt atropela dois traficantes de rua, depois pega a arma de um deles para dar cabo do outro, de forma fria e eficiente. Mais adiante, Walt convence Jesse a matar Gale. Walt então envenena uma criança e usa uma bomba para matar tanto Héctor quanto Gus e, na quinta temporada, Walt vê a morte dos caras encarcerados de Mike como

uma forma mais eficiente de garantir seu silêncio, além de não hesitar na chacina de Todd, dos neonazistas e de Lydia.

Depois que ele mata os dois traficantes de rua, que eram integrantes da rede de narcotráfico de Gus, este, Mike e Victor passam a tratar Walt de outro jeito. Embora não tenham medo dele, ficam tementes e passam a vê-lo como um percalço na organização. Aliás, é depois desse incidente que Gus toma a decisão de mandar matar Walt. Walt provou que é capaz de cometer violência, violência do tipo assassina, e o fez de maneira imprevista. A atitude de Walt trouxe-lhe notoriedade e até uma espécie de respeito e reputação elevados entre esses homens que praticam a violência. Esse status é ampliado na quinta temporada, depois que se divulga que Walt matou Gus, e sua reputação cresce ainda mais quando ele organiza a morte dos caras de Mike em "Gliding Over All". Em termos psicológicos, esse tipo de reconhecimento pode provar-se inebriante, e levar a uma mudança drástica no pensar do indivíduo – Walt passa a pensar que ele é o perigo.

O uso que Walt faz da violência cresce progressivamente ao longo do seriado, e costuma ser exitoso. Nos termos da teoria da violentização de Athens, Walt cruzou o caminho até o quarto e último estágio: a virulência. Nessa fase, a pessoa toma o que Athens chama de "decisão violenta consumada" de ferir seriamente outros seres humanos sem que haja provocação séria ou recorrente. Tuco talvez seja o principal exemplo de alguém que chegou ao ponto da virulência e tornou-se o que Athens define como criminoso perigoso e violento. Contudo, embora Tuco seja o mais óbvio, Gus, Héctor, Don Eladio, Tyrus, Victor, Todd, Jack e até o próprio Walt chegaram ao mesmo nível. A solução final de Walt é violenta, e sempre se deve ter em mente que não era a única opção. Entregar-se teria cumprido a meta de proteger Skyler, e ele ainda teria coagido os Schwartz a dar o dinheiro a Flynn. Walt não *precisava* ter matado Todd e os nazistas – ele *queria*.

Assim, os personagens de *Breaking Bad* seguem uma progressão realista da violência. Infelizmente, é a mesma que os espectadores podem ver no mundo real. Essa atenção à realidade

da violência, de como e por que gente de verdade “chuta o balde”, é uma das temáticas que fazem o seriado ser tão brilhante. Gilligan & Cia. nunca se esquivam de mostrar-nos a verdade brutal nas escolhas que seus personagens tomam. Ao nos dar um retrato praticamente preciso dos efeitos da violência sobre a alma humana, *Breaking Bad* revela-se mais vivo e arrepiante do que nunca. Se o pacato Sr. White pode tornar-se o assassino em massa Heisenberg, então qualquer pessoa pode. Inclusive nós.



**O VÍCIO MATA**  
(TOTAIS DO SERIADO)

**MORTOS**

Walt: 24

Walt/Don Margolis: 167 (com o voo Wayfarer 515)

Walt/Héctor: 3

Gus: 13+

Primos Salamanca: 11

Mike: 6

Gaff: 4

Jesse: 3

Hank: 2

Tuco: 1+

Jack & neonazistas: 2+

Lydia: 10

Todd: 2

**FERIDOS**

Walt: 4

Jesse: 5+

Saul: 1

Gonzo: 1

## REFERÊNCIAS

- "2 Cleared in 'Macho' Camacho's Death." ESPN.com. ESPN.go.com. 6 de fevereiro de 2013.
- "2012 Chrysler 300." BreakingBad.wikia.com.
- "Abiquiú." BreakingBad.wikia.com.
- "About Georgia O'Keeffe." OKeeffeMuseum.org.
- "About LoJack." LoJack.com.
- "About PET/CT." PetScanInfo.com.
- Adams, Cecil. "Did the Civil War Create 500,000 Morphine Addicts?" TheStraightDope.com. 9 de julho de 1999.
- Alcindor, Yamiche. "Cops: Woman shoplifted and cooked meth inside Walmart." USA Today. UsaToday.com. 9 de junho de 2012.
- "All Seeing Eye." MasonicDictionary.com.
- "AMBER Alert Timeline." Office of Justice Programs. OJP.USDOJ.gov.
- "Ambulance Chaser." TVTropes.org.
- Ang, Ien. *Watching Dallas: Soap Opera and the Melodramatic Imagination*. Trad. Della Couling. Nova York: Methuen & Co., 1985.
- "Animal Fact Sheet Tarantula." Arizona-Sonora Desert Museum. DesertMuseum.org.
- "Animal Feed." SustainableTable.org.
- Ankrom, Sheryl. "Anxiety Attacks Versus Panic Attacks: What's the Difference?" PanicDisorder.about.com. 29 de junho de 2009.
- "Anti-Hero." TVTropes.org.
- "Anti-heroes: Aaron Paul on *Breaking Bad*." AMCTV.com.
- "Antoine Laurent Lavoisier." University of Virginia. Cti.Itc.virginia.edu.
- Armstrong, W.P. "The Castor Bean." Wayne's Word. WaynesWord.palomar.edu. março de 1999.
- Associated Press. "Police: Mom killed two children, two others and herself after taping herself smoking meth." FoxNews.com. 17 de janeiro de 2012.
- Athens, Lonnie. *The Creation of Dangerous Violent Criminals*. Chicago: University of Illinois Press, 1992.
- \_\_\_\_\_. "Dramatic Self Change." *The Sociological Quarterly* 36, n. 3 (verão), 1995.
- \_\_\_\_\_. "Self as Soliloquy." *The Sociological Quarterly* 35, n. 3 (agosto), 1994.

"Augusto Pinochet." *Brittanica.com*.

Bachelard, Gaston. *The Poetics of Space*. Trad. Maria Jones. Nova York: The Orion Press, 1964. (Edição brasileira: *A Poética do Espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.)

Baker, Debbi. "Mylar Balloons Cause Power Lines to Fall in El Cajon." *UTSanDiego.com*. 12 de junho de 2012.

"Bear Canyon Arroyo Spillway Dam." *Wikimapia.org*.

Bedard, Megan. "'Food Inc.' Chicken Farmer Goes Rogue Says Goodbye to Factory Farms." *TakePart.com*. 7 de maio de 2012.

Bennett, Drake. "Abducted!" *Boston.com*. 20 de julho 2008.

"Blue Sky." *BreakingBad.wikia.com*.

Blum, Mitch. "Stop Breaking Down: What the Cars on *Breaking Bad* Tell Us about the True Nature of the Characters." *MitchBlum.com*. 14 de julho de 2011.

Boden, Robert F. "Five Years After *Bates*: Lawyer Advertising in Legal and Ethical Perspective." *Marquette Law Scholarly Commons*. [Scholarship.law.marquette.edu](http://Scholarship.law.marquette.edu).

Bodine, Alicia. "Homemade Ice Packs." *eHow.com*.

Bonander, Ross. "Pablo Escobar: 5 Things You Didn't Know." *AskMen.com*.

"Bonnie and Clyde." *FBI.gov*.

"Bonnie and Clyde's Death Car." *RoadsideAmerica.com*.

"Both Sides Claim Victory in YSL *v. Louboutin* Shoe Case." *Forbes.com*. 5 de setembro de 2012.

"BP Announces Class-Action Settlement in 2010 Gulf Oil Disaster." *CNN.com*. 19 de abril de 2012.

*Breaking Bad*. Seriado de TV. Produtores executivos: Vince Gilligan, Mark Johnson, Michelle MacLaren. AMC. 2008–2013.

Brentplummerwest. "Czech Meth: Is *Breaking Bad* Accurate?" *Across the Pond*. [Iuwest.wordpress.com](http://Iuwest.wordpress.com). 7 de setembro de 2012.

"A Brief History of Methamphetamine." Vermont Department of Health. [HealthVermont.gov](http://HealthVermont.gov). 2013.

Britt, Ryan. "All Alone in the Night: When *Babylon 5* Invented 21st Century Fandom." *Tor.com*. 8 de outubro de 2012.

"*Brown v. Board of Education* (1954)." *PBS.org*. 2007.

Buttimer, Anne. "Home, Reach, and the Sense of Place." *The Human Experience of Space and Place*. Anne Buttimer e David Seamon (ed.). Nova York: St. Martin's Press, 1980.

Calabro, Tina. "'Breaking Bad' actor RJ Mitte finds 'perfect role' prepared him to become an activist." *Pittsburgh Post-Gazette*. [Post-Gazette.com](http://Post-Gazette.com). 17 de março



de 2010.

"*California v. Carney*." Legal Information Institute. Law.cornell.edu.

"Can a Desert Eagle Be Suppressed?" Answers.yahoo.com.

Caverly, N. Brian e Jordan S. Simon. "Revocable versus Irrevocable Trusts." Dummies.com. 2013.

Celebi, Sarah. "Why Are Electrical Wires Covered in Plastic?" eHow.com.

"Cerebral Palsy." MayoClinic.com.

"Chemotherapy." Cancer.org.

"Chemotherapy." MayoClinic.com.

"The Clarence Darrow Award." Oklahoma Criminal Defense Lawyers Association. OCDLAOklahoma.com. 2013.

Clark, Josh. "How Many Things Can You Plug into an Electrical Outlet Before It Catches Fire?" HowStuffWorks. Home.howstuffworks.com.

Cohen, Brad. "Inside Pablo Escobar's Medellín Cartel." BBC.com. 18 de outubro de 2011.

Collins & Collins, P.C. "New Mexico Retreat Law Reviewed in Light of the Trayvon Martin Case." NewMexicoInjuryAttorneyBlog.com. 11 de maio de 2012.

"Contingency Fees: Read This Before You Hire a Lawyer." ThompsonHall.com.

Costandi, Mo. "The Dissociative Fugue State: Forgetting One's Own Identity." NeuroPhilosophy.wordpress.com. 18 de abril de 2007.

Cresswell, Tim. *In Place/Out of Place: Geography, Ideology, and Transgression*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

\_\_\_\_\_. *Place: A Short Introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

Curley, Bob. "DSM-V Major Changes to Addictive Disease Classifications." RecoveryToday.net. Março de 2010.

"Czech Capital Becomes EU Crystal Meth Capital." RT News. RT.com. 14 de julho de 2010.

D'Addario, Daniel. "The Music of the *Breaking Bad* Finale." Salon.com. 29 de setembro de 2013.

"Defending Skyler White: Sexism in Breaking Bad." Feminist, Unplugged. AwkwardSong.wordpress.com. 31 de julho de 2012.

"Difference between Rock and Mineral." DifferenceBetween.com. 13 de janeiro de 2011.

"Do You Think Gus Fring of *Breaking Bad* Walking Away from a Blast Might Have Been a Bit 'Overblown'?" Answers.yahoo.com.

Dryden-Edwards, Roxanne. "Gambling Addiction (Compulsive or Pathological Gambling)." OnHealth.com. 2013.

"The Evil Eye." LuckyMojo.com.

"Evil Eye Protection Beads." EvilEyeProtection.com.

"Ex Parte." Legal-Dictionary.thefreedictionary.com.

"Facts about Ricin." Centers for Disease Control & Prevention. Bt.cdc.gov. 9 de maio de 2013.

"Facts and Case Summary — *Miranda*." United States Courts. UScourts.gov.

"The Famous B5 Jumpgate Pin." JumpgatePins.com.

Farrell, John A. "Clarence Darrow: Jury Tamperer?" *Smithsonian Magazine*. SmithsonianMag.com. Dezembro de 2011.

"Flaccid Paralysis." Medical-Dictionary.thefreedictionary.com.

Flintoff, Cory. "A Look at Mexico's Drug Cartels." NPR.org. 16 de abril de 2009.

Folsom, Ed e Kenneth M. Price (ed.). *The Walt Whitman Archive*. WhitmanArchive.org.

Ford, D'Lyn. "O Fair (Dry, Windy, Stormy) New Mexico." New Mexico State University. ACES.nmsu.edu. Nova edição, verão de 1997.

Forte, Stephen M. "What the Attorney-Client Privilege Really Means." Smith, Gambrell & Russell, LLP. SGRLaw.com. Outono de 2003.

"Four Corners Monument." ArizonaGuide.com.

"Four Corners Monument." Navajo Nation Parks & Recreation. NavajoNationParks.org.

"Four Corners Monument Still the Legally Recognized Landmark despite Reports." Navajo Nation Parks & Recreation. NavajoNationParks.org. 22 de abril de 2009.

"Fourth Amendment Search and Seizure." Constitution.findlaw.com.

Freeman, Shanna. "How Forensic Dentistry Works." HowStuffWorks. Science.howstuffworks.com.

Freese, Kevin. "The Death Cult of the Drug Lords Mexico's Patron Saint of Crime, Criminals, and the Dispossessed." Foreign Military Service Office. FMSO.leavenworth.army.mil.

Gambling Disorders 360o. Blog.ncrg.org. 2013.

"General Guide to Criminal Jurisdiction in Indian Country." Tribal Court Clearinghouse. Tribal-Institute.org.

George, Patrick. "Why *Breaking Bad* Has the Best Cars on TV Right Now." Jalopnik.com. 2 de fevereiro de 2013.

"Georgia O'Keeffe." MetMusuem.org.

Glenn, Brandon. "Chemotherapy 19% cheaper in doctors' offices than hospitals, study says." MedCityNews.com. 4 de abril de 2012.

Godkin, Michael A. "Identity and Place: Clinical Applications Based on Notions of Rootedness and Uprootedness." *The Human Experience of Space and Place*.

Anne Buttimer e David Seamon (ed.), Nova York: St. Martin's Press, 1980.

"GPS Tracker — SkyTRX GPS Tracking System." Spy Chest. SpyTechs.com.

Grady, Denise. "Defibrillators Let Lay People Save Heart Attack Victims, Studies Say." HeartSaveSolutions.com. 2004.

Gray, Steven. "Santa Muerte: The New God in Town." *Time*. Time.com. 16 de outubro de 2007.

"The Great Seal of the United States." U.S. Department of State. State.gov.

Greco, Michael R. "Ex Parte TRO's: Courts Don't Like Them." Fisher & Phillips LLP. NonCompeteNews.com. 8 de fevereiro de 2012.

Grell, Jeffrey E. "Ricoact.com LLC." RicoAct.com.

"GS Pay Scale FAQs." Govcentral.monster.com.

Gupta, Prachi. "5 facts about Walter White's not-so-favorite Movie, 'Mr. Magorium's Wonder Emporium.'" Salon.com. 23 de setembro de 2013.

Harris, Malcolm. "Upping the Antihero." TheNewInquiry.com. 24 de agosto de 2011.

"Hazards of Meth Ingredients." KCI.org.

Helmenstine, Anne Marie. "Mercury Fulminate — *Breaking Bad*." About.com. 5 de março de 2008.

Hendrixson, Brent. "'So You Found a Tarantula!'" The American Tarantula Society. ATSHQ.org. 2008.

Henry, Alan. "How to Plant a Dead Drop (Without Everyone Finding It)." Lifehacker.com. 14 de novembro de 2012.

Herman, Marc. "Would *Breaking Bad*'s Czech Scheme Work?" Salon.com. 5 de setembro de 2012.

Hibberd, James. "*Breaking Bad* Series Finale Ratings Smash All Records." EW.com. InsideTV.ew.com. 30 de setembro de 2013.

"History of Anti-Money Laundering Laws." Financial Crimes Enforcement Network — Department of the Treasury. www.FinCEN.gov.

Hornblum, Allen M. "Road Companies, Brutes and Safecrackers." *Philadelphia CityPaper*. Archives.citypaper.net. 26 de maio – 1 de junho de 2005.

"Horrific Murder No Surprise in U.S. Meth Capital." USAToday.com. 21 de janeiro de 2012.

"The Housefly." Newton: Ask A Scientist! Newton.dep.anl.gov. Junho de 2012.

"The Housefly — A Common Pest." KidzWorld.com.

"How Does Tent Fumigation Work?" Key Fumigation, Inc. KeyFumigation.com.

"How Do I Handle My Professional Car Wash Wastewater?" Illinois EPA. EPA.state.il.us. 2011.

"How Meth Destroys the Body." *Frontline*. PBS.org. 2011.

"How to Define Anode and Cathode." Av8n.com.

"How to Make a Battery." MonkeySee.com.

"How to Make Thermite." How2DoStuff.com. 30 de janeiro de 2006.

"How Zombie Computers Work." HowStuffWorks. Computer.howstuffworks.com.

"Huntington's Disease." Alzheimer's Association. Alz.org. 2013.

"Huntington's Disease." MayoClinic.com. 2013.

"Huntington Disease." National Library of Medicine (US). Genetics Home Reference. GHR.nlm.nih.gov. 21 de outubro de 2013.

"I Hate Marie Schrader." Facebook.com.

IMDb.com.

"Income, Poverty, and Health Insurance Coverage in the United States: 2010." United States Census Bureau. Census.gov. 13 de setembro de 2011.

"Ingredients Used to Cut Meth and Side Effects." KCI.org.

"Irrevocable Living Trusts." Nolo.com.

Jones, Tom. "Police: Mom on meth doesn't feed baby." WSBTV.com. 30 de março de 2012.

Joseph, Richard. "History of Meth." AlbuquerqueBreakingBad.com. 2009.

Kapsin, Kirsten. "Underground Heated Flooring." FindAnyFloor.com. 24 de setembro de 2008.

"The Kelly Criterion." WizardOfOdds.com. 11 de novembro de 2009.

"The Kelly Criterion and Blackjack." BlackJackTactics.com.

"Kill Off Skyler White." Facebook.com.

Kilroy, Chris. "Special Report: Tenerife." AirDisaster.com.

"Kinetic and Potential Energy." Library.thinkquest.org.

Kocieniewski, David. "Despite 9/11 Effect, Railyards Are Still Vulnerable." NYTimes.com. 27 de março de 2006.

Largo, Michael. *God's Lunatics: Lost Souls, False Prophets, Martyred Saints, Murderous Cults, Demonic Nuns, and Other Victims of Man's Eternal Search for the Divine*. Nova York: HarperCollins, 2010. (Edição brasileira: *Lunáticos por Deus*. Trad. Maria Elizabeth Hallak Neilson. São Paulo: Lafonte, 2011.)

"Law Enforcement: IRS Criminal Investigation Special Agent." United States Internal Revenue Service. Jobs.irs.gov. 2013.

"Lawyer Retainer Fees." LawyerRetainerFees.com.

Layton, Julia. "How Handwriting Analysis Works." HowStuffWorks. Science.howstuffworks.com. 2013.

\_\_\_\_\_. "How Money Laundering Works." HowStuffWorks. Money.howstuffworks.com. 2013.

\_\_\_\_\_. "What Is Ricin?" HowStuffWorks. Science.howstuffworks.com. 2013.

Lee, David. "Killing Pablo by Mark Bowden." MedellinLiving.com. 3 de janeiro de 2011.

Levey, Noam. "Global push to guarantee health coverage leaves U.S. behind." *Los Angeles Times*. LATimes.com. 12 de maio de 2012.

Lewit, Meghan. "Bad Husband, Bad Wife, Good TV: The Fascinating Rise of Antihero Marriages." TheAtlantic.com. 30 de abril de 2013.

Limbert, Travis. "The Heroic Narrative Breaking: Bad Heroes or Good Villains." Academia.edu. 26 de abril de 2012.

Linder, Douglas. "Who Is Clarence Darrow?" University of Missouri-Kansas City. law2.umkc.edu.

Lindsey, John. "Mylar Balloons Are Hazardous to Power Lines." *The Tribune* (San Luis Obispo). SanLuisObispo.com. 10 de março de 2012.

"Lobectomy as a Treatment for Lung Cancer." LungCancer.about.com.

"LoJack Corporation History." FundingUniverse.com.

"Lung Cancer." MedicineNet.com.

"Lung Lobectomy." Lung Cancer Channel. Lung-Cancer.emedtv.com.

"The Lurker's Guide to Babylon 5." MidWinter.com.

Mahany, Brian. "IRS Criminal Investigations — Will I Get Charged?" Mahany & Ertl. MahanyErtl.com. 2009.

Marcotte, Amanda. "Breaking Bad TV Expectations." The American Prospect. Prospect.org. 17 de agosto de 2012.

"Marital Privilege." LexisNexis.com.

Marshall, Kelli. "I Don't Like Skyler White, But Probably Not for the Reasons You Think." MediAcademia. KelliMarshall.net. 7 de agosto de 2012.

Mattson, Bruce. "Antoine Lavoisier." Creighton University. Mattson.creighton.edu.

Maugh, Thomas H. "General Electric chemist invented process for making diamonds in lab." LATimes.com. 31 de julho de 2008.

"May 23, 1934 — Bonnie and Clyde Are Killed in Police Ambush." *The New York Times*. Learning.blogs.nytimes.com. 23 de maio de 2012.

McElroy, Griffin. "Breaking Bad Easter Egg Discovered in Rage." Joystiq.com. 8 de outubro de 2011.

McKinney, Devin. "Violence: The Strong and the Weak." *Film Quarterly* 40, n. 9, 1993.

"Meaning of Names." BehindTheName.com.

Meeks, Brock N. "U.S. Announces Steps to Bolster Rail Security." NBCNews.com. 22 de março de 2004.

"Methamphetamine Laboratories Put Responders at Risk." RKI Instruments. [www.RKIInstruments.com](http://www.RKIInstruments.com). 2013.

"Mexican Cartels Go Back to Basics." [BorderlandBeat.com](http://BorderlandBeat.com). 16 de dezembro de 2009.

"Mexico: Crimes at the Border." *Frontline*. PBS.org. 27 de maio de 2008.

"Mexico's Zetas Cartel Rewrites Drug War in Blood." [NBCNews.com](http://NBCNews.com). 2013.

Michelson, Miles. "What Is the Kelly Criterion?" [Horseracing.about.com](http://Horseracing.about.com).

Mikkelson, Barbara e David P. "RICO Suave." [Snopes.com](http://Snopes.com). 21 de dezembro de 2004.

Mine, Alice Neece. "Walking the Ethical Line with Lawyer Advertising." North Carolina State Bar. [www.NCBar.gov](http://www.NCBar.gov).

"The Mineral Quartz." The Mineral and Gemstone Kingdom. [Minerals.net](http://Minerals.net).

"Minerals vs Rocks." [Diffen.com](http://Diffen.com).

"*Miranda v. Arizona* (1966)." [InfoPlease.com](http://InfoPlease.com).

Mitchell, Chase. "Real Stories: Eddie Plein, Owner of Eddie's Gold Teeth." Creative Loafing Atlanta. [CLAtl.com](http://CLAtl.com). 17 de setembro de 2006.

"Model Rules for Professional Conduct." ABA. [AmericanBar.org](http://AmericanBar.org).

"Monkey Trial." PBS.org. 2001.

Morrow, Sean. "The Cars of *Breaking Bad*." [Portable.tv](http://Portable.tv). 2013.

"Mr. Magorium's Wonder Emporium." [RottenTomatoes.com](http://RottenTomatoes.com).

Mrotek, Bob. "Eye for an Eye." [MexicoBob.blogspot.com](http://MexicoBob.blogspot.com). 26 de novembro de 2011.

"Music from *Breaking Bad* Season 1." [AMCTV.com](http://AMCTV.com). 2008.

National Transportation Safety Board. [NTSB.gov](http://NTSB.gov).

Neuman, Clayton. "Music from *Breaking Bad* Season 2." [AMCTV.com](http://AMCTV.com). 2009.

\_\_\_\_\_. "Music from *Breaking Bad* Season 3." [AMCTV.com](http://AMCTV.com). 2010.

\_\_\_\_\_. "Music from *Breaking Bad* Season 4." [AMCTV.com](http://AMCTV.com). 2011.

Nichols, Scott E. "Why Are Salmon Pink?" [Verlasso.com](http://Verlasso.com). 30 de abril de 2012.

"Occupational Outlook Handbook — Air Traffic Controllers." U.S. Bureau of Labor Statistics. [BLS.gov](http://BLS.gov).

Outlaw, Kofi. "*Breaking Bad* & Meth in America." [ScreenRant.com](http://ScreenRant.com). 10 de fevereiro de 2012.

"Pablo Escobar." [Biography.com](http://Biography.com).

"Passive GPS Tracking." [LandAirSea.com](http://LandAirSea.com).

"Pay & Leave Salaries & Wages." U.S. Office of Personnel Management. [OPM.gov](http://OPM.gov).

"The Phoenix Legend." [Shades-of-Night.com](http://Shades-of-Night.com).

"Pinochet Tried Defying Defeat, Papers Show." NYTimes.com. 23 de fevereiro de 2013.

Poniewozik, James. "Dead Tree Alert: Walter White, the Greatest American Antihero." *Time*. Entertainment.time.com. 9 de julho de 2012.

Preece, John. Weak Interactions: Screen Science Explained. WeakInteractions.wordpress.com.

"Preparing Your Home for Termite Fumigation." Dow AgroSciences. DowAgro.com.

"Product Placement — Top Five Ads You Couldn't Skip Over." The M/C/C Minute. MCCom.com. 15 de agosto de 2012.

"Q&A — Los Cuates de Sinaloa (Narcocorrido Band)." AMC Blogs. Blogs.amctv.com.

"Quantum Physics: Werner Heisenberg." On Truth & Reality. SpaceAndMotion.com. 2012

"Questions and Answers about Chemotherapy." WebMD.com.

"Really Cool Portable GPS Tracker." Coolest-Gadgets.com.

Rees, Clair. "Multiple Threat Magnum." Remtek.com. 1998.

"Regarding Immigration, What Is a Coyote?" wiseGEEK.com.

Relph, Edward. *Place and Placelessness*. London: Pion Ltd., 1976.

Rivers, Dacia. "Climate in Albuquerque, New Mexico." *USA Today*. TravelTips.usatoday.com.

"Rocks and Their Properties." Teaching Assistance Program. eTap.org.

Rojas, Peter. "Cellphone Bomb Detonator." Engadget.com. 4 de março de 2005.

"Roman Houses." History Learning Site. HistoryLearningSite.co.uk.

Rose, Ananda. "Death in the Desert." NYTimes.com. 21 de junho de 2012.

Rosenberg, Alyssa. "From *The Shield* to *Breaking Bad*: How Anti-Hero Shows Make Women Do the Hard Work." ThinkProgress.org. 17 de julho de 2012.

\_\_\_\_\_. "Stop Hating the Wives: In Praise of *Breaking Bad*'s Skyler White." Slate.com. 16 de julho de 2012.

Rosenberg, Eli. "Q&A Aaron Paul (Jesse Pinkman)." AMCTV.com. 2011.

Rowles, Dustin. "*Breaking Bad* Creator Vince Gilligan Calls Skyler White Haters Misogynists, 'Plain and Simple.'" Warming Glow. Uproxx.com. 14 de maio de 2013.

Rowney, Jess, Teresa Hermida and Donald Malone. "Anxiety Disorders." The Cleveland Clinic Foundation. ClevelandClinicMedEd.com, 2011.

Russell, Mallory. "Here Are Some of TV's Most Successful Product Placements." BusinessInsider.com. 14 de março de 2012.

"Salary Table 2011-GS." U.S. Office of Personnel Management. OPM.gov.

Schorr, Melissa. "Defibrillators Easy to Use, Save Lives." ABC News. ABCNews.go.com. 2013.

"Self Defense." LexisNexis.com.

"Self Defense Overview." FindLaw. Criminal.findlaw.com.

"Series: *Babylon 5*." TVTropes.org.

"Seriously Funny Lawyer Ads?" LoweringTheBar.net.

Silver, Stephen. "Essay: 'Skyler Is Such a Bitch!,' and Other Unfair *Breaking Bad* Observations." EntertainmentTell. TechnologyTell.com. 13 de julho de 2012.

Slovis, Michael. "Inside *Breaking Bad*: Jesse's House." AMCTV.com. 2012.

\_\_\_\_\_. Entrevista com o autor por telefone. 10 de agosto de 2013.

Soniak, Matt. "How Does an Etch A Sketch Work?" MentalFloss.com. 28 de dezembro de 2010.

\_\_\_\_\_. "How Poisonous Is Lily of the Valley?" MentalFloss.com. 11 de outubro de 2011.

"Spastic Paralysis." InfoPlease.com.

Steen, Margaret. "Safeguarding the Rails: Four Avenues for Increasing Security." Emergency Management. EmergencyMGMT.com. 29 de novembro de 2010.

Stevenson, Mark e Arturo Perez. "Mexico Meth Bust: Army Finds 15 Tons of Pure Methamphetamine." HuffingtonPost.com. 9 de fevereiro de 2012.

Stritof, Sheri e Bob. "The Language and Meaning of Flowers for Married Couples." Marriage.about.com.

"Supreme Court Confirms Attorney-Client Privilege, Even After Death." National Association of Criminal Defense Lawyers. NACDL.org. 25 de junho de 1998.

Szymanski, Mike. "Mylar Balloons Can Be Dangerous, and Short-Circuit Power Lines." Patch. StudioCity.patch.com. 6 de junho de 2012.

Tannenbaum, Rob. "Bob Odenkirk on Saul Goodman: 'I'm Amazed that People Like Him.'" RollingStone.com. 24 de setembro de 2013.

Tanz, Jason. "How *Breaking Bad* Resurrects Its Antihero Again and Again." Wired.com. 3 de julho de 2012.

"The Tenerife Crash — March 27, 1977." 1001Crash.com.

Thomas, Dana. *Deluxe: How Luxury Lost Its Luster*. Nova York: Penguin, 2007. (Edição brasileira: *Deluxe: como o luxo perdeu o brilho*. Trad. Ana Gibson. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.)

"Top Ten Solar States." CleanEnergyAuthority.com. 16 de maio de 2012.

Tuan, Yi-Fu. "A View of Geography." *Geographical Review* 81, n. 1 (janeiro), 1991.

\_\_\_\_\_. *Space and Place: The Perspective of Experience*. Minneapolis: University of Minnesota, 1977.



"Underfloor Heating — The Roman Legacy." Robbins Systems Underfloor Heating. UnderfloorHeating.co.uk.

"Universal Pain Assessment Tool." White Plains Hospital. WPHospital.org.

"U.S. Contract Tower Association Annual Report, 2011." U.S. Contract Tower Association. ContractTower.org. 2012.

Valdes-Dapena, Peter. "Most-Stolen Cars: Old Hondas." CNN. Money.cnn.com. 2 de agosto de 2011.

Valencia, Nick e Michael Martinez, "Champion Boxer Hector 'Macho' Camacho Dies After Shooting." CNN.com. 11 de dezembro de 2012.

VanDerWerff, Todd. "Vince Gilligan walks us through *Breaking Bad's* 4th Season. (Part 2 of 4)." AVClub.com. 11 de outubro de 2011.

Vantuono, William. "Railroading in a Post 9/11 World." RailwayAge.com. 18 de janeiro de 2012.

"Walt Whitman." Poets.org.

Ware, Michael. "Los Zetas called Mexico's most dangerous drug cartel." CNN.com. 6 de agosto de 2009.

Weisstein, Eric W. "Lavoisier, Antoine (1743–1794)." Wolfram Research. Scienceworld.wolfram.com. 2007.

"Welcome to Class Action Lawsuits." Class Action Lawsuits. Web-Access.net.

"Werner Heisenberg." American Institute of Physics. AIP.org. 2013.

Westervelt, Celina. "High Bail in Mom's Meth, Stabbing Case." KRQE.com. 24 de fevereiro de 2012.

"What Are Billable Hours?" wiseGEEK.com.

"What Are Marine Shellfish Toxins?" Food Safety Network. FoodSafety.ksu.edu. 14 de junho de 2004.

"What is a loan out corporation?" ABSPayroll.net.

"What Is Marital Privilege?" wiseGEEK.com.

"What is Meth, Effects of Meth & Facts About Methamphetamine." MethProject.org.

"What Is the Color Code of Christian Louboutin Red Soles?" Cars & Life. Uygarr.blogspot.com. 9 de dezembro de 2012.

"When Should an Automated External Defibrillator Be Used?" National Institutes of Health. NHLBI.nih.gov. 2 de dezembro de 2011.

Wickell, Janet. "Step-by-Step Look at Tent Fumigation." HomeBuying.about.com.

Wiley, Arlo J. "TV Viewer's (and TV's) Wife Problem." GobbledyGeekPodcast.com. 20 de novembro de 2012.

Wilkinson, Tracy. "Mexico has arrested a leader of Santa Muerte 'church.'" *Los Angeles Times*. Articles.LATimes.com. 5 de janeiro de 2011.

Wilkinson, Tracy e Ken Ellingwood. "Mexico's army no match for drug cartels." *Los Angeles Times*. Cleveland.com. 2 de janeiro de 2011.

Wilson, Michael. "A Season of Open Windows, and the Second-Story Man." NYTimes.com. 8 de junho de 2012.

"Winchester Black Talons." TheGunZone.com.

"Winchester Ranger Talon (Ranger SXT/Black Talon) Wound Ballistics." FirearmsTactical.com.

Zapani. "Desert Eagle list." Listal.com. 31 de outubro de 2010.

Zimmerman, Amy. "'Breaking Bad' Meets 'Mr. Magorium's Wonder Emporium' ... And It Is Glorious." TheDailyBeast.com. 25 de setembro de 2013.

Zyada. "Universal Pain Scale." Boards.straightdope.com. 12 de junho de 2008.

# Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[Na Cozinha: Acredite na Transformação](#)

[GUIA DE EPISÓDIOS: PRIMEIRA TEMPORADA](#)

[1.01 Piloto/Breaking Bad](#)

[Cafés da Manhã](#)

[1.02 The Cat's in the Bag](#)

[1.03 . . . And the Bag's in the River](#)

[1.04 Cancer Man](#)

[1.05 Gray Matter](#)

[1.06 Crazy Handful of Nothin'](#)

[1.07 A No-Rough-Stuff-Type Deal](#)

[Na Cozinha: Walter White e o Anti-Herói](#)

[GUIA DE EPISÓDIOS: SEGUNDA TEMPORADA](#)

[2.01 Seven Thirty-Seven](#)

[2.02 Grilled](#)

[2.03 Bit by a Dead Bee](#)

[2.04 Down](#)

[Marie e a Cor Púrpura](#)

[2.05 Breakage](#)

[2.06 Peekaboo](#)

[2.07 Negro y Azul](#)

[2.08 Better Call Saul](#)

[2.09 4 Days Out](#)

[2.10 Over](#)

[2.11 Mandala](#)

[2.12 Phoenix](#)

[2.13 ABQ](#)

[Na Cozinha: "Melhor Ligar Pro Saul!": Os Advogados e a Publicidade](#)

[GUIA DE EPISÓDIOS: TERCEIRA TEMPORADA](#)

[3.01 No Más](#)

[Os Carros de Breaking Bad](#)

[3.02 Caballo Sin Nombre](#)

[3.03 I.F.T.](#)

[3.04 Green Light](#)

[3.05 Más](#)

[3.06 Sunset](#)

[3.07 One Minute](#)

[Como Preparar o Sundae Perfeito: Entrevista com Michael Slovis](#)

[3.08 I See You](#)

[3.09 Kafkaesque](#)

[3.10 Fly](#)

[3.11 Abiquiu](#)

[3.12 Half Measures](#)

[3.13 Full Measure](#)

[Na Cozinha: "Mete a Faca Nessa Vaca!!!!!!": O Ódio dos Fãs a Skyler White](#)

[GUIA DE EPISÓDIOS: QUARTA TEMPORADA](#)

[4.01 Box Cutter](#)

[4.02 Thirty-Eight Snub](#)

[4.03 Open House](#)

[4.04 Bullet Points](#)

[4.05 Shotgun](#)

[4.06 Cornered](#)

[4.07 Problem Dog](#)

[Petiscos Vegetarianos](#)

[4.08 Hermanos](#)

[4.09 Bug](#)

[4.10 Salud](#)

[4.11 Crawl Space](#)

[4.12 End Times](#)

[4.13 Face Off](#)

[Na Cozinha: Casa Própria: Os Lugares em Breaking Bad](#)

[GUIA DE EPISÓDIOS: QUINTA TEMPORADA](#)

[5.01 Live Free or Die](#)

[Walt & A Piscina](#)

[5.02 Madrigal](#)

[5.03 Hazard Pay](#)

[5.04 Fifty-One](#)

[5.05 Dead Freight](#)

[5.06 Buyout](#)

[5.07 Say My Name](#)

[5.08 Gliding Over All](#)

[5.09 Blood Money](#)

[5.10 Buried](#)

[5.11 Confessions](#)

[5.12 Rabid Dog](#)

[5.13 To'hajiilee](#)

[5.14 Ozymandias](#)

[Hank & Marie & Crianças](#)

[5.15 Granite State](#)

[5.16 Felina](#)

[Na Cozinha: Quem Bate à Porta: Violentização em Breaking Bad](#)

[REFERÊNCIAS](#)